

ALICE BORCHARDT

Author of *THE SILVER WOLF*

"A writer with...
vision and scope—
Breathtaking,
shimmering prose."

—ANNE RICE

A NOVEL

NIGHT OF THE WOLF



A Noite do Lobo

Alice Borchardt

Alice Borchardt recupera na noite do lobo, um dos protagonistas de *A Loba de Prata*, para referir suas aventuras de juventude.

Trilogia Roma

1. The Silver Wolf (1998) - A loba de prata
2. Night of the Wolf (1999) - A noite do lobo
3. The Wolf King (2001) - O rei lobo

Sinopse:

Nascido lobo, Maeniel adquire o poder de se converter em homem... Mas não demorará em comprovar que o mundo dos humanos é muito mais complexo, selvagem e perigoso que as montanhas nas quais viveu até agora. O ingênuo lobo homem se vê envolto em uma série de conspirações e vinganças, ao mesmo tempo em que descobre o amor e a paixão das mulheres, a força e o ódio dos homens... E sua própria capacidade para superá-los.

Maeniel e seus companheiros viajarão dos bosques da Gália ao coração da Roma clássica em busca de aventuras, vingança e justiça, enfrentando o poder das legiões, o Senado e mesmo Julho César.

À minha querida irmã,
conhecida pelo mundo como
Anne Rice.

Da escuridão me sorriem rostos
que nunca chego a ver.
Do sonho me seguem procurando braços
que nunca chego a encher.
Em cada momento importante de minha carreira,
sempre estiveste ali para mim.
Ad memoriam.
Na dor mais profunda, não existe o tempo.

Capítulo 1

O lobo despertou, levantando a cabeça de entre as garras. No alto, a lua estava cheia, mas não era mais que um fantasma errante entre os pinheiros e cedros da montanha. O resto da alcatéia dormia.

Só ele sentia o toque de... Não sabia o que. Os lobos não sentem tristeza. Sequer por eles mesmos.

Ele se levantou e levou a cabo o ritual de arrumar a pelagem, para depois andar silenciosamente até um pequeno riacho formado pelo transbordamento de um lago no alto. Tinha largura o bastante para refletir o céu em sua superfície.

Da morte dela... Não, desde que a mataram ele despertava todas as noites àquela hora, uma hora em que todo o restante deles dormia... Recordando.

À noite têm seus próprios ritmos, ritmos que ressoam na carne, no sangue e nos ossos das criaturas da terra. Só o homem o esqueceu. O homem esqueceu que alguma vez tivesse importância.

Mas para o lobo, chegavam como lembranças, lembranças que não eram deles, fragmentos de um

sonho. Tocava uma consciência imortal tão velha como a vida, a experiência de uma criatura ainda ignorante de si mesmo e, portanto imortal. A primeira de nossa espécie, nadando na coluna de água do mar. Naquele momento da noite, ele interrompeu as flexões de seu musculoso corpo e se inundou em um trêmulo resplendor de luz de lua.

Ele, o lobo, compreendeu que havia acontecido uma catastrófica erupção de sua consciência, privando-o do direito de nascimento irradiado por aquele primeiro sonho do oceano.

Seu focinho quebrou a imagem da lua na água tal coma a dor havia quebrado seu sonho.

No alto, as nuvens de passagem ocultaram a lua. Perto da presa cobrada, os lobos de sua alcatéia dormiam em silêncio e sem sonhos.

O ar ao seu redor era frio. Estavam no final do outono, quase novamente no inverno, mas ele sentia um fogo em seu interior... Um fogo que o vento que soprava das geleiras dos passos de montanha não podia apagar. Um fogo que esquentava sua pele sob a pesada pelagem invernal.

Fogo! Eram criaturas de fogo. E o fogo seguia a toda parte. O aroma de queimado impregnava sempre o ar em torno de suas moradas. Terra, ar, fogo e água. Todos os seres vivos da terra

participavam daqueles elementos, mas dentre todos, somente o homem era o amo do fogo.

Por quê? Como tinham alcançado aquele poder? Nada em suas lembranças podia lhe dizer.

Quando sua espécie se encontrara pela primeira vez com eles na escuridão e a luta do inverno do mundo, eles controlavam as chamas, as extinguindo e animando-as a vontade e sua única vantagem em uma desumana batalha pela simples sobrevivência contra ao frio e a onipresente noite. Pelo resto, eram coisas nuas e patéticas.

Coisas nuas e patéticas como a que era ele naquele instante, pois quando os últimos raios de lua foram presos pelas nuvens, ele se converteu em um homem.

Recordou o que ela dizia... O que ela havia lhe dito: o fogo era um presente dos deuses.

E ele rira a idéia de presente. Já tinha visto bastante dos humanos para saber que roubavam e saqueavam sem consciência e nem escrúpulos e liam nas mentes dos deuses o que queriam para eles. A adoração e submissão dos fracos e ordens arbitrárias por parte de quem se situavam em posição de governar a sua própria espécie.

—Um presente. - Havia dito ele. - Roubado, talvez?

—Talvez. - Respondeu ela encolhendo os ombros. - Os ladrões foram ludibriados por seu roubo, porque como sempre, o poder é uma espada de duplo fio.

Mas o poder, pensou o homem junto à água, seja qual seja o seu custo é a vida. Sem o roubo, sua espécie não teria sobrevivido ao interminável inverno de antigamente, extinguindo-se como tantas outras.

O homem estirou os braços para cima, como se fosse abraçar a lua, no momento em que a nuvem que passava se tingiu de prata nas bordas, pelo resplendor.

Depois a luz brilhou em seu rosto. Ele perguntou o que queriam realmente os deuses.

Ela, cujo toque lhe dava o poder de mudar de lobo a homem e de homem a lobo, parecia despreocupada pela adoração e nunca lhe pedira agradecimento.

E, de fato, ele sequer sabia se devia lhe estar agradecido, pois, como o fogo, aquele presente trazia consigo sofrimento e dor. Era um presente adornado por um cruel conhecimento e uma consciência de absoluta perda.

Então voltou lobo novamente, alegrando-se por ter deixado de lado uma compreensão da vida

que de momento não desejava.

Recordava do fogo, e só fogo... Aquele espírito, aquela eterna ambigüidade que podia proteger, criar e destruir.

E o lobo partiu. A única criatura acordada em um mundo adormecido.

Ser consciente e saber daquela consciência eram uma maldição que lhe corroia pouco a pouco... Uma maldição que devia ser extinta com sangue, fogo e vingança.

Como sabia ele quem era o homem? Havia visto-o. Por que estava seguro de sua culpa? Para o lobo, aquilo teria sido uma pergunta ridícula. Havia cheirado-o, com uma certeza que não podia negar... O aroma da culpa que está além da resolução, ou ira, ou medo.

Inclusive seu mais antigo ancestral, nadando naquele primeiro mar, tinha visto e soubera. E em alguma parte, sua rudimentar consciência pode armazenar a informação apresentada por seus sentidos.

Os humanos, em sua cegueira pensam que a inteligência tem um único caminho: o seu! Mas seu cérebro, mais velho e sábio, embora não tão agudo, sabe que o conhecimento tem muitas rotas e facetas.

Nenhum de nós é uma só coisa. Não mais do

que é um arbusto, uma árvore ou inclusive uma má vegetação. Somos uma combinação de muitos fatores, formas, tamanhos, aromas, movimentos e hábitos. Cada um chocando com a consciência dos outros... De outros aos que nunca vemos.

Assim que o lobo conheceu aquele homem, se fixou nele, como naqueles outros, na hora entre o dia e a noite, no lugar que não era nem água nem terra, sem imaginar seu propósito até que era muito tarde. Muito tarde para deter sua tarefa. Uma tarefa que sua mente, como lobo ou como humano, nunca poderia compreender ou sequer perdoar... Nem no ano que havia passado, nem nunca.

Agora o homem em questão havia visto seu rastro perto do curso de água que passava junto a sua granja e estava em guarda.

Não era o único homem cuja culpa o lobo havia sentido, visto e cheirado. Mas o primeiro não tinha suspeitado que estivesse sendo caçado e havia caído facilmente em sua armadilha. Este satisfaria o lobo ao sofrer mais, que o primeiro.

Então ele havia prolongado deliberadamente a espreita durante vários meses. Era o momento de ver quem seria o vencedor, naquele desafio de vontades.

O lobo se moveu em silêncio por um rastro de

cervos, através de um escuro bosque renovado, para terras mais trabalhadas. A noite avançou com ele. A terra deixou seu calor ir embora. O ar ficou quieto e o rocio começou a se condensar na vegetação e os arbustos. Os caçadores da meia-noite e o amanhecer dormiam, com a barriga cheia ou vazia, igual suas presas. Nada se movia àquela hora. O lobo baixou o olhar para a granja. Era uma casa redonda, com um telhado de palha de forma cônica. Havia um celeiro de forma muito parecida com a casa, mas menor e aberto dos lados. Perto estava o objetivo do lobo: um curral de ovelhas feito de palha.

A casa e o celeiro estavam à margem de um campo de trigo que levava até um riacho, outro pequeno tributo do rio, à garganta. O granjeiro tinha começado a levar as ovelhas do interior, para a noite.

O lobo se aproximou do campo de trigo, que não lhe oferecia muitos esconderijos. As hastes eram apenas altas para roçar seus ombros e seu ventre. Os farrapos de névoa entre as carregadas espigas umedeciam a pelagem do lobo ao passar entre elas. A terra nua entre as fileiras, estava fria sob seus pés.

Ele se abaixou ao aproximar da granja, deslizando-se pelo chão, parecendo um pouco de pó movido pelo vento através dos sulcos. Mas um

obsvegetaçãodor atento teria notado que não havia vento naquela escura hora antes do amanhecer.

Um mastim do tamanho de um bezerro dormia acorrentado a um poste em frente ao curral das ovelhas.

Ele está tão crédulo que dormiu, pensou o lobo. Que tolo. Eu não dormiria comigo perto. Bom... Ele não despertará. O cão não chegou a despertar.

O lobo se deixou cair no curral.

As ovelhas, tiradas de seu sono pelo rugido do predador entre elas, tentaram fugir em todas as direções, todas de uma vez. Duas delas atravessaram as paredes e o curral se desintegrou. Aterrados, os animais saíram em disparada pelo pátio e pelo trigo amadurecido. Um velho carneiro tentou enfrentar o lobo, que flanqueou os chifres abaixados e investiu, lhe fazendo sair rodando. Assustado, o carneiro fugiu com os outros animais.

O lobo fez uma pausa e ficou em pé no pátio, ofegando. Uma das ovelhas empaladas na estrutura do curral em ruínas alterava a noite com seus gritos de angústia. A outra estava morta ao seu lado.

Uma luz se acendeu na casa. Dentro dela, uma mulher começou a gritar maldições e insultos. O lobo se sentou, com a língua oscilando. Custaria-

lhes um momento criar coragem.

Poucos segundos depois, um homem saiu, com uma lança em uma mão e uma tocha na outra. Outros dois, armados com paus, seguiram-no com mais cautela. O primeiro lançou um olhar de horror ao mastim morto, depois ao curral derrubado e as duas ovelhas, pois a que estava se lamentando já tinha deixado de lamentar. E ao lobo sentado tranqüilamente diante deles.

Ele investiu contra o animal, com a lança em alto.

O lobo se voltou, desvanecendo na escuridão, como uma nuvem de pó levada pelo vento.

O granjeiro, irracionalmente furioso, perseguiu-o pelo campo de trigo... seguido, embora mais devagar, pelos outros dois.

— Voltemos para a choça. — O lobo ouviu que sussurrava um deles. — ele foi embora. Podemos buscá-lo pela manhã.

O lobo se aplanou expertamente sobre o solo, entre as espigas de trigo e avançou.

Estremecido, o granjeiro elevou a tocha e segurou melhor a lança. Sua transpiração fazia com que a tosca madeira fosse escorregadia. Podia sentir o suor na frente e as axilas. Não via seus dois companheiros, só um círculo de escuridão além da

luz da tocha.

Vadeou muito trigo vermelho e amadurecido. As espigas se agitavam, emitindo um suave rumor sob o vento do amanhecer. Deuses! Deuses! Não! Não havia vento: o ar estava imóvel por completo.

O lobo o golpeou alto, entre as paletas. Um par de mandíbulas incrivelmente poderosas lhe esmagaram o ombro e o braço esquerdo enquanto caía... O braço que sustentava a tocha.

Ele notou que a tocha escapava de sua mão, voando livre até cair a uns três metros de distância. Teve poucos segundos para notar o quanto o trigo amadurecido estava seco, como uma isca...

O lobo se deteve na ladeira e deu uma olhada no terrível espetáculo que deixava para trás. O homem sobre o qual havia se lançado já não lutava. Era uma forma enegrecida em meio a muito fogo. Um de seus covardes seguidores estava envolto em chamas e corria loucamente pelos campos, ajudando a propagar o incêndio. O terceiro havia fugido. Ele e a outra mulher da choça sujeitavam a esposa do granjeiro, impedindo que ela se lançasse frenética e inutilmente à sua morte.

Já mais perto das árvores, o lobo voltou a olhar para trás. Os campos de trigo eram um lago de fogo. A casa também havia sido alcançada. A

madeira e a palha alimentavam a coluna de fumaça que se elevava no céu. Mesmo as macieiras e a horta de marmelos ardiam, pois o trigo tinha sido plantado em fileiras entre as árvores. Os humanos sobreviventes fugiram para a segurança do rio.

O homem que saudou Blaze era frágil, grisalho e quase cego. Oh, deuses, pensou ele. Quantos anos se passaram? Ele se recordava de um homem saudável e vigoroso, de uns sessenta anos. Mas devia ter pelo menos oitenta.

O ancião entrou tropegamente na casa de um só cômodo, na realidade uma choça com teto de palha. Os campos, antigamente para alimentar o velho Druida estavam descuidados, vazios de gado e cheios de vegetações ruins. Alguém tinha estivera atendendo a pequena horta e o lago. Cebolas, alhos porros e nabos floresciam junto à porta.

Com um suspiro, Blaze seguiu o velho ao interior. Mir deveria ter sido substituído anos atrás, para poder viver em paz seus últimos dias. Enviado a sua casa na Irlanda, onde cuidariam dele e sua família. Mas naqueles tempos difíceis, nenhum dos seus se preocupara o bastante para incomodar. Ou dispusera de tempo.

O interior da casa estava escuro e a única luz era um pequeno fogo. Uma mulher se inclinava

sobre uma panela de barro afundada nas brasas.

Mir a assinalou.

—Minha mulher. - Ele disse. - Não consigo recordar seu nome.

A mulher elevou a cabeça e Blaze viu que era muito jovem, não mais que dezesseis anos. Ao fitá-la mais de perto, ele notou que ela possuía horríveis cicatrizes. Seu rosto estava atravessado por várias linhas inchadas. Parecia como se alguém tivesse usado uma lâmina muito afiada para esfaqueá-la uma e outra vez.

A jovem tentou sorrir ao ver Blaze, mas não conseguiu mostrar mais que uma retorcida careta.

—Vá. - Disse Mir. - Os homens têm que conversar.

Ela assentiu, tirando a panela das brasas.

—Está preparado o guisado? — Perguntou Mir.

Sua mulher assentiu novamente antes de sair. Blaze e Mir se sentaram a mesa. O primeiro contemplou a luz verde e dourada do sol além da porta e estremeceu. Estar naquela casa era como sentar em uma caverna e olhar o brilhante mundo que havia lá fora. Ele viu a garota atravessando o prado e desvanecendo entre os pinheiros.

Um aroma estranho flutuava na casa. Procedia

da borbulhante panela.

— Que tipo de guisado é? — Perguntou Blaze.

— Não poderia dizer lhe responder. Nunca o como. Arrumo-me com um pouco de pão e queijo. Minha gente me dá as sobras de suas próprias mesas. E minha horta dá alguns frutos de vez em quando.

— Ela não é boa cozinheira?

— Não sei, simplesmente não me incomodo em comer o que ela prepara. Uma vez vi que ela jogava uma serpente na panela, um punhado de gafanhoto e uma pomba. A serpente estava viva e saiu. Alguns gafanhotos também. A pomba tinha o pescoço quebrado e ficou, mas não estava limpa e tinha todas as plumas. Logo ela jogou três ratos vivos, mas pude resgatar o gato antes que acabasse também na panela. De toda forma, ele fugiu.

Blaze meneou a cabeça como se tentasse limpá-la.

— O gato... Fugiu?

— Sim - Disse Mir. - ela o pegou pela cauda e ao gato não gostou nada.

— Por que ela faz essas coisas? Já perguntou?

— Ela não fala. - Respondeu o velho.

— Oh - Disse Blaze.

Mir encolheu os ombros.

—Ela pertence a este lugar. Necessita de amparo. Não é perigosa e é cálida pelas noites. Poderia estar pior. Designarei alguém para que fique com ela quando eu me for. Mas não o chamei para que falemos dessa meio imbecil, mas sim do lobo.

—Ah, sim. O lobo. Esse lobo que se comporta como um homem.

Na noite seguinte, o grande lobo cinza se afastou de sua alcatéia. Era o seu dever se afastar. Tinha atacado humanos, arriscando as vistas de seus companheiros. Os humanos não faziam distinções, vendo todos os lobos como assassinos famintos e destruiriam, às vezes depois de lhes torturar, qualquer lobo que pudessem pegar.

Uma geleira havia criado aquele estanque, anos atrás. Era parte de um pequeno riacho alimentada pelo degelo no verão e por mananciais artesianos naturais, no inverno. De alguma forma, a água não se congelava nunca. O lobo se perguntou muitas vezes por isso, surpreendendo-se ante sua inclinação para a curiosidade. Sua espécie não estava acostumada a se interessar por aquelas coisas.

As primeiras pessoas que chegaram ao vale chamaram o lago de o Espelho da Dama. A Dama

em questão já era velha naquela época e estava eclipsada por uma hoste de outras deidades, mas ainda era lembrada, sobretudo durante suas horas, o amanhecer e o crepúsculo. Naqueles tempos, os habitantes do vale evitavam o lugar, temendo poder vê-la caminhando por ali e que se aproximasse ou seja com que fins. A Dama era reverenciada, respeitada, amada e temida. Os encontros com ela podiam ser muito desafortunados e, além disso, quem sabe no que está pensando uma deusa? Talvez também evitassem o lugar porque sabiam que era a manjedoura dos lobos que desciam das montanhas ao anoitecer, para caçar nos vales. À alvorada, eles se reuniam novamente para voltar para suas tocas além do arvoredos.

O sol enviava longos raios além dos picos ocidentais, quando os lobos chegaram para beber. O bosque crepuscular gemia com o passar do vento.

A água fazia honra ao seu nome de Espelho, refletindo o escuro bosque de abetos e o céu do crepúsculo. O lago terminava em uma cascata que caía com brilhante suavidade sobre um lance de negros degraus de basalto e a outro lago menor. De ali se convertia em um riacho que descia pelo pronunciado pendente até as barulhentas águas, vale abaixo.

Ele se aproximou do lago com cautela, atento aos lugares onde podiam esconder predadores à espreita. Não encontrou nada. Oh, alguém tinha estado ali. Alguém velho e de passo leve. Ele percebeu, sem ver motivo de alarme.

Ao chegar ao lago, encontrou-o deserto, salvo pelas andorinhas que procuravam insetos sobre sua superfície, como o cristal. As mulheres que se banhavam sob as quedas de água já haviam ido embora.

As mulheres lhe recordavam aquelas partes mais terna das presas e reduziam a algo pouco próximo da culpa, como podia sentir um lobo. Mas ele achava-as irresistíveis. Uma loba na metade de inverno, com seu ventre inchado pelas crias, os olhos amarelos resplandecendo de medo por seus filhos não nascidos, estava acostumado a ser o melhor argumento de seu companheiro para o celibato.

Mas as fêmeas humanas eram uma sedução ambulante. Cobriam sua pele nua rosa e marrom, com objetos quase iguais, de tão macios. Carentes de pelos, elas eram como pétalas de flor, sedosas, aveludadas e fragrantes. Os lugares quentes de seus corpos tingiam o ar em torno de suas virilhas com uma variedade de aromas, alguns atraentes,

embriagadores e por fim, quando se aproximavam do orgasmo... Enlouquecedores. Mas o mais saboroso de tudo era a rendição. Ante a resolução do desejo, elas se submetiam sem reservas, derretendo-se em torno de seu corpo, em seus braços e em seus próprios prazeres sem limites, como se entregassem à morte. De fato, quando a primeira mulher que abraçou alcançou a culminação de seu desejo, ele temeu por um momento que ela tivesse morrido em seus braços. Só o sonoro e persistente bater de seu coração lhe confirmou que não a destruíra em seu impulso.

São escravas, ela havia pensado a princípio, modeladas pelo riacho de seus próprios desejos de macho tal como os cantos rodados do leito do rio cobravam forma sob o riacho sem fim. Atraídas pelo mesmo Eros do ventre da terra e moldadas só para o deleite dos selvagens assassinos machos que as rodeavam e tentavam enlouquecidos possuí-las tantas vezes como fosse possível. Criadas dos pés a cabeça, para enlouquecer. Não havia nada nelas que não pudesse inspirar prazer.

Pequenas, de pés arqueados, tornozelos estreitos, pernas suaves, coxas sedosas, nádegas aveludadas, uma coluna que podia seguir até a nuca com lábios e língua enquanto elas gemiam de

deleite, retorcendo-se e ronronando extasiadas como gatas selvagens. E os seios. Ah, deuses, os seios! Os lobos nascem cegos, lutando entre si para chegar até as mamas de sua mãe na escuridão. Aqueles seios que colhia com as mãos e sugava com os lábios levavam a sua memória aquele primeiro e triunfante jorro de leite em sua boca. Os suaves globos, quase como taças eram o aviso de um mundo generoso onde um homem podia beber e derramar até suas virilhas, esquentando todo seu corpo como aquele primeiro e quente gosto A vida havia dito que viveria. Assaltado pelo primeiro temor de uma vida independente de não encontrar calor, comida e amor... O abjeto terror a não sobreviver, aquele primeiro gosto lhe havia dito que o faria, seguindo o caminho até seu estômago e enchendo todo seu corpo de calor.

Às escuras caçadoras de sua espécie ocultavam seus encantos exceto quando tinham que alimentar suas crias. As mulheres não. Empurravam suas tenras belezas a deus, recordando aos homens o poder das mulheres, fazendo com que se sentassem e suplicassem. Sim, a princípio tinha considerado as mulheres escravas, brinquedos de seus selvagens companheiros. Por que não? Não sabiam aquelas mulheres que até as feras mais

ferozes fugiam aterradas do homem? Talvez fossem escravas da quase incontida lascívia dos machos... Ou talvez elas a tivessem criado, fomentando-a até que o obcecado macho se convertesse uma presa de seus próprios desejos. Uma presa das mulheres que o satisfaziam.

Encontrou-se com ela em um bosque escuro e ela tinha mudado sua idéia dos homens. Para o seu olfato, os sinais aromáticos que enviavam seus corpos eram mais atraentes que a comida.

Os homens se apinhavam a beira do bosque e a crua sexualidade e violência fluíam sobre eles como uma espessa névoa. No outro extremo do bosque estavam reunidas as vítimas do sacrifício. Dúzias de jovens, em pé junto à sacerdotisa de túnica escura, estavam agrupadas ao lado de uma pilha de toras fumegantes de madeira. Estavam nuas e suas peles brilhavam por causa do azeite. Vegetações verdes haviam sido jogadas no fogo e as mulheres dançavam devagar e sem coordenação, na espessa névoa, metade vapor e metade fumaça, que se elevava do fogo.

O lobo conhecia o ritual. Já vira visto antes. Também sabia que os homens lutavam entre si pelo privilégio de se unir a caçada.

O procedimento era simples. Quando a ponta

da lua tocasse o extremo da rocha ereta, as garotas seriam conduzidas ao arvoredor e os homens as seguiriam. As jovens tinham no máximo dezesseis anos e eram todas virgens. Já não seriam quando saíssem pela manhã. Algumas estariam chorando. Todas sangrariam, pois se não sangrassem ao ser penetradas, seriam açoitadas pelos homens até que brotasse o sangue. E algumas, não poucas, estariam coroadas de flores e teriam estranhos sorrisos no rosto.

O lobo cinza se encontrou atraído à forma humana, pela poderosa magia que flutuava sobre o arvoredor. Cada pelo de seu corpo se arrepiou como os de um gato. Depois, como se lhe tivessem ensopado de água gelada, era um homem e o ar da noite primaveril frio sobre sua pele. Ele abriu a estremecendo, enquanto o canino em seu interior tentava livrar do que parecia uma lasca de gelo. Permaneceu em pé, tremendo violentamente, com seus olhos cravados nas mulheres.

A sacerdotisa que estava observando como se elevava a lua gritou algo ao grupo que custodiava as garotas.

Ouviu o som de um açoite sobre a carne. As garotas se agitaram perto do fogo como éguas assustadas. Agitavam as cabeças, com os longos

cabelos no ar. As sacerdotisas levavam longas varas flexíveis de salgueiro. As mulheres giravam e se retorciam, gritando, tentando escapar dos golpes. Mas seguiam lutando e resistindo a entrar no bosque, menos temerosas do que seriam somente alguns açoites, que do que os esperava na escuridão sob as árvores. Não começaram a correr até que viram os homens atravessando o prado na correria... Carregando em silêncio os punhos crispados e um olhar selvagem nos olhos.

A que ele havia escolhido, uma jovem miúda e de cabelo negro, corria sobre as últimas folhas do outono como um cervo ferido. Por mais rápida que fosse ele teria conseguido apanhá-la em segundos, mas com a deliberada perícia de um predador, se conteve até que estivesse no mais fundo do arvoredo envolto pela espessa e negra noite de veludo. A única luz chegava das estrelas, densa, brilhante, reluzindo ali onde o céu era visível entre os galhos.

Ele a apanhou.

Ela gritou.

Seus sentidos de lobo lhe falaram de um leito de vegetações e ele derrubou-a, deixando-a sem ar durante um segundo.

A selvagem penetração não era para um lobo.

Ela já estava gritando e chutando, lhe arranhando onde acreditava ser seu rosto na escuridão. Ele queria cheirar, tocar, saborear e por fim, beber sua substância. Enterrou sua cabeça no ponto mais excitante que pôde encontrar seu cérebro de lobo. Um lugar cujas emanções eclipsavam o resto. Suas virilhas. Lambeu vigorosamente seu sexo. Seus gritos e resistências se converteram em outra coisa. Ela ficou quieta, estendida. Ele encontrou estruturas inexistentes nos lobos. Aprofundou... Era um lugar tenro e saboroso.

Ela chutava violentamente, mas não contra ele. Algo mais que chupar. Ela abriu a boca, gemeu, riu rudemente e depois uivou, emitindo sons que ele pensou que teriam envergonhado uma cadela no cio. Arqueou o corpo para trás, com suas nádegas golpeando o chão. Ele tentou se afastar, mas lhe tinha prendido a cabeça entre as coxas e lhe colocava as mãos entre o cabelo. Ele sentiu desejos de beber até deixá-la seca. E tentou.

Ela estava cheia, como era normal. As lobas também ficavam assim. Mas outras coisas não eram tão normais. Estava quente como um ramo chamuscando em fogo, até o ponto de que parecia arder em febre. Seu coração troava. Ele seguiu e seguiu até que ela se levantou, gritando.

—Me Pegue! Faça-o já!

—Dor - Disse ele. A palavra soou quase como um grunhido, pela falta de prática.

—Por todos os deuses! — Seu corpo estava estremecendo e suas unhas lhe percorriam as costas, marcando sua pele. - Acredita que agora me importa a dor?

Mas a ele sim, importava. Ele descobriu quando entrou pela força em seu domínio íntimo.

Ela caiu para trás, mordendo um lado da mão para não gritar, seu corpo ensopado de repente pelo suor.

—Espere. - Ela sussurrou, colocando palma de sua outra mão contra o peito. Respirava rápida e profundamente, não com ofegos. - O sacrifício é válido. Sinto o sangue. O espírito macho, o touro dos bosques, toma o seu tributo. A dor de uma mulher, seu terror, seu sangue, pertencem-lhe. Eu lhe dei o meu, como fui escolhida para fazer.

Maeniel, mais homem naquele momento do que tinha sido nunca, tentou se afastar. Sua mente perseguia as palavras pelos cegos atalhos de seu cérebro, sem poder encontrá-las. Queria dizer terminou; você está ferida e sangrando. Seu deus deveria estar contente, mas não conseguia formular o pensamento. Não era a única resposta que

conseguia formar. Tentou liberar seu membro do corpo dela.

A jovem o abraçou, apertando seus lábios contra os dele. Seus dentes se encontraram através do lábio inferior de Maeniel.

Uma raiva vermelha varreu todo o lobo e toda a humanidade. Por um segundo ele foi como ela queria que fosse, um ser primário e sem consciência. Completou o ato da penetração brutalmente, como uma vingança definitiva.

A pele dela esfriou, os batimentos de seu coração vacilaram. Por um instante, ele acreditou tê-la matado, mas então a jovem se agitou. Chorava, mas sua pele se esquentava cada vez mais rápido. Ao que parecia, quase contra sua vontade, iniciou uma profunda pulsação.

— Oh, não. - Soluçou ela. - Me doerá. Não posso suportar outra vez.

— Agora não! - Disse ele.

Por um momento, ela permaneceu perfeitamente equilibrada entre o prazer e a dor. Depois o prazer inclinou a balança e ambos ficaram presos em uma chamejante tormenta de desejo mútuo que consumiu todas as dúvidas e precauções.

Exploraram apaixonadamente o corpo um do

outro sem cessar, com inesgotáveis energias, enquanto a noite avançava. A lua desceu e depois a Plêiades. Tudo que restava eram as frias estrelas solitárias quando o vento do amanhecer começou a soprar.

Ela estava desfeita pelo esgotamento quando se submeteu a ele pela última vez, com as pulsações de seu corpo se incendiando novamente. Ficou estendida sobre as samambaias, como uma mão de carne, com as profundas inalações do sono.

Ele encontrou outro homem dormido, agarrado a um jarro de vinho meio vazio e coberto com uma manta de lã. Ele despertou quando Maeniel tomou ambas as coisas, mas um murro do lobo cinza o devolveu aos braços de Morfeo.

A jovem engoliu o vinho sem despertar, aconchegada sob a manta. Maeniel encontrou um arbusto perto e a coroou com os louros da vitória. A neblina era um resplendor prateado entre as árvores quando ele a deixou, para que a encontrasse o sol.

As lembranças se desvaneceram. Acima das montanhas, o sol se afundava entre as nuvens. O lobo rodeou o lago e trotou para as cascatas, afundando até o peito no lago inferior. Sua cabeça se sobressaía indefesa da água quieta, convidando o ataque de qualquer caçador que houvesse

escondido entre as árvores. Não chegou nenhum.

O lobo alcançou a borda, confuso. Os homens eram criaturas vingativas. Estava seguro de que o receberiam ali. Mas não. Ele chegou à suave arena da praia a margem do lago, saiu da água e se sacudiu para se secar.

Sabia que o superavam em astúcia e crueldade. Não podia imaginar o que estariam planejando. Alguma incompreensível loucura como a da garota?

Culpa. Um sentimento conhecido por cães e lobos, além dos homens. Nenhum desfruta a emoção. O lobo cinza tampouco o fazia. Não gostava de recordar. As lembranças da paixão carnal que haviam compartilhado estavam manchados pela imagem de seu final.

Por um momento, o lobo sentiu terror de caminhar às vezes, sobre duas pernas. Os humanos eram cruéis com uma criatividade e um deleite que não podia compreender. Mas ele participava de sua natureza. De fato, estava sendo tentado para se afastar de sua inocência selvagem cada vez mais freqüentemente. Aquilo o assustava, mas ela e outros de sua espécie o faziam seguir adiante.

Teria lhe levado cem anos descobrir que na realidade ela não havia sido formosa. E tampouco

jovem. Tinha parido três crianças, um deles morto a pouco tempo e criado outros dois, que já estavam crescidos quando ele conheceu sua mãe. Quando o lobo cinza se inteirou, sentiu-se agradecido. Agradecido por não ter se conhecido antes e de que ela tivesse tido uma vida longa e plena antes de seu encontro casual.

O sol entrou atrás da montanha. A brisa do anoitecer fez ondular a superfície do lago e a pelagem do lobo.

E ele viu o homem.

Estava preparado, pensou o lobo. Ficou imóvel. O obsvegetaçãodor estava em pé nos bosques, perto do alto da colina. Havia escolhido a posição cuidadosamente. A brisa afastava o seu aroma do lobo e ele estava esperando sob a sombra de um dos pinheiros. Só a escura silhueta de um ombro e o inconfundível perfil de um rosto humano o denunciava. Enquanto o lobo olhava, o dia desvaneceu, seus olhos se cruzaram na última luz e ele notou um resplendor... O branco de um olho humano.

Voltou à cabeça deliberadamente e contemplou o obsvegetaçãodor, deixando-o saber que tinha sido visto. O homem não fez nenhum movimento, ameaçador ou não, assim que o lobo se

entrou na água, atravessou o lago a nado e partiu.

O que acontecia? Perguntou Blaze enquanto voltava para casa de Mir. Tudo o que tinha visto era um lobo. Certo, tratava-se de um lobo enorme, maior que muitos homens. A espessa pelagem cinza sugeria um caçador de montanha, com seu lar nos altos passos, movendo-se com seus companheiros através das geleiras. Blaze tinha visto claramente nas sombras junto ao lago. Mas aquela grossa pelagem cinza e branca seria invisível sobre a neve.

Blaze estremeceu. Não do todo por causa do repentino frio da noite. Sim. Alguém que estivesse abrindo caminho pelos lados podia olhar diretamente a criatura cinza e não vê-la até se encontrar fitando um par de grandes olhos de cor amarela e parda, a alguns palmos diante dele. E então só haveria tempo para alguns instantes de oração.

Tinha ouvido falar de homens mortos por aqueles aristocráticos assassinos selvagens, inclusive de homens que viajavam com grandes grupos armados. Para ouvir aquelas histórias, sempre havia sentido certa impaciência com aqueles idiotas e suas escoltas. As vezes tinham sido levados ante ele pedindo clemência, contando sua história de ter perdido um companheiro ou uma pessoa

muito importante e dizendo que não era culpa dele, que não tinham ouvido nenhum grito ou em todo caso, só um e muito breve. Então, quando se apressavam a voltar sob seus passos, encontravam somente algumas poucas gotas de sangue filtrando-se na neve. Depois de ver aquele lobo, inclusive de longe, ele sentiu de repente muito mais simpatia por eles.

Enquanto abria caminho por um lance de espessura excepcionalmente difícil, ele ouviu um sussurro as suas costas. A boca de Blaze se secou de repente e ele descobriu que seus joelhos tinham perdido a firmeza. Mir afirmava que aquele lobo era às vezes um homem e que sempre parecia capaz de pensar como um.

A criatura lhe tinha visto e não havia nada que impedisse o gigantesco predador de despistar caminhando em uma direção, para depois, assim que o tivesse perdido de vista, voltar e ficar as suas costas no escuro bosque.

Blaze procurou entre suas roupas a lampião que lhe tinha dado Mir. Estava sob seu manto, pendurando por uma correia ao ombro. Acendeu rapidamente uma chama, golpeando uma pederneira com um anel de ferro em seu dedo. Quando a mecha se acendeu, ele se deu conta que

suas mãos tremiam. Elevou a lampião e viu que estava em uma pequena clareira. Os galhos de um enorme carvalho se estendiam sobre sua cabeça. A terra sob seus pés estava coberta por um mosaico de verdes folhas de carvalho.

Esteve a ponto de se voltar para olhar para trás, mas no último momento se deu conta de que na realidade não queria.

– Pai dos deuses, me proteja. – Ele sussurrou ao passar junto ao grande carvalho. Naquele mesmo instante, viu o fogo que Mir havia acendido diante de sua casa.

Ele soltou um suspiro de alívio e correu para diante. Ao chegar a margem do bosque se deteve por um momento, tentando apagar a chama, de um sopro.

Algo puxou seu manto. Pensando que o teria enganchado em algum ramo, ele se voltou e se abaixou para soltá-lo.

Os olhos estavam apenas algumas polegadas dos seus.

Ele soube que estava gritando. Como uma mulher. Não teria se acreditado ser capaz de gritar assim, mas gritou.

Liberou o manto que o lobo prendia e jogou o lampião em seu lombo. De alguma forma, sem que

parecesse se mover, o animal se esquivou do chamejante projétil.

Blaze correu como acreditava que já era incapaz de correr... Como um apavorado criança de doze anos.

Mir o esperava à porta.

Blaze voltou o olhar para a clareira vazia. A fogueira seguia crepitando, as chamas agitando-se em pequenos estalos e elevando-se para o céu. Viu seu manto à margem do bosque, caído como uma mancha negra junto ao vacilante abajur que se apagava pouco a pouco, por causa da umidade das folhas.

- Diga-me... - Ele tentou falar. - Me diga que não sonhei.

- Não. - Respondeu Mir com voz cansada. - Não sonhaste, mas tente não se preocupar muito por isso. Entre. Os aldeãos o honraram com seu melhor hidromel e há pratos cobertos, carnes assadas e pescado na mesa. Eu recolherei seu abajur e seu manto.

- Não. - Se opôs Blaze, lhe segurando por braço. - Ainda poderia estar perto.

Mir o olhou com tristeza.

- Acredito que está. Ele não fez mais que brincar contigo. Se quisesse, ele teria te atacado

antes que chegasse a minha casa. Há muito que sei que ele poderia me pegar a qualquer momento. À noite depois de que... Ela... Morreu, eu despertei. Acredito que devia ser tarde, a mais longa e escura da noite. O bosque estava em silêncio; Naquela hora inclusive os peixes do fundo do rio estão adormecidos. Mas ele estava acordado, sentado sobre as ancas, com a cauda em torno do corpo e ao lado do fogo. Seus olhos brilhavam verdes sob a luz. Olhou-me de tal forma que eu soube que, fossem quais fossem nossas intenções, as minhas... As dela... Ele não... — A voz do ancião se perdeu no ar.

- Bom, não importa. Eu recolherei o manto e o lampião. Você entra e vá comer.

Blaze entrou na casa. O fogo ardia animadamente. Como lhe havia dito Mir, a mesa estava coberta de pratos e apetitosos aromas se elevavam deles. A garota que tinha visto antes dormia na cama, com o polegar metido na boca.

Ele serviu uma taça de vinho. A jarra fez ruído contra a taça. Ele engoliu o escuro fluido.

Mir voltou com o manto e o abajur.

— Sei que antes não me acreditava. Sei o que pensava. Esse velho caduco da choça passou muito tempo na companhia de cervos e pássaros. Com sua mulher louca e a solidão do bosque. Seu cérebro

está transtornado. Era isso o que pensava, não é?

— Suponho que poderia ser. - Suspirou Blaze. - Bom, não sei. Certamente, agora não.

Mir assentiu.

— É uma maldição. Devemos nos liberar dela. É o maior de nossa ordem que ainda fica na Gália. Ajude-nos.

Blaze se sentou a mesa, servindo distraidamente outra taça de vinho. Seus olhos se estreitaram à medida que seus temores desvaneciam e ele começava a pensar.

Longe dali, o lobo se reuniu com sua alcatéia em um arvoredor presidido por uma imagem feminina de madeira. Às vezes, em certas festas, as mulheres afligidas pela esterilidade chegavam até ali, para dançar a luz da lua. Pediam à Dama, não tinha outro nome, para ter um filho. Supostamente, os homens não podiam ir até ali sob pena de morte, mas muitos desafiavam a proibição e entravam as escondidas, escondendo-se nas árvores que rodeavam a imagem. Faziam-no porque as mulheres dançavam nuas, dançavam entregues a um ardente desejo e com freqüência se acoplavam em total abandono com aqueles cujas vozes as atraíssem à escuridão e cuja quente semente enchesse seus ventres vazios. No fim, na

embriagadora primavera, as abelhas saqueavam as flores de dia e de noite. O que não podia se ganhar no leito conjugal podia ser roubado à luz das estrelas. Mas tudo aquilo chegaria à primavera.

Agora era outono e o inverno montanhês se aproximava rapidamente. Agora, somente os lobos dançavam e brincavam sob a fria luz da lua. Rolavam pela curta vegetação marrom, esfregavam suas cabeças e mandíbulas contra a imagem e finalmente, cantavam a lua, antes da caça.

Não, ela não havia sido formosa, mas ele não compreendia as regras da beleza humana. Que rápidos eram para tentar encaixar pela força algo tão mutável e efervescente em um molde tão estreito. Prendam o vento em uma rede ou detenham o jogo da luz solar sobre a água em movimento, e saberá o que é a beleza, mas ainda não terá conseguido captar o desejo, o fogo no ventre que nos leva ao triunfo, o coração quebrado ou ao desespero.

Havia resolvido que a fêmea humana do arvoredo seria a última para ele. Sua dor o havia assustado. Nenhuma loba conhecia tal sofrimento, e talvez nenhuma descobrisse jamais que era a soleira do prazer quase transcendental que a humana tinha mostrado tão livremente ao final. Então ele

permaneceu longe do lago e se concentrou em sua tarefa: dirigir a alcatéia e mantê-la alimentada, assegurar o amparo de seus membros mais fracos e manter a ordem. Talvez, se não tivesse perdido sua companheira na liderança, a fêmea que complementava seu poder entre as demais fêmeas, teria conseguido escapar da armadilha que o esperava. Mas a grande fêmea da alcatéia havia morrido sob as garras de uma urso e ele estava uma estação sem a companheira adequada.

O inverno tinha sido duro. Ninguém mais que ele recordava algo pior. Os romanos assolavam o vale... Embora ele não os conhecesse como romanos, mas simplesmente como homens bem armados e a cavalo, com poderosos arcos compostos e que queriam peles de lobo para algum propósito. Uma alcatéia do vale havia sido dizimada.

Ele guiou à sua, às alturas. Os homens acampados no vale exterminavam as peças de caça, que eram cada vez mais difíceis de encontrar, à medida que avançava o inverno e a neve se tornava mais profunda. Então, quando a alcatéia perseguiu um fraco alce e acabou com ele, não estava disposta a ceder sua presa a uma urso enfurecida que tentou arrebatá-lo.

Eles eram os líderes, e conheciam seu dever.

Como o mais forte, ele guiou o ataque, rodeando, lançando mordidas, distraíndo-a enquanto os lobos se alimentavam da fumegante carne e o sangue do alce cansado. A urso esfomeada, com suas reservas de gordura esgotadas pelo comprido inverno e as necessidades de seu filhote, não se mostrou intimidada nem freada por suas táticas. Voltou-se para os lobos e esteve a ponto de ferir um dos machos de um ano. A alcatéia se afastou do cadáver, grunhindo.

Necessitavam da comida, e o lobo cinza sabia. Alguns dos lobos mais velhos já estavam fracos. Podia perceber pelo aroma do ar que uma tempestade de neve chegava o passo. Se não se alimentavam já, o vento e as baixas temperaturas acabariam com várias vidas naquela mesma noite.

Ele enfrentou a urso, fazendo com que ela se separasse da presa com um rugido de fúria. Ela voltou sobre suas patas traseiras e lhe lançou um golpe. Ele não foi o bastante rápido e uma marca de finas linhas apareceu em seu flanco. Moveu-se em círculo, tentando ficar atrás dela, mas ela o seguiu. A loba saltou para investir sua inimizade, mas a urso voltou novamente, ficando de quatro patas e em um movimento muito rápido para que seguisse o olho, enviou a loba rodando pela neve entre

sangue e ganidos. Apesar de tudo, a mãe da alcatéia tinha dado ao lobo cinza a oportunidade que necessitava. O lobo atacou o enorme fêmur, que rangeu entre suas mandíbulas. Conseguiu saltar bem a tempo de evitar outro perigoso abraço da ursa. O osso quebrado surgiu através da pele, como uma fêmea de javali. Ela soltou um rugido de dor, girando uma e outra vez no mesmo lugar, a neve misturando-se com o sangue sob suas garras. Ela voltou e voltou, pinçando desesperadamente a ferida que estava matando-a, até que, por fim, seus esforços terminaram e ela caiu para morrer na poça vermelho.

Ignorando o cadáver da ursa, os lobos voltaram para sua presa. A loba ficou em pé, sacudiu a neve e, coxeando se aproximou dele para tomar sua parte. As primeiras nuvens da tempestade de neve chegaram até eles. Flocos de neve salpicavam sua pelagem enquanto terminavam de rebanhar os ossos do alce. Quando acabaram, a ursa era só um montículo branco junto aos ensangüentados restos de sua presa. Então, a loba se afastou coxeando.

Ele tinha o sabor de onde ela ia. À toca onde tinha parido a suas crias durante tantas estações. Tinha a cabeça encurvada e as orelhas para trás.

Coxeava muito e parecia estar sofrendo. Outros lobos tinham outro refúgio, e iriam para lá.

Ele a seguiu.

A toca estava além das árvores. Ela subiu e subiu. Os flocos de neve caíam constantemente, cada vez mais numerosos. O céu era de um uniforme cinza escuro que se escurecia imperceptivelmente, apagando a cor do mundo, estrangulando a luz pouco a pouco. Ele seguiu a loba através da desolação varrida pelos ventos.

A luz era cinza azulada quando chegaram à toca. A entrada estava coberta de neve. Ela entrou e encontrou um canto coberto de musgo seco. Tombou ali, quieta.

Ele ficou ao seu lado, prestando a loba o único apoio e ajuda de que era capaz. Seu grande corpo quente se estendeu junto ao dela. Ouviu seu suspiro. Era o mesmo som que emitia depois do sexo. A última primavera não produzira descendentes. Havia sido um ano estéril.

Ela estava com os olhos fechados e o focinho sobre o lombo dele, sob o pescoço. O lobo cinza se enroscou ao redor de seu corpo tão bem como pôde. Fora, o azul do anoitecer se tornou negro. O vento uivava cada vez mais forte enquanto a tempestade de neve percorria as montanhas, passando seus

gélidos dedos pelos picos de pedra e as altas geleiras, envolvendo a todo ser vivente e quente que não estivesse coberto em um casulo de morte gelada. Gemendo, suspirando e por fim, gritando o triunfo do frio e a escuridão sobre a luz e o calor, de uma eterna morte gelada sobre a transitiva primavera.

Ele não se deu conta de quando ela morreu. Tudo o que soube foi que em algum momento entre aquelas negras, selvagens e cruéis horas antes do amanhecer. Despertara, para descobrir que já não podia sentir seus batimentos do coração e que, apesar de seu próprio calor, o corpo dela estava esfriando. Quando se moveu, a cabeça da loba escorregou de seu lombo até cair com um suave golpe sobre o musgo. Ela ficou estendida sobre um flanco, com as mandíbulas ligeiramente abertas, a língua se sobressaindo um pouco, os olhos cravados na escuridão, sem vê-la. Ele apoiou a cabeça sobre as patas dianteiras e esperou a chegada do amanhecer.

À alvorada, saiu da toca. A tormenta havia passado. O sol brilhava sobre a neve e o céu era azul.

Ele voltou para dentro: sua companheira permanecia no mesmo lugar. Empurrou-a com o

focinho e notou que já estava ficando rígida.

Voltou e saiu. Transformou-se em humano. Deus! Como estava frio, mas aquilo não levaria muito tempo. Moveu a neve empilhada até provocar uma pequena avalanche, selando a entrada não só com neve, mas também com pedras e rochas acumuladas sobre a placa de granito que havia sido o teto da toca.

Quando terminou, se converteu novamente em lobo e marcou o lugar. Marcou-o de uma forma que não entendem os humanos, da forma em que os lobos marcam as armadilhas.

Este é um lugar de morte. Não entrem!

Os lobos não se lamentam. Aquilo mostrava respeito por ela, pelo que tinha sido e o que havia feito. Nada mais.

Depois partiu para se reunir com outros, sob o saliência onde se refugiaram da tormenta.

É jovem, pensou Blaze desaprovadamente, enquanto a observava cavalgar até a choça de Mir. Muito jovem para ser quem pretende ser.

— Quem é? — Perguntou.

— Dryas - Respondeu ela. Ela montava uma formosa égua baia e estava vestida com uma jaqueta de couro e uma escura saia partida que lhe chegava quase aos tornozelos, com um rico bordado de ouro

na barra. O comprido manto marrom que cobria seus ombros estava fixo em seu peito por um broche de folhas e flores de papoula.

— Vieste atravessando as linhas romanas? Eles patrulham toda a campina.

— Eu não estava muito longe. - Respondeu Dryas. - A maioria dos governantes parecem ter ido embora, mas restam umas quantas de suas mulheres. Algumas consuegam o poder. Elas queriam meu conselho para sobreviver agora que a conquista romana se completou. — Dryas desmontou, mantendo as rédeas nas mãos.

— A resposta é que não podemos. - Repôs Blaze. - Nossa única esperança é seguir...

— Ah, já - Disse ela, irritada. - E tentar esses demônios a matar e mutilar o resto de nossos homens e vender mais de nossas mulheres como escravas. Uma escravidão que é só uma forma mais lenta de morrer. Não sejam néscios, eu lhes disse. Preservem o que puderem, façam os acertos que sejam necessários, mas vivam. Ensinem suas tradições a seus filhos. O velho mundo terminou. Começou um novo, e quem sabe aonde levará?

Blaze lhe cravou um gélido olhar.

— É o que esperaria do conselho de uma mulher. Nem mais nem menos. Mas não a convidei

a vir aqui, para que me dê lições de política.

Ela tirou o gorro de couro. Uma cascata de encaracolado cabelo negro caiu estendendo-se ao longo de suas costas.

—Não esperava que os pedisse. Os homens o têm feito estupendamente até agora. Pelo menos a metade dos habitantes deste maltratado reino está morto ou foi vendido como escravo. Outros, com suas vidas arruinadas, lutam para sobreviver entre os restos de tudo o que amaram. E você, Archidruida da Gália, manda-me uma mensagem pedindo que envie uma de minhas mulheres, e se atreve a especificar que seja atraente, para que se faça de rameira com um... Um... Lobo. Que tolice está tramando?

O rosto de Blaze se tornou vermelho de fúria. Aproximou dela, sem ter nem idéia do que ia fazer. Jamais havia golpeado uma mulher. Mas as palavras de Dryas feriam a parte mais profunda de seu ser, o lugar de sua alma no qual a agonia de seu povo era a sua própria.

Ela deixou cair o gorro e as rédeas de seu cavalo, jogando o manto a um lado. Usava uma espada, que cintilou a luz do sol em um instante.

—Para trás. — Ela vaiou, mostrando os dentes.
- Se der um passo mais, te cortarei a mão. O

seguinte, será sua cabeça.

Mir observava a cena com tranqüilidade e com a mesma tranqüilidade ficou entre eles.

—Que vergonha! - Disse. - Que vergonha. - Ele repetiu, olhando para Dryas. - Ele está desarmado e eu sou tão velho, que um criança poderia abusar de mim. E é cruel criticar um homem valente por coisas que talvez ninguém teria conseguido mudar. Moça, por sobressalente membro de sua ordem que seja, há uma verdade que a velhice ensina: todos nós fazemos o que podemos, mas às vezes o destino nos pega pela garganta e ficamos indefesos.

Dryas retrocedeu um passo, embainhando sua espada.

—Perdoe-me velho pai. - Disse ela respeitosamente para Mir. - Passei muito tempo cavalcando e o que vi aqui me põe doente.

Naquele momento, a moça que Mir dizia ser sua mulher saiu e olhou para Dryas.

—Oh! - Sussurrou Dryas ao reparar em seu olhar vazio e o rosto desfigurado pelas cicatrizes. - Em nome de todos os bons espíritos, não me haviam, falado de este tipo de problema.

Mir afastou-se para um lado.

—Faz-se o que pode. - Ele disse. - Sei que os

membros de sua ordem tentam acalmar o desespero de quem tem sido levados além da razão pela dor, e às vezes inclusive conseguem recuperar o que está perdido. Faz o que pode.

A moça se aproximou de Dryas, que a segurou pela mão para guiá-la para o bosque.

Blaze estava sentado À mesa, bebendo um pouco de vinho, quando entrou Mir.

— O que te parece Dryas? — Ele perguntou

— Muito parecida com os homens — Respondeu o ancião, sentando-se do outro lado da mesa. - É decepcionante. De alguma forma, se espera mais das mulheres. Não me ocorre por que, mas nos voltamos para elas quando esgotamos nossas forças e nossas soluções, como se não compartilhassem nossas debilidades e faltas. Como se pudessem contribuir outra visão e desfazer nossos nós sem necessidade de uma espada. Mas acredito que ela ajudará minha mulher. É a primeira vez que a vejo mostrar confiança em alguém.

Dryas entrou naquele preciso momento. Vestia seu manto e acabava de se lavar. Sentou à mesa.

— Acredito que deveria me sentir adulada ao ser comparada com um homem, mas não posso dizer que esteja e não tenho soluções para seus

problemas. E quanto a sua mulher, Mir, não há grande coisa que possa fazer por ela, com ou sem confiança. O dano já aparece. Deixei-lhe alguns remédios que aliviarão sua dor e um que dará um fim para sempre, se for o que escolher. Ouvi sua história.

A cabeça de Mir se elevou bruscamente, em um gesto de surpresa.

— Ela falou!

— A mim, sim. - Disse Dryas. - Conheci sua família: era grande e poderosa. Pode ser que ela seja a última sobrevivente. Os romanos mataram ou escravizaram os outros.

— Então, não está louca? — Perguntou Mir.

— Oh, sim, está. Mas as vezes mostra lucidez a respeito de certas coisas. Pode cultivar a maior parte do que lhe dei na horta. Ocupa-se dela, não?

— Sim.

— Por certo, como ela se chama?

— Não me recordo. - Disse o ancião, evitando o olhar de Dryas.

— Bem. - Respondeu ela. - Segue sem recordar. É tão bom como qualquer outra coisa. Agora, por favor, me dêem um pouco desse vinho e me falem do lobo. Nesta ordem.

Blaze e Mir trocaram um olhar. Ambos

pareciam incômodos. Dryas suspirou e pegou a jarra e uma taça.

— Acredito que você é o superior. — Disse Mir candidamente.

— E eu acredito que você está mais familiarizado com o problema. — Foi a resposta do Blaze.

Dryas se serviu de um pouco de vinho.

— Enquanto os dois tentam fazer com que o outro primeiro passe pela porta, acredito que beberei algo.

Depois da morte da mãe da alcatéia, o inverno foi ruim. A fêmea mais velha, que sempre sabia onde ir encontrar presas, morreu também, na cinza e pétrea dureza de metade da estação. Estendeu-se para dormir na neve com outros lobos e não despertou na manhã seguinte. O macho havia perdido também seu conselho.

As fêmeas virgens lutavam com fúria cada vez maior pela posição de mãe da alcatéia. As duas candidatas que mais prometiam se infligiram mutuamente ferimentos tão terríveis que ambas morreram, deixando como vencedora, a terceira aspirante. Isso diminuiu a capacidade caçadora da alcatéia, já que as duas lobas eram as assassinas mais rápidas e perigosas. Aquela perda era um duro

golpe.

Na primavera ele esteve, é obvio, a disposição da fêmea vencedora. Era uma loba esbelta e nervosa, muito ciumenta de suas prerrogativas como mãe da alcatéia. Acossava sem trégua as demais fêmeas, o que levava a constantes disputas e ao mau humor entre os membros mais jovens.

Apesar de seus sentimentos de frieza para com ela, ele teria acomodado seus desejos. Por fim, ganhou o posto. Era o que lhe exigia a lei da alcatéia. Aceitá-la graciosamente como companheira e ajudar na criação dos filhotinhos.

Mas para sua moderada surpresa, a fêmea não mostrou interesse nele e escolheu dois machos que restavam da alcatéia destruída pelos romanos. Também era seu direito escolher seus próprios companheiros, se desejasse. Ele poderia ter afirmado com mais força. Outros líderes teriam feito, mas ele se sentiu mais aliviado que tudo e a deixou tranqüila.

A fêmea voltou de suas escapadas, por fim satisfeita, prenhe e muito mais tranqüila que quando se foi e ele se deu por satisfeito em não ter que se ocupar de suas necessidades. Além disso, já havia se encontrado com a mulher loira do lago.

A mulher havia descido da pequena aldeia de

pastores e granjeiros, para se refrescar nas frias águas, se banhar e arrumar o espesso cabelo loiro avermelhado. Era larga de quadris e seus seios eram grandes e empinados. Os mamilos se sobressaíam incitantes. Sua pele era muito branca e ele observou que ela se mantinha na sombra. Aquela pele não se bronzeava: provavelmente queimaria. A mulher estava coberta de sardas dos pés a cabeça.

Ele foi se acostumando a vê-la a cada dia, enquanto dormitava sobre a rocha plaina que dominava a cascata. Achava-a deliciosa, mas não a maneira de alimento. Habitualmente, ela partia quando o sol estava alto. Mesmo em pleno verão, as águas do lago podiam ser muito frias quando os raios de sol deixavam de cair sobre elas e avançavam as sombras do bosque.

De dia, a mudança era difícil e às vezes impossível. Quando sentia que as alongadas sombras do crepúsculo cobriam sua carne e se estendia uma ponte entre seu mundo e o dos humanos, ela já havia desaparecido.

Muito bem, ele pensou. Umas quantas vezes havia sentido a tentação de se deslizar atrás dela quando voltasse para a choça em que vivia. Uma ou duas vezes, inclusive havia brincado com a fantasia de entrar a noite naquela morada circular com teto

de palha. Podia ver inclusive na mais profunda escuridão. Conhecia os aromas da mulher, de certo modo mais reais para ele que seu aspecto.

Depois do banho, era freqüente que ela se relaxasse em um dos poucos lugares ensolarados não invadidos pelos matagais nem escurecidos por velhas árvores. A grande rocha de granito estava enterrada, mas entrava a bastante na água para criar uma plataforma um pouco acima do lago. A parte superior estava muito nua para que crescesse alguma coisa, mas havia um grosso tapete de agulhas de pinheiro. Recebia três ou quatro horas de sol por dia. A radiante luz baixava até as claras águas do lago, cintilando sobre os lúcios, trutas e às vezes pequenos esturjões que iam e vinham como fantasmas na água.

Todo o ano, salvo nos meses mais escuros, flores silvestres rodeavam o tapete de agulhas de pinheiro. O serpol emergia da neve com flores azuis. As violetas floresciam na primavera, brancas, vermelhas escuras e amarelas. Mais avançado o verão, cenouras silvestres, margaridas amarelas, girassóis e dentes de leão iluminavam a vegetação. As campainhas apareciam nos altos pinheiros, escondendo sua murcha beleza à sombra dos troncos cobertos de casca e agulhas.

Sem saber, a mulher deixou sua marca sobre as agulhas caídas. Por exemplo, ele soube que o desejo crescia nela, respondendo a atração da lua pelo menos três vezes por semana. Não sabia onde expressava a mulher aquele desejo, pois ela aparecia sozinha no lago. Sua pele tinha o aroma das flores. Levou-lhe um tempo compreender que aquele aroma não era simplesmente o de sua suave carne, mas do azeite de rosas que ela usava depois do banho. O aroma de suas axilas lhe recordava um pouco o das cebolas... Doces cebolas silvestres passadas pelo fogo. Quando a mulher saía, ele descia até a rocha para beber seu complexo perfume e às vezes rodar sobre o tapete de agulhas de pinheiro.

É obvio, um dia, talvez por acidente, talvez indevidamente, ela ficou mais tempo. Havia chegado bastante tarde. A água estava sob a sombra, mas as árvores e a pequena clareira estavam iluminadas por uma luz dourada. A mulher se banhou rapidamente. A água estava gelada e ela voltou imediatamente para a borda, para descansar no lugar de costume enquanto deixava que o sol da tarde esquentasse seu corpo estremecido.

Ela se estirou sobre a plataforma. O lobo pôde

sentir sua lassidão, enquanto o calor fluía através de seu corpo e a fera luz laranja abria passo por entre suas pálpebras. Surpreendeu-se um pouco quando os dedos de sua mão direita dela procuraram o sexo. Custou-lhe alguns instantes compreender o que a mulher estava fazendo. Então se dispôs a contemplá-lo, avidamente.

Uma umidade fazia brilhar o cabelo loiro avermelhado de seu sexo, sob o sol. Seus lábios se abriram um pouco e o lobo pôde ver a ponta de sua língua entre eles. Por fim suas costas se arqueou e a expressão profundamente concentrada se converteu em um repousado sorriso. Ela exalou um profundo suspiro quando a primeira onda percorreu seu corpo, depois abriu os lábios pela segunda vez, emitindo um suave gemido quando a segunda a apanhou com maior intensidade. Seus quadris começaram a se mover como se estivesse acolhendo um amante invisível. Os músculos de seu ventre se contraíram ao fechar seus quadris sobre o membro sonhado. Então ela suspirou mais forte e o lobo se recordou da mãe da alcatéia. A mulher relaxou por completo, suspirou outra vez de prazer e satisfação e adormeceu.

O lobo ficou em pé. Havia tomado uma decisão. Estava amaldiçoado, mas o prazer corria

como o fogo em suas veias. Recordava-se do arvoredo. Ele e os lobos sabiam mais que os humanos da Dama que morava ali, pois às vezes haviam visto sua sombra caminhando por ela. Ninguém tinha visto seu rosto e continuado vivo para contar. Alguns poucos haviam dado uma olhada nela no lago ao se aproximar para beber. Ninguém, animal ou humano, voltava para fitar o que olhava as águas acima de seu ombro... Mas ele soube que acabava de ver uma, de suas imagens, refletida em um rosto humano.

A mulher despertou um pouco alarmada ao ver que era tarde e o sol já estava atrás das montanhas, iluminando só as ladeiras rochosas por cima das árvores. Levantou rapidamente, envolvendo-se em seu manto e pronta para se apressar pelo atalho entre as árvores. Quando ela elevou o olhar, o fôlego se deteve em sua garganta.

O homem estava apenas alguns metros de distância. Nu, mas coberto por uma profunda beleza. Ela já havia se casado, tivera amantes e era uma boa conhecedora do que estava olhando. Ele era o exemplar mais magnífico que tinha visto em sua vida. Um sincero e aberto desejo ardia nos olhos dele: uma pergunta, um pedido, uma promessa, uma urgência e por último, mas não menos

importante, uma ordem.

— Bom, bom, bom. - Disse Dryas com um risinho. - Certamente, não perdeu tempo contigo.

— Obrigado por lembrar em me responder. - Disse Blaze irritado.

— E o que querem que eu faça a respeito?

— Matá-lo. - Disse Mir.

Dryas rompeu a rir e se levantou bruscamente enviando sua cadeira com um chute, para a parede oposta da estadia.

— Oh. Vocês são um par de belezas. — Ela bebeu da taça de vinho que ainda tinha na mão e se aproximou da cadeira, enviando-a novamente para junto da mesa. A cadeira caiu com precisão no mesmo lugar que estivera ocupado antes. Dryas golpeou a parede com o pé e uma chuva de barro caiu da estrutura de palha. - Água e argamassa.

A mulher se aproximou do fogo, pegou uma chaleira e um garfo para carne e deu uma volta pela casa, batendo fortemente os utensílios. Saiu da cabana e caminhou ao seu redor, golpeando com força. Depois voltou, fechando a porta atrás dela.

Os dois homens a olharam atônitos.

— Ouçam! — Ordenou ela. - Vocês dizem que essa criatura pode caminhar sobre duas pernas como um homem. E é muito possível que possa

entender o que estamos falando e então vocês se sentam nesta choça e falam de nossos planos em voz alta. Como sabem que ele não está escondido entre a vegetação aqui ao lado? Escutando cada... Palavra... Que... Dizem.

Dryas estava cansada. Fizera uma longa viagem, observando unicamente morte, destruição e dor. Os romanos tinham quebrantado a vontade de resistir do povo, e o que era pior, os caciques que deviam formar a espinha dorsal daquela resistência tinham sido assassinados, escravizados ou comprados pelo poder de Roma e eram incapazes de mudar o destino de sua gente.

Enclaves como aquele eram o que restava de uma nação antigamente poderosa. Aquela enlouquecida e desesperada moça das cicatrizes sobrevivera Com muita dificuldade onde sua sagaz, valente e formosa família havia governado. Não, não governado, mas guiada a uma sociedade que tentava conviver em paz e justiça.

Em sua viagem Através da Gália, Dryas tinha visto morrer algo cuja existência ignorava até então. A dor que embargava seu coração era tão profunda que parecia apagar o sol, mesmo em um dia brilhante. Algo estava morrendo ali, um pouco mais importante que qualquer simples humano que o

compartilhasse. Algo maior que a soma de suas partes humanas.

Não só estava assustada por sua destruição, mas também por sua própria incapacidade para compreender o que seus instintos mais profundos diziam que estava acontecendo. Não era uma intelectual, mas uma caçadora, uma pessoa de ação. Os sentimentos de pena ameaçavam afundar sua alma sob uma onda de dor, o que fazia com que descarregasse sua fúria ante aqueles dois velhos néscios... Os sobreviventes de um tipo de pensadores e professores que havia modelado desde o começo dos tempos, o único mundo que ela conhecia.

Dryas respirou fundo, estremeceu e cobriu os olhos com a mão. Sentiu na outra, o seco tato dos dedos de Mir. O ancião a tocou suave e gentilmente, como consolaria uma criança.

As lágrimas desceram de seus olhos e quando os abriu para fitar Mir, notou uma cansada compreensão mais profunda do que teria acreditado possível.

Sua fúria e sua dor desvaneceram, deixando-a seca e sentindo-se estúpida por ter bebido tanto vinho com o estômago vazio.

— Então, nega-se a nos ajudar? — A pergunta

de Blaze tinha todo o peso da autoridade ultrajada.

Dryas se voltou para ele, com a ira começando novamente a tingir seu rosto.

Mir lhe pegou a mão.

— Esperem! Esperem! Rogo aos dois. Pense Blaze. Ainda resta muito pouco de seu antigo poder. Agora dependemos mais que nunca de nossa boa vontade. E pense você também, moça, que faltando quase todos os melhores guerreiros, devo, como o pastor de um rebanho quase indefeso, protegê-los de uma ameaça que pode destruí-lo com tanta segurança como os romanos.

Dryas cedeu, elevando a taça para mudar de um lugar a outro e pegar mais vinho.

— De acordo. - Grunhiu Blaze. - Já disse o que queria. Os dois disseram.

Dryas se inclinou para diante. Falou muito baixo e em outro idioma, a língua de seu próprio povo.

— Bem. - Ela disse. - Eu os ajudarei. - Seu olhar cravou na porta e as paredes. - Mas ele não precisa saber. Entendem-me?

Mir se limitou a assentir, mas Blaze respondeu no mesmo idioma.

— Deus! Passaram-se anos. Meu domínio da língua... Não é completo e sou condenadamente

lento, mas sim, entendo as frases simples.

Ela assentiu.

— Amanhã. Ao sol... Em campo aberto.

Os dois homens devolveram o gesto, e Dryas acabou o vinho, de um gole. Depois chutou novamente sua cadeira, foi até o canto para pegar sua mochila e se voltou para a porta.

— Espere! — exclamou Blaze. - Ele...

Dryas deu uns passos para ele e falou novamente em caledonio.

— Não me ajudem. Silêncio! Sei o que estou fazendo.

Ela se voltou e desapareceu na noite.

Ela era uma succulenta fruta proibida para o lobo. Uma mulher amadurecida, envolta em uma confusão de aromas que era quase como o incenso. Aberturas suaves, mas tensas e superfícies de veludo.

Quando a tomou, ela comunicou uma deliciosa e desconhecida sensação a sua mente e seu corpo enquanto ele invadia o dela. O lobo pode notar, quando ela caiu de joelhos diante dele e depois ao empurrá-la para trás, para que se estendesse sobre as agulhas de pinheiro, que o desejava e ao mesmo tempo o temia. E ambas as sensações eram muito profundas.

—Não me faça mal. - Rogou ela.

Ele não fez.

Já estava escurecendo quando ele a liberou, deixando que ela fosse até onde havia ficado sua roupa. Ele se saiu entre as sombras e se deu conta de que a mulher tremia enquanto pegava os objetos e começava a correr de volta a aldeia.

Como lobo, estava surpreso ante sua reação. Era consciente de que lhe tinha dado prazer, até o êxtase. E mais de uma vez. Compreendia que o medo dela tinha dado fio ao desejo de ambos. Mas o que não podia entender era a razão daquele medo. Pensou ela, que ele ia atacá-la, lhe fazer mal durante um ato que dava tanto deleite aos dois, um ato de prazer?

Quando esteve seguro de que ela já não podia vê-lo, voltou para sua forma de lobo e seguiu a mulher entre os pinheiros, de volta a sua cabana. A tosca granja celta em que vivia.

Ele ficou à margem do bosque quando ela afastou um lado da cortina de pele que cobria a entrada de sua moradia.

—Imona! — Chamou alguém. - Estávamos a ponto de descer até o lago. Olhe, temos as tochas preparadas. O que aconteceu? Onde estava?

—Sinto muito. - Disse ela em voz baixa, quase

um balbucio. - Me afastei um pouco para dormir depois do banho. Não pensei que dormiria tanto. O sol já estava atrás das montanhas quando despertei... Voltei tão rápido como...

A outra voz feminina a interrompeu.

—Deveria ter mais cuidado. Juro que acredito que faz estas coisas para trazer a miséria a nós todos.

—Sinto muito, Kat. Não queria lhe preocupar.

Kat e Imona. Pensou o lobo. Kat chiava, guinchava. Maeniel havia encontrado com algumas pequenas feras peludas e com garras: Kat e elas tinham vozes agudas muito parecidas. Permaneciam perto das moradas humanas e viviam do que encontravam nelas. Eram rápidas e podiam subir correndo para as árvores. A voz de Imona era baixa e adorável, mas a tal Kat soava como uma daquelas ferazinhas.

O vento da noite começou a soprar quando as montanhas desprenderam seu calor e o rugido do bosque afogou o resto da conversa.

Imona. Pensou o lobo. Elas têm nomes. Ela tem um nome. Os lobos não. Só eu... O nome que ela me deu ao me fazer mais... Ou menos... Que um lobo. Maeniel. No alto, pequenas nuvens passavam ante a resplandecente meia lua. Os lobos cinza são

como essas nuvens: cada um distinto do outro, mas de alguma forma todos iguais. Passam pela vida, vagam pelas montanhas como vagam as nuvens ante a lua, e logo descem a escuridão para serem esquecidos. Eles se dão os nomes que podem recordar. Recordar os que amaram pelo menos por um tempo. Tentam deixar atrás a morte? O lobo estava surpreso. Pensou na mãe da alcatéia, já certamente simples ossos na úmida terra.

E de repente, o lobo compreendeu no que se distinguia do resto da alcatéia. Para eles, se chegavam a pensar na mãe era só uma vaga lembrança. Gemeu brandamente e se sacudiu.

Um lobo uivou ao longe. Depois, tão fluídos e rápidos como as gotas de chuva se unem a um riacho, outros se uniram ao coro. A nova mãe da alcatéia tinha sido a primeira, depois os machos jovens e por último as ligeiras fêmeas virgens. Ele conhecia cada uma das vozes. Que conjuravam imagens e associações emocionais em sua mente. Elevou a cabeça, mas com uma previsão imprópria de um lobo se deu conta do quão perto estava da aldeia. Não era prudente provocar os humanos nem seus poderosos mastins guardiães.

Sabia que sua alcatéia se reuniria no lago antes da caça, então se voltou e entrou no bosque.

Capítulo 2

No fora da cabana de Mir, Dryas se envolveu em um manto de lã. O primeiro frio do inverno percorria o prado. Deteve-se um momento para deixar que seus olhos se acostumassem à escuridão. Não tinha que esperar quando era mais jovem, pensou com amargura. Sequer se tinha dado conta da transição. Ainda era jovem, mas a idade começava a fazer seu lento trabalho, embotando as habilidades caçadoras de sua juventude.

Quanto ao lobo, teria que dar crédito às palavras de Mir, a criatura usava de modo distinto, homens e mulheres. De fato, se tivesse um pouco de natureza canina, talvez fosse inofensivo para ela. Os aromas da mulher nem sempre eram confiáveis, mas tinha visto com frequência ferozes mastins ganindo submissos ao agitar de algumas saias femininas.

Pouco a pouco, seus olhos começaram a distinguir os troncos das árvores e as demais estruturas que rodeavam a cabana de Mir. Moveu devagar com as sombras.

A pequena esposa do ancião tinha falado de um atalho bem marcado que levava até uma clareira

e de uma pedra erguida que dominava todo o vale. Assim avançou com cuidado pelo traiçoeiro terreno rochoso até que suas botas encontraram o caminho. O caminho estava fundo pelas numerosas pegadas. Velho, pensou Dryas. Muito antigo e sagrado. Ao seu redor, os enormes pinheiros ocultavam até as estrelas no alto. Não havia lua e não podia ver nada sob as árvores.

A princípio, a costa era suave, mas pouco a pouco foi ficando cada vez mais pronunciada, com um mínimo de giros para a linha das árvores. Não estava segura de quando havia começado a desaparecer o bosque, mas pouco a pouco, à medida que ia subindo, a sensação de caminhar em uma caverna diminuía ao ter cada vez menos árvores e menores, até ser substituídos por vegetações e anãs retorcidas pelo vento. Ao se aproximar mais do acampo aberto, o vento começou a soprar de maneira alarmante.

Geada, ela pensou. Haverá cristal na vegetação antes do amanhecer. De repente ela foi consciente de que caminhava ao nível do solo. Estava em um pequeno prado de montanha, que dominava uma profunda garganta pela qual corria o rio. A vegetação era larga e sedosa, brilhante como o linho cru sob as estrelas.

Recordou as palavras da moça: nenhuma fera doméstica chegava até ali. Só cervos, muflones e cabras montesas. Todos tinham esquecido o por que. Tudo o que diziam ao falar disso era, traz má sorte, ou, não há vegetação suficiente para que valha a pena e o caminho é muito íngreme. Uma boa cabeça de gado poderia romper uma pata.

A um extremo do prado, havia uma massa de granito compacta como um enorme punho. A água fervia de uma greta coberta de musgo perto do alto, caindo até criar uma concha aos pés da pedra e fluindo para o pequeno arroio que passava junto à porta de Mir.

Ela fez uma pausa para recolher suas coisas e seguiu andando com cuidado. O prado acabava a sua direita, em um pronunciado aclive, rochoso a princípio, coberto depois de musgo e vegetação e finalmente por um bosque de pinheiros junto ao rio. A sua esquerda havia um escarpado, que se elevava impraticável até uma série de terraços rochosos que levavam até um pico coberto de neve.

Cuide o manancial, havia-lhe dito a garota. Perto encontrará a escada.

Ao se aproximar da massa de granito, ela notou mãos... E apoios lavrados na rocha. Se a moça não o tivesse dito uma escada, Dryas teria tomado

por uma conseqüência natural dos incontáveis séculos de chuva e vento.

Deixou cair sua mochila ao chão e colocou a mão no primeiro oco. Era muito mais profundo que parecia. Começou a subir e se deu conta, para seu pesar, de que havia algo que a garota não lhe tinha contado. A tosca escada rodeava a rocha, de forma que ela estava suspensa sobre o vale.

Quando colocou o pé no escavado onde antes havia estado sua mão, encontrou-se sobre o rio no fundo da garganta. Apertou os seios e o estômago contra a pedra. Os músculos de seu ventre estremeceram.

O orgulho despertou. Ela era Dryas, da linhagem real. Custódia de rainhas e ela mesma, uma rainha. Sim, Dryas, disse-lhe seu sentido comum, mas a moça está mais louca que um touro em época de subida e pode ser que esses escavados não a levem a nenhuma parte. Mas mesmo enquanto pensava, ela tirou o chapéu procurando impacientemente outro cabo. Ao adiantar o pé alguns momentos depois, ela se advertiu que sua mão esquerda pousou sobre uma superfície plana. Um instante mais tarde estava no alto da rocha, descansando sobre um pequeno suporte virado para o este.

O suporte era bem estreito, mas estava coberto pela mesma vegetação espessa que o prado lá embaixo. No alto, o vento parecia soprar continuamente. Às vezes como uma fúria rugiente, outras como uma suave brisa, nunca cessava e os dedos e bochechas de Dryas começaram a intumescer ao cabo de uns momentos. O calor provocado por seus esforços acabou por se extinguir e o frio começou a deslizar em seu interior. Bem, a garota havia dito que estavam ali. Mas onde?

A lua começou a se elevar sobre um pico longínquo. A sua luz, como tinham previsto os construtores, Dryas pôde ver a elipse de pedras brancas entre a vegetação e a pálida laje no centro, brilhando a gélida luz da lua. Assentiu. Inclusive podia ler aquilo. Parte de seu adestramento tinha consistido em aprender o que significavam tais estruturas. Aquela falava tão claramente como um relógio de sol. Há, ela pensou, formas muito mais simples agora, mas provavelmente inventaram-nas, as criaturas deste calendário lunar. Sim, saber é importante para nós.

A sombra apareceu perto da pedra no centro do círculo, um pouco mais escura que o crescente resplendor da lua e a nebulosa e distante luz das estrelas. Não emergiu da noite, mas em um

momento não estava ali e no seguinte sim.

Dryas estremeceu. A moça estava certa. Ela ficou em pé, retrocedendo até a margem e logo começou a descer por onde havia subido. Mas desta vez se concentrou por completo em quais escavados serviam como escada. Não olhou para cima. Queria olhar, mas descobriu que não podia. Topara com um fenômeno mais aterrador que uma descida por um escarpado suspensa pelas mãos. Temia olhar para cima e ver algo, que só Deus sabia o que... Olhando pela margem... Olhando-a.

As flores. Flores de qualquer tipo faziam-lhe recordá-la. Enquanto a havia amado, o mundo estivera imerso no verão, e o alto vale alpino e os prados das terras baixas ardiam em seu fogo.

Além das montanhas, ardiam outros fogos. Não eram tão formosos, só deixavam cinzas e criavam borrões obscuros. Através de um claro céu azul. César estava em marcha. Subiria sobre uma pilha de cadáveres até conseguir por fim, a primazia mundial.

Mas o lobo não sabia nada daquilo e tampouco lhe teria importado. O que eram para ele, os fatos do homem? Ele e sua espécie tinham resolvido seus assuntos com o universo, milênios atrás. Viviam de acordo com um código, um código

que havia evoluído com sua espécie, da escuridão dos inícios dos mamíferos. Deixavam-se guiar por ele, embora nunca tivessem tentado compreendê-lo. Não pensou nisso enquanto espionava Imona e suas companheiras se apressando colina abaixo ao amanhecer, para desfrutar de um banho no lago.

Ela ficou para trás, atrasando-se, como se sentisse sua presença e estivesse lhe esperando.

Seus braços se fecharam em torno dela, por trás. Tirou-a do caminho, levando-a para trás de uma árvore.

Ela abriu a boca, mas não chegou a gritar. Ele deu-lhe várias oportunidades de fazê-lo, mas a mulher não as quis. De fato, quando se voltou e viu quem era, jogou os braços em seu pescoço para lhe dar um beijo.

Ele nunca tinha sido beijado antes, mas era um aluno rápido. Decidiu que gostava daquela forma de contato humano e que queria aprender mais a respeito. Havia tempo para isso. Carregou-a colina acima, até um lugar resguardado que só um lobo poderia conhecer.

Em um amargo inverno atrás, uma avalanche tinha marcado seu violento passo através da linha de árvores. Quando chegou o verão, fundindo o gelo e a neve, deixou uma massa de rochas, árvores

quebradas e espessa vegetação no bosque.

Não era um lugar popular entre os humanos, mas os lobos e os gatos monteses gostavam o bastante. A região em torno dos montes de pedra estava infestada de poços e víboras. Podia se acreditar que estava sobre solo firme e de repente cedia um tronco podre ou um galho quebrado, enviando seu pé ou sua perna em um buraco, retorcendo músculos ou quebrando ossos. As árvores truncadas pela avalanche sempre estavam a ponto de escorregar e cair, cravando seus galhos estilhaçados no explorador descuidado. Não era um bom lugar para passear.

Ela beijou-lhe no pescoço enquanto se deixava levar.

—Doce mãe misericordiosa. — Ela sussurrou. — Acreditei que não voltaria a vê-lo.

Ele riu.

—Não tem medo? Os homens de minha tribo... O matariam se o apanhassem.

—Não acredite que me matar seja tão fácil.

Justo naquele momento, eles chegaram ao lugar que ele estivera procurando, uma pequena clareira sombreada pelos grandes galhos de um pinheiro quebrado e rodeado de blocos de granito e enormes fragmentos de piçarra levados até o solo,

pela avalanche. Deixou-a no chão, em um círculo de quebradas facas de pedra.

Ela fez uma pausa, mas só para tirar seu vestido. Estava nua sob ele. Pegou os seios com as mãos, oferecendo-lhe e ele os lambeu a princípio, sugando logo em seguida. Imona se retorceu entre gemidos.

—Não deveria estar fazendo isto. — Ela soluçou.

Ele se deteve por um momento, profundamente confuso.

—Não. — Gemeu ela. — Não pare.

Ela arqueou as costas. Ele pôde sentir seu sexo úmido e quente apertado contra o seu estômago. O aroma de seu desejo flutuava no ar da manhã, tão espesso como o úmido rocío que impregnava a vegetação a seu redor.

—Deseja-me? — Ele perguntou.

—Poderia te devorar! — Sussurrou Imona, frenética e cravou-lhe as unhas no ombro, lhe rasgando a pele.

Ele sentiu começar seus espasmos orgásmicos assim que entrou nela. No breve momento de lassidão entre o primeiro e o segundo, Imona abriu a boca:

—Tenho um marido.

Maeniel não fez nenhum comentário até que ela alcançou seu terceiro clímax. Então, quando já esteve calma, ele perguntou-lhe: — O que é um marido?

A resposta de não o satisfiz. Entre os lobos, ninguém tinha tais direitos sobre outro. Os lobos não se uniam por toda a vida. Para ser exato, no sentido humano, sequer se uniam.

O macho mais forte de uma alcatéia conseguia o privilégio de procriar, como fazia a fêmea mais forte. Mas não escolhiam necessariamente um ao outro.

O desejo dependia por completo da receptividade da fêmea. Se não estava receptiva era melhor não tentar. De fato, tentar podia ser muito perigoso.

Imona jazia em seus braços. A névoa se ia dissipando ao seu redor. O sol começava a esquentar as rochas. A mulher dormitava embalada por Maeniel. Ele estava acostumado a dormir com seus companheiros de alcatéia amontoados entre si para se proteger do frio. Parecia-lhe natural dormir abraçados em forma humana. Ela se agitou de repente:

— A comida! Preparei um almoço. Está na bolsa de couro. Certamente a deixei cair perto do

caminho do lago.

Maeniel ficou em pé e caminhou até a clareira iluminada pelo sol. Nu, o sol fazia com que seus olhos vacilassem e esquentava sua pele de forma quase dolorosa. Queria mudar, mas sentia que não era possível. Então fugiu para a fresca escuridão sob as árvores.

Mas aquela parte do bosque não oferecia muito amparo depois da avalanche e ele não foi capaz de recuperar sua forma de lobo até encontrar em uma espécie de gruta criada por umas trepadeiras.

Encontrou a bolsa de couro perto de onde tinha interceptado Imona. De repente ouviu vozes, entre elas pôde reconhecer a de Kat.

—Digo-lhes que ela não está! E vi rastros de lobo perto de sua bolsa.

Maeniel pegou a bolsa enquanto ouvia a réplica de outra voz.

—Um lobo? Meu velho e gordo traseiro! Acaso é tola, moça? Esse marido seu não vale nada desde que foi à guerra. Os romanos lhe cortaram a mão e sua dignidade se foi com ela. Nem sequer se molesta em tentar deitar com Imona. Ela deve ter ido se encontrar com algum homem.

—Clarisa! —A voz de Kat tinha o agudo

zumbido de uma vespa furiosa. - Leão é meu irmão e sua idade não te dá nenhum direito a...

O lobo cinza se fundiu com o bosque, justo quando as mulheres chegaram ao lugar onde havia estado à bolsa.

—O que? — Gritou Kat ao irromper na clareira e ver que a bolsa não estava. - A bolsa desapareceu!

Protegido por um espesso arbusto, quase impenetrável para os humanos, o lobo permanecia invisível.

Kat, uma mulher miúda e morena, começou a procurar.

—Estava aqui. - Ela insistiu frenética. - Estou segura! Eu a vi a só um momento.

Clarisa riu de forma estridente. Era uma mulher robusta com uma longa cabeleira de cor castanha avermelhada que já começava a branquear.

—Isso é porque terminaram que dar a primeira queda e lhes deu fome. Voltaram e pegaram a bolsa. —Os comentários soavam um pouco incoerentes por causa das ondas de luxuriosa diversão que afogavam a mulher.

Kat não parecia divertida

—Maldita seja! Amaldição o dia em que a deixei entrar na família. Amaldição os olhos em sua

cabeça, a língua em sua boca, as orelhas com que ouve e a garganta com que engole...

O corpo do lobo estremeceu quando Clarisa pôs fim às palavras de Kat com uma forte bofetada em seu rosto. O ruído da palmada sobre a carne reverberou entre as árvores.

Kat retrocedeu um par de passos, tropeçou e caiu de costas muito perto do esconderijo do lobo. Levou uma mão a face, com expressão atônita.

— Cadela! — Disse Clarisa. — Se acredita uma bruxa? Fecha essa suja boca e guarde seus maus desejos para ti. O céu sabe que Imona pede muito pouco a sua família. É uma boa trabalhadora e sempre está disposta a se ocupar de qualquer tarefa. É uma criada gratuita para ti, para o seu homem e para essa preguiçosa e velha bruxa de sua mãe. Ela chegou ao seu climatério e não pode ter mais filhos, assim não desonrará sua família. E as duas filhas que deu a Leão foram uma óbvia decepção para todos vós. Tenha um pouco de compaixão, mulher. A vida não foi amável com Imona.

— É a filha de um cacique. — Gritou Kat enquanto ficava em pé.

— Sim, e sempre foi difícil para você aceitar, verdade? — Replicou Clarisa. — Bem, agora já não importa. Só os deuses sabem o que aconteceu com

sua gente quando chegaram os romanos.

As duas mulheres se olharam em silêncio.

Foi à palavra, romanos, que encheu o ar de medo, pensou o lobo.

Kat fez um gesto contra o olho do mal.

— Nem os mencione, - ela sussurrou. - Queimaram um povoado no vale o verão passado. Este ano, todo mundo teme que venham novamente.

Clarisa estremeceu. Uma pequena nuvem ocultou o sol e o espesso bosque de pinheiros se tornou mais obscuro ao seu redor.

— Kat, não seja néscia. Tente não ver o que está fazendo Imona. Sua granja necessita de todas as mãos que têm agora. Sua mãe e Leão são inúteis. Você, Imona e Dê é quem carregam a carga. Sem ela, vocês poderiam morrer de fome. Já temos muitos inimigos para estar nos atacando entre.

Embora o tom de Clarisa fosse conciliador, Kat não pareceu ceder.

— Velha e viciosa! Urraca carroñera... Se voltar a pôr as mãos em mim te arrancarei os olhos.

Kat se se voltou, afastando-se para o lago. Clarisa foi atrás dela meneando a cabeça.

A nuvem passou. O sol esquentava o bosque. O lobo cinza levou a bolsa de couro até a gruta, e

cheirou o ar. Umidade. A chuva devia estar caindo no passo das montanhas.

Soltou a bolsa, e ouviu algo em sua mente. Deixe-a aqui... Vá. Encontre a alcatéia. Haverá boa caça nos passos das alturas. Guie-a para longe daqui. Longe, longe daqui... Para as geleiras onde a neve nunca se finda. As altas cúpulas estarão cheias de presas em torno de lagos congelados todo o ano, salvo três meses. Em bosques são espessos, o sol do dia mais brilhante nunca chega ao chão e você pode permanecer oculto do homem para sempre. Vá!

O lobo sentiu novamente o toque do desejo. Podia imaginar a mulher, dormindo graciosamente estirada a sombra dos brotos de primavera. A forma de lobo parecia um chato e incômodo disfarce, com uma pesada pelagem que lhe dava muito calor à medida que o sol se elevava no céu. Desfez-se dela como se se despojasse de um grosso manto de lã no primeiro dia de calor da primavera, e ficou em pé... Como homem.

Quando voltou, ela estendeu seus braços para ele.

— Temia que tivesse ido para sempre. — Ela sussurrou, lhe acariciando o cabelo.

Ele estudou seu rosto enquanto jaziam juntos. Queria lhe falar da amarga inveja de sua cunhada e

da defesa de Clarisa, mas descobriu que carecia das palavras necessárias para isso. Um lobo podia recordar aquelas coisas, mas não necessariamente ser capaz de comunicar a outro lobo.

Por uns instantes, ele se perguntou o que e quanto dizer, mas a proximidade da mulher começou a lhe excitar até lhe fazer esquecer o que considerava o ressentido resmungar de cadelas ciimentas. As fêmeas e os machos, de classe se mostravam muito protetores com seu modesto status, e passavam grande parte de seu tempo livre trocando mordidas e grunhidos. Tais broncas adolescentes não estavam acostumados a deixar feridos, pois os participantes quase nunca chegavam a brigar. Maeniel estava seguro de que o que tinha ouvido era algo similar. Os fortes entre a alcatéia ignoravam os jovens até que se tornavam muito molestos. Então arrumavam as coisas, geralmente com um grunhido e umas quantas mordidas no lombo.

As marés do desejo varreram a lembrança de sua mente. Tinha em seus braços uma mulher nua, indefesa e complacente, mais que disposta... Faminta dos cuidados de um homem. Podia explorar aquele corpo, uma interminável passagem de louco deleite. Um ramalhete de flores que

mostrava novas cores e fragrâncias, texturas e vívidas emoções a cada nova experiência sugerida pela imaginação, às mãos, os lábios e o sexo.

Quando o sol deslizou atrás dos picos do oeste, ambos estavam exaustos. E ele provou pela primeira vez a comida humana, compartilhando um pouco de pão, queijo e vinho com Imona.

Ela bebeu a maior parte do vinho e acabou chorando sobre seu ombro com os braços fechados em torno de seu pescoço.

—O que acontece? — Perguntou ele entre os beijos. - Fiz feito algo... Algo que não quisesse?

Ela soluçou e ficou em pé. Depois se cobriu com o vestido.

—Não... Não... Não... Não... Você é maravilhoso. Amo-te. — Ela limpou as lágrimas com os dedos.

Ele se levantou por sua vez e a atraiu para si. Imona parecia tão leve como uma pluma. Levou-a para as sombras crescentes sob as árvores. O céu no alto estava iluminado pela luz do sol, que se filtrava dourada entre os pinheiros quebrados. As sombras das rochas, os matagais e as árvores eram negras como a tinta. O ouro do céu e o bosque parecia arder como manchas de metal fundido sobre carvão.

Ele sentiu o cheiro do réptil antes de vê-lo.

Uma víbora se banhava nos últimos raios do sol sobre uma rocha: sua pele salpicada se confundia com as agulhas de pinheiro e as folhas secas sobre as quais descansava.

Viu que a serpente elevava a cabeça para atacar e interpôs seu largo ombro entre ela e a mulher que tinha nos braços. Imona abriu a boca. Um grave grunhido retumbou no peito de Maeniel. Se fosse linguagem humana, o som teria significado: Não, se souber o que está fazendo, não atacará.

O réptil jogou a cabeça para trás, deixou-se cair e desvaneceu entre as sombras e as folhas mortas do chão.

Imona suspirou aliviada. No alto, a luz desaparecia paulatinamente, tornando mais profundas as sombras ao seu redor.

— Você não é um homem, verdade? — Ela perguntou.

— Não. — Maeniel a soltou, deixando que ela ficasse em pé no caminho.

Os dois podiam ouvir o conversa das mulheres enquanto voltavam para a aldeia.

— Seja o que for, não se deixe apanhar. E volte... Volta, por favor.

Maeniel sentiu que o lobo o puxava para as sombras do bosque, mas levou a seus lábios a mão

da mulher em um breve e terno gesto de despedida antes de sair na noite.

Ainda tremendo depois da escalada, Dryas atravessou o prado, procurando um lugar resguardado para dormir.

As folhas mortas caídas das escassas árvores e a pouca vegetação retorcida que sobreviviam na ladeira, cobriam literalmente a clareira. Estavam com uma cor branca como o osso por causa do vento e do frio.

Ela encontrou um lugar perto do ponto onde a água saía da rocha. Aqueles lugares sempre eram sagrados: quem fosse descoberto poluindo a pureza da água podia ser castigado com a morte. Fez uma oferenda de pão e vinho, apenas umas migalhas e umas gotas e se hospedou dando as costas ao escarpado. Preparou um fogo com lenha seca recolhida no prado.

Os gravetos haviam estado tanto tempo na vegetação, que não tinham mais umidade que os restos de madeira secas pelo sol em uma praia. Arderam ferozmente durante um momento, para se converter no seguinte em brasas vermelhas como os olhos de um demônio fazendo piscadelas na noite.

Dryas jogou mais ramos ao fogo. As chamas esquentaram a rocha, o que faria com que ela

estivesse quente durante a noite. Quando só restaram brasas, ela se enrolou em uma pele de urso e adormeceu.

Como de costume, sonhou.

Uma vez, não muito tempo atrás, os sonhos tinham sido tal tortura que preferia se embriagar até a inconsciência, em vez de se entregar ao descanso natural. Mas aquela má, muito má época tinha terminado e embora às vezes despertasse com lágrimas nos olhos, o pesadelo não conseguia encolher seu coração lhe fazendo ver os mortos e se estivessem vivos. Até no mais profundo sonho, ela conhecia sua pena e aceitava a dor e o vazio.

Era Dryas, a caçadora, professora de espada, escudo e lança. Perita em métodos pelos quais um homem desarmado podia derrotar inclusive um inimigo bem provido. Proprietária do salto de salmão do herói, com todas suas letais permutações. Capaz de ler a trajetória da espada de um inimigo e evitá-la de um salto, ser decapitada. Senhora do feitiço e da loucura da batalha. Guardiã do conhecimento, esquecido inclusive por aqueles que manchavam. Leitora de círculos de pedra e de padrões funerários cuja origem se perdia nas névoas do tempo.

Havia aceitado a tarefa encomendada por

Blaze. Devia deter aquele lobo humano que acoitava rudemente as pessoas de Mir. Devia pegá-lo. Enquanto Mir e Blaze falavam, ela tinha esboçado um plano para fazer frente a ameaça. Naquela noite tinha dado os primeiros passos, mas certamente não queria que aquele lobo sobrenatural se atentasse em suas intenções.

Não, aquilo não seria nada bom.

Ela despertou um momento antes de voltar a adormecer por completo. Tudo que restara do fogo eram brasas, resplandecendo luzes de alerta na sombra. No alto, o absoluto esplendor das estrelas se arqueava sobre sua cabeça. Seu frio fogo mostrava o passado, o presente e o futuro ao olho capaz de lê-los, traçando mistérios do princípio e do final dos tempos para toda a eternidade.

Ela sentiu um nó no estômago. Estava segura de que alguém a observava. O lobo, ou talvez simplesmente um dos escuros moradores que guardavam o templo da águia, no alto.

Não sabia e nem podia averiguar, mas na realidade, tampouco importava. Qualquer um podia acabar com ela se decidisse fazê-lo. Dryas era a isca em sua própria armadilha. O único que podia fazer era confiar em seu bom julgamento e seguir adiante. Aquele lobo não seria derrotado pela

espada e a fêmea de javali, mas sim pelo sigilo e a astúcia. E embora não estivesse muito segura de suas habilidades em tais campos... Devia se disciplinar para não mostrar medo. Então se limitou a bocejar, girando sobre um flanco e se entregou ao sonho.

Chegaram os romanos...

As mulheres cobriram de linho os pronunciados pêndulos que rodeavam os prados mais planos. Resistente ao frio e a seca, eles crescia muito e rapidamente, semeando suas próprias sementes a cada ano. No outono, o bicho-tesoura colhia tanto como lhe convinha. Imona era uma delas. Levaria o seu tear a porta de sua humilde morada, alimentaria os frangos, patos e gansos da granja e começaria a trabalhar em seu último projeto.

O verão tinha levado muita caça consigo. A razão, embora o lobo ignorasse era um tanto sinistra: a guarnição romana do vale havia destruído árvores para construir suas paliçadas, e queimado parte do bosque para acautelar revoltas e emboscadas.

Alces, cervos, e mesmo lebres e galinhas selvagem achavam aqueles clareiras cheios de forragem.

Os lobos prosperaram, cobrando suas presas com rapidez e facilidade entre os mais velhos e jovens dos quantos animais que subiam para os pastos da montanha. Até a caçada mais desinteressada contribuía com comida suficiente para que a alcatéia se fartasse de comer e logo dormitasse e brincasse ao longo das formosas noites do início do verão.

Ao amanhecer, Maeniel se afastava para cobrir entre as saliências das rochas que dominavam a granja de Imona. Dormia para digerir sua comida noturna e antes inclusive que o resplendor rosáceo começasse a brilhar no céu oriental, ele observava os movimentos da mulher através das paredes de palha enquanto preparava o fogo e começava a cozer o pão e as papas do almoço.

Mais tarde, já alto o sol, ele olhava-a enquanto ela se inclinava sobre o tear, com a lançadeira voando de um ae outro lado para criar outra franja de tecido de brilhantes cores.

Ao meio-dia, a brisa desaparecia. O sol caía a pino, sem piedade. O resto da família se retirava para a casa redonda ou para outros lugares à sombra, para dormir durante as horas de mais calor da tarde.

Era o seu momento. Imona se afastava ladeira

acima, para cuidar do linho, como dizia a Kat e ambos se encontravam. Ela não sabia como ele conseguia encontrá-la sempre. Só sabia que a encontrava e aquilo lhe bastava.

Até então, Maeniel havia conseguido um pouco de roupa: uma gasta túnica roubada de um soldado romano que havia passado uma tarde banhando no rio. Era duvidoso que o homem fosse lamentar a perda profundamente ou durante muito tempo. O objeto era uma ruína descolorida e cinzenta, andrajosa além do acreditável. O lobo não reparava em nada de tudo aquilo. Um objeto era para ele era o mesmo que outro. A túnica era larga e o bastante grossa para proteger sua epiderme: depois de um desafortunado encontro com um arbusto de sarças, ele havia descoberto que a pele humana era muito frágil.

Em qualquer caso, só usava a túnica o tempo necessário para alcançar Imona. Depois a tirava para desfrutar de seu abraço. Pois aquilo era o que faziam: amar, comer e passar dormindo o resto da tarde. Às vezes conversavam. De fato, falavam-se freqüentemente. Bem, ela falava e ele escutava. Depois de sua primeira e única pergunta sobre a humanidade de Maeniel, Imona não voltou a lhe fazer outra. Ele não esperava que o fizesse,

compreendendo de forma instintiva que ela temia perturbar o delicado equilíbrio que preservava a felicidade entre eles. Uma felicidade quase ultraterrena.

Quando terminavam de fazer amor, comiam a comida que sempre ela trazia. Era uma excelente cozinheira, mas a princípio Maeniel não compreendia. Como um lobo, ele limitava a fazer desaparecer as viandas. Mas os dentes e mandíbulas humanas, moldados por milhares de anos em saborear e compartilhar, não se prestava facilmente ao método lupino de rasgar e engolir.

Depois de estar a ponto de se afogar pela terceira vez, Maeniel aprendeu a saborear a comida à maneira humana e a apreciar a habilidade da mulher. Imona preparava pão com farinha, realçando seu sabor com mel, frutos secos e mesmo queijo duro. Ele aprendeu a desfrutar do sabor do presunto e do toucinho que Imona defumava durante os longos invernos. As inumeráveis salsichas de porco, veado e vaca eram um infinito deleite para os sentidos. E também havia vinho, e às vezes hidromel. Ahhhh...

Ele encontrou uma caverna perto do penhasco, de onde cuidava sua casa. Era pequena e o solo estava coberto de arena, mas era o bastante

profunda para ser fresca nos dias mais calorosos.

Eral ali os dias de aprendizado, quando inclusive as pedras queimavam sob o sol do verão. Naquele escuro e tranqüilo lugar, ela lhe ensinou os prazeres de se sentir um pouco atordoado pela bebida e a lânguida lassidão de uma sesta depois de fazer amor.

Quando as sombras das árvores se tornavam mais largas, Kat começava a chamar Imona. Ela se levantava rapidamente e vestia seu vestido.

—É estranho. - Disse ele um dia. - Ela a chama, mas nunca vem te buscar.

—Não quer me encontrar.

—Não?

—Não. - Replicou ela, ficando em pé e olhando através das matas que ocultavam a entrada da caverna. - Sabe o que está acontecendo, mas necessita de mim, dos queijos que faço e minhas malhas trazem o pouco dinheiro que temos.

O lobo recordou as palavras de Clarisa.

—Além disso, - ela acrescentou enquanto lhe dava um beijo de despedida, - acredito que está um pouco assustada do desconhecido. Tipo, quem poderia ser esse homem? A estas alturas, já deve estar segura de que não pertence a nenhuma das famílias desta pequena aldeia. Sim, ela sabe com

certeza, mas não está segura em querer te conhecer.

—Não acredito que se preocupe comigo. - Disse ele.

Imona meneou a cabeça.

—Não o faria. — Respondeu. Depois se abriu passo entre a vegetação e começou a descer em ziguezague pela ladeira.

Às vezes, ela ia cuidar do linho. As regiões de flores azuis semelhavam a uma descuidada tintura da ladeira, afundando-se no verde dos pinheiros.

Embora o linho fosse resistente a seca, precisava ser regado na pior e mais seca época do verão. Imona levava água de um riacho que fluía pelo penhasco, de um jardim a outro, uma tarefa difícil inclusive com a ajuda de Maeniel.

O linho não era o único do que ela cuidava. Nas regiões da ladeira mais expostas, secas e calorosas, ela cultivava as vegetações que usava para tingir seus fios. A pequena e aromática camomila, a mil em rama, a olivarda... E muito mais que ele não podia dar nome. Algumas eram silvestres. O único que ela tinha que fazer era proteger e animá-las a crescer. Outras, como o saúco, não necessitavam de ânimos, mas precisava colher no momento certo.

Os conhecimentos de Imona sobre tecer e

tingir lhe tinham sido transmitidos pelas mulheres de sua família... Mulheres nobres que não faziam por si mesmos a maior parte o trabalho, mas que estavam adestradas para fiscalizar os numerosos trabalhadores atribuídos a suas casas, para produzir grandes quantidades de tecido. Aquelas finas malhas eram vendidas a comerciantes e chegavam de lugares tão longínquos como a Grécia ou as Ilhas Britânicas.

Mas naquela granja, ela estava sozinha e então tinha que se ocupar de todo o trabalho. Mas sempre havia demanda de seus produtos nas feiras trimestres que acompanhavam as grandes festas de cada estação.

Com o tempo, Maeniel chegou a conhecer toda a família... O que não foi muito difícil, pois já restavam poucos. Todos os irmãos de Kat, menos um, haviam morrido nas guerras que devastaram a Galia depois da invasão de César. Como havia dito Clarisa, do trabalho se ocupavam Imona, Kat e seu marido, Dê.

Dê era um homem grande e tranqüilo que temia a língua e o temperamento de sua esposa. O lobo se sentia confuso ante sua laboriosidade, sendo o trabalho contínuo algo tão alheio a sua natureza, como a habilidade de Imona para tecer, até que ela

lhe explicou que o trabalho de Dê nos campos lhe permitia escapar da incessante perseguição de Kat.

Maeniel conhecia os aromas de cada um deles. Imona era uma coleção de aromas sedutores. Kat era amarga, como se sua frustração com a vida se comunicasse com sua roupa em uma sucessão de frases severas. Dê cheirava a seu trabalho, a sol e suor.

O marido de Imona, Leão, era o mais estranho de todos. Para o lobo, ele cheirava a morto. Não o cru aroma da presa recém cobrada, sequer o forte aroma de carniça de um cadáver decomposto, mas o seco e mofado mau cheiro de uma pilha de ossos nas sombras, cobertos de manchas escuras de líquen, cinzas e emplastos de musgo.

Quando escurecia, o lobo descia se arrastando, para espiar pelos ocos nas paredes da choça. Via-os comendo junto ao fogo. Uma pequena vela iluminava o interior. Leão comia aparentemente sem prestar atenção em ninguém ao seu redor, enquanto Dê parecia desfrutar de sua comida e da companhia de sua cunhada.

A anciã mãe de Kat, desdentada e exilada da mesa por causa de seus sujos hábitos, sentava-se em um canto, babando sobre uma terrina de papa.

— Eu gosto do que tem agora no tear, Imona. -

Disse Dê a Imona.

Ela riu, replicando em voz baixa.

—O vermelho é difícil de conseguir. Encontrar um tintura vermelha que não desapareça com a labainha é coisa do diabo.

O lobo supôs que estavam falando do último tecido de Imona. Tinha contemplado os árduos esforços da mulher no tear, que tinham ocupado a maior parte das três manhãs anteriores. E mesmo enquanto estava com ele, Imona havia parecido preocupada. Mas ao ver o resultado, tinha desfrutado tanto como ela.

Imona tinha usado seu linho mais suave, tingindo-o com o azul, para que brilhasse como uma pérola, acrescentando depois fios verdes e, um toque de vermelho, chamativo para um humano, de cor sangue para um lobo.

—Deveríamos ficar com ele para nós. - Acrescentou Dê. - Talvez pendurá-lo na parede.

O lobo se deu conta de que as paredes da pequena morada estavam decoradas com tapeçarias de brilhantes cores, que captavam a luz do fogo e a devolviam colorida.

Kat replicou bruscamente:

—Do que estão falando? Nada de reservar essa condenada coisa para decorar a parede.

Necessitamos de cada sestercio que possamos rebanhar. Sabem que esses romanos virão novamente reclamando um tributo e que esse velho idiota do Mir terá que pagar. O que acontece com vocês? Imona, você passou três dias brincando com esse estúpido tear, tentando que funcionasse corretamente. A quem importam as delicadezas que sua mãe a ensinou tecer? Faça tecidos singelos e fortes. É o que vende!

Imona e Dê se encolheram ante a fúria em sua voz. Mesmo a velha senhora estremeceu, tentando ocupar menos lugar no canto, ante a fúria de sua filha. Só Leão parecia alheio ao ataque de Kat: continuou comendo, com os olhos fixos em um ponto ao longe, ignorando-a.

Dê pigarreou, tentando sorrir.

— Querida, no caso de que devamos vendê-lo, os tecidos finos alcançam um melhor preço que...

— Um melhor preço, um melhor preço... — Replicou Kat com um grunhido. - E quem tem agora dinheiro para luxos?

— Mesmo assim, — interveio Imona em sua própria defesa, um pouco a contra vontade, - é uma habilidade valiosa que tenho. Kat, talvez na próxima feira consiga atrair algumas aprendizes... Pagariam...

—Pagariam... Pagariam... Fala de pagamento... E quando pagará você a esta casa? Todo o gado que enviamos a seu pai por ti... E nunca pudeste conceber um filho varão. Duas meninas choronas... É tudo o que conseguiu Leão quando foi ajudar esse teu irmão contrário os romanos...

Kat gritou quando Leão, que sequer tinha parecido estar escutando, golpeou-lhe fortemente o rosto, com o dorso de sua única mão... À esquerda.

Leão ficou em pé diante de sua irmã por um momento, e depois, tranqüila e maliciosamente, cuspiu sobre seu corpo estendido. Logo se voltou e saiu da choça, para se perder no anoitecer.

Horrorizada, Imona correu para uma jarra e molhou um trapo limpo. Kat se levantou, chorando, e afastou Imona quando a mulher loira tentou aplicar o tecido em seu nariz sangrante.

—Você! - Ela choramingou. - É tudo culpa sua. Ele não teria perdido a mão se não tivesse casado contigo e ido ajudar esse inútil de seu irmão.

— Kat se voltou para seu marido. - Você não é um homem. Nem sequer defende sua esposa...

—Cale-se. - Falou Imona, apertando o trapo contra o nariz de sua cunhada.

—Por tudo o que é sagrado, Kat! — Gritou Dê.
- Não vejo que isto seja culpa de alguém. Imona

não cortou a mão de Leão. César o fez, e ninguém empurrou Leão com uma lança para lhe obrigar a se unir a revolta. Ele fez isso voluntariamente, esperando ganhar glória e botas de cano longo. Bom, pois não conseguiu. E quanto às crianças, ninguém pode predizer como rolarão os jogo de dados. Pelo que posso ver, estamos fazendo tudo o que podemos e seus gritos e espetadas só pioram as coisas.

Imona jogou para trás a cabeça de Kat para deter a hemorragia.

O lobo se afastou da parede da cabana. Bem, os lobos também têm suas disputas, pensou, mas não são tão amargas e nem tão duradouras.

Ele observou Leão vagando através dos campos que rodeavam a casa, e logo entre as árvores. O escuro bosque não era seguro, não para lobos da alcatéia de Maeniel, mas porque também era a morada de ursos, lince e os mais perigosos de todos, javalis selvagens. Com a cabeça alta e as orelhas erguidas, o lobo cinza contemplou como ele se afastava. Deveria ter mais cuidado, mas ninguém o incomodará, ele pensou. Ele leva consigo o aroma da tumba. Eu não o atacaria. Por que outro atacaria?

Ao longe, a alcatéia se levantou, iniciando sua canção noturna. Um prateado resplendor lunar

coroou os picos cobertos de neve. As vozes lhe chamavam ao dever. Ele sentiu uma estranha emoção, tão estranha que lhe custou um momento identificá-la e se dar conta que era piedade. Compadecia-se de Imona, presa naquela pestilenta casa durante a noite, enquanto ele era livre para vagar prazerosamente à luz da lua e sob as estrelas.

Dryas despertou antes do amanhecer, ainda com a sensação de estar sendo observada. Elevou o olhar para as estrelas. Seu povo tinha estudado os céus durante quatro mil anos. Sabia que em alguns momentos o sol seria um resplendor no horizonte oriental. Afastou de um lado a pele de urso, ficou em pé e começou a caminhar ao longo do riacho que atravessava o prado. Ao chegar ao margem, a água caía formando uma pequena cascata até outra concha de granito, alimentando um lago.

Era como se alguém tivesse disposto guardas: framboesas e amoras se misturavam em espinhosa abundância. A margem, as largas e retorcidas trepadeiras careciam de folhas, mas mostravam grande abundância de frutos: negros, azuis, vermelhos e do púrpura escuro de um manto imperial.

Ela recordou as palavras da moça. Ninguém as come. Ninguém pode forçar o passo entre as

trepadeiras.

Dryas começou a se despir. Primeiro a blusa, logo a saia dividida, o cinto do peito e o tecido de linho branco que protegia seu sexo.

Desceu segurando-se nas pedras que desciam para o lago. A sensação da água tensionou seus músculos e lhe alvoroçou o cabelo, fazendo com que se estendesse por suas costas.

A sensação não foi de frio, mas de calor. A água estava quente. Em algum lugar próximo, um manancial de águas termais devia se misturar com o arroio. Aquilo explicava também os frutos e a abundante vegetação em torno do lago: devia fazer calor tanto no inverno como no verão.

Seus dedos se meteram entre o musgo enquanto descia. Momentos depois ela estava metida na água até os quadris, tomando o café da manhã com os frutos que reluziam como jóias sobre grossas fortificações negras. Surpreendeu-se desfrutando de sua doçura.

A luz aumentou a seu redor, cada vez mais brilhante, até que ela pode ver que as trepadeiras eram só um fino embora perigoso anel interior. Mais à frente, uma arvoredo de fresnos e marmeleiros bordeava a água. A succulenta fruta amarela dos marmeleiros inclinava os ramos ainda

verdes por volta do chão e os vermelhos frutas de fresno reluziam como brasas contra o céu azul da manhã. As vegetações aquáticas do lago faziam que o fundo parecesse de sedoso veludo.

A doçura das frutas era tão embriagador como o hidromel. Pareceu-lhe que não poderia se fartar delas, embora as pegasse e comia tão rápido como era possível. Estirou-se para alcançar um galho coberto de frutos tão negros que brilhavam com reflexos azulados. A vegetação sob seus pés era tão escorregadia, como suave.

Em um momento, sua mente foi invadida pela visão de uma mulher com seu cabelo e sua face esmagando o crânio contra o lado rochoso do lago. Seu sangue era uma mancha vermelho na água até que a cascata a levou, deixando o corpo pálido e sangrado para que afundasse no coração azul do lago e desaparecesse em uma pilha de ossos brancos.

O pânico fez com que se firmasse uma grossa trepadeira. Os espinhos morderam sua carne, mas ela agüentou a dor até recuperar o equilíbrio. Deu-se conta de que estava respirando pesadamente... De fato, estava em estertores. Depois de se afiançar sobre a rocha, ela soltou a trepadeira e lavou a mão. Como em sua visão, o sangue formou uma mancha

vermelha, para se diluir depois na água cristalina, deixando as feridas dos espinhos, furiosos cortes vermelhos e brancos em sua pele.

A luz já era brilhante além das trepadeiras, os marmeleiros e os fresnos. O bosque se estendia em uma sucessão tronco pálido, com solo atapetado de folhas douradas.

Dryas era bela. Não tinha pensado naquela beleza durante anos. Mas se pudesse pegar o lobo, as suaves superfícies que lhe tinha outorgado a natureza seriam por fim úteis para alguém.

Naquele momento, ela voltou a sentir uns olhos sobre ela. Ergueu-se, retorcendo seu comprido cabelo negro entre as mãos para sair da água. Seus braços elevados fizeram elevar seus pequenos seios, cones perfeitos coroados por mamilos rosa, enquanto seus olhos procuravam discretamente algum indício do espião.

Nada. Nada que ela pudesse ver. A luz era mais forte e a água formava uma pálida e ondulante cortina azul que caía do alto, tecendo um encaixe de espuma no lago.

Por um momento, só por um momento, a água marcou a silhueta de um corpo feminino, como se houvesse uma mulher invisível sob a cascata.

O fôlego de Dryas ficou preso em sua garganta e a ilusão, se de uma ilusão se tratasse, desvaneceu. E ela notou as orelhas sobre uma saliência de rocha perto do alto da cascata. Duas orelhas pontiagudas, erguidas como se seu dono estivesse absorto na observação de algo.

Sim, tinha acudido. Mas Dryas recordou a silhueta feminina que tinha parecido ver. Algo, ela pensou, alguém não quer que eu tenha êxito.

Chegaram os romanos...

Ela estava no alto da colina, colhendo linho com uma foice de ferro. Ele se estendeu sobre a barriga, à sombra de um pinheiro quebrado. Era o final do verão e a tosca túnica protegia sua pele humana da vegetação seca.

Imona elevou os feixos de linho, jogando-os sobre rochas expostas ao sol, onde se secariam e ficariam preparados para o enriamiento. Logo ficou em pé, com foice em mão, olhando para baixo. Limpou o suor da testa e sacudiu o cabelo úmido e pregado ao pescoço, as têmporas e a testa.

O lobo viu como mudava seu rosto.

— Não. - Sussurrou ela, deixando cair à foice.

Ele reagiu sem pensar. Ficou em pé em um instante e passou um enorme braço em torno da cintura, lhe cobrindo a boca com o outro para que

não pudesse gritar.

Três soldados e um oficial da cavalaria ligeira de César cavalgavam para a granja. O lobo não sabia naquele momento, mas o oficial era vago e descuidado. Os soldados levavam armas, mas tinham deixado seus escudos e couraças. Depois deles ia uma carreta guiada por uma mulher das que seguiam às tropas.

Kat e sua mãe estavam trabalhando no pátio da granja. Os soldados deixaram de lado as mulheres e começaram a roubar o celeiro, enchendo sacos improvisados com os tecidos e roupas que encontraram.

Imona mordeu o braço de Maeniel. Ele a ignorou, mas moveu o braço para trás até lhe colocar a mão sobre a boca. A mulher se debateu, lançando-lhe chutes.

Leão saiu, avançando até o tear de Imona, onde ficou ereto e em silêncio. Dê chegou rapidamente, mas se deteve o chegar junto a sua mulher, sem fazer nenhum intento de se opor aos recém chegados.

Quando os soldados terminaram de carregar o grão, começaram a perseguir os animais, prendendo as galinhas e patos pelas patas e jogando-os na carreta.

Imona deixou de lutar. Maeniel lhe tirou a mão da boca.

– Cale-se. – Ele lhe disse. – Ou a deixarei sem sentido. Não pode fazer nada por eles. Se correr para lá, só conseguirá se colocar em perigo.

Um dos soldados se aproximou do chiqueiro. Uma porca estava amamentando seus leitões. O soldado saltou a paliçada e pegou dois deles, retrocedendo enquanto a porca ficava em pé para proteger seus filhos.

Os romanos riram ao ver o soldado, com um leitão sob cada braço, saindo do chiqueiro, com a porca atrás de si. Mas as risadas se converteram em exclamações de assombro quando a cerda investiu contra a paliçada, estilhaçando-a. O soldado apertou o passo. A porca era realmente perigosa.

Os outros dois soldados se desdobraram para os lados, com suas lanças preparadas.

O primeiro falhou seu ataque. O segundo correu para a porca, mas o animal era muito rápido para ele e a lança escorregou inofensiva sobre suas costelas.

O oficial, ainda montado, lançou um selvagem juramento e saltou no chão.

Naquele momento, o soldado que levava os leitões olhou para trás, o que o fez tropeçar e cair.

Os leitões saltaram chiados quase humanos de medo e dor, ao sair voando.

A porca era uma maligna fera enorme, com um focinho grande e espumante cheio de dentes capazes de infligir uma ferida fatal em questão de segundos.

O oficial ficou entre a porca e o soldado. Levava um pilum, a lança de batalha romana, com uma ponta de três pés de aço unida a uma haste de madeira.

A lança se enterrou no peito do animal. O oficial teve que se ajoelhar por causa do impacto, mas se manteve firme enquanto a porca seguia avançando, empalando-se, até chegar à haste de madeira. Ali se deteve. Embora o oficial fosse forte, o peso da porca lhe tinha feito retroceder vários metros. O animal estremeceu, soltou uma rajada de sangue pela boca e começou a dobrar as patas.

Maeniel foi o único que viu Leão se mover e não entendeu o porquê. O marido de Imona permaneceu atrás do tear, com o oficial lhe dando as costas. Leão deu um passo para diante, tirou a curta espada romana de sua bainha e em um abrir e fechar de olhos, cravou-a nas costas do oficial.

O mundo ficou paralisado por um instante, uma imagem congelada. Todos fitaram Leão com

incrédulo horror. Então o pátio se sumiu no caos.

O oficial gritou. Um grito tão cheio de agonia que arrepiou a pele de Maeniel. O haste da lança caiu de sua mão enquanto ele tentava alcançar o pomo da espada que se sobressaía de seu corpo.

Talvez Imona tenha gritado também, mas se o fez Maeniel nunca chegou a selembrar. Todos os outros sons ficaram afogados pelos gritos procedentes da granja.

O soldado que ainda tinha sua lança, atravessou com ela o corpo de Leão. Dê tentou defender sua esposa e sua sogra:

— Corram! — Ele gritou, empurrando-as.

O soldado que tinha jogado sua lança estava ainda com sua espada, que saiu de sua bainha em um instante. Dê era um granjeiro, não um soldado. Tudo o que tinha era uma picareta que tinha estado usando para arrancar as ervas daninhas. A espada do soldado arrancou-a de sua mão a ferramenta, feriu o braço que a elevava e cravou em seu peito, abrindo passo entre as costelas e perfurando seu pulmão. Dê caiu com as mãos sobre o ferimento do peito enquanto seu coração esvaziava o corpo de seu sangue.

A anciã tentou correr, mas caiu a poucos passos. Kat podia correr, e o fez, mas na direção

equivocada. Em vez de correr para a ladeira da colina e se esconder entre as árvores, fugiu para campo aberto, perseguida por dois dos soldados.

A mulher que acompanhava os soldados e guiava a carreta desceu de um salto, correndo para a mãe de Kat, que tentava se levantar. A mulher lhe rompeu a cabeça com uma pedra e depois ajudou ao outro soldado a crucificar Leão sobre a árvore da entrada, cuja sombra estava o tear de Imona. Ele ainda estava vivo e se debateu lançando chutes enquanto o soldado sujeitava seu corpo e a mulher lhe atravessava as mãos com duas facas que tinha tirado da granja. A lança perfurava ainda seu corpo, e a parte dianteira de sua túnica estava molhada em sangue.

Os outros dois soldados voltaram, arrastando Kat por um braço.

Maeniel não sabia com certeza se o oficial romano estava inconsciente ou morto. Embora não reagiu quando a mulher arrancou a espada de seu corpo. Ela tirou uma faca para cortar tiras da túnica de linho do homem e começou a lhe enfaixar. O lobo decidiu que ele não podia estar morto.

Quando começaram ouvir gritos dentro da casa, a mulher elevou o olhar com expressão de desgosto.

Imona começou a se debater novamente.

— Kat! Meu Deus, Kat! Eles a têm na casa.

— E o que vai fazer? — Sussurrou Maeniel. -
Lhes oferecer alguém mais com quem se divertir?

A mulher que acompanhava os soldados se aproximou de uma pequena fogueira que ardia em um canto na entrada. Pegou um galho aceso e começou a aplicá-lo no telhado de palha. Em alguns momentos, o fogo começou a se estender.

Os frenéticos gritos de Kat se interromperam e os soldados saíram da casa apressadamente, tossindo e com os olhos irritados pela fumaça.

— Pedaco de merda! - Gritou um deles a mulher. - Ainda não acabamos com ela.

— Irmão de porco e pai de cão, isso é você -
Respondeu ela. - Meu amo só está ferido: se Lucius morrer aqui, será sua culpa. Juro! Farei com que o açoitem se ele morrer, porque quero ver se são capazes de foder essa porca até matá-la. Subam na carreta, agora! Há *físicos* no acampamento!

Os três soldados permaneceram indecisos na porta da casa.

Maeniel ficou em pé e começou a correr colina abaixo. O sol do meio-dia lhe queimava-çhe o rosto e os braços. Só contava com o pobre amparo de sua túnica esfarrapada. Seguiu, desdenhando as

espetadas dos espinhos e os arbustos e a pedras cravando nas plantas de seus pés.

Quando chegou a granja, os soldados estavam carregando o oficial na carreta. O sangue do homem se filtrava pelos sacos de grão.

Tentando tranquilizar seus nervosos cavalos, os soldados dirigiram um olhar apreensivo a Maeniel quando ele saltou de entre os arbustos, gritando. A mulher do carro golpeou os cavalos que puxavam a carreta. Um dos romanos fez ameaça de retroceder e enfrentar Maeniel, mas a mulher gritou, lhe amaldiçoando tão rudemente que o soldado se voltou para seguir a carreta em seu caminho para o vale.

O fogo se estendeu por toda a casa. O telhado estava ardendo e as chamas começavam a se estender para as paredes.

Kat jazia nua no centro da casa, com o corpo ensangüentado. Feixes de palha ardendo caíam a seu redor. As vigas de madeira que suportavam o teto estavam em chamas.

Maeniel teve o tempo justo de levantar a mulher e tirá-la dali enquanto o teto começava a ceder. Saiu no mesmo momento em que uma das paredes vinha abaixo e o telhado caía no chão como um palheiro em chamas.

Imona o tinha seguido até a granja e se ajoelhou junto a sua cunhada.

Maeniel olhou ao seu redor. Kat estava sangrando, inconsciente e maltratada, mas seguia respirando. Os outros estavam além de toda ajuda.

Dê jazia sobre um flanco, com o peito e o braço ferido sob seu corpo. Tinha um aspecto extranhamente tranqüilo. Se não fosse por sua palidez, poderia pensar que estivesse dormindo.

A cabeça da anciã era uma massa de sangue e miolos. As moscas se apinhavam sob calor do meio-dia, enchendo o ar com seu furioso zumbido.

Leão conservava sua expressão indiferente no rosto. Tinha a cabeça caída sobre o ombro, com os olhos abertos. O que fosse que tinha encontrado na morte e na vingança, não parecia ter lhe alterado.

Imona soluçava, embalando a cabeça de Kat em seu colo. Maeniel permaneceu em pé, escutando os sons dos romanos, em sua retirada para a fortaleza do vale.

Imona levantou o olhar para Leão e começou a lhe amaldiçoar incoerentemente.

Uma ligeira brisa refrescou a pele de Maeniel. A tília no qual haviam crucificado Leão estava em flor. O forte aroma quase conseguia ocultar o mau cheiro de sangue e fogo do ar. O tear, derrubado em

algum momento da luta, jazia aos pés da árvore... E o sangue de Leão gotejava sobre o mais belo tecido de sua esposa.

Imona gritou, levantando-se de um salto. Kat seguia inconsciente sobre o chão da entrada.

— Estão partindo! — Ela gritou.

O corpo de Maeniel se enrijeceu, pela surpresa.

Imona correu para ele, lhe segurando pelos braços, e começou a sacudi-lo.

— Tem que apanhá-los> Pegá-los e acabar com eles. Se voltarem para acampamento romano e contarem o que aconteceu, destruirão a todos. — Ela arranhou as bochechas, lamentando-se horivelmente. - Seja o que for, homem ou fera, vá e mate-os.

Maeniel se separou dela, horrorizado por sua histeria e sua ferocidade.

Imona se abaixou para pegar uma pedra da fogueira. A pedra voou para o rosto de Maeniel, lhe abrindo um corte no rosto.

Ainda atônito, ele levou os dedos ao ferimento, comprovando que Imona lhe tinha tirado sangue. Outra pedra lhe acertou a testa e uma terceira nas costelas.

Ele se voltou e correu, seguindo a rota que

havam tomado os romanos em sua retirada. Não teve que correr durante muito tempo. Um soldado ficou para trás, para cobrir a fuga de seus companheiros. Como lobo, Maeniel era perigoso, mas como homem resultava mais torpe que um pato. O caminho tinha um escarpado de um lado e um terreno baixo rochoso do outro.

O pilum do romano golpeou Maeniel no esterno, deslizando por suas costelas e sem lhe ferir nos pulmões. Maeniel cambaleou para trás, até cair rolando pelo terreno baixo. Ficou imóvel no chão, de barriga para baixo.

O soldado não se incomodou em aproximar dele para assegurar de sua morte. Seria muito fácil que seu cavalo se rompesse uma pata, pensou. Além disso, um homem que teria sofrido tal queda não daria mais problemas em nenhum caso. Ele esporeou ao cavalo para se reunir com seus companheiros.

Capítulo 3

Dryas ouviu as vozes antes de chegar a cabana de Mir.

—Sabe que está viva e a quer de volta!

—Bom Deus! — A segunda voz era a de Mir. - É que não compreende em que condições está? Não tem feito o bastante...

Dryas viu que um arbusto se agitava a poucos metros de distância. Moveu a mão para o punho de sua espada, mas ao olhar mais de perto compreendeu que a moça casada com Mir estava escondida atrás dele. A luz do sol que se filtrava entre as árvores iluminava seus ombros e seu rosto. Ela se deu conta de que estava chorando em silêncio, pois as lágrimas corriam por seu rosto e seus olhos estavam desmesuradamente abertos.

—Lhe diga que está morta! — Gritou Mir.

—Não me acreditará! Sabe que não é verdade. E agora, onde ela está? Chame-a para que venha. E não me cause mais problemas, velho!

Depois de uns instantes de ruído, Mir saiu da cabana. O homem enorme que o empurrava o segurava pelo pescoço com a mão esquerda enquanto sustentava na direita um gladius, uma a

espada romana, contra suas costas.

— Advirto-o...

Mir se voltou e lhe cuspiu no rosto.

O outro golpeou o ancião na cabeça com o pomo de sua espada.

Mir caiu de joelhos, com um rastro de sangue descendo da maçã do rosto até a mandíbula. Parecia aturdido.

Dryas abriu a boca, horrorizada. Ninguém que conhecesse seria capaz de golpear um homem tão velho e venerável como Mir. Até estando furiosa com Blaze, sequer lhe tinha ocorrido a idéia de tocar o ancião. Os antigos membros da ordem de Mir eram capazes de deter guerras simplesmente entrando no campo de batalha para se interpor entre os combatentes, tal era o respeito que inspiravam.

Dryas não tinha visto ninguém empurrar nenhum deles e muito menos que o golpeasse como um escravo desobediente. Mesmo a moça demente parecia surpresa. Ela estalou os dedos para atrair a atenção da garota, que voltou seu rosto banhado em lágrimas para ela.

Fez-lhe sinais de que fugisse.

A garota obedeceu, primeiro escondida como um animal assustado e logo correndo rapidamente

para as árvores.

O desconhecido seguia gritando com Mir.

Dryas desembainhou sua espada e investiu para o casal. O homem que ameaçava Mir não se deu conta do perigo até que ela estava quase sobre eles. Quando a viu reagiu de forma assombrosa. Lançou um chiado mais próprio de uma mulher furiosa e ultrajada, que de um homem, e sua espada voou em uma direção enquanto ele corria em outra.

Por mais rápido que fosse Dryas era mais. Por outra parte, o homem se via freado em sua fuga, pelo fato de que enquanto gritava com toda a força de seus pulmões, parava para erguer toga e a túnica de forma que não se sujassem.

Ao chegar ao margem da clareira, o homem olhou para trás e viu Dryas a um passo de distância, com a espada em uma mão e seu manto enrolado em torno da outra.

O homem tinha uma árvore pela frente e fez uma imitação mais que passável de um esquilo aterrorizado. Dryas acreditou notar que ele usava as unhas para alcançar os galhos mais baixos. A partir daí, seguiu subindo como se se tratasse de uma escada.

Por desgraça para ele, em algum momento do passado, uma tempestade havia quebrado a copa da

árvore e os galhos mais altos estava a uns seis metros do chão. Então ele deteve sua ascensão e começou a imitar um cão uivando para a lua.

Dryas embainhou sua espada e contemplou o desconhecido. Mir chegou junto a ela um segundo mais tarde, secando o rosto. Estava com um feio corte junto à sobrancelha esquerda, mas seus olhos estavam limpos e sua mão firme. O homem da árvore seguia gritando.

— Firminius! — Gritou Mir. - Cale-se!

— Firminius? — Perguntou Dryas. - É romano?

— Algo assim - Disse o ancião. - Mais ou menos. Um pouco... De vez em quando.

Mir se abaixou para pegar um pedregulho, lançando-o com grande precisão contra a cabeça de Firminius, que emudeceu, na metade de seu uivo.

— Eu disse que se cale!

Firminius guardou silêncio. Olhou bem para Dryas e esteve a ponto de cair da árvore.

— Pelos deuses! É uma mulher! Oh, céus, ela é uma dessas mulheres. Por Zeus, por Apolo, por Minerva, pelas Três Graças e as Nove Musas... Ela é uma dessas mulheres! Mir, você tem que me vender isso em seguida. Agora. Agora mesmo! Causará sensação em Roma. Eles a adorarão. De verdade,

elas lutam nuas? Diga-me que lutam nuas. Você lutará nua? Diga-me que sim, por favor. Oh, céus, uma Amazona. Uma autêntica Amazona viva!

Mir gemeu brandamente, apoiando a testa sobre o tronco da árvore.

Firminius ficou em pé sobre o galho e começou a gritar:

— Socorro! Socorro!

Dryas começou a subir atrás dele imediatamente. Não sabia de quem ele estava chamando, sequer se havia alguém que pudesse ouvi-lo, mas não podia correr o risco.

Firminius a viu subir e correu até o final do galho para saltar cegamente, de modo muito similar a um nadador que mergulharia na água. Seu corpo se estrelou sobre os galhos baixos de um pequeno pinheiro, chocou-se logo com uma peireira e derrubou um espinheiro bastante atraente e aterrisou ruidosamente sobre um monte de folhas secas. As folhas se elevaram em meio de uma nuvem de pó e cobriram Firminius ao cair novamente. Ele ficou quieto.

Firminius precisou ser levado até a cabana de Mir. Os dois haviam sentido se aliviados em lhe ouvir gemer.

— É bastante excitável. - Explicou Mir. - Mas

não pretendia me fazer mal.

Dryas grunhiu uma resposta que conseguia combinar certo desagrado ante a tarefa de carregar Firminius e cepticismo ante o testemunho de Mir sobre seu bom coração.

No interior da cabana, com Firminius bebendo uma poção de ervas, Mir lhe deixou claras algumas coisas. Não podia vender Dryas pela simples razão de que não era seu dono. Por outra parte, sua esposa não podia ser enviada a Roma. Estava muito doente.

—Digo-te que esse homem me aterroriza. Me aterroriza por completo. - Gemeu Firminius. - Me aterra inclusive quando está a milhares e milhares de milhas de distância, pulando com essa zorra bruxa ptolomea da Cleopatra. E ali é onde ele está agora. Pelo menos é onde acredito que está. E me acreditem, queridos, ela não deixará que um amante como César se escorra por entre seus dedos de ouro. Podem estar seguros. Claro que estão nisso dia e noite..., Nas flores, no leito, nos divãs... Nos banheiros! Em todas partes! Simplesmente em todas as partes!

Dryas pensou que Firminius parecia um tanto invejoso.

O romano ergueu sua tigela de barro para

Mir, para que ele voltasse a enchê-la.

— O que leva isto? Não... Não me diga isso. De todas as formas, não entenderia. Seguro que só conseguiria me assustar e rechaçar o resto. É delicioso e relaxante e minha dor de cabeça desapareceu quase de tudo. Não posso lhe agradecer isso o bastante.

Mir voltou a encher o tigela.

Dryas começava a acreditar que havia sido transferido a dor de cabeça de Firminius.

— Agora me diga outra vez, Firminius. De quem estamos falando? — Perguntou Mir.

— De César, é obvio - Respondeu Firminius, piscando umas quantas vezes. Os olhos dele estavam um pouco frágeis.

— Por que quer minha esposa?

— Oh! Eu não disse?

— Não.

— Bom, ela é aparentada com esse horrível e peludo sujeito. O da Britania. Cunov... Ou algo assim. Pensa que...

— Quem pensa? — Inquiriu Mir.

— César, claro. Pensa que quando voltar do este terá que fazer algo com a Britania... Já sabe, conquistá-la.

— Não - Disse Dryas enquanto caminhava de

um lado a outro pela cabana. - Não, não posso deixar que aconteça. César já esteve na Britania, e não pode imaginar a devastação que deixou a seu passo.

—Oh, não posso? — Replicou Mir amargamente.

—Deve morrer! — Exclamou Dryas.

Estavam sozinhos. Firminius tinha partido em um liteira de corda uns momentos antes. A poção de Mir tivera um completo êxito.

—Querida, querida... — Sussurrou brandamente o ancião. - Se consegue imaginar uma forma de conseguir isso, estarei muito agradecido. Mas até agora não consegui idear nenhum plano que assegure sua queda. Como diz Firminius, ele está muito longe e é muito poderoso. Nós estamos aqui e somos muito fracos. Mate o caçador da noite por mim e logo vá para casa e avise sua gente. Não podemos fazer mais nada.

Dryas ficou quieta, olhando para fora, através da porta. Talvez houvesse uma forma.

—O que acontecerá com Firminius?

—Nada. - Disse Mir. - Dormirá quatro ou cinco horas e depois despertará e provavelmente desfrutará de um estupendo jantar servido por seus escravos. Quanto a minha esposa, não fará nada.

Preso entre a bigorna e o martelo, já encontrará uma forma de enganar o martelo. Mas ele se mostrou surpreendentemente sincero em seu interesse por ti. Tome cuidado. Não vai querer terminar sua carreira no mercador de escravos de Roma. Venderiam-na como gladiadora. Alguns pagariam muito dinheiro por uma novidade assim. Eles adoram as novidades. E você não sobreviveria muito tempo, mas bem pouco.

O lobo homem passou várias horas estendido no terreno lá embaixo, entrando e saindo da consciência. O sol no alto do céu mantinha o lobo à raia. Ele lutava para despertar de tudo e mudar, acossado pelo temor de que o soldado voltasse para lhe matar.

Enquanto dormia, ele sonhou. Estava estendido em uma praia e uma enorme onda se abatia sobre ele. Pareceu deter no alto e logo caiu, rodeand-o de espuma, lhe arrastando para o mar. Era homem, flutuando sem fôlego na água verde jade, logo lobo, com a pelagem molhada... Afogando-se, com os olhos muito abertos, as mandíbulas mordendo desesperadamente o ar e a luz sobre ele.

A segunda onda o elevou, lhe permitindo respirar. A terceira o fez cair sobre a praia, em um

desarrumado monte de pelos.

Entrou em um sonho mais profundo para se encontrar vagando pelas montanhas. No alto, duas tormentas, uma procedente do norte e a outra do oeste, uniram-se sobre um vale verde. Da alta rocha sobre a qual se encontrava, o lobo podia vê-las, como uma procissão de sombrios sacerdotes vestidos de cinza, movendo-se acima dos vales, com as cristas coroadas com árvores retorcidas e as altas cúpulas cobertas de gelo e neve.

As duas tormentas formavam uma V, com a base no vale e a parte superior alinhada com as brancas nuvens que pareciam montanhas de ar e luz, de uma pureza de alabastro que nenhuma montanha terrestre poderia alcançar jamais. Ao longe, entre os espirais da tormenta os pássaros vagavam pela clareira céu azul.

De repente, Maeniel sentiu que a consciência de si mesmo, o pensamento e o conhecimento se contraíam em algo tão fino e tênue, que podia passar pelo buraco de uma agulha ou moldar-se em um cristal sempre mutante, com suas facetas resplandecendo ao sol.

Possuía asas e era uma águia. Com as asas desdobradas, ele voava em círculos, sulcando as riachos, acima no céu tormentoso.

O seu eu desvaneceu, igual seu pensamento. Uma interminável alegria encheu sua mente e ele entrou em uma beleza tão velha como o mundo. Uma simplicidade pura, a existência era todo o requerido em um mundo sem fim. Que assim fosse.

As lembranças do lobo eram antigas, mas os da águia eram muito mais. Sobrevoou crédulo em um mundo no qual coníferas de troncos dez vezes mais grossos e três vezes mais altos que a maior árvore que teria visto algum pássaro dominava os penhascos, soltando raízes que partiam a pedra e sujeitavam os troncos como garras gigantes. Estavam curiosamente nus, com pequenas abacaxis e milhares de pequenas folhas como penugem. Guardavam seu lugar sobre úmidos desfiladeiros sem flores e vales oprimidos por um verde resplendor nos quais lutavam os monstros, rugindo sob um dossel de samambaias.

Maeniel sentiu novamente o estranho medo e se afastou, ao parecer a imortal consciência que era muito, muito mais velho que o mundo.

Despertou quando as sombras se acumulavam no terreno. Seguia sendo um homem, mas à medida que a consciência se estendia por seu cérebro, a forma de lobo lhe cobriu como um grosso manto.

Ergueu-se sobre pernas trêmulas. Uma

considerável quantidade de seu próprio sangue tinha ficado sobre as rochas, mas descobriu que o lobo estava ileso.

Subiu de volta ao caminho com facilidade. Durante o dia, o verão se aferrava as montanhas, mas ao cair à noite a temperatura baixava e um penetrante frio flutuava no ar.

Embora o sol houvesse desaparecido, o céu continuava brilhando. Uma profunda confusão alterou o lobo. Sentiu, não, ele soube que tinha sido arrastado para aqueles loucos assuntos humanos, mais profundamente do que teria querido.

Correu de volta a granja: à medida que o céu escurecia, a lua parecia se tornar mais brilhante. Era a única luz que restava quando alcançou as estruturas consumidas pelo fogo.

Uma tênue coluna de fumaça se elevava DAS brasas ainda resplandecentes. Os campos de grão se agitavam e sussurravam ao vento da noite. Não haviam queimado, talvez não fossem combustíveis ainda, já que ainda não estavam amadurecidos e preparados para a colheita.

Imona e Kat, as sobreviventes haviam partido. Seu olfato lhe disse que Kat estava ferida, mas viva, quando a levaram. Uma aglomeração de distintos aromas lhe revelou que outros haviam chegado

para prestar ajuda depois que ele se fora. As ruínas tinham sido registradas e algo útil que pudesse ser resgatado havia desaparecido.

Só restava uma vítima. Leão, preso à árvore com facas. À luz da lua, seus olhos ainda abertos brilhavam com uma feia imitação de vida. Ao observá-lo mais de perto, o lobo notou que as pupilas estavam invadidas pelo véu da morte. O tear e o tecido de Imona jaziam a seus pés.

Ao longe, o lobo ouviu a chamada noturna de sua alcatéia. Estavam famintos. Umas poucas noites atrás haviam matado um alce e embora o festim tivesse sido abundante, só restava um crânio roído, alguns poucos ossos e restos de pele. A fome dos lobos voltava a se fazer ouvir.

Maeniel permaneceu em silêncio enquanto a chamada alcançava um tom mais alto, cada lobo acrescentando seu próprio uivo, uma ultraterrena identificação à mensagem que cruzava o frio ar.

Ouviu em silêncio. Os campos de trigo abandonados sussurravam sua vã mensagem de uma frutífera colheita... Uma colheita que ninguém poderia recolher. Nas boscosas colinas, o bulbos chamavam uns aos outros. Os últimos rescaldos da casa queimada brilhavam na noite antes de morrer. A árvore suportava sua fruta de carniça. Os pés

estavam a pouca distância do chão. Por que desperdiçar aquilo?

Ele elevou o focinho para uivar para o céu prateado pela lua.

Capítulo 4

Imona tinha sido consciente de seu destino quando ouviu os gritos de Kat. A forma em que estava sendo tratada o deixava tudo claro. O resgate se pudesse dizer assim chegou poucos momentos depois de que os romanos desaparecessem pelo caminho.

Alertados pela fumaça, os vizinhos correram para ajudar no possível. Quando descobriram o ocorrido, ficaram presos no pânico. A guarnição romana estaria encantada em se vingar rudemente. Amaldiçoaram Leão, cuspiram sobre seu corpo e o deixaram onde estava.

Estavam discutindo sobre a conveniência de matar Kat e Imona quando chegou Mir. O ancião colocou um pouco de calma no processo. Fez com que os vivos e os mortos fossem transladados a praça forte não romana mais próxima, e enviou mensagens em todas as direções.

Os romanos da guarnição do vale demoraram dois dias para saber do ocorrido. Quando começaram a partir, queimaram todas as granjas e mataram toda a gente de Mir que puderam pegar. Por sorte, Mir não era nenhum néscio e tinha

preparado os seu para o ataque. A maioria escapou para os bosques. Naqueles lugares onde a última colheita do verão pôde ser recolhida. Em outros, os aldeãos ocultaram reservas de comida em lugares ocultos dos romanos.

Quando começaram a cair as primeiras neves, as cortes romanas tiveram que retroceder, para se preparar para o inverno, uma estação selvagem inclusive na região comparativamente resguardada daquela guarnição.

A tormenta da cólera romana passou e o povo de Mir sobreviveu... Pelo menos em sua maior parte.

Então, Imona já estava segura de seu destino. Kat estava vivendo com a família de seu marido e Imona sabia, por seus carcereiros que ela dormia com o rosto contra a parede e chorava quase todo o tempo. A única vez que Kat visitou sua prisão amaldiçoou-a vigorosamente e tentou lhe arranhar a face. Imona se alegrou quando a levaram.

O Oppidum era bem pequeno. Todos os centros de população grandes e importantes tinham sido devastados durante a conquista de César. Era como todos outros, um forte no alto de uma colina com um pequeno assentamento que acolhia as grandes reuniões que tinham lugar quando a

população rural e dispersa se encontrava para fazer seus negócios. Estava situado à margem do poder romano nos Alpes. A população fixa era relativamente pequena. Talvez não estivesse em poder dos romanos, mas havia conseguido invadir o lugar e queimá-lo pelo menos uma vez.

Imona estava confinada no que tinha sido antigamente um abrigo para tecer, que albergava as escravas cativas de outras tribos, que trabalhavam ali. As janelas eram estreitas ranhuras, mas muito numerosas por causa da necessidade de luz dos bichos-tesouras. As paredes quase pareciam barrotes de uma cela. A estadia era como uma prisão, ninguém podia sair. Havia um orifício no teto deixava sair a fumaça.

Em algum momento de sua viagem ao Oppidum, Imona tinha recebido uma solta túnica de algodão. Mais tarde, durante a noite, alguém lhe tinha dado um grosso manto de lã. Ela havia vestido os objetos e estava junto ao fogo quando Mir entrou pela porta.

Quando entrou o ancião, ela ficou em pé e se aproximou dele. Ele estava vestido com as roupas rituais, uma túnica branca e uma estranha coroa, um círculo de prata decorado com aves douradas. As aves se sobressaíam da coroa, cada uma em suas

próprias áreas, de forma que se moviam e pareciam voar a cada giro da cabeça de Mir. Também usava um grande cinto de couro que segurava uma espada em forma de foice. A parte fora da espada reluzia com a formosa pátina verde do bronze velho. Uma procissão de figuras, como uma incrustação de prata, percorria a margem fora. A curva interior da foice estava afiada como uma lâmina.

Na mão direita ele segurava um papel e na esquerda um colar dourado com arremates em forma de cabeça de leão. Sem dizer uma palavra, ele entregou o papel a Imona, que o abriu e começou a ler.

Querida filha, espero que esta carta te encontre bem.

As lágrimas encheram seus olhos quando reconheceu a letra de seu pai.

Querida filha, espero que esta carta te encontre bem.

Uma razão pela qual espero é que as notícias que devo te dar não são boas. Amanhã enfrentaremos César. Já perdemos uma batalha contra ele e temo minha filha, que ele também nos derrotará na próxima. Nossos navios mercantes não são rivais para seus trirremes, mas devemos lutar. É melhor para um homem morrer rapidamente na batalha que ver destruído todos que ama.

Não duvido que ele escreva a seus amigos no Senado de Roma dizendo que eu, o rei dos vénetos, não lhe deixei outra opção. É obvio, será mentira. Ofereci-lhe a rendição completa, reféns, tributo e todo o meu ouro, se ele respeitasse meu povo. Ele só nos ofereceu sobreviver como escravos, para o proveito dos ambiciosos comerciantes que o seguem a toda parte.

Ante tais termos de rendição, o conselho tribal votou por lutar. Fizemos o possível por enviar todas as mulheres e crianças que pudemos para Albion, a Ilha Branca do outro lado do mar. Suas irmãs e filhas partiram para lá com nossos aliados. Sua mãe, para minha grande dor, negou-se a partir, dizendo que encontraria o mundo muito vazio sem mim. Mas te envia seu amor e esta lembrança de honra.

Digo-te novamente que temo nossa derrota. Como está acostumado a dizer, sequer o melhor marinheiro pode ter êxito sem o vento e a maré. E agora estão com os romanos. Partimos para a derrota, mas se recorde minha filha, que o vento muda e a maré baixa. Por desgrça, isso não acontecerá em nossa vida. Até sempre e te cuide.

Imona guardou silêncio por um momento. Os dois podiam ouvir os gritos das crianças brincando lá fora. Ela dobrou a carta e a guardou entre seus seios.

Mir lhe deu o colar, mas ela não pegou.

— Quanto tempo me ocultou isto, Mir?

— Durante anos. - Admitiu Mir tristemente. - Já faz anos que morreram. Mas ao ver que ainda tinha esperança e uma possibilidade de ser feliz entre nós, acreditei que embora Leão não se recuperasse n poderia viver sua própria vida. E durante muito tempo desfrutou de certa paz e a esperança; embora fosse fraca, teve um papel nisso, não teve?

— Acredito que sim. - Disse ela em tom apagado.

Fora, alguém chamou as crianças que brincavam em um idioma com vozes mais guturais que sibilantes. E Imona se lembrou de onde estava. Expulsa para sempre, inclusive do pobre lugar que tinha ocupado entre a gente de Mir.

Uma voz feminina ordenou severamente às crianças que se afastassem da cela e de sua sombria hóspede ou seriam consumidos pelo poder que espreitava ali dentro.

— Como eles morreram? — Perguntou Imona.

— Ela tomou veneno. Ele usou sua espada, como corresponde a um guerreiro, sacrificando-se para que seu poder se transmitisse aos sobreviventes de seu povo e pudessem atravessar a vida de escravidão que lhes esperava e chegar a um

novo amanhecer.

Ela pegou o colar.

— Você se ocupará de que eu receba trigo e aveia para que possa preparar minha comida diária e um fogo para estar quente durante a noite?

— Sim, mas aqui é mais provável que encontre pão de centeio e cerveja de cevada.

— Arrumarei-me. - Sussurrou ela.

— É o último e o melhor que temos. Todas as grandes famílias desapareceram e os deuses nunca enviarão a majestade a um povo desonrado.

Imona colocou o colar em torno do pescoço.

— Se isso é o que teme Mir, farei o quanto puder.

Ela se voltou e caminhou. Quando voltou a olhar para trás, Mir havia partido. Ela soube então que só o veria uma vez mais e que seria a última para os dois. Talvez mesmo o último que veriam seus olhos antes de morrer.

Dryas havia voltado a dormir no prado da montanha. O caminho era rápido e singelo para ela. Ao entrar na clareira próxima a cabana de Mir, descobriu que o ancião voltava a ter convidados. Suspirou ao reconhecer Firminius, mas se sentiu aliviada ao notar que ele estava muito mais tranquilo. Havia outro homem sentado junto a ele,

desfrutando da estupenda manhã. Era um jovem alto, loiro e bonito, vestido com roupas de caça. Usava túnica e as meias de um cavaleiro. Dois cavalos pastavam perto de uma árvore. A esbelta égua cinza de longas patas, com uma sela elaboradamente acolchoada pertencia obviamente a Firminius. O outro cavalo, negro e robusto, de grandes ossos e com uma sela de couro, devia ser do caçador.

E a caça havia sido proveitosa. Meia dúzia de lebres estava em uma um galho de uma árvore, junto a um veado ainda novo. Todos os animais tinham sido expertamente esfolados e despojados de suas vísceras.

Mir e seus dois visitantes falavam em voz baixa quando Dryas se aproximou silenciosamente.

O caçador foi o primeiro a vê-la. Dryas sentiu que seu olhar se cravava nela antes que o jovem desse o menor sinal de ter notado sua presença.

Letal, pensou Dryas. Havia uma mente muito aguda sob aquela cascata de cabelo dourado. Também tomou nota da meia dúzia de leves dardos presos a sela do cavalo negro.

Então Firminius a viu.

— Oh! — Gritou ele em tom agudo. - Aí está. É ela.

O caçador assentiu.

—Sei. Pensei que seria ao notar como ela andava entre as árvores

—Fulvia! - Disse Firminius, dando uma cotovelada em seu companheiro. - Tem a vista mais aguda que a maioria dos homens. Ah, que soldado teria sido.

Fulvia! Pensou Dryas. Uma mulher! Sua imagem mental de um jovem se rabiscou como a água mansa agitada pela brisa. Sim, uma mulher. O suave contorno dos seios, os quadris muito largos e a suave pele de seu rosto revelavam que era uma mulher. Então, somos todos criaturas da ilusão, ela pensou.

A caçadora era bela, de cintura esbelta, costas eretas, seios pesados e tez de pêssego. Também era a mulher mais alta que Dryas já havia visto. Embora não lhe sobrasse nada de carne, não teria mais que setenta e cinco quilos. Dryas não era pequena, mas aquela mulher era bem mais alta.

Mir, Firminius e Fulvia estavam reunidos em torno de uma baixa mesa de metal quase perdida na vegetação. Fulvia se aproximou de Dryas e lhe tocou o ombro.

—Perseguiu Firminius até uma árvore, não? —riu.

—Não considero uma grande vitória. -
Replicou Dryas. - Normalmente não sou tão agressiva, mas ele não devia ter ameaçado Mir.

Os dedos do ancião acariciaram o machucado de sua têmpora.

—Uma Amazona. - Disse a caçadora. - ele me prometeu uma Amazona de verdade. Mas não sabemos quão boa é, certo? — Ela perguntou enquanto se voltava para Mir. - Apostaria, e bastante forte, que qualquer gladiador de Roma a faria cair de traseiro do chão ou de costas, no estalar dos dedos.

Fulvia acompanhou suas palavras com um gesto dos dedos.

Dryas sorriu. Sabia que se tratava de uma isca.

—Talvez. - Disse ela enquanto arqueava uma sobrancelha e seus lábios se curvavam em um sorriso. - Mas isso dependeria do resto que tivesse. Além de uma espada, quero dizer. O combate até a morte não é a única modalidade. Nem sequer é o esporte de contato que oferece maior diversão.

Fulvia riu estrondosamente.

Firminius parecia ultrajado.

—Estupendo, mas não espere de mim que a domestique. É certo que seria uma novidade, mas quanto duraria? Não pode me dizer que essa

mulher, que não é muito grande, vá ser um desafio para os esplêndidos assassinos que Roma tem. Além disso, o lanista ficará louco se eu aparecer com uma mulher. Completamente louco.

—Fará o que eu lhe digo – Respondeu Fulvia.

- Nem mais nem menos. Eu gostaria de ver se tem possibilidades.

Dryas inclinou a cabeça educadamente. Pelos deuses, que arrogantes eram. É como se acreditassem que o mundo existisse para seu deleite e que devíamos estar agradecidos por nos deixar satisfazer seus desejos.

Fulvia se aproximou de seu cavalo e pegou dois dardos.

—Posso arregar uma lança mais longe que muitos homens. Vejamos como faz você. — Ela sopesou um dos dardos em sua mão direita. - Vê aquele abedul ali? — Ela perguntou assinalando uma esbelta árvore perto da margem da clareira. Sua casca brilhava cinza e prata sob o sol da manhã.

A árvore estava a quase trinta metros de distância. A lança voou até cravar em seu tronco. O abedul estremeceu, soltando uma chuva de folhas verdes e pardas sobre a vegetação.

Dryas equilibrou a lança, abrindo sua palma e comprovando o peso. A ponta caiu apenas umas

polegadas. Uma arma esplêndida, ela pensou.

Fulvia a contemplava com olho crítico.

A mente de Dryas se centrou no dardo que seguia cravado no tronco. Seus pés se separaram enquanto ela adotava a postura adequada. Sua mão se moveu pela haste, procurando o ponto de equilíbrio. Quando sentiu que o havia encontrado, deixou que a arma voasse.

O dardo descreveu um arco mais pronunciado que o de Fulvia. Ao baixar, sua cabeça em forma de folha cravou profundamente no tronco, um pouco por cima da primeira lança.

— Impressionante! — Exclamou Fulvia. - Eu adoraria caçar contigo. Sua lança cravou mais que a minha. Se fosse um alce ou um cervo, já estaria agonizando. Mas agora devo ver sua habilidade com as espadas.

— Só se forem de madeira - Disse Dryas, desatando sua espada enquanto falava.

— Mir, - disse Fulvia em tom autoritário, - você tem espadas de madeira?

Mir se levantou e entrou na cabana.

Fulvia, pensou Dryas, é completamente indiferente à dor alheia. Sua auto-suficiência é tal que a crueldade é um ato refletivo.

Mir saiu novamente com uma meia dúzia de

espadas de madeira, que deixou cair sobre a mesa.

Fulvia escolheu uma arma curta e larga, de forma muito parecida com o gladio hispano usado pelos legionários.

Dryas estudou as demais espadas e no final se decidiu por outra mais longa.

Fulvia começou a passar à espada de uma mão a outra.

Ela vai tentar algum truque que acha inteligente, penrou Dryas. Decidiu se concentrar em evitar os acidentes. Retrocedeu, afastando-se dos dois homens sentados à mesa e se encontrou em terreno baixo. Estava na área descia para o arroio. Fulvia foi atrás dela e Dryas sentiu um toque de medo. Estava segura de que a mulher queria lhe fazer mal, embora não soubesse o porquê. Agressividade natural? Desejos de humilhar Firminius, que havia elogiado sua habilidade? Ou simplesmente a pura e fria necessidade de dominar, que Dryas tinha visto em tantos homens e mulheres?

Sofrer um ferimento era uma possibilidade muito real. Embora as espadas fossem de madeira, podiam servir como paus: um golpe dado por um braço tão poderoso como o de Fulvia podia infligir uma dolorosa lesão ou mesmo romper um osso.

Dryas sentiu que devia colocar um rápido fim a tudo aquilo.

Fulvia lançou a espada no ar por cima de sua cabeça. A arma começou a cair, girando e a pegou entrechocando as mãos.

— Que mão, pequena caçadora? — Ela gritou.
- Esquerda ou direita?

Dryas segurou bem sua espada de madeira. Sim, é aproximadamente do mesmo tamanho e peso que a espada leve que uso, ela pensou.

Fulvia pegou a espada com a mão esquerda e quase no mesmo instante, lançou um golpe contra o braço esquerdo de Dryas.

Foi uma formosa manobra, que teria conseguido acabar com um oponente inferior, pensou Dryas. Mas enquanto formava aquele apreciativo pensamento, contra-atacou, deixando-se cair sobre um joelho, de forma que a espada passasse inofensiva acima de sua cabeça. Em seguida golpeou para cima. Forte, mas não muito. Embora Fulvia não se preocupasse com ferimentos que podia causar, ela sim.

A ponta da espada acertou Fulvia no abdômen, de um lado das costelas. O ar saiu do corpo dela com um audível suspiro. O giro de Fulvia fazia com que a espada de Dryas se cravasse

em seu abdômen com mais força que pretendia. A mulher caiu no chão, sem fôlego e completamente incapacitada.

O rosto de Mir se manteve inexpressivo, mas os cantos de seus lábios torceram para cima.

Firminius rompeu a rir loucamente. Estirou o braço com o polegar para baixo, gritando:

— Recebeu o seu. Corte-lhe a garganta, pequena Amazona.

Dryas se perguntou do que ele estaria falando, pois não reconheceu a forma em que o povo romano condenava um gladiador derrotado. Baixou sua espada e se afastou, mas sem tirar o olho de Fulvia. Estava muito bem adestrada para se aproximar de um inimigo caído, por mais ligeiramente que tivesse entrado em combate, antes de se assegurar de suas condições físicas e emocionais.

Por alguns momentos, tudo o que pôde comunicar Fulvia foi sua dor. Logo, a vergonha, a mortificação e o aborrecimento, mas não a raiva e por fim uma espécie de admiração foi aparecendo em seu rosto.

Dryas se perguntou se teria cometido um engano ao derrotar a mulher romana. Se a tivesse deixado ganhar, Fulvia a teria deixado de lado como um ser sem importância, mas agora...

A romana ficou em pé algo vacilante. Lançou um olhar venenoso a Firminius, que seguia gargalhando.

— Isso, - ela disse quando conseguiu recuperar o fôlego, - foi um magnífico golpe.

— Obrigada. - Respondeu Dryas, inclinando a cabeça em sinal de respeito. Logo voltou a deixar a espada de madeira na mesa.

— É muito, muito boa.

Dryas voltou a inclinar a cabeça.

— É que passei a vida praticando. Comecei aos seis anos.

— Tão jovem... Assombroso! — Contribuiu Firminius. - Acredito que te equivocava com o ludus, querida. De fato, eu adoraria vê-la ante seu lanista. — Firminus lambeu os lábios com evidente diversão.

Dryas ficou quieta, disposta a fugir. Não tinha idéia de que um ludus fosse simplesmente a escola onde se adestrava os escravos para convertê-los em gladiadores, nem que o lanista era o diretor de tal escola e o instrutor de luta. Só compreendeu a escura advertência nos olhos de Mir.

— Tem algo para escrever? — Perguntou-lhe.

O ancião ficou em pé e voltou dali a um momento com uma tabuleta de cera e um estilo.

Dryas escreveu sua lista na tabuleta, devolvendo a Mir. Depois se voltou para seu cavalo, que estava sob as árvores.

— Espere. - Chamou Fulvia. - Não vá, desfrute desta formosa manhã conosco.

— Sinto muito, minha senhora, mas devo partir. Tenho assuntos a resolver.

Dryas saiu a trote da granja de Mir, afastando-se pelo caminho.

Fulvia esfregou o flanco, rilhando os dentes e em voz baixa, enviou Dryas a reunir com as Fúrias.

— Dryas é perigosa. - Disse Mir.

A mulher assentiu e o ancião viu a luxúria brilhando em seus olhos.

O lobo se agitou no interior da caverna. Fora, o sol estava alto. Havia passado a manhã dormindo. As nuvens se amontoavam sobre o passo. O lobo elevou a cabeça, ligeiramente confuso ao cheirar a chuva no vento, da mesma forma que a primeira vez que tomou a mulher perto dos restos da avalanche. Elevou a cabeça, farejando, convencido de que ela estava fora da caverna, mas então compreendeu que o aroma procedia dos farrapos de um velho manto que Imona havia deixado tempo atrás junto à entrada. O vento o agitara, levando seu aroma.

Como lobo, ele deu umas rápidas voltas sem se mover do lugar e voltou a dormir. Havia passado a noite procurando-a, seguindo o rastro de quem a tinha levado, através das montanhas e para um território desconhecido para ele. Só havia se detido para se alimentar de uns patos descuidados, que surpreendeu dormindo à beira de um lago. Devorou o primeiro tão rapidamente que ele não chegou a despertar. O segundo só pôde abrir os olhos e começar a desdobrar suas asas antes que ele lhe rompesse o pescoço.

O resto do bando se agitou em um tumulto de asas e chamadas de alarme, em uma daquelas situações nas quais a capacidade de um lobo para comer rapidamente era um fator de salvação. Havia matado no território de outra alcatéia e sabia que a conduta dos patos sobreviventes alertaria os outros lobos de sua presença. Mas engoliu sua comida e seguiu a marcha com tanta presteza que os lobos só encontraram rastros quando chegaram para investigar as causas do alarme noturno dos patos. Já havia atravessado o vale quando a lua desceu e chegou a um escuro e espesso bosque quando os uivos de sua própria alcatéia o chamaram para casa.

Ele despertou com o ruído de um trovão. Uma baforada de vento entrou na caverna, formando um

pequeno redemoinho sobre o pó do solo. O vento era frio e o lobo compreendeu que o enganosamente agradável clima do outono estava terminando.

Sentiu a tentação de se agasalhar com o manto de Imona, mas o impediu uma detestável dor no fundo de seu coração. Então se retirou para o fundo da caverna, enroscando-se novamente em um oco bem resguardado. Colocou a espessa cauda sobre o focinho e dormiu novamente.

Ele soubera quando voltou com sua alcatéia, que nunca a encontraria. Pela primeira vez em sua vida, havia sentido uma guerra em sua própria alma enquanto lutava com idéias e conceitos que o cérebro de um lobo não estava preparado para compreender.

Já tinha quebrantado um antigo tabu chamando à alcatéia para que se alimentasse de restos humanos. Não que não houvesse lobos que o fizessem, eles e as aves de rapina eram habituais cariniceiros dos campos de batalha desde o começo dos tempos, mas não as alcatéias poderosas e independentes como a sua. Deixavam aquela conduta aos devoradores de lixo que rondavam perto das moradas humanas e dependiam pela metade de seus refugos... O ocasional cadáver não enterrado ou os proscritos doentes e despreparados

que podiam ser mortos impunemente.

Sua espécie estava acostumada topar com a agressão humana quando enfrentava jovens guerreiros desejosos de provar sua dignidade em combate singular com o lobo mais forte que pudessem encontrar. Às vezes os humanos ganhavam e se afastavam do campo de batalha levando uma pele de lobo, com a cara e a mandíbula superior como capuz na cabeça, com as patas dianteiras sobre os ombros. Em outras ocasiões eram os lobos que se afastavam, às vezes lambendo as feridas e outras não.

Ele e seus camaradas conheciam os humanos desde muito tempo atrás, quando ambas as espécies caçavam juntas. Através das planícies glaciais, o verão era uma estação muito breve e o inverno uma dura orlália de dez meses. O povo do fogo caçava suas presas com lanças de madeira, com pontas de facas de pedra. Caçavam em grupos como os lobos e todas as demais criaturas, inclusive o urso gigante, temiam-nos.

Sua espécie os enfrentou em incontáveis ocassios, bandos nômades de humanos armados com pedras e dardos. Os humanos eram desumanos com todas as criaturas, inclusive entre eles.

Um macho que não fosse o bastante forte para

caçar com o resto dos guerreiros morria em sua primeira prova. Uma mulher que não fosse o bastante forte para dar a luz e depois levantar e seguir o bando era abandonada aos numerosos carniceiros oportunistas que rondavam pela tundra. Sim, ele e sua espécie tinham aprendido a temer os humanos muito tempo atrás, como todas as demais criaturas.

Os humanos tinham mudado pouco, após. Tornaram-se mais preparados e preguiçosos, mas sua crueldade era a mesma. Ele sentiu medo por Imona.

A lei da alcatéia dizia que não devia abandonar os seus, mas sua voz interior insistia em que Imona era tão importante para ele como a alcatéia e merecia que ele se preocupasse com ela, tanto como por seus companheiros.

Ele resolveu o problema sendo fiel a ambas as posturas. Já tinha chegado o outono e os animais selvagens desciam das montanhas de forma muito parecida com a dos os pastores levavam seus rebanhos para os vales para passar o inverno.

Incontáveis animais se transladavam. O lobo deu uma breve cabeçada ao voltar com seus companheiros à alvorada. No meio da manhã estava acordado, com o resto da alcatéia o seguindo

irritadamente.

Ele viu sua oportunidade em algum momento avançado da tarde. Os carneiros estavam em plena migração. As pequenas criaturas similares a antílopes das montanhas mais altas e escarpadas caíam muito poucas vezes em poder dos lobos. Eram grandes corredoras, capazes de se mover por superfícies onde só se aninhavam os falcões e os predadores mais ágeis ficavam atrás. Mas ali estava procurando novos pastos, ao sentir chegar o inverno, como seus primos maiores.

Os machos sem companheiras estavam em um grupo afastado das fêmeas e suas crias. Deviam ser uns dez, reunidos sobre uma saliência pronunciada e coberta de arbustos que pareciam brotar diretamente da rocha. Sob eles a neve cobria a instável superfície deixada pelas avalanches do ano anterior. Era uma armadilha mortal, se o lobo tivesse visto alguma, mas se quisesse encontrar Imona teria que alimentar à alcatéia.

Os carneiros estavam tão tranqüilos a respeito de sua segurança, que ignoraram ao lobo quando ele começou a descer. Alguns poucos levantaram as cabeças, estudaram-lhe e voltaram a sua busca de ervas secas e o ocasional broto verde entre os arbustos invernais.

Quando ele saltou, mesmo os outros lobos pensaram que estava louco. Ficaram assombrados por sua perda de sensatez, pois a demência não é algo que costuma afetar os lobos.

Os carneiros correram. Os mais ágeis chegaram a parte mais escarpada da ladeira, mas um bom pouco deles aterrissaram sobre a neve.

Bastante, pensou o lobo.

Aquela saliência não era tão pronunciada como a superior, mas de toda forma estava profundamente inclinada para a ravina que dominava o vale. Se tivesse sido mais avançado o inverno, a neve estaria mais congelada, suportando as patas dos leves animais. Se tivesse sido mais logo, os carneiros teriam conseguido se manter firmes sobre a rocha. Mas era a época justa do ano, para o desastre.

A neve se acumulou sobre uma camada de lama congelada e cedeu, arrastando carneiros, lobos e pedras soltas em um torvelinho branco, enviando a todos pelo ar, sobre a queda de cem metros até o vale.

O terror primitivo para todos, inclusive para os animais, é a queda. Mas também é rápido. O medo apagou todo o traçado de pensamento da mente do lobo e então ele golpeou o solo.

Capítulo 5

Fulvia voltou para sua vila com Firminius, para desfrutar da leve colação que constituía o almoço romano. Comeu em pé, a sombra de uma colunata aberta que marcava a divisão entre os luxuosos aposentos da proprietária de um lado e a granja de outro.

A colunata tinha portas corrediças que podiam ficar fechadas ao longo da margem de fora, isolando aquele mundo privado de riqueza e comodidades, das penalidades e moléstias, mas no momento estavam abertas. Fulvia observava seus homens esquartejar o cervo.

Firminius estava sentado com as costas para o poeirento pátio, contemplando o magnífico peristilo, o pátio central da residência da senhora.

— Não entendo como pode olhar isso enquanto come. Feche as portas, rogo-lhe.

Fulvia pegou um cacho de uvas de mesa, de profunda cor púrpura. Estava com os lábios manchados por seu suco.

— Não me incomoda.

— Pode ser que não a incomode, mas arruína por completo meu apetite. - Gemeu Firminius.

—Uma esplêndida presa, irmã minha, mas a razão por que estamos vendo isto me escapa por completo. — Quem tinha falado era um esbelto e pálido jovem que se sentava um pouco afastado, sobre uma cadeira de madeira cheia de almofadas e equipada com varas, para seu transporte. Ele se inclinava retorcidamente sobre as almofadas. Seu rosto e seu corpo estavam a sombra, mas o sol da tarde tocava um de seus pés calçados com sandálias.

—Estou me assegurando de que não danifiquem a carne. - Explicou Fulvia. - E não o farão se souberem o que lhes convém. Esse macho estava em perfeitas condições, pois foi engordado com os frutos do outono. Estou convencida de que ele se fartou de endrinas, amoras e maçãs silvestres. Morreu quase imediatamente. Eu não gosto das caçadas longas, quando quero comer bem. Matei-o só com um dardo, quando ele estava comendo plantas aquáticas. Quero estar segura de que o esfolem e o esquartejam bem e de que a carne fique pendurada em um lugar afastado do calor e da umidade. E, enquanto meu olho estiver sobre eles, sei que farão um bom trabalho.

—Naturalmente. - Disse Firminius enquanto se servia de vinho branco, de uma jarra de cristal. - Provavelmente se valorizam a vida.

— Não sei o que dizer de suas vidas, mas suas peles... Certamente. — Suspirou o jovem, da cadeira.

Os homens do pátio terminaram com sua sangrenta tarefa. O cervo erado um animal bastante grande e eles partiram com as peças de carne sobre os ombros, para a mais próxima das estruturas de teto de palha.

Firminius fez um gesto a um servente, que se aproximou para fechar as grandes portas. A estadia ficou nas sombras. O criado se situou junto a Firminius e lhe falou em voz baixa antes de ir.

Fulvia se sentou em uma cadeira próxima e se serviu de um pouco de vinho e uma fatia de pão com queijo.

— Estou convencida, - ela disse, - de que o queijo do leite das vacas alimentadas nestes altos prados alpinos é superior à carne. Uma comida com este queijo é mais satisfatória que o porco assado O...

Dois homens entraram na casa. Um era o servente vestido de escuro que havia fechado as portas e guiava a outro, um homem menor, pelo braço e com curta corrente presa a um colar de ferro. Deteve-se em frente à Firminius.

— Aqui está. - Ele disse sem mais preâmbulos

ou explicações.

— Não parece grande coisa. - Repôs Firminius entreabrindo os olhos. A brilhante luz do peristilo entrava por trás dos dois homens, invadindo as sombras da estadia.

Fulvia ficou em pé para abrir dois painéis de madeira das portas e uma suave luz alagou o lugar.

— Segue sem parecer.

E assim era. Tratava-se de um homem de baixa estatura. Usava curto o encaracolado cabelo escuro, possuía grandes olhos pardos e complexão olivácea, como se tivesse passado muito tempo ao sol. Seu corpo, pequeno e compacto não era tão musculoso para ser o de um atleta ou um trabalhador de serviços pesados. A expressão de seu rosto tampouco ajudava muito. Parecia angustiado, temeroso e um tanto perdido.

— O que estou olhando? — Perguntou Fulvia a Firminius. O homem da cadeira parecia ter se recostado para tirar uma sesta. Estava com a cabeça afundada sobre o peito e de olhos fechados.

— É o novo físico de seu irmão!

— O que? Isso? - Disse ela, fazendo um violento gesto para o homenzinho com seu enorme braço. Era quase tão alta como ele... Sem se levantar da cadeira.

Os olhos do homem da cadeira se abriram novamente.

O objeto daquele escrutínio pareceu mais assustado se fosse possível.

—Você me diz, - Firminius cravava o dedo sobre o braço de sua cadeira a cada palavra, para enfatizar sua irritação, - que dê ordens a meu agente no Cos de comprar o melhor físico grego. Insiste em que não economize em gastos e compre o melhor que há. Todo mundo sabe que os físicos gregos são os melhores e que o envie logo porque está muito insatisfeita com Hippos, por que ele não cura seu irmão e suas tarifas são exorbitantes. Além disso, não é o bastante atento e se queixa até tremer o telhado. E gasta. Os deuses saberão quanto dinheiro. Não é nenhuma trapça, verá! Dizem que ele tem uma grande reputação onde estudou e praticou a medicina. E agora sequer recorda o quanto me importunou! Poderia chorar. Eu vou chorar. Não basta com que me tenha preso a esta repulsiva terra bárbara, cheia de bárbaros repulsivos, onde minha delicada sensibilidade se vê ofendida diariamente por suas miseráveis grosserias, e sequer tem o bom sentido de recordar as ordens que me deu em primeiro lugar.

Fulvia elevou as mãos.

—De acordo, de acordo. Juro ante todos os deuses que lamento e me desculpo. Sinto muito. Agora se tranqüilize, por favor.

—A verdadeira razão de seu descontente com Hippos é que ele te dava poucas esperanças de sobrevivência para mim. - Interveio o jovem.

Firminius sufocou um soluço. Tirou um lenço de renda da manga de sua túnica e começou a secar os olhos.

Fulvia se levantou de um salto, avermelhada e com um olhar assassino nos olhos. Voltou-se para o homem da cadeia.

—Cale-se, Lucius. Hippos é um cretino presumido e ambicioso. Não o queria nem para cuidar de um cão que gostasse. No melhor dos casos, ele é um incompetente e no pior um praticante de magia negra e um abortista...

—Sim... Bem. - Disse Lucius. - E a serviço das melhores famílias de Roma. Perguntava-me quando você se daria conta.

—Muito bem. Está de acordo então na necessidade de outro médico? — Perguntou Fulvia. - A forma em que se apegava a esse ridículo... Faz com que me assuste procurar um físico de mais habilidade.

—Se apegava a ele, - grunhiu Firminius,

irritado, - porque podia subornar o bastardo para que fizesse tudo o que lhe pedisse.

—É isso verdade? — A voz de Fulvia teria conseguido serrar uma coluna de mármore.

—Mais ou menos. - Admitiu Lucius, um tanto envergonhado.

—Muito bem. - Vaiou ela assinalando o homem preso pelo servente. - Agora tem um novo físico e é sua única responsabilidade. Ouviu? - Ela disse olhando o escravo. - E você, fracote, mais te vale ser tão bom como dizem, porque o dia em que meu irmão morrer o farei crucificar.

O homem empalideceu.

—Não fará nada disso. - Rugiu Lucius, erguendo-se na cadeira.

Fulvia retrocedeu momentaneamente, afetada pelo tom de Lucius. Era a velha autoridade do o chefe da família, da casa, com poder de vida e morte sobre mulheres, crianças e escravos.

—Fulvia, nunca me opus a você, porque não tenho nem a vontade nem a energia para tanto, mas não ficarei aqui sentado enquanto aterroriza alguém que pode ter algum dia minha vida em suas mãos. Ouve-me?

Os olhos de Fulvia encontraram os chamejantes de seu irmão.

— Então está disposto a aceitar outro físico.

— Sim, se a tranqüiliza e aja como uma mulher sensata. Farei o que você queira.

Fulvia respirou fundo e voltou seu frio olhar para o escravo, que se encolheu visivelmente.

— Muito bem. Tirem-lhe esse colar do pescoço. Meu irmão, deixo-o aqui com ele para que se conheçam. Agora, Firminius, como estava dizendo, acredito que estes queijos são superiores tanto em sabor como em conservação. Pelo menos, espero, pois comprei dez montes.

— Dez montes! — Gritou Firminius. - Acaso está louca, mulher? Perdeu o sentido ou está possuída por algum espírito maligno? Tem um comprador em Roma?

— Certamente, tenho. — Fulvia pegou um punhado de azeitonas negras especiais e caminhou para a porta. - Inclusive tenho o dinheiro em depósito com um banqueiro do Foro. Como os enviamos, por mar ou por terra?

— Por mar, por mar. Uma longa viagem por terra consumiria a maior parte dos benefícios da venda. A estação está bastante avançada, mas...

Suas vozes se perderam enquanto entravam no peristilo e começavam a passear junto ao lago ornamental.

A corrente se desprende ruídosamente do pescoço do homem.

—Sente-se. - Disse Lucius, assinalando a cadeira que Firminius acabava de abandonar.

O servente fez com que o homenzinho se sentasse, com tanta energia que ele soltou um gemido chiado de angústia.

Lucius suspirou, despedindo o servente com um gesto da mão.

—Deixe-nos.

O homem vacilou.

—Vá! - Disse Lucius. Quando o criado obedeceu, ele voltou sua atenção para seu novo físico.

Ele estava sentado e alerta, lhe observando. Tinha as mãos apoiadas sobre a mesa. Estavam tremendo.

—Por favor, se sirva um pouco de vinho. A jarra de prata contém um falerno passável e a de cristal um branco bastante agradável, daqui perto. Qualquer dos dois poderá te reconfortar. Tremem-lhe as mãos.

—Não, meu senhor. - Disse o homenzinho, falando pela primeira vez. - Não são as mãos o que me treme, mas todo o corpo.

Lucius sorriu de repente, parecendo muito

menos imponente.

— Minha irmã tem esse efeito sobre as pessoas, mas não se preocupe. Estou acostumado a frustrar seus pequenos planos quando desejo. Assegurarei-me de que nunca se concretize a ameaça que fez. Agora, me diga, você tem algum nome que goste de colocar em meu conhecimento?

— Fio, meu senhor. - Respondeu escravo, servindo vinho.

— Muito bem, Fio. Na breve conversa sobre suas origens, antes que começassem todos os gritos, acredito que Firminius mencionou que havia nascido livre.

Fio assentiu com o nariz na taça.

— O que o levou então ao maior mercador de escravos do mundo? Descobri que geralmente se deve a três motivos: dívidas, captura na guerra ou política.

Fio pensou um momento.

— Política. - Ele disse. - Mas não por minhas posturas, mas sim pelas de meu pai.

— Ahhh... - Disse Lucius.

— Assim é, meu senhor. Minha família era de classe e riqueza média, em minha cidade natal. Aos dezesseis anos, converti-me em aprendiz de um físico e minha irmã em aprendiz de bicho-tesoura

aos quatorze anos. Por desgraça, e digo por desgraça, porque assim resultou, tivemos um extraordinário êxito. Aos vinte anos, minha irmã tinha já sua própria loja, e eu era um dos físicos mais populares da cidade. A nova riqueza deu a meu pai tempo livre para meter em política.

— Escolheu o lado errado? — Perguntou Lucius.

— Oh, sim, meu senhor. Como qualquer queda, a de minha família foi vertiginosa. Logo me aconteceu... Foi que me encontrava no mercador de escravos do Cos e que o agente de Firminius estava olhando meus dentes. Embora o que tivessem a ver com outra coisa, escapa a meu entendimento.

— Bem, de todas as razões pelas quais pode cair um homem, acredito que a política é a que mais eu gosto. Significa que não tem uma excessiva devoção a vícios mais molestos, como mulheres, jogos de dados ou o vinho. Não obstante, poderia ser dado a intriga.

Fio sacudiu a cabeça.

— Não, não tenho experiência em nada disso. Se imaginasse o que estava acontecendo, teria tomado providências em relação a meu pai e não me encontraria nesta situação.

— Esplêndido! Ouça então meu conselho.

Mantenha-se afastado de minha irmã Fulvia. É uma das poucas pessoas que conheci cuja mordida é mais perigosa que seu latido. E quando lhe esgotam as idéias cruéis, dissimuladas e traiçoeiras, esse pequeno cogumelo venenoso do Firminius lhe proporciona em seguida material fresco, para ela seguir com sua carreira de crimes.

Fio parecia surpreso.

— É sua irmã e atribuí suas ameaças a cólera ante o físico que o deu por condenado as Sombras, em uma idade tão nova. Depois, ela o ama.

Lucius soltou uma risinho.

— Não sei se me ama ou só quer um herdeiro masculino para a fortuna familiar. A lei romana favorece os homens. Neste momento, Fulvia intimida... Ou domina, suborna, assusta ou aterroriza, escolhe o que queira... A todos os irmãos de nosso pai, de forma que eles saltam assim que ela estala os dedos. Mas quem sabe o que acontecerá quando morrerem todos e sejam substituídos por pessoas menos maleáveis. Um precioso filho póstumo, a muitos anos de sua maturidade seria perfeito para ela. Poderia ser facilmente controlado por seus pedagogos e tutores até que ela decidisse sobre sua maioridade... Ou não.

— Soa detestável, meu senhor. — O

comentário de Fio soou cuidadosamente acolchoado.

—Ela segue enviando mulheres à minha casa. Por sorte ou por desgraça, não posso fazer nada com elas.

—Mmmh... — Fio procurou pela mesa encontrar um pouco de pão e um pedaço de queijo, que começou a comer imediatamente. - Mas, meu senhor, é consciente de seu dever para a família e seus antepassados.

—Não comece com isso. - Grunhiu Lucius. - Todas as semanas eu recebo uma lição sobre as máscaras mortuárias de nossa família.

Fio mudou de um lugar a outro um pouco de vinho, para ajudar a passar o pão e o queijo.

—Poderia ser esse rechaço ao sexo feminino, assunto de inclinação, meu senhor? — Ele perguntou delicadamente.

—Não. Tenho uma grande inclinação, mas também muita dor e fadiga. E não é preciso dizer meu senhor, a cada frase. Se pular isso de vez em quando, entenderei.

Fio seguiu observando a mesa até encontrar várias tabuletas de cera e um estilo.

—Crê que posso usá-las?

—Se não houver nada escrito, se sirva.

—Não há nada. — Fio pegou o estilo e colocou uma das tabuletas diante dele. - Agora, qual parece ser o problema?

Lucius suspirou profundamente.

—Pequeno grego, eu acredito que pode ser um muito bom físico. Faz coisa de um ano, eu era oficial da Quarta Legião Augusta, destinada perto daqui. Um dia me pus ao mando de um pelotão...

O lobo despertou entre as rochas aos pés de um escarpado. Sabia que estava muito ferido, talvez moribundo.

O mundo escureceu ao seu redor. As folhas e agulhas de pinheiro se acumulavam a seu lado. Homem ou lobo, ele sabia que aquilo não era possível. As árvores que o rodeavam e se abatiam sobre ele não cresciam naquelas alturas.

Ele se debateu, tentando se mover e a dor atingiu sua mente, arrastando todos os pensamentos em uma riacho vermelho. Ficou estendido e quieto e a dor pareceu ceder. Sabia que devia chamar a mudança ou morreria.

Abriu os olhos e voltou a contemplar as sombrias e ameaçadoras árvores. A escuridão aumentou. Mais à frente do bosque havia uma cascata. O lobo não podia ver de onde chegava a água, somente um pano de fundo branco, tão

brilhante que parecia iluminado de dentro, em um pálido resplendor frente à escuridão do bosque.

A espuma se elevava até grande altura, molhando o musgo e fazendo com que brilhasse como esculturas de esmeralda à luz.

O vento soprava fazendo gemer as velhas árvores... Em um som profundamente intemporal, que falava com locais da mente do lobo que o homem dificilmente entenderia.

—Voce pertence a mim. - Dizia. - Somos um só. Estivemos aqui durante anos antes que existisse o homem e estaremos durante anos depois que ele se for.

As árvores já estavam muito escuras e a cascata era uma cortina de luz. O vento soprou novamente e uma neblina de gotas cobriu o rosto do lobo, lhe cegando no momento. Ele se sentou como um homem.

Podia ver a si mesmo. Era como se estivesse separado da musculosa figura perfilada pela luz de prata, olhando por trás. Como humano, ele era impressionante. Cabelo curto, encaracolado e castanho. Pele morena. Um rosto transbordante de resolução. A figura de uma pessoa em sua primeira juventude.

A espuma voltou a lhe salpicar. O bosque

lançou seu antigo grito de posse terrena e o lobo despertou, sacudindo-se e ficando em pé entre os restos de uma velha avalanche. O escuro bosque e a cascata haviam desaparecido.

As presas que haviam procurado jaziam entre as rochas. Pelo menos uma dúzia de carneiros haviam caído na armadilha de neve. Era o bastante para alimentar a alcatéia durante uma semana.

Ele elevou o focinho ao céu e os chamou. O lobo se encontrava esfomeado. Como líder, correspondia-lhe escolher sua parte. Quando chegaram seus companheiros o encontraram se alimentando.

Havia esperado que o recebessem bem. A resposta mais habitual ao reaparecimento de um companheiro querido é saudá-lo, com focinhos se tocando, os beijos e o reconhecimento dos amigos e da família. Mas o lobo cinza ficou surpreso e decepcionado. Havia corrido riscos além do que podia esperar e a suspeita havia se despertado nos corações de outros lobos.

Ele se sentiu ofendido e depois indiferente. Seus pensamentos voaram para Imona e seu destino. Assim, quando chegou o crepúsculo, ele deixou a alcatéia adormecida, comendo a carne que havia conseguido para ela e atravessou a montanha.

Atravessou o território da outra alcatéia onde tinha matado os patos. A comida que tinha ingerido lhe permitia viajar longas distâncias sem necessidade de matar.

Quando deixou para trás os domínios da alcatéia vizinha, começou a procurar moradas humanas. A primeira que encontrou estava abandonada, e seu único ocupante era um irritado texugo que vivia nos restos de uma granja em ruínas. Os romanos a tinham queimado tempo atrás. Além do aroma do texugo, o lobo pôde detectar os tênues eflúvios do sangue e o fogo da batalha.

O texugo se elevou sobre suas patas traseiras, lhe desafiando. Os texugos são animais pequenos, mas duros e perigosos. Sequer os lobos brigam com eles sem um bom motivo. Maeniel partiu dali.

A luz brilhava no este e já quase havia amanhecido. O lobo encontrou um estreito suporte junto às árvores e se acomodou ali para dormir, com a espessa cauda sobre o focinho. Estava tão bem escondido que ninguém que passasse perto poderia vê-lo. Despertou ao anoitecer. As árvores eram como sentinelas marrons na névoa vespertina.

Seguiu viajando enquanto o dia se convertia em noite e a luz se desvanecia entre os pinheiros ao

seu redor. No alto, um céu embotado escurecia a lua e as estrelas. Os picos das montanhas mais altas reluziam cobertos de gelo.

Ele deixou para trás as árvores, movendo-se entre pendentes de rocha e prados de montanha cujos caules de vegetação truncados brilhavam sob o frio. Aqueles pastos estavam vazios e assim seguiriam até que os pastores voltassem a subir seus rebanhos na primavera.

A casa que havia deixado para trás era um buraco vazio e sem fogo, abandonado ao vento e com gelo começando a se formar nas paredes. Mas ela havia estado ali. Seu aroma era tênue na cabana, mas mais forte no celeiro e no curral, onde ainda havia um pouco de calor sob a palha úmida que estava cobrindo de cristais da geada.

O lobo desceu colina abaixo, seguindo os rebanhos levados aos pastos mais baixos, para escapar do gélido abraço do inverno nas alturas. Aquela granja era grande, quase como a vila no vale de Mir.

O clima ali não era tão balsâmico como no resguardado vale. As casas eram de pedra, com paredes cobertas de argamassa contra o frio. Os telhados eram altos, bicudos e com abundância de palha. O lobo se deteve, olhando para o grupo de

edifícios amontoados, como em busca de calor em seu nicho da montanha.

Os animais, vacas, ovelhas e cabras, agrupavam-se em pastos ou currais próximos das casas. Os cães ladravam nos pátios. Era o maior assentamento humano que ele já havia visto. Certo, a fortaleza romana do vale era maior, mas o lobo, consciente do destino da alcatéia das terras baixas, nunca tinha se incomodado em se aproximar.

O pelo de seu pescoço se arrepiou, e um grunhido começou a nascer em sua garganta.

Lá embaixo, um cão ladrou novamente e logo se uniu a ele um coro de ganidos e uivos. O vento arrepiou novamente a pele do pescoço do lobo. Soprava atrás dele, para as terras baixas, à medida que as altas agulhas de pedra desprendiam o calor do dia. O vento levava seu aroma aos cães.

O lobo cinza tinha uma opção. Voltar e esperar até que as luzes que vacilavam atrás das janelas de pergaminho da casa desaparecem e cães e homens dormissem. O vento amainaria e o ar ficaria tão quieto e silencioso como o brilho das estrelas no céu noturno. Então ele poderia sair sem ruído de seu esconderijo, movendo-se tão discretamente como um farrapo de névoa sobre as montanhas, investigar a granja e o celeiro e ir até a casa, para

descobrir se ela tinha estado ali.

Mas embora tivesse aprendido muito dos seres humanos, os que haviam conhecido não lhe tinham ensinado a virtude superior da paciência.

Ele ignorou ao lobo e deixou que o homem traçasse seu caminho. O lobo cinza se introduziu na espessura, para rodear a granja e se aproximar de cara com o vento.

A princípio teve êxito. Movendo-se discretamente pelo grande pátio aberto, passou junto a um curral de vacas sem alarmá-las. Muitas delas eram vacas leiteiras cujas crias haviam sido sacrificadas e seus corpos secavam no amargo outono, caídas de sua viagem das alturas e agradecidas por suas rações inverniais de feno e aveia.

As ovelhas eram outra coisa. Estavam desenvolvendo suas espessas pelagens de inverno e muitas eram mães de cordeiros um pouco crescidos, mais próximas a seus parentes selvagens que as estúpidas ovelhas domésticas.

Havia meia dúzia de cães acorrentados no pátio, incluindo dois que provocaram no lobo um instantâneo calafrio de terror. Eram duas feras gigantescas, com enormes dentes e mandíbulas. Ambos eram bem mais pesados que ele.

Uma das ovelhas deu ciência de sua presença. Era um cordeiro jovem de menos de um ano e não sabia o que era, então que se limitou a lhe fitar inexpressivamente do curral. Não obstante, despertou a mãe, que lançou um suave balido de alarme. As ovelhas começaram a se agitar incômodas no recinto.

O lobo se afastou delas, para um dos celeiros. Logo que entrou, soube que ela havia estado ali. O lugar estava impregnado de seu aroma. Mas aonde tinha ido depois?

Ouviu um ruído atrás dele e se se voltou. De forma rápida e silenciosa, seu corpo se apertou contra a palha, até ficar escondido e imóvel.

Havia uma mulher em pé na porta, protegendo uma vela com a mão. O vento estava a ponto de apagá-la. Toda sua atenção estava fixa em restaurar a saúde da pequena e vacilante chama. Uma vez dentro, a salvo do vento, a luz cintilou novamente, iluminando o celeiro.

— Aaah - Disse ela, alegre. Então viu a enorme forma cinza escondida sobre o feno.

Seu grito bastou para despertar todos os seres vivos em algumas milhas a volta. Os cavalos se agitaram nervosos, o gado se inquietou e as ovelhas iniciaram um coro de medo.

O lobo baixou a cauda e as orelhas e fugiu. Passou disparado junto à garota da porta e os currais do gado, como uma pedra de funda lançada para a noite.

Mas antes de se afastar do vespeiro que havia sacudido, ele ouviu o grito: Soltem Aos cães! O lobo assentou sua carreira, rápida, mas sem fugir aterrorizado, seguro de que poderia deixar para trás mesmo o cão mais poderoso. A crueldade não havia sido despertada ainda nele, que não conhecia suas próprias forças, mas tampouco entendia o que estava lhe perseguindo.

Eram cães de guerra, assassinos de homens, criados para ser soltos na batalha, para acossar e matar os inimigos em sua retirada ou para estender o caos em seus comboios.

O lobo cinza fugiu montanha acima, seguro de que o terreno enganoso e a altura cobrariam seu preço sobre os cães. Afinal eram criaturas propriedade do homem, preguiçosas e dependentes de seus amos.

Ele estava acostumado a fugas e perseguições. A natureza o adestrara desde dia de seu nascimento.

Mas ficou preso sem se dar conta, ao chegar ao alto da última elevação. Olhou para baixo,

observando uma paisagem rochosa que não oferecia possibilidades de fugir com rapidez. O terreno era enganoso. As nuvens que envolviam os picos haviam deixado sua umidade no largo pendente até o vale e essa umidade tinha começado a gelar. Seria como caminhar sobre cristal. O lobo se voltou para correr ao longo do escarpado. .

Os dois cães notaram que ele diminuía a velocidade. A sede de sangue os fez apertar o passo. Sabiam que ele estavam bem perto e experientes assassinos como eram, separaram-se para atacá-lo pelos dois lados.

O lobo viu que a vegetação aberta acabava em ponta, com um escarpado vertente de cada lado. Se os cães o apanhassem em terreno aberto, acabariam com ele. Poderia ter seguido correndo cegamente, para o gelado terreno rochoso onde os dois cães de guerra o teriam derrubado e desmembrado seu cadáver.

Mas o homem dentro dele falou. Palavras ressoaram em seu cérebro pela primeira vez. Pare, estúpido! Retroceda. Lembre-se o que é! Recorde o que sabe. O que aprendeu há muito tempo.

Ele se converteu trôpegamente em homem. Sua mão direita se movia como se tivesse vida própria, procurando a primeira vantagem que

conhecesse o cambaleante semimono de muito tempo atrás, a primeira vantagem outorgada pela escura e antiga mãe da vida a ele e a seus descendentes, para sempre. A arma.

Sua mão direita se fechou sobre uma pedra.

Os dois enormes cães chegaram, um pela esquerda e o outro pela direita. Ele se deixou cair sobre um joelho, com o braço esquerdo elevado para proteger o rosto.

O cão a sua esquerda passou a seu lado, escorregando sobre a vegetação cristalizada. As mandíbulas do segundo fecharam em torno de seu antebraço. Maeniel esperou ouvir o rangido dos ossos, mas se surpreendentemente que não chegou a se produzir. Compreendeu que não importava quão fortes fossem aqueles cães, nunca poderiam se igualar ao poder de um lobo forjado no mais feroz dos fogos: a sobrevivência.

Estrelou a pedra com todas suas forças contra o crânio do cão, que se estilhaçou como madeira podre. O animal soltou seu braço ao morrer.

Mas o outro cão havia recuperado já o equilíbrio e se lançava à carga.

Ele estava com a mão direita intumescida pelo golpe que havia matado ao cão. A pedra caiu de seus dedos insensíveis. Aguarde ele saltar.

Ordenou-lhe uma fria voz em seu cérebro.

Os quartos traseiros do cão abandonaram o solo. Maeniel, o homem, voltou-se, deixando cair sua perna sobre o lombo do animal. Manteve-a ali, firmemente, com um braço em torno de seu corpo e a mão esquerda enterrada em sua garganta. Seus dedos encontraram os delicados anéis cartilaginosos que formavam a traquéia... E os esmagaram.

O cão caiu no chão, agonizando e Maeniel, lobo novamente, desceu trabalhosamente pela ladeira para o escuro vale.

Fio se fez cargo da vida de Lucius, mas sem recorrer às ordens dadas a gritos e nem as desagradáveis intrusões. Lucius descobriu que seu novo escravo era um professor do tato, da sugestão e da indireta. Era amável, mas firme; educado, mas o bastante obstinado para dar lições a uma mula. E nem as ameaças, nem os rogos podiam distraí-lo de seus objetivos, tampouco o suborno ou a evasão, fosse discreta ou violenta.

A donzela de Lucius era Alia, uma mulher que havia lhe salvado a vida ao levá-lo rapidamente de volta ao acampamento romano. Também havia se convertido em uma mulher livre por aquilo, como mostra da gratidão de Fulvia por ter salvado a vida de seu irmão. Era uma boa criada,

obediente e trabalhadora, mas tinha a inteligência de um toco de carvalho, a personalidade de um abajur de bronze e a face de uma tartaruga. Para o total e absoluto assombro de Lucius, Fio se dava às mil maravilhas com ela.

Depois do almoço, do dia da chegada de Fio, os portadores que carregavam sua cadeira voltaram para levá-lo para sua casa. A estadia era luxuosa, com móveis decorados com ouro, mas cheirava mal e estava cheia de imundície.

Os lençóis da cama não tinham sido trocadas nem lavadas em semanas. Ninguém havia se incomodado em esvaziar seu urinol, o que contribuía para o mau cheiro. Mas o aroma mais poderosa era o da carne podre e o carvão queimado que saía dos braseiros em cada canto da estadia.

Alia estava em pé no centro da câmara, com expressão apurada. Duas das donzelas de Fulvia riam da porta em frente. Os serventes baixaram a cadeira de Lucius e se retiraram para as dependências dos criados, para desfrutar de uma sesta.

— Tragam-me um pouco de vinho! — Grunhiu Lucius.

Alia se apressou a obedecer. As duas garotas continuaram observando Fio e Lucius entre

risinhos.

—Supõe-se que devem cuidar de mim, mas uma delas é egípcia e a outra foi capturada em algum lugar da Arábia, esquecido pelos deuses. Nenhuma das duas fala latim e eu não falo muito mais, além das noções de grego, próprias de um cavalheiro. Alia é ornamento e conheço sua língua o bastante para pedir água, vinho ou sexo. Além disso, não tenho nem idéia. Cada noite poluo uma das piscinas dos luxuosos banhos de minha irmã e logo volto para minha casa para me embriagar até perder o sentido. A maior parte dos dias consigo convencer alguém para que me troque às vendagens. Geralmente, algum dos portadores de minha cadeira, mas às vezes não me importa e me limito a ficar aqui, olhando o teto. O pior de tudo é que estou apodrecendo vivo por culpa dessa ferida mal cheirosa aberta em minhas costas. Fulvia sabe, essa hiena do Hippos sabia e também todos os criados.

Fio não respondeu ao seu amo, mas falou com as duas garotas do outro lado do corredor. As escravas abriram a boca, interrompendo seus risinhos e se apressaram a entrar. Alguém começou a tirar a roupa da cama enquanto a outra levava o urinol.

Lucius ficou boquiaberto. Jamais tinha visto uma mudança tão rápida em dois seres humanos.

—Falam um grego excelente. - Explicou Fio. - Uma delas é uma hetaira da Alexandria e a reconheci imediatamente.

A câmara logo foi transformada diante de seus olhos. A janela foi aberta para limpar o ar. Os braseiros, já necessários por causa do crescente frio das noites, foram esvaziados e voltados a ser cheios de carvão. O piso foi esfregado, a cama equipada com um colchão limpo e seus correspondentes lençóis e travesseiros, tudo isso cheirando a linho limpo e seco ao sol. Então Fio ajudou Lucius a chegar até a cama e mudar de roupa.

Tiveram sua primeira discussão por causa do vinho que Lucius queria beber antes da sesta. Fio preferia uma bebida bem aguada e misturada com mel, enquanto que Lucius se inclinava pelo vinho falerno puro. Lucius perdeu, cedendo quando seus argumentos começaram a soar vazios, mesmo para ele.

Aquela primeira derrota foi o anúncio das seguintes. Seu café da manhã deixou de consistir em vinho tinto alegrado com ópio e alguns figos, passando a consistir em ovos duros, queijo suave, fruta e vinho branco aguado. O almoço era o

mesmo.

No jantar, Fio não deixou lugar a dúvida a respeito da preferência da comida sobre a bebida, substituindo o vinho da noite por uma infusão tranqüilizadora preparada por ele, com valeriana que recolhia no jardim.

De algum jeito, sempre conseguia convencer Lucius a dar uma volta pelo jardim em sua companhia, depois de cada refeição. Com o tempo, a volta se converteu em duas ou três, ou inclusive quatro voltas ao redor do lago. Finalmente, Lucius chegou a ser capaz de caminhar comodamente durante longos períodos, deixando de necessitar da cadeira.

Mas as noites eram o pior. A febre de Lucius aumentava e os tremores e a dor esquecida durante o dia o impediam de dormir. Ele se retorcia em uma agonia de sofrimento físico e emocional.

Alia chamava Fio, que ia com remédios para aliviar a dor e baixar a temperatura do paciente e lençóis limpa para o leito ensopado de suor. O físico ficava com frequência até o amanhecer, lendo para Lucius, livros da bem sortida, mas poeirenta biblioteca da vila.

Embora Lucius se negasse a admitir, o regime estava dando resultado. Ele já se sentia melhor. Os

simples, naturais e indolores remédios de Fio eram bem melhores que as exóticas torturas de Hippos. Sangrias, por exemplo, o deixavam enjoado, detento das náuseas e fraco durante dias. Os selvagens purgantes o faziam sentado sobre o urinol noites inteiras, até ficar vazio de tudo o que não fosse uma mucosidade sanguinolenta e sofrendo câibras estomacais que duravam vários dias. Hippos usava também ferros quentes. Nunca os empregara com ele, pois Lucius havia lhe subornado para que não fizesse nada ou para que permanecesse o mais afastado possível, para irritação de Fulvia.

Mas o que mais temia Lucius, a única coisa ante realmente o aterrava, era... A esperança. Pois a esperança não alcançada é ao final de contas, a tortura definitiva dos condenados. Quem se encontra na situação de morrer lentamente, renunciam logo a ela para poder agüentar o resto de sua existência com fortaleza, sem dor pelo que será indevidamente perdido. Há muito que Lucius havia abandonado toda esperança, mas ela estava de volta, retornando sobre as asas da manhã.

Chegou um dia no qual despertou se dando conta de que havia passado a noite dormindo sem ser atormentado pela dor ou pela febre. Ficou deitado em silêncio, respirando o ar limpo e fresco

da montanha. Um ar fragrante como a primavera, doce como o perfume de mil flores e suave como o primeiro brilho da manhã atravessando o bosque.

E soube que iria viver. Talvez acabasse com uma terrível cicatriz e coxeando para sempre. É claro que nunca voltaria a ser o jovem forte e atordado que havia cavalgado com as legiões. Mas viveria e com o tempo o mundo lhe ofereceria seus tesouros. Sim, havia mudado para sempre e estava para ver quanto e de que modo. Mas podia aceitar como parte de sua vida e seguir adiante. Acima de tudo viveria e ficaria bem. O que havia sido esperança forjaria nos dias seguintes até ser uma certeza.

Ele fechou os olhos e se deixou levar por um sono tranqüilo, com a alma em paz.

Capítulo 6

Ainda estremecido por sua apurada fuga, o lobo atravessou o pendente rochoso. Mais à frente havia pastos de vegetação alta e marrom, ligeiramente polvilhada de geada. Por fim, ele chegou ao bosque. Uma luz esverdeada se filtrava entre as árvores.

Amanhecia. O lobo estava exausto. Queria comer e dormir, mais que qualquer outra coisa, mas aquele bosque não era bom lugar para procurar nada disso.

Atravessou o que parecia um antigo salão cheio de colunas. Os galhos entrelaçados no alto bloqueavam a luz solar, criando um fresco espaço verde. O lobo corria sobre um tapete pardo de folhas mortas, que ofereciam um substrato incrivelmente rico para os enormes gigantes: céu e terra chegavam a um acordo, mas aquilo era um deserto para o lobo.

Ele seguiu viajando. Sequer ouvia o canto dos pássaros sobre ele. Às vezes, uma rajada de vento sacudia as copas das árvores, que entoavam suspirando um profundo canto de vidas longas e uma paz extraordinária. Fazia com que tudo

relacionado aos mamíferos parecesse novo como a estrela fugaz que atravessava o céu do crepúsculo, deixando uma esteira de luz. *Você e sua espécie são recém chegados a terra*, disseram-lhe as árvores. *E o homem, uma aberração na prolongada trama do tempo, um nó nos fios das Damas Tristes.*

Que assim seja. Pensou o lobo. Estava tranqüilo. Sentia-se satisfeito com o que era. E, por certo, há coisas que o faziam parecer crianças. As rochas, o mar e as estrelas.

Enquanto o bosque anunciava seu triunfo eterno e inevitável, começou a ceder terreno. O solo era cada vez mais rochoso.

Finalmente, o lobo chegou a uma escarpadura, uma espora de rocha da que dominava o vale inteiro. O bosque se estendia por milhas e milhas, com seu centro atravessado por um grande rio. Uma franja de cor azul e ouro reluziam sob a primeira luz do amanhecer, curvando e retorcendo-se através da tapeçaria de árvores verdes, pardas e avermelhadas.

Como atravessar? Um humano desanimaria, mas isso era algo do qual carecia a natureza dos lobos. Maeniel se voltou e seguiu sua viagem.

Já era perto do meio-dia quando ele chegou ao rio. Entrou em um estreito atalho feito pelo homem

ao longo da ribeira, trotando tão perto da margem, como era possível. Naquele ponto, o rio era largo, profundo e de cor escura. Ele era uma criatura intrépida e poderosa, mas não de todo temerária. Para um animal de seu tamanho, seria um suicídio tentar atravessá-lo a nado.

Ah, bem, ele pensou. Água. Ele entrou até a metade das patas, para beber. Nmerosas formas nadadoras se afastaram apressadas de seu focinho. Ele seguiu bebendo enquanto as observava. Corpos pequenos e redondos, pequenas patas dianteiras e grandes patas traseiras. Rãs. Argh!

Uma vez saciada sua sede, ele se moveu devagar, com a cauda ondeando brandamente acima de seu lombo. As nadadoras eram lentas e torpes, o preço que pagavam pelo frio cada vez maior. Havia uma estendida no fundo. Snap! Hum... Não é ruim! Não era um sabor familiar para ele, mas estava boa. E havia muitas, apinhadas no verdor de flores amarelas, no fundo lamacento e sob as folhas das plantas aquáticas. Havia por toda parte. Que bom! Snap! Mais outra. Ele quase sentia falta de um molho para acompanhar. Imona estava lhe corrompendo. Quando a encontrasse, esperava que ela o corrompesse um pouco mais. Snap! Hmmm, não enchia muito um animal de meu peso,

mas há muitas e eram melhores que as alcachofras que ela me preparava. Snap! Snap! Snap! Delicioso.

O lobo continuou, avançando devagar riacho abaixo, alimentando-se à maneira de sua espécie, até que ouviu ruídos de luta no caminho do rio. Alguém começou a gritar.

O lobo cinza vacilou um momento entre homem e lobo. Os gritos eram urgentes. Gritos de dor e de desespero. Ele era uma criatura de aspecto protetor e mesmo a desdita humana o afetava.

A pouca distancia caminho, um homem jazia no chão e outros dois estavam moendo-o a chutes.

O lobo se converteu em humano e considerou brevemente as circunstâncias. Circunstâncias como a largura do rio e a dificuldade de atravessar sem ajuda, decidindo que valia a pena tentar. Mas devia se apressar. O homem do solo estava claramente em apuros; tinha deixado de gritar e se enroscara como uma bola, tentando proteger seus órgãos vitais.

Maeniel correu para os dois agressores, gritando enquanto se aproximava. Eles deixaram de ameaçar sua vítima. Um deles tirou sua espada. Os dois usavam peças de armadura romana e tinham aspecto de desertores de alguma das companhias montadas de César.

O soldado se colocou em guarda e Maeniel pôde ler o desprezo em seus olhos, pois ele estava nu e desarmado.

Maeniel estava decidido a não se deixar derrotar tão facilmente, como em seu primeiro combate contra humanos. Aproximou-se do soldado. Direto agora, disse-lhe seu cérebro. Terá que se mover.

O soldado se moveu, lançando um selvagem golpe para baixo, que teria aberto seu crânio até os dentes.

O semilobo se limitou a aumentar sua velocidade, passando por baixo da trajetória do golpe. Sua mão esquerda se fechou sobre a mão do braço que sustentava a espada. Seu punho direito se estrelou sobre o rosto do soldado. Foi doloroso. Ele não tinha previsto que fosse machucá-lo tanto. De toda forma, ele conseguiu arrebatar a arma de seu inimigo.

Um instante depois compreendeu por que ele havia cedido a arma tão facilmente. O homem que ele acabava de golpear estava morto.

Seu companheiro deixou de chutar a vítima. Olhou atônito para a ruína vermelha que ficara do rosto de seu cupincha e para o gigante nu que sustentava a espada na mão. – Ele correu. Três

cavalos e uma mula bem carregada esperavam junto ao caminho. O ladrão saltou sobre uma das selas com a facilidade que dá a prática continua, pegou as rédeas da mula e fugiu apressadamente.

A vítima se levantou cambaleante e começou a gritar com o fugitivo. Logo começou a correr atrás dele com um trote saltitante, sem deixar de gritar imprecações, juramentos e maldições que soava pelo menos em três idiomas distintos.

Maeniel, ansioso de não perder seu investimento de tempo e energia, imitou o homem, blandindo a espada.

O lamacento caminho tinha sido alagado por uma chuva recente, o que freava o passo do cavalo do bandido e ainda mais o da sobrecarregada mula. O cavalo reduziu sua velocidade, mas a mula afundou no barro até os joelhos.

O bandido freou o cavalo e puxou a corda da mula, que havia caído de joelhos. O animal não agüentou com resignação. Com um bramido de fúria e indignação, ela plantou sobre suas quatro patas, jogou a cabeça para trás e arrancou a corda de mãos do cavaleiro.

O ladrão se ergueu sobre os arreios e deu um apreensivo olhar para Maeniel e o furioso comerciante, antes de picar esporas para fugir.

O mercadorr deixou de correr ao chegar junto à mula, que tinha conseguido sair do barro, para um terreno mais firme.

—Traidora! — Ele gritou em dois idiomas, depois de cuspir na cara da mula. O animal não pareceu se alterar com aquilo, então ele lhe deu uma bofetada.

A mula protestou, com certa moderação, na opinião de Maeniel e o comerciante lhe deu um murro no focinho. As mulas são animais duros, mas a região entre os olhos de qualquer eqüino é muito sensível.

Maeniel chegou bem a tempo de jogar para trás o homem antes que um dos quatro cascos da mula lhe partisse a cabeça. Então, o mercadorr cambaleou até chegar a uma oportuna árvore caída e se sentou para sofrer um ataque de histeria.

Maeniel viu uma fatia de pão e o que parecia ser um pedaço de queijo se sobressaindo de um dos alforges da mula. Apesar das ameaças e os coices, seu aroma não incomodava nada à mula. Ele pode se servir de algo para comer.

O queijo estava duro e ressecado, igual o pão. Maeniel, que normalmente se interessava pela comida humana, decidiu que gostara mais de seu interrompido aperitivo de rãs.

Ele voltou junto ao cadáver do primeiro ladrão e ficou em pé, mastigando o pão e o queijo e pensando confuso nas razões de sua morte. Era certo que não havia batido tão forte, mas ali estava o homem, inquestionavelmente morto. Maeniel suspirou. Não quisera matar seu adversário, só detê-lo. Por fim, ele tirou o cinto da cintura do cadáver e colocou a espada em sua bainha.

A histeria do mercadorr estava amainando.

—O que vai fazer? Roubar-me como queriam seus dois amigos? —Ele acusou em tom alterado.

Maeniel o olhou, com o longo e tranqüilo olhar que o líder da alcatéia dedica a um lobo de menor classe surpreendido em um ato de insubordinação.

O mercadorr compreendeu abruptamente que suas acusações podiam ser inapropriadas... Ou mesmo perigosas naquela situação.

—Não são meus amigos. — Disse Maeniel. - E não pretendo te roubar. A única coisa que quero é passar para o outro lado do rio. Se souber como atravessá-lo, me ensine. Se não, diga-me, para que eu não perca mais tempo falando contigoe vá embora.

—Atravessar o rio? — Perguntou o mercadorr.
- Quer atravessar o rio?

—Acabo de dizer. — Respondeu Maeniel, pacientemente.

—Há um transportador a algumas umas milhas, caminho abaixo.

—O que é um transportador?

O mercadorr ficou boquiaberto.

Notando que o cavalo do homem morto seguia perto, Maeniel começou a rebuscar em seus alforges e encontrou uma túnica limpa, uma manta suja, mais pão e queijo e uma dura salsicha que parecia estragada. Ele colocou a túnica. Ficava um pouco pequena, mal lhe cobrindo os joelhos. Ele desprezou a manta, mas decidiu ficar com a comida. Ignorou a túnica e a calça que usavam o morto. Estavam muito além de seu olfato animal.

O mercadorr tentou lhe explicar o conceito de transporte e acabou tendo bastante êxito. Maeniel já havia visto botes.

—Quer dizer que é um bote, mas que em lugar de se mover por toda parte, vai só de um lado a outro do rio? — Ele perguntou.

—Sim, mas já são bastante lugares.

Ele assentiu e os cinco se colocaram em marcha. Maeniel guiava das rédeas do cavalo do ladrão e o mercadorr montava seu próprio cavalo enquanto puxava da corda da mula. O animal se

sobrepôs ao seu ataque de mau humor e aceitou a situação com filosofia.

O mercadorr se chamava Decius. Um humano se sentiria irritado por sua incessante conversa, mas o lobo respeitava, pois era uma fonte de informação útil. Decius falava e, salvo por alguma pergunta ocasional para dirigir o fluxo de palavras, Maeniel ouvia.

E ele soube que Decius não havia sofrido assalto por parte dos dois ladrões, mas que havia contratado seus serviços como guardas, em sua última parada.

— Às vezes funciona. - Ele explicou a Maeniel em tom envergonhado. - Empreitam-se alguns lobos para manter longe o resto da alcatéia.

— Suponho que sim. - Repôs Maeniel sem se comprometer.

— E falando disso, acredito que há lobos de verdade pela região.

Maeniel se sentiu tentado a dizer, somente eu, mas por fim achou que mais lhe valeria guardar silêncio.

Decius alongou o pescoço, olhando ansiosamente para o caminho.

— Acredita que é verdade que há lobos?

— Não. - Foi tudo o que se arriscou a

responder Maeniel.

— Nenhum lobo? Como sabe?

Maeniel decidiu dar a seu companheiro algo distinto no que pensar.

— Não há lobos por aqui, somente ursos.

Decius deu um pulo tão violento que seu cavalo se assustou.

— Ursos! — Ele gritou.

— Sim e dos grandes.

— Onde?

— No bosque.

— Bem, até eu sei isso — Disse Decius em tom condescendente. - Mas em que parte do bosque?

— Justo ao dobrar a próxima curva do caminho.

Decius se pôs a rir.

— Sim? E como pode saber?

Estavam dobrando a curva naquele preciso instante.

As nuvens começavam a se juntar no alto. O vento era cada vez mais forte e açoitava as árvores ao seu redor, enviando um redemoinho de folhas marrons pelo caminho.

Maeniel se deteve, com as fossas nasais abertas. Respirou profundamente. Todo um complexo de sensações do lobo alagou seu cérebro.

O ar tinha um aroma úmido e penetrante. Chuva ou talvez neve antes da manhã. Um velho aroma de queimado. E o rastro fresco de um urso. Ele estivera ali pouco tempo antes. Por quê? O lobo não temia o grande animal e duvidava que Decius tivesse motivos para temê-lo. Se o urso estava à espreita, seriam os cavalos o que o atraía. O ossudo castrado que Maeniel guiava ou a carnuda égua montada por Decius.

O caminho se aproximava do rio, depois da curva. Decius riu nervosamente.

— Bem, meu amigo. Onde está esse urso do qual falava? E como sabemos que está aqui?

Maeniel assinalou para um ponto coberto de barro perto do caminho.

— Aí!

Os rastros de garras estavam ainda frescas. O barro que se elevava pela pressão continuava úmido.

Havia pelotas de barro de bom tamanho junto aos rastros. As marcas de garras sobre a casca estavam a uns bons palmos sobre a cabeça de um homem.

Decius se sobressaltou, assustando novamente sua égua. A mula trincou sonoramente no súbito silêncio.

— Ele sabe que estamos aqui? — Perguntou Decius.

— Segue se movendo. E sim, ele sabe. Ele nos cheira.

— A que? — Decius parecia com a margem do pânico.

— A medo.

Decius obedeceu e eles deixaram para trás a árvore.

O céu havia se colorido de um tom cinza. O vento mudou. A égua de Decius captou o aroma do urso e começou a se agitar e jogar a cabeça para o alto, mostrando os sintomas eqüinos do pânico. Todos os sentidos de Maeniel, humanos e lupinos, esforçavam-se ao máximo. O que estava fazendo ali um urso naquela época do ano? Normalmente estavam gordos, preguiçosos, sonolentos e a ponto de hibernar. Então ouviu o zumbido das abelhas.

— É obvio. Siga! - Urgiu Decius, mas a assustada égua não avançava.

Algumas das abelhas chegaram até eles, começando a zumbir ao seu redor. Uma delas penetrou nas distendidas narinas da égua de Decius, e o confuso inseto obedeceu à ordem de um milhão de anos: Quando entrar em contato com a pele de um inimigo, se sacrifique. A abelha cravou

seu ferrão profundamente, talvez gritando: morra cavalo!

A égua de Decius deu um salto. O mercadorr se elevou no ar, deixando um bom espaço entre seu traseiro e a sela, voltando a cair com um grito justo antes que o animal disparasse.

Dessa vez, o movimento da égua não foi entorpecido por nada. Ela saiu ao galope caminho abaixo em uma velocidade assombrosa. Decius soltou a corda da mula, pois necessitava das duas mãos para se segurar no pomo da sela.

—Yi, yi, yi, yi, yi, yeee! —Os gritos se prolongaram enquanto a égua saía do caminho e se internava no bosque que margeava o rio.

Maeniel ficou quieto enquanto o ruído dos cascos da égua e os gritos de Decius desvaneciam ao longe. Examinou as alternativas, decidindo que havia pouco que pudesse fazer, salvo pegar a corda da mula, seguir o mercadorr e esperar o melhor.

Ervas e sarças invadiam o caminho. Maeniel pensou que antes ele havia sido muito transitado, mas que nos últimos tempos tinha ficado abandonado por alguma razão inexplicável.

Os cascos da égua de Decius haviam aberto marcas pardas na hervosa superfície. No alto, os galhos das árvores ocultavam o céu quase por

completo. O caminho se retorcia, o atraindo cada vez mais para o interior do bosque.

Ele elevou o olhar e viu que o céu estava escurecendo. As tormentas nas alturas estavam estendendo seu alcance até os vales.

O caminho piorou. Ali, uma grande rocha bloqueava a passagem. Acolá, um grupo de carvalhos ao redor de um escuro lago obrigava o viajante a fazer um desvio. Além dos carvalhos, uma árvore partida ao meio por um raio interrompia o caminho.

A mula bufou e fez ameaça de retroceder, tentando plantar-se no lugar e se negando a seguir adiante, mas Maeniel não permitiu. Deixou cair à corda e, pegando o animal pela brida, obrigou-a a passar pelos galhos da árvore caída. Seu próprio cavalo o seguiu docilmente, como se estivesse acostumado aos loucos caprichos de seu amo humano.

Ele encontrou Decius do outro lado da árvore, estendido de barriga para cima sob um galho. Estava inconsciente, com um ferimento avermelhado na testa. Sua égua esperava pastando um pouco mais adiante, no caminho.

Maeniel se ajoelhou junto ao mercadorr. Sim, o homem estava respirando, mas inconsciente. O

que podia fazer?

O céu estava muito escuro.

Poderia se converter em lobo e ir embora. Deixar aquele néscio. Os humanos eram poderosos em grupo, mas fracos individualmente. Se o deixava a mercê da tormenta, Decius morreria com toda segurança.

Maeniel era quente e compassivo por natureza. Muitos lobos da alcatéia, vendo as penalidades e problemas da liderança, ignoravam suas oportunidades de tomar o comando. Só os que eram como ele, aceitavam voluntariamente aquela carga. Ele suspirou, erguendo Decius nos braços. Um pequeno floco de neve pousou em sua mão. Para sua surpresa, os cavalos e a mula o seguiram, confiando no amparo humano.

Mais flocos de neve giraram pelo ar à medida que aumentava o vento. Mais à frente, Maeniel notou um campo aberto. Talvez tivesse moradas humanas por perto. Poderia deixar Decius, para que eles cuidassem do mercado enquanto ele seguia adiante. Mas ao deixar para trás a última curva, viu que o caminho levava somente até uma vila queimada.

Nem era um edifício tão elaborado como os do vale. Era somente grande casa rodeada por uma

série de estruturas, protegido por uma paliçada.

A casa era uma pilha de escombros enegrecidos. A restante estrutura de fora não era mais que madeiros chamuscados entre a vegetação. Só restava uma em pé. Embora tivesse sido incendiada, só havia queimado um lado. O telhado veio abaixo, convertendo-se em um suporte. Aquilo serviria para dar proteção ao ferido Decius e aos animais durante a noite. O lobo não tinha problemas para sobreviver. Estava equipado para tudo o que pudesse necessitar. Uma vez que os deixasse a salvo ali, só teria que mudar de pele e abandoná-los.

Maeniel estremeceu. Estava nu e o vento atravessava sua fina túnica de linho, gelando sua pele. Os flocos de neve eram cada vez mais numerosos e grossos.

Ele apressou a marcha. O edifício semi-ruído tinha sido um estábulo. As casinhas haviam desaparecido, mas ainda restava um casebre contra uma parede e uma espessa camada de palha sobre o solo de pedra. Ele deixou Decius sobre a palha e desensilhou os dois cavalos e a mula.

Decius estava respirando, mas não mostrava indícios de recuperar a consciência. Maeniel o deixou com a cabeça apoiada sobre uma das

cadeiras, cobrindo-o com uma manta que encontrou entre a carga. O trigo havia voltado a crescer em algumas regiões do campo, o que lhe levou alguns minutos colher o suficiente para alimentar os animais. Depois acendeu um fogo. A lenha não era problema, com os ramos mortos que havia entre as árvores e os madeiros caídos entre as ruínas. O único problema era impedir que as chamas incendiassem o telhado.

Maeniel se sentiu confuso. Os cavalos e a mula mastigavam pacificamente e Decius dormia. Ele estremeceu ao olhar através das gretas da parede. A neve caía com mais rapidez, tornando difícil distinguir os perfis do bosque e os campos, à luz moribunda. As rajadas de vento agitavam os galhos, fazendo cair suas últimas folhas e estendendo a geada.

Um lobo uivou ao longe, outro o respondeu e um terceiro acrescentou um comentário. Um coro inteiro deu a réplica. Maeniel soltou um risinho. Ao que parecia, o tempo era ainda pior nas cúpulas e algumas das passagens estavam bloqueados pela neve. Haviam atravessado bem a tempo.

Poucos lobos que viviam no passar do rio estavam no coro que respondia a alcatéia da montanha. Os humanos os perseguiram mais que

aos da montanha. Estavam preocupados... Algo a respeito de humanos do outro lado do rio.

Mas a linguagem dos lobos é lacônica e Maeniel não pôde averiguar muito mais de suas canções, mais que não caçariam aquela noite sob a tormenta, mas esperariam até o amanhecer. Era certo que haveria animais presos pela neve. Presas fáceis.

Ele se voltou para o fogo. O refúgio se tornara confortável. O vento do norte batia o extremo caído do telhado. O gelo e a neve se acumulavam sobre as paredes, selando o calor do interior. A espessa camada de palha isolava o solo.

Maeniel não teve necessidade de procurar na bolsa de Decius. Seu olfato localizou farinha, sal, salsichas e azeite. Havia aprendido umas quantas coisas com Imona, então não passou muito tempo antes de ter uma oleosa empanada cozendo sobre uma pedra plaina no fogo. Ele desfrutou do jantar.

Imona! Maeniel ficou em pé para se despojar da túnica e da espada. Um instante depois, se converteu em lobo e corria para a neve e a escuridão.

Capítulo 7

Imona!

Os dias passavam, surpreendendo-a às vezes, parecendo fluir rapidamente do amanhecer ao crepúsculo, enquanto ela estava perdida em suas lembranças do passado.

Em outros, se limitava a cambalear sobre seus torpes pés, com a mente vagando de um pesar a outro, cada tristeza levando consigo lágrimas que não faziam nada para aliviar sua dor, mas a deixavam com os olhos avermelhados e dores de cabeça.

Havia mulheres, criadas dirigidas por uma dama bem vestida que jamais cruzava seu olhar com o de Imona. Preparavam a comida, trocavam sua roupa de cama e em certas ocasiões a banhavam, quando o desespero fazia com que ela se esquecesse de cuidar de si mesma. Mas nenhuma delas tentava se comunicar com Imona.

Nossas lembranças de tempos felizes não nos consolam quando a escuridão abre a garganta, esperando nossas almas.

Havia coisas que Imona simplesmente se negava a se lembrar. Seus pais, por exemplo, e sua

infância na costa bretã. Mas se permitia recordar o mar. A água cor esmeralda rompendo contra as rochas e formando brancas espumas.

Ou a forma em que a luz mudava no amanhecer sobre a água, em um esplêndido arco íris de sutil beleza que distinguia qualquer alvorada ou crepúsculo, dos outros.

Às vezes podia sentar, fechar os olhos e sentir o cheiro do ar salgado. Inclusive se iludia em poder ouvir os gritos das gaivotas ou saborear a umidade da pálida névoa que chegava do oceano, detendo toda atividade ao longo da costa, envolvendo o mundo inteiro em seu silêncio, de alguma forma sagrado.

Não se incomodava em pensar em seu marido, sequer nos primeiros anos de seu matrimônio, quando haviam sido felizes e ele havia lhe dado duas filhas, antes que partisse, por desejo da família, para combater os romanos. Não pensava nisso porque sua mente se retorceria, tentando encontrar formas em que ela teria conseguido prever seu destino e impedir a mutilação que devastou de tal forma seu corpo e sua alma... Esvaziando-o de tal forma de esperança, que acabou por cometer o ato que significou a ruína para todos.

Quando pensava nele eram os piores dias, nos

quais se negava a comer ou a se lavar. Cobria sua cabeça com o manto e chorava sem cessar por ele, por ela mesma, pela pobre e meio louca Kat, por seu lerdo mas amável marido Dê e inclusive pela velha senhora. Salvo Kat, todos estavam mortos entre as cinzas do que uma vez fora sua casa.

Mas havia dias que ela conseguia purgar a culpa e o arrependimento de sua mente. Naqueles dias, ela pensava nas montanhas e na primeira vez que as vira.

Como filha de uma nobre casa, havia sido enviada a seu marido em um carro coberto de peles, puxado por quatro bois brancos, previstos para o sacrifício na cerimônia de seu matrimônio, para contentar os deuses domésticos de seu marido e alimentar os convidados.

A princípio, viajar no carro tinha sido uma aventura. Além disso, a viagem se interrompia freqüentemente, ao se deter para serem tratados com atenção nas casas dos vassalos de seu pai. Mas uma vez deixado para trás o território familiar, o carro se convertera em uma espécie de prisão. Vivia ali, comendo e dormindo entre suas donzelas, podendo sair só um momento ao anoitecer, para se aliviar e tomar um banho se houvesse por perto um lago ou riacho, fortemente custodiada. Quando se

queixava, a velha senhora que viajava com ela lhe pedia que tivesse paciência.

Assim, na manhã em que ouviu agitação e mais conversa que o normal entre os homens de armas perto do carro, arrastou-se atrevida entre as mulheres adormecidas, afastou para o lado a cortina de couro e se deixou cair junto ao condutor. Olhou para cima, boquiaberta e ouviu a risada do homem de barba cinza.

—É algo digno de se ver! As montanhas! - Disse ele. - Parecem sustentar mesmo o céu.

Certamente. Era pouco depois da alvorada e os picos cobertos de neve estavam banhados pela luz dourada. As largas e esbeltas colunas de rocha seguiam envoltas em uma sombra azul. Uma onda de verde suavizava os altos prados e a névoa baixava entre os gigantes coroados de neve como rios de nuvens.

—É aonde vou? — Perguntou ela.

O condutor assentiu.

—Então eu gostarei. Estou segura.

E não se equivocava. Breves mas formosos verões, compridos e preguiçosos dias cuidando rebanhos de vacas e ovelhas em pastos além das árvores. Incríveis outonos nos quais frutos de todo tipo pareciam competir pela atenção dos humanos.

Pêssegos, ameixas e cerejas enchiam as plantas dos altos vales. Maçãs verdes, vermelhas, rosadas e inclusive brancas criavam tal abundância que custava acreditar. As matas estavam enegrecidas pelas amoras e frutas. Veados, carneiros e alces vagavam pelos bosques. Quando voava a neve, todos caçavam javalis na espessura.

Levavam a vida de heróis. Caçar, lutar, jogar xadrez, entreter os visitantes com histórias e canções. No fim, fartos de carne de vaca e veado, presunto, queijos brancos e amarelos, pão normal e sem levedo, tudo regado a vinho italiano, hidromel e cerveja, ela descansava a cabeça sobre o ombro de seu marido e suas pálpebras começavam a se fechar antes que os convidados saíssem ou as últimas tochas se apagassem.

Às vezes, ela despertava e ele a levava a sua câmara. Em outras ocasiões, ele a tomava em seus braços e a carregava como uma menina. Estava rodeada por um mundo de delícias, antes... Antes que chegassem os romanos.

Sua mente se separava do sofrimento posterior. Para que se atormentar? Simplesmente tinha deixado de importar.

Seu o outro e único visitante era o chefe daquela gente. Cacique, magistrado ou o nome que

fosse, chegava acompanhado por seus guerreiros, como se uma companhia de homens armados pudesse rechaçar a escuridão que a rodeava, flutuando sobre seus dias e suas noites.

Imona estava no canto da estadia. À medida que se aproximava o fim de ano e a colheita era introduzida nos celeiros, as noites eram cada vez mais frias. Tinha avivando o fogo, tentando expulsar o frio de seu corpo.

Ele bateu na porta.

—Adiante. - Disse ela e ouviu a chave girando na fechadura.

O chefe entrou, rodeado por seus homens. Um golpe de ar frio entrou com eles.

Imona ficou em pé. Embora usasse um grosso vestido de linho sob o tosco manto de lã, estremeceu.

—Fechem a maldita porta. - Rugiu o chefe. - Onde se criaram, bastardos, em um estábulo? Vamos nos congelar!

A porta se fechou de repente.

—Malditos! Não disse para que me deixassem surdo, só que fechem essa puta porta!

—O vento... — Começou a explicar alguém.

—Oh, cale-se! Cale-lhes de uma vez! Não voltem a me interromper!

Fez-se um absoluto silêncio.

Imona esfregou as mãos. Estava misturando farinha e cerveja frouxa, para fazer seu café da manhã seguinte. Considerava a farinha bastante suspeita, pois estava cheia de farelo de cereais e com frequência ela encontrava fécula de bolota e raiz de espadaña na mistura.

O chefe pigarreou, para limpar a garganta.

—Sou Cynewolf, líder desta gente. Vim perguntar como está, minha senhora e se necessita de alguma coisa. - Embora tivesse começado com força, sua voz terminou a frase, bastante trôpegamente.

Imona sentiu uma maliciosa diversão e decidiu não mostrar piedade para com ele.

—Quando eu era a esposa de um granjeiro nas montanhas, ninguém recordava que era a filha de um rei. Agora, aqui, com meu destino se abatendo sobre mim, sou reconhecida e honrada pela classe de minha família. Obrigado, senhor Cynewolf, por suas saudações e respeito. São com o frio vento que penetra pela porta. Embora o vento mostre mais gentileza. Pode ir, meu senhor. Deixem-me sozinha.

Cynewolf parecia incomodado. Esse desconforto o honra, pensou Imona. Demonstrava que não queria fazer, o que devia fazer dentro de

alguns dias, mas Imona suspeitou que aquele desconforto não o deteria. Não, nem por um instante.

Seu rosto tinha uma expressão erma e triste. Mas, como correspondia a um líder, ele estava cheio de resolução. Ele olhou para trás, para seus homens.

— Saiam. Deixem-nos. — Ele lhes disse.

Os homens obedeceram, empurrando-se e pisando uns nos outros em sua pressa em fugir.

O cacique atravessou a estadia até chegar junto à Imona. Depois de baixar um joelho no chão a seus pés, olhou as chamas com os olhos entreabertos. A farinha para o café da manhã de Imona repousava em uma terrina sobre uma pequena e baixa mesa.

Cynewolf pegou um punhado de farinha e o arrojou às chamas. Um penetrante aroma de queimado encheu a casa.

— Esta farinha diz tudo! — A voz de Cynewolf era uma severa mistura de ira e desespero. - Nossas boas granjas do outro lado do rio desapareceram. Foram queimadas anos atrás... Quando eu não quis lhe enviar cavaleiros para que o ajudassem contra os meus na Galia. Mas ao final, ele conseguiu sua cavalaria. Mas nunca pudemos voltar. As guarnições romanas nos rechaçaram. Este ano as

mulheres recolheram montes de fruta do carvalho e espadaña. No inverno passado arrancamos a casca das árvores, mas mesmo assim morreram muitos dos nossos. Perdi meu filho maior o ano passado e minha filha mais jovem no anterior.

O cacique passou a mão pelos olhos, para afastar uma visão maligna e logo ficou em pé fitando Imona.

—Me mostraria misericordioso se pudesse, mas não é assim. Não me atrevo. O romano curtido e de bochechas fundas é uma calamidade para seu povo.

—Meu povo desapareceu. - Disse ela brandamente.

—Sim, mas o meu vive ainda. Esse romano não deve atravessar o Anel. Não deve!

—Pergunte à Dama! - Disse Imona. - Acatarei a resposta. — Ela tirou o colar de ouro do pescoço, entregando-o a Cynewolf. - Se ela disser sim, me devolva o colar. Se disser não, irei para a casa de uma de minhas filhas. Não serei bem-vinda, mas irei. Sou uma perita no tear. Encontrarei um lugar em alguma parte.

Cynewolf permaneceu em silêncio, dando voltas no colar em sua mão.

—É a filha de um rei. Devo-te isso. Sim. - Ele

suspirou. – Acredito que lhe devo isso.

O cacique se voltou e saiu da estadia.

Os romanos.

Cynewolf caminhou para o rio. O Oppidum estava situado no alto. As pessoas reunidas se acampavam em grande número pelos pendentes que levavam ao salão principal e as oficinas apinhadas em torno da sede do poder. Ele percorreu a enlodada rua entre as moradias semidestruídas e queimadas pelos romanos em sua última incursão.

Fez uma pausa e olhou para cima. O sol brilhava no céu, mas soprava o vento do norte. As rajadas de ar que agitavam seu manto e atacavam suas orelhas tinham uma gélida mordida. O céu estava cheio de nuvens. Em alguns pontos eram bastante tênues e deixavam ver o azul no alto, enquanto em outros eram cinza e estriadas como o gelo do rio.

Sim, ele pensou, o rio. Apressou-se. Devia ter geadado um pouco na noite anterior, pois de tanto em tanto, o barro rangia ao romper os cristais de gelo sob seus pés.

Ele podia se recordar de sua longínqua infância naquele mesmo assentamento felizmente ocupado na primavera. Não havia um, mas três

ferreiros trabalhando, fazendo armaduras, espadas, utensílios de granja e muitas outras coisas que as pessoas necessitavam. Um ourives e sua família reservavam as melhores criações para os guerreiros e mulheres da família de Cynewolf... A família governante.

Mulheres, escravas e livres se apinhavam nos abrigos dos teares, criando esplêndidos tecidos. Os mercadores levavam algumas peças tão longe para o norte, como a legendaria terra dos pictos, perdida nas névoas hiperbóreas e outras tão longe para o sul, que esquentavam os romanos frente à úmida miséria do inverno mediterrâneo. Presunto, toucinho e salsichas enchiam os defumadores, escurecendo nas espessas e frias nuvens, ou curando-se em sal no interior de porões frescos, mesmo no verão.

Mas acabara. Uma vez, sim. Uma vez tivera filhos e também filhas. Uma vez. Os deuses devem ser de madeira e pedra. Ele não tinha pensado que doeria tanto.

Havia chegado aos limites do assentamento e podia baixar o olhar pelo verde pendente até o resplendor azul cinzento da superfície da água.

Numerosos grupos de família se agrupavam em torno de tendas e choças improvisadas de

cortinas das carretas.

Sim, uma vez aquela gente parecia feliz. Guiavam cavalos e rebanhos de vacas, ovelhas e cabras. Seus carros estavam carregados de tecido, cerveja, maçãs secas, pêras, cerejas, presuntos e queijos da montanha. De noite, os fogos faiscavam vivamente enquanto os matrimônios eram contratados, os regateios concluídos e todo mundo ficava de acordo com alguém mais. E as noites terminavam com banquetes, narrações, poesias e canções sobre uma cortina de fundo de chamas e tantas brasas volantes que rivalizavam com as estrelas do céu noturno.

Agora, os homens junto aos quais passava desviavam seu olhar e as mulheres ao ver o colar de ouro em sua mão puxavam de seus filhos para trás de suas saias, tocavam os amuletos que levavam no pescoço e tentavam fingir que Cynewolf não existia.

Mesmo ali onde o sol brilhava ainda, eram de pele cinzenta, fisionomias afiadas e atitudes temerosas. Seus carros, antigamente transbordantes de produtos para a venda e o comércio, estavam vazios.

Ele desceu pelo pendente, para as árvores da margem. Quando chegou à água, envolveu-se melhor em seu manto. O vento soprava com força,

fazendo com que o ar parecesse mais frio do que se podia esperar, tão perto do meio-dia.

A luz do sol aparecia e desaparecia. Os salgueiros penduravam-se sobre o riacho, com os longos galhos inclinando suas folhas de cor verde amarelado e forma de lâmina, para a agitada superfície. Quando o vento se acalmava e brilhava o sol, os galhos castanhos e as folhas amarelas se refletiam nitidamente nas tranqüilas águas, como se o rio tivesse dado um irmão gêmeo ao salgueiro submerso.

Uma menina gargalhou em alguma parte.

Os deuses eram de madeira e pedra. Não sabiam nem lhes importava que a carne e o sangue, mais passageiros, sofressem. Arrojaria o colar à água. Deixaria ir Imona. Deixaria que envelhecesse como as demais mulheres, ante o tear, tecendo e movendo a lançadeira para frente e para trás entre as luzes e sombras projetadas por uma lamparina de azeite. Podia fechar os olhos e vê-la ali, com os seios baixando, os quadris alargando-se e o cabelo com mechas acinzentadas e depois prateadas, trabalhando até que o tempo dissolvesse sua pele e depois seus ossos, e a levasse como levava o rio, as douradas folhas do salgueiro.

A menina riu novamente. A luz do sol brilhou

sobre o colar e o lago sob o salgueiro.

Ele viu a menina que ria refletida na superfície da água. Que menina? Ele sorriu e compreendeu que a menina era sua filha. A mais jovem. E então se lembrou onde estava sua filha.

Quando recuperou seus sentidos, estava ajoelhando A meio caminho pendente acima, segurando o colar com ambas as mãos.

Uma de suas esposas estava em pé diante dele. Alix, a primeira e maior de todas. Não a mãe de sua filha. Não! Ela havia... Não muito tempo depois de...

Ele entregou o colar a Alix, com mãos trêmulas.

— Leve-o à mulher.

— E o que lhe digo?

— Não diga nada. Não é preciso. Ela entenderá.

Depois que Alix partiu, Cynewolf ficou ali durante um bom momento, tentando se convencer de que não tinha visto o que acabava de ver e ao não conseguir, de racionalizá-lo. Mas não pôde fazer nenhuma das duas coisas. Assim que ficou em pé lentamente, pensando que suas articulações se endureciam com a idade, ele andou até sua morada e pediu vinho. Jarras e jarras de vinho.

O colar foi entregue Imona com uma só mão, enquanto Alix usava a outra para cobrir o rosto com o véu. Como havia ordenado Cynewolf, Alix não disse nada. Alix, o salgueiro.

Imona fez o mesmo que Cynewolf. Bebeu todo o vinho e a cerveja que lhe deram e contemplou como aparecia e desaparecia a luz do sol. Não naquela noite, mas no dia seguinte. Um dia a mais no mundo. Amanhecer e crepúsculo, nem dia e nem noite. Junto ao mar, nem água e nem terra. Um dia que não pertencia propriamente há nenhum ano. A noite mais Santa. Noite sagrada. A porta da eternidade. Imona estremeceu e sabendo que não havia nada mais a fazer, contemplou ociosamente o sol enquanto o vento empurrava as nuvens do norte

O lobo estava se preparando para o frio. A tripla grossura de sua pelagem repelia a água e os fortes amparos de seu pelo não acumulariam gelo, nem nas condições mais frias e úmidas. As longas garras estavam isoladas contra o frio do solo e as garras e almofadinhas ofereciam uma boa tração mesmo sobre o escorregadio gelo. Seu tamanho já lhe dava uma vantagem sobre a maior parte de sua espécie. Havia poucos lobos que se avultassem tanto como um humano, mas ele sim. O grosso revestimento de gordura sobre seus músculos, a

energia dinâmica que alimentava sua mudança de homem a lobo e viceversa, lhe servia também para isolar-se do frio das noites de inverno.

Sentia alguns remorsos por ter deixado Decius. O urso ou os outros lobos podiam encontrá-lo. Então ele se moveu em círculos, explorando os restos da granja incendiada. Logo descobriu que tinha sido o cenário de uma selvagem batalha com muitas baixas. Seu olfato de lobo, mesmo em meio aquele frio, descobriu os restos de incontáveis homens e feras.

A vila não era sozinha. Uma aldeia se elevava em outro tempo, além de seus campos. Os únicos indícios das estruturas habitadas pelos pequenos granjeiros eram alguns postes velhos e um rançoso aroma de madeira queimada. Também haviam deixado seus mortos. Em sua maior parte já tinham desaparecido, reclamados pela terra, mas o seco aroma dos ossos velhos revelou ao lobo onde jaziam.

Estava escuro. Nevava cada vez mais, mas o lobo cinza seguiu traçando círculos, tentando se assegurar de que os bosques não albergassem nenhuma ameaça para seu protegido humano. Não encontrou nada.

Os lobos não caçariam aquela noite. Os ursos?

Só tinha um interesse ali: a colméia da árvore. Seus sentidos o teriam alertado da chegada do frio muito antes que ao lobo dos seus. Teria procurado sua toca com antecipação, fazendo provisão de gordura ou grávida das crias que nasceriam no meio do inverno. A colméia era como um jantar antes de se deitar.

Seu último círculo levou a lobo até o caminho. Mesmo as abelhas estavam tranqüilas. Havia reparado os destroços causados pela urso e permaneciam nas profundezas do tronco oco, isoladas pelo menos de uma grossa casca, madeira e serragem. Cada abelha estava com pelo menos outras três, penduradas em uma escura cortina que cobria suas larvas e o favo carregado de mel. Estavam quentes e cantavam. Brandamente. O lobo se deteve para ouvir.

Estavam contentes. A rainha estava viva e ilesa. A maior parte das larvas que necessitariam para repovoar a colônia havia sobrevivido também e o mel restante era mais que suficiente para agüentar os meses de frio.

Acima das cabeças dos insetos, os galhos começaram a ressoar quando a neve sobre elas se converteu em gelo sob o vento do norte. As abelhas cantavam também, à força da árvore, apesar de

estar meio podre e falha pelo raio. Estavam convencidas de que era o bastante forte para protegê-las durante pelo menos outro ano. *Durmam agora, durmam enquanto o mundo lá fora fica coberto pela morte branca. Durmam.*

O lobo seguiu adiante, ignorando a estranha canção de berço. Ali, na fria e escura noite, ele encontrava em seu elemento.

Onde estava Imona? Supôs que a teriam levado para o outro lado do rio. Embora soubesse pouco dos fatos dos humanos era consciente de que o rio marcava os limites do poder de Roma.

Mesmo para um lobo tinha sentido que sua gente a levasse aonde os romanos não pudessem castigá-la pelos atos de seu marido. Mas uma vez mais à frente do rio, para onde a teriam levado?

Ele correu pelo caminho. Via melhor que qualquer humano naquela imprecisa escuridão cheia de neve e evitava as poças que podiam molhar suas garras. Aquilo não o incomodaria muito, mas ter que se deter para arrancar o gelo reduziria sua velocidade. Seu estômago começou a se queixar.

Um lobo sempre queria mais carne do que comia normalmente um humano. Maeniel ansiava por algo mais que o pão e o queijo que acabava de comer, mas podia postergar a caça vários dias, em

caso necessário.

Não obstante, estava cada vez mais desanimado. Estava há vários dias viajando através de terras selvagens e havia passado quase uma semana desde que encontrara o último rastro de Imona. Não tinha provas de que ela estivesse ali.

A temperatura baixava rapidamente. Já não chapinhava nas poças ao se descuidar. O gelo estava se formando por todo o bosque, incluindo o caminho. Estava a ponto de renunciar, voltar e comer e se fosse possível, voltar ao refúgio para dormir, quando o aroma da fumaça de lenha chegou até seu nariz.

Ele aumentou a velocidade e ao passar a seguinte curva do rio, viu as tênues luzes de um assentamento próximo. Não eram umas poucas casas apinhadas em torno do embarcador de um transportador. O bote estava sobre a borda, meio encravado na neve e no barro gelado. As poucas e míseras choças que formavam o assentamento estavam bem fechadas contra a tempestade de neve.

O lobo se deteve confuso. E agora?

Olhou o rio. Estava com uma cor negra e seu resplendor oleoso ficava embaciado pelas massas de neve que se acumulavam sobre sua superfície.

O lobo se sentou. Maldita seja! Pensou o

homem que compartilhava seu cérebro. Então ele elevou o olhar.

O céu estava coberto de nuvens. O acampamento do outro lado do rio anunciava sua presença mediante o vermelho resplendor de seus fogos refletido nas nuvens.

O lobo ficou em pé e trotou através da tela de arbustos que cobria a ribeira. Alguns ainda estavam verdes, e os espinhos e brotos desprediam uma entristecedora fragrância. Louro? Não. O olfato canino é vinte vezes mais poderoso que o humano. O lobo podia fazer distinções das quais nenhum homem seria capaz.

Seu focinho tocou um bago. Azul, tinha a essência do azul, aninhando entre folhas de brilhante verde escuro. Sua língua deu uma lambida, saboreando o azul, verde e o cinza do bago. Azul quase violeta, penetrante verde das folhas, com uma fragrância metade incenso e metade congelamento. E cinza, deslizando como a fresca névoa que descia das cúpulas até os vales da montanha, enquanto o sol poente brilhava sobre os picos, pintando-os com uma luz dourada quase insuportavelmente formosa.

Seu focinho encontrou outro bago e logo outro e mais outro. O homem teria conseguido

tremer de terror, sair fugindo. Mas o lobo contemplou o outro mundo e se deixou reclamar por ele. Para a fera, para o lobo, o ontem e o amanhã eram ilusões. O agora era tudo o que existia. O agora e o sabor das frutas sobre a língua.

Estava em um jardim, na magia entre o amanhecer e a saída do sol. Ou era no pálido crepúsculo entre o pôr-do-sol e a noite? Sequer o lobo podia dizer, embora normalmente pudesse. A saída e o pôr-do-sol têm uma fragrância diferente. Mas não ali, com o ar saturado do perfume das moitas de frutas.

O frio havia desaparecido, sendo substituído por um agradável frescor. O rio também e um pequeno arroio, apenas capaz de cobrir suas garras, fluía em seu lugar, aas refletia belamente o profundo violeta e o débil rosa de um céu opalescente,

Tinham-lhe dado muitos mapas ao nascer. Um, dos céus que lhe dizia como passava cada dia, mês e ano. Outro, das montanhas e os segredos das estações. Pistas e caminhos quase invisíveis que podiam ser seguidas sob a luz do sol e das estrelas, a chuva e a neve; forma de guiar até tudo o que necessitaria na vida e, também na morte. Mas nunca havia recebido um mapa daquele lugar. Ele tomou o

presente e talvez assim ficasse vinculado para sempre.

Abriu caminho através da espessura verde que resistia a neve, o gelo e a morte, descendo por uma suave pendente sem que suas cautelosas garras de lobo levantassem uma mancha, e subiu por outra suave costa, até que a neve arrastada pelo vento lhe deu na cara. Ele se encontrou contemplando um acampamento na colina, na outra borda do rio. O Oppidum, na borda oposta do porto do transportador.

Capítulo 8

Ao lobo a neve não incomodava, nem o vento e nem o frio. Os lobos são animais de clima duro. Seus pés não se congelam e era agraciado que seu corpo podia reduzir a temperatura quase ao nível da neve congelada, sem prejudicar por isso a atividade e nem a circulação. Maeniel não era consciente disso, mas não sentia nenhum desconforto nem sobre a mais fria temperatura.

A pelagem inferior de um lobo é isolante. Os pelos exteriores impedem a entrada de umidade e como sabem todos os povos das regiões frias, não fica coberto de gelo. De fato, Maeniel se encontrava muito cômodo mesmo em uma nevasca como aquela.

Mas era consciente de que seu outro eu não seria tão afortunado. Então ele se encaminhou rumo ao assentamento que via diante dele. O lobo queria correr e encontrar Imona e se ela estivesse ali, mudar e levar-lhe. O homem lhe disse que não fosse estúpido. Como humano, ele morreria antes da manhã, nu e sem refúgio.

Não. Seria melhor pensar um pouco em como conseguir seu objetivo. Primeiro, encontrar Imona!

Ela podia não estar ali. Se não tivesse encontrado o caminho aberto pelos frutos, talvez tivesse se rendido e dado a volta. Mas talvez não. O mais provável teria sido que tentasse atravessar o rio a nado e morresse ali.

Ao entrar no assentamento humano, ele descobriu que podia se mover com bastante liberdade. Seu pelo cinza tornava difícil vê-lo em meio a neve e os humanos de vista aguda para descobri-lo, o tomariam por um cão grande.

A princípio ele se moveu furtivamente, deslizando de uma sombra a outra, mas não demorou em se dar conta de que aquilo só serviria para despertar as suspeitas dos humanos. Enquanto trocasse tranqüilamente, com a cabeça encurvada, a língua pendurando e aspecto inofensivo seria ignorado. Ninguém acreditaria que um lobo fosse vagar entre os humanos tão despreocupadamente.

Não vai mal por ora, ele pensou até alcançar as portas do Oppidum, no alto do pequeno monte.

Protegia-o uma alta paliçada com grossas portas de madeira e spots de ferro. As portas estavam fechadas e dos dois lados havia tochas flamejando em cestos de ferro, o suficiente para permitir a três guardas armados e de aspecto formidável, uma boa visão.

Ele se sentou na escuridão, onde não podia ser visto, para considerar as circunstâncias. Estaria Imona ali? Não podia saber. O número e variedade de aromas gerados pelos humanos, suas feras, suas casas de pele e sua comida cozida era quase aflitivo para seus sentidos animais.

Mas então, um golpe de vento agitou a neve, obrigando os guardas da porta a voltar às costas, para proteger seus olhos do frio ataque e quase extinguindo as tochas da porta.

Sim, ela estava ali. Seu perfume. Seu corpo vivo. Um aroma quente e cheio de lembranças que só podia pertencer a ela. Ela estava ali. Aquilo não era um descuidado rastro sobre a terra úmida ou um pouco de cabelo preso nos espinhos de um sarçal. Era a mensagem comunicada ao ar por um ser vivo cujo coração pulsava, cujos pulmões se enchiam e esvaziavam do ar e cuja mente pensava e sonhava além da fria noite, as portas de madeira e a paliçada que lhe mantinha fora.

Sentiu um alívio mais profundo do que havia esperado. Não se tinha dado conta de quão temeroso havia ficado e nem se tinha permitido compreender a tristeza que o teria embargado se Imona tivesse desaparecido de sua vida e nunca mais tornasse a vê-la. Que espaço tão grande abriria

em seu coração.

Para o ingênuo humano e o lobo inocente nele, tudo parecia simples. Cruzaria a porta, chamaria Imona e ela iria para junto dele. Estava seguro de que poderia dirigir a alcatéia e cuidar dela ao mesmo tempo. Podia ocultá-la não só de sua própria gente, mas também dos romanos se fosse necessário. Mas, como atravessar a porta?

Naquele momento ouviu o ruído de rodas, rangendo e chiando, esmagando a neve recém caída. A sombria forma de um grande carro puxado por mulas emergiu da escuridão, chegavao até a porta.

Um dos guardas olhou para o condutor.

—O que é isso?

—Pescado muito luxurioso.

O guarda meneou a cabeça.

—Pescado? Deixe-o aí fora, e passe pela portinhola. – ele disse assinalando uma porta menor na porta grande.

—O que? Está louco? Porque está se te arrisca que o senhor do lugar se inteire de que você deixa um carro carregado de comida onde podem ser roubado. Deixei seis barris de pescado salgado naquela chusma lá embaixo... – O homem disse assinalando as fogueiras disseminadas pela colina

as suas costas. - Se souberem de que há comida aqui fora, ao amanhecer não restará nem um grão de sal nos barris.

O guarda suspirou ruidosamente.

— Posso me lembrar quando não era assim.

— Sim, eu também. - Replicou o condutor. Mas agora é assim. Abra as portas antes que me congelem os testículos. Estou há muito tempo em companhia deste pescado fedido e minha pele cheira mal. Quero um pouco de cerveja, uma cama quente e se for possível, uma mulher que não se importe com o aroma de pescado.

O lobo viu o que lhe pareceu uma oportunidade e se aproximou do carro, deslizando sob ele enquanto um dos guardas começava a abrir a porta.

Mas uma vez sob o veículo, ele ficou surpreso ao ver uma criatura. Era branca e pequena, abundantemente salpicada de manchas de cor escura e seu curto pelo fazia com que tremesse com violência. Começou a ladrar com força assim que o lobo colocou o focinho sob o vagão.

O homem blasfemou. O lobo grunhiu. Um animal mais inteligente teria guardado silêncio, mas o lobo não contava com o poder da estupidez. O pequeno animal se limitou a ladrar mais rápido e

mais forte.

— O que acontece? — Perguntou o guarda.

— Um cão vagabundo, acredito. - Disse o condutor. - O pequeno é meu.

O guarda pegou um punhado de gelo e barro e o atirou no lobo. O golpe acertou dolorosamente as costelas do animal, lhe arrancando um ganido.

— Fora daqui! Fora! — Gritou o guarda.

Enfurecido, o lobo saltou para ele.

O guarda levava o típico escudo retangular dos celtas, uma armação de madeira reforçada com pele. Ao ver que o lobo se aproximava, ele se cobriu com o pesado escudo.

O lobo deixou escapar um ruído que parecia mais de dor que de fúria e depois retrocedeu como um caranguejo para a neve e a escuridão.

Quando recuperou o controle de si mesmo, o carro já havia passado e a porta estava fechada novamente.

A dor de seu pescoço e seu ombro passou a ser uma tortura, a algo mais ou menos passível, mas demorou bastante antes que ele pudesse apoiar a pata no chão novamente... E mais tempo, antes que fosse capaz de andar sem certa claudicação.

Depois de um momento, ele conseguiu liberar sua mente da ira, da frustração e a dor, convencido

então de que nada relacionado com aqueles loucos seres humanos era jamais tão fácil como parecia.

No fundo do coração de cada canídeo espreita um vigarista. Ele ficou na escuridão, esforçando em ouvir a conversa dos guardas.

De algum jeito, ele havia conseguido erigir um abrigo perto da porta. Ao avançar a noite e fazer mais frio, cada vez eram menos os viajantes que interrompiam sua bebida.

A nevasca havia aumentado. Os flocos, que tinham começado como um fino pó eram já tão grosso, que era difícil ver além de vinte metros em qualquer direção. Sim, o vento muito forte pela tarde se apaziguou, mas então os flocos de neve caíam em vertical e acumulando-se, de forma que o lobo podia ouvi-los enquanto começavam a envolver a terra e cada estrutura perto do Oppidum, sob um grosso manto branco. O lobo deslizou para o abrigo dos guardas até que ficou o bastante perto para distinguir seus três ocupantes.

O maior, um gigante barbudo, já estava inconsciente. Ele roncava apoiado contra a parede. Os outros dois estavam sentados à mesa. Um dormia com a cabeça nos braços. O outro, um homem ruivo e narigudo, era o problema. Ele estava acordado e mal-humorado. O lobo se aproximou

um pouco mais da porta.

—Saia daqui! — Grunhiu o homem, enquanto começava a procurar um projétil.

O lobo ficou de barriga para acima com um ganido, tentando mostrar uma total careta canina.

—Bastardo! Você tentou me morder e agora que te chutei o traseiro quer que sejamos amigos.

O lobo choramingou brandamente e se aproximou, arrastando-se sobre o ventre e meneando a cauda.

—Agora quer ser meu camarada... Que encanto. — A fala do guarda era um pouco confusa, mas pouco a pouco um desagradável sorriso foi se estendendo por seus lábios. Ele voltou a encher sua taça de vinho. - Vêem aqui – ele disse chamando o lobo com uma mão enquanto estava com a taça na outra.

O focinho do lobo já estava dentro do abrigo. Maeniel calculou o efeito provável de uma taça cheia de vinho sobre seus vulneráveis olhos e seu tenro focinho. Nada bom. Mas ele estava sóbrio e o ruivo não. Nem ele era um humano distraído pelos jogos de mãos. Mesmo assim, o ruivo era rápido e esteve a ponto de lhe acertar.

O vinho voou pelo ar, mas em vez de cair sobre os olhos de um lobo, salpicou pernas

humanas. O guarda se encontrou olhando para o rosto de um homem. Um rosto forte, enérgico, mas com os mesmos olhos do que ele havia tomado erroneamente por um cão vagabundo.

Foi sua última visão por algum tempo, já que um segundo depois o punho de Maeniel se estrelou contra sua mandíbula.

Os outros dois guardas não despertaram, e só um deles se agitou um pouco em sonhos. O que estava sentado à mesa grunhiu, se moveu um pouco e seguiu dormindo. O outro, apoiado na parede, não deixou de roncar.

Maeniel pegou a túnica, as meias e o manto do ruivo, mas teve a noção de lhe deixar com a roupa interior e o calçado.

Deteve um momento para se assegurar de que o homem seguia respirando; não queria nenhuma outra morte, como a do bandido. Depois saiu do abrigo. A paliçada não era nenhum problema. Ele saltou-a rapidamente e começou a procurar Imona.

Ela estava sentada na escuridão, envolta em seu grosso manto, quando a mecha do abajur se apagou. Não teve energia e nem a coragem para atravessar a gélida casa e reacende-la. Ficou recostada em seu canto, presa ao desespero emocional e a miséria física. A temperatura do

interior igualava a tempestade de neve lá fora e começava a formar gelo nas paredes.

Tudo o que restava do fogo eram pequenas brasas vermelhas, que brilhavam e se apagavam com o vento.

A princípio, nem os ruídos a despertaram. Foi somente quando ouviu a voz dele sussurrando seu nome e quando ficou em pé e correu para as tabuletas que protegiam a janela. Alguém havia pregado uma por dentro e a outra por fora, formando um jogo de barrotes tão sólido como ele nunca havia visto antes. Mas somente havia um problema: estavam podres.

Seu grande punho rompeu a de abaixo, e depois fez voar a de cima. E ele viu o rosto de Imona, olhando-o da escuridão. Colocou a mão e entrou e ela tomou.

Imona a apertou contra sua bochecha, e ele sentiu uma cálida umidade. Por um instante se perguntou se tinha deixado de sopro o vento e a neve caía em vertical, mas logo se deu conta de que ela estava chorando.

—Acreditei que ninguém se lembraria de mim, que não importava a ninguém. Mas você veio. Recordou e se preocupou. Por isso eu te amo.

As faces e os lábios de Imona eram como

veludo e seda sobre seus grandes e duros dedos.

Ele era um homem. Piscou, fitando a escuridão da rua coberta de neve. Sim, usava a túnica, as meias e o manto do guarda da porta, mas estava descalço. Seus dedos já estavam congelando e cada polegada exposta de sua pele estava fria.

— Venha. — Ele disse, lhe apertando a mão. — Vamos embora daqui. Amar é... O amor é algo que ansia. Não posso entender bem, mas é dormir sempre com o estômago cheio, estar quente as noites ou encontrar lugares frescos, seguros e resguardados para descansar durante o dia. Posso te dar tudo isso. Caçarei e matarei por para você. Posso te afastar de sua espécie, que quer te fazer mal e a defenderei contra aqueles da minha, que a ataquem. Venha comigo, Imona. Venha... Sou livre. Esqueça esses estranhos e combatentes humanos. Venha. Só me custará um momento romper estes barrotes. Conheço um lugar em que posso te levar. Você estará bem e quente lá. Venha comigo já! — Ele a puxou pela mão, além dos barrotes. — Vêm! Temo que não tenha muito tempo. Tive que golpear o homem da porta e pegar suas roupas para chegar aqui. Ele ou algum de seus companheiros de bebedeira pode dar o alarme.

Ela soltou-lhe a mão, retrocedendo. Só podia

ver a silhueta de seu rosto. Seus olhos eram buracos cheios de sombra.

Ela viu seu perfil. Deuses! Era um jovem, ela pensou. Fosse o que fosse era jovem. O que me espera em seu lar selvagem? Cada manhã me custa um pouco mais me levantar. Cada vez que tenho um espelho e pente, encontro mais cabelos cinza.

— Não. — Ela sussurrou brandamente. — Não.

— Por que não?

Sua voz soou tão forte na rua vazia que Imona temeu por ele.

— Sssh! Darão o alarme e o descobrirão!

O braço de Maeniel voltou a passar pela janela, tentando pegar novamente o dela.

Imona pegou a mão do homem, entrelaçando-a com a sua e apertando-a contra sua testa.

— Cale-se. Cale-se por sua vida, meu querido amor. Silêncio, por favor. Irei, mas... Mas não esta noite.

— Não? — Ele disse, voltando a baixar a voz. — Por que não?

— Por que... — Imona procurou uma explicação, alguma desculpa. — Porque devo fazer algo antes de ir. Algo que tenho que fazer. Amanhã.

Perto, um homem gritou.

Brilhou a luz de uma tocha.

— Lobos! Bandidos!

A mão desapareceu e Imona pode ver a forma de um lobo onde ele estivera de joelhos momentos antes.

Rapidamente, ela voltou a colocar as pranchas em seu lugar. Ele partiu e o momento ficou para trás. Imona compreendeu que havia decidido. Qual era tal decisão.

Lá fora, o pequeno assentamento bulia de atividade pelo alarme, mas Imona estava segura de que a perseguição seria em vão. Acrescentou um pouco de lenha as brasas que restavam, fazendo com que se avivassem. Depois jogou o resto da lenha no fogo que esquentou a casa e a encheu de uma brilhante luz amarela.

Passou o que lhe pareceu um longo momento olhando as chamas, sentindo uma estranha paz. Logo procurou seu leito e se deitou, ainda contemplando as chamas, sem sonhar com a vida ou a morte, só com as montanhas e em como elas se elevavam, elevando limpos campos de neve como facas para um céu azul escuro.

Os primeiros momentos foram muito ocupados para o lobo. Uma fêmea de javali afundara várias polegadas no barro, no mesmo lugar que ele tinha ocupado momentos antes. Por

terríveis momentos, ele rolou preso na túnica e no manto e logo ficou livre, correndo pelo lodo gelado entre as casas.

Trotou desorientado, perdido naquele assentamento circular. Ficou algo confuso, quase até o extremo de se deixar pegar, quando repentinamente se deu conta de que estava em meio de uma rua com grupos de caçadores de ambos os lados. Afastava-se das tochas de uns, para se encontrar cara a cara com as de outros.

Como um lobo, ele não perdeu tempo com vacilações. Saltou para o telhado do edifício mais próximo, conseguindo se afiançar um pouco sobre a palha gelada. Quando chegou ao alto, ele pode observar entre a neve, a dentada silhueta da paliçada. Saltou.

O vermelho resplendor em seus olhos mostrou seus perseguidores indo atrás dele, por cima da paliçada. O lobo podia correr sobre uma camada de neve gelada, mas os humanos afundavam até os joelhos. Deixou-os para trás em seguida.

Tentou em vão voltar para o lugar que lhe tinha permitido atravessar o rio. Correu ao longo da margem, mas encontrou a porta fechada, os estranhos matagais verdes presos no gelo e os frutos

congelados como escuros pedregulhos entre os ramos.

Movendo-se com o passo usado por sua espécie para cobrir longas distâncias, ele seguiu a margem por um bom trecho, mas sem encontrar uma saída. Finalmente se deteve em um ponto onde a riacho se estreitava entre os bancos.

O vento voltava a soprar com força, mas quase não nevava mais. Os flocos eram finos e tênues, como a princípio e no alto, as nuvens se separavam, mostrando partes de um céu cheio de estrelas.

O gelo ao longo de ambas as margens se tornava cada vez mais espesso. Atirou-se à água e não teve que nadar muito. Sacudiu-se até ficar seco, já na outra borda.

A culpa chegou às margens de sua mente quando, pela primeira vez em muito tempo, ele pensou no mercador romano. Guardou silêncio enquanto seus irmãos da montanha começavam a cantar. Estavam a caça, agora que a neve tinha deixado de cair e Decius estava ferido e indefeso. Talvez não tivessem interesse no homem, mas teriam nos dois cavalos. Os lobos podiam acabar com eles e Decius em um instante.

Maeniel começou a correr.

Capítulo 9

Quando o lobo cinza chegou à choça, a neve seguia caindo abundantemente lá fora. Quando ele ficou em pé como um homem, encontrou-se duro de frio. Tremendo, vestiu novamente sua túnica. A choça estava às escuras. O fogo estava reduzido a brasas. Maeniel avivou as chamas, acrescentando madeira enegrecida, mas não queimadas de tudo ainda, que havia recolhido fora. As chamas iluminaram a choça, e ele notou que o lugar onde tinha deitado Decius estava vazio.

Ele chegou perto do fogo em busca de calor. Ainda não era o bastante humano para falar palavrões, mas começava a compreender por que os homens pareciam viciados naquele curioso costume.

Ficou em pé e baicou a cabeça para não golpear o crânio com o teto e olhou pela porta.

Nada, somente escuridão e pálidas nuvens de neve movidas pelo vento. No canto onde havia deixado os dois cavalos e a mula, algo soprou pisoteando o chão. Ele olhou para lá e viu a mula. A brida a prendia local onde estivera comendo. O animal puxava com força, provando a resistência de sua atadura, com os olhos em branco.

Maeniel se aproximou da porta. Estão lá fora, ele pensou. Arrancou a roupa e correu para a escuridão, mudando de forma.

Já não estava cego. O aroma era forte e procedia dos campos. Correu para o leve ruído de farejar que eles faziam. O primeiro que viu foram seus olhos, brilhantes na escuridão, refletindo a luz do fogo da cabana. Depois as escorregadias e letais formas cinza. Eles estavam investigando algo que havia no chão. Provavelmente Decius.

O lobo se perguntou se valia à pena se preocupar com o humano. Era muito possível que já estivesse morto. Mas uma vez assumido o amparo de Decius, sentia-se obrigado a continuar em seu papel. O que me diferenciou do cão, sob a carreta? Ele pensou.

Um fragmento de lembrança chegou até ele. Lembrança ou um sonho?

Eram os selvagens caçadores da tundra. Às vezes, quando o inverno parecia interminável e a fome não era uma vaga sensação, nem um amável instinto de caçar e comer, mas uma selvagem agonia nas vísceras, uma obsessiva cobiça, aqueles cruéis senhores da caça se voltavam uns contra os outros.

Assim foi como os lobos encontraram o pequeno e condenado grupo de mulheres e crianças

fugindo através da gélida noite. Só eram quatro fêmeas e três crianças muito jovens para caçar. Pelos aromas que chegavam das fogueiras atrás deles, estava seguro de que a carne tirada dos ossos de seus homens assava no fogo de outra banda.

Aqueles fugitivos eram os únicos que haviam sido bastante rápidos para escapar. Os lobos se desdobraram atrás deles em um semicírculo, preparados para fazer deles suas presas. Embora fossem mulheres e crianças, os lobos tinham medo e esperaram até que eles se refugiaram sob um pinheiro caído, entre o tronco e o solo, livre de neve graças aos ramos. Os humanos não se atreveram a acender fogo por medo de seus perseguidores, e ficaram juntos na escuridão, tentando conservar o calor.

Mas a noite estava contra eles. A pior tempestade de neve de toda a estação varreu a geleira. Mesmo os mais fortes sentiram a intensidade do frio. Alguns, como o boi almizclero, formaram um círculo para proteger as fêmeas e crias. Os cervos, inclusive os gigantes, morreram congelados onde estavam, como os cavalos, os alces e as renas. Os mais velhos e os mais jovens morreram na gélida escuridão.

Mesmo os bem protegidos lobos sabiam que

ficar em campo aberto era morrer. Então que se aproximaram devagar do refúgio dos humanos. Mostraram as presas ao princípio, mas a fêmea que guiava os fugitivos pronunciou a ordem de calma.

Os lobos machos se sentiam incômodos ante a idéia de atacar alguém tão saturado de aroma de fêmea como aqueles humanos. Para as lobas, as crianças cheiravam a toca, leite quente e pele suave. Uma criança começou a chorar na escuridão e sua mãe o levou a peito. Era algo que tanto humanos como lobos compreendiam.

As grossas pelagens dos lobos protegiam do frio tão bem como teria feito o fogo e os humanos encontraram um toque consolador em um mundo de morte gelada. Pois ali, a fera era mais amável que o homem.

Quando despertaram à alvorada, a mulher ou talvez a fêmea, ainda não de todo humana, soube que algo novo havia acontecido. Algo novo havia chegado ao mundo. Os homens teriam conseguido arruiná-lo: os homens arruínam as coisas tentando averiguá-las muito ou pior, desconfiando de um acontecimento incomum. Mas a aceitação é coisa da mulher e por isso ela aceitou os lobos que a rodeavam enquanto abria passo pela neve seguida de lobos e humanos.

Pouco tempo depois descobriu como sabia que aconteceria. Um pequeno rebanho de alces presos pela neve junto a um rio. Todos comeram bem aquela noite. O novo bando de lobos e mulheres viajaram juntos durante muito tempo. E os lobos seguiram sendo lobos, mas sempre eram bem-vindos aos fogos das mulheres.

A lembrança desapareceu enquanto o lobo cinza se aproximava do grupo. O membro mais alto e grande da alcatéia lhe cedeu o passo, caminhando lentamente e com as patas rígidas em meio a nevada.

Maeniel se aproximou do corpo de Decius. Sim, estava quente, ainda vivo e o que era mais aterrador, consciente, com os olhos muito abertos pelo medo fixos nos lobos. Maeniel ficou perto do mercador e grunhiu na cara do líder da outra alcatéia.

Outros lobos, mesmo o líder, pareciam indecisos. Valia à pena aquele andrajoso pedaço de carne humana atirado na neve? Valia à pena se arriscar a ser ferido se o grande estranho decidisse lutar pelo que obviamente considerava sua presa?

Maeniel avançou alguns passos. Os outros retrocederam, quase desaparecendo no redemoinho branco.

Maeniel se escondeu, baixando a cabeça e os quartos traseiros. Esperava um ataque por trás, mas descobriu que não era o objetivo da outra alcatéia.

Os animais que havia deixado no estábulo chiaram. Apenas um instante depois, a alcatéia avançou para ele.

Uma oportunidade e Maeniel se tornou humano.

Mas talvez fosse Decius que salvou a situação ao lançar o grito mais horrível que o lobo cinza já ouvira.

Os lobos fugiram aterrados, dispersando-se.

Maeniel pegou Decius, o jogou no ombro e saiu disparado para a choça. Ao entrar, foi deslocado pela égua de Decius, que se chocou com ele, derrubando-o e levando parte da parede de argamassa com ela. Havia um lobo sobre sua garupa e outro em sua garganta. A égua resistiu, inclinando-se para um lado. O lobo que tinha na garupa perdeu o equilíbrio e caiu sobre a neve. Logo se tornou para trás e o lobo que lhe mordida a garganta se soltou, deixando uma linha de feridas sangrentas em seu pescoço.

Está feito, pensou Maeniel. Agora terei que lutar contra todos. É provável que acabem conosco antes do amanhecer. Ele deixou Decius gritando e se

debatendo na neve e entrou para pegar a espada e sair novamente.

A égua estava enfrentando a alcatéia de lobos. Maeniel deu um salto para ficar ao seu lado e lhe cravou a espada onde o pescoço se une a cabeça. O animal morreu imediatamente, com o sangue saindo de seu pescoço como uma fonte. Maeniel pegou Decius e entrou na choça.

Levou-lhe alguns momentos bloquear a porta. Logo ele avivou o fogo. Estava tremendo violentamente quando vestiu a túnica.

Decius se sentou, com os dentes tiritando e com suas extremidades de cor azul, agachado perto da mula e do cavalo que restou junto à parede mais afastada. Estava com o cabelo arrepiado. Maeniel nunca tinha visto um humano com o cabelo assim. Sabia que os humanos eram capazes de manipular seus folículos como os gatos ou os cães, mas nunca tinha visto acontecer.

Puderam ouvir os grunhidos e ruídos procedentes de fora, quando a alcatéia começou a se alimentar da égua morta.

— Aaah! — Gritou Decius. - O que vai fazer? Comer a mim também? Aaah!

— Não. - Grunhiu Maeniel, soando muito parecido a seus congêneres do fora. - Não comemos

uns aos outros. Deixamos isso para vós.

Decius o olhou piscando, sem compreender.

— Matei a égua para salvar nossas vidas. - Explicou Maeniel.

— Você é um deles. — Os dentes de Decius se entrechocavam com tanta força, que Maeniel tinha problemas para lhe entender.

— Não. - Respondeu, quase caindo de esgotamento. - Não sou um deles, mais do que você é. — Ele se surpreendeu ao compreender que estava dizendo a verdade e descobriu lágrimas correndo por sua face. Deu-se conta de sua profunda dor, de sua pena por algo perdido que não podia compreender e nunca seria capaz de explicar.

Suas lágrimas pareceram tranquilizar Decius. O mercador não podia acreditar que, fosse Maeniel o que fosse, pudesse sofrer tanta dor e depois cometer um ato de crueldade.

Compartilharam a comida e o vinho que restava. O calor do fogo dentro da choça fundiu a neve e o gelo sobre as paredes de fora, mas a água se congelou novamente, formando uma camada isolante. De fato, quase começou a ser acolhedor.

Maeniel não perguntou a Decius o que tinha acontecido. O romano parecia um tanto confuso e provavelmente lhe acontecia o mesmo. Decidiu que

provavelmente precisaria dele para atravessar o rio no dia seguinte e poder entrar no Oppidum onde estava encerrada Imona.

Seguia decidido a resgatá-la. Pensava que ela não lhe tinha entendido. Devia entrar novamente e fazer com que ela ouvisse a voz da razão. Todas as criaturas masculinas acreditam estar do lado da razão. Maeniel não era uma exceção. Não tinha idéia do que pretendiam os habitantes do assentamento fazer com ela, mas conhecendo os humanos como os conhecia, não podia acreditar que suas intenções fossem boas.

Enquanto isso devia manter aquele estúpido romano com vida, o bastante sadio para lhe ajudar a conseguir seu objetivo.

Maeniel agradeceu aos poderes universais, que o vinho tivesse acalmado Decius. Ele estava enrodilhado sobre a palha, coberto com seu manto e muito perto do fogo, enquanto suas extremidades recuperavam a apropriada cor rosácea. Por um tempo, a dor de se recuperar do congelamento o distraiu dos ruídos que faziam os lobos ao se alimentar.

—Estarão ali pela manhã? — Ele perguntou a Maeniel.

—Não.

— Está seguro? Conhece-os bem?

Maeniel estava se esforçando para abrir um buraco na parede de argamassa, para observar o que acontecia lá fora. Voltou-se, dedicando a Decius um de seus longos e lentos olhares.

— A resposta é não. Não são meus amigos mais do que eram os bandidos, mas conheço bem os hábitos dos lobos.

— Isso, eu posso acreditar. - Murmurou Decius.

— Acredite. Sou uma autoridade no assunto. Esta alcatéia foi obrigada a descer das montanhas por causa da tempestade de neve. Provavelmente estão há dias sem comer, do contrário, não teriam se arriscado a se aproximar tanto das moradas humanas e nem do fogo.

Por fim, com a ajuda de um pau pontiagudo, ele conseguiu abrir um pequeno orifício através da parede e a crosta de gelo. Olhou para fora. As sombrias silhuetas cinza estavam ainda perto dos restos da égua e a neve estava quase parando de cair. Os flocos eram já pequenos e escassos. No alto, via-se a lua entre as nuvens e de vez em quando, o resplendor de algumas estrelas.

— Não, a tormenta de neve passou. Eles partirão quando tiverem se fartado e esteja a ponto

de amanhecer O mais provável é que não voltem.

Decius deixou escapar um suspiro e se pôs a roncar. Maeniel se encolheu do outro lado do fogo. O interior da choça era agradavelmente quente. O cavalo sobrevivente e a mula dormitavam no canto do casebre. Maeniel contemplou a fumaça elevando-se para o teto, procurando o ponto mais alto onde o telhado se unia a única parede sobrevivente, enroscando-se até quase parecer líquido antes de escapar para fora.

Sim, uma vez éramos bem-vindos às suas fogueiras. Ele se recordou do rosto da mulher, onde ao lado havia descansado sob a árvore. Seus olhos se abriram cuidadosos. O lobo tinha tido uma visão heróica. Certo, as sobancelhas da mulher não eram tão altas como eram as dos atuais humanos, mas ele vira em seu rosto o que podia chegar a ser um mundo dirigido pela inteligência. Aquilo e o conhecimento de que ambos eram aliados, seres vivos e quentes, carne e sangue, sentindo fome e amor. E fora, na crua noite gelada, no escuro e eterno frio de um ermo sem vida, estendia suas garras para tomá-los e encerrar suas almas em um negrume eterno. Ao fazer um pacto para combater aquilo, alcançariam a maior das vitórias. O antigo lobo havia compreendido e Maeniel fez o mesmo

por sua vez. Dormiu como os lobos, com o sono leve e despertou quando a alcatéia da montanha rodeou seu refúgio antes da alvorada, para voltar logo para sua toca no bosque.

Eles saíram bastante depois do amanhecer. Decius procurou entre os vultos até encontrar um pouco de roupa para Maeniel, uma túnica limpa e meias. O mercador usava botas, mas Maeniel teve que se arrumar com meias e sandálias. Ele se sentia cômodo, embora o sol estivesse no alto e a temperatura houvesse aumentado.

Decius voltou a organizar seus pertences e selou o cavalo e a mula, sem mencionar nada do ocorrido na noite anterior. Uma ou duas vezes disse sentir-se um pouco enjoado e estava seguro que o golpe em sua cabeça lhe tinha entorpecido.

Maeniel não o contradisse. Quando saíram da choça, nenhum dos dois olhou para o lugar onde jaziam a cabeça, os cascos e alguns ossos da égua.

O mercador estava montado sobre o fraco cavalo castrado do bandido. Maeniel o seguia a pé, guiando a mula.

O sol já estava alto no céu quando eles chegaram ao caminho do rio. Alcançaram o transportador meia hora depois da viagem. A embarcação estava no outro lado do rio, então os

dois homens tiveram que esperar. Decius evitava olhar para Maeniel.

O sol brilhava no céu. O gelo formado durante a noite estava se fundindo, umedecendo o bosque como se tivesse chovido. A neve fundiu salvo nos lugares a sombra e o rio brilhava como o diamante, mas o vento continuava frio.

Decius estremeceu um pouco ao sentir a brisa do rio. Retrocedeu para compartilhar com o Maeniel o refúgio que ofereciam os grandes corpos dos animais.

—Não... Não posso recordar o que aconteceu ontem à noite, mas sei que provavelmente você me salvou a vida.

—Mais de uma vez. - Replicou Maeniel.

—Isso eu pensei. - Ele lhe disse ainda, sem fitá-lo. - Me surpreendeu que não me deixasse abandonado ou levasse meus pertences. Contêm coisas valiosas.

—Não para mim.

—Não? Sim! Bem, depois do que vi ontem à noite posso acreditar que umas poucas bagatelas de ouro não o impressionem. Mas se é o ouro, o que quer?

—Necessito de sua ajuda para atravessar o rio e entrar naquele assentamento.

— E o que pensa fazer uma vez ali?

— Roubar uma mulher.

— Oh, não! — Gemeu Decius. - Não se dá conta do que nos acontecerá se ofendermos o cacique local? Oh, me ajude, pai de todos os deuses. Se Cynewolf não me matar, Fulvia fará com toda segurança.

— Quem é Fulvia? Deixe de choramingar e se explique.

— Fulvia é minha senhora. Eu sou um de seus libertos. Oh, irmãos de Zeus, eu era muito mais feliz como escravo e assistente de banho, antes que aquele sujo do Firminius decidisse que eu tinha um bonito traseiro. - Ele fez um gesto para o rio. - Acaso acredita que tinha vindo a este buraco miserável, gelado e cheio de gradeio por minha própria vontade? Sabe a quantidade de vinho que bebem estes selvagens?

— Provavelmente não tanto como os romanos

- Disse Maeniel, exasperado.

— Bom... Pode ser que não... Oh, em nome de Isis, o que importa isso? É o bastante para encher de ouro as bolsas de Fulvia e da família Basilia, para não mencionar minha liberdade e a comissão que levarei.

— Mas você já é livre! — Maeniel murmurou

as palavras entredentes.

Decius riu falsamente.

— Oh, sim, provavelmente segundo a lei e em teoria! Mas não posso imaginar Fulvia ou Firminius fazendo caso de nenhuma lei conhecida. Não. A verdade é que depende disto. Se eu não mantiver o monopólio de Fulvia com estes espantosos galos e agrados a esse enorme e peludo cacique do outro lado do rio, eles recuperarão parte de suas perdas me vendendo em um leilão. Já vi Fulvia fazer a outros que cometeram um engano no pior momento. Por favor, por favor. Rogo-lhe que não me meta em confusão que provocará, ao ofender a hospitalidade do cacique.

Maeniel soltou um grunhido que fez tremer os joelhos do mercador.

— Começo a acreditar que todas as coisas que não vi ontem à noite são certas – Disse Decius. Mas ao olhar ao seu redor, ele se encontrou sozinho. - Ele se foi. - Ele murmurou.

Estava começando a se sentir aliviado quando um grande lobo cinza saiu trotando do bosque e ficou junto a seu joelho.

— Não. - Murmurou o romano. - Ele não se foi.

O transportador se separou da margem

oposta. Um homem que levava um pequeno rebanho de ovelhas, talvez oito ou dez, uniu-se a Decius no embarcadouro. Depois dele chegou uma dama sobre um esplêndido cavalo castrado, acompanhada por dois homens a pé.

Às ovelhas não gostavam nada do lobo cinza e se amontoaram em torno do pastor.

A dama desmontou, situando-se junto a Decius. Era obviamente de nobre de berço, como demonstravam suas jóias. A magnífica imagem de seu cavalo e os dois guerreiros bem armados que a seguiam deixavam claro que não era uma pessoa comum.

Usava uma pesada capa com o capuz arremessado para trás. Era muito bela, mas obviamente já tinha deixado para trás sua juventude. Havia fios cinza em seu cabelo adornado com cadeias de ouro e recolhido junto às orelhas. Era possível ver finas rugas em suas bochechas e pequenas linhas em torno de seus olhos.

A mulher ignorou Decius, olhando pensativa ao longe e contemplando a laboriosa travessia do transportador. Ela fechava a capa em torno do pescoço com uma mão, enquanto a outra estava ao lado de seu corpo.

O lobo aproximou seu focinho da mão dela.

Aaah! Ele pensou, carne doce, limpa e perfumada. Carne de mulher. Aroma de mulher. Mulher, mulher, suave mulher. Aaah!

Ela sentiu seu contato na palma da mão e baixou o olhar.

— Oh, que magnífico animal. É seu? — Ela perguntou a Decius oferecendo sua mão ao lobo. Maeniel cheirou os suaves dedos com entusiasmo. Embora ninguém quer renunciar por completo sua dignidade, ele meneou sua grande cauda peluda.

Então ela lhe acariciou a cabeça, lhe coçando atrás das orelhas. A boca do lobo se abriu para lhe dedicar um grande e feliz sorriso.

— Tão bonito e tão bem educado... — Disse a mulher a Decius. — É afortunado em ter um animal tão esplêndido.

O lobo voltou à cabeça, para dedicar a Decius uma versão mais irônica de seu sorriso. Decius recuperou o controle de sua garganta e respondeu:

— Oh, sim, minha senhora. Ele... — Sua voz se fez indevidamente mais aguda, e ele teve que pigarrear. — Ele foi muito útil em minha viagem.

— Sim, bem. Pode ser, mas assusta minhas ovelhas. — Comentou o pastor.

A mulher lhe dedicou um encantador sorriso.

— Estou segura de que suas ovelhas não têm

nada que temer com um homem forte como você cuidando delas.

O pastor pareceu ficar sem palavra. Decius suspirou.

A mulher voltou a coçar o lobo entre as orelhas. Para o experiente olho de Decius, seu companheiro aparentava estar extasiado.

— Oh, você é um bom menino. Estou segura de que quando chegarmos a fortaleza de meu irmão do outro lado do rio poderei te encontrar um bom e grande osso e com carne.

— Seu irmão! — Exclamou Decius. - Então, devem ser a dama Enid.

— Em efeito.

— Que agradável é poder lhes saudar! — Disse Decius. - Estou aqui para transmitir ao seu irmão as saudações da dama Fulvia e da família Basília. Saudações e presentes de seus amigos romanos.

— Que amável de sua parte. - Ronronou Enid.

A dama respondeu bem ante a perspectiva de um bracelete de ouro respeitosamente devotado, quando chegaram ao outro lado do rio.

Foi como o lobo se encontrou sob a mesa no grande salão do chefe Cynewolf, ocupado com o osso prometido, enquanto Decius adulava e subornava seu anfitrião.

Havia coisas como duas deliciosas jarras de vinho em prata e bronze, com arremates em forma de cabeças de animais nas asas e nas tampas. Um serviço para seis pessoas, taças de vinho, um prato para bolos e taças com homens e donzelas nus sobre uma bandeja adornada com os mesmos homens, enquanto privavam as donzelas de seu direito a tal nome.

— Oooh, que atrevid! — Gargalhou Enid.

— São valiosas? — Murmurou o cacique enquanto as tasteava.

— São de prata pura. — Disse Decius.

Cynewolf apertou o polegar contra o fundo da bandeja, sem que cedesse.

— Não acredito. A prata pura é muito branda.

— Bem, — cedeu Decius, - terá que misturar um pouco de metal mais vil com o precioso, para que este seja útil. Talvez isto os satisfaça mais - ele continuou lhe oferecendo uma dúzia de colares de ouro.

O chefe duplou um e grunhiu, ao parecer satisfeito com sua flexibilidade.

— Para estar seguros, - continuou o mercador com voz suntuosa, - esperamos para este ano o mesmo pedido de vinho... Ou talvez maior.

Havia outros dois homens sentados a mesa

com o chefe. Um deles vestia-se ao estilo romano, toga incluída... Na realidade uma afetação, pois não era cidadão romano. O lobo não sabia, mas Cynewolf e o rico granjeiro sentado ao outro lado da mesa, sim.

O lobo examinou seu osso de cima a baixo. A carne tinha desaparecido arrancada pelas presas caninas e os molares traseiros. Cabia a possibilidade de que se rompesse e aquele osso era grande, mas o lobo mentalmente ewncolheu os ombros e mordeu.

Crack! O som reverberou na silenciosa sala. Todos os homens presentes se sobressaltaram e também a única mulher, Enid.

Decius estremeceu, sem saber muito bem por que. O salão, circular segundo o velho costume, estava coberto por um alto telhado cônico. O fogo, também de acordo com a tradição, estava enegrecido e apagado. A única luz era a do dia que chegava através do buraco para a fumaça do telhado. Outro cone na ponta impedia que entrasse a chuva e a neve, pelo que a luz que chegava era indireta e tênue. Uma mesa redonda, também tradicional, rodeava o fogo.

O cacique colocou o ouro a um lado.

—Não podemos falar de negócios hoje. Traz má sorte.

Decius limpou a garganta.

— Amanhã, então.

Mir entrou no salão. Usava uma larga capa escura que cobria seu corpo e um capuz sobre a cabeça. Nenhum dos três homens sentados a mesa olhou diretamente no rosto. Ele caminhou em silêncio até a mesa e se sentou junto a eles.

Do outro lado da sala, Decius e o lobo o olharam. O osso rangeu novamente quando o lobo extraiu a medula.

— Amanhã. - Disse o homem sentado junto ao chefe.

— Amanhã. - Repetiu o homem da toga.

— O dia de hoje não é de bom augúrio. - Explicou Mir.

Decius descobriu que, por alguma insondável razão, estava com a boca seca.

— Enid - Disse Mir. - Vá e se assegure de que ela se lave e coma a papa.

A doce e amistosa expressão de Enid desvaneceu de seu rosto e a dama pareceu contrariada. Estava examinando distraidamente uma das taças de prata, mas de repente a deixou com um golpe sobre a mesa e dirigiu um olhar de fúria a Mir.

O ancião a encarou sem vacilar e Enid foi

primeira a afastar os olhos.

Por um instante, o lobo pensou que ela parecia mais velha. A dama ficou em pé e, sem dizer uma palavra, abandonou o salão.

Decius tremeu novamente e se recordou que não tinha visto uma só fogueira em todo o assentamento apesar do frio. Sentia como se algo velho e escuro tivesse entrado na sala e se enroscado como uma serpente, esperando na escuridão.

O lobo gemeu brandamente sob a mesa, de forma quase inaudível e Decius compreendeu que seu peculiar amigo também o havia sentido.

—Falta pouco para o anoitecer. - Disse o cacique a Decius. - Vá à estadia que lhe deixamos, mas não acenda fogo. É proibido. Tranque a porta e não saia até a manhã.

—S-s-sim. - Gaguejou Decius se levantando. Havia pão, queijo e um frasco de vinho sobre a mesa; pegou tudo para levar. - Vou... Vou. Já vou. —E ele saiu.

O lobo ficou escondido e em silêncio, com o osso esquecido e o ventre sobre o piso. Lamentou não ter ido antes e ter se entretido com aquele miserável Decius. Lamentou não ter conseguido convencer Imona para que se fosse com ele na noite

anterior.

O que tinha acontecido? Teria se assustado por causa da tormenta? Não sabia. O que estava acontecendo a seu redor? Não entendia os propósitos humanos e seus fins estranhos e às vezes contraditórios. Só sabia que desconfiava deles... Desconfiava até o fundo de seu coração e a medula de seus ossos de lobo.

— Quando? — Perguntou o chefe a Mir. O ancião não o olhou.

— ao entrar do sol, entre o dia e a noite. Quando não é nem dia e ou noite, em um lugar que não é nem seco ou úmido, nem pedra ou terra. Então... — Mir levantou o olhar para o buraco da fumaça. A tênue luz se estava desvanecendo.

O lobo saiu do salão para a rua cheia de barro. O sol tinha entrado atrás da paliçada e por não haver tochas ou velas, tudo estava sumido na escuridão.

Onde estava Imona? Ele se deu conta que daquela vez não ia poder encontrá-la. Na noite anterior o vento estava soprando, levando consigo o fétido aroma das ruas cobertas de barro, lixo e refugos domésticos. Um aroma que afligia seu olfato e que reinava onde se congregasse um grande número de humanos. Naquele labirinto de indícios

humanos, Imona estava tão perdida para o lobo como quando Mir a levou de sua granja no vale.

O lobo teve que se mover para evitar ser pisoteado quando de repente as ruas se encheram de gente. Todos estavam vestidos igual a Mir, com capas negras e capuzes. Não se olhavam uns aos outros e depois de uns momentos Maeniel compreendeu o motivo: algumas daquelas formas não estavam realmente ali, eram somente sombras que passavam através das paredes sem nenhuma dificuldade apreciável.

Perto dele havia uma mulher, muito doente ou assustada, já que o calor que desprendia de seu corpo era visível para o lobo.

— Os mortos! — Ele gemeu brandamente. - Os mortos estão aqui.

Os pelos do lobo se arrepiaram quando outra figura encapuzada passou junto a ele, irradiando um frio fétido e letal. Estava no fundo de um gélido rio e os peixes lhe arrancavam a carne dos ossos. Sua mente desvaneceu: o simples medo da morte dissolvia toda razão. Só restava um vórtice de terror, desespero e amarga raiva.

Imona, pensou o lobo. Seu pensamento era uma imagem, a de um rosto de mulher sorrindo.

A multidão se movia em direção à porta e o

lobo foi atrás dela. Ao cruzá-la, viu Imona.

Ela não se encontrava longe da porta e estava com Mir de um lado e Enid do outro. Ela era a única vestida de branco.

O lobo abriu caminho entre as pernas da multidão, tentando chegar até ela, mas era muito lento. Antes que pudesse se aproximar, Imona, Mir e Enid começaram a andar, seguidos por um séquito de homens... Homens prósperos de meia idade, com capas de tecido mais grosso que o de Mir e os rostos cobertos. O lobo captou o aroma da hostilidade, um cheiro ruim, entre a hostilidade e o medo.

Aquilo o forçou a retroceder. Alguém vestido de negro, cujas roupas não podiam se mover com o vento. Fedia e não tinha mais mente que o primeiro que havia sentido. Balbuciava insensatamente, odiando, odiando e blasfemando contra o abismo que o reclamava. Segurando com dedos descarnados tudo o que tocasse, inclusive a si mesmo.

A brisa soprou mais forte e os humanos encapuzados se apegaram as capas sujeitando-AS contra o vento. O ar era gelado. Apesar do sol que havia brilhado durante o dia, a noite seria fria. A neve da noite anterior fundiu e o caminho que tomaram Imona e Mir os conduziu ao longo da

paliçada, para a parte traseira da fortaleza.

A vegetação sob seus pés estava marrom e murcha, com emplastos enegrecidos salpicando a grama. Quando a procissão chegou a parte de atrás da fortaleza, seguiu avançando colina abaixo.

O lobo estava já mais perto, e pôde ver que a túnica que Imona usava não era verdadeiramente branca, mas sim da cor natural da lã de ovelha, uma mistura de branco e cinza, com nervuras de cor óxido aqui e acolá, contribuídas pelos carneiros de montanha.

O sol estava já bem perto do horizonte e os longos e enviesados raios vermelhos derramavam sua última luz de ouro e fogo sobre os bosques aos pés da cheia.

Imona usava um colar em torno do pescoço e a luz do crepúsculo o fez brilhar. O capuz de Enid estava jogado para trás e o lobo pôde distinguir suas tranças enroscadas junto às orelhas. Imona parecia flanqueada por duas figuras negras muito parecidas com as que rodeavam o lobo.

Imona e seus companheiros entraram no bosque. A luz do crepúsculo era um resplendor vermelho entre as árvores nuas. A tormenta da noite havia varrido os restos do verão. Galhos que podiam ter conservado algumas folhas

avermelhadas, marrons e amarelas estavam despovoadas por completo. Mesmo os carvalhos estavam nus.

A falange de olhos estranhos rodeou Imona e seus dois acompanhantes depois de deixar para trás um enorme tronco que se elevava como um pilar do mundo. Seus galhos estavam decorados com muérdago, verde sobre o marrom da madeira seca e com manchas de frutas brancas iluminados pelo crepúsculo.

Salvo por alguns dos gigantescos carvalhos, o bosque era baixo. As árvores eram pequenas, de tipo renascido. Em alguns pontos, os espessos matagais quase bloqueavam o caminho, obrigando o grupo a abrir passo entre eles.

O caminho terminava abruptamente em um buraco parcialmente cheio de água. Para o lobo, aquele escuro lago tinha um aroma tânico, turva, algo que contribuíam em parte, as folhas de outro enorme carvalho sobre o lago.

Imona falou em voz alta no silêncio do bosque golpeado pelo inverno.

— Aqui! — Ela se deteve, logo caminhou até a margem do lago e elevou os braços invocando a luz última.

O sol, tocando uma colina diretamente em

frente a ela, brilhou sobre seu rosto.

O lobo piscou, mas Imona manteve firme o olhar na bola ardente enquanto ela afundava atrás da colina.

Um terrível gemido se elevou das figuras encapuzadas em torno do lobo. Um grito choroso de vivos e mortos.

Os braços de Imona caíram. O sol se fora, mas não a luz sobre a colina. O céu resplandecia e um claro crepúsculo azul enchia o vazio.

Enid ofereceu uma taça a Imona.

O lobo avançou. Já estava bem perto, apenas a alguns metros do pendente que descia até a margem. Quase estavam às escuras. Podia desafiar a qualquer, vivo ou morto, que o encontrasse na sombra, à noite e sob as árvores.

Seus olhos sondaram os rostos em torno da mulher de branco. Viu resolução em alguns e lástima, esperança, medo e fascinação em outros. Uns poucos pulsavam com algo mais escuro e ele tomou nota deles. O que estavam fazendo?

— Não! - Disse ela, afastando a taça. - Já tomei a papa, é suficiente.

Ela tirou os alfinetes que sustentavam o vestido pelos ombros e deixou que o objeto caísse a seus pés. Seu corpo estava branco sob o resplendor

azulado.

O cacique avançou por entre as sombras atrás dela.

Imona tirou o colar do pescoço, entregando-o a Mir.

Então Cynewolf a golpeou com todas as suas forças na parte de atrás da cabeça.

O lobo ficou paralisado ante aquela brutalidade tão repentina e sem sentido para ele.

Mir tirou uma faca curva de bronze e abriu a garganta da mulher.

No momento em que a faca passou pelo pescoço de Imona, o lobo viu que ela estava condenada. Antes que o sangue alagasse a ferida, ele viu claramente os brancos tendões e a laringe que mantinham a cabeça ereta e davam forma à fala, se partindo e logo as longas e escuras veias, que levavam o sangue ao cérebro e de volta, cortadas em duas. Por mais velho que fosse Mir, seu golpe foi preciso e certamente misericordioso, embora Imona seguisse se movendo quando seu corpo desapareceu no lago a seus pés.

Enid se voltou, cobrindo o rosto com o capuz.

O cacique estava de joelhos, com a cabeça sobre a terra úmida. Outros caíram ao chão, os vivos e os mortos, os culpados e os inocentes.

Só Mir permaneceu em pé, sua mão tremendo depois do corte, a espada em forma de foice ainda na mão.

O lobo se moveu como um pedaço de escuridão até chegar junto à Mir.

Enid descobriu seu rosto com um suspiro de alívio, um alívio que durou pouco ao reaparecer a face de Imona, poucas polegadas sob a superfície da água. Enid gemeu e voltou a tampar o rosto.

Umás poucas bolhas saíram dos lábios de Imona, subindo até romper perto das plantas aquáticas. Então, seus olhos, aquelas belezas de cor verde cinzenta nos quais tantas vezes ele se viu refletido, abriram para fitá-lo por um instante, como se fosse uma despedida. Logo se fecharam e seu rosto ficou oculto pela negra mancha de sangue que saía de sua garganta aberta.

Enquanto afundava no lago, Imona teve tempo para um último pensamento de queixa. A demora em morrer. Mas não demorou tanto, pois já não pensava nada mais enquanto atravessava a ponte da luz estelar para o silêncio definitivo.

Capítulo 10

Não tinha passado muito tempo desde morte de Imona, quando o lobo visitou Mir. A alcatéia aceitara sua volta do Oppidum, mas não como líder. A loba, mãe da alcatéia, já gerando novas crias corria com um sobrevivente da alcatéia das terras baixas, expulsa pelos romanos.

Aquele lobo era enorme, embora estivesse um tanto maltratado. Faltava-lhe uma orelha e uma mecha de pelo branco em seu ombro marcava a cicatriz que lhe havia deixado o gladio de um legionário romano. Tinha uma das presas dianteiras quebrada. Era nervoso, cruel e rápido em ofender. Como resultado, o resto da alcatéia o temia e desconfiava dele.

Parecia ver todos os machos maiores de um ano como rivais. Em situações que o lobo cinza teria resolvido com um simples olhar de desaprovação, Ombro Branco lançava grunhindo. E em encontros mais sérios, atacava e mordia... Mordia forte.

O novo líder esteve a ponto de deixar aleijado um dos jovens machos por causa de alguns restos de pele. O transgressor passou uma semana coxeando depois ser mordido na pata e no pescoço.

Depois daquilo, os jovens começaram a desertar da alcatéia, procurando companhia mais amistosa.

A fêmea não era um pouco melhor e entre as fêmeas o problema era bem mais grave. Eram as melhores e mais eficazes caçadoras e responsáveis, coletivamente, da maior parte das matanças.

Permaneciam virgens até os quatro anos. Esbeltas e poderosas assassinas capazes em caso necessário, de vencer em uma carreira ao íbice e a cabra montesa.

Elas também foram se distanciando e o lobo cinza soube que algumas delas também iriam embora. Mas não podia impedir. Teria conseguido desafiar facilmente o lobo Ombro Branco. Antigamente teria desafiado, mas nem a destruição da alcatéia parecia capaz de comovê-lo.

Uma noite decidiu visitar Mir e matá-lo.

O inverno havia chegado às alturas e o alto bosque de pinheiros estava coberto por vários metros de neve. A caça era cada vez mais escassa. No dia anterior, a alcatéia tinha conseguido meia dúzia de lebres, algumas marmotas e vários ninhos de ratos de campo desenterrados da neve. Não era o bastante e os lobos sabiam.

Naquele ritmo, não demorariam a morrer de fome. Só o lobo cinza tinha idéia do verdadeiro

problema: os romanos. Custava muito alimentar aos trezentos homens que César havia destacados ali, permanentemente. Havia abundância de pão de trigo em seus armazéns, mas a carne escasseava.

Os soldados se dedicavam a caçar. Não estavam interessados no jogo limpo, mas na eficiência. Elaboraram uma espécie de grande funil e dispuseram arqueiros e lançadores em seu extremo inferior e mais estreito. Os legionários ocuparam seus postos como batedores, guiando os animais para o extremo estreito, onde seus executores esperavam.

O lobo contemplava tudo, oculto atrás de espessas matas.

Os soldados matavam, gargalhando e competindo por cada criatura que saía pela abertura do funil.

Nenhuma era muito pequena e nem certamente, muito grande. Pisotearam os ratos de campo e afogaram as ratazanas. Era um aprimoramento de reserva para os oficiais. A matança de cervos foi algo nauseabundo, pois eles chegaram muito depressa e não e não foi possível matar com limpeza.

A branca neve se converteu em uma pisoteada massa vermelha sobre a qual os feridos jaziam em

seus grunhidos ou tentando correr, com as vísceras se arrastando sob eles até que alguém os exterminava com uma tocha ou um dardo. Os cervos foram deixados para o final, pois não se separariam de suas mães, nem quando as cervas estavam rígidas sobre a neve ensangüentada.

As tenras crias eram outra delicadeza para a mesa do comandante. Os legionários as penduravam vivas pelas patas traseiras e lhes cortavam a garganta para que sangrassem.

Em algum momento da larga tarde começou a nevar novamente e os pequenos flocos iniciaram sua tarefa de limpar o cenário da matança, devolvendo a neve sua cor branca. Todos os animais haviam morrido e o único som que restava era o das maldições e queixa dos açougueiros enquanto esfolavam sua colheita.

Estremecido, o lobo se afastou, voltando para o lugar onde era o lar da família de Imona. O vale e o bosque ao seu redor eram um deserto branco.

O lobo entrou na caverna onde tantas vezes havia desfrutado do amor no verão e dormiu ali. Despertou o tempo necessário para beber e se aliviar e voltou a dormir.

Sim, certo. Eles eram definitivamente os senhores da criação. Ele não pensou muito no que

tinha visto. Havia se decidido que não queria pensar.

No terceiro dia ele saiu disposto a se unir novamente à alcatéia e rodeou o lugar onde era a casa antes. O velho aroma da madeira queimada apagava outros rastros. Ele se aproximou da tília, no qual estavam muitos restos para lhe recordar que os ossos de Leão seguiam misturados com o danificado tecido que Imona tecera. O tear tinha sido de cedro e seus fragmentos cediam seu estranho e limpo aroma, do que era uma tumba. O lobo cinza voltou com a alcatéia.

Naquele anoitecer, Ombro Branco se levantou de seu leito na neve e depois de se sacudir, se dirigiu para o vale. Outros o seguiram. Quando Maeniel viu a direção que tomavam, se deteve e baixou as orelhas.

Seus pensamentos não eram os de um lobo. Ele sabia o quanto perigosos que eram os humanos.

Teria conseguido ficar na neve e retomar o sono ou simplesmente ter ido caçar em qualquer outra parte. Todos os membros da alcatéia eram livres, submetidos somente por seu medo em caçar ou sobreviver sozinhos. Ninguém dá ordens a um lobo.

Então as orelhas do lobo moveram para trás e

depois para frente. Alguns lobos passaram ao seu lado e pareciam enganosamente aborrecidos, ninguém os teria considerado perigosos.

O lobo meneou suas orelhas novamente e se sacudiu para limpar os restos de neve da pelagem, em um gesto equivalente a encolher os ombros. Depois seguiu seus companheiros.

Poucas horas depois, os lobos descansavam na neve sob um dossel de altos pinheiros que cobriam as ladeiras em torno da fortaleza.

Se não fosse inverno e o terreno estar coberto por uma grossa camada de neve, os lobos teriam sido descobertos pelas sentinelas que percorriam as plataformas ao longo da paliçada. Mas na neve, sua camuflagem era quase perfeita.

O grande lobo cinza arrancou um pouco de gelo do pelo da barriga e determinou que os romanos não eram estúpidos. Eles haviam destruído as árvores mais próximas de sua fortaleza, para construir a paliçada e os robustos edifícios do interior. Aquilo fazia com que uma emboscada fosse virtualmente impossível. Os soldados protegiam qualquer pessoa que entrasse ou saísse da fortaleza.

Por que a observarmos, então? Ele se perguntou. Deu algumas voltas sobre si mesmo,

cobriu o focinho com a cauda e voltou a dormir.

Despertou horas mais tarde. Ombro Branco se levantara e estava seguindo furtivamente um pequeno grupo de soldados que tinham saído da fortaleza em um carro. O tempo estava ficando pior. Embora a manhã estivesse muito avançada, o céu se tornara mais escuro e pequenos flocos de neve começavam a cair do alto. Um deles caiu sobre seu focinho e Maeniel pôde ouvir o suave rangido quando suas patas se afundaram na neve. Todas as árvores que restaram em torno da fortaleza eram altos abetos, cujos galhos mais baixos estavam muito acima do chão. As pontas de suas taças estavam ocultas pela massa de nuvens que avançava sobre o passo.

Os lobos seguiram o carro, movendo-se perto de seu caminho, mas não sobre ele mesmo. O carro virou uma curva e voltou para baixo. As árvores estavam já mais perto umas das outras e os arbustos eram mais espessos. Já estavam fora do campo visual das sentinelas.

Os lobos se aproximaram. Não fizeram nada ameaçador, mas avançaram para o carro sem ser vistos.

A nevada se fez mais abundante. Os pequenos flocos pareciam quase uma névoa.

Presa! O lobo cinza tinha sido um líder durante muito tempo, para não querer observar o que caçava. Apertou o passo, mantendo-se fora da vista de seus ocupantes. Assustava-lhe um pouco ser visto, mas ao se aproximar viu que não havia nada a temer dos homens.

Os quatro legionários estavam sentados na parte traseira, tentando jogar, o que não era fácil no carro que balançava, e bebendo generosa embora disimuladamente, de diversas jarras de barro e um grande barril de vinho que levavam consigo. Às vezes se interrompiam, o tempo suficiente para amaldiçoar o velho soldado que conduzia o carro.

Tratava-se de um centurião, assim chamado por estar ao comando de cem homens. Eram a espinha dorsal do exército romano. Muitos eram bastante duros para romper rochas a cabeçadas, mas não era o caso daquele homem.

Os legionários, que supostamente mandavam, faziam o que lhes dava vontade. Antes ele havia sido um magnífico guerreiro, mas já era um homem velho e seus soldados jovens e uma vez longe do acampamento, tratavam-no quase como os cavalos que puxavam do carro. É obvio que não se atreviam fazer o mesmo no acampamento. Havia muitos suboficiais que recordavam os bons tempos de

Druso e teriam castigado rudemente qualquer insolência.

Druso guiava o carro, pensando em que os homens que o acompanhavam naquele dia eram uns estúpidos. Pessoalmente, ele se sentia incômodo e estava seguro de que alguém os vigiava. Não tinha completa certeza, mas havia detectado movimentos furtivos, pela extremidade do olho.

Hirax, um germano das tribos aliadas era o líder daquele pequeno grupo, quando se tratava de comportar mal e obviamente havia decidido aproveitar aquela breve saída para buscar lenha, como desculpa para se embebedar como um porco. Os outros três, Marco, Statilius e Scorpis o imitariam com toda probabilidade, pois não reuniam um bom cérebro entre todos. E uma vez sob os efeitos da bebida eram mais estúpidos que a média.

Druso comprovou sua espada, o que restava de um honorável guerreiro. Sempre a mantinha limpa e afiada.

Passaram em outra curva do caminho e Druso deteve o carro a margem de uma clareira. Ali, com o bom tempo, uma partida numerosa de homens havia destruído uma dúzia de árvores, cortando-as em seções prontas para serem carregadas nas

carretas e levadas a fortaleza.

Druso estremeceu. Os soldados ficaram em pé, baixaram a parte traseira do carro e desceram, se aproximando da pilha de lenhos.

— Acendam um fogo — Disse Druso.

Os soldados o ignoraram.

—eu disse que acendam um fogo, filhos de puta! Façam agora mesmo! Ou do contrário, ele moveu a espada em sua bainha, não me incomodarei em levá-los ante um tribunal. Eu mesmo matarei os quatro. —ele cravou o olhar em seus homens e eles foram os primeiros em afastá-los.

A clareira estava cheio de galhos mortos sob a fina camada de neve. Só demoraram alguns momentos em acender uma boa fogueira junto ao carro. Logo, os soldados atacaram a pilha de lenha. Cada tronco devia ser descido do alto da pilha, colocado sobre suportes e serrilhado em pedaços menores que coubessem no carro.

Druso ficou sentado no carro. Já sabia o que estivera seguindo-os e se sentia melhor. Um dos lobos havia entrado na clareira, deixando um bom rastro na neve. Já tinha sido seguido por lobos em outras ocasiões, e sabia que provavelmente não atacariam, a menos que vissem algo que lhes desse

vantagem... Uma muito boa vantagem.

Ele já havia os encontrado em campos de batalha durante sua juventude. Os romanos tinham suas próprias unidades médicas, mas tal cortesia não se aplicava a seus inimigos.

Às vezes, os gritos do campo de batalha duravam quase toda a noite. Os cavalos também caíam e em certas ocasiões era muito difícil saber se os gritos de agonia eram de um homem ou um de animal.

Druso usava um pesado manto, mas não a capa vermelha típica do oficial romano. Era um grosso manto marrom debruado e ornamentado com folhas de salgueiro de cor verde, que tinha comprado de uma mulher alguns anos atrás. Era muito quente. Ele o ajustou mais ao corpo.

Sua mente seguia lhe oferecendo imagens de sua juventude. Ele pensava que se tornaria mais duro com a idade, mas não aconteceu. Os horrores experimentados ao longo dos anos e pareciam lhe perturbar profundamente, mais que antes.

Afastou sua mente do passado com um suspiro. Seu período de serviço terminaria em poucos meses, por fim e para sempre. Reengajara duas vezes e eles lhe deviam uma boa soma em conceitos de pagamentos e bonificações. Já tinha

usado parte de seus lucros para comprar uma pequena granja nas colinas perto de Terracina.

Eram dez acres de vinhas e oliveiras, suficiente para lhe dar uma boa vida se as mantivesse produzindo. Seu primo Festus faria o verdadeiro trabalho de cultivar e colher. Ele e seus filhos estariam mais que dispostos a isso em troca de se converterem em seus herdeiros.

Uma vez tivera uma esposa, mas ela e seus dois filhos, que ele não estava seguro de ser o pai de nenhum, haviam morrido enquanto César levava a cabo uma campanha na Britania. Tinha acreditado que aprenderia a deixar de ter saudades com o tempo, mas mais tarde descobriu que não era assim. À medida que envelhecia, desejava mais e mais sua companhia. Ela havia sido uma autêntica arpía, mas também divertida e extranhamente solícita quanto a sua saúde e comodidade. Sentia falta de suas constantes brincadeiras e seus afinados comentários sobre seus companheiros de armas.

E, surpreendentemente, sentia falta da menina, a que estava bastante seguro de que não era dele. Era de quem mais sentia saudades. Como sua mãe, ela sempre estava conversando e sorrindo. Falava em sua própria linguagem, antes mesmo de aprender a formar as palavras.

O menino havia sido menos interessante, mas calado, firme e esforçado desde que era muito pequeno. Possuía a pele olivácea, com o espesso cabelo encaracolado de um verdadeiro latino e mostrava sinais de que seria robusto e musculoso como seu pai.

Mas desde sua morte, a única família que lhe restara eram Festus e seus dois filhos. A granja já não lhe importava tanto, mas queria se sentar ao sol em sua própria colina e contemplar o mar de esmeralda e lapislázuli rompendo contra as rochas. A espuma era branca. Branca como a neve que estava caindo...

Druso voltou bruscamente para a realidade ao se dar conta de que o ruído da serra havia cessado. Abriu os olhos e viu o pequeno Scorpis afastando-se para as árvores.

— Aonde acredita que vai? — Ele grunhiu.

Hirax se inclinou sobre a serra.

— Ele quer urinar e dar uma cagada.

— Bem, vá atrás de uma árvore e não se afaste.

Há lobos por aqui.

— Lobos! - Bufou Hirax. - E isso é uma boa razão para deixar que se suje todo com sua merda? Além disso, eu não vejo nenhum lobo.

— Não, e nem os verá. Não até que eles

queiram que você os veja e então já será muito tarde.

Scorpus observou Hirax e o centurião com um olhar bastante nublado. Seu nariz era grande e vermelho e ele o esfregava vigorosamente com a mão, fazendo com que parecesse maior e mais vermelho ainda.

Hirax olhou para Druso. O veterano fechou os olhos e deixou cair o queixo sobre o peito.

— Velho pedorro inútil — Disse Hirax para si. — Vá onde queira, Scorpus.

O legionário começou a caminhar para um grupo de carvalhos a margem da clareira. Na realidade, não queria fazer suas necessidades, Havia outra jarra oculta sob seu manto e ele estava procurando um lugar tranquilo para acabar de esvaziá-la... Algum lugar onde seus companheiros não pudessem vê-lo e reclamar sua parte.

Havia muito acebo e muérdago crescendo entre os carvalhos. O bosque era como uma grande casa. Uma casa ultraterrena. A névoa era tão baixa que as árvores estavam perdidas nela. A luz era brilhante, um difuso resplendor refletido da superfície da neve e nos galhos que se sobressaíam.

As folhas e frutas vermelhos do acebo brilhavam em contraste com a onipresente

brancura. Os ramos de muérdago eram mais altos, com seus frutos de cor branco-cinzenta, como fantasmas de frutas do verão.

Para Scorpis, as plantas eram uma moléstia a mais. Cresciam tão perto umas das outras que lhe era difícil abrir passo entre elas. Os agudos espinhos das folhas de acebo arranhavam seus braços e as mãos, ao ponto de fazer com que sangrasse. Era como se tentassem impedir seu passo, de maneira consciente. Mas ele conseguiu atravessá-las.

Um pouco por diante dele sobressaía um dedo da montanha. Tratava-se de um monte de rochas cinza, úmidas pela neve e coroadas por um matagal de abedules, com sua fina casca apenas um pouco mais escura que a neve ao seu redor. Havia vários lugares resguardados onde podia se sentar e terminar de beber o vinho sem que o interrompessem.

E é obvio, os lobos o observavam. Estiveram lhe observando desde sua cobertura de acebo, no momento em que se encaminhara para as árvores. Para eles, um animal que renunciasse o amparo do rebanho devia estar doente ou gravemente incapacitado de alguma forma.

Scorpis não tinha nem um indício de que Ombro Branco estava apenas a alguns metros atrás

dele, flanqueado por Maeniel à direita e a mãe da alcatéia à esquerda.

Maeniel seguia tendo cuidado. Era aquela, o tipo de caça em que pensava Ombro Branco? E em tal caso, entendia o novo líder da alcatéia sobre as possíveis conseqüências em se matar um homem? Ao que parecia, outros lobos sentiam o mesmo, pois haviam ficado bastante atrás dos três.

Scorpus se deteve.

Os lobos o imitaram. Ombro Branco despiu os dentes em um silencioso grunhido. A mãe da alcatéia se chocou com ele, como lhe urgindo a avançar, mas o líder não respondeu, limitando a permanecer paralisado com expressão de ferocidade assassina.

Scorpus levantou a túnica e com um estremecimento, o ar que chegava a sua pele nua era muito frio, começou a urinar, segurando o membro com uma mão. O jorro que se afastava dele descrevendo um arco abriu um buraco bordeado de amarelo na neve.

Você não os matou, recordou Maeniel. Oh, não. Você não os matou, nem quando ficaram com sua caça. E sempre podia matar outra vez. Mas se sua pele fosse parte da capa de um homem, para se proteger do frio, já não poderia matar nunca.

Quando chegaram para te roubar, a primeira coisa que fizeram suas mulheres foi fazer uma fogueira com tudo o que havia à mão. Depois, o grupo inteiro avançou com galhos acesos em uma mão e lanças endurecidas ao fogo em outra. Às vezes, uma alcatéia de lobos defendia seu território, mas sempre perdiam. No inverno era um desastre para a alcatéia, que seus membros mais fortes morressem tossindo com os pulmões atravessados por aqueles dardos de madeira ou em uma lenta agonia por causa da infecção, incapazes de comer por estarem estripados.

Não, aquelas criaturas não eram presas aceitáveis. Enfrentá-las, simplesmente saía muito caro. Na vitória ou na derrota, a alcatéia que tentava encontrava unicamente a ruína.

Quando Scorpis terminou de urinar, sacudiu o órgão e voltou a colocá-lo cuidadosamente sob a roupa. Depois tirou a jarra de barro debaixo do manto e a levou aos lábios.

A loba soltou um ganido.

O medo deixou Scorpis tão frio como o gelo. Ele se voltou, com o frasco ainda na mão e viu os três lobos a poucos passos dele.

Ombro Branco se lançou contra o soldado. Maeniel ficou atrás, como a mãe da alcatéia. Ela

tinha cedido à presa e ambos sabiam.

O ombro de Maeniel se chocou contra a fêmea, enviando-a pelos ares de patas para cima.

Scorpus estrelou a jarra sobre a cabeça de Ombro Branco. Ela não era o bastante grande e pesada para fazer verdadeiro dano ou aturdir um lobo de seu tamanho, mas ao se romper, seu conteúdo derramou pelos olhos e o focinho de Ombro Branco.

Por uns instantes, o lobo ficou cego e preso em uma terrível dor. Um reflexo involuntário o tinha feito aspirar ao ácido vinho, por seu sensível focinho.

Scorpus correu. Correram como tinha feito ao se unir as legiões quinze anos atrás, em sua juventude. Correu como não pensava que pudesse correr ainda, como um rapaz de dezoito anos e notou ante ele uma fissura na rocha. Pensou, não. Depois esperou que fosse bastante estreita e profunda para que os lobos não pudessem lhe alcançar se conseguisse entrar nela. Não! Ele gritou, sabendo quase instintivamente que seria esbanjar seu fôlego.

Ombro Branco seguia no chão, tentando limpar seus olhos e seu focinho infrutuosamente. A loba voltou com o resto da alcatéia, aterrada pelo

que estivera aponto de fazer.

Maeniel se lançou atrás de Scorpus, mas o atraso havia sido o suficiente. O legionário se meteu de lado na greta, tão profundamente como pôde.

Maeniel foi atrás dele, quase alcançando sua mão direita. O homem sim gritou então, mas seus dedos encontraram um pedaço de pau, um grosso pedaço de galho caído das árvores de acima. Ele o passou para a mão direita e quando o lobo cinza atacou pela segunda vez, ele golpeou-lhe na cabeça.

Maeniel cambaleou para trás, aturdido. Scorpus entrou mais na fissura, aferrando-se seu refúgio como um náufrago a um pedaço de madeira.

Até então, Maeniel e outros lobos já haviam compreendido que Scorpus não sairia dali. De fato, pela expressão de terror do legionário, ele parecia decidido ficar na fissura até a primavera.

Maeniel não estava disposto há perder mais tempo com ele, não naquele momento.

Ombro Branco tinha conseguido se liberar dos piores efeitos do vinho, embora de vez em quando seguisse choramingando e dando tapas com a pata no focinho.

Maeniel se fundiu com os carvalhos e o acebo, desvanecendo-se com outros lobos. Tinha que

pensar e naquelas alturas já era bem melhor nisso que a maior parte de sua espécie.

Parecia-lhe que o melhor seria partir em seguida e voltar para as montanhas. Com sorte, os oficiais da guarnição romana não acreditariam na história que contaria aquele idiota que seguia na greta da rocha, sobretudo se a neve, que ainda estava caindo, cobrisse seus rastros. Mas Ombro Branco e sua fêmea não cediam e Maeniel compreendeu que eles pretendiam ficar ali até matá-lo.

Druso seguia dormitando sobre o alto assento do carro, ignorando a marcha de Scorpus. Finalmente, ele despertou quando os outros três legionários começaram a carregar troncos no veículo. Depois de bocejar, ele contou seus homens.

—Onde está Scorpus? — Ele perguntou a Hirax e Statilius.

Os dois soldados deixaram os troncos que estavam transportando e olharam ao redor.

- Diss eque ia urinar. - Explicou Statilius.

—E algum de vocês idiotas, sabe em que direção ele foi ou quanto se afastou?

Eles não sabiam. Nem Hirax se deu conta.

Alarmado, Druso desceu do carro e arrojou algo mais de lenha ao fogo. Comprovou sua espada,

assegurando-se de que estivesse solta em sua bainha e saísse facilmente. Logo começou a andar em círculo pela clareira, procurando rastros.

Por fim encontrou umas poucas depressões, que atribuiu aos pés de Scorpis. Mas havia pouca umidade e a neve estava tão seca que não recolhia bem os rastros. Aquele frio polvilho que não deixava de cair e enchia em seguida qualquer buraco.

Druso pensou brevemente nos rastros e levantou o olhar. O céu estava coberto, com as nuvens tão baixas que as copas das árvores estavam envoltas em branco. Ele não podia ver muito a distancia, na nevada. Voltou a comprovar a espada em sua bainha... Em um gesto nervoso.

— Irei lhe buscar — Disse Hiras com seu espesso sotaque.

— Não, não! Não irá! — Replicou Druso. - Se algo o pegou aí fora, também pode pegar você.

Hiras fez uma obscena referência aos antepassados de seu centurião, e acusou de ser um covarde.

Druso não respondeu. Não a princípio. O único sinal de emoção que ele deu foi que seus olhos se abriram ligeiramente, pelo menos em parte porque ele se deu conta de que Marco e Statilius os olhavam com atenção. Sentiu que aquilo era o

ataque final a sua minguante autoridade sobre a corte. Se permitisse que Hirax o afrontasse, seus homens tornariam sua vida tão impossível, que talvez acabasse tornando sobre sua própria espada antes que chegasse sua esperada licença e seu pagamento. Mas também aconteceria com toda certeza se deixasse se levar por Hirax, a um duelo à espada. Não era rival para o jovem soldado e a derrota seria humilhante.

— Muito bem. — Ele disse. — Não é uma prova de coragem Hirax, mas se quer convertê-la nisso, adiante. Sirva-se você mesmo. — Depois ele se voltou, com expressão de absoluta indiferença. — Atenção! — Ele gritou aos outros dois legionários. — Carreguem o carro. É tarde e acredito que esta neve três vezes maldita cai cada vez com mais força.

Os dois soldados obedeceram entre grunhidos.

Druso ignorou suas queixa, afastando-se até ficar ao lado dos cavalos.

Hirax desvaneceu no bosque.

Druso recordou novamente como as profundas e azuis águas se tornavam de cor esmeralda à medida que as ondas se aproximavam da costa. A última vez que tinha conseguido visitar o lugar havia subido pelos pronunciados pendentes,

caminhando entre as parras até chegar a abandonada granja de pedra tão parecida com aquela em que havia nascido e fora criado. De dia ou de noite, no inverno ou no verão, o ar ali era fresco e puro. O vinho, repousado em uma caverna de pedra calcária perto da casa, podia se beber em poucos meses.

Quase podia cheirá-lo, saboreá-lo, inclusive naquele momento. Recordava-lhe ao ar, com a doce manjerona, o orégano e o tomilho crescendo silvestres nas ladeiras da colina.

Envolto em sua toga e ele passara a noite a sós ali, com o suspiro do vento entre os pinheiros como única companhia. A lua de prata flutuava entre os galhos carregados de agulhas enquanto o embalava o distante som do mar.

Como e por que, em nome de todos os deuses esquecidos da Toscana, ele havia acabado naquele miserável bosque gelado, congelando o traseiro e se preocupando com os lobos?

Amaldiçoou Hirax. Que Fortuna o enviasse a Hades, esse bárbaro jactancioso, filho bastardo de um porco e o deixasse ali para que chorasse entre os fantasmas sem enterrar, com o passar do rio Estigio.

Ao seu lado, um dos cavalos elevou a cabeça, soprou ar e golpeou o chão com uma pata. Para

aquelas feras de tiro, adestradas para permanecer tranqüilas, mesmo em meio a batalha, quando moviam máquinas, aquela conduta era quase o equivalente a histeria.

Sim, pensou Druso, os lobos andam soltos, mas pagava para ver se os escorregadios predadores cinza eram perigosos.

Hirax seguiu o rastro de Scorpis até o matagal de acebo, amaldiçoando-o ao longo de todo o caminho.

— Onde se terá metido esse piolho imbecil? — Ele murmurou. - Scorpis! Onde você está?

Seu grito reverberou no silêncio nevado, parecendo ricochetear sem direção entre as árvores.

— Scorpis! — Ele gritou novamente. - Bastardo. - Ele murmurou depois entredentes. Em duas ocasiões acreditou ter ouvido gritos lhe respondendo, mas soavam muito amortecidos e longínquos para estar seguro de que não era o eco de sua própria voz, devolvido pelo bosque gelado.

Então se fixou em algo escuro e semi enterrado na neve, no lado batido pelo vento, de uma árvore caída. Voltou-se e caminhou para lá. Sim, era a jarra de vinho de Scorpis. Ele se inclinou para recolhê-la e quando seus dedos se fecharam sobre ela, tentou erguer para vê-la com a luz. Que

estranho, ele pensou ao se dar conta de que ela parecia ter um peso enorme sobre as costas... Logo não soube e nem pensou nada mais.

Maeniel observou os outros lobos enquanto eles limpavam os ossos de Hirax. Atuavam de maneira furtiva, rápida e extranhamente silenciosa. Compartilhavam as mesmas lembranças que ele e compreendiam igualmente que estavam fazendo algo proibido.

Druso e os dois legionários restantes avivaram o fogo na clareira. O centurião notou satisfeito que os dois homens estavam cada vez mais nervosos ante a demora de Hirax em voltar com Scorpus.

O carro já estava carregado de troncos dispostos para ser cortados em tamanhos manejáveis na fortaleza.

—Provavelmente estão se abraçando para se proteger do frio em alguma parte. - Disse Marco.

Statilius olhou ao céu, que parecia mais coberto ainda. As nuvens tinham descido e a luz era cada vez mais tênue. Todos sabiam que o curto dia invernal estava chegando ao seu fim. Não precisavam falar para saber que nenhum deles queria ficar preso no bosque depois do pôr-do-sol.

—Se algum de vocês quer ir ver se os encontra, tem minha permissão - Disse Druso quase

com doçura. Logo subiu no carro e pegou as rédeas.

— Vai deixá-los, então? — Perguntou Marco.

— Não. Mas há uma forma melhor de procurar. Venham, usaremos o caminho.

O lobo cinza se afastou discretamente do lugar onde estavam se alimentando os outros, para voltar ao refúgio de Scorpus.

Nevava com mais força. Ele olhou o legionário através do véu de flocos.

O corpo de Scorpus estava encaixado na rocha, mas estava com a cabeça volta para o lobo. Seus olhos estavam parcialmente abertos e ele estava com as bochechas, o pescoço e o nariz cobertos por uma fina membrana de gelo. Em seu rosto havia ficado gravada uma expressão de mortal terror, mas seus olhos não se moviam e tampouco nenhuma outra parte de seu corpo.

Está morto, pensou o lobo cinza.

Os dois soldados olharam um ao outro.

— Não sei... — Balbuciou Marco.

— Bem, pois vá e olhe. Está somente a cinquenta passos do caminho! — Druso soava completamente exasperado.

— Não! — Respondeu o legionário. Suas mãos se crisparam sobre um dos barrotes do carro. A insubordinação era algo rudemente castigado no

exército romano.

– Vamos. – Disse Statilius. - Eu irei contigo.

Os dois homens desceram do carro, equipados com suas espadas. O bosque estava em silêncio, salvo pelo rangido da neve sob seus pés.

Druso observou como avançavam para os pontos negros perto das árvores.

Ao se aproximar, os soldados compreenderam que estavam olhando para um bando de corvos pousados na neve, que comiam alguma coisa. Então, justo antes que chegassem até elas, as aves elevaram o vôo com um forte ruído de asas.

Havia ossos espalhados pela neve, ossos vermelhos recém limpos da carne. Estavam desordenados e quebrados. Nenhum dos soldados foi capaz de identificar o animal ao qual pertenciam, até que Statilius viu algo que parecia um crânio médio enterrado na neve. Ele aproximou-se daquilo e alongou a mão. O osso estava frio e escorregadio. Ele tirou a espada para voltá-lo para ele, com a ponta e se encontrou olhando um crânio humano. Uma de suas conchas estava vazia, mas da outra um olho azul lhe contemplava. Ele ainda teve um instante para pensar que, efetivamente, haviam encontrado Hirax.

Desde algum lugar não muito longe, chegou

um horrível grito.

O lobo cinza pensou em Scorpus. Antes havia sentido piedade pelo homem, mas se estava morto... Bem, os lobos tinham fome. Os restos mortais do legionário podiam ser destinados a um bom fim, pelo menos do ponto de vista de um lobo.

Então ele saltou, colocando suas garras dianteiras de ambos os lados da fissura em que se colocara Scorpus, fechou os dentes sobre sua túnica e o puxou para fora.

O corpo de Scorpus estava bem encaixado em seu refúgio e ele teve que usar força, arqueando o lombo uma vez e outra. Não aconteceu nada. O lobo soltou um grunhido, tudo o que podia fazer com a boca cheia de tecido e insistiu com todas suas forças.

Scorpus piscou, voltando para a vida no mesmo momento em que era tirado de seu santuário. Caiu sobre a neve, junto ao lobo e gritou. O som era um grito de desespero.

O homem que o lobo havia acreditado morto momentos antes cambaleou até ficar em pé e começou a golpeá-lo com suas mãos quase congeladas. O lobo se abaixou retrocedendo, mas Scorpus o acertou na cabeça. O lobo soltou um ganido.

Ao ouvir o grito, Marco saiu disparado de volta ao carro.

Os lobos saíram do arvoredo da mesma forma em que uma mancha se estende pela água. Eram silenciosos e mortíferos.

Marco foi derrubado e morto antes mesmo de saber o que havia lhe golpeado. Statilius já tinha a espada desembainhada, o que lhe salvou a vida... No momento. Ele cravou sua arma no corpo de Ombro Branco. O líder da alcatéia estava ocupado arrancando o rosto de Marco, mas a fêmea atacou Statilius e lhe rompeu as pernas. Ao cair, o legionário se golpeou na cabeça com um toco, abrindo o crânio.

Sentado no carro, Druso tinha visto morrer dois de seus homens em menos tempo do que se levava para espirrar, mas ele era um veterano e não perdeu a cabeça.

O caminho era estreito e o carro apontava na direção errada. Sua vida dependia dos cavalos. E ele fez com que eles corressem para se afastar da matança. O estreito caminho acabava no dedo de rocha no qual se refugiara Scorpis. Os dedos de Druso estavam crispados sobre as rédeas. O centurião deteve bruscamente os cavalos.

Havia uma clareira a sua direita. Ele zez com

que os cavalos dessem a volta, para voltar para caminho na direção contrária. Tudo parecia se mover com lentidão glacial, mas Druso não se atreveu a reclamar mais rapidez dos aterrados cavalos. Um deles poderia cair e romper uma pata, o que não só significaria seu fim, mas também o do centurião.

O carro começou girar e pouco depois Druso pôde sentir pela tração dos cascos dos cavalos, que estavam de volta no caminho. Então o veículo oscilou ao prender uma das rodas traseiras em um sulco oculto pela neve.

Druso começou a se desesperar, mas se manteve firme, jogando seu peso para a esquerda, para rebater. No mesmo instante ele ouviu um grito fantasmagórico. Ao olhar para trás, ele viu Scorpis encarapitando-se no alto do carro, arrastando-se para ele sobre a carga de lenha. Depois do soldado, lhe perseguindo, corria o maior lobo que Druso já vira em sua vida.

Scorpis era uma visão horrível, com o rosto e a barba cobertos de gelo e todo tipo de porcaria congelada. Havia vomitado depois de ser açoitado até as pedras. Tinha a boca aberta, um orifício vermelho em suas geadas facções. Não deixou de uivar enquanto se arrastava até o Druso e começava

A lhe sacudir.

Druso desembainhou sua espada e golpeou com punho e pomo, o rosto do legionário. Sentiu como lhe rompiam os dedos, mas o rosto de Scorpis fez o mesmo. O soldado emudeceu de repente, caindo do carro para o caminho coberto de neve.

Livre do peso de Scorpis, a roda saiu do sulco. Druso se sentou novamente inclinando-se agônicamente sobre sua mão quebrada, enquanto os cavalos corriam de volta para a fortaleza, tão rápido como podiam.

O lobo ficou em meio a nevada, junto ao corpo de Scorpis. Na realidade não quisera que o homem muriese.

A neve caía com mais força. O lobo se sacudiu para tirar os flocos acumulados sobre a pelagem e mediu Scorpis com o focinho. Sim, ele estava verdadeiramente morto. O corpo jazia de costas, com as pernas ligeiramente abertas e os braços em cruz. Estava branco, agora que a neve começava cobri-lo... Branco salvo pela úmida mancha vermelha onde antes era seu rosto.

O lobo gemeu brandamente, logo se voltou e trotou por entre as árvores até o lugar onde se alimentava o resto da alcatéia.

A fêmea estava junto a Ombro Branco. O lobo não havia morrido ainda, mas Maeniel pode notar que não demoraria. Suas patas se agitavam, fazendo ruído e empurrando neve em todas as direções.

A fêmea elevou a cabeça e uivou. O uivo de um lobo é sempre algo sinistro e aterrador, mas daquela vez foi mais inquietante que a maioria, pois mostrava iguais medidas de dor e pena.

Outros lobos não prestaram atenção e seguiram se alimentando de Marco e Statilius. Tal como havia saído às coisas, Hirax mal tinha sido um aperitivo.

Ante o olhar do lobo cinza, começou a se formar espuma na boca de Ombro Branco. A espuma se tornou mais espessa e depois vermelha. Maeniel supôs que a espada devia ter lhe atravessado os pulmões. Com uma última tosse, Ombro Branco deixou sua vida fluir.

Algumas palavras em linguagem humana se formaram no cérebro de Maeniel. *Já deixei de ser simplesmente um lobo.* Mas ele não formulou a seguinte pergunta lógica. Se não sou um lobo, o que sou? Perder sua identidade era aterrador. Não queria saber de nada mais.

Ombro Branco havia morrido. O sangue seguiu acumulando em torno de sua mandíbula por

uns momentos mais, e logo parou.

A fêmea não se alimentou com o resto da alcatéia. Permaneceu em silêncio junto ao corpo do líder. Uma série de grunhidos nas cercanias anunciou a Maeniel que alguns dos outros lobos havia encontrado o cadáver de Scorpus.

O lobo cinza seguia afetado por sua súbita consciência, mas tinha responsabilidades. Com Ombro Branco morto, ele era novamente o líder da alcatéia e o mais forte.

Mordeu a fêmea em um ombro, ligeiramente, rompendo sua pele. Ela se revolveu com um estalo de fúria, grunhindo instintivamente.

Mas ele não cedeu. Manteve-se firme, com os dentes nus e olhando-a.

Os olhos da fêmea eram um forno de loucura, vermelho vivo, mas Maeniel viu que sua raiva cedia pouco a pouco e a prudência ia voltando para seu olhar. A fêmea retrocedeu.

O lobo cinza se voltou, afastando-se a trote do cenário da matança e seguindo o carro para a fortaleza. Quando havia percorrido o que lhe pareceu uma suficiente distancia, deteve-se com as orelhas erguidas, em alerta, à espera, ouvindo.

Druso chegou à fortaleza semi congelado, incoerente e gemendo pela dor de seus dedos

quebrados. Ao recuperar a consciência, encontrou-se sob edifício com teto de palha, que passava por enfermaria da guarnição. Estava rodeado por seus amigos veteranos, suboficiais do exército romano.

Suas lembranças eram bastante completas e ele sabia que sua conduta não tinha sido honrosa, sobre tudo no final com o Scorpis. Teria conseguido lhe ajudar? Naquele momento, estava tão assustado com os lobos que teria feito o que fosse para escapar.

Bem, havia escapado. Estava ali e a salvo. Quente e a salvo. A granja na costa junto ao mar azul o chamava. Nada se interporia entre eles. Nada.

—O que ocorreu? — Perguntou alguém. - Esteve balbuciando algo sobre lobos.

Druso lambeu os lábios.

—Não. - Disse. - Não havia lobos. Esse bastardo do Hiras e os outros... Atacaram-me... Para desertar.

Sim, ele pensou. Isso servirá. Se o comandante descobrisse que tinha perdido de tal forma o controle de seus homens, que haviam virado presa dos lobos, poderia lhe culpar por não ter mantido a disciplina. Talvez perdesse o pagamento que receberia depois de deixar o exército, o dinheiro que

necessitava para subsistir o resto de sua vida.

Quem podia culpá-lo se seus homens haviam conspirado para desertar, atacando-o e o deixando ferido? Não, ninguém o faria.

Ele era um herói. Compreendeu vagamente que estava sozinho. Seus amigos haviam saído, sem dúvida, para preparar uma partida de busca e prender os malditos desertores. Druso soltou um risinho e então despertou de todo, realmente assustado.

Talvez eles encontrassem os cadáveres. Seus olhos, muito abertos, cravaram-se na vela junto a sua cama, que se dissolvia em uma poça de cera fundida. Deuses! E se encontrassem os corpos?

Mas logo ele se deu conta de que não o fariam. Mesmo através das paredes podia se ouvir o vento que batia no edifício. Preparava-se uma tormenta lá fora. Entre os lobos, os corvos e a tormenta, ele compreendeu que não encontrariam nada.

O lobo estava no caminho. A neve caía com mais força e o céu se tornou mais escuro. Podia sentir as pisadas, em vez de ouvi-las.

Voltou-se, trotando para a alcatéia, que já havia terminado de se alimentar. Deu um latido baixo e logo partiu colina acima, para as montanhas. Os lobos o seguiram.

Ao seu devido tempo chegou à partida de busca. Já havia escurecido então e a neve cobria os ossos. Nem Druso nem os lobos eram culpados.

O lobo cinza encontrou um lugar resguardado entre as rochas da velha avalanche, para passar a noite. Estava perto do lugar onde ele e Imona haviam estado juntos, o lugar onde ele ganhou seu amor. De certo modo, ela seguia ali. O musgo da clareira conservava o aroma de seu corpo.

Os lobos encontraram distintos lugares onde seproteger. Às vezes em grupos de dois ou três, mas o lobo cinza observou que a fêmea permanecia sozinha, como ele, que havia se enroscado no buraco da rocha onde ele e Imona haviam feito amor naquele longínquo dia do verão.

Em algum momento depois da meia-noite, ele se arrastou fora do oco entre as rochas. A tormenta de neve havia cessado. O céu estava espaçoso e as estrelas brilhavam como fragmentos de cristal no negrume. O ar era frio, mas tão frio que o lobo sentiu sua mordida através da pelagem.

Devagar, silenciosamente, ele visitou o lugar onde dormia cada membro da alcatéia. Todos estavam profundamente adormecidos, inclusive a fêmea, embora fosse a que parecesse mais inquieta. Às vezes, ela gemia em sonhos e suas patas se

agitavam. Logo voltava para a escuridão, além da dor e o medo e relaxava com um suspiro.

A neve já tinha alcançado vários centímetros de altura. A superfície não estava gelada, ainda. Na manhã seguinte haveria uma ligeira camada e de noite serviria como caminho para os lobos. Poderiam correr sobre ela como gazelas, preparados para atacar criaturas maiores, como íbices, touros selvagens, eleve ou cervos tão incautos, para se aventurar em profundas gargantas e ficarem presos.

O inverno é um festim para os lobos. Nem os romanos se atreveriam a subir até ali.

Mas naquela noite a neve não estava dura e lhe custou se afastar. Por isso era tão tarde, quando chegou à morada de Mir.

Nada se movia no campo coberto de neve. Seus rastros, e só os seus, marcavam a fria superfície da neve virgem que cobria tudo em silêncio, brilhando com uma sobrenatural palidez sob o céu estrelado.

Mir despertou sem saber o que havia interrompido seu sonho e encontrou seu inoportuno convidado descansando sobre um banco junto ao fogo, com a cabeça apoiada entre as patas. Seus olhos brilhavam com o opalescente olhar do caçador noturno. O lobo elevou a cabeça, lhe contemplando

em aberto desafio.

Mir olhou para a porta. Estava fechada, com a barra em seu lugar. Nenhum verdadeiro lobo teria conseguido entrar.

O animal se ergueu até ficar sentado diante dele.

Mir estremeceu. A casa estava muito fria. O último lenho no fogo se acendeu com um estalo, iluminando o interior por um instante.

A mulher de Mir se levantou ao seu lado. Voltou-se para o ancião, segurandp-se nele quando viu o lobo.

Maeniel retrocedeu, começando a grunhir. Sombras se reuniram protetoras sobre o rosto da moça, sombras que só o lobo podia ver. Uma voz sussurrou brandamente da escuridão: - Ela, sozinha, vive.

Não, pensou o lobo. As palavras elevando em meio às imagens que enchiam seu cérebro. Já não sou um lobo. Seria fácil matá-lo. Um verdadeiro lobo teria feito rapidamente e sem duvidar, mas eu... Eu tenho que olhar esse homem. Olhar em seus olhos e procurar sinais de culpa, de desejo, de necessidade e de medo. Quero que fique assustado, como devia estar ela, porque certamente ela sabia o que iriam lhe fazer. Por que ficou com eles? Por que

não fugiu comigo? Acaso preferiu morrer nas mãos dos de sua própria espécie, a viver comigo?

Então a moça que estava grudada em Mir começou a chorar, gemendo como um animal ferido.

A casa escureceu quando os restos do fogo se converteram em brasas.

Quando Mir ajustou sua visão à escuridão, viu que a casa estava vazia. O lobo havia partido.

Capítulo 11

Quando Lucius liberou Fio depois de sua volta a Roma, Fulvia sofreu um violento ataque de cólera.

—Ele me custou uma fortuna e farei que inteire! — Ela gritou.

—O que? — Respondeu seu irmão. - Acaso considera minha sobrevivência um nada? Odeio ter que lhe dizer minha doce irmãzinha, mas me alegro em estar vivo e considero que tenho direito a mostrar alguma gratidão ao homem que me salvou a vida.

—Estúpido bastardo... Sempre foi um estúpido bastardo. Teríamos conseguido fazer uma fortuna com ele. Começam a lhe considerar como o melhor físico de Roma. Agora chegam a ele, membros das primeiras famílias. Um terço das tarifas que teríamos cobrado por seus serviços é bastante para esse pequeno verme. Acredita que irá bem ganhando tudo isso. Eu tinha o olho em uma dessas grandes vilas ao longo da costa junto à Ostia. Poderia ter tirado bastante para... Aonde foi todo mundo? — Ela perguntou.

Lucius olhou ao seu redor. O esplêndido

jardim estava vazio. Mmomentos antes, um jardineiro estivera cavando junto a uma das colunas que sustentavam o alpendre, preparando a terra para plantar algumas plantas de frutas. Agora só restavam as plantas, com as raízes mergulhadas em uma cuba de água. Passeio abaixo, dois dos cozinheiros estavam recolhendo romeiro para o frango do jantar e uma das donzelas arrancando figos de uma sobrecarregada figueira que dava sombra ao caminho. Mas também partiram.

—Minha irmã. Bem poucas pessoas querem estar perto de você quando está de mau humor. Por certo, não volte a insultar minha falecida mãe, da próxima vez que se sentir irada por algo que tenho feito, pelo menos se quer que Fio deva lavar um bonito jogo novo de dentes de marfim para você. Não lance calúnias contra a virtude de Silvia.

Fulvia deu um passo para trás. Um mês antes não se incomodava, mas já não estava segura do que Lucius era capaz de fazer. Os assistentes do banho que ela pagava para cuidar seu irmão haviam dito que a ferida estava curada e que ele podia com facilidade nadar doze voltas na grande piscina do tepidarium. Ela começava a pensar que tinha feito muito bom negócio ao comprar Fio. Aquele grego fraco tinha tirado Lucius das portas da morte. Não

estava segura de sentir alegria por isso.

—Sinto muito. Peço desculpas pelo que disse. Não queria insultá-la, mas a você. Por que fez algo tão extravagante e estúpido sem me consultar primeiro?

—Extravagante? Estúpido? Fulvia, não notou que somos ricos? Mais ricos que muitas famílias senatoriais.

—Sim, mas não seríamos por muito tempo se eu não passasse o tempo economizando, economizando, vigiando nossos gastos. Os homens não têm idéia do que custa manter as aparências entre as famílias nobres de Roma. Só os custos mensais desta casa...

—Economize isso gritou Lucius. Fulvia enfurecida o assustava, mas Fulvia se queixando e choramingando era exasperante.

Fulvia deu um passo atrás, suspirando. Mas Lucius não viu o brilho satisfeito em seus olhos.

—Acredito que o que parece, parece, mas... — Seu queixo se fechou com um estalo e ela seguiu falando entredentes. - Esse pequeno e gordurento grego deveria estar desejando oferecer uma porcentagem de seus lucros em troca do patrocínio e amparo de uma ilustre família.

—A verdade é que deveria, sim. -

Respondeu seu irmão com ligeireza. - E em que ilustre família estava pensando?

Fulvia saiu do peristilo para suas luxuosas habitações.

Lucius se encolheu quando ouviu a porta ser fechada com violência. Ficou sentado e quieto por um momento e logo pegou uma bolsa que tinha ao lado, para espalhar algo de amadureço sobre as lajes diante dele. Duas pombas desceram rapidamente e começaram a bicá-lo. O sol lhe esquentava o pescoço e as costas, mas a manhã de outono havia sido fria, e a sombra resultava ainda muito fresca para ser cômoda.

Fio entrou e se sentou no banco junto a ele. Algumas pombas mais se uniram as duas primeiras.

— Ela soava um pouco zangada. - Se aventurou a dizer o físico.

—Ele sempre se zanga quando acredita que perdeu dinheiro.

—Oh. E estão em... É possível que a sua família falte...

Lucius o olhou com expressão de absoluta perplexidade e depois começou a rir.

—Não. - Ele disse quando pôde parar. - Guarde seu dinheiro. Envie-o a sua irmã, a empresaria. É o que esteve fazendo todo o tempo,

não?

Fio se ruborizou, com aspecto ligeiramente culpado.

—O fato é que... — ele se deteve. - Você é mais observador do que eu pensava.

—Sim, não sou simplesmente outro caipira romano que acredita que porque tem algo pendurando entre as pernas e um avô proconsul, os deuses, romanos ou não, deram-lhe o direito de pisotear no resto da humanidade como lhe agradar.

Fio arqueou as sobrancelhas.

—Foi você quem disse, não eu.

—Por outra parte, — continuou Lucius, - não sou uma alma confiada. Quando ficou claro que ia me recuperar, não sabia se Fulvia tentaria suborná-lo para que fizesse alguma coisa... Assim mandei investigar você. Recebi um bonito relatório, que em resumidas contas diz que você se sacrificou para salvar sua família.

—Devo te dizer, meu senhor, que conheci muitas pessoas más, que amavam devotamente suas famílias.

—Quer me dizer com isso que não confie muito em você? —Perguntou Lucius.

—Nesta cidade, eu não confiaria muito em ninguém. — Respondeu o grego. - Uma vez você me

perguntou se eu era propenso a intriga e eu te disse que não. Mas não tinha idéia dos níveis de complexidade que podia alcançar a intriga, até que conheci esta rainha das cidades. Acreditava que os gregos eram enganosos, mas somos como crianças, comparados com quem se senta em seu Senado.

Lucius gargalhou, jogando a cabeça para trás.

—No verão, — seguiu dizendo Fio, - as febres e a disenteria levam muitos cidadãos de seu pequeno jardim e no inverno, uma aterradora quantidade de congestões pulmonares chega estas as moradias. Mas no inverno ou no verão, com chuva ou com sol, com calor ou com frio, a política acaba com mais dos ricos e bem nascidos que qualquer praga. Simplesmente ser escolhido para formar parte desse augusto corpo parece uma sentença de morte em muitas famílias, e devo acrescentar que suas viúvas não são melhores.

—Foi ver Calpurnia hoje? — Perguntou Lucius.

—Sim.

—Mmmh...

—Exatamente - Disse Fio.

—Que tal uma partida?

—Não com seu jogo de dados, obrigado. Levou-me algum tempo descobrir que você é muito

bom. Até então, havia me considerado um bom jogador.

—Deixarei que você jogue os dados. -
Ofereceu Lucius.

Fio procurou sob sua túnica.

—Por acaso, resulta que tenho...

—Pergunto-me se você está a ponto de
começar uma má jogada.

—É possível. - Disse Fio.

—Fulvia está planejando uma carreira no
serviço público para mim. E isso começa pela
eleição para o Senado.

—Em seu lugar, eu procuraria outra profissão.
O que te pareceria a de gladiador? Provavelmente é
mais segura.

—Eu estava cumprindo meu serviço militar
como preparação para ser escolhido, quando me
feriram. Já sabe, a carreira de um jovem romano de
família nobre começa no exército e logo o Senado,
seguido por uma atribuição em...

—Conheço os passos no caminho do poder. -
Interrompeu Fio. - Passei em Roma o tempo
suficiente. Também sei que cada um deles está cheio
de dificuldades, perigos e enormes gastos.

Uma das pombas junto ao pé de Lucius lhe
bicou o tornozelo.

—Estão lhe dizendo que já comeram todo o grão... E me ouça, quando te digo que os pássaros são muito mais fáceis de alimentar e vê-los contentes, que o povo romano, meu senhor.

Lucius deixou cair um pouco mais de grão nas lajes. As pombas se lançaram sobre a comida com mais velocidade do que teria considerado possível.

—E também são rápidas - Disse Fio.

- Meu coração não está nisso. Não quero ser outro Casio, sequer outro César.

—Então certamente morrerá. - Disse Fio. - Se não dedicar todo seu coração, seu intelecto e sua força a tal empenho, fracassará. Posso dizer que não é o bastante arteiro nem tem o suficiente medo histérico da morte, por não falar do puro sentido de cavalo requerido, para alcançar a vitória na arena política. Você... Escolherá a partida equivocada, converterá-se em uma moléstia ou pode se tornar uma carga para alguns dos maiores e mais sedentos de sangue, moradores desse charco senatorial. Vai se ver enfrentando algum crime que não terá estômago para cometer, E... Por isso... Perecerá.

Lucius pegou a bolsa de grãos quase vazia e jogou o restante sobre a crescente quantia de aves.

— Já deve ter dúzias delas.

—Justo isso. - Disse uma das donzelas da

cozinha enquanto jogava uma rede sobre elas.

—Deixe-as em paz! — Gritou Lucius a desafortunada moça, ficando em pé de um salto.

A donzela retrocedeu, com aspecto realmente assustado.

—Mas que diferença há, — ela balbuciou, - se as apanho aqui para o cozinheiro ou as compro no mercado?

—Compre no mercado. - Rugiu Luciu. - Estas são minhas e não deixarei que ninguém as capture, enquanto estejam sob meu amparo.

A garota começou a chorar.

—Oh, deuses imortais! Dê-lhe um pouco de dinheiro, Fio.

—Como sempre meu senhor, eu ouço e obedeço. - Replicou o grego enquanto colocava um pouco de prata na mão da garota e em seguida lhe sussurrou amáveis palavras de consolo.

A donzela partiu enquanto Lucius liberava as pombas da rede. Fio se voltou para ele.

—Vou retornar a Grécia. Minha irmã se alegrará. Meu pai se alegrará. Nunca pensei que fosse dever de um físico ajudar um paciente a se suicidar e certamente, não saltando dentro de um poço de serpentes.

—Sente-se e fecha o bico. - Grunhiu Lucius.

Fio obedeceu, mas o romano pensou que ainda era cedo, para que se calasse. - Muito bem, vamos supor que eu que refugue a política. O que resta então? E o que digo a minha irmã?

—Diga a minha senhora que tome um banho no rio Estigio.

Lucius riu novamente.

—Não é difícil, — seguiu o grego. - De fato, acredito que o ouvi dizer algo similar justo antes que partisse, enquanto estava escondido atrás de um oportuno cipreste. — Fio estremeceu. - Zeus me valha! Essa mulher me dá medo. Acredito que era algo sobre perder os dentes.

—Pensei que devia defender Silvia, minha mãe. Sua vida já era bastante difícil quando estava viva. Hortensius, meu pai, não a tratou bem. Aquele piolho de testículos a batia sempre que estava de mau humor. Era-lhe infiel, contudo menos com os olhos das fechaduras, se é que elas se salvaram. Lembro-me que Fulvia era a filha querida dele. Ele espreitava a pobre Silvia e informava a Hortensius todos os seus movimentos. Se minha mãe bebesse um pouco de mais em um jantar com algumas damas amigas delas, meu querido pai se inteirava graças a essa pequena doninha da Fulvia, e ameaçava a pobre mulher com o castigo tradicional.

— E que castigo era?

— A morte.

— A morte? — Gritou Fio. - Oh, os romanos tomam muito a sério os assuntos domésticos...

— Não! — Cortou-lhe Lucius. - Acha que meu pai se atreveria a ofender os nobres Claudios? Ela era de melhor berço que ele. Meu pai era só um cavaleiro. Todos os meus antepassados consulares são da família materna. Nunca a perdoou por isso. Isso, e provavelmente sua primeira esposa, a mãe da Fulvia, converteu sua vida em tal inferno e miséria para ele, que o velho vagabundo nunca voltou a confiar em uma mulher, qualquer que fosse. Não sei, mas acredito que eu gostaria de confiar em minha esposa. Diga-me, Fio, poderia aproveitar o matrimônio se encontrasse a mulher adequada?

— Estão pensando em mulheres? — Perguntou Fulvia.

Os dois homens deram um pulo. Fulvia estava atrás deles, com um brilho especulativo nos olhos.

— Como você gosta das mulheres... Gordas, magras, altas, baixas, loiras, morenas, ruivas, de pele clara, de pele escura? Posso comprar uma da África ou Grécia, o que queira.

— Fulvia, não sou um touro, um semental e

nem um cervo. Estas coisas requerem... São assuntos delicados.

— Você é impotente. - Asseverou Fulvia.

— Sabe? - Respondeu Lucius com calma. - É bem possível que eu seja.

Fulvia adotou a expressão de alguém que mordeu uma maçã e encontrou um verme.

— Nenhum de vós vale nada. - Ela murmurou entredentes. - Fio, ajude-o a se banhar e se vestir, se ele ainda necessita. Temos convidados para o jantar desta noite.

— Quem? - Perguntou Lucius.

— César e Cleopatra.

Dryas chegou ao lago onde Mir pensava que Imona se encontrara com o lobo pela primeira vez. É hora de começar, ela pensou enquanto tirava a roupa lentamente.

Ela achava repulsiva a idéia da sedução. Só tinha tido uma experiência sexual em toda sua vida e a lembrança era espantosa. Mas Dryas era acima de tudo uma caçadora e, como todo soldado, tinha sido adestrada para fazer o que precisasse para vencer. Preparar para a batalha era um assunto sério. Podia perder a vida facilmente se a criatura lobo descobrisse suas intenções.

Ela deixou cair a roupa perto da rocha onde

Imona costumava a tomar o sol, saiu do amparo da pedra e se meteu no lago. Era outono e o frio atravessou seu corpo como uma faca quando entrou na água. Seguiu descendo. O lago parecia muito inocente quando sua cristalina superfície refletindo as cores do bosque, carmesim, amarelo, castanho e pardo. Era tudo o que restava de uma extinta fumarola vulcânica. Uma lembrança das colossais convulsões que haviam construído as montanhas, milênios atrás.

Tinha esperado chegar ao fundo e nadar, como em um lago convencional, mas se encontrou afundando mais e mais naquele negrume. Ali, no negrume de seu coração, restavam rastros do feroz início do lago. Sua forma era cônica. Dryas notou que as paredes estavam se aproximando cada vez mais e em que fazia mais frio à medida que descia, embora o sol esquentasse a superfície.

Dryas se voltou sobre suas costas, vendo uma capa de luz prateada. Sentia a água fria sobre sua pele, mas como em sua juventude, parecia ter um fogo interior que se movia ao longo de sua pele como um escudo invisível contra o frio líquido ao seu redor.

Saiu à superfície, consciente de que a calidez da água não duraria, e nadou de volta à rocha.

Sempre sabia quando a observavam e agora ela estava com a mesma sensação. Ele estava perto, sem duvida. Depois da desagradável aventura de Blaze, nem homens e nem mulheres freqüentavam o lago e Dryas estava segura de que os olhos que a observavam não eram de todo, humanos. Chegou à rocha aquecida pelo sol, estendeu os braços e saiu da água. Esta batalha é uma sedução, ela pensou. Logo se voltou e se deitou na pedra morna, nua.

Para Dryas, sua atração era só uma arma a mais. Não tinha sentido desejo em muito tempo, não havia se permitido. Até a morte de seu filho, tinha sido uma rainha e o corpo da rainha entre o povo pintado não pertencia a ela, mas à linhagem real. Não lhe permitia se entregar a um homem qualquer. Não. Devia ser alguém aceito pela Assembléia. Não só tinha que ter mostrado coragem na batalha, mas também sabedoria e moderação em sua conduta e ser puro de corpo e de sangue, sem estar manchado pela loucura ou a deformidade da carne. Ele e seu filho seriam candidatos à majestade. Certo, haveria outros. Muitas das grandes famílias teriam jovens entre seus membros, se o filho de Dryas fosse considerado não apto.

O fôlego ficou preso em sua garganta e ela jogou a lembrança para o lado. Não, eu estou aqui

para amansar este assassino, mas se possível, para acabar com sua vida.

Ela se deu conta, de que sua memória estivera a ponto de lhe apresentar uma imagem de seu filho, tal como havia lhe visto pela última vez, antes que César invadisse a Ilha Branca. Se aceitasse a carga de tal lembrança, cederia à prostração da dor e ficaria inutilizada para qualquer outra coisa durante muito tempo.

Fique quieta, disse a voz em sua mente.

Os olhos de Dryas se abriram e a mulher viu as árvores no alto do penhasco.

Feche os olhos, sussurrou a voz que parecia estar a uma imensa distância. Assim poderei te falar. Eu a ajudarei-a pegar o lobo.

Os bosques outonais eram tão formosos... Os pinheiros sempre verdes contrastavam com a cor parda dos carvalhos e o ouro vermelho do tremo e o álamo. As folhas dos esbeltos abedules tinham caído e os pálidos troncos destacavam-se entre outros.

Dryas fechou os olhos.

— Devo capturar ao lobo. — Ela disse.

Agora ele está te observando, mas não virá a ti.

— Por que não? — Perguntou ela. Fechou fortemente os punhos, crispada pela frustração.

Não sei.

Então a presença desapareceu.

Dryas adormeceu.

O lobo a observava. Sim, ela era formosa e havia chegado ao lago sozinha, quase como se desejasse encontrar com ele.

Desenvolvi um gosto por elas, ele pensou. Do contrário, não estaria olhando-a. Formosa ou não, ela não mostra o toque do desejo. É como alguém afastado. É como Leão. A diferença é que ela não tem uma aura de morte ao seu redor, mas uma forma de gelo lavrada pelo vento e a chuva, ou uma nuvem em forma de montanha ou cabeça de lobo. Algo que engana ao olho para que acredite o que não é.

Ele descansou a cabeça sobre as patas dianteiras e também dormiu.

O frio despertou os dois. O sol havia desaparecido quase por completo além das árvores.

Dryas levantou se estirando e se aproximou de onde estava sua roupa. Estava se vestindo quando viu a sombra entre as árvores.

Uma sombra como a que havia visto no círculo de pedra. Uma sombra não projetada por algo mais. Ela ficou paralisada, mas não por medo, mas por cautela. Já havia se encontrado com elas

antes, mas era a primeira vez que estava tão perto de uma; e podiam ser perigosas.

A voz falou novamente em sua mente. O lobo está aqui.

Dryas olhou ao seu redor e ela viu o animal observando-a de uma saliência rochosa, do outro lado do lago.

Quer ele? Deve tomar a decisão. Quer?

Na realidade, Dryas não queria voltar a entregar seu corpo a ninguém, pensou que podia ir, mudar seu destino e abandonar sua busca inútil para voltar com sua gente na Ilha Branca. Voltar para a Ilha das Mulheres. Seu coração ansiava. O silêncio quebrado somente pelas vozes de suas irmãs ou o grito das gaivotas na costa. Dali, poderia partir em sua última viagem e não voltar, não por muito tempo. Podia limpar sua dor e beber das águas do rio do eterno esquecimento.

Seu coração ansiava. Mas ela tinha um dever.

— Enfrentarei a garra da águia, a garganta do lobo. Não importa o sofrimento, não entregarei minha alma ao sono até que meu sangue se derrame pelos ferimentos da batalha e minha cabeça se separe de meu corpo. Nem abandonarei meu cacique ou meu dever, viva ou morta, até que tenha completado meu caminho e tenha alcançado a

vitória. Isto é o que pedi e isto é o que entrego.

Olhos brilharam no rosto da sombra. Se quer ter o lobo, faça uma oferta.

Dryas procurou entre suas roupas até encontrar o broche em forma de papoula. Elevou o adorno e o jogou na água, onde ele desapareceu.

O desejo físico entrou em seu corpo como a água molhando um tecido, deixando-a tão frouxa como o linho molhado. Caiu para trás, com as pernas fracas pela compulsão, abertas sobre as agulhas de pinheiro. Seus olhos procuraram o lobo no crepúsculo, mas não o encontraram.

Em seu lugar foi um homem que se aproximou com a segurança do grande assassino. Em alguns instantes, estava inclinando sobre ela.

Capítulo 12

Ele estava iluminado pelo brilho do crepúsculo sobre as árvores às suas costas. Longos raios de cores rosa e ouro que apontavam cada vez mais para cima, à medida que o sol desvanecia atrás da montanha.

Dryas tentou se afastar da escura figura que se elevava sobre ela, mas suas mãos escorregaram sobre o tapete de agulhas de pinheiro.

Quase descuidadamente, ele se inclinou para sustentá-la com um braço. Dryas compreendeu o quanto imensamente forte ele era ao ver a facilidade com que a levantou.

Aproximou-a de seu corpo.

—Faz frio - ele disse. - Deixa que eu a esquente.

Ela se encontrou gentilmente pressionada contra o homem. Ele estava quente. O contato com sua carne era como experimentar uma conflagração.

Dryas compreendeu aterrada que o joelho direito do homem estava entre suas pernas, elevando e abrindo-as.

—Não! — Ela abriu a boca, espalmando as mãos em seu peito. - Não... Não.

—O que acontece? Não me deseja? Sabia que estava aqui. Eu sei, posso dizer que cheira a desejo. Não é diferente entre nós. Mesmo o aroma se parece muito. Não entendo. Se não me desejava, para que vieste? Por que não ficaste escondida na cabana do velho com a... Com a garota louca? —ele sujeitou Dryas com as mãos. - Venha. Imona estava assustada a princípio, mas em seguida se deu conta de que eu não lhe faria mal.

Imona! Dryas voltou a se debater, tentando recuperar o controle. Um momento depois estava em pé, correndo colina acima, para o escuro bosque. Podia se mover em silêncio nas sombras. Eram negras e tão espessas como o veludo, mas descobriu que não podia escapar dele. Não, sequer por um instante. Embora o ar fosse frio, ela viu o tênue brilho das estrelas sobre a úmida pele do homem.

Ele a abraçou, lhe beijando o pescoço. Logo elevou seu abundante cabelo e lhe fez peritas cócegas em sua garganta e orelhas.

O arrepio se estendeu pela pele de Dryas enquanto um calafrio de pura luxúria percorria seu corpo.

Ele sorriu e logo voltou a beijá-la, colocando a língua entre seus lábios e selando os lábios abertos de Dryas com os seus.

Ela se encontrou recordando aquela boca no crepúsculo... Firme, cálida, inquisitiva. Aproximou-se do calor dele como uma traça da chama.

Quero morrer nesse fogo, ela pensou. Mas não, morrer não era a palavra que procurava. E então recordou que morrer era como se chamava às vezes, aquele prazer definitivo... Uma espécie de morte. Quando o brilho final das chamas do desejo queima todo o resto, é como a morte.

Não, se alguém fosse morrer ali, não devia ser ela. Deixou-se cair contra ele, como se estivesse rendida por completo. Pode sentir como seus braços se fechavam em torno de seu corpo. O desejo daquele prazer esplêndido, daquela ardente delícia, correu como um escuro fogo por suas veias.

E então, de repente, ela viu o rosto de seu filho... As pupilas nubladas, mas com as íris ainda verdes e claras como a água de mar à luz do sol. Mas ele estava morto, entregue à mão da escuridão. Com um estranho olhar de compreensão nos olhos e os lábios abertos como se fosse falar, mostrando os pequenos dentes de uma criança de sete ou oito anos... Alto! E então chegou a sujeira e o horror, como tinha ocorrido quando viu seu filho e soube que havia morrido. Ele e outras crianças entre os quais jazia. Não restava nada a não ser escuridão.

Lucius não necessitava a ajuda de Fio. A casa estava lotada de criados... Escravos e libertos e mulheres pertencentes a sua família. Sobretudo Fulvia.

Os dois jovens que o atendiam eram escravos, recém comprados de uma das escolas de gladiadores de César e, portanto salvos de morrer na arena em alguma festividade.

Estavam muito contentes de ter escapado daquele destino e caído em uma vida cômoda e Lucius estava bastante seguro de que lhes haviam dado instruções para que o mantivessem alegre a qualquer custo. Além daquilo, não fazia ilusão sobre sua lealdade. Informariam Fulvia.

Ele achava intrigante o fato de que Fulvia controlasse todos os escravos da casa. Como havia acontecido? Quando ele partiu para assumir seu primeiro comando nas legiões, Fulvia não dominava o serviço até aquele ponto. Mas pouco a pouco, com o passar dos anos, as mulheres que restavam a Silvia e aos libertos de seu pai foram sendo substituídos por servidores que não reconheciam outra autoridade que a de Fulvia. Sua irmã era uma perita em escolher indivíduos como aqueles dois jovens, que sabiam que suas vidas dependiam somente da boa vontade de sua ama.

Fulvia nem sequer precisaria se incomodar em ordenar uma simples execução doméstica. Bastaria devolve-los ao seu lugar de procedência, explicando que seus serviços não haviam sido satisfatórios e o lanista se asseguraria de que morressem no seguinte combate.

O mesmo acontecia com as duas gregas que se ocupavam de sua câmara sob a direção de Fio. As duas seguiam sendo belas e tinham sido favoritas de Fulvia em algum momento, mas embora não tivessem mais de vinte e sete ou vinte e oito anos, já eram um pouco maiores para sua profissão original. Não sobreviveriam muito tempo nos insalubres bordéis amontoados junto ao Tiber. Trinta ou quarenta homens cada noite podiam acabar com a saúde da maioria das mulheres em poucos anos. Nenhuma das duas era muito brilhante e nem muito fortes e ambas eram torpes, então possuíam verdadeiro terror de Fulvia.

Lucius estava rodeado. Contemplou sua imagem em um comprido espelho. Sim, era um espelho, com a superfície de cristal e o dorso prateado. Certo, o reflexo estava um pouco distorcido e um braço parecia mais comprido que o outro, mas definitivamente era ele. Estava tão polido como uma noiva ou, como lhe sugeriu uma

sinistra metáfora, um touro para o sacrifício: cabelo encaracolado, chifres pintados de ouro, recém banhado, barbeado e perfumado. Suspirou. Seus dois criados seguiam revoando ao seu redor. Ele levantou o olhar para ver se possuía chifres para dourar.

— Não faça isso, meu senhor. — Disse um dos jovens. - Danificará seu penteado e o divino Julho...

— O divino Julho! — Estalou Lucius. - O Senado concordou em lhe outorgar honras divinas? Quer dizer que não lhe basta ser o primeiro homem de Roma, pai deste país, cônsul vitalício e qualquer outra coisa que seus secuaces do senado possam imaginar, agora também quer ser um deus?

Os dois jovens, ocupados em arrumar as dobras de sua toga, permaneceram imutáveis. Pelo menos Fio sorriu, pensou Lucius, de forma bastante autocompasiva.

Seu dormitório era outra fonte de conflito entre ele e sua irmã. Ela queria que ele se transladasse para a parte nova da vila, maior e luxuosa, mas ele se sentia vinculado à casa de sua adolescência. Fulvia considerava seu desejo de intimidade uma das mais desagradáveis excentricidades que faziam dele um inadequado herdeiro da fortuna Basília.

Ela vivia no que Lucius considerava miséria recoberta de ouro, com dois secretários. Firminius era um deles, cinco assistentes de vestuário, dois criadas pessoais, três donzelas para todos os serviços e várias pequenas preciosidades. Nenhuma delas fora da adolescência, dispostas a pular com ela cada vez que se sentisse amorosa. Fulvia dormia em solitário esplendor entre lençóis de seda, em uma cama feita de aromática madeira de limoeiro e coberta de brocados.

Firminius dispunha de aposentos próprios muito perto, mas outros dormiam em círculos concêntricos ao redor de seu luxuoso leito. Quando Lucius visitava sua irmã, sempre podia dizer quem gozava e quem não de seus favores, pela proximidade de seu lugar de perto da cama.

Lucius não tinha um verdadeiro emprego para o serviço em sua casa. As mulheres que cuidavam dele junto com Fio e seus dois assistentes pessoais tinham aposentos próximas. A Fulvia parecia escandaloso que as dependências de seu irmão, em um canto da casa, não fossem um pouco maior que a de suas criadas.

Mas ele gostava. Para começar era fresca no verão. Duas altas e estreitas janelas perto do teto estavam cobertas por pesadas grades de ferro.

Davam a um canteiro de ervas sombreada por ciprestes. Uma clarabóia de cristal no teto admitia muita luz durante o dia e as janelas perto do teto deixavam o ar fresco do jardim entrar. No inverno, as janelas ficavam fechadas e era fácil esquentar a estadia com um braseiro.

Sua cama era estreita, com um colchão de plumas e lençóis de linho. O espelho era o único luxo da casa. Tratava-se de um presente de sua mãe, mas Lucius sempre tinha pensado que Hortensius se animara a presentear-lhe, porque comercializavam com aqueles artigos. Dizer que seu pai olhava muito o sestercio seria uma expressão muito caridosa. Inclusive era provável que o hábito de beber de Silvia, que suas insuficientemente veladas ameaças de morte não haviam conseguido corrigir, incomodasse-lhe mais, porque ela preferia procurar o esquecimento com a ajuda do caro vinho de falerno, que com os vinhos mais baratos guardados perto da cozinha.

Bem, seu pai havia sido recompensado por sua obcecada busca do todo-poderoso denario, seus dois infelizes matrimônios por interesse econômico e sua obsessão por economizar em cada compra. Em certos círculos o conheciam como Hortensius-nunca-aceite. Seus àvaros costumes deram como resultado,

que deixasse uma grande fortuna depois de sua morte.

Agora, Fulvia estava estendendo o império. E aqueles convidados para jantar estavam em posição de torná-la mais rica.

A luz que entrava pela clarabóia era cada vez mais tênue. Os dois jovens queriam seguir com as dobras de sua toga, mas Lucius pensou que já havia sido feito todo o possível para melhorar seu aspecto e que seguir insistindo seria uma necessidade.

Ele mostrava muito bem os efeitos de uma longa enfermidade. Estava fraco e pálido e ainda se ressentia um pouco do lado esquerdo. A enorme cicatriz deixada pelo ferimento repuxava os grandes músculos de suas nádegas e sua coxa.

Ele saiu sem se incomodar em fechar com chave a porta de sua casa. Para que se incomodar? Se algum ladrão encontrasse algo de valor ali, por ele podia levar. Reuniu-se com sua irmã junto ao grande triclinio perto da porta principal. Não tinha visto o salão de jantar para grandes ocasiões completamente iluminado, desde que era um moço e seu aspecto o impressionou.

O piso estava decorado com o mosaico de um jardim, um jardim verde organizado como se os leitos margeassem a estadia. As telas que formavam

as plantas verdes e as flores eram de malaquita e as pétalas eram feitas com pedras semipreciosas de cabujão. Ametista para a púrpura, hematitas para o vermelho e citrinas para o amarelo. A imagem parecia saltar do piso aos olhos.

As paredes de puro mármore branco davam uma aparência de severidade, mas cada painel estava decorado com ônix e porfíria violeta.

O pálido violeta da porfíria era realçado pelos leitos ornamentados com o mais brilhante veludo púrpura, que jamais vira. A casa estava brilhantemente iluminada por abajures com pendentes de bronze, todas vaiando em seu esforço por afastar a noite.

Ele ficou em pé, contemplando tudo, atônito.

—Agora sei o que matou o pai. – ele disse, rompendo a rir.

Fulvia, resplandecente com sua gaze branca sobre seda da mesma cor, com bordados de ouro, respondeu sem mover os lábios.

—Nada de piadas vergonhosas, nada de histórias sobre suas façanhas com putas. Não conte como foi ferido nem onde tem a cicatriz, nem fale de seus vulgares amigos romanos ou militares. Não, nunca, sob nenhuma circunstância me envergonhe ante este casal. Se o fizer, eu o matarei.

Lucius não o duvidou nem por um momento. Abriu a boca, mas não chegou a dizer nada, porque naquele momento ouviram um ruído de movimento na rua... Um ruído militar, de pés calçados com botas, para ser exatos.

— Já estão aqui! — Lucius sussurrou por fim.

— Sim. — Disse Fulvia.

Lucius descobriu que estava com a boca seca. O mais perto que havia estado do homem mais famoso de seu tempo era de um busto no átrio de uma das irmãs de sua mãe. O busto de um homem jovem e belo. As cores com os quais estava pintado o mostravam com cabelos ligeiramente encaracolados e claros e penetrantes olhos cor de avelã, boca carnuda, mas firme e queixo forte. O famoso perfil era o de uma águia inteligente, fera e dominante, mas justa. O epítome de tudo o que Roma contribuía ao mundo e a razão pela qual os deuses haviam escolhido para que governasse.

E tudo aquilo estava a ponto de entrar pela porta principal.

Em um torvelinho de tecidos, Fulvia correu ao átrio para receber seus convidados. Acorrentado em seu posto habitual e tão assustado com sua ama, como todos os demais escravos, o porteiro chegou antes... E então, o ruído de correntes anunciou a

entrada do homem mais importante do mundo.

Lucius sentiu um estranho peso no estômago. Como é possível que esteja com dispepsia, se não comi nada desde esta manhã? Tenho que perguntar a Fio... Mas então se deu conta de que era medo.

Um soldado entrou primeiro, inclinando-se ante Fulvia. Ele carregava uma tocha que iluminava a velha entrada e outros dois o seguiam.

O resplendor cegou Lucius por um instante, mas depois notou que não usavam uniforme de desfile, mas a couraça regulamentar dos legionários. Casco de couro reforçado com bronze, couraça de couro endurecido, musleras com rebites de metal e perneiras. Os três olhavam cautelosamente ao seu redor.

A vila Basilia, como quase todas as casas da época, era uma mistura de cômodos velhos e novos. A entrada era uma das partes mais velhas. Ninguém sabia com certeza quando a construíram, provavelmente como uma casa rural antes que a cidade a envolvesse. Seus inquilinos tinham sido famílias plebéias dedicadas ao cultivo de videiras, oliveiras e o sob trigo que não chegava a superar o joelho de um homem alto, vivendo do suor de sua testa em uma colina além dos muros.

A porta era muito pesada, de velha madeira

de carvalho reforçada com ferro. A primeira casa era um átrio com um lago cheio da água que caía do telhado e que assegurava o fornecimento de toda a família. As mesmas estrelas seguiam brilhando através da abertura no telhado, mas mais à frente podia se ver um magnífico peristilo brilhantemente iluminado.

Cleopatra entrou antes que César no átrio. A princípio parecia somente uma sombra. Fulvia a saudou com o mais parecido a uma reverência que Lucius já vira, mas depois ficou em pé, abraçando a rainha e ambas se beijaram como duas velhas amigas.

O porteiro se inclinou tanto, que quase tocou o solo com a testa.

E ele atravessou a soleira. Também pareceu uma sombra, até ter deixado atrás o lago. Fulvia e a rainha egípcia o pegaram pelas mãos, uma de cada lado, e o levaram a luz.

Lucius retrocedeu rapidamente para sair de seu caminho e notou pela primeira vez o homem em carne e osso.

Era velho.

Foi o primeiro pensamento de Lucius. Ele envelheceu. E assim era. Estava levando a mão de Fulvia aos lábios enquanto dedicava um elogio.

Algo nada vulgar. Ele comparava Fulvia com uma Vênus de Praxiteles que havia visto na Grécia e da qual havia carregado uma cópia. A estátua seria enviada a Roma para adornar seu peristilo, quando ele se estabelecesse por fim.

Ser comparada com a deusa titular da casa de César era uma grande honra. Lucius se perguntou com irreverência quanto lhe estaria custando o elogio a Fulvia, mas logo pensou que ela era a digna filha de seu pai e não faria nada sem a esperança de obter um substancioso benefício.

Por fim, o velho com o rosto de César se voltou para ele. Sim, era velho e os anos não tinham sido amáveis com o conquistador. Seus lábios, antes cheios e sensuais, pareciam ter se consumido e não se viam cor rosa, mas pálidos à luz das tochas. As aristocráticas e elevadas maçãs do rosto e o nariz afilado como uma espada seguia presentes, mas as bochechas estavam fundas. O nariz sobressaía de maneira imperial, mas parecia mais fino; a pele amarelada se esticava sobre os ossos. Seu pescoço, para dizer sinceramente, parecia pertencer a um galo velho. A pele solta descia frouxamente do queixo até a metade da garganta e seu pomo de adão era bem visível por baixo daquele ponto. Sim, ele era velho e os sabujos do tempo lhe seguiam o

rastro muito de perto.

– Acredito que seja seu irmão - Disse o grande homem, lhe oferecendo sua mão.

Lucius a tomou e se surpreendeu ao notar que se ruborizava violentamente.

A mão era cálida e seca. A voz que levava suas legiões a atos de inimaginável valor e açoitava o Senado como um látigo, seguia sendo formosa. – Acredito, - ele continuou - que recentemente foi traiçoeiramente ferido pelo inimigo durante uma patrulha.

O bastardo é um gênio na arte de se dirigir aos homens, pensou Lucius. Já me tem encurralado e logo me arrastará em triunfo para que o adore junto ao resto de seus seguidores. Ele teve a sagacidade de se inteirar de como e onde fui ferido e a habilidade de fazer com que um oficial estúpido e descuidado que conseguiu ser apunhalado pelas costas soasse como um herói. Cuide sua língua e expressa sua avaliação.

Lucius nunca conseguiria recordar o que disse, mas deve ter sido satisfatório, por que ganhou um sorriso de César. Mas pode notar claramente que o sorriso que aparecera nos lábios do grande homem não se estendera a seus olhos pardos, que pareciam tão frios e distantes como

sempre. Tudo isto é habitual para ele, pensou. Pergunto-me por que estará aqui.

Em efeito, depois dos cumprimentos, ele foi deixado de lado e César dirigiu novamente sua atenção a Fulvia.

Alguns legionários entraram atrás de César. O último colocou uma tocha perto da guarita do porteiro e ficou com as costas contra a porta. Outros se desdobraram pelo peristilo, comprovando pessoalmente todas as entradas e ordenando aos serventes curiosos que voltassem para seus postos. Não demoraram muito em tirar do recinto, todos os que não tivessem algo a fazer na cozinha ou na sala de jantar.

— Muito eficazes. - Comentou Fulvia.

— Sim. - Disse brandamente Cleopatra. - Mas se trata de mercenários hispanos. São meus guardas, não os dele.

— Suplico-te, César, que cuide de si mesmo. - Suspirou Fulvia. - São tantos os que como eu, dependem de ti...

César sorriu.

— Não preciso me preocupar. Há muitos outros que cuidam disso em meu lugar. — Ele entrou o primeiro no triclínio, seguido pelas duas mulheres e Lucius fechando a marcha.

Lucius olhou para Cleopatra. Não, ela não era bela, mas possuía algo que nunca tinha visto antes... Uma mulher equiparável a César.

Alta e esbelta, sua pele mostrava um toque do tom âmbar, herança de seus antepassados egípcios. Em outros aspectos ela parecia mais grega que outra coisa, com seu cabelo claro como o mel de outono. Lucius estava seguro de que devia ter sido bem ungido e clareado, pois brilhava como o de uma moça.

A princípio lhe pareceu que ela era puro ossos, mas então compreendeu que Cleopatra pertencia a um tipo físico completamente distinto das mulheres latinas. Os quadris amplos e os seios abundantes não eram para ela. Seus quadris não eram largos. Seu ventre estava entre elas como uma pérola em uma taça. Era de tronco comprido, que se elevava até seios altos e pequenos, mas de formas tão perfeitas que Lucius soube que estavam nus sob a proteção do tecido. A túnica de seda que usava era pelo menos tão reveladora como a de Fulvia. De fato, ele estava seguro de que ela não usava absolutamente nada sob aquele objeto tão suave como um lenço.

Sim, seu queixo era pontiagudo e seu nariz revelava sua ascendência semita, mas seus olhos

eram puramente gregos, cílios e de longos cílios. Recordavam os do Alexandre, que tinha visto em retratos, estátuas e pinturas. Certamente todos aqueles macedônios eram aparentados uns com os outros, admitissem eles a relação ou não.

Fulvia estava verde de inveja. Cleopatra era maior que ela e havia tido um filho, mas conseguia de alguma forma, ter melhor aspecto que ela e a maior parte das mulheres romanas. Se a rainha egípcia chegasse aos setenta anos, certamente seguiria fazendo com que a maioria das mulheres latinas parecesse gordas e desalinhadas ao seu lado.

—Minha senhora! – Disse Lucius. - Antes deste encontro eu pensava que os poetas se mostraram excessivos em seus elogios para convosco. Mas agora que a vejo, sei que inclusive os versos de Homero nos quais elogiava a deusa de Cipriano seriam insuficientes para descrever a beleza de sua pessoa ou o encanto de suas maneiras.

Cleopatra sorriu para César e logo dirigiu um olhar para Lucius que quase fez com que seus joelhos tremessem.

—A mãe de minha casa era Vênus e me destinou a mais formosa de suas filhas. - Disse César. Ele e Cleopatra se aproximaram de um dos leitos, para recostar juntos.

Lucius pegou um divã e Fulvia outro.

Sua irmã usava jóias o bastante para pagar uma nova legião a César. Braceletes, brincos e braceletes de ouro e tantos anéis que comer lhe estava sendo difícil.

Vários vinhos chegaram à mesa e foram oferecidos a César, os tintos saíam diretamente de jarras de barro e os brancos eram esfriados em neve. Ele rechaçou vários e só aceitou três, para compartilhá-los com a rainha.

—Que formosa sala. - Disse Cleopatra quando César começou a saborear o vinho.

—Desenhada e construída por meu pai, como as partes mais modernas da vila. - Respondeu Fulvia, dirigindo um olhar de aviso a seu irmão.

Lucius fez todo o possível para não captar o olhar de Fulvia e parecer inocente.

—Mas sem dúvida, - Disse com ligeireza, — a rainha do Egito está acostumada a lugares mais luxuosos. Ouvi dizer que o palácio de Alexandria é...

—Um labirinto inútil. - O interrompeu Cleopatra. - Muitos ambientes são magníficos, outros estão enfeitados por grandes e sangrentas lendas de meus antepassados, mas não encontro em nenhum outro lugar a comodidade e a lassidão

criada pelos habitantes de Roma. Estas vilas são muito adequadas para o clima de sua grande cidade.

Lucius soltou um risinho.

—Muitas começaram como granjas e casas rurais, rodeadas de campos, albergando cavalos, mulas e gado junto às pessoas.

A rainha sorriu. Uma risada grave e gutural que acariciou Lucius em muitos lugares. Ele se viu desejando fazer com que ela risse novamente.

—O que temos aqui. - Disse Cleopatra. - Um historiador, um antiquário ou...

Fulvia interveio. - Sabe muito bem que, por mais formosas que sejam algumas partes da casa, esta vila mostra suas origens comerciais de forma um mais óbvia para mim. Estava de olho sobre uma vila no Baiae, mas meus planos ao dispor descuidadamente de uma propriedade muito valiosa estão calmos. Mas, — ela suspirou, - o que pode fazer uma pobre mulher quando se encontra ante a oposição dos homens de sua família... Salvo obedecer?

—Minha pobre amiga, - disse a rainha em tom de zombeteira simpatia, - eu não me preocuparia se estivesse em seu lugar. Estou segura de que encontrará muitas vilas a sua disposição depois do

jantar desta noite. — Ela riu novamente.

César baixou o olhar para taça de vinho de ouro com pérolas engastadas que estava sustentando e se uniu a risada.

— Ah, a família Basília... Sei que não receberei nada salvo o melhor em sua casa.

Os escravos chegaram com o primeiro prato, para degustação naquele instante, servindo primeiro ao poderoso casal recostado em frente à Lucius.

A noite era fresca e as portas que davam ao jardim iluminado por tochas estavam parcialmente abertas, mas Lucius descobriu que podia cheirar os homens e mulheres que serviam o jantar, mesmo acima do aroma de estragão, presunto, pêra, maçã, ameixa e marmelo.

César, Cleopatra e Fulvia inspiravam um terror mortal aos escravos. Um deles era a garota a qual ele havia afastado que por causa de suas pombas mascote. Era bonita e ele gostava porque cantava ao trabalhar e tinha uma bonita voz. Mas naquele momento estava cheia de medo.

Lucius descobriu que já não tinha apetite e que Cleopatra tinha deixado de lhe parecer formosa. Devo estar me tornando louco. O ferimento deve ter afetado meu cérebro, ele pensou. Por que deveria

me preocupar pelo que esta gente pense ou sinta?

Mas quando a garota começou a lhe servir vinho e a jarra de ouro que sustentava golpeou a margem de sua taça, Lucius se sentiu alarmado. Parecia como se ela estivesse a ponto de se deprimir.

Estendeu a mão para pegar a mão da moça, que pareceu se despertar com um sobressalto. A cor alagou sua face e seus lábios se abriram.

Fulvia se fixou neles, apertando os lábios com raiva.

—Pode me conseguir um pouco de alface, escarola e castanhas e trazer um pouco desse azeite que compramos ontem? — Perguntou Lucius À garota.

César e Cleopatra se serviram de melão com vinagre e um azeite especial com um pouco de pimenta.

—Se soubesse que você queria salada, eu teria ordenado ao cozinheiro que te preparasse uma, querido irmão. – Disse Fulvia.

—Oh, prefiro prepará-la eu mesmo. Deveria provar uma. A mistura de castanhas, escarola e nozes com azeite e um pouco de sal é maravilhosa.

A moça voltou com tudo o que ele havia pedido, sobre uma bandeja de ouro nada menos e

Lucius o misturou tudo pessoalmente.

Os dois ilustres convidados sentiram curiosidade e provaram do prato.

— Meu médico diz que as verduras, o azeite e as nozes são a melhor forma de despertar os apetites de seus pacientes. - Explicou Lucius.

— Acredito que eu gosto disso. - Disse César. - O médico é Fio, é obvio. Trata os dores de cabeça de minha mulher e tem feito maravilhas a respeito. Para acalmá-las, quero dizer.

Lucius, que estava seguro de ter a sua frente à pior dor de cabeça da Calpurnia, assentiu meigamente.

Os escravos limparam a gustação, servindo em seu lugar vinho branco e um pão feito com pinhões e queijo.

O vinho estremeceu os sentidos de Lucius. Nunca havia provado nada assim. Era sutil, fragrante e embriagador ao mesmo tempo. Acima do ombro de César, entre as sombras do jardim, ele pode ver Fio e Cellarius, ambos com um triunfante sorriso.

— Ah! - Sussurrou César. - Incomparável. Querida, considero minha boa relação com sua família a melhor das fortunas.

Fulvia sorriu, oferecendo um brinde com o

vinho.

— Por nosso contínuo êxito.

Os escravos serviram logo a mensa prema. A comida era das mais variadas. Eles podiam escolher entre cinco ou seis pratos, incluindo um assado de javali com molho de ameixas secas, um exótico guisado de carne de vaca com cogumelos, fígado à churrasqueira envolto em omento; um leitãozinho assado inteiro e aromatizado com pimenta, frutas, arruda e azeite de oliva; e um cabrito precoce, com um molho de ameixas, vinho, alho e azeite.

— De raça partia. - Comentou César. - É uma indireta, minha querida filha de Hortensus?

— São os partianos, os seguintes em seu cardápio, César? — Perguntou-lhe Fulvia enquanto ele e a rainha se serviam de pequenas porções da tenra carne.

— Não sei. - Respondeu César. - Se pudesse conseguir dinheiro o suficiente...

— Nem há necessidade de perguntar, César - Disse sua anfitriã com galhardia.

— Não. - Respondeu ele. - Devo a filha de seu pai uma grande soma e não fui capaz de devolver ainda.

— Não é preciso. - Disse Fulvia. - O que proponho nos tornará mais ricos do que possamos

sonhar.

—Do que se trata?

—Vinho. - Explicou Fulvia. - A Galia é um grande país de vinhedos.

—O quê?

—Eu, sei. - Disse ela, meneando a cabeça. - Mas cacei muito por aí e te asseguro de que com os investimentos adequados podem se conseguir um benefício de vinte por um. Não, mais de vinte. Cinquenta por um.

Lucius estava a ponto de voltar a rir quando viu que César levava a sério.

—O que quer? Quanta terra? Quantos homens?

—Aceito sua generosidade. - Respondeu Fulvia. - Tenho estudos preparados em meu estudio. Todas as guerras geram escravos e não importa de onde venham, minha gente os pode adestrá-los.

—Acredito que seja um plano completamente louco, mas aprendi a respeitar seu julgamento. Depois, tanto você como seu pai tiveram a coragem de apostar em mim.

—Há outra coisa que eu gostaria de te pedir, - Assinalou Fulvia com um sorriso bobo.

—O que?

—Não é para mim, mas para meu irmão. Antes de partir para Partia, rogo-te que o atribua um comando em seu exército. Converta-lhe em um de seus legados, se for possível.

César dirigiu um opaco olhar a Lucius.

—Acredito que seja o último homem de sua linhagem, não? Seria uma pena que a notável família Basília se extinguisse.

Lucius esperou que o medo, o abjeto terror, na realidade, não se refletisse em seu rosto. A última coisa que queria naquele momento era outro compromisso militar. Perguntou se inclusive, se o mais formidável soldado não sentiria desejos de voltar para casa.

Mas estava olhando para alguém que acabava de pôr fim a uma guerra brutal e já estava disposto a partir para outra: o mesmo César.

Lucius não era o único em observar: César e Cleopatra o contemplavam com expressão um tanto divertida.

Cleopatra salvou a embaraçosa situação: - Não sei se um homem que está se recuperando de um ferimento quase mortal vai querer pensar em um imediato retorno ao combate. Seu ferimento foi quase mortal, verdade?

—Sim, quase mortal e muito doloroso por um

tempo, quase um ano.

—Sim. — Disse César. — E um legado dever poder levar a cabo seus deveres e ser o bastante forte para levar as ordens entregues por seu oficial ao comando. Em qualquer caso, as preocupações sobre novas campanhas terão que esperar até o próximo verão... Quando o Senado tiver terminado de me honrar.

Cleopatra riu ante a ironia daquela última frase.

—E são honras muito gratificantes. — Disse Lucius.

—Ah, se eu pudesse estar seguro de que são outorgados com sinceridade por verdadeiros amigos... — Respondeu César, usando novamente a ironia.

—Alguns o admiram sinceramente. Marco Antonio, por exemplo.

César e Cleopatra riram outra vez, trocando olhares de perfeita compreensão.

—Outro dia me encontrei no Foro com um centurião, um veterano de minhas campanhas na Galia. Só lhe restou uma perna, mas foi tão recompensado que não precisa mendigar. Vive com seu neto como convidado de honra. É como deveria ser para todos os velhos servidores do estado, mas

com frequência não é assim. O outro dia me encontrei com um que estava mendigando. Teve vergonha e tentou evitar que eu o visse, mas eu já havia lhe reconhecido e mandado meus criados que o levassem para mim. Parece-me que se perdeu com as mulheres e a bebida... Mas... — César se voltou para a Cleopatra. - Perdi o fio do que estava dizendo.

Ela o olhou sombriamente.

— Acredito que falava do primeiro soldado, querido.

— Oh, sim. Falamos um momento como dois velhos amigos, e logo ele se aproximou tanto como pôde. Tive que baixar a cabeça para ouvir o que queria me dizer. Ele sussurrou: Vigie suas costas, César. Vigie suas costas.

— Provavelmente um dos melhores conselhos que pode receber alguém. - Disse Lucius com total convicção.

César e Cleopatra rugiram de riso ao mesmo tempo. César seguiu gargalhando até que as lágrimas desceram por sua face, mas logo recuperou o controle.

— Parece que os divirto. - Disse Lucius rigidamente. - Não posso, a não ser...

César ficou sério.

—Oh, é verdade. A gente não pode, a não ser se preocupar dado o nível de fidelidade dos amigos e até dos parentes entre nossos antecessores e considerando as mortes dos Gracos e o assassinato de Clodio e outros amigos e meus associados. Para não falar do destino de pessoas tão valiosas, como o genro de Cícero, morto nas mãos de seu próprio sogro.

—Não exatamente em suas mãos. - Demarcou Cleopatra.

—Não, nosso modelo de senadores se limitou a levá-lo até o verdugo e ficar ao lado como testemunha enquanto era decapitado... Ou foi pendurado... Ali mesmo. Considera uma prova de sua integridade estar disposto a sacrificar seus parentes mais próximos e apreciados, pelo estado. Mas não se preocupe, meu querido moço. Não sou tão tolo como pareço e é perigoso me tomar por tal.

Algo nas últimas palavras de César provocou um arrepio em Lucius.

Cleopatra dirigiu a César um olhar de advertência. Ele está planejando algo, pensou Lucius. De repente, sentiu-se como se os quatro não estivessem sozinhos na casa. Havia fantasmas com eles e se apinhavam sobre o casal a sua frente.

A luz do abajur se refletiu nos olhos de

Cleopatra. Ela tinha tido um irmão... Verdade? E César... Pelo menos um par de legiões de amigos e inimigos havia morrido lhe amaldiçoando.

Lucius se sentia enjoado. Recordou algo e a lembrança encontrou sua voz antes que ele pudesse pensar se devia dizer.

—O homem que me apunhalou usou minha própria espada para fazê-lo. Tirou-a de sua bainha com a mão esquerda porque lhe tinham cortado a direita. Ele não tinha a mão direita.

O leito de Fulvia estava junto ao dele e Lucius pode sentir como sua irmã cravava as unhas em seu ombro.

—Está louco? — Ela sussurrou. - Ficou completamente louco? O maior senhor de Roma é um convidado...

—E um convidado muito satisfeito. - Interrompeu César. - Agora, você havia me prometido uma surpresa. Uma surpresa emocionante. Vejamo-la.

—Eu... Eu... — Balbuciou Lucius.

—Não. - Disse César enquanto se levantava e era imitado pelos outros. - Não se desculpe. Você é um valente jovem que esteve muito perto da morte e isso o marcou. Marca a todos. De formas diferentes, certo, mas marca a todos.

Precedidos por soldados com tochas, eles caminharam pelo labiríntico complexo de edifícios, velhos e novos, que formavam a vila Basília.

Lucius passou da vergonha à mortificação e daí ao desgosto. Então já estava se perguntando o que teria pensado sua irmã, pois caminhavam em direção a um velho armazém nos limites de sua propriedade, usado em outros tempos para guardar vinho.

Se etiveram ante uma soleira de tijolos de terracota. Por um momento, foi como se estivessem olhando para o interior de uma caverna. Uma tocha brilhou na escuridão, diante deles.

— Olhem! — Disse Fulvia.

Seus olhos, surpreendidos pela repentina claridade, demoraram um pouco em adaptar a ela. Quando sua visão esclareceu, Lucius compreendeu que se encontrava em uma arena, em uma versão em miniatura da que havia do outro lado da cidade, onde se celebravam os combates de gladiadores.

— Meu presente para ti, César. — Fulvia fez um gesto empolado, indicando a seu convidado que devia se sentar em uma das elegantes cadeiras de mármore sobre um estrado que dominava o pequeno espaço circular coberto de arena no centro.

César jogou para trás a cabeça, com uma

gargalhada.

—Que maravilhosamente apropriado. Não posso lhe agradecer o bastante – ele disse beijando a mão de Fulvia. Cleopatra sorriu por sua vez, olhando-o com adoração.

Lucius observou que alguns dos criados, entre eles Fio, estavam acendendo tochas nas paredes que rodeavam a arena.

Salvo os assentos ocupados por César, Cleopatra e Fulvia, não havia cadeiras na estadia. E sim, círculos concêntricos de degraus de mármore levavam até a porta.

As cadeiras possuíam cômodas almofadas de todas as cores e formas. César se relaxou sobre sua cópia da cadeira de um cônsul. Os soldados ocuparam seus postos ao longo das paredes.

Fio fez um imperioso gesto e dois serventes levaram uma cadeira de madeira com almofadas, colocando-a no degrau superior do anfiteatro. Lucius se sentou nela e pode sentir, mais que notar, que Fio se aproximava até ficar em pé atrás dele.

Sem mais demora, Fulvia estalou os dedos.

Os gladiadores entraram por passagens sob o nível do piso, subindo por um curto lance de degraus de tijolo. Eram dois. Lucius reconheceu imediatamente um deles: tinha o rosto marcado em

sua parte direita por uma linha em um corte diagonal, do alto da orelha até quase seus lábios. Era famoso: suas aparições na arena se tornaram incomuns, e o pagava muito bem por lutar.

Ele se tornou conhecido em um desafio no qual enfrentou sucessivamente a dez oponentes, não só derrotando todos, mas também matando três deles e deixando outros dois tão feridos, que morreram pouco depois. Dizia que o lanista daquela época o odiava e estava decidido vê-lo morrer... Mas seu ódio se viu igualado pelo amor da multidão no final do combate e o tumulto que se originou ante o anúncio de que o obrigariam a lutar outra vez. Ele foi tão violento, que ele lhe concedeu a liberdade naquele mesmo instante e com o tempo, se converteu em um homem rico.

Só vestia o calção ou subligaculum e um singelo casco de legionário, de couro cozido e reforçado com bronze. Sua espada era uma versão mais brilhante da arma regulamentar dos legionários, a chamada espada hispana.

Seguia-lhe um homem mais jovem, vestido e armado da mesma forma.

—Gordus - Disse César com satisfação. - Nunca o vi brigar. É obvio, tinha ouvido falar dele. E quem não?

Gordus, o homem da cicatriz, levou o punho da espada até os lábios, com a lâmina para cima e saudou os ocupantes do estrado. O homem mais jovem se inclinou e os dois se viraram até ficar frente a frente. Não demorou em ouvir o som do aço contra o aço.

A princípio, Gordus parecia quase passivo, negligente ante os ataques do outro. O jovem era muito bom. Para o experiente olho de Lucius, estivera a ponto de ferir seu oponente em duas ocasiões. Atuava agressivamente, seu aço um torvelinho de fogo à luz da tocha.

Gordus não parecia mover sua arma, mas bloqueava cada um dos ataques sem dificuldade, sem a menor aparência de tensão.

A princípio, o gladiador mais jovem se limitou a apunhalar. Parecia forte, e era. Lucius o teria temido como oponente, mas sua força não parecia importar Gordus.

Quando o jovem viu que não chegava a parte alguma, deu uns passos para trás, demonstrando ter algo mais que força bruta. Atacou novamente, mas com inteligência, se aproximando com um golpe cortante baixo e logo apunhalando para afastar o braço de Gordus e deixá-lo exposto ao golpe definitivo. Mas não o obteve.

O jogo de pés de Gordus era extraordinário e ele não se deixava desviar o bastante. O jovem retrocedeu novamente. Embora a noite fosse fria, ele suava profusamente.

Lucius estava seguro de que Gordus passaria ao ataque, pressionando seu adversário. Mas não foi assim. O veterano gladiador aguardou que o outro recuperasse o fôlego, andando lentamente ao seu redor, com a ponta de sua espada para baixo.

A respiração do jovem se acalmou e ambos os gladiadores se travaram novamente. O jovem mostrou grande habilidade e sangue-frio. Lucius nunca tinha visto tal habilidade com a espada curta, nem nos acampamentos das legiões.

Mas, como antes, Gordus bloqueou todos os ataques. Embora lhe custasse um pouco mais, com um pé adiantado no solo, detendo a espada de seu oponente quase antes que iniciasse o golpe.

O final chegou de forma rápida e inesperada. O jovem golpeou com força e Gordus não bloqueou, mas deu um passo para trás. O golpe falhou e antes que o jovem pudesse recuperar sua guarda, a espada de Gordus entrou, só a ponta, em seu braço direito, afundando entre os dois ossos do antebraço.

Lucius rilhou os dentes, estremecendo, quando o fio da espada arranhou o osso.

O jovem retrocedeu, e seus dedos cobertos de sangue deixaram cair à espada. O sangue vermelho sobre o punho da arma salpicou a brancura da arena.

Lucius ouviu o suspiro de Fio às suas costas. O físico grego baixou os quatro degraus até a arena. Não se perguntaria pela sorte do derrotado. Era somente um combate de exibição.

Fio examinou o braço do jovem, que sustentava a mão ensangüentada com a outra mão. Com um olhar de recriminação a Gordus, o físico levou a jovem para as escadas sob os assentos.

César se inclinou sobre o corrimão do estrado para falar em voz baixa com Gordus. O gladiador ouvia suas palavras, assentindo e fazendo lacônicos comentários de vez em quando enquanto limpava sua arma com um guardanapo.

Alguns dos escravos que haviam servido o jantar levaram vinho em uma jarra de cristal e pasteizinhos doces de vários tipos em uma bandeja.

Lucius, um pouco enjoado pelo vinho e a excitação, declinou seguir bebendo. Ouviu um risinho feminino em algum lugar sob o solo.

César, Cleopatra e Fulvia se serviram de vinho e bolos. A rainha egípcia e sua irmã trocavam sussurros cabeça com cabeça, enquanto César

seguia falando com Gordus. Lucius olhou o sangue secando sobre a arena e sentiu náuseas.

Um escravo, que Lucius reconheceu como um dos jardineiros chegou para rastelar a arena.

Ouviu-se novamente os risinhos e então quase vacilando, uma pequena figura entrou na arena vestida com o subligaculum.

Lucius esqueceu seu estômago. A menos que estivesse ficando louco, tratava-se de uma mulher vestida como um gladiador.

Capítulo 13

Dryas despertou no chão, estendida em meio a um bosque. Rolu sobre as costas, vendo o dossel de árvores sobre sua cabeça e sentindo as folhas e brotos apertados contra sua pele. Deu conta de que estava nua. Tentou se levantar, mas caiu para trás e ficou olhando o gigante dos bosques que estava junto a seu ombro.

Era a árvore maior que tinha visto em sua vida. Enquanto seu olhar seguia o tronco para o céu, ela notou que os galhos possuíam agulhas e abacaxis. Era algum tipo de conífera e nem a árvore maior da região. Perto havia outras maiores.

Conseguiu ficar de joelhos de alguma forma, com sua mente surpresa pelo que estava vendo. Havia estado em vários bosques, mas nunca tinha visto nada igual. A menor daquelas árvores deixava miúdo qualquer outra que teria visto em Alvorada ou em outro lugar. O solo não estava coberto de vegetação, mas de musgo e samambaias.

Sentiu algo pegajoso em suas mãos e seu estômago. Estava ferida? Morta? O lobo havia advertido seu propósito e lhe abrira a garganta?

— Não! — Ela gritou e a palavra se perdeu no

silêncio do bosque. O momento de medo passou e Dryas forçou sua mente a se adaptar ao presente. Fitou suas mãos e o solo sob ela e estremeceu. Devia ter vomitado ao perder a consciência. Ficou em pé e viu água. Saía da terra perto de onde estivera estendida em meio a um verdadeiro tapete de musgo verde. O solo formava um ligeiro pendente. Dryas avançou cambaleando até chegar à fonte. A água saía a jorros da terra, formando um riacho cujo leito rochoso estava quase oculto sob o musgo e as samambaias. Havia mais de um tipo de musgo desde a delicada superfície sobre as rochas e os galhos secos, até a espessa cobertura, quase similar à pelagem das raízes das árvores e a parte inferior dos troncos. As samambaias variavam entre os pequenos círculos de cor vermelha escura sobre quase invisíveis ramos negros, até as folhas verde oliva em forma de ponta de flecha.

Ela ficou de joelhos para lavar o rosto, as mãos e o corpo. Onde estava?

Ao se levantar descobriu que a árvore mais próxima a ela estava junto a um escarpado e que ela estava olhando além de seu tronco, para um profundo vale sumido na névoa.

O sol começava a sair ao longe. Meio oculto pela névoa, ele brilhava como uma moeda de ouro

enviando seus raios através das nuvens.

Enquanto Dryas observava, o vento do amanhecer começou a se elevar, devagar a princípio, só um fôlego sobre sua pele nua, mas tornando-se logo cada vez mais forte, afastando as úmidas sombras.

Ela descobriu que estava ajoelhada na ladeira de uma grande montanha, mais alta inclusive que as que tinha visto naquela parte da Galia. Dominava outras colinas e montanhas mais velhas e baixas e cobertas de verde, que se estendiam além do alcance de sua vista.

Inspirou profundamente. O ar parecia pedir profundas respirações, mais fresco que a água e com a fragrância do cedro e o pinheiro. Pedia ser inspirado para lhe encher os pulmões com a energia de sua pura essência, para consumir a dor enraizada em seu coração e levar a paz e o esquecimento eternos.

Recordou novamente o rosto de seu filho, com os olhos abertos e as pupilas nubladas cravados nos seus e também a consciência, negra como o abismo, de que apesar de todo o seu adestramento, sua visão, sua sabedoria e inclusive seu amor, tinha escolhido errado e chegara muito tarde.

— Não! — Ela gritou.

Então viu que estava de joelhos junto ao lago, à alvorada. Os pinheiros ao seu redor eram árvores normais e o sol não se elevara ainda. A luz era cinza e Mir estava em pé diante dela, com uma camisa branca sobre o braço. Ele parecia surpreso, e os joelhos lhe doíam como se tivesse caído de alguma outra parte e aterrissado diante dele.

De fato, como descobriu mais tarde, assim tinha acontecido.

Ele entregou-lhe a camisa.

— Não vai apanhar-lhe.

Dryas vestiu a camisa pela cabeça, levantou-se e olhou para o homem. Recordou-se que tinha sido uma rainha.

— Quem é Imona? O que lhe aconteceu e por quê? E quero a verdade, nada de mentiras ou evasivas.

Mir assentiu, deixando que seu olhar vagasse sobre as montanhas. O sol começava a iluminar os picos cobertos de neve.

— Imona. - Murmurou ele. - Imona. Imona é uma mulher que morreu... Imona está em... Não, não na terra. Ela está onde não é nem terra e nem água, nem de dia ou noite, nem faz frio ou calor...

— Sim. - Repôs Dryas. - Entendo-o. Mas me diga quem era era... Por que.

—Venha. - Disse ele. - Não a minha casa, porque a... Minha mulher está lá. Subamos para as árvores. Tenho um pouco de pão, queijo e um pouco de cerveja. Comerá e eu contarei tudo o que queira saber. É uma longa história. Longa e bastante triste.

Já era quase meio-dia quando Mir terminou sua história. Dryas estava muito cansada. O ancião partiu e Dryas, vestida unicamente com a camisa, retornou ao lago para recuperar sua roupa.

Não encontrou seus objetos como havia deixado, mas espalhados, como se ele tivesse inspecionado-os depois que ela partiu para o estranho lugar no qual havia estado. Havia rastros de lobo na terra branda e úmida perto da água. Ela estava agitada e precisava dormir. Imediatamente, antes de qualquer outra coisa.

Decidiu que voltaria para o mesmo prado de montanha que havia investigado antes. Ficou contemplando por um momento o lago iluminado pelo sol. Se eu for, ele me seguirá e eu o levarei até as pedras eretas.

Oh, mas estava cansada. Ela inclinou a cabeça, perguntando-se como poderia encontrar as forças... Para fazer o que devia.

Olhou a água iluminada pelo sol. Podia ver

mais abaixo.

Havia formas que se moviam, elevando-se da perpétua escuridão do fundo, para chegar sem não mover as aletas até o nível esquentado pelo sol, sob a superfície.

Uma ave aquática grasnou junto à borda. Uma rã saltou à água e Dryas pôde ver a silhueta de longas patas, com a cabeça se sobressaindo da água enquanto o anfíbio atravessava o lago.

Ela notou pela extremidade do olho que algo lançava brilhos do alto da rocha junto à borda. Ao se aproximar, viu que erao seu broche em forma de papoula. Estava segura de tê-lo jogado na água na noite anterior.

Subiu até a rocha e recolheu o broche, sopesando-o na mão. Sim, havia jogado na água. Recordava como ele tinha salpicado. Que estranho! Era quase como se lhe pedisse escolher novamente. Vacilou, esgotada e deprimida.

A rã chegou ao centro do lago. Ela não tinha visto a escura silhueta sob ela, a escura silhueta com mandíbulas como tesouras e longos dentes afiados como facas. Não mais do que tinha visto seu filho. Não mais do que Dryas tinha visto o que lhe perseguia no bosque, até que o apanhou. Havia chegado muito tarde.

A rã deve ver ou sentir alguma coisa, ela pensou, pois começou a se mover freneticamente em ziguezague, procurando fugir. Quase sem que Dryas se desse conta, o broche voou de sua mão para a água. O peixe se movia muito rápido, mas quase pareceu que vacilava por um momento. O broche caiu à água junto à rã e tendo que escolher entre dois, um escuro e o outro brilhante, o mortífero lúcio se decidiu pelo brilhante.

As mandíbulas se fecharam sobre o broche e o peixe desapareceu com seu prêmio nas profundezas.

E a rã seguiu nadando até se perder entre as sombras que cobriam o outro lado do lago.

César pareceu assombrado ao ver entrar na arena uma moça vestida como um gladiador.

Lucius passou a mão pelo rosto. Pelas tetas molhadas em mel da rainha dos mortos! Era uma das mascotes sexuais de Fluvia. Chamava-se Melisa e não devia ter mais de quatorze ou dezesseis anos.

Mesmo o subligaculum favorecia a moça. Na maioria dos homens, tinha manchas de suor e mais de um pelo suspeito saindo da virilha. Melisa o levava em torno da cintura, com uma ponta passando decorosamente entre suas pernas e acima da cintura, de forma que ele pendurasse

sedutoramente entre suas coxas.

Por um momento, Lucius pensou que ela estava nua da cintura para cima, mas logo compreendeu que se equivocara. A moça usava uma regata de fina cota de malha de prata, que chegava justo abaixo de seus seios. Muito fina. Podia se notar as sombras dos mamilos através dela.

A espada que levava o deixou surpreso. Era uma das armas de César banhadas em prata e lançava brilho à luz das tochas. Estava muito afiada.

Outra das mascotes sexuais de Fulvia, chamada Vella, entrou na arena. Era morena e Melisa loira. No mais eram do mesmo peso e tamanho e estavam vestidas quase iguais.

Uniram suas mãos e se inclinaram ante os ocupantes do estrado.

César rompeu a rir, se voltou e sussurrou algo ao ouvido de Cleopatra, enquanto lhe soprava na orelha e lhe mordia o lóbulo. César sorriu novamente e voltou sua atenção para as duas moças com um sorriso de indulgência.

As garotas iniciaram o que teria conseguido chamar um duelo e depois dos primeiros movimentos foi evidente que tinham recebido algum adestramento.

Gordus seguia na arena. Havia cruzado os

braços e se apoiava sobre a metade inferior do estrado.

A loira Melisa era a mais agressiva das duas. Tinha mais alcance e começou a perseguir sua oponente pela arena.

Naquele momento, Gordus se interpôs e separou às lutadoras, elevando suas espadas com uma vara de bronze e marfim. As moças se afastaram, com a morena lançando olhares furiosos à loira.

Gordus se voltou para o estrado.

— Declaro já uma vencedora, César?

— Não, ainda não. – Respondeu César. Parecia muito divertido.

— Oh, não – Disse Fulvia. - Que voltem a se enfrentar pelo menos outra vez. Mas deixem que recuperem o fôlego. Nenhuma delas é muito aficionada a se exercitar na palestra e se esgotam com rapidez.

Gordus entregou toalhas e vinho agüado para as duas moças.

Os olhos de César as devoravam. Certamente era um espetáculo excitante.

Era difícil dizer qual das duas era mais atraente, mas Lucius estava mais interessado na morena. O exercício tinha levado rubor à sua face,

seu queixo e sua testa e uma ligeira camada de suor lubrificava sua cremosa pele. O escuro cabelo estava ligeiramente encaracolado e pegava-se ao seu rosto, a testa e a nuca em suaves caracóis.

A cota de malha que perfilava seus seios deixava seu liso e ligeiramente musculoso abdômen nu. O tecido de seu calção era vermelho e combinava à perfeição com sua pele olivácea.

Lucius se alegrou por estar usando a toga. Havia conseguido convencer sua irmã de seus piores temores sobre sua dignidade, mas seu traiçoeiro corpo estava o assinalando naquele momento, como um mentiroso. Além disso, já estava planejando como transferir a atração do brinquedo sexual de sua irmã, das mulheres aos homens e dos homens em geral, a ele mesmo.

Fulvia não merecia ficar com toda a diversão. Ele não só tinha direito a sua parte da herança familiar, mas também à influência, o luxo e o poder. Deixara se prender por Fulvia durante muito tempo.

Mas devia ser cuidadoso. Aquela noite havia lhe seguido o jogo ficando como um tolo diante de César. Diziam muitas coisas feias e desagradáveis de César e o mais provável era que todas fossem certas, mas ninguém havia dito jamais que ele

traísse a quem o ajudava e confiava nele. Ele devolvia as ofensas com interesses e faria o mesmo, por favores e lealdade.

Naquele momento, César deixou cair seu guardanapo e o combate, se pudesse se chamar assim começou novamente.

Lucius se entreteve observando o jogo de luzes e sombras causadas pela vacilante luz das tochas sobre as curvas algo menos que atléticas da moça morena.

Melisa começava a desenvolver o que para Lucius era um feio rubor, enquanto que Vella transpirava mais livremente e sua pele estava brunida pelo suor. Agora ela estava contratando, sem se deixar intimidar como à princípio.

Quando chegaram à margem da arena, as duas escravas se travaram, as espadas cruzadas enquanto se empurravam com as mãos livres.

Gordus se moveu para elas.

— Não! — Gritou César. - Que não parem. Acredito que seu sangue esquentou e agora lutam de verdade.

Evidentemente ele tinha razão, pois Melisa estendeu de repente uma mão para pegar o mamilo de Vella e o retorceu rudemente.

A morena gritou. Separaram-se, frente a frente

em meio à arena.

Lágrimas de raiva fluíam dos olhos de Vella enquanto ela tocava o seio cuidadosamente.

— Isso é uma armadilha. — Ela soluçou. — Se supõe que não devíamos tentar de verdade...

— Oh, deixe de choramingar! — Cortou Fulvia. — Você prometeu nos oferecer um bom espetáculo. Agora, faça-o.

César deu uma palmada.

— Mais uma coisa. Mil sestercios para a vencedora e sua liberdade.

Fulvia riu.

— César, isto não é uma batalha de verdade.

— Agora é. — Disse ele.

E estava certo. Durante pelo menos meia dúzia de movimentos, cada uma delas manteve as duas mãos sobre o punho de sua espada. As duas escravas se lançaram uma contra a outra, e o anfiteatro se encheu com o fragor do aço sobre o aço, enquanto trocavam ferozes punhaladas.

Lucius sentiu que seu desejo desvanecia. Pensou que deveria fazer algo para deter aquilo, mas César e Cleopatra observavam com avidez.

As duas moças estavam molhadas em suor. A umidade pegava-se a seus cabelos e fazia com que lhes caísse sobre o rosto.

Lucius sabia mais de assuntos práticos de batalha que o resto. Mesmo César possuía outros que lutavam por ele. As duas escravas não demorariam em ficar cegadas quando o suor entrasse em seus olhos. Além disso, nenhuma delas tinha o mínimo de amparo dos gladiadores normais... Um escudo, um casco, uma couraça...

Lucius se debateu ante a idéia de ficar em pé. Tinha que descer na arena e deter aquilo. Então sentiu uma mão sobre seu ombro, lhe obrigando a seguir sentado e ele notou que Fio havia retornado e estava atrás dele.

Vella foi primeira em ficar cega. Com Lucius havia acontecido o mesmo em certa ocasião e ele sabia o quão indefeso fazia sentir aquilo. Além de não ver nada, certamente estaria doendo muito, com os olhos ardendo como se algo os queimasse.

Melisa, que tampouco estava em boa forma, bloqueou a espada de Vella e a tirou da mão. A lâmina saiu girando até cair a margem da arena com um ruído metálico.

Mas agora Melisa estava cega e Vella tinha conseguido limpar os olhos.

Lucius soltou um suspiro de alívio.

César ria, mas Cleopatra estava pálida pelo desgosto e Fulvia parecia molesta.

Vella soltou um grito, carregou contra Melisa, cega e de costas e a pegou pelo cabelo.

Melisa gritou, tentando rechaçar sua atacante... Com a espada. A arma entrou com facilidade no corpo de Vella, como uma faca cortando a manteiga, até ficar a três polegadas do punho.

Vella baixou o olhar inexpressivamente para a espada em seu corpo. Elevou as mãos para pegar o punho, mas não parecia se atrever a fazê-lo.

—Minhas pernas. — Ela disse. De fato, estava sem forças, pois a moça caiu brandamente sobre seus joelhos. Seus olhos já estavam vazios então. Lucius notou que por alguma razão, ela voltava à cabeça para ele. Ela caiu para um lado ainda de joelhos e um fino de sangue saiu do canto de sua boca para cair sobre a arena. Ela tentou respirar várias vezes. Suas pernas se estiraram estremecendo por um instante e relaxando depois, com os joelhos ligeiramente flexionados. Estava morta. A cor desapareceu de seu rosto, deixando uma cerúlea e amarelada palidez.

Lucius estava doente de horror. Melisa gritava. Fio tinha descido até arena, para se ajoelhar por um momento junto à Vella. Não precisou confirmar o que já sabia. Depois, ele e Gordus

pegaram Melisa e saíram do anfiteatro. Lucius pôde seguir ouvindo seus gritos durante uns instantes. Logo se converteram em soluço e finalmente emudeceram.

O jardineiro que tinha rastelado a arena entrou e olhou o cadáver. O sangue seguia saindo pela terrível ferida do torso. O homem parecia confuso, mas Gordus se uniu a ele e o gladiador sabia o que fazer com os mortos.

Pegaram o corpo de Vella pelas pernas e as axilas. A cabeça da garota estava contra o estômago de Gordus. Juntos, eles tiraram-na dali e depois o jardineiro voltou com seu rastelo.

Só então olhou Lucius para sua irmã, César e Cleopatra. Fulvia parecia um pouco pálida, mas César sorria para a rainha, enquanto conversavam em voz baixa, como amantes.

As duas víboras reais sequer se alteraram.

Capítulo 14

Dryas vestiu roupa limpa, uma túnica branca sem bordados e as soltas meias de um cavaleiro, mas deixou seu cavalo e sua bagagem na casa de Mir. Antes de partir, falou em voz baixa com a garota que Mir dizia ser sua mulher. Naquela ocasião não pôde lhe tirar nenhuma palavra, embora houvesse algumas lágrimas. Dryas se alegrou em vê-las e esperou que a garota encontrasse a paz e se possível, a cura.

Antes de partir para a montanha, ela falou com Mir. O ancião assentiu quando ela lhe falou sobre as lágrimas.

— Ela morrerá agora. - Disse.

Dryas ficou atônita.

— Como morrerá?

— Morrerá. - Repetiu Mir.

Dryas olhou para a garota. Ela havia feito uma coroa azul de aster silvestre e dançava entre os girassóis, cantando uma canção para ela mesma.

— Está seguro? — Perguntou. A sabedoria de um homem como Mir não podia ser tomada como leviana.

— Sim, já vi esse olhar antes. Só estava

esperando que você viesse. Agora, ela já pode ir com os outros. Já viveu e sofreu o bastante. Pegue o lobo e o leve para caçar César. Ele será uma presa digna de tal fera.

Dryas assentiu e empreendeu o caminho até a montanha.

O crepúsculo já estava perto quando ela chegou ao prado.

A sombra a esperava. A voz falou em sua mente. *Ele é uma poderosa criatura e não poderá lhe conquistar sem ajuda. O que planeja não é suficiente. Prenda-o. Tem o poder, tem a vontade. Prenda-o. Ou é seguro que um dos dois morrerá!*

Dryas não se incomodou em perguntar qual dos dois, mas talvez nem o espírito soubesse com certeza. Na Ilha das Mulheres, suas companheiras estudantes tinham debatido a capacidade de Dryas e os seus, de procurar o transe e saber em certas ocasiões qual seria o resultado de um curso de ação. Seriam os resultados desses ritos, mais precisos que os do azar? Havia seres que estavam além do mundo, com maior capacidade de conhecer o destino?

Sua professora, Lyssa, acreditava que sim.

— O conhecimento é um. — Ela lhe havia dito. — A capacidade de predizer o futuro está arraigada

em nosso conhecimento do passado e o presente. Caso estejam atentos... Uma hipótese com que outros não estão de acordo... Esses seres de além mundo estão em melhor posição para determinar as virtudes e defeitos da humanidade em conjunto e os pontos fortes e fracos de homens e mulheres. Então o conhecimento do passado e o presente podem ser mais amplo e profundo do que nós poderíamos alcançar. Por isso consideramos prudente consultá-los em momentos de dúvida e seu conselho deveria ser sopesado e meditado. Uma sabedoria como a que nos oferecem, embora não seja perfeita, não pode ser leviana. Dryas sorriu. O que desapaixonada, lógica e objetiva havia sido Lyssa. Mas era possível ser tudo aquilo e ao mesmo tempo estar muito equivocada

A sombra seguia ali. Dryas podia ver que a escuridão em que estava não se devia a nada visível para seus olhos.

Advertia, mas não ordenava e ela não precisava pedir sua permissão para nada. A carga da escolha era dela. Ela, e somente ela devia fixar seu curso de ação e se ater as conseqüências, para o bem ou para o mal. De certo modo, toda sua vida tinha sido uma preparação para aquele momento.

A sombra estava em silêncio e não voltaria A

falar.

Dryas se voltou e caminhou para seu leito. A coisa estava em um pequeno saco de couro macio. Ela esvaziou o saco em sua mão e quando sentiu os frios elos sobre sua pele, foi como se tivesse colocado a mão sem querer sobre algo fervendo. Uma vasilha que parecia estar fria embora tivesse sido esquentada ao fogo, em um calor suficiente para lhe queimar a carne até o osso.

Ela sentiu a agulhada de dor atravessando seu corpo e sua mente, como se sua perda tivesse acontecido uns dias antes, uma semana, um mês. A sensação de perda penetrou em sua mente como uma agonia de dor. Uma dor quase mortal passou sobre ela como uma onda.

Mas sua dor datava de muito tempo atrás e também como uma monstruosa onda, não pôde arrastá-la as profundezas. Dryas se manteve firme no refúgio do agora, até que o sofrimento amorteceu graças ao tempo e a distância.

Era estranho. Como algo tão formoso pudesse ser a fonte de tanta dor.

Brilhava no crepúsculo com brilhos metálicos, uma corrente de ouro seguindo um desenho de folhas, flores e frutas de fresno. Bem, as folhas eram de ouro, as flores de marfim e os frutos de granada.

A árvore estava representada em suas folhas, suas flores e seus frutos e Dryas pensou, como fazia sempre, que o colar fora elaborado com habilidade mais que humana. Elevou-o de forma que captasse os últimos raios do sol e lhe pareceu ter fogo, neve e sol misturados em sua mão.

Era proibido fazer algo assim, porque aquilo podia capturar o espírito do fresno em seu interior ou pelo menos parte da vida da árvore. Podia capturar parte da vida de qualquer criatura e aquilo era o que Dryas queria que acontecesse.

Fui provada, ela pensou. Fui provada e não encontrada desejosa. Ela inclinou a cabeça como aceitando o jugo, passou a corrente pelo pescoço.

Nunca se esperou que uma mulher mortal o usasse. Não podia ver a sombra. Ela estava entre as árvores que a contemplavam da ladeira.

Sentiu que o desejo crescia como na noite anterior. Compreendeu que era o fogo da criação, uma cascata de luz que iluminava o mundo como outro sol, varrendo tudo ante ela como fazia o vento quando eleva as ondas, até as faze-las romper em um espectro de cinza, azul, jade, esmeralda e, por fim, branco... Branco como as flores do salgueiro e o fresno na primavera.

Os dois escravos pessoais despertaram Lucius

pouco depois da alvorada. Ele pensou em amaldiçoá-los, mas sabia que eles não se aventuraram sem ordens estritas de Fulvia e que, se expressasse seu desgosto e voltasse a se arrastar sob as mantas, sua irmã adotaria algum curso de ação realmente venenoso. Não. Mais valia descobrir o que Fulvia havia pensado.

Elevou o índice e o polegar deixando um pequeno espaço entre eles. – Vocês estão isto a leilão.

Os escravos aceitaram a ameaça com equanimidade. Bem, tampouco ele havia esperado que se encolhessem de medo.

Um deles lhe entregou uma folha de papel. Lucius piscou os olhos, mas não conseguia ler as palavras. Esfregou-os e por fim compreendeu que sustentava um fragmento de um dos mais duros discursos do Cícero sobre a Catilina. Contemplou-o, intrigado.

– Nnnh? – Perguntou.

– Dentro – Disse um dos escravos.

Ele havia pensado chamar o casal Castor e Pólux, mas ainda não estava claro quem era Castor e quem era Pólux. Nem estava seguro de qual dos dois havia falado.

Desdobrou o papel. No interior estava escrito

um convite. Ele pode captar as palavras suficientes para estar seguro, mas pelo resto a mensagem lhe resultava ininteligível.

— Nnnh - Disse.

— É do senhor Marco Antonio. Gostaria de lhe convidar para tomar o café da manhã.

— Dsunar - Disse Lucius entredentes. - Deyunar. — Ele começava a se aproximar da palavra, mas decidiu que devia deter aquilo antes de se afundar na mais completa e irrevogável idiotice. - Tragam Fi. - Ele grunhiu.

Obedeceram-lhe.

Fio entrou em sua casa, com um aspecto tão viçoso como o de uma manhã de abril. Lucius lhe deu a nota.

— Tragam para meu senhor roupa limpa, sua toga e um pouco de água quente. - Disse o grego a Castor... Ou era Pólux? Não sabia, mas os dois desapareceram e aquilo pareceu reconfortante.

— Mmmh... - Disse Fio, acariciando-a queixo. - Acredito que o pedido de sua irmã a César já deu seu fruto.

— Como sabia isso?

— Porque, como todos outros criados da casa, escravos e livres, eu estava na cozinha, ouvindo avidamente cada uma das palavras que

pronunciavam.

— Tolices. A cozinha é muito pequena. Não caberiam todos ali.

— Você se surpreenderia de quanta gente é capaz de se apertar em um espaço reduzido, se todos colaboram. Além disso, sempre restam o telhado e o jardim.

Castor e Pólux voltaram nesse momento com o pedido de Fio, pondo fim a conversa.

— Deseja um banho, senhor? — Perguntou um deles.

— Por que, em nome do traseiro do Caronte, eu deveria me banhar a esta hora da manhã? Antonio não notará se vou gotejando perfume ou cheirando como uma latrina repleta.

E Antonio não notou.

Quando chegaram a sua casa, o porteiro lhes franqueou o passo sem dificuldade. Um dos libertos de Antonio estava no jardim, dispondo uma mesa para o café da manhã.

Lucius perguntou por Antonio e o homem voltou o olhar para eles.

— Meu senhor está no tepidarium - Disse.

Antonio estava sentado em uma nuvem de vapor, bebendo algo de aroma repulsivo em uma taça de prata. Ele gemeu audivelmente quando

abriram a porta e o sol lhe deu nos olhos. Era um homem grande e arrumado, embora começasse a engordar muito. Seu cabelo era negro e muito encaracolado na cabeça e no resto de seu corpo.

Ele observou Fio como alguém que estivesse se afogando olharia para quem lhe atirasse uma tábua de salvação.

— Resisto em agradecer algum deus esta manhã, — ele murmurou, - mas me alegro em vê-lo, Fio.

Ele passeou seu olhar injetado de sangue em Lucius, como se ele fosse algo que acabasse de sair se arrastando debaixo de uma pedra.

— Conheço-o? E se não, o que quer? Mais vale que seja algo importante ou ganhará uma viagem a Tullianum.

— Oh, sim me conhece. — Disse Lucius. - Mas não sei se lembra da mim. Quanto você se recorda de toda a gente que conhece?

Antonio começou a rir, mas logo se engasgou, vomitando por cima da margem da banheira de mármore em que se encontrava.

— Oh, oooh, ooooh. Não me faça rir. Dói muito. Meu crânio vai partir pela metade e os miolos me sairão pelos olhos, cairão na água quente e eu ficarei livre das misérias. Por favor, por favor,

por favor... - ele disse estendendo um braço para o céu. - Deixem que aconteça, deuses imortais. - Logo ele acrescentou: - Esse bastardo do César lamentará. Não. Correção. César nunca lamenta nada. A resposta a sua pergunta é provavelmente uma pessoa de cada dez.

Naquele momento, Fio entrou novamente na estadia. Lucius não havia cuidado sua saída. Ele carregava um copo de cristal bastante escuro, decorado com espirais de ouro e uma toalha enrolada. Colocou a toalha sobre a cabeça de Antonio, como se fosse uma coroa, e lhe entregou o copo.

— Beba isso devagar.

Fio afastou a taça de prata que Antonio havia estado bebendo. Cheirava a vinho azedo, mais vinagre que vinho, chamado pósea, elaborado para os escravos de imóveis rústicos e era considerado como um remédio supremo contra a ressaca.

Antonio saboreou cautelosamente o conteúdo do copo.

— Ahhh! - Ele suspirou, entrando mais na água. - Fio, eu nunca sei o que há em suas poções, mas não importa. Poderia me envenenar a qualquer momento.

Lucius encontrou um par de tamboretes e os

levou para a margem da banheira. Ele e Fio se sentaram para seguir conversando com Antonio.

— Hortelã, vinho branco, valeriana e um toque de ópio para a dor de cabeça – Disse Fio. - Não é nenhum segredo. A hortelã assenta o estômago, o vinho branco cura a ressaca, a valeriana acalma os nervos e o ópio já te expliquei para que

— Suponho que na toalha tem neve, não? – Disse Antonio.

Fio assentiu.

— Ainda restava algo da festa de ontem à noite.

— Já está de volta ao mundo, não? – Disse Lucius animosamente. - A última vez que nos vimos, acredito que havia perdido o favor de seu nobre amigo. César e você não se falavam. O que aconteceu?

— O que aconteceu para causar o desgosto ou para solucioná-lo?

— Ambas as coisas.

— Não acredito que responda a isso. – Disse Antonio. - Talvez no futuro, quando o conhecer melhor.

— Mmmh... – Disse Lucius.

Antonio gritou deu uns golpes no chão.

— A água está esfriando e quero mais vapor.

Diga a esses filhos de cães vagabundos que deixem de sovar as donzelas da cozinha e joguem mais combustível no forno ou lhes arrancarei a pele a tiras, antes do meio-dia. — Ele voltou a segurar a cabeça. - Oh, Oh, Oh. — Ele tirou a toalha e a deu a Fio. - Mais neve! — Antonio rugiu.

Fio espremeu a toalha, o que diluiu não uma, mas várias poças de uma desagradável substância.

Naquele momento, Antonio contribuiu com outra entrega do mesmo material, e logo esvaziou o copo e gritou ao grego: - E traz também mais remédio para a ressaca!

Lucius, quase compulsivamente pulcro, achou surpreendente o lugar dos banhos de Antonio. Sim, era luxuoso, com mármore branco, negro e amarelo. O piso era decorado com um mosaico de ondas nas mesmas cores, rodeando a negra banheira de mármore em que flutuava Antonio, bastante grande para inundar um cavalo. Mas o lugar era um desastre. Havia toalhas de linho, esponjas de todos os tamanhos, frascos de perfume, jarras de óleos, pentes, escovas, pinças e demais objetos espalhados por toda a parte. Para não mencionar as pegajosas poças de vinho, vômito e a comida atirada pelo chão.

— Eu disse, - gritou Antonio com todas as suas

forças, - que a água está esfriando! Não me façam sair para...

Naquele momento, uns spots de mármore negro em forma de flor vaiaram nas paredes e o vapor começou a sair por suas aberturas, enchendo a estadia de névoa. No mesmo instante, uma estátua de mármore negro de uma beleza núbia, vestida de marfim e bronze começou a jogar água na banheira, com a jarra que tinha na mão.

— Ahhh... — Antonio se afastou para trás, relaxando. Tinha uma terrina de nozes junto à mão. Pegou algumas e começou a quebrá-las com o polegar. - César me despertou à alvorada com uma lista de coisas que quer que eu faça hoje. Não entendo como pode agüentar esse ritmo. Se eu tentasse, morria de esgotamento antes das calendas do mês que vem. Vai a casa dessa puta ptolo... Dessa rainha egípcia... E a transa. Logo vai para a sua casa, onde tem que demonstrar a Calpurnia que ainda estão casados. Depois vem aqui com a primeira luz do dia, trazendo uma lista de tudo o que quer que faça. E diz a mim, que levante! Que não durma até o meio-dia! E que faça todo isso! Ou me arrisco a lhe desgostar. Sorri-me com uma careta que mostra seus dentes afiados e parte para o Senado. Tivemos uma festa ontem à noite. Fulvia,

minha esposa, não a sua irmã, pegou um látego. Parece que me animei, mas que logo não pude parar. O vinho provoca isso às vezes e um látego é sempre. Mas aqui estou ao amanhecer. Dói-me o traseiro, tenho o estômago revolto, meu crânio quer se partir em mil pedaços e César vem me dizer que o coloque no Senado...

— Não. — Disse Lucius obstinadamente. — Não tenho intenção de...

— Não discuta comigo! — Rugiu Antonio. — Não a menos que de verdade queira uma casa no Tullianum. Já veremos o que se consegue uma semana a pão e água nesse buraco. É claro que cantará outra canção.

Lucius suspirou.

— Eu também apostaria isso. De acordo, mas não tente me convencer de que faz isso pela bondade de seu coração. Diga-me o que o que quer de verdade.

— Direi, se você fechar o bico e deixar de me interromper. O que ele quer é que espione os outros senadores.

Lucius ficou em pé tão rapidamente que derrubou o tamborete que estava sentado, fazendo com que ele ressoasse sobre o piso de mármore.

— Você... Você! Pode ser que não seja um

patrício como você e seus amigos lhambe traseiros, mas...

Fio entrou naquele momento com outra toalha e uma segunda taça.

Antonio golpeou a água com o punho. Como gesto carecia de força, ele pegou a terrina de nozes que estava junto ao cotovelo e o jogou na cabeça de Lucius.

A terrina era uma pesada peça de pedra. Sua margem abriu um corte de umas três polegadas na testa de Lucius, que começou a sangrar profusamente em poucos instantes.

Lucius viu estrelas. Não só estrelas, mas também cometas e talvez umas quantas luas pequenas. Ele cambaleou, e por uns momentos seus joelhos pareceram fraquejar.

Fio o segurou pelo braço e voltou o tamborete em seu lugar com um pé e ajudou ao jovem a sentar. Pressionou a toalha cheia de neve sobre o corte e entregou a taça com o remédio contra a ressaca para Antonio, que o bebeu de um gole.

—Posso perguntar o que aconteceu? — Perguntou o grego com calma.

—Sim, pode perguntar. - Replicou Lucius.

Antonio saiu da banheira e vestiu uma bata com um buraco no centro, pela cabeça. Explicou a

Fio o pedido de César.

Fio dirigiu um olhar de simpatia para Lucius.

— O homem é... Quem e o que é. Não há mais que isso, meu senhor.

Lucius olhou venenosamente para o grego, afastando a toalha da testa.

— Silêncio! — Rugiu Antonio. - Calem-se antes que cometam traição e eu tenha que informar! Seu homem não é néscio e tem razão. Não há mais que isso. E, além disso... - Antonio disse rilhando os dentes. - Quando tiver passado alguns meses entre essa turma de mentirosos, ladrões, concusionarios, putas, cretinos, contistas, idiotas, enrabados, valentões, sanguessugas, parasitas, adúlteros, alcoviteiros, chantagistas, extorquistas, assassinos e... Esqueci-me de algo? Ah, sim, serpentes... Quando tiver passado um tempo entre eles estará desejando derramar toda sua raiva e frustração em meu atento ouvido. — Antonio levantou um dedo. - Me acredite, César tem montes de espões e não tem que me dizer nada que não queira dizer. Sua irmã estará contente... E, por certo, me disseram que é uma arpia pior inclusive que minha esposa. Eu tomaria cuidado com ela... E César sairá logo para Partia, então você poderá fazer o que quiser. Ouviu-me?

Os lábios de Lucius estavam rígidos de raiva, mas ele conseguiu para responder.

— Sim.

— Estupendo. - Disse Antonio esfregando-as mãos. - Já me sinto melhor. O que diria de umas poucas horas na palestra e logo um almoço? — Ele deu tapinhas nas costas de Lucius. - Meu cozinheiro está preparando porco selvagem. - Ele acrescentou animadamente. - E minha esposa estará fora da cidade. Fique para jantar comigo. Lembra-se de nosso primeiro encontro? Estava sentado tomando vinho com aquela pequena bailarina da Alexandria. Lembra, a que tinha dois grandes aros de ouro nos mamilos. Recorda a sugestão que fez?

Lucius recordava e se ruborizou um pouco.

— Assombroso! - Continuou Antonio. - Me surpreendeu. Imagine o quanto me surpreendeu.

— De fato, - Disse Fio, - é difícil imaginar

Antonio olhou seriamente para Fio por um instante.

— Em todo caso, quanto a aquela... Noite...

— Acredito que na realidade já tinha quase amanhecido. — Interrompeu Lucius.

— Sim. Quanto àquela noite, minha memória se torna um tanto nebulosa.

— Pensei que podia ser assim. - Disse Lucius. -

Não sabia que alguém fosse capaz de beber tanto vinho e continuar em pé.

—Sim, sim, mas o que eu quero saber é se chegamos a... Pôr em prática a sugestão.

—Não acredito que responda isso. — Disse Lucius. — Talvez no futuro, quando o conhecer melhor. Então lhe direi isso, mas não agora.

—Agora! — Respondeu Antonio. — Vejo que me foi devolvido limpamente. Bom, procurei isso.

—É uma bonita casa. — Comentou Lucius, aproveitando a desculpa para afastar o olhar de seu anfitrião. Necessitava de uma.

—Lixo. Faz com que me sinta bilioso. Bem, tudo o que tem a fazer no Senado é manter a boca fechada e os olhos e ouvidos abertos. Entre e sente se encontrar um lugar livre. Senão, se apóie na parede.

—Tudo o que faz o Senado é sonhar novas honras para César. —Grunhiu Lucius.

—Sim, César o deixou bem arrumado. Não sabe nada de política?

—Parece que não.

—Bem, moço. Os membros do corpo legislativo são indefesos até que conseguem formar facções, as conspirações, camarilhas, grupos, associações ou, em outras palavras, encontram

companheiros de crime. O que fez César foi acrescentar trezentos membros ao Senado, todos os quais lhe deviam sua classe. Assim o único que pode fazer nossa tribo criminal nativa, os patrícios, é sentar e falar... E não que não sejam perigosos quando fazem isso. Mas nenhuma facção é o bastante grande para derrotar em uma votação, trezentos novos membros, não é preciso que diga que todos são leais a César. Então, são bastante inofensivos. César tirou as presas da víbora.

— Sim, mas elas podem crescer novamente.

— Ainda não. — Respondeu Antonio com expressão velada. — Vá ao Senado e deixe sua irmã feliz. Não me dê mais trabalho.

Dito isto, Antonio saiu da estadia.

Dryas voltou para prado e se sentou em silêncio, contemplando do alto como a noite reclamava o mundo para si. A sombra da montanha se estendia sobre a planície, cobrindo colinas, bosques, vilas e pastos.

Seu povo e os romanos eram indistinguíveis por causa da distância no tempo e o espaço.

À medida que o sol descia, seus últimos raios apontavam mais alto, engolir o mundo nas sombras e iluminando as alturas com sua luz dourada. A larga, suave e resplandecente vegetação verde nos

prados ao seu redor se agitava e lhe sussurrava sob o vento do crepúsculo. As altas folhas acariciavam seus tornozelos, suas pantorrilhas e suas coxas.

Devo amar o lobo, ao lobo homem, da mesma forma em que a vegetação ama a terra sobre a qual cresce e o vento de outono que a beija e lhe dá brilho.

Devo lhe ensinar a voltar seu fogo para mim. Não como queimou os campos de trigo de quem o culpou pela morte de Imona, masme dando o fogo do desejo que une a frutífera terra ao sol que extrai dela as diversas formas que constituem o reino da vida. A árvore que se inclina adorando o sol. A alta e branca cevada, o trigo amarelo, as hortas adornadas com a multidão de flores que se convertem em maçãs, pêras, ameixas e aveludados pêssegos. As flores dos ermos elevam seus rostos para jurar fidelidade ao sol de dia e a lua de noite.

O fogo da tormenta que atravessa o céu lançando seu golpe sobre a terra, para benzer eternamente o instrumento do sacrifício que chama o fogo dos deuses e o coloca nas mãos do homem.

Ela pegou seu anel de ferro e avivou o fogo com ramos secos caídos entre a vegetação.

O sol flutuou por um momento à margem do mundo e logo desceu na escuridão. Quando o

resplendor laranja e verde do crepúsculo desvaneceu do horizonte, as miríades de estrelas olharam da noite para Dryas, em pé em sua solidão.

Ela tirou a camisa, arrojando-a as chamas. O fogo se avivou, iluminando sua carne enquanto permanecia em orgulhosa nudez entre a noite e as estrelas.

Ele virá? Ela se perguntou e levou à mão a corrente de ouro em seu pescoço, fechando-a sobre as folhas de ouro.

Uma blasfêmia. Aquilo era uma blasfêmia.

Ninguém tinha direito de fazer uma coisa assim e incluir nela todas as partes e os estágios da vida de uma árvore, fazendo com que compartilhasse o universo humano. Ali, entre as folhas, as flores e os frutos, podia sentir as escuras raízes secretas retorcendo-se no esquema formado pelo artista. A árvore era parte da terra e da Gaia. A terra formava a árvore. Incluir tudo no círculo era perigoso. Seu povo não costumava fazer, deixando sempre algo fora ou rompendo o círculo em alguns pontos, mesmo em uma fortaleza ou uma coroa.

Ele virá? Porque agora a decisão era dela. Eu já havia escolhido.

Então ouviu um movimento na vegetação e logo dois fortes braços masculinos se fecharam em

torno dela. Dryas se estremeceu por um instante e logo se entregou ao corpo forte e quente que havia atrás dela.

Ele a beijou na orelha e a garganta.

—Você gosta disto? — Ele perguntou inocentemente. - Imona gostava.

—Sim. - Disse ela, prescindindo de fazer comentários sobre o fato dele falar de uma mulher enquanto estava com outra nos braços. Não, pensou. Ele não é ainda um homem. Devo convertê-lo em um... Esta noite.

As mãos dele percorreram seu corpo, procurando, sondando, explorando e enfim, acariciando.

—Parece igual a ela. A primeira vez, não cheguei a... Ou seja, a saber, seu nome; a segunda soube que era Imona. Só tive duas de vocês. São todas assim?

—Sim. - Respondeu Dryas e logo emitiu um pequeno som. A exploração de Maeniel se tornara mais íntima, e ela descobriu eletrificada, alguns dos lugares que ele estava investigando.

—O que quer dizer isso? É uma palavra? Acreditei que sabia muitas palavras, mas nunca tinha ouvido essa... Antes.

—Não. Não é uma palavra, mas uma

indicação de prazer.

Então, muito brandamente, ela se voltou.

Dryas se sentiu assustada pela primeira vez. Havia uma fascinante e formosa inocência em seu rosto. E, por um instante, ela sentiu o prazer e a culpa de um saqueador que enche as mãos de fruta proibida e indefesa. Mas não. Não havia sensação de roubo. Era como se ele fosse a noiva virginal e temerosa, mas ao mesmo tempo ofegante e ela o noivo encarregado de iniciá-la no mistério e também, a crueldade, da criação.

Mas então ele a beijou, apertando seu corpo contra o dela e a ilusão desvaneceu. Ele era um macho completo e premente e por um momento, Dryas se tornou um animal, tão livre de responsabilidades como unicamente pode ser um animal. Já tinha deixado para trás o ponto sem retorno.

Dryas tinha estendido um cobertor limpo de linho junto ao fogo, coberto com a manta que usava para dormir. Ele a levou para lá, dizendo:

— Sim. Imona e nós gostávamos de nos deitar sobre algo. Dizia que o solo era muito frio onde nos reuníamos.

Ele fez com que ela retrocedesse até ficar sobre a manta.

—Posso te tocar, posso te cheirar. — Ele a afastou para trás sobre seu braço e enterrou o rosto entre seus seios. - Agora quero te saborear.

Dryas ficou em pé, e ele se ajoelhou ante ela, separando suas coxas com as mãos.

—Que sabor tenho?

—O seu mesmo, somente - Disse ele.

Ele fez algo, Dryas não soube o que, que a fez abrir a boca e enroscar os dedos entre seu cabelo, como se o urgisse a seguir.

- Mas o sabor é o teu. A primeira não sabia como Imona, nem você como ela.

—Então, as mulheres são vinho, com distintos sabores em cada taça? — Perguntou Dryas.

Mas ele não respondeu. Estava... Ocupado. Um instante mais tarde, também estava ela, quando seu sexo começou a pulsar no compasso de seu coração.

Ela se encontrou estendida entre seus braços sem saber bem como tinha chegado até ali.

—Ontem à noite você desapareceu. Como posso te reter aqui? —Perguntou ele.

—Não sei. Tente.

Ele trocou de postura e Dryas descobriu que as pulsações de seu corpo aumentavam. Mas o batimento do coração era delicioso, tão delicioso

que ela acreditou que devia ser proibido. Já não podia resistir. Não mais do que teria conseguido resistir a um riacho que a sugasse. Queria mais daquele prazer e ia consegui-lo. Ele entrou em seu corpo como uma espada em uma bainha quente e suave, penetrando-a cada vez mais profundamente, até que ela soube que se tornaria insuportável.

A inundação de puro prazer tomou sua vontade, seu intelecto e por fim, sua consciência.

Os reflexos, as costas arqueadas, os dedos crispados e o grito final não estavam sob seu controle mais do que estava à extinção de seu ser em um abismo de rendição. É o poder da criação. Dryas soube por fim e por mais que lutemos, somos todos seus escravos.

Não soube quanto tempo havia dormido em seus braços, mas ao despertar pôde notar pela posição das estrelas, que quase havia amanhecido.

Junto a ela não havia um homem, mas um lobo. Era um gigante, inclusive para se tratar de um lobo de montanha e ela soube que se limitou a brincar com Blaze. Nenhum homem teria conseguido enfrentar aquela criatura.

A corrente que usava a pescoço se moveu, fazendo um suave ruído tilintante. Uma das orelhas do lobo se moveu para trás e ela soube que mesmo

dormindo ele era capaz de perceber os sons.

Por um instante sentiu medo, mas depois o desprezou como algo indigno de uma caçadora. Em um duelo terá que prevalecer ou morrer. Aceitar a alternativa é uma condição para iniciá-lo. Ninguém que estava disposto a se unir à batalha teme a morte.

Ele podia matá-la. A castração seria algo mais amável que o que planejava Dryas.

O fogo cintilou por um momento na brisa e logo ficou reduzido a brasas. O lobo seguia dormindo, sonhando, com o focinho entre as patas.

A escuridão envolvia Dryas como algo vivo. Ela ouvia a voz no vento... Ou talvez fosse o vento. *Ela não é só a mãe da terra, mas também a rainha dos ventos. Não se entretenha. Não tem muito tempo.*

Dryas ficou em pé. Teria jurado que só afastou a vista do lobo por um instante, mas quando voltou a olhar, ele era novamente um homem.

O vento negro vaiou sobre a vegetação. Dryas caminhou para a escada invisível que levava ao círculo de pedra que dominava o vale. As folhas e a vegetação estavam revoltas como o cabelo de uma criança adormecida.

Formou-se gelo sobre suas bordas durante a noite e Dryas queimou os pés enquanto se

aproximava dos buracos na pedra que levavam a... Que estranho, ela pensou. Não tem nome, mas todo mundo sabe do que fala quando se refere isso.

Ele a alcançou a meio caminho, através do prado.

—Volte. Deve ter frio. Volte e eu a esquentarei.

Sua voz era como veludo, seus lábios de seda.

Dryas pensou em todas as histórias que tinha ouvido de mulheres que traíam os homens. Afinal de contas eles eram fáceis de enganar, mas se aproveitar daquela esplêndida inocência era algo mais cruel do que Dryas teria imaginado jamais. Suas professoras lhe tinham pedido o máximo. Absoluta sinceridade e a coragem de entregar sua própria vida se fosse necessário, sem queixa e nem vacilações.

O que pensariam de seus atos dessa noite? Mas Dryas era consciente de que, como ela, teriam comparado na balança com a segurança do povo de Mir, aceitando a opção contra a vontade.

Mas também teriam acreditado em lhe dar o direito de escolha.

—Tenho bebida lá encima - Disse ela. - Nos esquentará.

O vento negro deixou de soprar e foi como se

toda a terra se classe.

—O amanhecer está perto – Respondeu ele. -
Me diga onde está. Observei-a escalar até lá, na
outra vez. Subirei e pegarei. Eu não gosto desse
lugar, nem de seu aspecto e nem de seu aroma. Se
cair, você morrerá sobre as rochas.

—O mesmo acontecerá com você.

—Não. Eu posso voltar da margem da morte.
Tenho esse poder. O que não me mate
imediatamente não me fará nenhum dano. Não sou
um lobo.

—Nem tampouco um homem. — Ela o beijou
novamente, apertando o corpo contra o dele,
rodeando seus quadris com as pernas como se
pedisse seu calor.

—Não. E não quero ser. De todas as feras sob
o céu, vocês são as mais cruéis, malignas e
desumanas. Não respeitam nada em sua ira. Um
lobo compreende a raiva. Mas vocês não matam
para viver, mas por simples conveniência.

Ela beijou-lhe outra vez, passando as mãos
por seu corpo.

—Se tanto nos despreza, por que assume
nossa forma?

—Porque me tentam as... Mulheres. As
mulheres e o poder.

—Então venha comigo. Venha beber hidromel. Deixei junto ao círculo de pedra.

—Bebi vinho, mas não conheço o hidromel.

—Pois então venha comigo. - Disse ela com voz tão sutil como quando a serpente falou com Eva. - Não me deseja outra vez?

—Sim - Respondeu ele. - Sim e sim e mais sim. Um por cada noite e todas as que te puder convencer para se entregar a mim.

—Venha. Ensinarei-te magia e encantamento. Venha provar o amor perfeito e eterno.

—Não. - Disse Maeniel. - Perfeito e eterno é muito pedir para... Alguma coisa.

Ele retrocedeu. Um lobo uivou ao longe e ele se voltou, ouvindo.

—Estão lhe chamando?

—Não. - Disse ele, meneando a cabeça. - É... Eles não têm nomes... Estou tentando achar uma forma de lhe explicar isso. Tem o focinho manchado de branco, quatro garras na garra dianteira esquerda e dentes muito gastos. Está me dizendo onde se resguardarão hoje quando o sol estiver alto. Por que me pergunta essas coisas? Imona nunca perguntava.

—Acredito que ela não queria saber muito a respeito de seu amante.

—Não. - Respondeu ele. - Não acredito que quisesse.

Ouviram outro coro de uivos. Para surpresa de Dryas, ele respondeu. Ela nunca teria imaginado que a garganta humana fosse capaz de emitir aquele som.

Olhou-o interrogativamente.

—Imona teria ficado louca de medo.

—Eu não sou Imona. - Replicou Dryas. - O que lhe disseram?

—Nada. Só eram saudações corteses. Agora seja sensata e venha comigo.

—Não. - Disse Dryas, voltando para a margem do prado. - Quero receber ao sol e tenho frio. O hidromel me esquentará.

Ele a contemplou quando se afastava durante alguns momentos, logo encolheu os ombros e a seguiu através da vegetação. Por um instante, Dryas temeu ter perdido, mas seu ouvido era bastante agudo para detectar o sussurro de seus passos sobre a vegetação coberta de geada. Chegou à margem do prado e estava em busca do primeiro buraco na pedra, quando ele ficou à suas costas, pegou-lhe a mão e a levou até lá.

—Você vê bem na escuridão, - ela comentou.

—Sou um lobo. Faço muitas coisas melhor que

um homem. São uma espécie torpe... Seus talentos são orientados em outra direção.

Ela não se sentiu insultada. Maeniel tinha expusera um fato, de forma neutra. Compreendeu que ele simplesmente estava dizendo a verdade tal como a via.

Subiram juntos.

Embaixo, o prado parecia um pouco resguardado, mas era como a primeira vez que Dryas havia subido. O vento parecia soprar quase que constantemente.

Mas ela tinha deixado outra manta, que envolvia uma jarra de barro. Era surpreendentemente pesada por causa da geada que havia tanto fora, como em seu interior. A tampa também servia como taça.

Dryas ficou de joelhos, serviu um pouco de hidromel na taça e o saboreou. Estava com o estômago vazio e a bebida fez com que ela estremecesse.

Na primavera, as flores da montanha chegam sem cessar. Primeiro, as terras baixas se enchem de cerejas e maçãs silvestres e logo frutas domésticas como, pêssigo, cereja, amêndoa, trevo e marmelo começam a estender seu manto branco, vermelho e amarelo.

Mas há outros brotos mais sinistros. O beleño de cor laranja, a branca e fantasmática papoula... E, nas sombras, a beladona de cor azul e ouro, que espalha seus primeiros casulos entre a lavanda ainda verde, oculta pela vegetação.

Logo o carvalho, o fresno e o haja ficam salpicados de flores, que pulverizam seu pólen aos ventos da primavera, que levam também o do muérdago e da chave, a atalhos de outros mundos.

As abelhas não as distinguem. Algumas coisas se perdem. Algumas se perderão, pensou Dryas. Pois só a ordem de Mir e Blaze sabiam quando compilar o mel e como preparar a bebida e nenhum de seus membros tinha um verdadeiro sucessor. Levariam aquele segredo para a tumba.

Dryas bebeu, observando aquela misteriosa e gentil inocência no rosto de Maeniel, que provou um gole.

—Sabe bem. – Ele disse, e bebeu um pouco mais, até esvaziar a jarra sem se dar conta.

Dryas beijou brandamente as últimas gotas que restava em seus lábios.

Ele elevou a mão para tocar seu seio e um ansia selvagem despertou nela. Desejava-o. Queria que ele varresse sua consciência e sua vontade, como havia feito a primeira vez. Mas soube com

uma profunda tristeza que não poderia fazero. Dryas estava amaldiçoada pelo que havia feito e pelo que se dispunha a fazer.

Ele se mostrava mais exigente e pressuroso e Dryas compreendeu que o hidromel havia feito seu trabalho. Era o quanto podia fazer para evitar que ele a obrigasse a se estender no chão naquele mesmo instante, mas conseguiu levá-lo até a pedra plaina no centro do círculo.

Uma vez ali, estendida sobre aquele lugar reservado aos mortos, sentiu-se assustada e seu desejo começou desvanecer. Notou-os ao seu redor, em cada abertura do círculo. Pôde vê-los claramente por um instante, logo ondularam como um reflexo sobre a água, quando um inseto ou um peixe agitam a superfície e a imagem do céu e das árvores voaram em um milhão de fragmentos.

Uma mulher vestida com tosco tecido caseiro de cor marrom segurava uma criança pela mão. Haviam tirado os olhos dos dois com um ferro vermelho. Viu um jovem guerreiro, com sua barba só penugem sobre a pálida pele e com os olhos fechados, com lágrimas nas bochechas, uma perna convertida em uma massa de sangue e uma franja vermelha através da garganta. Tinham-lhe cortado sua garganta enquanto jazia indefeso. Outra

mulher, sem rosto, com uma savana rodeada em torno de seu corpo, tentando ocultar o fato que seu crânio estava esmagado e que haviam rachado seu pescoço como o de um cervo.

São sombras, ela pensou.

Levantou o olhar e se concentrou no rosto de Maeniel. O vento começava a impulsionar nuvens pelos bordass da clareira. Dryas podia ver sob o vapor, com um esbranquiçado resplendor, os mortos se unindo as nuvens e desaparecendo.

Maeniel lhe separou as pernas com o joelho. Um instante depois, ela sentiu uma punhalada de dor e compreendeu que não havia estado pronta para sua invasão. Logo se perguntou se tinha sido o correto, pois a ligeira dor era vivificante e esclarecia sua mente confusa. Foi atraída à deliciosa contemplação da excitação da carne sobre a carne. É como estar em um balanço, subindo cada vez mais alto, ela pensou.

Oh! Como descrever aquela sensação, mesmo a si mesmo ou inclusive recordá-la? Mais alto. Que não pare. O mais alto possível.

Justo então, os raios de sol derramaram sua luz dourada sobre a névoa. Ela estudou seu rosto, concentrado e formoso sobre o dela e seu corpo ficou preso a adoração, a submissão e uma

definitiva consciência de paz absoluta junto ao de Maeniel.

Fio e Lucius ficaram sozinhos e em silêncio, no banheiro do Antonio.

—Eu gostaria... - Disse Lucius, elevando um punho crispado.

Fio lhe pôs uma mão no ombro.

—Não. — A palavra foi o mais parecido a uma ordem que Lucius lhe teria ouvido pronunciar. - Não! — Ele repetiu, dessa vez em tom mais suplicante. - Não! Não diante de mim. Antonio dizia a verdade ao falar de traição. E sente-se. O corte de sua testa está sangrando outra vez.

Lucius se deixou sentar em um dos tamboretas junto à banheira.

—Deixa que eu coloque uma bandagem limpa. —Fio pegou a pesada terrina de nozes, limpou-a e a encheu da água quente que seguia saindo da jarra da estátua. Em um canto da estadia havia uma pilha de toalhas limpas. Pegou duas delas e limpou o rosto de Lucius com uma e rasgou a outra em tiras. - Antes de conversarmos me deixe dar uma olhada nisso.

Fio saiu do banheiro e voltou um momento depois com um copo, que estendeu a Lucius.

—Beba!

—Preparaste você?

—Claro! Não precisa perguntar.

Lucius obedeceu.

—Agora, - Disse Fio —, acredito que estamos realmente sozinhos.

—Como posso sair disto?

—Não pode. Quando eu disse «não há mais», queria dizer exatamente isso. Mas pode desenvolver uma longa enfermidade, paludismo ou febres tercianas. Vá em um dia e no seguinte use um tecido ao redor do pescoço e diga a todo mundo, incluindo sua irmã, que sente calafrios. Eu te encobrirei, dizendo que acredito que está com febre. Poderá passar várias semanas deitado em um divã de veludo na biblioteca, lendo... O que gostar.

— E quando já tiver passado semanas...

—Pensarei em algo. Mas esta manhã queria vê-lo para falar de um assunto muito importante. A moça, Vella... Seu amante...

—Ela tinha um amante?

—Sim, mas não um homem, mas a mulher da cozinha. A que você pediu a salada. — Fio passou os dedos pelo cabelo. - Essa garota está muito alterada. Disse... Ela pronunciou algumas ameaça.

—Oh, não. Não a deixaria sozinha, verdade? Onde está Fulvia?

—Tranqüilize-se. A garota está dormindo e outros escravos cuidam dela. Temem o castigo previsto para todos os escravos, se um deles mata seu dono. Cada homem, mulher e criança pertencente à família, seriam executadas. A perspectiva de uma matança os horroriza. Acabariam com a garota eles mesmos se ela se mostrasse muito violenta. Mas sua irmã está bastante segura. Saiu para visitar a rainha egípcia.

—E se encontra na bendita ignorância do fato de que alguém quer lhe arrancar o coração, se é que tem um.

—Efetivamente. Queria interceder ante você, pela escrava. Ou pelo menos tentar...

Lucius meneou a cabeça, apertando as pálpebras. Doía-lhe a fronte.

—Não é qualquer, seja quem for, é imprescindível para alguém mais?

—Quase sempre. — Disse Fio tristemente.

—Traga-a para o pretor. Conhece alguém que queira ficar com ela?

—Está seguro de que quer que seja para o pretor e não para carnifex?

—Ainda lembro os tempos em que uma casa nobre podia assegurar a lealdade de seus serventes sem necessidade de chamar um verdugo, um

torturador. Não! Não deixarei que meu lar fique desonrado por um indivíduo assim nem por seus atos. Não! Já foi bastante horrível ontem à noite. Não quero mais sangue nas mãos de minha família. Tire essa garota de minha casa. Não! Não quero que seja executada. Não! Deixe-a livre. Diga-lhe que parta e não volte nunca para para a vila Basília. Sabe de alguém que possa acolhê-la?

— Há uma mulher que...

— Não! Não! Não! Não me diga. Não quero saber. Simplesmente desfaça-se dela... E se assegure de que Fulvia nunca chegue a se inteirar do assunto. Pôde dormir ontem à noite?

— Não. — Disse Fio, meneando a cabeça.

— Bem, pois volte para casa e dorme um pouco.

— Não posso. — Respondeu o grego. — Tenho que ver Gordus e me assegurar de que seu filho...

— O outro gladiador era o filho dele?

— Sim. Chama-se Martinus.

— Por que lutaram, por todos os deuses?

— O moço admira seu pai como a um herói e quer seguir seus passos.

— Oh! E Gordus pretendia desanimá-lo.

— Isso. O deixará aleijado se preciso, para lhe manter longe da arena. E não posso lhe culpar.

Acredito que se fosse meu filho...

—Se fosse seu filho, teria-o educado para que fosse mais sensato. O que se leva Fulvia com essa... Com essa rameira egípcia?

—Não sei, e eu gostaria. Firminius está com ela, e está claro que sua irmã planeja algo.

—Bem, vamos liberar essa garota antes que minha querida irmã retorne. Tercianas ou quartanas?

—O que?

—Sua memória é pior que a minha. Que tipo de enfermidade quer que eu contraia?

—Febres tercianas. São menos sérias. Tampouco queremos renovar as esperanças de sua irmã, certo? E, por certo, o que lhes sugeriu a bailarina?

—Não importa. Não gostaria de saber.

—Não gostaria?

—Não.

Quando Maeniel despertou, Dryas estava sentada à margem da pedra, arrumando o cabelo.

O vale estava sumido na névoa. Era tão espessa que ocultava inclusive o prado.

Ele levantou até ficar sentado, sabendo que não havia dormido muito tempo e se resguardou os olhos da luz com a mão. Doía-lhe a cabeça. Não

estava familiarizado com a ressaca. Tentou chamar o lobo e ficou apavorado ao ver que não podia.

Dryas seguiu ali, vestida só com o colar e seu cabelo trancado.

Seus olhos se encontraram e Maeniel soube que conservava seus sentidos de lobo. Disseram-lhe que havia homens no prado. Ouviu o ruído de grillhões. Perguntou por que não o haviam matado. Os ossos da montanha não estavam muito abaixo de seus pés e ele pegou uma pedra, mas então voltou a cruzar seu olhar com o de Dryas.

Seus olhos eram de cor azul escura, não como a água ou o céu, mas como o lapislázuli ou a safira. Era como o das frutas que tinha provado ao atravessar o rio em sua tentativa de resgatar Imona. Um sabor azul, um aroma azul. Os olhos se voltaram como poços e as pupilas negras se dilataram como as de um falcão olhando ao longe ou à escuridão, para pegar sua presa. Ou como a asa de um corvo cobrindo ensangüentados restos de carne.

Sim, ele pensou. Matei quando não devia.

Recordava-os como a gente do fogo, quando sua espécie, a do lobo, encontrou-os pela primeira vez como caçadores na planície gelada. Pobres coisas. A princípio eram somente carniceiros, dos

restos gelados deixados pelos lobos cinza, sua espécie; os amarelos, felinos e similares; e os pardos, os ursos gigantes.

Eram fracos. Talvez fosse sua debilidade o que os tornava fortes. Havia desespero em seus gritos e nos golpes de seus paus e pedras contra seus rivais.

Sim, uma alcatéia que contra-atacasse podia acabar com outra, mas eles sempre matavam a dois ou mesmo três. Cegavam aos amarelos com o fogo e freqüentemente lhes tiravam os olhos com paus afiados, deixando que vagassem agonizantes e mortos de fome porque não podiam ver.

Os pardos, os ursos, foram os que mais os mantiveram a raia. Mesmo depois, todos na tundra e no bosque gelado os temiam. Mas também eles caíram, apesar de sua grande força, porque eram solitários e passavam dormindo os meses escuros. Sua mente de lobo não tinha conceito do tempo passado entre o começo da batalha e seu final. Ninguém contava então os dias, os meses, os anos nem os milênios e nem marcava os breves verões e nem os momentos em que o gelo retrocedia e o mundo era mais amável.

O frio e a escuridão sempre voltavam. Morriam sob as presas dos lobos. Morriam pelas enfermidades, tremendo, com suas vidas se

consumindo durante as amargas noites, em lugares que o fogo não podia lhes proteger do frio e do vento assassino. Os felinos levavam seus filhos quando as fêmeas deixavam que se afastassem muito do grupo. E o urso gigante disputava suas cavernas.

Cem vezes caíram, mil vezes. Tantas vezes, que teria levado uma vida simplesmente para contar suas derrotas, mas nunca se rendiam. E foi aquele espírito intrépido o que levou aos lobos a ficar junto às poucas mulheres que tentavam salvar suas vidas e as de seus filhos, e a esquentar seus corpos.

Eles haviam esquecido aquelas coisas e governavam onde antes eram proscritos, até entre os assassinos. Mas sua carne, toda ela, recordava, cada gota de sangue em suas veias, até o último átomo de seus ossos.

Viu tudo aquilo nos olhos de Dryas. Como cada um deles estava formado para o desejo, e, como cada um deles, também para o assassinato.

Caiu na escuridão que viu neles e se deixou arrastar.

Capítulo 15

O inverno avançou e o frio se tornou mais intenso. As geleiras baixaram das alturas, enviando seus mensageiros de neve aos vales. Os rios gelaram, salvo o lago junto ao qual se reuniam os lobos. A alcatéia o buscou ali por um tempo, lhe chamando e fazendo com que suas vozes ressoassem entre as montanhas. Mas ele não respondeu e nem voltou com eles. Então, finalmente, como fazem feras e homens, esqueceram-no.

Apareceu outro líder e a alcatéia seguiu como até então. Os dias se tornaram mais e mais curtos e as luzes do norte cintilaram sobre as montanhas. Os lobos corriam como sombras demoníacas sobre a crosta gelada, prosperando entre a desolação invernal. Enquanto todas as demais feras lutavam com a fome, o frio e inclusive a sede ao congelar os rios e arroios, eles tomaram seu tributo. Os jovens nunca chegariam a ver a primavera, os que começavam a envelhecer e os que haviam sido forte, mas estavam debilitados pela fome.

Mesmo os romanos evitavam sair de sua fortaleza no vale, pois os dias eram muito curtos e o

frio muito intenso. Então os poderosos predadores prateados vagavam livremente pelos profundos vales sob o sol e sob as estrelas.

Dryas ficou com Mir e sua mulher.

—Ninguém pode recordar um inverno tão duro. Mesmo eu, que sou mais velho que a maioria, teria problemas para lembrar.

Dryas estava sentada à mesa, dando colheradas de sopa à moça. A esposa de Mir esquecia às vezes que estava comendo e Dryas tinha que lhe tocar os lábios com a colher de madeira, para lhe lembrar de colocar a comida na boca e engolir.

—É muito paciente. - Disse Mir.

Dryas assentiu, continuando com sua tarefa.

—E não só com ela. Acredita que ele voltará por aqui?

—Não sei. - Respondeu Dryas. - Sei por que tenho feito o que devia tentar.

—Talvez devêssemos matá-lo.

- Eu queria. Tentei.

E assim era. Dryas recordava o momento em que haviam voltado com o lobo cinza, acorrentando-o no estábulo onde Dryas deixava seu cavalo. Maeniel não havia falado. Sendo lobo, ele se comportou como um homem... E agora que era um

homem para sempre, pelo menos enquanto Dryas o tivesse na corrente, parecia mais um lobo.

Não havia se oposto a vestir roupas. Sabia que a pele humana era frágil e o corpo humano perdia temperatura rapidamente. Acorrentaram suas pernas a uma argola na parede, deixando-o alguns metros de espaço. Algo que ele não fazia era sujar seu leito. O tamanho da corrente lhe permitia visitar uma latrina entre as vegetações.

Mas era perigoso se aproximar dele. Um dos homens de Mir se aproximou muito e o pobre desventurado ficou fora de combate para o resto do inverno, com as costelas e um braço quebrados.

Depois daquilo, a comida lhe era servida sobre um pedaço de casca que empurravam até ele com um pau seguro por forquilhas. Às vezes ele a comia, outras vezes não.

Ninguém sabia qual havia sido o golpe definitivo para Dryas e Mir. O ancião tentou envenenar Maeniel, misturando ópio nas sobras de comida e nas verduras que davam ao lobo cada tarde.

— Esperava que ele simplesmente dormisse para não despertar jamais - Disse Mir.

Mas foi a pequena e demente esposa de Mir que comeu a mistura. Não sabiam que era a única

que o lobo tolerava que se aproximasse. Não sabiam que ela se reunia a ele todos os dias em sua caverna improvisada. Ela comeu a comida e nem Dryas ou Mir souberam até que ele começou a golpear a parede, desfazendo-a a murros.

Encontraram à garota se retorcendo, tentando respirar. Custou mais de uma noite e um dia eliminar a droga de seu corpo, mas seu aspecto não melhorou por isso. Ela se negava a comer, e às vezes sequer dormia.

Cada noite Dryas levava sua comida ao lobo. Empurrava-a até ele com o pau e logo se sentava sobre a pilha de lenha ao extremo do estábulo, para tentar falar com ele.

Ele a ignorava se negando a falar ou a reconhecer sua presença. Nunca fitava seus olhos. Já lhe tinham apressado uma vez e recordava seu poder.

Havia uma janela no extremo do estábulo, parcialmente obstruída. Através dela e da porta, tão baixa que tinha que se abaixar, o lobo podia ver os bosques inverniais assolados pelo vento.

Os galhos nus das árvores se elevavam como braços esqueléticos contra um céu nublado. Nos dias mais claros era possível ver as cúpulas nevadas cobertas por um manto de árvores, pinheiros e

abetos, como panos de fundo de névoa, neve, e às vezes, antes de fazer muito frio, longos véus de chuva.

Maeniel recordaria para sempre aqueles primeiros dias de cativo, como os piores de sua vida, negando-se a revisitá-los na memória ou na imaginação. Sentia que parte de sua vida havia ficado destruída... E assim era. Nunca soubera antes que alguma criatura, homem ou fera, pudesse sofrer tanto ou submergir tão profundamente no desespero.

Só em sonhos ele era livre. Só em sonhos podia recuperar sua pelagem cinza e vagar novamente com seus amigos. Conheceu a culpa de ter sido seduzido pela cálida e tenra carne representada por Dryas e sentia um arrependimento tão profundo que esteve a ponto de ficar louco.

Mas chegava a mulher de Mir. Encontrava-a aconchegada ao seu lado em busca de calor e se movia sobre os trapos que formavam seu leito, deixando o pequeno corpo entre o dele e a parede. A garota raras vezes deixava de se mover quando dormia. Era como se tivesse que reviver alguma longa, trágica, insuportável e dolorosa história em sua mente, uma e outra vez.

Às vezes, quando ela gemia ou gritava,

Maeniel podia ver as sombras adotando formas no negrume, cuidando dela. Parecia que, fosse o que fosse o que via a jovem em seus sonhos, invocava aos mortos para que pudessem compartilhar sua dor.

Mir se preocupava com ela.

— Acredita que ele poderia... — ele não terminou a frase, pois a idéia era muito horrível.

— Não. - Disse Dryas. - Não acredito. Pelo que descobri ao lhe pegar, que ele precisa notar certos sinais para... Dar seu amor a uma mulher. Ela tem que desejá-lo, por sua vez. Essa pequena tem tais feridas que nem sequer acredito possível que ela fosse capaz de se aproximar dele como mulher. Além disso, o que poderia fazer a respeito? Acorrentá-la como a ele? Encerrá-la como está ele?

Mir não respondeu. Devia ter lhe matado. Sentia-se como se dissesse com frequência, mas o que fazia em tais ocasiões era pensar.

Então Dryas ia cada dia sentar sobre um tronco de carvalho que havia demonstrado ser muito forte mesmo para a tocha e o arado e tentava chegar até ele. Depois de um tempo, lhe esgotaram as palavras e os dois passavam o tempo, sentados em silêncio. Aceitando o vasto abismo entre eles. Às vezes se unia também a garota louca e

compartilhava sua comida com os dois enquanto contemplavam o crepúsculo.

Ele sabia, mas ela estivera muito atarefada toda sua vida para se dar conta, que cada crepúsculo era o mesmo e de uma vez, diferente. Dryas os via aparecer e desaparecer e descobriu que cada dia eles apresentavam alguma nova beleza para a mente e o espírito humanos... Ou talvez para a mente e o espírito de qualquer ser vivo.

Depois das primeiras vezes que viu a esposa de Mir aproximar do lobo, deixou de se preocupar com ela. Dava-lhe a sensação de que ele a tratava como a um lobinho sem desmamar, informal, mas protetoramente. A garota não era nenhuma ameaça para ele, nem para nenhuma criatura maior que um camundongo ou um lagarto.

Quando a moça pegava coisas vivas e tentava jogá-las panela, Dryas as tirava com suavidade. Mas então ela cozinhava agulhas de pinheiro, folhas mortas, paus e ramos quebrados, velhos ossos abandonados no bosque, e de vez em quando chifres de alce ou de cervo.

Dryas esvaziava e limpava periodicamente a panela, lavava as roupas e lençóis de Mir e fazia o mesmo pela garota. Os dias nos quais fazia bastante calor para deixar que se secassem ao sol deixava-as

sobre galhos e arbustos. Cozinhava e caçava. Era mortífera com a lança e o dardo e conseguia carne suficiente para os quatro.

Em um dos dias mais frios, escuros e curtos do inverno, o lobo tentou matar Dryas.

Ela cortava troncos todos os dias para o fogo. Um dia, um pesado pedaço de fresno rodou pelo chão até ficar ao alcance de Maeniel, que o pegou e o ocultou sob seu leito. Dryas estava muito ocupada com suas diversas tarefas para se dar conta. O inverno era duro. O céu estivera coberto uma semana e se podia cheirar a neve no ar. Dryas parou um momento antes de entrar no estábulo e viu as pesadas nuvens cinza sobre o passo. Suas bordas tinham toques de corrosa, por causa do moribundo fogo dos últimos raios do sol.

Ela entrou no estábulo, deixando a bandeja de casca no chão e foi pegar o pau com forquilha.

A madeira saiu voando da escuridão, com toda a força que tinha conseguido lhe dar o lobo.

Maeniel tinha calculado friamente qual seria a melhor forma de matá-la. Atirar-lhe na cabeça? Não. O pedaço de pau pesava muito e ele podia falhar. Os segredos da batalha humana eram um livro fechado para ele. Nunca tinha praticado o lançamento de nada e não queria arriscar a perder a

única oportunidade de devolver a Dryas toda a dor que ela lhe tinha causado.

As pernas? Tinha observado que, diferente dos lobos, os humanos não dependiam exclusivamente dos pés. Já os vira sobreviver às terríveis feridas nas pernas... Feridas que teriam condenado um lobo a morrer em questão de dias ou mesmo de horas.

Não, as pernas não eram boa idéia, mas seu torso era esbelto, quase frágil. Ele se sentiu envergonhado pela lembrança do quanto tinha desejado a estreita cintura e os macios seios. Se conseguisse lhe romper as costelas e fazer com que perfurassem os pulmões, ela morreria como tinha morrido Ombro Branco pelo gladio do soldado romano.

A madeira acertou totalmente o peito de Dryas, lhe rompendo duas costelas e machucando outras seis. Fez com que ela caísse sobre a pilha de lenhos e que batesse com a testa sobre o tronco de carvalho que usava como assento. Mas ela não ficou inconsciente, sequer aturdida.

Dryas levava sua espada. Quase nunca se separava dela, nem quando estava enfrascada em tarefas mundanas como cozinhar ou cuidar da casa. Ela a desembainhou imediatamente e avançou para

ele, sentindo que sua mente cedia sob as cargas do ódio e da raiva.

Ele permaneceu ereto ante ela, vestido com a túnica que havia feito a partir de uma gasta manta. O aborrecimento passou de seu rosto para a mente da mulher.

Sob a última luz do dia, a lâmina da espada riscou um resplandecente arco no ar. Dryas pretendia lhe cortar a garganta.

Mas a pequena esposa de Mir estava na porta e viu o sangue no rosto de Dryas e a expressão assassina no de Maeniel. E gritou. Um grito de tal dor e medo que devia ser ouvido para poder acreditar. O som atravessou o crânio de Dryas como uma lança atravessa o couro brando. Ela desviou o golpe de sua espada, que feriu o lobo no peito, deixando um corte de seis polegadas em sua carne e sua túnica. Dryas perdeu o equilíbrio e caiu, golpeando o solo enlameado com a mão direita.

Custou várias horas tranquilizar a esposa de Mir. No fim, tiveram que recorrer ao ópio. Nem a valeriana nem ou a salvia conseguiam eliminar a agitação e o terror da moça. Quando ela adormeceu por fim entre hipidos, e sua respiração começou a se tranquilizar, Mir e Dryas se sentaram para conversar. Bem, Mir falou e Dryas chorou.

— Isto me supera. - Disse Mir. - Já não sei o que fazer. Sim, acredito que matá-lo seria um engano, mas também acredito que no final não teremos mais opções. Considere a alternativa. Deixá-lo solto pelo mundo como o que é: metade homem e metade fera.

— Não poderia ser um lobo. Como uma mariposa no tecido de uma aranha, ele está preso na forma de um homem. Converti algo que uma vez teve certa beleza em si mesmo, em um monstro. E o deixei aleijado para sempre. A única forma de reparar é tentar lhe ensinar a aproveitar o melhor possível sua escravização, a sua metade humana.

— Não. Não pode repará-lo, se isso é o que quer Dryas. Entrevados raras vezes saem adiante. Preso para sempre na forma de um homem, ele seria tão perigoso como um lobo... Ou talvez mais. Poderia se converter em um salteador. Pergunte-se se meu pobre povo, já arruinado pelos impostos dos romanos, merece ser acossado por ele. Já o vi o suficiente para ter muito medo dele. Até como homem, é majestosamente forte e rápido. Uma vez que aprender o uso das armas, qualquer pessoa que enfrentar a sua espada estaria em um perigo mortal... Como ele estaria embora fosse desarmado.

— Não é tão forte como era quando o capturei.

Está perdendo peso. Não come às vezes tampouco dorme. Ainda não estamos na metade do inverno. Sua esposa piora cada dia e cheguei a acreditar que ele é agora o único a mantê-la viva. Não, Mir. Eu estou segura de que teremos que cavar duas tumbas antes da primavera.

O ancião se afastou para trás em sua cadeira, cobrindo o rosto com as mãos. Logo as deixou cair sobre a mesa.

—Sou contra deixar que este maligno conto se desenvolva por si mesmo. Levo anos ouvindo histórias parecidas desde minha juventude. Os gregos as colecionam: Edipo, Jasón e Medea, Agamenón... Sentem uma estranha avaliação por essas repulsivas narrações. Sabe como terminarão as histórias desde o começo. Esperam que alguém entregue uma misericordiosa taça de veneno ao vidente Tiresias. Ou que Medea mostre alguma compaixão por seus próprios filhos. Ou que Orestes e Electra se conformem deixando que sejam os deuses quem castigue o assassinato de seu pai enquanto eles seguem tranqüilamente com suas vidas. Mas não, não o fazem. Nenhum deles o faz. E a situação em que estamos não me permite albergar esperanças para nenhum de nós.

Dryas não entendeu grande coisa.

—Nunca ouvi essas histórias.

—Bem, querida, se seguir com seus planos, vamos passar juntos algum tempo. Então começarei a lhe contar isso e quando por fim disser que isto é uma causa perdida, faça-me saber e tentarei te ajudar a pôr fim com dignidade para ti e para nosso teimoso lobo. Mas, por ora, faça o que quer. Não acredito que nenhum deles possa viver... Nem minha mulher e nem o lobo. Mas se tiver que se esgotar em uma luta inútil, acredito que tenha conseguido escolher alguma pior.

Lucius odiava ter que admitir, mas César e Marco Antonio tinham razão e ele e Fio se equivocavam.

Encontrou o Senado absolutamente fascinante. Não agradável, seguro, cômodo, e nem de todo compreensível, mas, apesar de tudo, fascinante.

Como Antonio se incomodou em lhe explicar, César estava com o domínio do Senado. Em teoria, os patrícios sobreviventes teriam conseguido controlar a nova legislação, mas aos olhos de Lucius pareciam ter perdido seus ânimos. Ou talvez houvesse muitas rixas entre eles, mesmo naquele momento em que um homem que não se incomodava em ocultar seu desprezo por eles os golpeava firmemente nos dedos. A estratificação

que tinha lugar por causa das presunções de todos os interessados tampouco ajudava a devolver a ordem a qual tinha sido um corpo distinto e influente.

Mas fosse como fosse, Lucius se sentiu muito entretido enquanto tentava descobrir seu próprio nível. Os altivos patrícios desdenhavam inclusive à maioria das velhas famílias plebéias, quase igual, de proeminentes sociais. Os plebeus, por sua vez, olhavam com desprezo quem considerava estrangeiros, como recentes senadores da Galia, Grécia, África e alguns estados latinos, tentando pretender que não existiam.

Conversar e fazer planos. Assim havia descrito Antonio e era uma descrição bastante fiel. Reuniam-se sobre a terceira hora, conversando e fazendo intrigas até que chegasse César ou seu representante. Naquele momento ele era ditador vitalício e o Senado se limitava precisamente para ouvir seus ditados: sua função era passar imediatamente e entusiasticamente qualquer nova lei ou decreto proposto por César. E, em suas poucas horas de ócio, lhe outorgar novas honras sem precedentes.

Lucius não demorou muito em descobrir que, embora a velha trupe governante odiasse César,

naquele momento precisava do poder, para deter sua apropriação do estado romano.

—Se Antonio acreditar que vou descobrir algo que possa lhe ser útil, dos Gracos, os Escipiones ou qualquer outra de nossas honoráveis velhas famílias é por que seu cérebro não está bem. — ele disse a Fio.

- Nenhum deles fala com os novos incorporados e temos sorte se dignarem reconhecer nossa existência. Ontem, Tilio Cimber me afastou do caminho ao atravessar a porta dos jardins em frente à Cúria. Acredito que, de ter chegado a cair, teria passado por cima de mim como se fosse um paralelepípedo.

—E você não fez nada? — Perguntou Fio.

—Sim. Acertei-lhe o joelho com uma de minhas velhas botas militares. Acredito que ele soube quem o tinha chutado e por que. Uma dessas pequenas vitórias das quais falávamos. E os novos senadores são muito interessantes. Já tenho sete convites para jantar. Esta noite, são dois gregos, Manilius e Felex. Conhecemo-nos ontem. Eles viram o que fiz a Cimber e gostaram.

Lucius estava esfregando as costelas doloridas, por causa da cotovelada de Cimber quando se aproximaram os dois gregos. Estava garoando e os jardins pareciam tristemente nus sob

o frio do inverno. Todas as árvores salvo os pinheiros tinham perdido suas folhas e nenhum dos escravos públicos tinha saído para limpar os passeios entre os canteiros de flores, que estavam cobertos de úmidas folhas mortas.

— Bem feito. - Lhe disse um deles, e ambos se apresentaram.

— De onde os senhoressão? — Perguntou Lucius.

— Da Grécia. - Respondeu Manilius.

— Da África. - Disse Felex. - Na realidade da Alexandria, mas... César, ou alguém de seu enorme séquito decidiu que representaríamos a Grécia.

Manilius era um grego de aspecto convencional, com cabelo castanho e encaracolado e compleição pálida e delicada, ligeira, mas forte. Felex era negro, de pele de ébano, olhos escuros, cabelo curto e encaracolado, musculoso e com um rosto alegre e um esplêndido sorriso de marfim que contrastava com o escuro de sua pele.

— Grécia. - Repetiu Lucius. - Se não te ofender, Felex, digo que não parece...

Ambos os jovens riram.

— Sou africano. - Explicou Felex. - Meu pai se dedica a especulação, enviando animais selvagens aos jogos de Roma. Ganhou muito dinheiro e

enviou-me a Alexandria para que recebesse uma educação liberal.

—Depois de um tempo, - contribuiu Manilius, - seu pai começou a pensar que sua educação estava sendo muito liberal e quis chamar de volta.

—Sim. - Disse Felex. - De fato, adquiri alguns hábitos na Alexandria que meu pai não aprovava absolutamente. De fato, sua desaprovação era tão forte que tive que escapar para não acabar virar comida de leões.

—Por sorte, sua mãe não era tão tediosamente curta de idéias como seu pai e conseguiu avisá-lo a tempo. Enquanto Felex se manter afastado, seu pai não causará nenhum problema e mesmo o permite atuar como agente comercial de sua família aqui em Roma.

—Sim. - Disse Felex. - E me pagam bastante bem. Recebo uma comissão por colocar os animais de meu pai aos fornecedores de César, quando se celebram os jogos.

—Então entrou no Senado - Disse Lucius.

Os dois jovens riram como mocinhas e Manilius levou a mão de seu amigo aos lábios, beijando-a meigamente. Felex lhe deu tapinhas na bochecha.

—Que doce. Querido meu.

—E o que faz você por César, Manilius? — Perguntou Lucius.

—Oh, especiarías. Sou um intermediário, sabe? Minha família se dedica a esse negocio desde antes da Guerra do Peloponeso.

—Oh, muito mais. — Disse Felex. — De muito antes. Desde a Guerra da Troya, pelo menos.

Ambos riram.

—Venha jantar conosco. — Disse Manilius e logo se voltou para Felex. — Imagine, querido. Um romano que nos dirigirá a palavra em público. Temos o mais encantador poeta, que esta noite nos fará uma leitura de sua última ode. Temos um cozinheiro estupendo e você pode escolher se quiser, um menino ou uma garota para a sobremesa.

—Temo que seja uma decepção para vocês. — Repôs Lucius. — Não sou patrício, embora minha mãe fosse. Ela se casou abaixo de sua posição. A família Basília é só de cavalheiros.

—Estamos encantados conhecê-lo. — Disse Manilius. — O que é um cavalheiro?

—Nos é permitido trabalhar para ganhar dinheiro do comércio. Somos o tipo empresarial de Roma.

—Sinto-me alegre em te conhecer. — Disse

Manilius. - Venha nos visitar.

— Talvez possamos comparar notas sobre nossas experiências no comércio. — Comentou Felex.

— Ou pode ser que te interesse alguma especiaria...

— Em qualquer caso, — explicou Lucius a Fio, - acredito que aceitarei seu convite esta noite.

— Provavelmente valha à pena cultivar a amizade desse casal. — Disse Fio.

— Você conhece todo mundo?

— Felex tem hemorroida.

— Felex? Eu teria apostado em Manilius. Talvez os soldados que se ocuparam de minha educação estavam equivocados. Sempre ouvi dizer que o que se faz de mulher é o que acaba com o traseiro ardido.

— Os soldados não deveriam falar tanto. - Comentou Fio. - Vejo pelo menos três deles, da guarda pessoal de Cleopatra toda semana e todos com o mesmo problema.

— Não me surpreende. Não podem se casar. Não que as normas proibam, se é que se podem permitir uma esposa... Mas por regra geral, abaixo da classe de centurião não existe suficiente dinheiro e são transladas freqüentemente, para poder manter

uma família. Isso deixa as putas locais, que revistam ser sujas e feias, isso se não estiverem bêbadas, doentes ou simplesmente perigosas. Pode se encontrar alguma juvenzinha de aspecto inocente, e aposto de cinco a um a que terá um rufião escondido em alguma parte, preparado para te cortar a garganta por uma moeda de cobre ou por suas botas e sua espada regulamentares. Então os soldados se arrumam entre eles com frequência, e não posso lhes culpá-los por isso. Mas tampouco digo que me entusiasme a idéia de me unir outra vez ao exército. Por que deveria cultivar minha relação com esses dois? Não acredito que tenhamos muito em comum.

Fio sorriu tristemente.

—Primeiro, eles são tão inofensivos como os coelhos. Segundo, é verdade que muitos aristocratas não lhes dirigem a palavra na Cúria, mas o fazem nos banquetes que celebram. Quase todas as especiarias que chegam A Roma passam pelo armazém de Manilius, e César tem a Felex como uma espécie de mascote. Terceiro, os dois são uns fofoqueiros incorrigíveis. Estou seguro de que seriam capazes de descer de sua própria pira funerária para ouvir ou contar a última fofoca escandalosa protagonizada pelos magnatas de nossa

bela cidade.

— Mmmh... Fio, César é...

— Não. E não repita essa velha mentira sobre o Rei Nicodemo em sua presença. Muitos dos quais o chateou com isso em sua juventude acabaram com um convite definitivo para visitar os Campos Elíseos, por cortesia do general mais distinto de Roma.

— Fio, e você...

— Não. Talvez teria conseguido tirar meu pai dos apuros mediante subornos, por não estar idiotizado por por uma encantadora coisinha chamada Roxana.

— Saiu cara, é?

— Sim. - Respondeu Fio, mal-humorado.

Dryas voltou para estábulo ao amanhecer. Encontrou Maeniel dormindo. Mir tinha razão em uma coisa: ele seguia mostrando uma força antinatural e um estranho tipo de poder. O corte de espada em seu peito já era somente uma linha vermelha e ela sabia que em umas horas também teria desaparecido.

Ele despertou enquanto o olhava.

— Tem algo mais escondido? — Perguntou ela com severidade.

— Não. — Ele respondeu. - Oxalá o tivesse.

Tinha que ter apontado para sua cabeça, mas me deu medo de falhar.

Dryas com as costelas doloridas se aproximou do toco de carvalho, para sentar.

Maeniel observou que lhe custava respirar, e que era óbvio que estava dolorida.

— Pelo menos te machuquei e você recordará, a mim e a minha dor, durante muito tempo.

— Sim. - Disse ela. - Recordarei.

Ela se sentou ereta por um momento, mas era doloroso. Tentou olhar para ele, mas o lobo a evitou, sentando e olhando pela porta, para a luz de fora.

— Tiraste-me minha vida. Matar-me teria sido menos cruel.

— Não! - Respondeu ela. - E tampouco tirei sua vida, somente a metade. Tinha o dever de fazê-lo. Não podia te deixar correr como um lobo pelos bosques, matando a gente de Mir. Agora não pode assumir sua forma de lobo e terá que viver como um de nós.

- Disse a você que não queria ser um homem!

— Ele gritou.

— Bem, pois agora não tem mais remédio! — Replicou Dryas.

Então ela sentiu um espasmo de dor em seu

peito, como uma navalhada que a atormentou até que pôde apertar a mão sobre o ponto onde os ossos quebrados estavam se unindo novamente. A dor baixou a um nível passível.

—Pode estar orgulhoso de si mesmo, e com razão: pensarei muito em ti durante nas próximas semanas. Talvez inclusive durante o resto de minha vida, pois eu não gosto do que te fiz. Não queria destruir o lobo, mas ele era o mal menor. Minha ordem se responsabiliza pelo cuidado e o amparo de nosso povo. Por isso Mir mandou procurar Blaze, e por isso Blaze me pediu que viesse.

Ela observou Maeniel. Dessa vez, seus olhos se encontraram e ela pôde ver novamente neles, a formosa inocência primitiva da fera. Então inclinou a cabeça, sentindo-se derrotada pela absoluta segurança dele, por aquela independência de toda dúvida e complexidade.

—Dói-me e me doerá por um mês ou mais, mas suas feridas desaparecem em algumas horas. Eu choro durante anos, mas você apazigua sua dor com assassinatos e logo me reprova que te freie.

—Sim? E Imona? Que cuidado e amparo lhe deu?

—Imona tinha um dever. Tinha nascido para isso. Era uma mulher nobre, descendente de uma

longa estirpe de reis. Em tempos mais felizes, não teria tido que dar sua vida. Mas uma catástrofe tinha caído sobre nosso povo e ela foi chamada ao sacrifício para que os romanos e seu César não cruzassem jamais o Anel. E nunca o farão. E eu também paguei um preço. Tive um filho, que teria sido rei, mas os romanos o mataram.

—Sua gente conta histórias de deuses, - disse o lobo com desprezo, - mas as histórias que contam são sobre vocês e seus temores. Eu sei o que caminha perto da imagem de madeira que apodrece no arvoredado sagrado do vale. Eu a vi... Pelo menos o que ela nos permite ver. Porque nós somos seus filhos e lhe rendemos solenidades há muito tempo. Às vezes, ela viaja conosco, e às vezes nos envia para proteger seus servidores. Por que ia reclamar a vida de Imona? Uma vida humana não é nada para... Eles. Têm intenções? Preocupam-se com os lobos ou os homens? Não posso dizer. Eu era o lobo então e ia ao arvoredado quando se oferecia um sacrifício de sangue. De sangue, mas não de morte. A bebida estava em terrinas de madeira sobre a vegetação. Eu era mais atrevido que o resto e bebi e senti o tato daquela que embriaga. Aquela em cujos sonhos vemos todos nossos desejos. Então me converteu em homem e me chamou Maeniel. E

tomei uma mulher no arvoredor, uma das escolhidas, das que rendem seu sangue na primavera, quando a água, o sangue da terra, corre livremente e não está encerrada no gelo, capturada dentro de uma fria pedra. — O lobo deixou de falar e se sentou entre a palha e os trapos de seu leito.

Dryas o olhou acusadoramente.

— Escolheu ser um homem e agora rechaça as responsabilidades que isso implica.

— Eu desejava à moça... Ou à mulher, o que fosse.

— Suponho que seria uma moça quando entrou no arvoredor e uma mulher quando saiu. — Respondeu Dryas com fúria, saindo do estábulo.

Maeniel se encontrou tremendo de medo. Havia dito seu nome a uma mulher que considerava uma feiticeira. E um nome era uma palavra de poder. E se ela o usava para lhe prender ainda mais? Mas nenhum de seus temores se materializou e nem Dryas voltou para o estábulo.

Em seu lugar, a garota louca lhe levou comida na hora habitual. Também levava para ela, pois havia mais que suficiente para os dois. Uma terrina de pães recém assados, uma boa parte de carne de veado e um bolo de mel e maçãs secas. Os dois comeram bem. Maeniel desfrutava cada vez mais da

comida. Os lobos não tinham nada parecido.

Observou a moça comer. Ela comia de maneira deliciosa. Suas mãos eram ainda formosas, elegantes de dedos longos, embora tivesse as unhas sujas e ruidas. Tinha boas maneiras, mastigando sempre com a boca fechada. A carne e as verduras estavam envoltos em pão e ela levava à boca sem que nada gotejasse sobre sua roupa. Sempre saía do estábulo ou da casa antes e depois das comidas, para lavar as mãos.

Dryas havia estado convincente sobre sua necessidade de aceitar a condição de humano, mas um olhar da jovem desfigurada voltou a lhe convencer de que não lhe interessava formar parte daquela viagem. Logo pensou que, se quisesse viver, talvez não tivesse opção.

Lucius achou a casa de Manilius e Felex decididamente grega. Não havia afrescos. As paredes eram de estuque decorado com uma base branca e uma larga franja vermelha a altura do ombro. Acima da franja, a parede era branca até chegar ao teto, sustentada por vigas de cedro.

Tudo na casa mostrava a mesma sóbria elegância. Das cadeiras, leitos e tamboretos esquisitamente lavrados até as estátuas que Lucius reconheceu como um peristilo de estilo muito

romano. Só um grego rico podia se permitir uma casa romana. Havia cópias caras de originais gregos, de inapreciável valor.

O poeta ático fazia honra a sua reputação, parecendo um busto de Pericles. Lucius não pôde formar uma opinião sobre seu talento, já que ele declamava seus versos, é obvio, adequadamente acompanhado de uma cítara que tocava um jovem alto e com cara de cavalo, em um grego um pouco mais arcaico que o usado pelos helenos do momento.

O grego de Lucius era frouxo no melhor dos casos e o esforço de seguir uma ode em grego antigo supôs um desafio muito grande para suas limitadas habilidades. Então ele conversou com Fio ao dia seguinte.

— Diz que se chamava Dionisos? — Perguntou o físico. Logo estalou a língua. - Se for quem acredito que ser, seu verdadeiro nome é Septimio e o tocador de cítara é Priscus, seu cunhado. Septimio era um pedagogo, mas decidiu que o ensino não lhe dava dinheiro, então comprou uns quantos rolos de versos e se estabeleceu como poeta. É tão grego como você. Nasceu em Pistum. Mas Manilius e Felex são homens de negócios e estão completamente cegos pelas pretensões literárias

desse contista.

—A comida era tão boa como prometeu Manilius.

—Sim. — Disse Fio. — Seria graças a Myrtus, a tia de Felex, que é a proprietária de várias casas de comida perto do Circo, dos banhos públicos e do Foro.

—Ah, já me pareceu notar uma abundância de companhia feminina muito pouco grega.

Assim tinha sido, e a princípio Lucius havia se sentido estranho. As mulheres eram todas bem vestidas e arrumadas e seu comportamento eram irrepreensíveis. Mas ao que parecia, só sabiam falar de roupas, jóias, de quem se tinha convertido na amante de algum homem rico, maquiagem ou como pintar o rosto e o corpo para seduzir. Que senador tinha surpreendido sua esposa com um gladiador ou que esposa tinha surpreendido seu senador com um gladiador. Roupas, jóias, dinheiro, que patrício havia descoberto sua esposa tratando com atenção seis de seus, porta litera. Que cavaleiro havia descoberto à sua tratando com atenção os oito. Que esposa havia surpreendido seu marido atendendo os clientes de um bordel que não empregava mulheres. Roupas, maquiagem, jóias e penteados. Todas recebiam conselho gratuito e conforme

pareciade Manilius e Felex, junto com demonstrações do uso e abuso de albayalde, o Kohl e os ferros de frisar, para completar maquiagens fiscalizadas pelo perito em roupa feminina, o próprio Felex, bem secundado por seu modista e sua cabeleireira, donzelas belamente vestidas, como mulheres, mas que já estavam a algum tempo se barbeando.

Como nos lares romanos convencionais, as mulheres partiram logo e os homens ficavam com o vinho.

—Alguma delas deve ter incentivado, - lhe disse Felex. - São muito divertidas e te asseguro que muitas caíam rendidas ante um menino tão rico e ajeitado como você. A menos que não sejam de seu gosto... —comentou Felex.

Os dois homens o olharam especulativamente. Houve um breve momento de silêncio e Lucius sentiu que devia se explicar melhor.

—Se conhecem Fio, sabem que era meu médico. Sofri umferimento muito ruim... — Não Precisou Lucius se explivar mais. Seus dois anfitriões se apressaram a se desculpar.

—Oh, não! Não diga nenhuma palavra mais, querido. Pelo amor do céu, não prestes atenção em nossas tolices. Somos os piores fofoqueiros de

Roma, mas convidamos as damas somente por sua causa. – Disse Manilius com um encantador sorriso.

Felix deu um tapinha na mão de Manilius.

– Oh, pelos deuses! Deixa de agitar o arbusto. Cada uma dessas pequenas aves do paraíso pode ser capturada com um bonito par de pendentos.

– Acredito que as descreve como aves de qualquer tipo é um pouco excessivo. – Comentou Fio ao ouvir a narração de Lucius. – Se cair em suas garras, elas se ocupam do bico, isso é certo. Esperam que os homens se arruinem por elas.

Lucius riu.

– Não, não acredito que nenhuma delas me atraia o bastante para chegar tão longe. Mas não me teria oposto a uma queda, por ter temido que Fulvia se inteirasse.

– Meu senhor. – Disse Fio, adotando um tom forma. – O que, em nome dos deuses, tem Fulvia a ver com sua vida amorosa?

Eles caminhavam por uma estreita rua, para o Foro. Lucius olhou para trás. Castor e Pólux os seguiam a certa distancia.

– Crê que podem nos ouvir?

– Não, se falar em voz baixa. – Disse Fio.

– Acredito que Fulvia prefere se desfazer de mim. Como já te disse uma vez, uma bonita criança

serviria perfeitamente a seus planos, e se alguma dessas profissionais ficasse grávida, ela não perderia tempo em vender minha descendência ao melhor postor. Que certamente seria minha querida irmã Fulvia Camila Basília. E quanto acha que eu viveria depois disso?

Fio parecia afetado.

—O céu, e provavelmente os moradores de muitos outros lugares, sabe que os romanos e não poucos gregos são indiferentes ao destino da maioria dos não romanos, e inclusive ao dos tipos inferiores em riqueza e influência de sua própria república. Mas pelo geral, as pessoas apreciam os seus, e sente ao menos um pouco de amor e lealdade por eles. Em nome do céu, está falando de sua própria irmã.

—Fio, nunca pensei que teria que dizer isto, mas não seja ingênuo. O mais provável é que Fulvia me odeie e certamente eu não lhe tenho nenhum carinho. Recorde minha advertência sobre ela, no dia que nos conhecemos, justo depois que ela o ameaçasse crucificar.

—Sim, mas eu não sou seu irmão.

—Não acredito que isso tenha importância para ela. O que Fulvia quer é controlar por completo o dinheiro da família. E o único que se interpõe em

seu caminho sou eu. De acordo com a lei, minha autoridade sobre a família é superior a dela...

Lucius se voltou tão bruscamente que Fio deu um salto; então viu que Castor e Pólux haviam se aproximado muito deles. Tinham os olhos brilhantes e ouviam com atenção.

— Tem algo a me dizer algum de vocês? — Perguntou Lucius em tom cortante.

— Não... Não — Eles balbuciaram uníssonos.

— Então voltem onde estavam. Nada do que tenho a dizer é para seus ouvidos. Eu não gosto dos bisbilhoteiros nem de espões e se algum de vocês sabe como é um látego com pontas de chumbo, aprenderão em seguida a ficar surdos e mudos quando eu desejar.

Quando Lucius terminou de falar, os dois escravos já haviam se afastado para trás, mas ele se assegurou de que captassem as últimas palavras.

Fio não disse nada. Podia ser um homem livre, mas sabia que Lucius estava muito zangado. De fato, nunca o vira assim.

— Não me referia a ti. — Disse Lucius.

— Eu sei e agora entendo melhor o que queria dizer a respeito de.. Da outra coisa.

— Queria sua família?

— Sim. E sigo querendo-a. Não duvidei em me

vender como escravo para proteger meu pai e minha irmã. A escravidão já é bastante difícil para um homem, mas para as mulheres e os anciões é um pesadelo. E por não ter sido por minha néscia imprevisão, teria conseguido pagar os subornos que exigia o governador provincial romano e salvar minha família, mas não tinha dinheiro suficiente.

— Bom, mas agora você é livre novamente e pode voltar...

— Não, não poderia. Ainda não. Talvez alguma vez, mas não agora. Além disso, aqui as coisas estão indo bem.

— Sim, mas não deixe que Fulvia roube uma porcentagem muito alta de seus lucros.

— Ela fica com um terço.

Lucius parou em seco.

— Isso é uma extorsão!

— Ssssh... — Fio levou um dedo aos lábios e olhou para Castor e Pólux. - Ela leva um terço dos benefícios dos que tem notícia. Já sabe que os gregos não são chamados de escorregadios à toa. Aprendemos a regatear com os mercadores de Tiro e Sidón antes que Rómulo soubesse o que era a teta de uma loba. Posso cuidar de mim mesmo.

A moça voltou para passar a noite junto a Maeniel. Ela não se importava que ela dormisse ao

seu lado e não agitava seu sangue mais do que teria feito um filhote de lobo.

Tinha que ter uma série de sinais para que seu corpo despertasse. Dryas o tinha entendido à perfeição.

Apesar das terríveis cicatrizes que marcavam seu corpo e seu rosto, a garota era jovem e esquentava como um braseiro. Os filhotinhos de lobo faziam o mesmo e acostumado como ele estava a dormir entre os seus, sentia-se terrivelmente isolado e sozinho.

Choveria naquela noite e faria muito frio. Muitos fatores comunicavam seus sentidos. A umidade, as nuvens baixas, o aroma e a direção do vento, as diminutas mudanças na pressão do ar que percebia nas orelhas. Ao anoitecer começou a soprar o vento, e ele pode sentir como se aproximava a tempestade, da mesma forma em que um humano ouvia passos e sabe que alguém se aproxima.

A garota correu para o interior do estábulo. Ele a recolheu, colocando-a entre seu próprio corpo e a parede, sobre uma pilha de palha coberta por uma velha manta. Ali ela estaria bem protegida. Poucos momentos depois, Maeniel dormiu. A moça despertou uma vez ao se levantar para ir a latrina.

Ela não voltou. Um homem teria pensado que

ela simplesmente tinha voltado para a casa com Mir e Dryas, mas ele não era um homem. Não importava o que Dryas tentasse fazer, ele não dava nada por feito.

Levantou-se. A tormenta havia sido moderada, deixando só uma ligeira camada de neve sobre o prado, a casa de Mir e o estábulo. A lua estava no céu e sob sua pálida luz Maeniel pôde ver as pisadas da garota no prado e afastando-se para o bosque. Algo devia tê-la assustado.

Ele atravessou a porta lentamente, movendo-se em silêncio como só um lobo pode fazer, com especial cautela pela ruidosa corrente e a argola que o entorpecia.

Havia pouco vento. Voltou à cabeça até recebê-lo na face, diretamente nas fossas nasais. Era um aroma de homem, um soldado. A mistura de ferro, couro e fumaça de lenha característica dos legionários do acampamento romano. Não eram somente soldados se aproximando, mas também soldados que cheiravam ao ácido suor de homens nervosos, agressivos ou assustados. Para sua surpresa, Maeniel descobriu que tinha uma nova habilidade: podia contá-los, eram cinco dedos e um mais. Seis.

Inspirou profundamente, tentando controlar o

medo que o aroma havia despertado instantaneamente em seu cérebro. Logo se recordou que enfrentava homens, não lobos e que não precisava se preocupar com a possibilidade de que o cheirassem.

Ao mesmo tempo, ficou totalmente imóvel para ouvir um ruído. Pisadas, um sussurro de movimento, algum animal ou humano caminhando na neve atrás dele.

Sete convites. Lucius já estava pela quinta. Era de um senador da Galia, ligeiramente mais romano que qualquer romano que tivesse conhecido.

Pareceu-lhe que era como jantar com Cartilha o Velho, salvo por que Ambóruux era muito menos pegajoso. As damas se sentavam durante a comida, em lugar de se reclinar. Havia um tear bem visível na saída do átrio, revelando a indústria das damas da casa. Havia um altar junto a uma parede decorada com pinturas dos deuses domésticos.

Mas Ambóruux não colocava as restrições de Cartilha, ao prazer da comida... Nem muito menos do vinho. Assim Lucius estava agradavelmente achispado quando deixou a casa dele, para se encaminhar à sua.

Como sempre Castor e Pólux estavam com ele, acompanhados nessa ocasião por um poderoso

criado de Ambóruux.

Os dois escravos foram adiante, com tochas nas mãos, e o criado fechava a marcha. Tinham deixado para trás as estreitas ruas do bairro residencial e estavam atalhando pelo Foro.

Tudo ficava deserto depois do anoitecer e a tochas só iluminavam lojas e edifícios públicos fechados. Normalmente, em uma área residencial a presença de seres humanos era patente pelas risadas, a música e o ruído das baixelas que saíam dos balcões e os muros dos jardins. Os romanos adoravam as visitas e os banquetes e era freqüente cruzar com grupos de convidados retornando de outros festins, adiantando-se uns aos outros na rua antes da hora em que as estradas ficavam reservadas aos carros de transporte de mercadorias.

Mas ali no centro público de Roma, as ruas estavam tão vazias e silenciosas como a estrada cheia de tumbas no fora da cidade. Castor e Pólux pareciam nervosos, embora ambos estivessem armados.

O criado apertou o passo até chegar junto a Lucius.

— Quanto de meu idioma você fala? — Ele perguntou-lhe.

—Um pouco. Entendo-o, melhor que falo.

—Então eu falo. Bem. Estamos sendo seguidos, mas não penso em problemas.

—Por que não?

—Muito pequeno. Só pisadas leves.

—Se adiante e faça companhia esses dois – Disse Lucius, assinalando com um gesto os dois escravos. Logo, frouxando sua espada na bainha, entrou em um beco, atrás de umas bancas.

Muito bem, ele pensou. Castor e Pólux seguiam andando junto ao musculoso criado. Guardiões estupendos, ele pensou amargamente. Sequer haviam dado falta dele.

Nas legiões, Lucius tinha aprendido o quão fácil resultava se mover na escuridão sem ser visto. Tinha boa visão noturna e a maior parte do tempo, inclusive com a lua baixa era capaz de se mover guiando pelas estrelas.

A sombra de seu perseguidor apareceu na rua. Era o que havia esperado Lucius, que aquele personagem seguisse a luz da tocha sem se dar conta de que ele se separara do grupo. Sim, o criado estava certo. Tratava-se de um homem de pequena estatura ou uma mulher.

Lucios não viu nem ouviu ninguém mais. Quem quer que fosse levava algo na mão direita...

Uma arma? Não. Ao ver a luz ele compreendeu que era uma lamparina.

Avançou e pegou a mulher pelo braço, puxando-a para o beco enquanto lhe arrebatava a luz.

Ela não gritou como Lucius pensara que faria. Limitou-se a abrir a boca até que ele elevou a luz e viu de quem se tratava.

— Oh! Assustaste-me. — Ela disse. — Não me reconhece?

Sim, ela conhecia-a. Era a garota da cozinha.

— Sinto muito, mas não cheguei a me inteirar de seu nome. A amante de Vella.

— Sou Lucrecia. Sua irmã me colocou esse nome quando comprou-nos. Depois de um tempo descobri que havia feito como uma brincadeira, me dando o nome de uma mulher fiel. Fiel até a morte.

— Lágrimas brilharam repentinamente em seus olhos.

Lucius tirou o chapéu reagindo sem pensar ante aquela amostra de crueldade.

— Sssh! Não chore nem se envergonhe de seu nome. Pessoas que não tem honra não entendem e é sempre a primeira que ri dele. Lucrecia era uma pessoa nobre e honrada e seus atos lhe deram fama eterna.

Justo naquele momento, Castor e Pólux irromperam no beco com suas tochas.

Lucrecia afastou o rosto, cobrindo-o com seu manto.

Lucius olhou os dois escravos.

—Que meninos tão preparados. - Ele disse sarcasticamente. - Por fim se deram conta que eu não estava. Agora desapareçam e me esperem na rua. E sem ouvir, é obvio.

Castor e Pólux obedeceram. O criado abriu os braços, como perguntando e o que faço?

Lucius assentiu, movendo a cabeça em direção a Castor e Pólux, e depois levou a Lucrecia para as sombras.

—O que acontece? Necessita de algo? Dinheiro, talvez?

—Oh, não, não. Estou muito bem. - Ela sussurrou. - Eu não confiaria nesses dois.

—De quem, de Castor e Pólux?

—Não se chamam assim. - Disse ela. - Eles se chamam Fraco e Africano. Estavam entre os favoritos de sua irmã.

—Favoritos? O que é o que faziam? Dormir com....?

Ela negou violentamente com a cabeça.

—Não. Oh, não, não, não. Sua irmã é casta.

— Bem, então favoritos em que sentido?

Lucrecia parecia muito assustada e olhou ao seu redor como se temesse que alguém ouvisse suas palavras.

— Não vejo há ninguém. - Disse Lucius. - Deixe de tremer e me diga o que está acontecendo em minha casa. Por que são seus favoritos? Agora ninguém pode te fazer mal. Você é uma mulher livre, se Fio seguiu minhas instruções, você está a salvo da ira de minha irmã.

— Isso é mentira, e o senhor sabe. Os poderosos desta cidade fazem o que querem com os fracos e ninguém se atreve a se opor. Olhe César: todos o temem.

— Não é o pior de todos, - Respondeu Lucius, exasperado.

— Não, e por isso vão matá-lo. Já estão falando disso.

Lucius lhe pôs uma mão sobre a boca.

— Não quero ouvi-la e se souber algo desses planos, não fale deles a ninguém. Nem a sua mãe ou sua irmã, nem a sua amiga mais querida. Entende-me? — Ele tirou-lhe a mão da boca. - Agora, me diga o que pretende essa minha irmã.

— Mas não acredito que o assassinato tenha lugar. César já está tomando medidas para... —

Explicou a garota para tentar tranquilizá-lo, mas Lucius voltou lhe cobrir a boca.

—Pelos deuses da guerra, o caos e a destruição... Feche o boca, por favor.

Ela se tornou para trás, soluçando.

—Pare. Não posso respirar...

—Há gente nesta cidade que se ocupará de que não respire nunca mais se ouvir o que está dizendo.

A garota se apoiou na parede, com as mãos fechadas sobre o peito e os olhos fechados, tentando recuperar o controle em um esforço de vontade.

—Lucrecia, me fale dos favoritos de minha irmã.

—Não sei quais são as palavras educadas...

—Estupendo. Diga-me com as vulgares então. Sou um soldado e já as ouvi antes. Ouvi-as todas.

—Ela gosta de olhar as pessoas quando... Enquanto fazem o ato do desejo. Se... Excita assim.

Lucius suspirou.

—Ah, bom. Isso não é tão mau, mas casta não é a palavra que eu usaria para tal conduta.

—Oh, ela não intervém. Não, diz que sua castidade é importante para o futuro da família Basília.

—Suponho que seja. E Fraco e Africano

contribuem para o aspecto masculino dessas...
Veladas?

—Sim.

—Está segura?

—Sim. - Repetiu ela e sua voz tremeu. - Eu estive ali. Divertiram-se muito comigo. Os homens me dão medo. —Lucrecia começou a chorar em silêncio, e logo se voltou para soltar sua profunda e desesperado dor. - A participação não é voluntária - Ela disse com voz alterada pelas lágrimas.

—Vejam os se o entendi. Estiveste rondando por Roma durante a noite, colocando sua vida em perigo para me contar esse feio segredo de minha irmã... Embora, como você, deploro seus atos, há pouco que eu possa...

—Não! - Disse ela, secando-as lágrimas com seu escuro manto. - O que queria dizer é que Fio foi capturado. Estava em casa de Gordus, o gladiador. Ele havia ido lá para comprovar o ferimento de seu filho. A esposa de Gordus o acompanhou até o final da rua e encontraram soldados esperando ali. Márcia, a esposa de Gordus, tentou se opor, mas tiraram suas espadas e lhe disseram que voltasse para sua casa se soubesse o que era melhor para ela. Logo levaram Fio e ninguém tornou a vê-lo após.

Maeniel se escondeu e pôde cheirá-la. Era a esposa de Mir, a garota louca.

— Venha. — Ele sussurrou.

Ela obedeceu, correndo até ele. Maeniel a pegou e entrou no estábulo. A cadeia soou um pouco. Ele afastou a manta da palha e fez um sinal a garota. Compreendendo, ela se enterrou na palha, e Maeniel voltou a colocar a manta em seu lugar.

Depois elevou a cabeça e olhou pela janela. Havia quatro homens na clareira e dois mais junto à porta de Mir. Ele se debateu selvagem e inutilmente com o desejo de mudar de forma, e logo com o temor de chamar a atenção sobre si em seu indefeso estado. Mas depois fez o que sabia que devia fazer.

— Dryas! — ele rugiu.

Dryas despertou para ouvir seu nome. Sua espada estava em uma coluna da cama e ela a desembainhou justo quando o primeiro homem abria a porta de um chute. A mistura da luz de lua e do amanhecer recortava sua figura.

Dryas atravessou a estadia apressadamente e cravou a espada na garganta do homem, chutando logo o corpo para o homem que estava atrás. Os dois caíram ao chão, o primeiro agonizante. Dryas pôde ouvir o borbulhante rugido de seu último fôlego através da laringe cortada. O segundo

homem o afastou para um lado, tentando desembainhar sua espada.

Ela apontou o melhor que pôde e cravou-lhe a espada na coxa, cortando as grandes artérias que enviavam sangue a perna e o pé. O homem deixou cair sua arma e se afastou tropeções, tentando deter o brilhante e vermelho fluxo arterial que lhe cobria as mãos e salpicava a neve.

Restavam quatro e estavam assustados com ela, mas Dryas sequer tinha conseguido pegar sua faca. Estava com uma camisola manchada de sangue e só tinha a espada. Sabia que estava condenada, a menos que fizesse algo para melhorar suas possibilidades.

Mir saiu cambaleando da casa.

Oh, não, pensou Dryas. Mas, pode ser que se distraiam.

— O que querem? — Gritou o ancião.

Os homens não se distraíram pela aparição de Mir e seguiram avançando. Um deles levava uma lança, o longo pilum romano e um escudo. Outros levavam espadas e escudos.

— Renda-se - Disse o homem da lança a Dryas.
- É você que queremos. É boa, mas nós somos melhores. Superamos em número. Renda-se e deixaremos os outros em paz.

Não, pensou Dryas. Se jogaria sobre sua própria espada antes de se submeter a tal destino.

—O que? — Perguntou ela. - Não têm muitos putas no acampamento?

A luz era um pouco melhor e ela pôde ver que não eram legionários romanos. Suas armaduras eram de melhor qualidade. Couro endurecido com peitorais moldagens, grebas e distintivos metálicos, cascos emplumados com longos protetores nasais de estilo grego. Mercenários, ela pensou, e bem pagos. O da lança era o mais velho. Tinha o cabelo grisalho, como sua barba quadrada.

—Renda-se. - Ele repetiu em seu latim com sotaque. - Temos ordens de levá-la a Roma. E ordens estritas de não te fazer mal enquanto a levamos.

—Não acredito em você. - Sussurrou Dryas entredentes.

Barba Cinza fez um gesto a seus homens para que retrocedessem, e permaneceu em seu lugar, assinalando Dryas com sua lança.

—Peguem o velho e a louca - Ele disse a um de seus homens. - Você, - ele continuou sem deixar de apontar Dryas com a lança, - fique onde está. Se mover, esta lança sairá de teu peito antes que tenha dado dois passos. Quero te entregar ilesa a minha

patroa, como ela ordenou, mas você matou dois de meus homens, e se tiver que fazê-lo, levarei sua cabeça para Roma. — Sorriu. - Sem o corpo, puta de luxo.

— Não. - Disse Mir. - Deixem minha esposa em paz... — Ele dobrou a cintura, tentando não gritar de dor quando o soldado lhe retorceu o braço.

Outro dos mercenários entrou na casa, enquanto o terceiro arrastava Mir para Dryas. Ouviram os ruídos de um violento registro na casa, com vasilhas e móveis sendo derrubados.

O soldado apareceu novamente ao pouco momento.

— Não está aqui. - Ele disse, se encaminhando para o estábulo antes de ter terminado de falar.

A garota saiu de um salto de seu esconderijo, surpreendendo Maeniel. O lobo estava olhando para a porta, mas esteve a ponto de pegar a garota quando passou ao seu lado. Só conseguiu ficar com a manga de seu vestido na mão.

A jovem correu para a pilha de lenha do outro extremo do estábulo, chegando ali quando entrava o soldado.

— Não! — Gritou Maeniel, tentando lhe distrair. - Não!

Ele se lançou contra ele, mas a corrente do

tornozelo o fez cair no chão.

O soldado só necessitou um instante para ver que Maeniel estava acorrentado e o desdenhou como inimigo. Pegou a garota, mas ela tinha já um bom pedaço de madeira, um galho de fresno de bom tamanho. Golpeou o mercenário no joelho e embora a madeira tenha ricocheteado, o golpe foi doloroso.

O soldado atravessou a jovem com sua espada, mas o galho seguiu rolando até Maeniel.

Sobre suas mãos e joelhos, o lobo se lançou sobre a madeira, mas a corrente voltou a detê-lo, lhe machucando o tornozelo e o pé. As pontas de seus dedos roçaram a madeira.

O soldado avançou para Maeniel, disposto a acabar também com ele. Parecia fácil. Seu inimigo estava no chão, acorrentado e sem armas.

Maeniel retrocedeu como se estivesse assustado.

O soldado se aproximou um pouco mais. Golpeou Maeniel com seu escudo e elevou a espada.

Maeniel esquivou o golpe, pegou ao homem pelos tornozelos e atirou para cima.

O mercenário caiu ao chão, batendo a cabeça. Mas usava elmo e o piso era de terra. Ele amaldiçoou e chutou, tentando se liberar. O elmo

fez um ruído apagado ao se afastar rolando.

Não restava já nada de humano no cérebro de Maeniel. Ele era todo um lobo furioso. Sujeitando ainda o soldado pelos tornozelos, o fez girar enquanto gritava, esparramando seus miolos pelas pranchas de carvalho das paredes.

O terrível grito do mercenário e o ruído do golpe distraíram por um instante ao homem da lança. Dryas passou a espada para a mão esquerda e saltou para a direita. Sentiu que a ponta da lança lhe roçava o estômago, rasgando sua camisola enquanto cortava a garganta do homem com a mão esquerda. Teve mais êxito de que esperava, e a cabeça do mercenário rodou pelo chão.

No estábulo, Maeniel recolheu a espada que tinha deixado cair o soldado. O pedaço de madeira já estava ao seu alcance. Ele colocou a corrente em cima dele e depois golpeou fortemente com a espada. O golpe destruiu a arma, mas também a corrente. Ele estava livre.

Capítulo 16

Famosas últimas palavras, pensou Lucius. Vou cuidar de mim mesmo. Ave, até que vale. Fio, você é um idiota. Em que havia se metido seu físico grego? Ele observou a garota.

— Estou preocupado por Fio, mas também por ti. Pode voltar para casa sem problemas?

— Bem, - disse a garota, - não quero te dizer nada que não queira ouvir, mas perto daqui há um lugar onde posso passar a noite. É uma loja que tenho que abrir pela manhã, então... — Ela mostrou um molho de chaves em seu cinturão. - Está só a alguns passos.

Ele assentiu.

— Bem. Afastarei Castor e Pólux. Não acredito que a tenham visto a cara, então não poderão contar nada a minha irmã. Mas espere até que nos tenhamos perdido de vista, e logo proteja.

Ela correu de volta a rua. Ao sair de entre as bancas pôde ouvir o criado conversando com... Já tinha esquecido seus nomes.

— Eu não gosto dele. - Dizia Castor ou Pólux. - Se lhe acontecer algo, a ama...

— O que? — Perguntou o criado. - Açam que

é um bebê que necessita de panos? Ela é uma donzela de dama. Sua ama quer transar! Transar! Enviou-lhes mensagem para ir quando seu marido não está em casa. — Ele sorriu ante o próprio humor soez.

— Há dinheiro para você, se sabe nos dizer quem é a dama. — Disse um de dos malditos escravos.

Lucius se deteve na escuridão.

— Quanto dinheiro? — Perguntou o criado, interessado.

— Muito. - Foi à resposta.

— Quero ver antes.

— Você não sabe nada. — Havia um estudado desprezo no comentário.

O criado não mordeu a isca e voltou a rir.

Lucius saiu do beco, pondo fim à conversa.

— Se movam. — Disse a Castor e Pólux. - Eu gostaria de chegar em casa este ano. — Os escravos vadiaram. - Se Movam! — Ele gritou. - E levantem essas tochas. Quero ver meu caminho sem ter que pisar nos pés de vocês.

O criado ficou para trás. Lucius se encontrou sozinho, pensando furiosamente. O pior de tudo era que os libertos, maser cidadãos romanos, possuíam poucos direitos e havia uma dúzia de lugares onde

Fio podia ter sido levado, incluindo o terrível Tullianum, o cárcere e lugar de execuções de Roma. Ele sentiu crescer sua raiva enquanto caminhava, lutando com a frustração que tinha sentido perante Antonio semanas atrás. A sensação de que, de alguma forma, era impotente para tomar as rédeas de sua própria vida.

Aquilo queria dizer que não gostaria que ninguém lhe traçasse o futuro. Nem sua própria família, nem César ou Antonio. Limitava-se a dar voltas sem rumo porque não sabia o que queria. De algum jeito, o ferimento o havia mudado. Não podia dizer o que era que havia provocado as mudanças em atitude e crenças que estava experimentando. Em outros tempos, o destino de alguém de tipo tão baixo como Fio não lhe teria preocupado absolutamente. Mas agora...

Sabia que Fio era um amigo. Aproximara-se do homem. Não sabia quando nem como tinha acontecido. Nas noites em que Fio lia filosofia e ele jazia entre ardores e calafrios de febre, com os olhos cravados no teto, observando as sombras criadas pelo vacilante abajur de Fio, pensando em sua própria morte. Lutando para prestar atenção nos arrevesados argumentos de algum grego morto há muito tempo atrás, que tentava demonstrar a

imortalidade da alma e sem acreditar uma palavra, mas sabendo, muito mais perto de comprovar a validade das propostas do que estava o filósofo quando redigiu o texto...

Sentia o que havia através das reconfortantes ilusões das que se rodeava muita gente para manter a raia a escuridão da mente. Uma escuridão muito mais profunda que a da simples noite. Um vazio no qual o espírito não dúvida que os deuses são só bonitas imagens criadas por artistas e nós os humanos não somos a não ser uma espécie melhorada de animal a que poderes distantes e talvez cegos permitam um pequeno passeio sob o sol. E logo, nada.

Quanto a Fio, venderia alegremente todo o Senado para recuperar seu amigo.

Porque era Fio, independentemente de sua classe, um amigo. E fossem quais fossem os mistérios do universo, ninguém conseguia mais que alguns poucos, ao longo de sua vida.

Voltou para trás até encontrar com o criado.

— Quer um pouco de dinheiro?

— Um idioma que todos entendem. Sim. O que quer que eu faça?

— Quando chegar a minha casa vou desfazer-me desses dois.

— Boa idéia. Vendem-se barato.

— Sabia que estava no beco.

O criado soltou um risinho.

— Quanto?

— Cem áureos.

— Assassinato! Quem?

— É um homem que sabe distinguir o essencial das coisas. Quando chegar a minha casa, eu entrarei com esses dois. Dê uma volta até encontrar um estábulo. Deixarei-te passar e selaremos dois cavalos. Sabe um pouco de cavalos?

— Cavalguei para César. - Grunhiu o criado.

— Um cavaleiro aliado. Bem, como se chama?

— Ele soava mais germano, que da Gália. Lucius assobiou entredentes brandamente para não alertar seus escravos. - Me diga como posso chamá-lo.

— Orelha cortada .

— Orelha cortada ? — Perguntou Lucius. Pelo que tinha visto, as orelhas do homem estavam em perfeito estado.

— Sim! Cortar orelhas e pendurar de pescoço. Todos me chamavam Orelha cortada no exército. Cortei muitas e pendurei no pescoço. Sem problemas. Orelha cortada .

— Muito bem. Orelha cortada . Bonito nome.

Orelha cortada sorriu.

—Não bonito, mas você não paga cem moedas de ouro como bonito. Quer bonito? Procure mulheres. Quer problema arrumado? Procura Orelha cortada .

—É livre?

—Claro. Ambórux diz Orelha cortada , leva o romano para a sua casa e o proteja. Trabalho para Ambórux, mas o pagamento é ruim. Você paga melhor. Por ti, matarei.

—Não esta noite, espero. Mas se quando perguntar a alguém e não der a resposta que quero, pode matar.

Orelha cortada grunhiu como resposta. Haviam chegado à porta da casa de Lucius. O porteiro abriu e Castor entrou primeiro na casa, e Pólux o seguiu. Ou talvez fosse ao reverso, Lucius seguia sem estar seguro.

Tentaram lhe seguir até sua casa, mas Lucius explicou que não tinha precisado de ajuda para se despir em vinte e dois anos e eles não gostariam de fazer o trabalho impróprio para homens. Então eles foram para seus aposentos.

Lucius teve uma breve visão do que estavam acostumados a fazer aqueles escravos para entreter sua irmã. As imagens não eram luxuriosas, mas repulsivas. Decidiu que escolheria seus próprios

serventes pessoais no futuro.

Antes de ir para sua casa, ela passou pela de Fio. A porta estava entreaberta e a casa não só estava vazia, mas também nua por completo. Mesmo o jergón tinha desaparecido. Lucius saiu, apoiando as costas na parede e fechou os olhos enquanto crispava os punhos. Sentiu-se impotente, furioso e doente, tudo de uma vez.

Então entrou em sua casa. Sua espada estava em um canto. Ele a desembainhou, esperando que não estivesse oxidada nem embotada. Não, seguia tão afiada como o dia em que a usou pela última vez.

Recordava que estava de ressaca naquele dia. Não havia muito que fazer em uma guarnição. Ele e alguns outros oficiais se retiraram tarde. Outros se foram putear por aí, mas ele não os acompanhara. Tinha um forte impulso sexual, mas a última rameira com a qual havia estado cheirava de tal forma ao abrir suas pernas a quinze ou vinte clientes antes que para ele, que quando completou o ato, quase desprovido de prazer. Lucius se deu conta de que aquele mau cheiro era sua forma de vingança contra os homens que a usavam e logo a desprezavam. Olhou para seus frios e escuros olhos, parecidos com os de um gato selvagem que se

alimentavam dos refugos deixados pelos soldados fora da paliçada. Mas seu olhar era pior que os dos gatos, porque eles, pelo menos eram indiferentes, enquanto que um frio ódio brilhava nos olhos da rameira, lhe desejando uma eternidade de sofrimento que não bastaria para compensá-la por um só momento de toda sua vida. Lucius tinha saído aos tropeços da casa e vomitado no ato.

Nunca havia voltado a visitar nenhuma outra. Não estava seguro de quão isolada teria sido sua experiência, mas muitos outros jovens pareciam sentir o mesmo. Então bebiam e conversavam e logo bebiam mais, e se levantavam como ele, com a boca pastosa, uma terrível dor de cabeça e o estômago revoltado. Para não mencionar amaldiçoando a perspectiva de forragear pelas granjas dos desafortunados aldeãos sobre cujos pescoços tinha baixado a bota do conquistador.

Mas aquela noite estava contente, pois havia limpado a espada e... Mas não podia ter feito, porque aquele homem havia aparecido à suas costas, quase lhe matando. Então alguém devia ter chegado, limpado a lâmina do sangue e engordurado a espada. Para que essa noite ele pudesse matar alguém com ela.

Rebuscou entre a pilha de trastes militares no

chão até encontrar um manto escuro com capuz. Tirou a toga decorada com a franja púrpura senatorial, jogou-a a um canto com um chute e foi em busca de Orelha cortada.

Era mais perigosa do que haviam pensado. Os dois homens tinham escrito na cara. Seu comandante jazia morto no chão. O mercenário que sujeitava Mir afastou-se rapidamente. Eram seis ao chegar. Agora só restavam dois e não estavam muito seguros de como tinha acontecido.

Carregaram contra Dryas. Ela retrocedeu, tentando separá-los, pelo menos, fazer com que se atrapalhassem mutuamente. Mas eram dois esgrimistas experientes e era só questão de tempo que acabassem com ela.

O primeiro golpeou com força. Dryas aparou o golpe, desviando a lâmina e deixando que o próprio peso do soldado lhe fizesse passar ao lado. De repente uma labareda de dor em seu braço e soube que um deles tinha conseguido feri-la.

A onda de adrenalina que a tinha sustentado a princípio estava desvanecendo e a dor era cada vez maior. Aparou outro golpe, mas a segunda espada tocou sua carne, e ela se encontrou retrocedendo cada vez mais depressa ante seus dois adversários. Outro golpe e outro. Ela começava a

tropeçar, mas até restaram um odois truques.

Deixou-se cair sobre um joelho e golpeou para cima o mais próximo dos mercenários, por baixo da couraça. O soldado saltou para trás como ela havia previsto, chocand-se com seu companheiro. Por um instante se chocaram mutuamente, mas Dryas não pôde aproveitar a confusão. Escorregou nesse preciso momento e teve que se sustentar com a mão livre para não cair.

Ao mesmo tempo, Mir se equilibrou sobre um dos soldados, encarapitando em suas costas e com os braços em torno de seu pescoço. O homem se retorceu, gritando de raiva e golpeando os braços do ancião com a borda de seu escudo.

Dryas conseguiu evitar uma perigosa estocada, abrindo um bom corte no braço direito de seu inimigo, mas pagou um preço por isso. O soldado conseguiu golpeá-la com seu escudo.

Em circunstâncias normais, ela teria se movido com o golpe, saltando ilesa. Mas estava com as costelas rotas e o metal do escudo a acertou no local. A dor foi cega e Dryas cambaleou.

Uma corrente surgiu de alguma parte, enroscando-se em torno do pescoço do soldado. Um momento depois, o punho de Maeniel se estrelou contra sua cabeça.

O soldado restante havia conseguido se liberar da presa de Mir quando viu o enorme indivíduo em ajuda a Dryas. Deixou cair sua arma e fugiu.

Ninguém o perseguiu. Maeniel e outros foram ao estábulo e se ajoelharam junto à garota. Ao lobo parecia morta, mas ao fixar o olhar ele notou que ainda respirava. Estava com uma mão sobre a terrível ferida e a outra no chão de terra.

A garota suspirou.

— Diga a Dryas que meu espírito é livre. — Ela disse com um sorriso. E não houve nada mais.

A ninguém ocorreu voltar a acorrentá-lo. De fato, ele teve que ajudar os outros dois a sair da casa. Dois corpos jaziam na entrada. Maeniel olhou com respeito para uma pálida e cambaleante, Dryas. Ele afastou os cadáveres com um chute e logo recolheu Dryas para levá-la sem cerimônias para a cama.

Mir começou a preparar o fogo.

— Têm que lhes secar os pés ou congelarão — Ele disse. Deteve-se por um momento antes de avivar as chamas. — Sabe? Nunca a vi sorrir antes. Mas você sim, certo?

Maeniel fez uma pausa, o resplendor das chamas estava sobre sua pele.

— Não. Tampouco me havia sorrido. Salvou-

me a vida. O soldado que entrou no estábulo teria me matado, mas ela ficou no meio.

—Esteve contente em fazê-lo - Disse Mir.

—Ninguém deseja morrer.

—Às vezes sim. - Insistiu o ancião, removendo as brasas. Logo se levantou para aproximar de um arca em um canto. Tirou um manto de seda negra com folhas outonais bordadas em vermelho, marrom, verde e amarelo e debruado de pele marrom tão escura que era quase negra. Ele o entregou a Maeniel. - Leve isto e cubra-a. Esta noite faremos a pira para ela. Esta seda chegou de muito longe, mas os bordados foram feitos por sua mãe e suas irmãs, e a pele foi contribuída por parentes do norte. É tudo o que resta da nobreza e a beleza que trouxeram para as montanhas há muito tempo. Que esteja com ele quando se reunir com eles.

—Não! - Disse Dryas. - Temos que sair daqui. Vieram em busca de algo e não conseguiram. Podem estar seguros de que o que escapou dirá a seus companheiros no acampamento romano e atacarão novamente.

Maeniel se voltou e a olhou com expressão insondável.

Dryas sentiu o frio metal do colar sobre sua pele.

—Não. - Disse Maeniel. - Não o farão. A nevada desta noite era só a vanguarda da que cairá hoje. Eu sei. Senti-a antes de dormir e sigo sentindo a tormenta. Meus ouvidos estão estalando. Não sei por que, mas sempre o fazem antes de uma tempestade de neve. Não! Logo não haverá nada que se mova na montanha nem na guarnição e nós tampouco o faremos.

Mir tirou alguns objetos grossos do arca e levou até Dryas. Logo começou a esquentar água para lhe lavar os ferimentos.

Maeniel levou o manto ao estábulo. Elevou o corpo da moça e o colocou sobre a seda, envolvendo-a cuidadosamente. Logo a deixou sobre duas das mantas de lã sobre as quais havia dormindo e a cobriu com outras duas. Fez uma pausa. O rosto da garota não estava coberto pelas mantas e ainda era visível Através do fino tecido. A seda suavizava suas facções ocultando as cicatrizes e por um momento, Maeniel viu a mulher que teria sido se os assassinos que acabaram com sua família não tivessem invadido seu lar.

Não atribuía o que tinha levado a jovem à loucura e nem ao medo. Ela tinha dado sua vida por ele, para lhe salvar. Misturava-a em sua mente como os numerosos filhotinhos aos que tinha

cuidado e alimentado. Sim, ele pensou, por ti me sentarei junto a suas fogueiras.

Maeniel não temia à morte; nenhum lobo a temia. Nem os cães a temem, então aquela saída sempre estaria aberta para ele. Mas o que mantém vivas todas as criaturas, incluindo lobos e humanos é a sempre mutante natureza da experiência. Não temia morrer, mas odiaria deixar de estar vivo. E para seguir vivendo, teria que se unir a criaturas estranhas para ele, aprender seus costumes e suas regras. Mas ela tinha desejado que ele recebesse aquele dom.

Voltou a olhar seu rosto, formoso, calado e sereno. Aceitaria, e tentaria se converter em um deles. Mas aquilo era duro e deixava seu coração fundo na dor. Recordava ter se compadecido de Imona, presa na cabana durante a noite enquanto ele e os seus, impulsionados pelo apetite, a amizade e inclusive o amor, corriam em liberdade sob a lua e as estrelas. Seguros no conhecimento de que, ao nascer, tinham recebido todos quanto necessitariam para sobreviver, pois do contrário o grande juiz de toda vida, a necessidade, não lhes teria permitido tomar seu primeiro fôlego.

Mas aquelas incompletas criaturas, tão dependentes umas das outras para a satisfação de

todas e cada uma de suas necessidades, nasciam a um milhar de torturas: medo da enfermidade, da fome, da desaprovação de seus iguais, necessidade de roupa contra o frio e de amparo contra os instintos predadores de sua própria espécie... Cada dia era uma luta e a noite, entravam em uma caverna de medo, em que cada dia e cada hora olhavam a morte, sabendo que algum dia ela lhes chegaria ou sairia de suas mãos.

Maeniel pegou a tocha e começou a cortar as madeiras armazenadas no espaço entre o telhado e a parede. O céu, que estivera espaçoso ao amanhecer, já estava nublando e começavam a cair pequenos flocos.

Mir entrou logo. Levava uma chaleira com cereal cozido, um pouco de pão fresco e umas tiras de carne da noite anterior. Deu-o todo a Maeniel e foi até a jovem, ficando ante ela. Então ele viu pela primeira vez, o mercenário ao que Maeniel havia matado. O homem jazia feito um farrapo sobre o chão. A maior parte de seu crânio e seu cérebro estavam pulverizada pela parede. Mir, que havia sido um guerreiro em sua juventude, respirou forte.

Maeniel comeu o pão e olhou os cereais que tinha na outra mão.

— Use a colher - Disse Mir.

Maeniel seguia confuso. Mir se aproximou, pegou a colher e lhe mostrou como pegar o cereal. Maeniel provou, mostrando uma careta.

— Não vale à pena - Disse.

— Come-o — Insistiu Mir. - Te esquentará. — Logo, ele voltou para fundo do estábulo e ficou olhando pela porta. A nevada era cada vez mais intensa, com flocos maiores. Ouviu a colher arranhando o fundo da chaleira. - Me pergunto quem seriam. - Ele comentou, jogando outro olhar ao cadáver do chão.

Maeniel recomeçou sua tarefa com os tocos de madeira.

— Romanos. - Ele aventurou. O suor não demorou a aflorar em sua pele, e as gotas se congelavam sobre seu rosto. Aquilo era uma nova experiência para ele. Os canídeos não transpiravam.

— Não. - Disse Mir. - Nem as armas nem as armaduras são as corretas. Estes homens não vinham do acampamento do vale. Não, acredito que vieram por causa de Dryas. Antes que o matasse, seu líder disse que queria levá-la para Roma ilesa.

Maeniel deixou de partir as toras.

— O que é Roma, e por que ia querer levá-la para lá?

— Porque Dryas é incomum. É o que chamam

de Amazona, uma mulher que luta.

—Ela luta bem - Disse Maeniel enquanto empilhava a lenha. - E também outras coisas, — ele acrescentou ominosamente.

—As mulheres como ela são incomuns, inclusive entre nós. De certo modo, pode ser que fosse uma pena que prescindíssemos delas há alguns séculos. Eram boas para assuntos mais importantes que ganhar ou perder algumas batalhas. Uma mulher como ela lidou com Mario e outra poderia ter lidado com César. Estava certa a respeito de você. Eu queria te matar e ela se negou. Dryas e minha esposa acreditavam que era possível te ensinar a ser...

—Humano. — Completou Maeniel. - Bom, sua admirável Dryas conseguiu que alguma forma... Não sei o que fez, mas já não posso chamar o lobo. Não me deixou opção: espero que seja um bom professor, velho, porque tenho muitas coisas a aprender.

Mir contemplou o cadáver do soldado.

—Entre elas, aprender a controlar essa tua força.

—Fiz-lhe o que ele pretendia me fazer. Ele a matou e não pode haver desculpa para isso. Teria bastado afastá-la, mas ela tentou me dar uma arma,

então ele a matou.

—Não tem desculpas. - Disse Mir. - Muitos soldados são assim, ou talvez ser soldados é o que lhes faz dessa forma. Recorrem à força quando outros métodos poderiam resolver o problema de forma mais simples. Fossem quais fossem suas maldades, ele pagou por elas.

—Não o bastante! —Maeniel havia tornado a partir lenhos com furiosa energia. - Quantos necessita?

—Com o que já fez, há mais que suficiente. Venha para dentro. Temos que preparar algum calçado para você. A temperatura está baixando e seus pés congelarão. Devemos nos preparar para fugir assim que o tempo melhorar. Embora não acredito que esses homens fossem romanos, não poderiam operar aqui sem a permissão da guarnição do vale. E quando puderem viajar novamente, não resta dúvida que virão aqui em busca de Dryas. Temos que ir. Os três.

—Ao povo do outro lado do Anel? — Perguntou Maeniel.

—O que é o que sabe de Cynewolf e sua fortaleza?

—O suficiente! - Respondeu Maeniel. Logo enterrou a tocha a umas polegadas no toco de

carvalho no qual estava acostumado a sentar Dryas.

Mir considerou que provavelmente seu protegido havia feito todas as perguntas necessárias. Ou pelo menos todas as que queria respondidas. Falar sobre Imona podia ser desafortunado e imprudente e Mir não era nenhuma das duas coisas. Assim recolheu os utensílios da comida e guiou Maeniel para casa.

Lucius abriu a porta do estábulo para Orelha cortada e selaram dois cavalos

— Vamos agora? — Ele perguntou.

— Não. Primeiro faremos umas perguntas e eu te pagarei. Vamos! — Disse Lucius. Orelha cortada o seguiu.

O dinheiro estava em um cofre unido por uma cadeia a uma barra de ferro disposta no salão, perto do átrio. A fechadura se abriu quando Lucius usou sua chave. Ele se perguntou se sua irmã saberia que ele a possuía. Nunca a usava. Seu pai havia lhe dado em seu décimo oitavo aniversário, antes que partisse para cumprir seu serviço militar, mas ele nunca se aventurou a abrir a caixa.

Sempre lhe tinham dado o que para ele era dinheiro mais que suficiente. Seu cavalo, sua armadura e suas roupas eram pagos com recursos familiares e dois velhos criados da família o

acompanhavam. A terceira criada, Alia, tinha sido recrutada pelos criados libertos de seu pai, porque eram basicamente preguiçosos e um tanto conscientes de sua posição: lavar roupa, esvaziar urinóis e varrer chãos estava por abaixo deles. Quanto À cozinha, depois de uma semana de comer seus desastres culinários, Lucius tinha se rendido, pagando a Alia um extra para cozinhar

Aquilo deixava livres as duas velhas aporrinhações, para se preocupar com sua saúde seu moral, seus gastos, seus costumes com a bebida, com a comida... E assim sucessivamente. Depois de agüentar durante dois meses, conseguiu enviá-los de volta a Roma com ordens para o contador de seu pai aposentar os dois.

A partir de então, se arrumou com Alia. Uma vida inteira seguindo Às legiões tinha feito dela uma mulher compulsivamente pulcra e parcimoniosa. Dado que não havia nada em que gastar o dinheiro salvo mulheres. Lucius era muito escrupuloso. Bebia, mas não era um viciado, o jogo o deixava indiferente, sua atribuição era mais que suficiente para ele.

Em resumo, nunca tinha se preocupado com dinheiro antes, mas tinha visto seu pai guardando-o.

Mediu a caixa aberta.

— Sim. — Uma corrente de couro. Seu pai tinha sido sempre muito ordenado. Havia bolsas de couro, em filas e colunas de dez, com uma moeda em cada um. Dez filas de dez: cem áureos. Desatou a correia e o ouro brilhou mesmo na escassa luz.

— Ouro. - Disse Orelha cortada.

Lucius o entregou. A soma desapareceu em algum lugar da roupa do homem.

— Mato agora?

— Só quando eu lhe ordenar.

— Bem!

Lucius pareceu notar entusiasmo na voz de Orelha cortada.

Houve um ruído de correntes e o velho porteiro saiu de seu dormitório junto à porta. Elevou o olhar e viu dois homens inclinados sobre a caixa. Se baixou, paralisado pelo medo e então Orelha cortada moveu seu abajur, iluminando o rosto de Lucius.

— Amo Lucius!

— Sim. Onde dorme Firminius?

O velho escravo assinalou com mão trêmula para um corredor, à direita dos aposentos de Fulvia.

Lucius assentiu.

— Volte a dormir.

Ele e Orelha cortada caminharam juntos pelo corredor até chegar a uma porta. Para surpresa de Lucius, uma luz saía sob ela e era possível ouvir vozes no interior.

— Quem era ela? — Era a voz do Firminius e soava exasperado. A resposta ficou amortecida pela porta, mas o tom era inequivocamente de desculpa.

— Castor e Pólux apresentando seu relatório, não há dúvida — Disse Lucius em voz baixa.

— Assim que os chama, não é? — Replicou Orelha cortada. — Eu lhe disse, que eles se vendem barato. Chamo ou chuto?

— Chute.

Orelha cortada abriu a porta com um chute.

A estadia estava relativamente iluminada e era mais feminina que qualquer casa de mulher em que Lucius estivesse estado. Havia uma clarabóia no teto com painéis de cristal. No momento, tudo o que mostrava eram estrelas.

A cama que ocupava o centro da casa era a peça principal. Madeira de limoeiro curvada em ambos os extremos e polida até brilhar, um triplo colchão de plumas e numerosas almofadas. Largas colgaduras de gaze desciam do teto até o estrado sobre o qual se encontrava a cama.

Duas enormes rosas douradas serviam como

abajures, uma de cada lado da cama. As bases continham azeite e as mechas subiam por entre as pétalas que serviam como refletores para as chamas. Era enjoativo. Toda a casa era enjoativa. As paredes estavam pintadas para simular colgaduras de veludo cor branca, amarelo e ameixa, sustentadas por cisnes e cupidos.

Firminius lançou um breve grito quando a porta se abriu. Suas mãos se agitaram como pombas enquanto ele piscava em direção a Lucius.

Lucius entrou seguido por Orelha cortada . Assinalou À porta.

—Saíam. - Ele ordenou a Castor e Pólux. - Quero falar em particular com o secretário de minha irmã.

—Oh, não. Não se atrevam a me deixar sozinho com esse... Bêbado e com o horrível bárbaro que ele trouxe. Em que ralo encontrei esse monstro? Não só está mal vestido, como também é impressionantemente peludo...

—Firminius, - Disse Lucius, - eu gostaria de manter esta conversa dentro dos leitos civilizados, mas você está pondo a prova minha paciência. Vocês dois, saiam!

—Não, não o ouça. - Disse Firminius, segurando o braço de Castor. - Lucius, se não sair

agora mesmo, farei que estes dois amigos meus joguem você e a seu peludo amigo para fora. Tenho uma constituição muito delicada e não trabalho bem se perturbarem meu sono. Não, por favor... Por favor, levem-nos daqui. A ama Fulvia ficará muito agradecida se varrerem este lixo para o pátio.

— Os dois são gladiadores treinados. — Disse Lucius a Orelha cortada

O homem sorriu.

Os dois supostos gladiadores avançaram.

Lucius levou a mão à espada.

Orelha cortada desembainhou a dele e Lucius pôde entender por que ele rira. Em um movimento muito rápido para ser seguido com o olhar, o criado estrelou sua espada contra a têmpera de Castor. O escravo ficou em pé por um momento, com aspecto aturdido, logo revirou os olhos e seus joelhos se dobraram. Caiu ao chão como um fardo e ficou muito quieto.

Orelha cortada riu novamente e apontou para Pólux sua espada.

— A ele, bonito descanso. A ti, o pescoço. Vamos.

Firminius gritou e Pólux fugiu rapidamente.

Lucius fechou a porta com um chute.

— Bloqueie-a.

Orelha cortada obedeceu, bloqueando a porta com uma arca de roupa.

Lucius se encontrou na ridícula situação de perseguir Firminius ao redor da cama, mas Orelha cortada pôs fim ao assunto passando uma rasteira em Firminius e sujeitando-o logo com o grande pé sobre o peito dele, quando tentou se levantar.

Firminius gritou novamente e Orelha cortada resolveu o problema lhe dando uma boa bofetada. A cabeça de Firminius ricocheteou sobre o piso de mármore e seus olhos adquiriram uma qualidade nebulosa.

— Ouça, Firminius. Se voltar a gritar...

— Será uma orelha, — completou o galo.

— Muito bem — Disse Lucius com admiração. — Sim, Firminius. Este amigo meu se chama Orelha cortada. Sabe por quê?

Firminius sacudiu a cabeça, com os olhos muito abertos e tomados pelo pânico.

— Porque gosta das colecioná-las como lembranças. Ele trespassa-as em uma corrente e as pendura do pescoço. Vai começar uma nova coleção e se você gritar, ele contribuirá com uma das tuas... Ou pode ser com as duas.

Firminius assentiu.

— Agora vou fazer algumas perguntas e será

melhor que me dê as respostas corretas, porque se não... Bem, eu coleciono olhos. - Disse, Lucius tirando sua adaga. - Os coloco em pequenas garrafas de cristal, conservo-os em vinho e os guardo sob a cama. Preciso de dois mais para completar a dezena e os teus podem servir. Agora, onde está Fio?

Lucius observou como as diferentes expressões passavam vertiginosamente pelo rosto do Firminius. Medo, não dele, mas provavelmente de Fulvia. Ira, porque certamente queria ver Fio sofrer. Raiva, pela humilhante posição. Negação, porque estava seguro de que Lucius não lhe faria nada. O melhor seria demonstrar que não era assim. Lucius provou a ponta de sua adaga na bochecha de Firminius, fazendo com que aparecesse uma linha de sangue.

— Não... — Pediu Firminius.

Lucius riscou outra linha, dessa vez mais profundamente,

— Nãoooo... — Implorou Firminius.

— O silêncio não é uma resposta plausível, Firminius. - Grunhiu Lucius, colocando a ponta de sua adaga sobre a pupila esquerda de sua vítima.

Firminius veio abaixo e sua resposta desanimou mais a Lucius que o fato de ele soltá-la.

— Nada do que faça pode ajudá-lo. — Disse ele ressentidamente. — Já não mais.

Orelha cortada pegou Firminius pelas costas de sua camisola e jogou-o sobre a cama. Logo lhe deu alguns tapinhas em seu rosto enquanto perguntava a Lucius:

— Quer que eu faça já?

— Posso te dar uns minutos. Quanto tempo acha que demoraria?

Com um grito, Firminius escapou pelo outro lado da cama, se escondendo.

— Não te parece pouco masculino? — Perguntou Lucius.

— Não! É o mesmo que as mulheres, mas com o buraco mais fechado. Bom! Divertido!

Firminius gritou novamente, com toda a força de seus pulmões.

— Ao que parece, ele não acha tão divertido. — Disse Lucius.

Orelha cortada riu novamente.

Alguém golpeava a porta do dormitório, gritando. Os gritos de Firminius tinham despertado toda a casa.

— Má sorte. — Disse Lucius. — Teremos que ir agora, não que façam algo. Esta é minha casa e como o homem mais velho da família Basília, eu

mando aqui. Está claro, Firminius?

Os golpes na porta se interromperam.

— Amo Lucius? — Perguntou uma voz vacilante.

— Sim. — Responde uel. — Não me incomodem agora. Estou falando com Firminius!

Soou um gemido atrás da cama.

Orelha cortada afastou a arca da porta e o outro secretário de Fulvia apareceu. Era um liberto do pai de Lucius, seu mordomo. O homem cravou em Lucius um olhar de desaprovação.

— Meu senhor, eu não teria acreditado capaz de perturbar a paz desta casa a estas horas.

— Peço-te desculpas por ter te despertado, Aristo. — Respondeu Lucius. Logo, ele assinalou ao gêmeo que seguia dormindo no chão. — Não quero ver estes dois nunca mais.

— Bem. — Replicou Aristo. — Quer que sejam vendidos?

— Não. Parece que são leais a minha irmã e não a mim. Que passem a formar parte de seu serviço. Prepare uma câmara para Fio perto da minha.

O rosto de Aristo se manteve imutável.

— Sua irmã disse que ele não voltaria.

— Estava equivocada. — Disse Lucius. — Este é

Orelha cortada, um galo. Veio da Gália e também necessitará de uma casa, porque se une ao serviço da casa desde este momento.

Lucius partiu, com o galo seguindo seus passos. Levaram os cavalos para a rua.

— Sozinho? — perguntou Orelha cortada.

— Sim — Respondeu Lucius, e se afastaram cavalgando na noite.

O lobo tinha pensado que viver entre os humanos seria difícil e talvez doloroso. Mas não era assim na fortaleza de Cynewolf. Bem, era desagradável de vez em quando e com frequência intrigante.

A insistência de Blaze em que se banhasse no gelido rio todas as manhãs era ambas as coisas. Lobos não se banhavam. Para que o fariam? Sua pelagem de lobo era impermeável, com o denso pelo sempre limpo e renovado. O pelo de fora caía no verão e voltava a crescer no outono. A língua dos lobos estava adaptada à limpeza.

Aquela estúpida compulsão de lavar a pele com água podia ser compreensível, mas no inverno e em água fria? Pelo que a ele concernia, aquele louco ritual não devia contar com sua presença e a colérica insistência de Blaze era igualmente estranha.

Quando a persuasão se revelou inútil com Maeniel, Blaze recorreu às ameaças. Mas tampouco deram resultado. Blaze provou com um látego, mas Maeniel o tirou no segundo golpe, deixando inequivocamente claro que não lhe agradava o tratamento.

Blaze se sentou em sua revolta, chupando o dedo que Maeniel havia torcido muito na refrega e o amaldiçoando, não em um, mas em três idiomas distintos.

Dryas e Mir chegaram atraídos pela animação.

Mir ficou do lado de Blaze, mas Dryas abriu as negociações, explicando a Maeniel por que era bom que se banhasse nas frias águas do rio. Teria que romper o gelo para chegar à água.

—Não acredito em nenhuma palavra. - Disse. Então descobriu, quando Blaze e Mir o atacaram verbalmente, que os humanos eram muito sensíveis em respeito as acusações que faltam à verdade, embora soubesse pelo que tinha visto, que eram culpados daquilo a grande parte do tempo.

Mas Dryas resolveu o assunto descendo até o rio, encontrando um lugar resguardado, tirando a roupa e mergulhando. Lavou-se brevemente e recolheu sua roupa em seguida.

Maeniel a seguiu, chegando à conclusão

privada e pessoal, que os humanos gostavam de fazer coisas desagradáveis a si mesmos, com o propósito de demonstrar coisas impensáveis.

Ele disse a Dryas enquanto subiam pelo pendente, de volta a Oppidum. Tendo-a nua junto à margem do rio, ele tentou convencê-la outra vez a fugir com ele.

Dryas se negou. Ele não tinha esperado outra coisa, mas pensava que valia a pena tentar, de toda forma. Por desgraça, agora ela era uma mulher feita de neve para ele.

Eles se sentaram juntos sobre o toco junto à porta.

— Por favor, tenta se congarçar um pouco com Blaze. - Disse ela. - Ele sabe muitas coisas e pode te ensinar. Não posso te levar comigo à Roma agora. Nenhum dos dois sabe o suficiente. Tem que aprender a montar, a se vestir, a usar o dinheiro...

— Ainda quer que eu vá a Roma e mate a esse César? O que foi o que ele te fez?

— Matou meu filho. - Explicou ela.

— Como? — Perguntou Maeniel. - Quer que te ajude, mas essa viagem pode me custar à vida. Me dê suas razões.

— Já amanheceu. - Disse Dryas.

E era uma manhã fria. O rio não estava

encerrado no gelo, mas as árvores das bordas estavam nuas e a geada cobria os restos de vegetação sobreviventes. Além das montanhas, o sol começava a iluminar as cúpulas. Embora uma estriada massa cinza dominasse o céu, havia espaço espaçoso para que o sol derramasse sua luz dourada sobre a desolada paisagem invernal.

— Parece uma obscenidade que saia o sol em um mundo no qual meu filho já não vive. - Disse Dryas. - Durante todo este tempo, tenho sentido a crueldade de sua perda.

— Os lobos não sentem assim. - Respondeu Maeniel. - Paga um preço muito alto por seus poderes. Quanto faz disso?

— Tal como contam o tempo os humanos, dez anos.

— Mais do que vivem muitos lobos. Se a dor também se estender tanto, e a alegria?

— Não sei o que dizer - Responde uela. - Não recordo nenhuma. Suponho que tive alguma há muito tempo atrás, quando ele vivia, mas não posso formar uma imagem em minha mente. É estranho, a princípio ele era um dever para mim. Só aprendi a lhe amar quando o levei ao peito. E quando cresceu se converteu em meu deleite. Mas como meu filho, ele estava destinado a ser candidato a majestade

entre meu povo. Seu cabelo era vermelho, e quando sorria era capaz de me fundir o coração. — Algo quase parecido a um sorriso apareceu no rosto de Dryas, mas desvaneceu com a mesma rapidez. - Meu coração me reprovava delegar tal carga sobre alguém tão jovem, mas ele devia ser ensinado a governar desde o começo. E antes que sua mão tocasse meu seio, antes que seus lábios mamassem, ele devia tocar o aço. Sei que me levantei depois de dar a luz entre minhas mulheres e que, com o sangue correndo por minhas pernas, andei com ele nos braços até a parede onde se penduravam as armas. Coloquei suas mãos sobre o pomo de uma espada e levei seus lábios até o frio aço. Assim ele foi consagrado ao seu povo, ainda molhado com os fluidos de meu ventre. Mas cresceu feliz. Peralta como só podem ser as crianças ruivas, com formosos e faiscantes olhos verdes e um sorriso arrebatador. Eu tinha que ser severa e tentava ser. Talvez com muita frequência... Houve algumas palavras duras, uma ou duas ocasiões nas quais ele foi para a cama sem jantar... Oh, mas eu o amava. Minhas mulheres o mimavam e lhe davam tudo o que pedia. E eu pensava, bem ainda o penso, que aconteceria o mesmo quando fosse um homem. Não é um bom traço em um rei, mas... Isso já não

importa... Tentei não ser muito suscetível ao seu encanto. Ele devia aprender disciplina, disse-me. Então aprendeu rapidamente que não podia se dirigir a sua mãe... Pelo menos a maioria das vezes. Não tinha problemas com seus estudos. Possuía aptidões para muitas coisas. Mas deve se ensinar a todas as crianças a compartilhar, a não cevar com os fracos, e a respeitar a propriedade alheia. Ele aprendeu bem e quando cresceu, senti-me orgulhosa, mas triste ao ver quão popular era entre os de sua idade. Orgulhosa porque estava se convertendo em um líder entre os homens, mas triste porque cada passo que uma criança se afasta de sua mãe, puxa o amor que ela tem enraizado no coração. Mas eles devem ir. Assim são as coisas. Quando uma irmã minha que vivia entre os brigantios me pediu que o deixasse ficar um ano com ela, aceitei. Cavalguei até lá com ele e foi uma longa viagem. Mas ela e o cacique com o quem havia se casado nos atenderam por todo o alto. Vi muitas coisas que eram só rumores nas montanhas.

Bebi vinho pela primeira vez, vi carros de guerra e arreios de ferro para os cavalos. Ouvi os bardos cantando longos e complicados contos de ricos reis e rainhas, sua coragem e ferocidade na guerra, sua vaidade e sua crueldade. Meu povo vive

entre as nuvens, entre a chuva. Sempre faz frio ali. Nosso gado pasta na alta vegetação da montanha. Celebramos quatro assembleias ao ano. Nessas assembleias, os reis, rainhas e oradores da lei resolvem todas as disputas, ajustam matrimônios, compram, vendem e comercializam. Todos podem falar nas assembleias, homens, mulheres, pobres, ricos, sábios, néscios, livres e escravos. E se tiverem um desacordo com alguém, devemos solucioná-lo e fazer com que se cumpra nosso julgamento. Cantamos bonitas canções, mas são velhas. Sobre como nossos navios sulcaram pela primeira vez as frias águas do norte e navegaram além dos pilares do céu, levantando espuma no mar azul tal e como o fazem as aves marinhas de asas brancas. Cantamos a canção das estrelas e suas mudanças; escrevemos o conto do verão com suas flores e seus frutos, e a luta invernal pela pesca no frio mar cinza. As luzes do céu que adequadamente lidas, assinalam o caminho para os mais remotos limites da terra.

Nossos tecidos são também muito formosos, mas como acontecem com as canções, os motivos são muito velhos, tanto que chegamos a esquecer seu significado. Mas suas brilhantes cores ardem sobre as paredes marrons e o céu cinza. E neles

podemos traçar os limites de nossas terras e por seis vezes mil anos, a linhagem de nossos reis e rainhas. Todos têm um significado: o pente, o peixe, o pássaro, o lobo e o dragão, todos tecidos com mais tinta que o arco íris. Cada tribo tem um. Cada família, cada homem ou mulher tem o seu próprio, que vive e morre com eles sem que ninguém mais o leve. Estão pendurados em meu salão, o meus entre os deles. Nunca voltarei. Nunca voltarei para ver a tapeçaria de meu filho com os acontecimentos que viveu. E tampouco verei o que representa minha vida. Outra mão o completará, cortará os fios e costurará a borda. Tão somente posso esperar que seja a de um amigo. Terminei a tapeçaria de meu filho antes de ir, e fechei sua borda. Que os que possam vê-lo leiam o que diz. Eu não sou capaz de descrevê-lo.

Dryas guardou silêncio.

O lobo contemplou o rio. O sol o convertia em um resplandecente atalho veteado de ouro. A geada sobre a vegetação e as árvores parecia à coroa enjoiada de uma princesa. Então a luz do sol desvaneceu como a ilusão da beleza e o rio se tornou cinza como uma espada polida entre o gélido resplendor de uma terra metálica e o céu.

— Deixou-lhe com seus amigos. - Disse.

—Sim, e então chegou César. Recebemos tardias notícias de problemas nas terras baixas e cavalgamos até lá imediatamente. Embora minha gente lutasse entre si de vez em quando, possuíamos muitos amigos, aliados e parentes de sangue entre as tribos sobre as quais cevava César. Como já lhe disse, somos bem versados na guerra, mas aquilo não era guerra. Era... Extermínio. Granjas com a colheita por recolher ficaram convertidas em cinzas e os camponeses em cadáveres deixados para os lobos. As vacas foram degoladas nos pastos e as ovelhas nos campos. Os cães e gatos foram espancados, pisoteados ou chutados até a morte. Onde o trigo pode arder, eles atearam fogo, e até as hortas foram arrasadas sob o sol de outono.

Oh, sim. Às vezes contra atacávamos. Pegaram algumas coisas... Ouro e prata, por exemplo, e meninos e garotas que não fossem nem muito jovens ou muito velhos para não entorpecer sua retirada. Mas todo o resto foi destruído ou assassinado. Ainda albergava esperanças quando chegamos ao lugar onde vivia minha irmã. Não havia crianças entre os mortos. Depois de nos assegurar, montamos novamente, sabendo que deviam ter enviado longe as crianças, tentando

ocultá-los nos bosques. E haviam feito. Nós a encontramos a poucas milhas dali, à vista das árvores.

Dryas voltou a ficar calada por um momento.

—Sabe que o que chamamos amor pode ser pervertido em uma insuportável baixeza? — Ela perguntou por fim. - Um horror tão completo que a mente se separa dele para olhar ofegante o abismo da morte, encontrando uma espécie de esperança na contemplação de um nada eterno. Uma espécie de consolo no interminável sono sem sonhos ou medo de despertar alguma vez.

Por um momento, Maeniel não a compreendeu. Logo afastou sua mente daquela sinistra adivinhação.

—Os lobos não fazem essas coisas. Nem pensam assim. Não posso imaginar.

—As crianças estavam protegidas. - Explicou Dryas. - Os guardas lutaram, mas não eram rivais para os legionários. Antes que acabassem com eles, conseguiram matar alguns das crianças, os mais afortunados. Meu filho não estava entre eles.

—Conseguiram pegar os soldados que fizeram?

- Disseram-me que sim. Eu era um comandante eficaz, provada na batalha em minha

juventude, mas o último que lembro é contemplar o rosto morto de meu filho. Logo, minhas lembranças são as de alguém que caminha na escuridão, sob um céu veteado de raios e vê o mundo ao seu redor por breves instantes, quando as nuvens são iluminadas de dentro pela fúria da tormenta. Alcançamo-los no plano. Preocupavam-nos as longas lanças que usavam. Sabem usá-las para incapacitar A os infantes com muita rapidez. A haste fica cravada no escudo, torcendo ou rompendo de forma que o guerreiro já não pode usá-lo e deve tirá-lo e lutar sem ele. Um terço de minhas forças eram mulheres. Entre nós, muitas são peritas honderas e podem derrubar um pássaro no vôo. De fato, muitas tinham que fazê-lo. Quando os homens partiram para pescar os grandes peixes do oceano sem fundo ou estavam em longas viagens de comércio onde o sol de inverno não brilha e os deuses batalham no céu, ondeando seus tecidos de brilhantes cores sobre o fundo das incontáveis estrelas.

O projétil de chumbo usado por minhas mulheres era letal, e quando os romanos carregavam contra nós, abríamos nossa formação para deixar espaço às honderas. Se fossem poucos, matávamos em pequenos grupos aqui e acolá. Se fossem muitos, escondíamos-nos entre a vegetação

ou nas sombras dos arvoredos. Quando chegaram ao rio restavam poucos. Tentaram vadeá-lo de noite, antes que saísse a lua, mas nós estávamos esperando na escuridão. Os chefes convocaram um conselho e acudimos. Eu falei a favor de queimar os navios de César, lhe apanhar em nosso território, e matá-lo. Mas estavam assustados, e pensaram que o melhor seria desfazer-se daquela praga. Então César pôde ir e chamar de vitória aquela matança.

Agora tenho a esperança de lhe seguir e matá-lo. Eu gostaria que me ajudasse, pois tenho o dinheiro, mas não sei se tenho a habilidade. E, se falhar, nós dois morreremos. A verdade é que não tenho nenhum plano. — Ela explicou trôpegamente.

— Nem nós o temos ao caçar. Os humanos fazem planos, seguem regras, brincam com a lógica da mesma forma em que um cão brinca com um pau ou um filhote com um pedaço de pele, mas nós não. Não vejo como poderia planejar uma aventura assim. Primeiro, ir à Roma, averiguar coisas desse homem e logo ver se há alguma possibilidade. Mas para matar cervos, tem que saber onde. Então me convém aprender o que esse Blaze possa me ensinar.

— Então, você virá?

— Poderia ser. Além disso, estive ouvindo as

peessoas daí de cima. Falam muito, sobretudo as mulheres. Parece que gostam de se encontrar comigo. Não posso ir nenhum lugar sem me chocar com uma ou duas delas, e sempre as mesmas.

Dryas o olhou de cima abaixo. Ele possuía os músculos de um atleta. Não é que fosse barbeado, mas não lhe crescia a barba. Era mais moreno que pálido, mas sua tez tinha um tom avermelhado sob o bronzeado que lhe dava um ar de resplandecente saúde. Seu cabelo era da cor da velha madeira polida, com cachos. Não, as mulheres não deixariam de olhar para ele.

—Seja como for, as pessoas daqui falam muito de Roma. —Continuou Maeniel. — E, acredito que vê-la seria interessante. Mas se César for tão belicoso como diz, pode ser que alguém o mate antes de nós chegarmos, e então todas nossas moléstias não terão servido para nada.

O guarda ruivo que Maeniel havia esmurrado na cabeça durante a tentativa de resgate de Imona estava novamente na porta. Passaram a seu lado ao entrar e o lobo soube que ele lhe tinha reconhecido. Mas o olhar de ódio nos olhos do guarda o intrigava. Sim, havia lhe golpeado com força, roubado sua roupa e lhe deixado na rua. Mas por que tanta fúria pelo que havia feito? Por que todo

aquele ódio?

Maeniel estava intrigado, mas não teve muito tempo para meditar a respeito, pois devia enfrentar seus dois zangados professores e ouvir suas “bênções”, para logo se sentar enquanto os dois anciões discutiam sobre o tipo de instrução que ele devia receber. Encontrou um pequeno jarro de hidromel e ouviu uma mensagem sussurrada pela admiradora que o havia dado. Ela queria um encontro no estábulo quando tivesse escurecido, com o objetivo de mútua “satisfação”. Estava antecipando um longo período de ociosidade enquanto Mir e Blaze resolviam suas diferenças, quando Dryas caiu sobre ele e arrastou-o a uma exaustiva tarde de instrução com espadas de madeira.

Não demorou em se dar conta de que o pior problema no sucessivo seria ela e não Mir ou Blaze. Dryas era uma infatigável perfeccionista de imensa resistência e grande habilidade. Ela conseguiu lhe cansar tanto que, quando foi ao encontro a noite no estábulo, não teve forças para o que pensava fazer. Mas um breve descanso, duas ou três taças de hidromel o repuseram o bastante, não para uma, mas para três ou quatro atividades sugeridas. Uma das mesmas o deixou tão ardido que ele se alegrou

em se banhar no rio ao amanhecer.

Dryas notou sua expressão de relaxada satisfação. Sentiu-se tentada em lhe golpear na garganta com sua espada de madeira para lhe ensinar uma lição, mas o colar se moveu de forma estranha sobre seu próprio pescoço, como lhe recordando sua posição a respeito a ele.

Depois de um mês de prática, Dryas não pensaria. Ele já era muito bom. Sua coordenação era tão perfeita como ela nunca havia visto antes. Correndo, tinha a resistência de um cavalo e a velocidade de um lobo. Sua visão a pouca luz era melhor que a de qualquer humano, mas seu ouvido era uma maravilha.

Um dia, enquanto praticava fora da muralha, ele lhe disse distraidamente que Mir se aproximava para lhe buscar porque ele chegaria com atraso para sua lição de latim. Dryas lhe perguntou como sabia, e ele respondeu que podia ouvi-lo andar e estava familiarizado com seu passo. Mir apareceu na porta pouco depois.

O rio acabou congelando por completo e Maeniel já não teve que se banhar em água gelada. Como não havia muita neve, ele e Dryas podiam praticar muito.

A caçadora se esforçava muito, consciente de

que estava criando um dos lutadores mais perigoso de todos os tempos. Não só o ensinou a dirigir a espada, mas também os usos de um escudo em combate e como um homem hábil podia empregá-lo, embora tivesse o braço inutilizado pela espada, para derrubar um oponente. Maeniel aprendeu a usar a funda... Algo que Dryas tinha acreditado que exigia uma vida inteira praticando. Ele era mortífero com a funda, mesmo contra alvos como paus e frutas secas, mas teve que agüentar algumas brincadeiras por sua objeção em disparar contra nada que não fora de comer.

Uma tarde fria e escura e cinza, Maeniel, Dryas e meia dúzia de crianças foram caçar nos pântanos. Aproximava-se um festim e não havia nada especial para servir à mesa. Levaram redes com a esperança de apanhar algumas aves aquáticas.

Mas as redes não foram necessárias, pois Maeniel derrubou dezessete gansos, quase todos com impactos na cabeça, em pouco mais de uma hora. As brincadeiras terminaram e o banquete foi um êxito.

Apesar disso, onde mais se distinguia Maeniel era no salto do salmão do herói... Talvez porque, no fundo de seu coração, sentia-se novamente como

um lobo ao praticá-lo. Consistia em uma forma de combate sem armas, quase esquecido por completo na Britania e a Galia. Mas antes havia servido bem ao povo de Dryas, pois permitia um por cento dos adultos em qualquer comunidade fazer frente a um ataque ou incursão, embora não tivessem tempo de pegar suas armas.

O corpo de um lobo... Garra e presa, velocidade e peso. As armas de Maeniel eram sua inteligência e sua agilidade, que lhe permitiam se distinguir no combate sem armas. A espada, a adaga, a flecha, o dardo, a funda... Tudo ficava para trás.

—Nunca idolatre uma arma. - Disse Dryas. - Se alguém a romper em sua mão, deve estar preparado para pegar outra. E, acima de tudo, deve aprender ser perigoso com suas mãos nuas.

E aconteceu quando o guarda ruivo, cujo nome era Actus, o atacou com uma faca. Maeniel estava desarmado.

Capítulo 17

Àquela hora, a rua estava vazia de tudo o que não fossem carros. Lucius e Orelha cortada abriram caminho entre eles sem dificuldade, ouvindo ocasionais maldições quando se aproximavam muito de um veículo com uma carga pesada ou quando obrigavam algum carreteiro a frear a suas mulas em uma esquina ao bloquear seu passo por alguns momentos.

Por fim, eles deteram seus cavalos ante as portas de uma grande vila rodeada por um muro perto do Foro. As portas eram de madeira com reforços de ferro. Havia um sino com um badalo, para golpeá-lo a em um oco Àa direita da porta. Lucius o fez soar com força.

Em resposta só houve silêncio.

Lucius golpeou a porta com o punho.

Alguém o amaldiçoou do interior

—Me deixem ebtrar. Tenho que ver César ou a dama Calpurnia.

Uma fileira de maldições enviou-o a um lugar pouco honorável entre os mortos.

—Néscio! Você está bêbado ou louco, para pedir que te admita na casa do primeiro cidadão a

esta hora da noite? Vá para casa.

Lucius elevou o badalo, golpeando o sino três vezes com todas suas forças.

—Deixa isso, monte de merda de cão. Vai despertar todos os vizinhos.

—Então, me deixem entrar!

Lucius ouviu o ruído dos ferrolhos ao serem abertos e as correntes se soltando. Dois legionários abriram a porta. Usavam armadura completa, incluindo os elmos e as capas de cor vermelha.

Um deles aproximou uma tocha do rosto de Lucius, enquanto o outro permanecia atrás, com o pilum em uma mão e a outra no pomo de sua espada.

Lucius piscou, elevando uma mão para proteger o rosto, mas não retrocedeu.

—Entrem. - Disse o centurião com a tocha. - Mas deixe aqui suas armas.

Lucius se despojou da espada e da adaga, enquanto Orelha cortada se desprendia de uma incrível quantidade de objetos cortantes. Uma espada grega de um só fio, estupenda para apunhalar; uma espada larga germana que usava nas costas; o típico gladio das legiões; não menos de três adagas de distintos tamanhos; uma funda com projéteis de chumbo; e em caso de que todo o resto

falhasse, um cestus, a luva reforçada com ferro do pugilista romano.

Mesmo o centurião de aspecto duro ficou impressionado.

Outros três soldados se uniram aos dois primeiros para escoltar Lucius, passando junto a um antigo solarium com mais de uma dúzia de máscaras mortuárias, o lago de um átrio mais antigo inclusive que o da vila Basilia, até um peristilo rodeado por uma colunata.

Tudo era impressionantemente magnífico, irradiando não mera riqueza, mas também nobreza e vidas inteiras de distinto serviço à cidade e suas mais antigas instituições.

Uma mulher saiu à luz. Usava uma túnica de seda verde que descia em longas dobras até o chão, sustentada por botões nos braços e nos ombros. Era muito bela e por um momento, Lucius se perguntou quem seria. Quando se aproximou do soldado da tocha, ele compreendeu que, embora bela, não era uma moça. A voluptuosa figura, só sugerida pelas curvas sob a suave seda, era um pouco engrossada pelo tempo e o cabelo cor castanho que emoldurava seu rosto em forma de coração estava rajado de fios cinza.

Quando ela falou, sua voz soou grave. Suas

palavras e gestos eram corteses e Lucius sentiu que aquela dama não saberia como ser áspera, cortante, arruda ou sequer altiva. Nem tampouco seria capaz, por mais que se esforçasse, de choramingar ou se queixar. Seria cortês e considerada, e procuraria não se mostrar nunca ofensiva ou escandalosa, sequer em seu leito de morte. Lucius compreendeu de uma vez por todas o significado da palavra patrício.

—Meu marido dorme neste momento. Está muito cansado e não quero lhe incomodar. Tem algum assunto importante a discutir com ele? E, se for assim, está seguro de que não há nada que eu possa fazer para te ajudar?

Lucius tirou o chapéu caindo sobre um joelho.

—Minha senhora Calpurnia, - ele disse —, um membro de meu serviço doméstico foi denunciado como inimigo de seu marido. A Corte Pretoriana o prendeu por ordem de Marco Antonio. É um liberto meu, um físico grego chamado Fio. Acredito que o conhece. Estou seguro de que houve um engano em alguma parte. Fio nunca foi inimigo de ninguém e menos ainda de seu marido. Estou seguro de que não pode ter se comprometido sequer marginalmente em nenhuma conspiração.

Calpurnia se aproximou de Lucius e estendeu a mão para pegar a dele, indicando-lhe que devia se

levantar. Ele obedeceu.

— Sim, conheço Fio e não, não posso acreditar que queria fazer mal a alguém, mas isto não poderia esperar até a manhã?

— Minha senhora... — Lucius respirou fundo, tentando de alguma forma expressar a urgência da situação a uma mulher cuja vida a isolava de tal forma das cruéis realidades, as quais acreditava, que Fio estava enfrentando naquele momento.

— O que tenta dizer é que depois de uma noite de interrogatório brutal e intensivo nas mãos do Antonio e esses bons pretorianos, nem a própria mãe de Fio seria capaz de lhe reconhecer.

Lucius viu César em pé à sombra da colunata, com aspecto mal-humorado e irritado.

— Me dê, por favor, uma boa razão pela que não deva te mandar à mesma cela no Tullianum, para que lhe faça companhia a Fio.

— Porque então estaria castigando dois homens inocentes em vez de um.

— E está disposto a dar sua palavra de que seu amigo é inocente de todas e cada uma das acusações que levaram a sua detenção?

— Estou, César.

— Até arriscando sua própria vida se resultar que está equivocado?

— Sim! Sim, César, estou.

— Está tão seguro assim, dele?

— Sim.

Calpurnia voltou às costas para Lucius, se aproximando de seu marido com elegância. Deteve-se seu lado, pousou uma das mãos sobre o ombro dele e lhe sussurrou no ouvido. Depois, sem olhar para Lucius, ela saiu por uma porta do alpendre. Uma donzela esperava com um abajur na mão para escoltá-la de volta a sua câmara.

Os olhos de Lucius a seguiram quase contra sua vontade. Quando Calpurnia partiu, ele voltou a olhar para César.

— Sim, é muito bela. — Disse-lhe César.

— Não é só isso. — Respondeu Lucius, achando como era habitual com o costume mudado, admirar à mulher sobre cuja mente fazia conjeturas toda a Roma. E o que era pior, diante de seu marido.

— Sim, está certo. — César se voltou para um dos soldados. — Traga minhas coisas de escrever.

O soldado voltou com uma caixa de couro que, ao abrir-se se desdobrava em uma pequena mesa. Agüentou-a em seu lugar enquanto César rabiscava rapidamente algumas linhas sobre uma folha de papel. Quando terminou de escrever, César dobrou a folha e a entregou a Lucius, que se

inclinou, dispondo a sair.

— Não está interessado no que diz?

— Deveria estar?

— Não. - Disse César. - Só é uma ordem para que seu amigo fique livre sob sua custódia.

— Obrigado, mas me desculpará se parto em seguida. Assusta-me um pouco...

- O possa lhe ocorrer enquanto passa o tempo,

— completou César e se voltou para falar com um dos soldados, que assentiu e partiu. Logo César precedeu Lucius e Orelha cortada até a porta, onde recuperaram suas armas.

À luz da tocha, César viu claramente o rosto do galo pela primeira vez.

— Orelha cortada ... Como estão as coisas com Ambórux?

Orelha cortada grunhiu para si.

— Comer, dormir, sacrifício aos deuses familiares. Comer, dormir, e sacrifício as deuses familiares. O mesmo todos os dias. Sem fim. Não divertido. Não briga. Todas as mulheres são velhas. Cama estreita dura e fria. Mau pagamento.

— E trocaste de patrão?

— sim.!

— O que pensa do novo?

O criado galo olhou Lucius dos pés a cabeça.

— Há mais nele do que se vê.

César assentiu: Lucius tinha pressa.

— Não se preocupe. Enviei um soldado na frente. Seu amigo não terá que se preocupar com mais tentativas de persuasão.

Lucius estava pegando a espada. Quando levantou os olhos, César já havia saído.

Um destacamento de cavalaria aguardava junto à porta. Escoltaram Lucius até a vila do Antonio, mas a uma porta de serviço, que mesmo àquelas horas era um ajuntamento de soldados. Lucius entrou a cavalo no pátio e desmontou.

Fio, sustentado por vários soldados era uma visão espantosa. Sua túnica estava coberta de manchas de sangue, velhas e frescas e também seu manto. Era óbvio que haviam lhe quebrado o nariz. Tinha um olho arroxado e fechado e o outro purpúreo e aberto somente um pouco, com as pálpebras manchadas de sangue. Os lábios estavam partidos e inchados. Mas o pior de tudo era o espantosamente sugestivo aroma de carne queimada que flutuava em torno de seu corpo.

Lucius entregou a ordem de César ao centurião que estava ao comando.

— Me ajude! — Disse a Orelha cortada. Os dois sustentaram o grego, um em cada braço. — Pode

cavalgar? — Ele perguntou.

— Sim. — Respondeu Fio. — Posso me arrastar, andar e até voar se quiser. Farei o que for preciso para sair daqui.

Lucius sentiu um indescritível alívio ao ver que, apesar de suas feridas era o velho Fio quem falava, seu amigo.

Mas Fio não teve que cavalgar. O soldado de César tinha alugado uma carruagem. Não era grande coisa, somente uma carreta de duas rodas puxada por uma mula arisca e com um assento de cada lado e outro na parte de atrás, com gastas almofadas de couro e uma lona encima para proteger os ocupantes. O vento, que começava a soprar à medida que a noite se fazia mais fria. Havia um condutor na carruagem.

Lucius se uniu a Fio no carro. Orelha cortada desdenhou o oferecimento com um grunhido, ficando a cavalo junto ao soldado atrás da carreta para empreender a viagem de volta para casa.

— O que ocorreu? — Perguntou Lucius.

— Não sei. Só sei que estavam me esperando perto da casa de Gordus. Pobre Márcia, tentou me defender e estive a ponto de receber uma boa bofetada. Disse a ela que não se metesse, com toda a severidade que pude. Me deu medo de lhe pedir

que te desse a notícia, no caso de também a prendela.

—Provavelmente o teriam feito, mas não foi preciso que lhe dissesse nada. Ela sabia, e encontrou alguém quem enviar com a mensagem.

Fio assentiu, sem perguntar nomes.

—Seja como for, levaram-me ante Antonio. Por um momento me senti aliviado, mas ele me acusou de ser um mentiroso. Pedi, na realidade supliquei, me degradando de uma forma que me dói recordar, mas não tanto como o que passou depois. É obvio, que Antonio não prestou atenção. De fato, disse-me que não fizesse ridículo daquela forma porque não me serviria de nada. Logo se voltou para seus amigos. Não me disseram seus nomes nem eu os ouvi... E logo estava muito... Ocupado para perguntar por eles. Primeiro me ensinaram todos seus brinquedinhos. Aquilo não foi muito ruim, embora tendessem a me golpear enquanto me explicavam seus usos. Mas logo começaram a fazer demonstrações práticas comigo. Estaria em piores condições... - Ele baixou o olhar para suas mãos, intumescidas e machucadas, mas intactas. - Mas se descuidaram e eu pude me liberar. Você me entende, então só esperava poder lhes persuadir para que me matassem, porque não

tinha idéia de que Márcia teria conseguido entrar em contato contigo, nem de se poderia fazer alguma coisa para me ajudar. — A voz de Fio estava ficando rouca à medida que falava.

Lucius afastou o olhar do rosto de seu amigo.

Dobraram uma esquina e o vento açoitou-os. Lucius baixou o capuz de Fio, o envolvendo bem com a capa.

— Sabe que o vento faz bem? — Disse Fio. — É como se embotasse todos os pontos que ainda doem. Bem, como estava contando, um enorme valentão, que provavelmente nem conhecia sua própria força, golpeou-me na cabeça, me deixando ausente dos acontecimentos durante o que acredito, um bom momento... Várias horas, de fato. Quando por fim despertei, minha mente não estava limpa. Como não sou um completo idiota, procurei dar a impressão de que estava mais aturdido do que estava na realidade. Então, Antonio já havia tornado e estava amaldiçoando seus ajudantes. Não caiu em meu pequeno engano, mas ordenou que me dessem um pouco de pão e vinho. Não acredito que fosse por amabilidade, mas simplesmente que estavam me preparando para mais interrogatórios... Mas ouvi chegar um mensageiro, e me deixaram sozinho. O que fez? Como conseguiu me tirar? Por

certo, não acredito ter visto nunca nada mais formoso que você e quem é seu novo... Como devo lhe chamar? Mas estou falando muito. Não me ouça. Não posso pensar com clareza. É possível que não estivesse fingendo... O golpe na cabeça...

— Cale-se. - Disse Lucius, assinalando ao condutor do carro. - Conversaremos em casa.

Quando chegaram À vila, a lua de inverno já estava baixa, mas o pátio estava bem iluminado. Aristo lhes esperava em companhia de Alia. A mulher começou a cacarejar quando notou Fio, o ajudando a descer do carro e entrar na casa.

Lucius não se deu conta de que ela gostasse do médico, mas quando observou a casa de Fio, sua cama feita e suas coisas pulcramente dispostas, compreendeu que Alia sentia algo por ele.

Aristo levou água quente e roupa limpa para o grego e linho para suas ataduras. Alia, que tinha muita experiência nisso, limpou e enfaixou as feridas, incluindo algumas feias queimaduras.

Lucius perguntou onde estava sua irmã.

— Ela foi... - Disse Aristo. - À Galia. Voltou da visita a Cleopatra e me disse algo que indicava sua insatisfação com algum de seus agentes, queixando-se de que se quiser algo bem feito, terá que fazê-lo ela mesma. Logo acrescentou. Matou

cinco deles. Enviei seis e ela matou cinco. Pode acreditar? Eu lhe perguntei, acreditar o que? Mas ela não respondeu, nem disse quando pensava voltar. Por certo, encontrei um criado, o porteiro. Está há anos acorrentado nessa guarita, desde que sua mãe morreu. Acredito que seu pai estava zangado com ele por ter sido um muito leal a sua mãe.

— Por lhe levar bebida, você quer dizer?

Aristo adotou uma expressão dolorida, similar a de um doente de constipação aguda, mas não disse nada.

— Estupendo. — Disse Lucius.

— É limpo, discreto e nada fofoqueiro. E estará agradecido de escapar do que foi uma longa clausura para ele. Fraco e Africano ocuparão seu lugar, pelo menos até que sua irmã volte para casa. Então poderá dispor deles como quer. Seu comportamento contigo foi uma falta muito séria, como o de Firminius. Você é o chefe desta casa, como maior descendente masculino pela linha direta. É cabeça de família. Todos os que vivem nesta casa, livres e escravos, mesmo sua irmã, estão sob sua guarda, sua autoridade. Eles o ameaçaram ante uma testemunha. Não atuei antes porque você não fez valer seus direitos, mas agora que iniciou,

acredito que devo me pôr do lado da lei e apoiá-lo. Embora tenha que dizer que desaprovo sua indulgência com Fraco e Africano. Acredito que cometeram uma ofensa muito grave e que deveriam ficar acorrentados até a volta de sua irmã.

— Obrigado. - Disse Lucius com a apropriada gravidade.

— Agora, com sua permissão...

— Certamente.

Aristo se afastou com o nariz elevado, rodeado por seu habitual ar de educada desaprovação.

Alia terminou sua tarefa e saiu da casa de Fio. Orelha cortada lhe deu uma palmada no traseiro quando ela partia e ela lhe dirigiu um olhar de irritação como se disesse, quem é para tomar essas familiaridades comigo?

— Tenho ouro. - Disse Orelha cortada.

— Mmmh... - Respondeu ela, mas não havia censura em sua expressão.

Era um pouco velha para Lucius ou pelo menos ele nunca tinha pensado nela naquele contexto, mas seu corpo era firme, de quadris largos e grandes seios. Seu rosto não era bonito, com um nariz proeminente e queixo de tartaruga, mas parecia que Orelha cortada a achava de seu gosto.

Lucius entrou para ver Fio, mas se deteve ante a porta junto a Orelha cortada.

— Alia? — Ele perguntou.

— Algumas mulheres são problemas. Problemas com os homens, com o dinheiro, parindo como coelhas, com não trabalhar, com mau gênio e facas, com ciúmes sempre, com descuido de se deixar roubar, com vinho. Esta segura o pagamento, cala-se, não é problema. Sim, é boa.

Lucius assentiu.

Fio jazia em sua nova cama, mais macia que a que possuía antes. A parte superior de seu corpo estava enfaixada, e a inferior coberta por lençóis de linho e uma colcha. Havia um abajur, mas ele estava com as pupilas contraídas. Havia tomado ópio.

— Ela misturou ou foi você? — Perguntou Lucius.

— Eu. Não sou tão idiota para confiar isso a outra pessoa.

— Fui até César.

— Pelos trovões de Zeus... Você correu um risco terrível.

— Sim. O que quero saber é se menti a César ao jurar por minha vida que você não estava metido em nenhuma conspiração contra ele.

Fio ficou calado por um momento... Tanto

tempo que Lucius pensou que ela havia adormecido.

—E?

—Não. — Disse Fio. - Não mentiu. Mas...

—Mas o que? —Lucius olhou ao seu redor para se assegurar de que a casa estivesse vazia. Estavam sozinhos, e além disso a porta estava fechada e a única janela era uma abertura no teto.

—Sei alguma coisa.

Lucius se conteve para não gemer fazendo um esforço de vontade.

—O que? — Ele perguntou entredentes.

Fio disse.

—E por que demônios não o disse a Antonio desde o começo?

—Porque é um rumor. As fontes das quais ouvi não são precisamente irrepreensíveis. Além disso, se houvesse dito, nosso ilustre conselheiro teria decidido que eu sabia mais coisas e ocultava. E seguido adiante com mi... Entrevista. Decidi que uma postura de completa inocência era a mais sagaz que podia adotar em tais circunstâncias.

—Cedo ou tarde teriam lhe tirado a verdade.

—A verdade não tem nada que ver com um homem submetido à tortura. Cedo ou tarde teriam inventado algo... Para que se detivessem. Agora

sabe o mesmo que eu. Vá a César se quiser, mas me diga isso com tempo, para que eu possa preparar um veneno.

—Devo fazer. Dei-lhe minha palavra. - Respondeu Lucius miseravelmente.

—Estupendo! Tomei muito ópio para me preocupar. Você é um cidadão romano, e só o decapitarão.

—Ah, mãe dos deuses. - Disse Lucius, passando os dedos pela face. - Talvez me deixem se suicidar.

—Isso não é mais divertido que a decapitação, Régulo.

—Régulo era um homem de honra. Além disso, sendo quem sou, tenho uma vantagem ao lidar com César.

—A vantagem é de César. - Disse Fio. - Ele não é idiota e não estou seguro de que possa dizer o mesmo de seu violento amigo. Suspeito que chegará a casa com a cabeça ainda sobre os ombros e sem perigo de perdê-la em futuro imediato. Os que me preocupam são os conspiradores. Parece ter muitos e sua classe é tão alta que não ficarão nada bem que há passarinhos contando contos no ouvido de César. Ou, como lhe disse um veterano, vigie suas costas, meu senhor. Vigie suas costas.

Maeniel entrou no celeiro, na primeira hora da tarde. Não havia janelas e estava escuro. Ouviu Actus antes de vê-lo se aproximando pela esquerda, com a faca em posição, se preparado para cravar-lhe sob as costelas. Reagiu como Dryas havia ensinado, fazendo com que seu oponente soltasse a faca com um golpe de antebraço. Alegrou-se em ver que a técnica funcionava bem. De fato, alegrou tanto que não pensou em fazer outro movimento enquanto Actus tentava lhe golpear o rosto. Mas o golpe não o alterou. Ele se limitou a pegar o ruivo e lhe jogar contra a parede.

Actus pareceu aturdido por um instante. Logo se deixou cair até ficar sentado em chão e começou a gritar.

— O que acontece contigo agora? — Perguntou Maeniel.

Não obteve uma resposta coerente, mas já sabia que os humanos estavam loucos. Faziam as coisas mais peculiares nos momentos mais inoportunos. Pegou Actus pelo pescoço, como teria feito com um filhotinho em plena ira e o arrastou para fora do celeiro até o tronco cavado que servia como coxo para os cavalos. Deu-lhe um par de murros para romper a camada capa de gelo da superfície, e logo colocou a cabeça de Actus pelo

buraco.

Actus emergiu balbuciando e mugindo e Maeniel voltou a lhe afundar a cabeça. Ele tornou a sair balbuciando, e Maeniel o afundou pela terceira vez. O rosto do Actus tinha adquirido um interessante matiz azulado, com lábios vermelhos e olhos fixos. A água gotejava de seu nariz e sua boca. Maeniel o olhou dubio...

Dryas chegou correndo e o ajudou a levar a Actus de volta ao celeiro.

—Não o matei, certo? — Perguntou Maeniel ansiosamente.

Dryas apoiou Actus sobre uma bola de feno.

—Não. - Ela disse. - A cor está voltando em seu rosto. - Ao mover o pé, ela chutou algo que deslizou sobre o chão. - Uma faca! O que...

—Não me olhe! Eu não queria lhe fazer nada. Pelo menos, desta vez não. Ele continua furioso porque o golpeei na cabeça, roubei-lhe sua roupa e tentei Imona para que fugisse comigo. A menor ofensa os enfurece. Vocês são as criaturas mais rancorosas da terra. Mesmo um alce esqueceria em uma semana ou duas se eu lhe tivesse açoitado... Mas não um de vocês. Além disso, ele tentou jogar vinho em meus olhos. Falhou porque, como homem, meus olhos estão muito acima que

quando... Por que estou explicando isto? Ele tentou me cravar uma faca nas costelas e eu o peguei. Teria eu conseguido cravar nele. De fato... — Maeniel estendeu a mão para a faca entre as sombras.

—Não! — Gritou Dryas, lhe afastando de Actus. - Não, não! Por favor, não! Agora ele está indefeso.

Maeniel sustentou a faca de Actus, uma coisa escura e de lâmina estreita com o punho de presa de javali.

—Eu sabia. — Ele disse com ferocidade e Dryas o olhou como olharia um cão grande e ruim que se soltou da corrente. Ele captou seu olhar e retrocedeu com expressão enojada. - Você me tem medo. — Maeniel assinalou Actus. - Mas é esse idiota quem deveria se preocupar. — Ele se voltou e cravou a faca no gonzo da porta. Logo a partiu justo sob cabo e saiu do celeiro.

Actus, que não havia chegado a ficar inconsciente, cambaleou. Gotejavam-lhe o nariz e os olhos.

Dryas o cheirou, recuando um pouco.

—Está bêbado.

Actus lhe cuspiu no rosto e disse várias coisas com voz grave, muitas delas em latim. Aquele idioma tinha um vocabulário sexual bastante rico,

grande parte ofensiva e degradante. Depois voltou a soluçar e saiu para a rua.

Maeniel caminhou até a porta da paliçada. «Mulher da noite» era como recordava a rainha da loucura, a fêmea da procriação, a criação e, por fim, a destruição.

—Mulher da noite, odeio ser humano! — Ele gritou, mas a única resposta que obteve foi o vento invernal em seu rosto.

As nuvens se aproximavam do norte, com suas pequenas e afiadas laminas de temporal de neve. Chuva e neve. Lembrou ao lobo uma profunda saudade que acreditava ter deixado atrás.

Chegaria algum dia no qual poderia esquecer a agradável sensação da pelagem, não a pele, levando seu calor consigo? A forma em que suas garras se apoiavam no solo a gelado? A resistência que alguma vez se esgotava quando precisava correr? A velocidade outorgada por quatro patas em lugar da torpe luta com apenas duas?

A beleza do silêncio, quebrado só pelo murmúrio da água ou os sons como sinos da neve ao cair, o vento suspirando entre os abetos da montanha, o canto dos pássaros na primavera e verão enquanto corria junto ao rio ao amanhecer... Tudo isso oposto a incessante gíria, ao contínuo

ataque de sons lançados por aquelas farfulhantes criaturas.

Deteve e respirou fundo. O vento invernal lhe queimou a garganta e os pulmões.

O focinho de um lobo é longo e esquenta o ar à medida que passa por ele. Como humano, Maeniel carecia daquela comodidade. Tinha saudades da liberdade além dos muros daquela cidade meio em ruínas. Ansiava atravessar o rio coberto de neve e se internar no bosque gelado da outra margem. Mas se tentasse sem chamar o lobo, provavelmente morreria. Não, estava encerrado ali. Encerrado como aqueles acovardados humanos, temendo o frio e a neve, assustados com a longa noite invernal.

Não. Estava preso ali, trabalhando como um escravo. A princípio não tinha sido consciente de sua posição. Fazia o que fosse necessário fazer. Mas não lhe custou muito tempo se dar conta de que as mesmas tarefas que o encomendavam tão freqüentemente só as realizavam as mulheres ou os homens mais desprezados da comunidade.

Separado da parte mais importante de si mesmo, solitários entre aquelas infelizes criaturas, gastaria sua vida como servente entre os restos de um povo derrotado. Não passava por cima a atmosfera de desespero que pesava sobre aquele

último refúgio do qual antes havia sido um povo orgulhoso.

Podia sentir sua dor e seu desespero. A tragédia era tão evidente para ele como o frio levado pelo vento.

Mir o chamou de um lugar sob o beiral do grande salão principal. O ancião contemplava em silêncio a queda da neve.

Maeniel se aproximou e ficou ao seu lado. Para seu pesar, gostava de Mir. Uma das razões era que quando não tinha nada a dizer, não dizia nada. Blaze parecia incapaz de se calar e Dryas... Bom, Dryas era um mistério. Às vezes a odiava. Outras vezes a temia. Recordava o desejo que tinha sentido por ela, mas, como havia dito antes, agora era uma mulher de neve.

Mir coçou a ponta do nariz.

— Há um banquete esta noite. — Ele disse. — Cynewolf está tendo problemas com sua gente. Sabe algo sobre caçar?

Ele fitou o ancião, profundamente irritado, até que se deu conta de que ele brincava.

— Um pouco - Disse.

Uma hora mais tarde, Maeniel se encontrou sobre um cavalo, percorrendo a borda do rio com o vento no rosto. A sua discreta maneira, Mir era o

mais eficiente dos três.

Blaze caía facilmente no esotérico. Por exemplo, como a questão, se movem as estrelas? Ele entreteve o lobo durante três horas, começando pelo que significava. A terra é plana ou redonda? Qual é a partícula indivisível menor?

Dryas divagava com assuntos, como a um guerreiro é proibido beber hidromel quando já saiu à lua, mas descobre que para salvar a vida de um amigo deve beber hidromel depois da saída da lua, o que é pior? Beber o hidromel ou sacrificar a vida de um amigo à pena da lei?

O lobo considerava aquilo uma completa e absoluta tolice. Ele beberia hidromel depois da saída da lua, do sol ou de qualquer outra coisa para salvar um amigo. Mas aceitava que a situação pudesse ser um terrível dilema.

Mir só se preocupava em fazer com que se vestisse de forma adequada e lhe encontrar arreios razoavelmente tranquilos. Alguns cavalos tendiam a se tornar pouco manejáveis quando percebiam seu aroma.

Maeniel usava uma túnica grossa, calças soltas e atravessadas e um manto de lã, botas cravejadas e boas meias.

Estudou o pântano e a margem do rio com

olho perito. Os cervos eram a caça mais habitual perto do Oppidum. À medida que escurecia, deixavam seus refúgios nos pântanos e entravam nos campos abandonados para se alimentar com os restos dos grãos que encontrassem. Podiam encontrar maçãs silvestres, ervas e inclusive caramujos.

Sua sela era somente uma tripla camada de mantas. Estava com três dardos em um alforje de couro pendurado junto ao joelho. Mir lhe tinha dado as melhores de Dryas, com hastes de freso e pontas de aço. As laminas eram estreitas, mas afiadas com bordas dentadas para que não fosse fácil arrancá-las.

Para Dryas, era o mundo da bruxa, rainha do inverno. O marrom, o negro, o verde e o cinza eram suas cores. O semilobo corria através de um reino de desolação adornado por seus símbolos.

A madeira e o pântano eram negros, pois a umidade se filtrava nos troncos das árvores, tornando-os da cor do barro úmido, mas os galhos altos eram marrons, salvo pelos festões de muérdago verde pálido.

A vegetação morta era de outro tipo de marrom, uma cor mais rica e escura onde se misturava com as árvores, mas com um matiz

prateado onde a água se encontrava com a terra e a geada cobria a vegetação morta. O céu era do cinza da névoa, manchando a água do pântano e do rio. Ali não se congelara. Fervia entre as rochas. Só estava quieta nas margens. Calomos lagos e o furioso rio pareciam um so, com o frio céu cinza.

O homem é o vencedor, ele pensou. O vencedor no antigo jogo da sobrevivência.

Quando perdeu vista o Oppidum, ele incitou o cavalo a passo, mantendo ao animal perto do pântano e longe do rio. Estava acostumado a ajudar ao cavalo a escolher uma rota sobre terra sólida, de forma que o animal pudesse se mover em silencio no escuro bosque. O vento seguia em seu rosto.

O Oppidum estava situado em uma colina. Nas cercanias, o pendente era tão pronunciado que, em algumas ocasiões, o lobo tinha problemas para manter seus arreios sobre chão firme. Mas a terra voltou a se nivelar. Houvera granjas ali, quando o povo era o centro de uma poderosa tribo. Embora ainda fossem trabalhadas, os granjeiros viviam no Oppidum, assustados em morar em sua terra.

Maeniel chegou à margem de uma grande propriedade, dividida em pastos e terra de lavoura. Cavalgou com mais cuidado. Havia rastros de cervos, com sua forma característica. Então ele viu

formas pardas, um rebanho ide solteiros do inverno. Todos machos, com chifres que chegavam a seis pontas.

Fez com que seu cavalo se aproximasse do bosque, devagar. Seguia com o vento no rostora. O cavalo se moveu lentamente, levando-o cada vez mais perto dos cervos.

Quando julgou que estava o bastante perto, ele tirou uma das lanças e fez com que o cavalo saísse a galope. Os cervos haviam estado comendo perto do rio e procuraram um terreno mais alto.

Ele soltou o primeiro dardo como lhe tinha ensinado Dryas, falhando. Sentiu que o cavalo acelerava o galope.

Vários dos machos maiores e velhos desapareceram atrás de uma elevação do solo. Ele se deu conta de que tinha o segundo dardo na mão sem ser consciente de tê-lo pego.

Um jovem macho saltou diante dele, que lançou o dardo de forma automática.

Estava seguro de ter falhado, pois o cervo se elevou com a graça de um pássaro para saltar um sob muro de pedra. O dardo e o animal se encontraram na metade do salto. O cervo morreu imediatamente, caindo feito um farrapo junto ao muro.

O cavalo subia pela colina, com as coxas de Maeniel bem apertados e seu corpo inclinado sobre o pescoço do animal. Ele estava com outro dardo na mão e notou o rebanho formando um semicírculo, com os dois líderes a ponto de entrar no pântano. Os cervos dos extremos eram os alvos mais fáceis, mas se tratava de animais muito jovens, de um ano no máximo.

O cervo que estava mais perto das árvores se encontrava em sua plenitude, um grande macho de quatro chifres. Maeniel tomou sua decisão, não como lobo mas como homem. Sequer sentiu que a lança abandonava sua mão, mas um instante depois, ela estava cravada no ombro do maior dos machos, que desvaneceu entre a espessura.

Maeniel saltou do cavalo e começou a correr imediatamente. O rastro de sangue estava muito claro, com grandes gotas vermelho entre as árvores. Podia ouvir o animal adiante dele, abrindo caminho entre os matagais e o golpe de suas patas ao saltar a barreira da vegetação.

Ele cobriu o rosto com o manto para se proteger dos espinhos e sarças e seguiu o rastro, entrando no rastro do cervo.

Em um instante ele estava do outro lado, bem a tempo de ver o cervo saltando uma sarjeta que

levava ao rio. Não apareceu ao outro lado, mas Maeniel não freou o passo até chegar à margem.

O cervo estava morto no fundo, com as patas estiradas, a língua lhe saindo da boca e os olhos fixos no vazio.

Maeniel viu que estava com a faca na mão. Nem se tinha dado conta de que a tirava. Ficou em pé por alguns momentos, ouvindo como o silêncio assentava ao seu redor.

Sim, ele pensou. — Sim. — Disse em voz alta. — Somos os reis dos assassinos. — Um lobo teria caçado um dos cervos mais lentos, procurando os animais velhos, feridos ou fracos do rebanho. Mas um homem não. Ele tinha escolhido a melhor peça porque tinha os meios e a habilidade para com ela, para ele e para os seus.

Então recordou que outros seriam os primeiros a escolher sua carne no banquete da noite. A parte do campeão seria para outros homens, não para ele. E a cevada que havia tomado no café da manhã lhe azedou no estômago.

Desceu pelo aterro, pegou o cervo pelas hastes e puxou-o até o alto, onde começou a destrinchá-lo. Antes de terminar, comeu o coração e o fígado, ainda quentes e fumegando no frio ar. Sabia bem. Deixou a carne sobre o galho mais baixo de uma

árvore e foi à procura do outro animal.

Quando ambos os cervos estavam limpos e preparados, ele se sentiu mais quente e bem alimentado. Também havia comido o coração e o fígado do segundo.

O cavalo, com o suor secando em seus flancos, esperava em campo aberto, onde havia sido uma granja.

Maeniel estava com as mãos sujas e foi ao rio lavá-las e limpar sua faca, além disso seria mais seguro deixar que a carne esfriasse antes de carregá-la sobre o cavalo. O animal era tranquilo, mas não queria ter que passar um momento lhe falando para que se acalmasse. Os cavalos tendem a ser cabeçudos e pouco suscetíveis à persuasão racional. Enquanto trabalhava nos estábulos, Maeniel tinha chegado a falar um pouco de sua linguagem... Não muito, mas mais do que qualquer humano obteria. Como os humanos e os lobos, eles variavam muito quanto a inteligência e caráter, mas pareciam propensos a atravessar a linha da raiva ou do pânico irracionais bem mais rápido que os humanos ou os lobos cinzas. Provavelmente era uma vantagem, tendo em conta que sua sobrevivência dependia das reações automáticas as ameaças da natureza e aos predadores. Mas aquela sua

tendência era um problema para que os humanos os escravizassem e esperavam um mínimo de contenção e inteligência inclusive de seus escravos, humanos ou não.

Perto do rio, ele encontrou um pequeno lago escavado em uma região baixa. Parecia ter tido comportas para quando o rio subisse e permanecer cheio quando o rio abaixasse.

Ao se aproximar da margem e descobriu que a terra ao seu redor estava mole. Ao se aproximar da água, afundou quase até os tornozelos.

A princípio o incomodou, mas logo despertou o lobo. Aquilo surpreendeu ao homem, porque tinha começado a acreditar que seu ego havia desaparecido para sempre.

Olhou-o com seus olhos amarelos de algum longínquo lugar de exílio.

Néscio! As palavras se formavam em seu cérebro. A raiz do desgosto de seu irmão de pesadelo. Tanto entregaste a sua fácil cegueira ante o mundo que te rodeia, que não pode ouvir o aviso que o vento e a água gritam ao seu nariz e a seus olhos?

Sim, a terra estava removida nas margens do lago, por causa das pegadas de homens e cavalos. Maeniel guardou silêncio, como o lobo, sua mente

vazia de todo o resto, tentando ler a informação que lhe chegava.

Homens, sim. Não, não só homens, soldados. Couro, aço, suor mas não medo. Uma mulher! Uma moça, indícios de perfume, de crua sexualidade, de ira. Uma fêmea dominante, como a mãe da alcatéia. Cavalos, montarias militares. Tinham parado ali para se aliviar, sim, inclusive a mulher, entre os salgueiros e cerejeiras junto à água. Logo haviam comido. Havia cozinhado comida: carne, pão, queijo... E esperado alguém. A ausência de aromas de ira indicava que não estavam à caça ou atacando alguém.

O que, então? O que estavam fazendo? Ele começou a dar voltas muito devagar. Actus.

Actus, capas de aromas. Homem, roupa, suor, bebida. Actus tinha o aroma característico dos humanos bebiam muito vinho. Ira e enfermidade, aromas próprios deles. Ele e só ele deixava aquela assina no ar, no chão, sobre as folhas, as árvores, os ramos e os arbustos onde passava. Tão reconhecível como um rosto para um ser humano.

Maeniel já conhecia e entendia muito melhor os humanos, mas aquilo o intrigou. Não se sentia alarmado. Eles já haviam saído e não eram uma ameaça para ele nem para ninguém.

Encontrou um ponto onde lavar as mãos e limpar sua faca, em um buraco no gelo junto à borda. Esfregou a lâmina da faca com sebo de cervo antes de embainhá-lo novamente.

O céu estava escurecendo, mas a luz na margem das nuvens era brilhante e um pálido e murcho sol reluzia através delas, polvilhando a cor cinza e a parda paisagem invernal com sua luz dourada.

Maeniel pensou na beleza, tal como a percebiam os homens. Sim, os lobos também a conheciam. Um sentido de correção, o diálogo entre o espírito da vida e as almas de quem iam e vinham nas marés do tempo. Não importava o que lhe acontecesse, atuaria bem no mundo, fosse como lobo ou como homem e seria fiel a si mesmo em todo caso.

A luz dourada acabou por desvanecer e Maeniel voltou a subir pelo aterro, carregou a carne de cervo sobre o cavalo e retornou ao Oppidum.

Mir estava esperando na porta quando ele chegou, guiando o sobrecarregado cavalo. O ancião levou a animal ao estábulo e disse a Maeniel que fosse ajudar ao cozinheiro.

O grande salão estava sendo preparado para o banquete. Havia tochas ardendo nas paredes. Uma

dúzia de peças de carne já estavam sobre o fogo no centro e os dois cervos se uniram a elas em poucos instantes. O macho de quatro chifres ganhou um estertor de admiração dos presentes, que começaram a brincar sobre quem reclamaria a parte do campeão de uma fera tão esplêndida.

Maeniel saiu do salão e foi visitar Mir. Mir, ele, Dryas e Blaze tinham seus alojamentos no mesmo lugar. Havião ocupado um edifício meio em ruínas no extremo mais afastado do acampamento. Quando chegaram, a casa estava vazia e com o telhado quebrado, e a neve tinha entrado para cobrir um piso já quebrado pela chuva. Limparam tudo, cobriram as janelas com pergaminho encerado, repararam o telhado e se estabeleceram ali. Dryas e Mir dormiam em leitos encaixados em ocos da parede. Blaze tinha um jergon e Maeniel se estirava sobre uma mesa.

Havião feito amizade com uma mulher, Evars, que era a encarregada de varrer o chão, lavar as roupas e lençóis e estende-las sobre a neve para expulsar os percevejos. Dryas era limpa e pulcra, ao estilo dos soldados, mas não doméstica. Evars podia cozinhar e normalmente o fazia, mesmo quando não era necessário, como naquela noite. Uma sopa fervia no caldeirão. Mir estava lendo, Blaze escrevendo e

Dryas afiando os três dardos que Maeniel havia usado.

O lobo se serviu uma tigela da sopa quente e se sentou à mesa.

—Quero a parte do campeão esta noite. - Ele disse.

—Não seja idiota. - Disse Blaze, sem deixar de escrever.

Mir seguiu lendo.

—Como?

Dryas passou a pedra de afiar pela ponta do dardo.

—É tua se a quer. - Ela disse—, mas provavelmente terá que matar um ou dois homens para consegui-la.

Blaze e Mir levantaram o olhar, como dois pássaros em uma fonte que tivessem ouvido o mesmo ruído.

—Não é o bastante bom. - Disse sinceramente Blaze.

—Ou é? — Perguntou Mir.

—É - Respondeu Dryas. Logo ela se voltou para Maeniel. - Sim, ele é. É o melhor que vi e, certamente, o melhor que treinei. Se sente-se preparado para aceitar os desafios de outros fanfarrões, mantenha-se em seu lugar. Não posso te

garantir que vá ganhar... Ninguém poderia assegurar. Mas acredito que é bastante provável.

— Você não é nobre. Seu sangue...

— Oh, cale-se. - Disse Dryas a Blaze. - O que é ser nobre? Ele é filho da que dá a loucura, que inspira profecia às mulheres e frenesi de batalha nos homens. Sua casa é a casa do lobo. Era sua líder e também será aqui entre os homens.

Dryas podia sentir o colar em seu pescoço, e não pôde se conter para não tocá-lo. Ele se arrastava como uma serpente sob sua blusa de linho. Maeniel elevou a cabeça e a fitou nos olhos.

— Não sou para ti - Disse ela. - Se voltasse, teria que dar um rei a meu povo e já não posso fazê-lo. Não sou apta para governar.

Mir meneou a cabeça.

— Lobo, um menino estende sua mão para o fogo e diz, é bonito, quero-o, sem entender a verdadeira natureza e o perigo daquilo que admira. Você é ainda como uma criança entre os homens. Suplico-te que olhe em seu coração antes de pegar algo só porque parece atraente ao seu olho inexperiente.

— Não me chamo Lobo, mas Maeniel - Respondeu ele. E voltou para Dryas. - Não havia dito.

—Não. Seu nome é teu e foi sua protetora quem o deu... Um nome e muito mais. Mas o conselho de Mir é bom. Meça-o e logo decida como deve atuar no banquete. Quando pegar uma flor, não pode saber se há ou não uma vespa entre as pétalas, ou uma víbora enroscada em uma coroa. Mas sendo certo tipo de criatura, provavelmente precisará averiguar. Então boa sorte... Acredito que precisará.

Quando Dryas começava a lubrificar as pontas das lanças, Evars entrou para lhes anunciar o banquete.

Capítulo 18

Lucius organizou o serviço doméstico. O velho porteiro, Octus, parecia um excelente criado pessoal, pelo menos pelo no que a ele respeitava. Era tão calado como havia dito Aristo. Não importunava Lucius, que odiava que o incomodassem. Mantinha limpas suas roupas, fazia a cama, arrumava suas coisas e o deixava tranqüilo para se dedicar ao que quisesse, sem queixa ou comentários.

Lucius deixou passar um dia. Fio estava se recuperando bem e já estava em pé, caminhando e comendo tudo o que Alia lhe levava.

Orelha cortada se mudou para a casa, com suas coisas que trouxera de Ambóru. Consistiam principalmente em mais arma e roupa de lã. O galo era o bastante sofisticado para ter um banqueiro no Foro e Lucius suspeitava que seu dinheiro houvesse acabado ali, salvo a moeda Alia que havia ganhado.

Lucius disse a Octus que ia visitar César e precisava se vestir bem. tomou um banho e Octus lhe levou uma magnífica túnica de linho e seda cor marfim.

—Não é minha. – Disse Lucius saindo da

banheira do tepidarium.

—Acredito que sim. Seu pai lhe comprou muitas coisas bonitas quando foste cumprir seu serviço militar. De alguma forma, umas quantas delas acabaram nas habitações de Firminius. Aristo as recuperou.

Era um objeto simples, mas muito bem cortado e tecido. Logo Octus lhe pôs a toga senatorial por cima.

Já era perto do meio-dia e Lucius não se sentia nada impaciente pela entrevista. Não pensava que pudesse acabar decapitado, mas confessar A César que se equivocara quanto à ignorância de Fio não era uma perspectiva agradável.

Quando chegou à casa do ditador, um soldado lhe franqueou o passo como da vez anterior e ele entrou no mesmo peristilo.

A residência era surpreendentemente modesta para um homem da riqueza e poder de César. Mas, ao passear ao redor do lago no centro do jardim, Lucius começou a compreender como um guerreiro cansado de tantas campanhas podia se sentir agradecido por voltar para um lugar tão tranquilo.

Naquele resguardado jardim, as ervas de inverno, émulas de grandes flores amarelas, salvia com longas puas azuis floresciam por toda parte.

Ainda havia rosas, de pétalas que estavam se tornando púrpuras com o tempo; grandes maços de romeiro resplandecendo junto a cada coluna do alpendre; e inclusive ma-me-queres amontoados em torno de um relógio de sol sob um agnocasto de flores azuis, que saíam como lanças da densa e aromática folhagem. Lírios e lótus egípcios floresciam no lago junto a uma vegetação aquática de tom azul que parecia ter sec estendido pelas margens dos lagos do peristilo. Uma estátua separava ambos os lagos. Era uma figura diminuta, de alguma espécie de mármore negro esverdeado. o princípio, Lucius a tomou por bronze, mas ao se aproximar mais viu que era pedra de uma cor estranha.

Já era velha. Devia ter sido feita quando Calpurnia era jovem, pois levava uma toga praetexta, a própria de uma garota solteira ainda por chegar à maturidade confirmou a Lucius que antes ela havia sido extraordinariamente bela. Calpurnia filha do Pison, esposa de César, nascida para viver e morrer entre ambos os homens

Recordou como a havia descrito Fio naquela mesma manhã:

—Sim. - Havia dito o grego. - Uma grande senhora e uma mulher muito doente.

—Não se trata de simples ciúmes de César, como dizem?

—Não. Estão equivocados. Ela compreende os deveres e cargas de estar casada com um dos grandes dragões políticos de sua cidade, e aceita. Foi criada para assumir suas obrigações para o marido, a família, a cidade e inclusive a de tipo social. Sua família está atormentada por um problema de natureza misteriosa e aterradora. Estudei na Alexandria com um especialista em trepanação. Sabe o que é isso?

—Abrir buracos no crânio.

Fio assentiu.

—Exatamente. Calpurnia teme essas enxaquecas por que... Acredita que às vezes levam consigo um conhecimento do futuro. Quem sabe? Pode ser que tenha razão. Predisse a morte de seu pai e a de sua irmã, mas o grande problema é que as dores de cabeça foram se tornando mais freqüentes nos últimos anos. Passaram de duas a três por ano, a uma a cada uma ou duas semanas. São terrivelmente dolorosss, mas breves, só meia hora. E posso torná-las mais curtos administrando uma mistura de ópio, matricaria e valeriana. Mas Calpurnia necessita da cirurgia e não quer submeter a ela. Acredito que é sua única esperança, mas ela

teme que possa deixá-la transtornada ou que não sirva para nada, duas possibilidades muito reais. Às vezes, simplesmente não funciona. Um parente de sua mãe se submeteu Àa trepanação e esteve uma semana como morto. Então, para mortificação e desgosto de seus familiares, que já estavam repartindo suas propriedades, se recuperou por completo e sobreviveu até uma idade avançada. Não obstante, sua irmã ficou privada do ouvido e da fala, perdeu o uso do lado direito de seu corpo e morreu, como uma das irmãs menores de Calpurnia: depois de uma noite aparentemente tranqüila, foi encontrada morta por seus criados quando foram despertá-la pela manhã.

—Que misterioso. — Disse Lucius.

—Sim, muito, mas ao menos tem em mim alguém que leva sua dor e seu medo a sério e não o atribui a sua posse de um útero em vez de um rabo e testículos. Estou seguro, por minha experiência na Alexandria, de que sua enfermidade é real e bastante perigosa.

—Mas como?

—Os sintomas aumentando. Quando esta desordem é benigna e pode ser, a frequência e duração se mantêm estáveis. Mas quando não é e a frequência ou a gravidade aumenta rapidamente, o

físico enfrenta a possibilidade da incapacitação ou inclusive a morte do paciente.

—Muito ruim para uma dama de sua classe, tampouco nada bom para o físico.

—Sim. - Disse Fio torvamente. - E não acha que não tenha pensado de vez em quando.

Mas ao olhar a estátua de Calpurnia, sua juventude congelada em pedra como uma imagem de beleza, graça e deleite, ele pode ver por que César tinha tido que tê-la, permanecendo tão fiel como podia ser um homem de seu tipo durante tantos anos.

Justo então apareceu um secretário para lhe dizer que César o veria naquele momento.

Lucius seguiu o secretário através de dois grandes salas de recepção ocupadas por alguns dos mais importantes, influentes, ricos e poderosos homens de Roma. Conhecia muitos deles da câmara do Senado e tentou evitar suas tiradas porque sabia o que estariam pensando. Por que esta flacucha nulidade do tipo baixo está sendo levada a presença do primeiro homem de Roma antes que nós? E ele também se perguntava.

César estava sentado em um escritório entre dois secretários, que despediu com um gesto quando entrou Lucius. Assinalou-lhe uma cadeira, e

Lucius obedeceu.

—Enviou-me uma nota dizendo que queria ver-me.

—Sim, eu... — Titubeou Lucius. E limpou a garganta. - Não fui totalmente sincero... Não, eu justifico. Não é a palavra adequada, preciso é estarmelhor, muito, muito melhor... — Ele notou que sua mãos, suas axilas e sua testa estavam molhadas. - Eu... Fio, não... Eu e Fio... Quero dizer, os dois... Tivemos uma conversa depois de que ele foi... Torturado. Não, na realidade não quero dizer isso... Torturado. Naturalmente, você nunca faria...

—Oh, sim. Eu faria. — Disse César.

—É obvio, o... Aah... Faria-o.

—O que é o que sabe Fio? — César parecia de uma vez suspicaz e zangado.

Lucius começava a se sentir doente.

—Não sabe nenhuma condenada coisa, mas tinha ouvido rumores e já que empenhei minha palavra, pensei que devia...

—Tropeçar com sua própria língua a cada duas frases.

—Sim... Não... Sim...

—Basta! — Ordenou César elevando um dedo. - Respire fundo e me conte esse rumor, Régulo. — César adotou uma expressão divertida.

— Régulo? Fio me chamou assim. Provavelmente tinha razão. Está acostumado a tê-la. O rumor diz que uns cinqüenta senadores há... Que estão considerando a idéia de te matar.

César arqueou uma sobrancelha.

— Cinqüenta. Um bonito número redondo. Soa mais como um grupo faccioso, que como uma conspiração.

— Alguns dizem quarenta - Disse Lucius com gravidade. - E outros sessenta. Eu parti a diferença... À mentalidade mercantil de minha família, César.

— Algum nome?

— Alguns poucos. Quatro deles seguros, dois prováveis. Tílio Cimber, Bagaço, Brutus... — Lucio vacilou. - E Cicero.

— Naturalmente - Disse César. - Cicero me odeia.

— Casio. E o outro é um desconhecido e agora não recordo seu nome.

César elevou a mão.

— Não se incomode, mas obrigado. Sei que vir hoje aqui foi difícil para ti, mas ando ouvindo essas histórias desde que voltei para Roma.

Lucius soltou um suspiro de alívio.

— Então não é nada novo. Bem, então me

alegro em ter vindo. Sinto-me muito melhor. Não dá crédito a essas histórias?

César meneou a cabeça.

—Não, não o faço. Sempre são muito vagos e os nomes mudam cada vez. Alguns dos que mencionaste hoje são íntimos meus e estão me esperando na hall para me ver. O que vou fazer? Ordenar meus soldados que levem um ou dois deles ao jardim e os decapitem com o pretexto de que estão tramando uma traição?

—Eles não o veriam como uma traição César, mas como uma forma de serviço ao estado.

César se afastou para trás em sua cadeira e começou a rir.

—Não é divertido! São perigosos.

A risada de César terminou em um sorriso irônico.

—Mas que não se atreveriam.

—É muito para mim. Eu não poderia propor nem aceitar uma aposta assim. Há muito em jogo.

—O que deveria fazer? Carregar os jogo de dados?

—Nos jogos aos que se dedica, os jogo de dados estão sempre carregados, mas eu me asseguraria de ter o melhor par. Não são somente perigosos para você, César. Vim para te dizer que

não quero me ver comprometido em suas tramas e preso ao seu destino por nada.

—Uma atitude sensata. Muito bem, pode ir. Mas antes que vá, tenho que adverti-lo. Avalio a amizade de sua irmã e não ficaria bem nenhuma ingerência em seus assuntos e atividades pessoais. Então deixe que a pátria potestas e o chefes de famílias fiquem nos códigos legais aos que pertencem.

Lucius sentiu que o cobria uma onda de raiva, tão poderosa que podia senti-la nos batimentos de seu coração e o intumescimento de sua pele. Certo, em parte era gerada pelo medo do tamanho do poder daquele homem, mas o resto se devia ao ultraje ante aquela afronta direta a sua dignidade.

Inclinou-se para diante em sua cadeira, com os dedos brancos sobre as guardas.

—César, Fulvia e eu nos compreendemos mutuamente. Ela fica em seu lado da casa e eu no meu. Ela dirige a maior parte do dinheiro da família, e não me importa enquanto tenha o que queira, e quando o quiser. Mas isso não lhe dá permissão para atacar meus amigos, me soar o nariz ou usar meu membro e meus testículos para dar um herdeiro à família Basília. E quanto A esse rato do Firminius, é uma víbora venenosa que tentou

afundar as presas no calcanhar de meu amigo. Teve sorte que a lei estivesse do meu lado, porque do contrário teria feito outra coisa e ainda estaria tentando recolher suas tripas do solo de seu perfumado dormitório. Quanto a esses traidores do senado, está certo. Não descida me unir a nenhuma de suas conjurações, mas não porque tema o fracasso, mas porque quando eu cair, pretendo merecer. Merecer verdadeiramente.

César se afastou para trás.

— Todo um Régulo. Sinto-me como se tivesse prendido uma ovelha entre os chifres e resultasse ser um leão. — Ele soltou um desagradável risinho. - Talvez sua irmã tenha razão. Deveria te atribuir um legado e deixar que desafogasse seu temperamento ruim no campo de batalha. Encontrará mais apropriado para aliviar sua considerável tensão de estar ante um homem, com poderes de vida e morte sobre ti e seus duvidosos associados.

Lucius sentiu que sua pele esfriava, mas não estava disposto a ceder. Estava cansado de sofrer humilhações por parte de Antonio e aquele homem. De ser enviado ao Senado como espião. De que lhe dissessem com tão distraída crueldade que cedesse sua posição como cabeça da família. Para coroá-lo

com um atentado contra a vida de Fio. Não! Basta, pensou.

— César, algum dia vai conseguir muitos inimigos.

— Sim, pode ser que já o tenha feito, mas não acredito que você seja um deles. Sabe que seu pai me recomendou sua irmã, mas não a ti?

— Não me surpreende muito, César. Não acredito que fosse feliz com minha mãe nem que se preocupasse muito pelo filho que tivera com ela.

— Acredito que aí poderia se equivocar. O que ele disse de você que era tão inocente como um criança e tão transparente como um copo de cristal. Mas esqueceu mencionar que era tão teimoso como um touro furioso quando se zangava.

— Vindo dele, não eram cumprimentos.

— Não, provavelmente não, mas pense. Todos se equivocam em sua avaliação da candura e da honestidade. A verdade tem suas utilidades. Simplesmente, agora não é popular em Roma. Tem ambições políticas?

— Não.

— Bem, então poderia te oferecer um comando. Nada muito elevado, mas se servir entre meu pessoal, pode ascender rapidamente. Não encontro razões em meu coração para me preocupar

com sua inimizade. Um homem que teria algo a temer de sempre te veria vir.

—Supõe-se que devo me sentir reconfortado por isso? Seus inimigos não devem durar muito. Fez com que Vercingetórix fosse estrangulado em seu triunfo e que outro galo, agora não recordo seu nome fosse açoitado até a morte. Falei com um centurião que esteve presente durante a execução.

—Os galos ficaram impressionados.

—E também o centurião e eu mesmo. Obrigado, mas não. Agradeço. Não tenho vontade de me pôr entre você e os partos. Nem agora nem nunca. E sinto o mesmo pelo Senado. Eu teria muito cuidado com esses notáveis, sobretudo os mais próximos a ti.

—Acredita que são perigosos?

—Sim.

—Pois bem. — Por um momento, o governante do mundo pareceu triste. - Eu não acredito. A Roma que destruiu Cartago e derrotou Aníbal desapareceu.

—Sim, estou de acordo, mas eles não sabem. Sua forma de pensar não acompanhou o passar do tempo. Acreditam que o Senado seria novamente o que foi, se os novos homens que o poluem fossem expulsos. E se você estivesse morto.

A máscara caiu. O pano de fundo se abriu e pela primeira vez, Lucius viu o homem em si. Ou pelo menos foi o que pensou mais tarde, quando estava sozinho e meditando sobre as palavras de César.

E por um instante compreendeu como alguns homens podiam ter considerado um favor que ele lhes permitisse se suicidar antes de enfrentar um castigo ideado por ele.

O rosto de César era como de pedra, tão imóvel que quando um músculo se agitou em uma bochecha, Lucius se encolheu como se ele o tivesse prendido. Sabia que se encontrava em um perigo mortal e que se o ditador o quisesse morto, estaria em questão de momentos.

A voz do ditador adotou um tom selvagem dirigido expressamente a ele.

—E acredita que pode ficar de lado? Como disse, ficar em seu lado da casa e sua irmã no dela? Bem, pois não pode. Queira ou não, você é um jogador nesta partida e deverá aceitar o resultado.

— César se inclinou para diante, fitando Lucius nos olhos. - Sabe quando se converteu em jogador?

—Não.

—No dia que seu pai me enviou o dinheiro para equipar uma legião e pagar os homens durante

um ano. E outra vez quando cruzei o Rubicon e sua irmã me deu o custo de outra legião adicional e seu pagamento por um ano. Ambos multiplicaram por sete esses investimentos... E sete é um cálculo precavido. O mais provável é que fosse por dez ou por quinze. O ouro dos galos fez baixarem um terço o preço do áureo. A flor de sua juventude foi leiloada em Roma ou encadeada em grupos para trabalhar nos campos das propriedades da família Basilia. Os galos morreram em suas minas, cultivaram seus vinhedos e derramaram um dourado riacho de azeite e trigo nas arcas de seu pai. Cavalos e um rio púrpura de vinho entraram em seus navios para ser vendidos com desconto a todos os bárbaros daqui à Ilha Branca. Então te presente: tanto minha amizade como meu respeito podem ser comprados, mas não saem baratos. E se quiser ambas as coisas e a liberdade de viver como quer, terá que se colocar no jogo, pegar os dados, fazer sua aposta e jogar! Estou de acordo que o que disse seu pai não foi cumprido, mas acredito que pôde se equivocar. Às vezes, quem é incapaz de enganar os outros são por sua vez muito difíceis de enganar e em seu caso pode que seja assim...

— Alongaste a mão.

— Sim, e não a estendo como sinal de amizade.

Está assim desde que pronunciei meu primeiro discurso na Rostra, a mais anos dos que eu gosto de lembrar. Agora, vá! Tenho muitos outros assuntos a resolver hoje, e já passei bastante tempo contigo. Farei questão de acreditar que não foi tempo perdido. Volte quando estiver preparado para falar de negócios.

Lucius se levantou com a boca aberta e a cabeça dando voltas, e partiu.

Não se sentaram juntos no salão. Havia três filas de mesas redondas em torno do fogo e outra, elevada, em forma de meia lua. O chefe Cynewolf se sentava ali e como que não havia forma de evitar, Mir, Dryas e Blaze tiveram que fazer o mesmo, pois eram da fila mais alta. Mas Maeniel, que aparentemente carecia de classe, ficou sentado na terceira fila, perto da porta e exposto ao frio. Embora não reparasse na temperatura foi consciente da ofensa.

Sob a mesa de honra, os seguintes em classe se sentavam com seus servidores, entre os quais se achavam muitos dos artesãos e trabalhadores do povo e suas famílias, com exceção das crianças pequenas.

Maeniel se sentou no terceiro círculo interior, em companhia dos guerreiros de classes adscritas

ao serviço da casa e suas mulheres. Evars estava ao seu lado. Apropriara-se do assento na noite seguinte ao primeiro encontro sexual, no qual Maeniel dissera que estava satisfeito com sua atuação. Ela era uma criada e geralmente os criados comiam sentados no chão, nos armazéns anexos à cozinha.

Evars havia sido comprada de uma tribo situada mais profundamente nas terras selvagens mais à frente do Anel, e falava galo, o sotaque da Gália, fortemente, bem mais gutural que ao qual Maeniel estava acostumado.

Cynewolf liberou seus escravos, não pela bondade de seu coração, depois de que os romanos incendiaram o povo pela primeira vez. Muitos tiveram que procurar outro trabalho porque simplesmente ele não podia dar de comer a todos. Quem tinha um lugar aonde ir, partiram. Outros, como Evars, que sequer podia dizer de onde procediam e nem recordavam os nomes de seus pais, ficaram. O Oppidum era seu lar, o único que havia conhecido.

Pelo que a ela concernia, Evars era a mulher de Maeniel. Chegara a ameaçar uma garota morena que também se dera conta de que ele era assombrosamente belo, amável, um amante perito e, embora não fosse rico era generoso com o que tinha.

Ela usou uma comprida faca de um só fio, oculta sob a saia, que carregava em uma bainha feita com o membro de um touro, para convencer a garota de sua determinação. A morena captou a mensagem e ignorou Maeniel rapidamente. Estava claro que Evars sentia que sua ascensão se devia a sua relação com ele.

O salão estava quase belo aquela noite. Tinha tecidos pendurados do teto acima das mesas. As bandeiras estavam pintadas com as cores que marcavam as heranças das poderosas famílias que apoiavam Cynewolf, cada uma com seu próprio padrão e combinação de cores. Verdes, amarelos, todos os matizes da mais pálida luz do sol ao verdor do verão, vinho e vermelho sangue ondulavam e dançavam nas bandeiras, marcadas com os símbolos honrados por cada família. Serpentes, dragões, aves fantásticas, inclusive o urso e o lobo, destacavam-se sobre as escuras pranchas de carvalho que formavam o teto.

As tochas brilhavam nas paredes. Havia treze paredes, cada uma com uma tocha colocada em um suporte que se projetava acima das mesas. Pálidas peles de cervo cobriam os bancos e as mesas estavam adornadas com toalhas. Havia música e canções: os cantores passeavam pelo corredor.

A pessoa mais importante pedia canções de elogio a tal pessoa ou família e uma atmosfera geral de alegria e celebração enchia o ar.

Junto a Maeniel, Evars parecia preao ao humor generalizado. Sorria, e mudava de um lugar a outro o hidromel previsto provavelmente para os homens.

Estranhamente, Maeniel foi se sentindo cada vez mais irritado à medida que progredia a velada. Recordou-se, tremendo, a reunião de fantasmas que precedeu à morte de Imona. Apesar das risadas e dos cantos, submergiu em uma atmosfera de antecipação. Ignorou o hidromel e bebeu somente um pouco de vinho rebaixado com água.

Um dos distintos convidados assinalou Actus, que estava sentado com os guerreiros da segunda mesa. Houve uma risada geral e Maeniel compreendeu que estavam falando dele. Não que soubessem a verdade. Alguém estava contando novamente como Actus colidira com um cão que, depois de se converter em homem, tinha-lhe acertado um murro na cara.

Actus avermelhou quando uma gargalhada percorreu a pequena mesa de honra. Mas Cynewolf não parecia divertido. Tampouco Dryas, Mir ou Blaze. Quanto a Actus, ele se limitou a olhar a

resplandecente companhia de seu chefe.

Maeniel acrescentou mais água ao seu vinho. Descobriu que já não queria desafiar ninguém pela parte do campeão.

Os cozinheiros tinham começado a tirar os pedaços de carne das chamas. Deixavam-nos sobre uma mesa perto do fogo e passavam pratos aos comensais.

Os pedaços maiores, como pernis e costelas passaram acima das cabeças dos companheiros de Maeniel, até Cynewolf e seus convidados. O cacique os repartiu com generosidade.

Os companheiros de mesa de Maeniel receberam sobras, pedaços pequenos e molho, dando-se por satisfeitos molhando pão nos sucos da carne ou levar pequenos bocados aos lábios com as mãos. Maeniel relaxou e se uniu a eles.

O porco, marinado e depois cozido em pimenta, canela e vinho, estava delicioso foi seguido uma sopa, com mais pão. Pão com amêndoas, avelãs e pinhões dentro da massa.

Evars bebeu mais hidromel. Entre o calor do fogo e a forte bebida, sua pele tinha adquirido um bonito rubor e as mechas de cabelo loiro que tinham escapado caíam em graciosos cachos que emolduravam seu rosto.

Ela o beijou, evidenciando o sabor de hidromel e molho. Maeniel não mostrou objeção e pensou em se reunir a ela mais tarde no celeiro. Embora todo mundo estivesse a par de sua relação, ele não possuía um lugar privado onde levá-la, e começava a se sentir irritado por isso.

Estava pensando que teria que fazer algo para encontrar uma boa parcela de terra no ano seguinte e cultivá-la, quando viu a sombra perto do fogo.

Ele se separou de Evars por um momento e viu leão, com capa e capuz, em pé entre ele e as chamas, com a mãe da alcatéia junto ao seu joelho.

Um vasto silêncio pareceu cair em torno de Maeniel. Leão estava morto, e também a loba. Seus ossos jaziam sob a terra e a rocha na ladeira da montanha, coberta agora de neve. Leão não era mais que um monte de ossos enegrecido e roídos sob uma tília.

Maeniel olhou Leão nos olhos e soube que ele estava de verdade ali. Não uma sombra do que antes havia sido ou uma lembrança errante, mas uma presença consciente. Enquanto o olhava, Leão o saudou com demencial diversão. Oh, sim, ele estava ali e desfrutava de alguma piada secreta.

Ele não podia estar tão seguro sobre mãe da alcatéia. Parecia um pouco mais nebulosa e remota,

como se tivesse chegado de ainda mais longe. Fitou-o um momento e logo elevou os olhos. Maeniel seguiu seu olhar até a mesa que Actus estivera sentado, mas o ruivo já não estava ali.

Quando Maeniel voltou a olhar para as chamas, Leão seguia ali, mas a loba havia desaparecido.

— Evars. — Ele sussurrou. — Vá! Agora mesmo! Se apresse!

— O que? — Perguntou ela um tanto enjoada. A bebida nublava seus olhos.

Ele pegou a mulher pelo braço e apertou os dedos. Ela se queixou, dando um puxão.

— Vá! Já! Agora mesmo! Vá!

Ela não obedeceu. O que fez foi esfregar o braço machucado pelos dedos de Maeniel.

— O que acontece? Está me fazendo mal.

Maeniel se levantou, puxando-a.

Todos os comensais riram e Maeniel pôde ouvir algumas piadas sobre a impaciência de certos homens, mas ele segurava Evars, cuja força não era rival para a dele e tirou-a para fora em um momento.

Ele podia contemplar todo o povo dos degraus do salão. Sua visão noturna era melhor que a de qualquer humano. De onde estava, pôde ver

que as portas estavam abertas, e que sombrias silhuetas de homens armados avançavam pelas ruas.

Levantou Evars sem mais cerimônias, lançando-a por cima do muro. A criada aterrisou com um grito do outro lado e Maeniel se voltou a tempo de se esquivar um lançaço na paliçada. Arrebatou a lança de seu atacante, lhe rompendo o braço no processo. O homem gritou, procurando sua espada com a mão esquerda.

Maeniel lhe afastou o braço e tirou a arma de sua bainha. Apontou para o estômago do homem, mas a lâmina escorregou sobre sua couraça e atravessou a garganta.

Ele olhou ao seu redor e viu que não havia ninguém mais perto. Saiu correndo para o salão, notando brilhos de luz no céu. Uma dúzia de flechas chamejantes atravessou o ar, cravando nas paredes da morada de Cynewolf.

Maeniel sabia que estava gritando, mas não estava seguro do que dizia quando subiu os degraus da entrada. Atravessou a porta rolando e se deteve justo antes de cair no fogo.

De joelhos, com a espada ensangüentada em uma mão, ele contemplou os rostos que lhe rodeavam. Por um instante que pareceu durar mil

anos, observaram-lhe inexpressivos, boquiabertos... E então os gritos começaram.

Não havia saída. O salão se encheu de fumaça em instantes. Seus ocupantes, movidos pelo pânico se pisoteavam e lutaram entre si para chegar até a porta, mas cada homem ou mulher que saía era eliminado sem piedade pelos atacantes no fora.

O telhado estava em chamas. As vigas estavam cobertas unicamente de palha. Uma terrível luz laranja, bem mais brilhante que a de uma tocha, iluminava tudo. Procedia das orgulhosas bandeiras penduradas das vigas. Elas estavam ardendo, caindo em pedaços de tecido em chamas sobre a massa humana abaixo.

A úmida camada de fora de palha resistiu ao fogo por poucos momentos, consumindo-se depois com um rugido que encontrou eco no gemido de desespero dos que estavam presos no edifício. O telhado inteiro parecia uma massa de radiantes brasas.

O lobo viu morrer o cacique. Uma das bandeiras caiu sobre seus ombros e sua roupa incendiou. Cynewolf saltou, correndo por entre as mesas até acabar como uma massa enegrecida que se retorcia no centro da estadia.

Dryas havia seguido Cynewolf, tentando

ajudá-lo. Deteve-se junto a Maeniel e afastou o olhar dos restos do cacique. Estava com a espada na mão e uma gélida calma parecia rodeá-la.

O lobo viu as estrelas no céu, sua serena beleza em contraste com o indescritível caos que a rodeava. Pôde ouvir a voz de Dryas acima do alvoroço:

—Devemos passo. Não temos outra opção.

Maeniel arrancou uma seção da mesa de suas fixações no chão. Não viu Dryas tirando algo do pescoço e jogando-o no centro do fogo. Equilibrou a mesa em suas mãos e levou-a para a porta.

Dryas o seguiu. A mesa estrelou contra os postes da porta e, por um terrível momento, Maeniel temeu que os postes resistiriam. Então ele sentiu o peso da multidão à suas costas: com um estalo, os postes se partiram como galhos secos e todo um lado do edifício veio abaixo.

Na rua, os atacantes tentaram avançar para se aproximar de suas vítimas, mas atuavam com maior prudência. Um lado inteiro do telhado caiu ao chão, como o palheiro em chamas que era aterrissando entre os grupos. Por uns instantes, o fogo manteve a raia os atacantes, permitindo que a multidão empreendesse a fuga.

Embora as chamas já se elevassem entre eles,

Maeniel notou que Dryas não corria. Então que ficou com ela. Os sobreviventes estavam tão desmoralizados que nenhum deles tentou lutar, embora provavelmente superassem em número os atacantes. Havia muitas mulheres entre eles e outros eram velhos como Blaze ou Mir. Fugiram para a noite por cima da paliçada, mas Dryas enfrentou seus inimigos, tentando dar tempo aos mais velhos e fracos para que escapassem.

Maeniel pensou que teria feito melhor se preocupando consigo mesma e viu que tinha razão quando um cavaleiro dos atacantes gritou:

—É ela! Não deixem que escape! Cem áureos ao homem que a pegar! Peguem-na!

Os soldados investiram contra Dryas, elevando seus mantos para proteger o rosto ao atravessar o muro de chamas. Dryas cortou a garganta do primeiro que entrou ao seu alcance e logo cravou a espada no olho do seguinte.

E Maeniel era novamente o lobo cinza. Raiva e selvagem deleite emanavam de seu coração. Lançou-se contra o terceiro atacante e rompeu a perna do quarto. Mas ele sabia que eram muitos e a rua muito larga. Não demorariam em ficar rodeados.

Dryas estava retrocedendo quando o lobo viu

uma sombra abatendo-se sobre eles. Seu uivo de aviso chegou muito tarde.

O chamejante esqueleto do salão, com os madeiros em chamas destacando no céu, caiu sobre eles.

Maeniel voltou e correu, mas Dryas estava travada em combate com um de seus adversários e não podia liberar nem ser liberada. Não a tempo.

Os madeiros se desintegravam enquanto caíam. Um deles acertou Dryas na cabeça, despedindo cinzas e emoldurando seu rosto entre brasas. Seu adversário elevou o escudo para se proteger dos escombros. Logo recolheu a mulher e sua espada, a colocou sobre ombro e fugiu.

Lucius caminhava sem estar muito seguro sobre onde ia. Simplesmente caminhava. As ruas estavam lotadas e negócios de todo tipo se desenvolviam ao seu redor. No pavimento, os mercadores vendiam de tudo, desde sexo a reparações domésticas.

Em uma quadra de casas, uma garota se ofereceu por dois porcobre. Prometeu lhe se estender atrás de um templo próximo ou mesmo dentro do santuário, se ser visto fosse um problema para ele. Ele aceitou e pagou à moça, mas uma vez dentro do santuário se sentiu completamente

incapaz de fazer alguma coisa.

Havia escurecido e a única luz entrava por duas aberturas no telhado sobre o altar. Não havia estátua, nem nome nas paredes de terracota e o altar propriamente dito era um bloco quadrado de mármore com um friso na base e na parte superior.

A garota se assustou ao ver que ele não podia fazer nada, mas Lucius lhe deu outra moeda de cobre, dizendo que queria ficar ali com seus pensamentos. Lucius ficou no fundo do templo, apoiado sobre a parede e escutando os distantes ruídos da rua.

Não chegou a nenhuma conclusão, mas pelo menos sua atormentada mente se tranqüilizou um pouco. Aproximou da laje do altar. No degrau mais próximo havia uma jarra de bronze, uma bandeja com umas quantas peças de fruta, uma terrina cheia de água e uma taça. A taça parecia também de bronze. Era uma simples peça de metal dourado com estrias na borda mais estreita na base.

Sem entender muito bem o porquê, ele elevou a jarra e se serviu seu conteúdo na taça. Logo bebeu.

O templo desvaneceu. Lucius sentiu que se encontrava em algum lugar perto da Via Apia. Altos ciprestes cresciam ali, dominando a estrada e margeando-a. Andava por um atalho coberto de

mirto e musgo e bordeado por lírios. Nunca tinha visto flores como aquelas. Eram trompetistas de chamas, de cores vermelho e amarela. Espalhadas entre as mais vistosas havia emplastos marfim e inclusive brotos verdes. Andava sob a fria e úmida sombra dos ciprestes.

Diante dele, uma estrada de pedra cortava o caminho que estava percorrendo e ouviu hastes as suas costas. Apressou-se em se afastar para um lado do caminho, ficando em pé entre os lírios.

A presa chegou primeiro. Tratava-se de um gigantesco javali e Lucius se alegrou de que os caçadores estivessem quase o alcançando. Não gostaria que aquele animal parasse perto dele. A fera tinha a boca aberta, as mandíbulas cobertas de espuma e presas quase tão compridas como seu antebraço. Os feios olhos porcinos passaram sobre ele, brilhantes de raiva, e a fera se voltou para o apavorado Lucius. Ante um monstro como aquele, ele estava indefeso.

Mas os sabujos estavam já bem perto. Eram os sabujos maiores que Lucius tinha visto em sua vida, mas não havia dúvida de que eram sabujos, esbeltos, ligeiros, de corpo pequeno e curto, espessa pelagem marcada e doce clara voz.

Lucius abriu a boca ao ver os caçadores. Todos

os cavalos eram brancos, brilhantes como se seus mantos fossem de madrepérola e as selvagens crinas e caudas recordaram às nuvens que vão se desfazendo em neblina. Cavalgaram para ele, que estava ligeiramente estendido. Lucius tentou se erguer, dando um involuntário repuxão em sua cicatriz.

Um raio de dor percorreu suas costas, lhe fazendo cair sobre um joelho. Levantou os olhos tentando ficar em pé. Ao mesmo tempo soube que estava condenado, pois o homem que cavalgava diretamente para ele lhe pisotearia. Mas não tinha contado com ela, que apareceu por atrás do líder. Seus arreios eram negros, em uma rica e brilhante escuridão como o céu noturno coalhado de estrelas. O peso do enorme animal fez deslocar o brilhante cavalo branco, afastando-lhe de Lucius. Ela passou a poucas polegadas dele e seu pé direito lhe roçou o ombro.

Ele contemplou boquiaberto como as duas magníficas criaturas alcançavam a estrada, um caminho reto feito de brilhantes e polidos blocos hexagonais de pedra. Ao chegar ali se elevaram no ar, flutuando como pássaros sobre a estrada.

Lucius se se voltou, saltando novamente à margem do caminho para ver melhor o que

acontecia, mas tropeçou e se encontrou engatinhando sobre o chão do templo.

O lugar no qual estivera desapareceu. A taça e a jarra tinham desaparecido do altar, mas a terrina seguia perto de onde estivera antes. Ele descobriu atônito que estava olhando a superfície da água, mas era o rosto dela que lhe devolvia o olhar. Era o rosto da mulher que havia impedido que o pisoteassem.

Mas ao pensar durante alguns instantes na questão, decidiu que não podia ser seu rosto. A mulher do corcel negro como a meia-noite tinha o rosto de uma deusa sem marca e nem defeitos. A mulher de cabelo escuro e rosto imóvel estava com as mechas do cabelo saindo de uma touca que ele não podia ver e embora sua face fosse tão perfeita como se fossem cinzeladas em mármore, mostrava uma contusão na bochecha direita e um pequeno machucado sob o olho esquerdo. A mulher fechou os olhos. Lucius se perguntou se estaria morta e sentiu uma repentina tristeza que o surpreendeu. Depois, por que devia se preocupar se uma mulher completamente desconhecida para ele deixava o mundo ou não? Estendeu a mão para ela, mas a terrina desapareceu ao tocar a água.

Lucius se ajoelhou sobre o piso poeirento. Não

havia altar, nem jarra, taça, terrina ou bandeja e a única luz chegava da porta, aparentemente longínqua, que dava para a rua.

Quando chegou a ela, compreendeu que havia se deslocado do fundo do templo. Descobriu horrorizado que a porta estava obstruída por uma grade de ferro. Seu terror o impulsionava tanto como qualquer outra coisa. Mas ao tocar a grade, notou com alívio que ela se abria. Desceu pelos degraus até a rua, sem voltar os olhos para trás até chegar ao Foro, que não estava muito longe.

Não podia ver o templo de onde estava. Quando colocou a mão entre as dobras de sua toga para comprovar sua bolsa e ver se se havia ficado sem dinheiro, deu-se conta também de que tinha uma ameixa na mão. Olhou-a surpreso, e logo se lembrou da bandeja com frutas no templo. Era uma formosa fruta e ele estava faminto. Sua casca era suave, com o tato sedoso da maturidade, e por um instante ele pensou em comer-lhe

Mas então lhe arrepiaram os cabelos da nuca ao se recordar de onde a tinha tirado. Era luminosa, diferente de qualquer fruta deste mundo. Azul com matizes violetas, de cor e fragrância deliciosas, levava em si a essência de todas as frutas. Ele guardou-a sob sua toga e examinou sua bolsa.

Sim, estava com o dinheiro... Uma boa soma, de fato. Viu que as bancas estavam ficando vazias ao seu redor e que o sol estava alto. Era a hora da sesta. Restava um pouco de gente e algumas tendas seguiam abertas.

Contemplou a Casa do Senado e os jardins públicos dominados pelo Teatro do Pompeu e o Templo de Vênus.

Andou ao longo da fileira de lojas e viu uma conhecida em um portal... Lucrecia. A jovem se voltou para ele, com expressão de reconhecimento e retrocedeu para as sombras de sua loja de comidas.

Ele encolheu os ombros e seguiu adiante, mas naquele momento uma mocinha morena lhe tocou o braço.

—Senhor! Belo senhor! Minha senhora quer lhes falar.

Lucius seguiu a garota até loja de comidas em que tinha visto Lucrecia. Era um lugar pequeno e muito limpo. Não havia clientes naquele momento, mas bancos e mesas que mostravam indícios de uso freqüente.

A garota, que não era mais que uma menina, conduziu Lucius através do local até um pequeno jardim de ervas com uma parreira, uma fonte e um relógio de sol. Havia uma mesa sob a árvore e ela o

fez sentar em uma cadeira de palha antes de partir. Voltou em seguida com uma bandeja com azeitonas, queijo e vinho.

As azeitonas estavam aromatizadas com diversas especiarias e marinadas e o queijo era também de vários tipos. O vinho era do tipo elaborado nas montanhas perto da costa: branco, doce, fragrante como uma neblina de outono, carregado com aromas de fumaça, maçãs, castanhas e erva-doce.

O sol da tarde lhe esquentava o pescoço e a face. O céu era de uma brumosa cor azul.

Lucius relaxou e entreteve seu apetite com as azeitonas e o queijo. Ao cabo de um momento, a menina voltou com um guisado de frango e verduras e uma bandeja de pão cortado em seções com forma de bolo e aromatizado com queijo.

Ele usou os dedos para comer o guisado e molhou o pão nos restos do molho. Pensou que era uma das melhores e mais deliciosas comidas que tinha desfrutado em sua vida.

Quando a menina levou os pratos, Lucrecia apareceu com uma bandeja de pasteizinhos de mel.

— Como está Fio? — Ela perguntou.

— Sente-se. — Disse Lucius.

— Eu não...

— Não me importo. Sente-se.

Lucrecia se sentou sobre um pequeno banco, do outro lado da mesa.

— Fio não está de todo bem. Foi torturado e passou muito mal.

— Oh, não! — Sussurrou ela, cobrindo o rosto com as mãos.

— Não se preocupe. Provavelmente lhe salvou a vida.

Lucrecia deixou cair às mãos no regaço e olhou para o jardim, onde cresciam em abundância, pulcras filas de salvia, mirto, erva-doce, couve e hortelã.

— Venho da casa de César. — Disse Lucius. — Há alguém mais aqui?

— Não. — Respondeu Lucrecia, adotando por um momento expressão de suspeita. — por quê?

— A menina?

— Não está. Foi para casa com sua mãe. Pago-a alguns poucos cobres por semana para que me ajude a ter isto limpo. Não é meu. Sua proprietária é Myrtus, a tia de Felex. Ela me aluga a loja e eu lhe pago uma quantia todas as semanas. Se tudo for bem, a loja será minha dentro de dez anos. — Ela explicou, cruzando os dedos. Por que pergunta? — Ela insistiu.

— Para te contar o que me disse César.

Lucrecia se inclinou para diante, apoiando o queixo nos dedos.

— Faça-o, por favor.

Lucius lhe narrou sua conversa com o ditador

— Sei. - Disse ela com calma. - Então é assim que funciona. Cabeça de gado público, governo do povo. Escolhe o bando, põe sua moeda nas mãos de quem quer que ganhe e os vencedores ficam com tudo.

Assentindo, Lucius comeu um pasteizinho de mel e bebeu um pouco de vinho.

— O que pensa? Deveria pagar?

Os dois contemplaram o movimento do sol e a sombra no relógio indicou que tinha passado mais de uma hora desde a chegada de Lucius.

— Sabe como cheguei aqui? — Perguntou Lucrecia.

Lucius meneou a cabeça,

— Não.

— O latifundiário queria jogar meu pai de sua granja, e meu pai o desafiou. Sabe o que aconteceu?

— O latifundiário fez com que lhe dessem uma surra. Ou que o matassem?

— Uma surra, mas ele morreu por causa dela. Os homens de César chegaram. Meu irmão, que era

alto e forte, partiu com as legiões. Disse que voltaria com dinheiro para pagar o latifundiário, mas não o fez. Minha mãe morreu naquele inverno e o latifundiário me vendeu para saldar as dívidas. — Lucrecia o fitou diretamente nos olhos. - Lucius, eu acredito que mesmo os deuses se compram e se vendem. Os sacrifícios, touros, carneiros, vacas e pombas comprados pelos ricos e poderosos afogam os deuses com seu sangue e sua carne e os cegam com fumaça e incenso até que esquecem que virtude é a justiça, se é que alguma vez souberam.

— Sim. — Disse Lucius. - E minha irmã é casta.

— Sei. Eu não posso dizer o mesmo. O primeiro lugar ao qual me venderam era um bordel. Ali fui vendida uma e outra vez, em ocasiões até quarenta vezes em uma noite, até que voltei minha face contra a parede e rechacei a comida e a água. O dono me vendeu com a esperança de recuperar seu investimento antes que eu morresse. Sim, Lucius, pague César. Pague-lhe e se considere afortunado em poder proteger as pessoas que ama. Eu só lamento não ter conseguido cuidar dos meus. Proteja-os de sua casta irmã e de seu pequeno rato Firminius. E proteja s si mesmo. É um bom homem, e só por isso já temo por ti.

Ao sair, Lucius viu que a hora da sesta já tinha

passado e a rua estava novamente cheia de gente. Ele deteve-se na porta e obrigou Lucrecia a aceitar uma moeda.

—Pela comida. - Disse.

—Não, não. - Respondeu ela, tentando devolver-lhe

Lucius meneou a cabeça.

—Myrtus é uma grega muito prática e não aprovaria que desse comida de graça. — Logo partiu rapidamente.

Lucrecia colocou a moeda no bolso de seu vestido. Não a recordou até a noite, quando já tinha fechado e estava se preparando para deitar, trancando o cabelo à luz da vela. Ela tirou-a do bolso e viu que era um aúreo.

Capítulo 19

Dryas despertou na escuridão, com a cabeça atormentada por um lento e torpe batimento do coração. Estava amarrada de pés e mãos e em um carro. Não só em um carro, mas também em um que conhecia todos os buracos e saliências do caminho. Tentou abrir os olhos, mas suas pálpebras deram com um pano apertado sobre eles. Havia lhe enfaixado os olhos. Sentiu náuseas.

Recordava ter jogado o colar ao fogo. Alegrava-se, inclusive naquela feia situação, de ter se liberado da carga de aprisionar uma criatura que havia chegado a admirar mais que qualquer outra coisa. Tinha visto Cynewolf morrer e estava enojada até o fundo de sua alma pela parte que tinha tido naquilo. Todo o assunto havia sido um desastre desde o começo. Sua vida havia terminado. Não poderia suportar a escravidão.

Ouviu vozes fora e o ruído de arreios de cavalo. Dois homens conversavam e um deles tinha uma voz como cascalho deslizando.

—Ela me pagou. — Disse Voz de Cascalho. — Boa coisa. Esta aí não vai durar. Se chegarmos a embarcá-la.

—Seria uma novidade em Roma.

—Não acredito que ela se deixe fazer isso. Nunca conseguirão levá-la até a arena. E tampouco acredito que seja isso o que tem em mente essa puta Basília. O que lhe importa o povo? Não, esta está destinada a uso particular.

—Para ela?

—Sim! Não! Quem sabe? Ou para alguém com gosto pelo extraordinário. Ela nos custou: Miletus, Floresço, Escipión...

— Eles queriam voltar ricos para casa, como você.

—Tílio não voltará a andar e Achilles passará um mês urinando de barriga para baixo.

—Aquilo foi o cão.

—Cão! Meu traseiro, um cão! — Repôs Voz de Cascalho. - Não apareceu até que ela cruzou espadas conosco. Não... Além disso, é uma bruxa. Alguns legionários de César toparam com elas em Alvorada e dizem que são piores que os homens. Bem piores. Diz-se que os homens se deitam onde acreditam ser um lugar seguro para dormir e acordam com a garganta atalho. Essas zorras colocam facas dentro do sexo. Se entrar nelas, você sai trinchado como uma salsicha. Que fique com essa puta Basília. Quando chegarmos a Messene,

vou me mandar. Pegarei meu dinheiro e comprarei uma granja na Campania. – Voz de Cascalho soava aliviado. - Nem embarcarei com vocês. Provavelmente ela seja capaz de invocar uma tormenta e afundar o navio antes que cheguem a Ostia. Eu teria isso em conta, tratando-se de uma dessas bruxas.

Roma. Fulvia quer me levar para Roma. César está em Roma, pensou Dryas.

Os cavalos dos homens aceleraram o passo e ficaram adiante do carro, de forma que Dryas não pôde seguir ouvindo a conversa. Não obstante, pôde ouvir Fulvia falando com Voz de Cascalho. As respostas do homem soavam insolentes, mas Fulvia insistiu e por fim pareceram chegar a um acordo, pois o carro se deteve pouco depois. Dryas notou que subiam duas pessoas, uma mais leve que a outra. Fulvia e Voz de Cascalho, ela pensou.

Um instante depois, ela sentiu que mãos exploravam seu corpo. Mãos grandes.

– Desatarei-lhe os pés. - Disse Fulvia com doçura.

– Não desate nada! - Respondeu nervoso, Voz de Cascalho. Suas mãos se moveram sobre os seios e o estômago de Dryas. - Nada. - Ele repetiu.

Dryas tentou permanecer quieta e o homem a

fez rolar sobre um flanco.

—Atrás. Aaah... Aqui está - Ele disse, lhe tirando uma faca que estava pendurada no pescoço.

—Agora as partes interessantes. - Comentou Fulvia.

—Não me interessa nada desta porca - Disse Voz de Cascalho. - Vi como ela matou três de meus homens. E se for preparada, minha senhora, deixará que eu lhe corte o pescoço agora mesmo e a enterre em um cruzamento do caminho, com uma estaca no coração e uma pedra bem pesada em cima, para que não possa se levantar e correr com seus amigos, os lobos. — Enquanto falava, ele mediu o ventre e as nádegas de Dryas. Logo procurou entre suas pernas. - Sim, aqui há outro, preso à coxa. Tem todo o equipamento necessário para...

O homem deixou de falar, pois havia levantado a túnica de Dryas e metido a mão sob suas meias para pegar a faca que ela levava oculta ali. Procurou pegá-la pelo pomo para soltá-lo, mas se descuidou, deixando que o fio como uma lâmina arranhasse o estômago de Dryas.

—Sinto muito. - Disse.

—Sente muito! — Gritou Fulvia. - Não a marque! Além disso, ante quem está se desculpando? Ela está inconsciente.

—Não, não está. – Disse Voz de Cascalho. - Está fingindo com a esperança de que nos acreditamos, mas notei como se encolhia um par de vezes. Sabe o que está acontecendo, mas não há nada que possa fazer a respeito. —Suas mãos desceram pela perna de Dryas enquanto falava. - E outra mais no tornozelo. – Ele acrescentou lhe tirando a arma. - Agora a deixarei contigo, minha senhora.

—Está seguro de que não quer receber algo por todo seu tempo e esforços? – Perguntou Fulvia. - Entre os três, poderiam baixar essas calças que usa e...

—Forçá-la... – Disse Voz de Cascalho.

—Por que não? – A voz de Fulvia soava rouca por...

Dryas não estava segura, mas fosse o que fosse o que Fulvia sentia tentava dissimular o melhor possível.

—Não, minha senhora. A violação é um gosto adquirido, mas eu não o adquiri em todos os meus anos como soldado. À parte, pague-me para que lute por você, não para que a entretenha.

Dryas ouviu acelerar a respiração de Fulvia, mas a romana não disse nada mais. Os tábuas do carro rangeram quando Fulvia desceu do veículo,

mas Dryas sabia que Voz de Cascalho devia estar ainda com ela, então que se armou de coragem.

A violação na guerra era um risco compartilhado por homens e mulheres. Naquele mundo, o abuso sexual era algo comum. Talvez um pouco mais freqüente sobre as mulheres, mas os homens, sobre tudo os jovens, também enfrentavam o uso de seus corpos contra sua vontade. Dryas ensinava a seus estudantes a esperar o pior e se preparar para atuar com dignidade e valor. Esperou ser capaz de se mostrar forte naquela terrível situação, mas francamente se sentia mais ofendida e irritada, que furiosa. Estava machucada e ferida em uma dúzia de lugares e agora Fulvia e aquele miserável pedaço de merda queriam aumentar suas misérias. Desejou um desagradável destino ao casal, se Voz de Cascalho seguisse a sugestão de Fulvia.

—Não, bruxa. Não vou me deitar contigo. — Disse Voz de Cascalho. Dryas ouviu o tinido de uma bolsa de moedas. - Já tenho o que quero. Oxalá teria feito no caso de te cortar a garganta. Você estaria melhor e ela também. — O homem saiu e a deixou sozinha.

O carro não voltou a se mover e os ruídos indicaram a Dryas que seus captores estavam se preparando para passar a noite ali. Perguntou

quanto tempo teria passado desde sua captura. Provavelmente somente um dia, mas não havia forma de assegurar. Rodou sobre um flanco até ficar estendida sobre algo brando, como tecido sobre palha. Não estava muito incômoda.

Ao cabo de um momento, ela cheirou comida, mas ninguém lhe ofereceu nada. Não se surpreendeu e acabou por dormir.

Quando despertou novamente, pôde ouvir os sons da noite, do vento e da chamada de uma coruja perto. Fazia frio no carro, mas alguém, e ela estava disposta a apostar que não se tratava de Fulvia, a havia coberto com uma manta áspera e não muito limpa. Cheirava a esterco e suor de cavalo.

Estava com a cabeça mais limpa e sua enxaqueca havia desaparecido. Deveria estar agradecida pelos pequenos favores. Pelo menos a manta me abriga, ela pensou. Iniciou o processo de se esticar, tentando evitar que seus membros ficassem duros. Começou pelos pés e os tornozelos, logo as pernas, o torso e os braços. Estava pensando em tentar se voltar e em como fazê-lo sem afastar a manta, quando se deu conta de que não estava sozinha.

Garras soaram sobre a plataforma de madeira. Bem, ela havia jogado o colar no fogo. O lobo

parecia ter feito entrar o frio ar da noite. Dryas podia cheirar a pelagem fria e algo mais. O frio tocou sua face e levantou o pano que ela tinha sobre os olhos.

E ela se encontrou fitando o lobo, cara a cara. Havia um pouco de neve sobre seu focinho e pequenos cristais de gelo em seu pelo.

O lobo emitiu um suave e baixo ganido e Dryas compreendeu que era uma pergunta. Seus próprios cães estavam acostumados a recebê-la com sons parecidos, quando despertava pela manhã. Fitavam-na nos olhos e se uniam a ela quando esvaziava sua bexiga junto ao riacho.

E ela se perguntou. Quem viveria agora em sua cabana. Quem alimentaria os cães e sairia com eles para caçar ao amanhecer? Estava razoavelmente segura de que nunca voltaria a ver seu lar nem suas amadas terras altas.

—Estou bem. — Ela sussurrou ao lobo, mas duas lágrimas se formaram nas extremidades de seus olhos e correram por sua fronte. Como estava estendida sobre um flanco, uma deslizou pela ponta de seu nariz, enquanto a outra baixava diretamente até cair sobre a palha.

O lobo soprou, lhe tocando a face com o focinho.

—Estou bem. - Insistiu ela. - Me levam a Roma. Não sei o que poderei fazer, se é que posso fazer algo... Mas não falemos disso agora. Vá! Seja livre, fique longe. Não quero vê-lo acorrentado ao carro de nossa louca espécie. Nem tentarei te converter em um meio para meus fins. Equivoquei-me ao fazê-lo. Seja livre sempre, pois de todas as coisas, a liberdade é a melhor, embora não é fácil de ganhar e deve ser escolhida por quem vá desfrutar dela. Como uma águia em um penhasco opta pela liberdade do vento, um lobo à espreita não leva o colar de ninguém. Vá com valor. Eu não tenho muitas possibilidades de... Êxito. Mas por poucas que sejam, devo assumir e não me preocupar com o preço. — Logo ela fechou os olhos.

Ela sentiu uma cascata de brilho e fogo frio e Maeniel apareceu de joelhos no carro ao seu lado.

—Acorrentaram-lhe as mãos às tábuas desta coisa. Se não fosse r isso, já teria te tirado daqui. Mas posso lhes seguir e ir matando um a um antes que saíamos das montanhas. Ajude-me.

—Não. - Respondeu ela, sem abrir os olhos.

Maeniel ouviu passos fora e se converteu em lobo antes de pensar sequer.

A sentinela entrou no carro e encontrou seus olhos.

Poucas horas depois, Maeniel corria pela ladeira de uma montanha, entre troncos de árvores tão velhas e altas que pareciam nuvens perfiladas ante um brilhante céu noturno. Nenhum tinha galhos por abaixo de cem pés. Havia nevado, mas a neve só tinha chegado ao solo em alguns lugares e parecia prata salpicada sobre o negro tapete das agulhas de pinheiro. As gigantescas árvores se elevavam como se fossem as colunas de um templo meio em ruínas e submerso sob o mar.

Correu entre eles, como a sombra um lobo contra a neve prata e branca e os negros montes de agulhas devolvendo a riqueza do sol a terra.

Converteu em homem e ficou olhando as árvores e as frias estrelas. Amaldiçoou primeiro Dryas e depois Imona. Duas mulheres entregues a missões incompreensíveis para um lobo e talvez também para a maioria dos homens. Mas agora entendia melhor Imona, por ter conhecido Dryas. Ela também estava disposta a entregar sua vida servindo ao seu povo. Imona não havia lhe tinha escutado e Dryas tampouco o faria.

Maeniel era uma criatura amável e solícita. Dryas lhe havia dito que partisse e fosse livre, mas ele sabia que já não haveria liberdade para ele. Simplesmente tinha deixado de ser um lobo,

encontrando uma viagem que desejava. Aquela viagem, ou talvez paixão fosse uma palavra melhor, acossaria seu coração por muito tempo enquanto vivesse.

Nós, os lobos cinza e o pardo sabíamos desde há muito tempo atrás que nossos assuntos eram decididos por... Quem cria a vida. Dá-nos a existência, dá-nos leis, gravadas em nosso pensamento. Seguimos os padrões que conhecia nosso ancestral o lobo das cavernas. Sua lei era a dele e minha mente pode me apresentar lembranças da caça de monstros quando as geleiras cobriam a terra. Mas nos homens, o mundo vê algo novo: não são constrangidos por nenhuma lei. Não ficavam quando caçavam entre o gelo, quando era inverno em todo mundo, nem ficam agora. Sua existência é uma tortura e uma provocação, como foi à mulher para meu primeiro ancestral, quando ambos se aliaram há tanto tempo para sobreviver a noite.

Não podia imaginar no que se converteriam, mas aquela presa seguida através do tempo valia à pena, fosse qual fosse o resultado. Havia sido criado para cair mais baixo e também se elevar mais alto do que sua espécie podia imaginar. Era sangue de seu sangue e carne de sua carne.

Então se deu conta de que seus pés estavam

congelando, seu nariz lhe gotejava e não faltava muito para o amanhecer. Tinha o dever de falar com Mir e Blaze, sobre Dryas. Não queria perguntar como havia chegado a assumir aquela obrigação concreta, mas sentia o empuxo da mesma, e o seguia como havia seguido antes a seus companheiros de alcatéia.

Vejam os o que acontecesse agora, ele pensou. Transformou em lobo novamente, encontrando-se bem mais cômodo enquanto corria colina acima. Chegou ao Oppidum ao amanhecer e saltou a paliçada.

Encontrou Mir, Blaze e Evars na casa onde estivera vivendo. O cavalo de Dryas estava no celeiro. Ele saudou o cavalo, que respondeu distraidamente antes de enterrar novamente a cabeça no pesebre. Ele possuía uma túnica, um manto e sapatos em um canto. Vestiu-se e foi até a casa.

Mir levantou o olhar da mesa.

— Encontrei-a?

— Sim. - ele respondeu, sentando-se. Evars encheu uma terrina de papa de aveia e colocou diante dele. Ela não parara para caçar e estava faminto.

— E? — Insistiu o ancião.

—Não vai deixar que a ajude a escapar. – Ele explicou enquanto despachava a terrina. A aveia não era sua comida favorita, mas estava faminto e frio por causa de sua longa carreira durante noite e a papa estava quente.

—Por que não?

—Acredita que poderá matar esse César se encontrar uma forma de se aproximar dele. Vou atrás dela até Roma.

Evars rompeu a chorar.

—E a fazer com que o matem. – Ela gemeu.

—É difícil me matar. Você, Evars, tem que voltar com Mir. Este lugar é pior que onde ele vivia. É mais perigoso. Falando de viver, quantos restaram?

—Não muitos. – Disse Blaze. - E a maioria foi para a casa de amigos e parentes. Muitos dos convidados do banquete não viviam aqui, mas no bosque. Cynewolf devia ter abandonado suas terras no lado romano do bosque, e esquecer-se a perda. Agora está morto e muitos dos chefes menores sobreviventes encontrarão outros senhores a quem se unir. Tenho um convite para visitar certa pessoa em Fresia. Tinha esperanças de reconstruir algo aqui, alguma resistência a esses romanos, mas Cynewolf era um cano muito fraco. Perdeu o brio

quando... — Ele não chegou a terminar.

— Quando levaram seu filho mais velho. — Disse Evars. — Está no pântano, com a nobre véneta...

— Cale-se, Evars! — Ordenou Blaze.

A mulher olhou ao seu redor, surpreendida.

— Eu disse algo errado?

— Como a chamaste? — Perguntou Maeniel, olhando para os dois velhos. — Uma mulher nobre dos vénetos?

— Sim, assim é. — Disse Mir.

— Não parece ter servido de muito, — comentou Maeniel.

— Não. — A mão que Mir usava para levar colheradas de papa à boca, tremeu. — Mas era tudo... A única que restava e eu tinha que tentar.

— Oh, sim, e agora tentará Dryas — Disse Maeniel. — Mas não vai sozinha. Unirei-me a ela e faremos o que for possível contra esses romanos.

— E eu? — Perguntou Evars.

— O que tem você? Se quiser, pode vir comigo. Se não...

— Eu não quero ir para Roma. — Ela lamentou.

— Falarei com o cavalo de Dryas. — Disse Maeniel. — Ele sente certa lealdade para com ela. Perguntarei-lhe se está disposto a me levar até a

Messene. Além disso... . - Ele olhou sinistramente para Evars. - Tem mais sentido comum que qualquer um nesta mesa.

—Necessitará de dinheiro. - Disse Mir.

—Eu sei. Dryas tinha muito. Irei pegar um pouco. Ela me ensinou o esconderijo. - Disse Maeniel antes de ir.

—Vai falar com o cavalo. - Disse Mir, deixando a colher na terrina vazia. - Tenho que ver isso. — Ele seguiu Maeniel.

—Eu não quero ir para Roma. - Repetiu Evars teimosamente, com o lábio inferior se sobressaindo.

Blaze suspirou profundamente e continuou com sua papa.

—Eu não quero ir a Roma. - Voltou a dizer ela. Blaze se fartou de ouvi-la.

—Se eu fosse você, calaria-me. Ele é um homem pouco cordato.

—Nem sequer é um homem. - Replicou Evars. - Eu o vi mudar de pele ontem à noite. E não pode me deixar de lado como se fosse um saco de nabos e... — Ela sdotou uma expressão de desconsolo antes de romper em choro. - Sim, acredito que pode.

Blaze tinha passado sua vida resolvendo disputas entre pessoais mais temperamentais e

teimosas que aqueles dois. Tinha uma solução para ambos.

No celeiro, Maeniel se aproximou do cavalo. Não havia porta e o animal estava preso a uma argola na parede.

O cavalo moveu seu olho para ele.

Ele bufou.

O cavalo soprou.

Maeniel grunhiu como um cavalo.

O animal levantou o casco dianteiro direito e o baixou com um ruído surdo.

Maeniel se apoiou em um poste e emitiu o que a Mir pareceu alguns grunhidos mais.

O cavalo golpeou o chão com o casco.

— Messene. — Disse Maeniel.

O cavalo se voltou, lhe apresentando sua ampla garupa, olhou para trás e moveu um olho para Maeniel.

— E? — Inquiriu Mir.

— Ainda tem que pensa, mas provavelmente o fará. Depois o deixarei em liberdade. Ele pertencia a alguém perto da costa e está bastante seguro de que poderá encontrar o caminho de volta para casa.

— Ele te disse tudo isso? — Perguntou Mir com certo cepticismo.

— Não. Já havia me dito onde vivia, há

algumas noites atrás. Estávamos passando o tempo e eu praticava sua linguagem. Não que tenhamos uma relação particularmente amistosa: normalmente engolimos um ao outro.

—Compreendo que isso pode afetar sua amizade.

—Sim. Muitos cavalos não falam conosco, mas quando conseguimos cercar conversa com algum, tendemos a evitar o antagonismo no futuro.

—Oh - Disse Mir.

—Sim, a amizade tem vantagens e benefícios para ambas as partes. Acredito que têm um aforismo que descreve essas situações: os amigos podem conseguir coisas para nós que não poderíamos alcançar por nós mesmo e viceversa. Como dizem vocês, eu coço tuas costas e você coça a minha.

—Ah! - Respondeu Mir. - Sim. Assim é.

—Nunca tinha ouvido ninguém gritar de forma tão horrível. - Disse Fulvia.

Voz de Cascalho e Fulvia estavam no carro, olhando para Dryas. Ela estava sentada, apoiada em um lado do veículo, com os olhos avermelhados pela fadiga e o desconforto.

- Ele disse que era o lobo maior que já tinha visto. - Disse Voz de Cascalho. - Mas dado que provavelmente não tenha visto muitos lobos, não acredito que tenhamos que acreditar que se trata de uma fera inusualmente grande. O que me inquieta é por que estava aqui? O que estava fazendo neste carro? — Ele observou Dryas. - Será que ela entende? — Ele perguntou.

— Sim. - Respondeu ela.

— Falava latim muito bom quando nos conhecemos. — Interveio Fulvia. - Acredito que nos entende à perfeição.

— Entendi-te então e também agora. - Disse Dryas.

— Por que o lobo estava aqui? — Perguntou Voz de Cascalho.

— É um amigo.

— O que? — Gritou Fulvia. - Você é uma insolente e os escravos insolentes...

— Não fará de mim uma escrava, Fulvia! Se quiser algo de mim, esta é a forma equivocada de me pedir.

Fulvia ficou branca de ira.

— Você... - Ela sussurrou com voz rouca. - Te farei açoitar até que suplique a morte... Até que sua pele se pendure em tiras vermelhas de...

—Minha senhora! – Disse Voz de Cascalho, assinalando com o polegar para uma clareira onde os soldados estavam preparando o café da manhã. Saltou do carro e Fulvia o seguiu.

O homem caminhou até o extremo do acampamento, logo se voltou e falou com calma.

—Minha senhora, eu não tenho tocha a afiar. Separaremos-nos dentro de uns poucos dias e provavelmente não voltarei a vê-las. Mas conheço esses keltos e meu povo não fez todas essas estátuas deles suicidando-se porque fosse gente amável e manejável, especialmente os nobres e os sacerdotes. Acredito que esta mulher é as duas coisas e se quer levá-la viva a Roma, e em Roma quer que ela atue na arena, será melhor que lhe mostre um pouco de respeito e lhe dê razões para cooperar. Além disso, não sei o que Luto viu no carro ontem à noite, mas se for a metade do tamanho que diz ele que era, eu não gostaria me inimizar com ninguém que tivesse amigos tão... Peculiares... E talvez desagradáveis.

Fulvia não respondeu, mas se afastou para observar o caminho que levava a costa.

—Tem razão. – Ela disse por fim. – E, maldita seja, quero essa mulher para exibi-la como lutadora. Um importante amigo meu está, digamos... Fascinado pela idéia de uma verdadeira Amazona.

Em ver uma delas em carne e osso. Como posso dirigi-la?

Fulvia podia parecer doce e encantadora quando era necessário.

—Deixe-me a sós com ela durante um momento. Talvez, só talvez, eu consiga convence-la de que deve mostrar mais cooperativa.

Ele voltou para o carro e olhou para Dryas.

—Deve estar incômoda a estas alturas. Se quiser, posso te levar a um arroio próximo e se prometer não fugir, tirar suas correntes e te conseguir um pouco de comida.

Dryas abriu os olhos e assentiu.

—Sua palavra. - Insistiu ele.

—Sim.

Voz de Cascalho teve que ajudar Dryas a descer do carro, pois ela estava anquilosada pelo tempo que tinha passado presa. Levou-a até o arroio e afastou o olhar quando ela se foi para trás de uma árvore.

—Um amigo. - Ele disse.

—Sim.

—Não gostaria de explicar isso um pouco melhor?

—Não.

—Pensei nisso.

Dryas saiu de atrás da árvore, entrou na água e começou a lavar as mãos e o rosto.

Voz de Cascalho olhou colina acima, para os soldados que trabalhavam no acampamento. Fulvia não estava a vista e os homens não podiam ouvi-lo.

— É importante. Fulvia me pagou mil moedas em ouro para te trazer de volta. Não sou tolo, pois conheço seu povo e sei que já não estaria viva se não quisesse, então deve ter pensado um pouco. Esses romanos são uns bastardos. Deixe que Fulvia a suborne e a manipule um pouco. Eu lhe disse que conseguirei que você colabore. Faça o que eu digo e a ajudarei a chegar viva a costa. Depois, convém a você. Finge que quer dinheiro. Ouro. É o melhor com eles. E comigo estão certo, é o que quero. Mas não é seu caso. Como se chama, mulher escura?

— Dryas.

Ele assentiu.

— Aquila.

— Obrigado, Aquila.

— Boa sorte, Dryas.

Ao chegar A casa, Lucius foi ver Aristo.

— Quanto dinheiro eu tenho? — Perguntou.

— Muito.

— Bem! Suficiente para pagar uma legião?

— Sim e é fácil que até o triplo dessa

quantidade.

— Envi e a César dinheiro suficiente para uma legião e para pagar os homens durante um ano.

— É isso o que ele deseja?

— Sim.

— E você conseguirá o que quer?

— Sim. Também quero uma terrina de madeira, mas posso consegui-la na cozinha.

— Pensei que poderia estar contemplando uma transação assim - Disse Aristo, - e preparei os documentos.

Ele entregou a Lucius várias folhas de papel. Ele leu meticulosamente e assinou todas.

— Sim, o sangue fala. Acredito que terá tanto êxito como teve seu avô.

— Meu avô?

— O autêntico fundador da fortuna da família Basília. Eu era só um moço quando nos conhecemos. Ele comprou uma família que não podia seguir alimentando seus filhos. Eram os maus tempos de Mario e Sila. Muitos empobreceram por causa deles e entre eles meus pais.

— Que terrível! — Sussurrou Lucius.

— Não. - Replicou Aristo. - Resultou que seu infortúnio foi uma sorte para mim e com o tempo também para eles. Graças a sabedoria de seu avô,

eles recuperaram tudo o que tinham perdido e muito mais, como eu e meus irmãos e irmãs. Sua família é uma das mais ricas dos cavalheiros de Roma.

Lucius engoliu saliva.

— Mas você te converteu em escravo.

— Moço, moço! — Suspirou ele. - Os homens aceitaram a escravidão para alcançar a posição que tenho e que teve meu pai antes que eu, administrador de uma família em ascensão, como era a tua então. Acredito que meu pai sentiu que seu avô podia estar ali para aproveitar de nosso desastre, e ter apoiado a Mario, mas quando ouvimos sua oferta... Ofereceu uma soma principesca, que permitiria minha mãe viver comodamente e minhas irmãs fazer excelentes matrimônios. É obvio, minha mãe teve que divorciar de meu pai. Uma pena. Aquilo foi muito duro para ela, que amava meu pai. Mas ficaram juntos no final.

— As coisas nem sempre saem tão bem, certo? Olhe o caso de Octus.

Aristo franziu o cenho.

— Não sabia que o conhecesse.

— Tive que rebuscar um tempo em minha memória. Não o relacionara ao mordomo de minha

mãe, com o velho porteiro acorrentado na porta. Mas quando o vi melhor vestido e andando livremente pela casa, me recordei. Ele merecia muito melhor trato por parte desta família, por parte do filho de minha mãe.

Aristo parecia incômodo.

— Talvez, mas seu pai talvez tivesse suas próprias razões. Não sei o que dizer. Não me comunicava isso... Nem a mim e nem a ninguém. Só posso falar por mim. E minha família prosperou. Meu pai recuperou a liberdade ao morrer seu avô e eu a minha quando morreu seu pai. — O ancião se recostou em sua cadeira, pegou uma pequena faca da mesa e começou a afiar a ponta de sua pluma. — Não lhe contei isso para despertar sua simpatia, mas para te demonstrar que, nesta vida, as vezes não temos escolha.

Lucius assentiu.

— Manipularam-me.

— Muito provavelmente. Não posso provar, é obvio e embora pudesse o que poderia fazer você a respeito?

— Nada. — Lucius baixou o olhar para seus dedos.

— Quem foi o instigador?

— Antonio, certamente. Digo-lhe isso porque

acredito que é o verdadeiro descendente de seu avô e o bastante frio para poder usar a informação em seu próprio benefício e no de quem dita proteger. E, por certo, a idéia de sua irmã de cultivar vinhedos na Galia é provavelmente boa, assim se afaste de seu caminho.

Lucius sentiu que acabavam de lhe despedir. Aristo voltou a inclinar a pluma sobre os documentos na mesa.

— Dizem que são sessenta. — Ele comentou.

A pluma de Aristo se deteve e o administrador levantou a cabeça para fitar Lucius nos olhos.

— Dizem muitas coisas. O que opina sobre isso?

— É uma loucura! Uma loucura do pior tipo! Eu não gosto da política. Jogar dinheiro já é bastante ruim. Não estou disposto a apostar minha vida.

— Pode ser que não tenha outra opção — Disse Aristo com tranquilidade.

— Sabe que César me disse o mesmo?

— E provavelmente tenha razão. Então, em seu lugar eu me prepararia. Por certo, agiu muito bem colocar Firminius em seu lugar. Não acredito que volte a ter problemas com ele, nem eu tampouco. Mas sua irmã é outra questão.

—Falando de minha irmã... —Lucius se deteve na porta. - Há uma casa de comidas perto da Cúria. Sua proprietária... Fez-me um... Serviço.

—Por favor, não me diga mais! — Interrompeu-lhe Aristo. Seus olhos estavam velados.

Sim, pensou Lucius. Não é um assunto seguro. Não nesta casa. Se Fulvia se inteirasse...

—Não se fixa muito nos papéis que assina, não é? - Perguntou Aristo mostrando-lhe um documento. A dívida de Lucrecia com Myrtus estava saldada por completo.

Lucius assentiu com um sorriso e devolveu o documento ao administrador, enquanto pensava no paradoxo de que, em um mundo onde poucos sabiam ler, a comunicação por escrito fosse mais segura que a falada. Se pronunciasse uma só palavra sobre o assunto, podia ser repetida em todas as casas de Roma antes do anoitecer, mas se a enterrava em uma pilha de poeirentas contas domésticas, ninguém saberia nunca. Ele sorriu novamente e saiu.

Capítulo 20

Ainda não havia amanhecido. Dryas contemplava a arena. Só ardiam umas poucas tochas lá fora e embora nunca tivesse visto uma arena, ela seencaixava com a descrição de Mir. Não era muito grande. Havia degraus de assentos, mas não mais de oito ou nove filas.

Uma caixa elevada dominava a superfície coberta da arena. Estava rodeada de puas de ferro dobradas para baixo, para permitir uma boa visão a quem se sentasse atrás delas, mas também para impedir que os participantes do espetáculo, fossem humanos ou animais, alcançassem os importantes espectadores.

—Sim. — Ela disse em voz baixa. Estava sozinha. Tinha sido levada para Roma na última hora da tarde e havia chegado ao Ludus quando já era de noite, ouvindo parte de uma acalorada discussão entre Fulvia e o homem que dirigia aquela escola de gladiadores, o lanista. Ou talvez não fosse uma discussão, só Fulvia se impondo. Ela gostava de se impor, como havia descoberto Dryas durante a viagem.

Aquila seguia junto. Fulvia havia lhe

subornado para que ficasse com ela.

Tinham levado Dryas para uma cela do edifício, sem entrada de ar e nem luz. Uma caixa sem janelas atravessada por uma grade de ferro e durante a estação fria, como era o caso, uma porta de três pesados painéis de carvalho. Tijolos de terracota formavam uma plataforma elevada de um lado da casa. Sobre ela, Dryas viu roupa de cama.

Haviam lhe deixado um pequeno abajur de argila, mas não tinha azeite e a chama começava a vacilar. Dryas aproveitou o pouco tempo de luz para preparar a cama, e quase lamentou dispor do abajur quando viu que o colchão de palha tinha muitas manchas de sangue.

Havia uma pequena chaleira de barro com um trapo como única tampa em um canto da cela. Dryas se voltou para a cama e viu ainda mais mancha no outro lado. A manta era igual o colchão.

Fora, inclusive com a porta fechada, podia se ouvir o ruído da chuva e do vento e algum golpe ocasional quando se fechava uma porta. Devia ter alguma entrada de ar, porque de vez em quando Dryas podia sentir a sucção da tormenta e uma pequena lufada de ar cruzava sua cela.

A cela era tão diminuta que se ficasse no centro, com a mão tocando a parede do fundo, a

porta ficaria a poucos centímetros. Se estendesse os braços, podia tocar as paredes de cada lado.

Mesmos os animais que lutavam contra os bestiários desfrutavam de estábulos mais cômodos, mas provavelmente não havia por que se surpreender: também eram mais caros.

O abajur se apagou por fim, deixando Dryas na escuridão. Ela sentiu medo por um instante, logo pena e por fim desespero. As úmidas paredes de tijolo estavam impregnadas dos sentimentos dos criminosos e prisioneiros de guerra condenados à arena.

E o que haviam feito aqueles desventurados? Pensou Dryas. Alguns, poucos provavelmente mereceriam a morte, mas na maioria dos casos, de ter julgamento, o culpado teria pago sua falta com uma multa.

Certamente teriam cometido crimes modestos e de pouca importância. O roubo era o mais habitual e Dryas sabia que, quanto mais ricos se tornavam os ricos, mais temiam e odiavam quem tentasse lhes despojar mesmo uma fagulha de sua fortuna.

Quanto aos prisioneiros de guerra, recordava o que lhe havia dito Aquila.

—Esses bastardos romanos acreditam que os

deuses os outorgaram o domínio sobre o mundo inteiro. E qualquer um que diga a eles, vocês não tem direito de me governar e nem controlar meu povo e minha terra, é um criminoso que merece a morte. O que se salva acaba como escravo. Eles têm direito a fazer o que quiserem contigo. E, me acredite, isso é o que querem dizer quando falam do “governo da lei”. Suas leis e seu governo.

Ele fora muito amargo. Dryas era consciente de que os romanos deviam deixar um rastro de ira e dor onde fossem. Para seus critérios, ela também era uma criminosa. Sua gente tinha descido das terras altas para ajudar os povos da costa contra César e sem dúvida o voltariam a fazer. Portanto, segundo o critério romano, um critério que aspiravam impor ao resto do mundo, Dryas merecia se converter em objeto de seu poder. Uma demonstração de domínio absoluto. Pois não há poder mais absoluto que o de fazer com que os homens lutem até a morte e matem por tua ordem.

Considerar tal usurpação do poder divino a luz do dia é uma coisa, e outra é fazer na escuridão e sentir a agonia, a derrota e a perda gotejando das paredes. E ouvir a chuva.

Dryas dormiu e sonhou que de alguma forma havia ficado livre e voltava para seu lar, subindo

pelas costas herbosas e que aquele desgraçado destino era somente um pesadelo a esquecer, enquanto corria com seus cães entre a urze, banhada pela púrpura, violeta, azul e o rosa pálido do amanhecer. Sua alma sentia tal amor por seu próprio mundo que era um deleite para seu coração. Despertou na escuridão, presa de um desespero tão profundo que soube que não podia ser dela. A alma perdida gemia como uma criança abandonado e ela a serenou com lembranças extraídos de sua memória, como os fragmentos de um pergaminho ou uma coleção de flutuantes folhas de outono; vermelho, amarelo, laranja e ouro flutuando na superfície de um lago tranquilo. O espírito cessou em seus lamentos e dormiu. O mesmo ela fez.

Aquila despertou antes da primeira luz. Ainda estava escuro lá fora. Deu-lhe uma taça de posea, o azedo vinho dado a soldados e escravos. Dryas teria preferido uma de suas próprias infusões, mas não era muito ruim. Alguém, talvez uma mulher, tinha acrescentado ao vinho uma erva aromática, provavelmente hisopo em pequenas doses. Era um estimulante.

—Márcia, a esposa do lanista, diz que pode usar sua letrina. Está logo ao sair da cozinha. Também encontrará algo de comer. —Disse Aquila.

Dryas assentiu enquanto bebia o resto do vinho.

Aquila guiou Dryas escada abaixo. Sua cela estava no terceiro apiso. Do corredor, ela pôde ver que a arena era o bastante grande para albergar centenas de espectadores. Havia mais celas pelo corredor.

—É muito grande este lugar? — Ela perguntou.

—Cabem uns trezentos, mais ou menos. Mas bem menos. Ultimamente não houve *oferendas* e não há jogos previstos até a primavera, então duvido que haja mais de cem homens.

—Oferendas?

—Oferendas de gladiadores.

—Oferendas? Assim o chamam?

—É oferecido em memória de alguém que morreu.

—E agrada ao seu espírito?

—Não sei. — Disse Aquila. — Sou um bom grego e nunca demos muitas voltas em como nos sentimos a respeito da última vida. Se quiser minha opinião e é algo que duvido a estas horas da manhã, aos romanos não importa quantos escravos morram. Eles desfrutam do espetáculo. Quanto a César, o único que lhe preocupava em suas oferendas era

impressionar todos em Roma com seus êxitos como conquistador e se desfazer de prisioneiros fossem muito bravos e rebeldes ou o bastantes sagazes para lhe desafiar. Os que se inclinaram sob o jugo se salvaram. O resto... Bom, se mata a maioria dos jovens de qualquer povo, não darão problemas aos coletores de impostos romanos durante muito tempo.

Eles se detiveram aos pés dos degraus e Aquila bateu na porta do que parecia uma pequena casa romana. Uma mulher a abriu.

—Aqui está. – Disse Aquila, dando um pequeno empurrão em Dryas.

A mulher estendeu a mão e arrastou Dryas até o que era claramente uma cozinha. Havia papa cozinhando em um canto e a fumaça do fogo saía por uma abertura perto do teto.

A mulher era bonita, embora estivesse um pouco consumida. Era uma latina de cabelo escuro e encaracolado, pele morena e generosa figura.

—Oh, não! – Disse ela a Aquila quando o mercenário entrou na cozinha atrás delas. – No que estava pensando a senhora Fulvia? Esperava uma vagabunda ou um fenômeno de feira, mas ela é uma dama.

—Cuidado, Márcia. Seu latim é muito bom. É

melhor que o de muitos pedagogos, e também sabe ler e escrever.

— Por Juno e Matrona, não pode estar nesses buracos dali acima nos quais encerram criminosos e sei eu o que. — Márcia soava escandalizada. — Venha, querida. — Ele pegou Dryas pela mão e a levou para o outro lado de uma cortina e uma tela de madeira. A latrina tinha um assento, também de madeira. Havia perto uma cuba de bronze cheia de água e um pau com uma esponja no extremo pendurando da parede. Em uma mesa adoo outro lado havia uma bacia com água quente, de cuja superfície se elevava o vapor. Sobre o respaldo de uma cadeira havia outra esponja, uma túnica e sandálias.

Márcia pareceu embaraçada por um instante e assinalou a esponja da parede.

— Isto é...

— Entendo - Respondeu Dryas. - Vinagre?

— Oh, sim. Não tinha pensado nisso, mas funciona bem. Deixe suas roupas aqui e eu as lavarei. É sua espada? Aquila me disse que sim, mas não acreditava que uma mulher pudesse...

— Podem entre meu povo e também posso eu. Supõe-se que devo. Recebi-a de meu professor quando alcancei a idade apropriada.

As mãos do Márcia se agitaram.

— Eu sei.. Não, não sei. É uma dama. Aquila disse que foi de alta classe...

Dryas encolheu os ombros com um sorriso.

— Não acredito que isso tenha importância agora.

Márcia a deixou sozinha para que ela completasse seu asseio.

Enquanto usava a latrina, se lavava e se vestia, Dryas a ouviu falar com os outros dois.

— No que está pensando Fulvia? — Repetiu Márcia.

— Não sei. Por isso sigo aqui. — Respondeu Aquila. - Jurei que os deixaria em Messene, mas ela não é como pensava. Márcia, ela matou seis homens e Luto jura que viu um lobo visitando-a de noite.

— E como ela explicou?

- Disse que o lobo era um amigo.

Márcia não respondeu. Dryas terminou de se vestir e voltou para a cozinha. Márcia lhe deu uma terrina de trigo cozido com leite e um pouco de pão ácimo. Aquila saiu.

Dryas comeu rapidamente. Enquanto isso, Márcia seguiu cozinhando, mas sem perdê-la de vista pela extremidade do olho. Ela estava terminando de comer quando Aquila entrou

novamente.

— É hora de ir. — Ele lhe disse. — Ela a quer ali para o amanhecer. Eu não posso ir contigo. Há uma liteira lá fora...

Márcia saiu um momento para voltar com um manto escuro, um palla.

— Tome ou se resfriará. — Ela continuou enquanto envolvia Dryas nele.

A liteira descansava sobre o chão, diante da porta. Ainda estava escuro. Dryas separou as cortinas e se sentou sobre as almofadas. Aquela acorrentou seu tornozelo a um dos postes que sustentavam as cortinas. O fez com expressão envergonhada.

— Me mandaram. — Ele explicou e fechou as cortinas.

Um homem de aspecto poderoso cavalgava junto à liteira.

— Está proibida. — Ele grunhiu quando Dryas tentou abrir a cortina. Mas ela conseguiu deixá-las um pouco abertas.

Tampouco via nada que pudesse lhe ajudar. Somente edifícios escuros e fechados, ruas estreitas e tochas acesas.

Havia um suave toque de luz no este quando chegaram à arena da vila Basília. O homem soltou o

grilhão de seu tornozelo e Dryas foi levada através de um túnel até a cela onde ficou contemplando o lento progresso do novo dia. A porta estava fechada.

Com a luz, Dryas viu uma jarra de barro e uma taça junto à parede da câmara. Sentou e serviu do líquido: posea novamente. Ela tremeu apesar do manto. Fazia tanto frio que ela decidiu beber um pouco daquela beberagem.

Sentia extranhamente relaxada. Sua mente estava tranqüila. Estava segura de que não demoraria em morrer. Haveria alguma maneira de levar César com ela? O lobo não havia dito se ia segui-la, mas ela pensou que era possível. Em tal caso, seria um útil aliado. Descansou as costas contra a parede e aguardou com absoluta calma.

Octus despertou Fio mais ou menos no momento da chegada de Dryas. O grego ficou em pé e começou a se vestir.

— Ela te quer lá. - Disse octus. Parecia cansado.

— O que aconteceu?

Octus se apoiou na parede estucada do dormitório de Fio.

— Foi uma má noite. Ela acabou de chegar e já começou a atirar coisas. Todas as donzelas estão chorando ou pelo menos todas as que não estão

históricas. Firminius se encerrou em seu dormitório. Nem Antie pode acalmá-la.

— Antie?

— Sim, sua donzela pessoal. Normalmente, ela e Firminius são os únicos a quem ela ouve quando tem um de seus acessos de raiva.

— Tentou despertar Aristo?

— Não estou tão louco. Acha que quero acabar acorrentado novamente junto à porta?

— Não acredito que isso chegasse a acontecer. Ele gosta de você.

Octus sorriu um pouco inseguro.

— Sim? Diz tão pouco em um sentido ou no outro... A verdade é que não estava seguro.

— Gosta, e muito. — Fio pôs a mão sobre o ombro do velho. - Não acredito que tenha nada a temer agora.

— Bom, em qualquer caso meu amo precisa dormir. Não acredito que fosse uma boa idéia. Ela quebrou um vaso de cristal na cabeça de Firminius e atirou um espelho de mão em Antie. Antie reagiu bem e pôde se abaixar, mas Firminius fugiu gritando. Estava descalço e cortou um pé com os cacos. Não acredito que seja um ferimento muito grave, mas deixou rastros de sangue no dormitório da Fulvia, no átrio e no corredor até sua casa. Mas

acredito que não feriu ninguém mais, embora estivesse jurando vender todos os escravos esta manhã.

— Na realidade não pensa vender.

— Não, provavelmente não... Ou teria despertado Aristo ela mesma. Em qualquer caso, tem que preparar um novo gladiador para uma exibição privada em sua arena pessoal esta manhã.

— Muito bem. - Disse Fio. - E por que estava tão zangada?

Octus arqueou as sobrancelhas.

— Não sei. Entrou, viu Fraco e Africano de porteiros e mandou chamar Firminius. Antie e as demais garotas estavam despindo-a. Firminius entrou e fez sair às garotas, salvo Antie que ficou porque foi sua ama de leite e Fulvia confia nela. Em seguida Firminius saiu gritando, igual Antie, enquanto ela atirava as coisas.

— Devia ter me despertado para que lhe desse um sedativo.

— Deveria me pagar por protegê-lo. - Repôs Octus. - Uma das pessoas que ela amaldiçoava, além dele era você. Cuidado com o novo gladiador. Ela comprou-o na Galia e acredito que espera que você seja sua primeira morte. Seja como for, quer dá-lo a César em uma amostra de sua nova estrela.

Então tem um javali esperando.

— O que é um gladiador ou um besharius? —
Perguntou Fio. - Já sabe que há uma diferença: um luta com homens e outra com animais.

— Se de verdade há uma diferença eu não a diferencio, Fio. Todos os que já vi são grandes, perigosos, ameaçadores e desagradavelmente ágeis. E essa descrição não só serve para os homens, mas também para os animais com os quais lutam. Às vezes é difícil distinguir entre uns e outros. Acha que deveria despertá-lo?

— Sim. - Respondeu Fio. - Se César vier, o cabeça de família deve estar presente embora seja somente para manter as aparências. Nossa pequena senhora é muito cuidadosa com sua reputação.

Octus notou que sua face estava rígida pela aversão.

— Vou despertá-lo agora.

— Não se preocupe se...

O escravo meneou a cabeça.

— Não, ele nunca se zangou comigo, nem mostrou a menor impaciência.

Fio assentiu. Sabia o porquê. Lucius se sentia culpado em relação à Octus. A lealdade que o porteiro havia mostrado a sua mãe Silvia teria merecido melhor recompensa, mas Lucius estava

cumprindo seu serviço militar na Galia quando sua mãe morreu, e não tinha pensado muito no destino de seus criados.

Enquanto Octus ia despertar Lucius, Fio foi ao armeiro para pegar roupa, malhas e lanças. O escravo que o atendeu não fez comentários.

O sol começava a nascer e o céu estava brilhante. Fio apoiou as lanças na parede, sujeitando a roupa e as malhas com o braço enquanto se atia melhor o manto. Fazia frio. Ouviu gritos e rugidos nas cercanias. Deviam estar torturando o javali para que a criatura oferecesse uma luta interessante. Estremeceu um pouco, recordando algumas das coisas que haviam lhe feito os homens de Antonio.

O javali estava entre os mais selvagens dos assassinos, então Fio reservou suas simpatias para o homem. Um tropeço perto de um animal assim podia lhe deixar retorcendo de agonia na arena.

Fio conhecia bem os gladiadores e os bestiarii, e não tinha medo. De fato, estavam entre os mais agradecidos de seus pacientes. Eram os sujeitos menos apreciados que tinha visto, tanto criminosos como prisioneiros de guerra. Os prisioneiros de guerra eram os que não consideravam que valesse a pena vendê-los como escravos e os criminosos procediam dos tipos mais empobrecidos da

sociedade romana. Em sua maioria se mostravam extravagantemente agradecidos pela menor amabilidade. Os poucos que odiavam tudo o que se aproximasse deles não sobreviviam muito tempo.

E aquele novo gladiador tampouco, certamente. Parecia bastante pequeno, sentado em silêncio e contemplando a arena através da grade. A magra figura estava envolta em sombras. O grande guarda postado junto à porta a abriu para Fio. Ao ouvir o ruído do ferro, o ocupante do banco se voltou para ele e Fio se deu conta de que estava olhando para uma mulher.

Octus despertou Lucius e lhe disse que sua irmã havia voltado àquela noite.

—Lamento ter perdido sua chegada. - Ele disse.

—Sim. - Respondeu Octus enquanto se preparava para barbeá-lo.

—Oh, não. - Se queixou Lucius, voltando para seu quente leito.

—César virá. - Explicou o escravo.

Lucius saiu trôpegamente para o pátio, sentando-se em uma cadeira mais à frente do alpendre. A luz era boa e Octus o barbeou ali. Alia lhe levou sua toga e uma túnica de lã.

—O que vou fazer para ter que me vestir

assim? – Perguntou Lucius.

– Assistir a uma oferenda com César, Cleopatra, Antonio e sua irmã. Ela trouxe um novo gladiador da Galia.

Lucius murmurou uma obscenidade entredentes. Logo, em voz ainda mais baixa, associou César e Antonio a ela, sugerindo o que podiam fazer um ao outro, por turnos.

Octus retrocedeu, com anavalha em mão.

– Meu senhor...

– Já sei, já sei. – Disse Lucius. - Não devo falar nem mover o rosto.

Octus recomeçou sua tarefa. Lucius observou com certo alarme que a mão de seu criado estava tremendo, mas em alguns momentos se encontrou barbeado, penteado e perfumado e pouco depois vestido com uma toga com a franja púrpura e as dobras corretamente dispostas. Quando Castor e Pólux o ajudavam, um objeto infernalmente difícil de usar, pois sempre escorregava e caía, mas Octus tinha talento para ajustá-la de tal forma que sequer o vento a movia.

Já bem vestido, Octus o conduziu ao átrio. Também o acompanhava Orelha cortada, lacônico como sempre.

– Devo haver luta - Disse o galo.

César e Antonio chegaram, o segundo amaldiçoando entredentes.

—Guarda-me rancor esse teu médico grego?

— Ele perguntou ao ver Lucius. - Porque se tiver, tenho um remédio infalível para os escravos rancorosos.

—Fio não é um escravo. - Disse Lucius.

—Não. — Interveio Cessar. - É um cidadão romano, com tão direito a usar a toga como você, Marco Antonio e pode votar nas assembléias.

Antonio pareceu irritado.

—Não sabia que já tivesse feito isso.

—Assim é. - Respondeu César com um sorriso.

—Muito bem, então acredito que terei de pagá-lo. Mas o faça vir esteja onde estiver. Tenho a pior enxaqueca desde que Zeus tirou ateneu da cabeça. Sinto a língua como se tivesse passado vinte anos em um tonel de curtir. Os olhos me sobressaem como os de um caranguejo, pelo menos duas ou três polegadas. Juro sobre a tumba de meu pai. Se não for Fio, que alguém, quem seja, tenha piedade de mim. Tragam-me algo para beber.

Octus se inclinou ante Lucius.

—Fio está com o novo gladiador. - Ele lhe disse em voz baixa. - Mas, se quiser, sei onde

guarda muitas de suas drogas. Posso trazer um pouco do que...

—Sim, sim. – Disse Antonio. - E se cometer um engano, traga algo que me mate em seguida. A morte é melhor que esta tortura. A luz do dia me queima. Queima-me, juro-lhes.

Cleopatra chegou com aspecto fresco e os olhos pintados. Soltou um risinho ao ver Antonio.

Fulvia fez sua entrada, mostrando um comportamento irreprochável. Beijou ostentadamente Lucius na face e abraçou César.

—Meu querido amigo, tem que ver o que trouxe para ti. – Ela disse. Logo trocou beijos com Cleopatra.

Octus voltou com uma taça. Entregou a Lucius com uma inclinação e saiu. Lucius olhou o conteúdo. Possuía o mesmo aspecto e aroma que a cura de Fio para a ressaca. Entregou a Antonio.

—Venham. – Disse Fulvia. - Vejam minha nova arena de adestramento.

Os olhos de Fio estavam cravados na mulher.

Ela se aproximou e o grego lhe deu as três lanças. A mulher as estudou com ar crítico. Todas eram de diferentes formas. Ela deixou uma de lado em seguida. Inclusive Fio podia ver que a ponta estava solta. A mulher colocou as outras duas sob a

luz achando satisfatória uma delas.

— Está embotada. — Ela explicou sobre a outra, começando a afiá-la contra o banco de pedra. O metal não demorou em ficar afiado, e a mulher o provou cuidadosamente com o polegar. — Não te serviria para se barbear, mas está bastante bem. — Ela disse a Fio. — O que é, um homem ou um animal?

— Um javali, acredito.

— Estupendo, um javali. Ela não pede muito, certo? Três lanças, uma delas com a ponta solta e nada confiável. E as outras duas sem guarda de cruz.

— Guarda de cruz? — Repetiu Fio, sem entender .

— Sim. Um javali pode seguir avançando ao longo da lança e matar o homem que a segura ou mulher em meu caso - Disse ela. Seus lábios se torceram no que podia ser um pequeno sorriso. — Feche a boca ou algo se aninhará nela. Que mais tem aí, algum amparo?

Fio lhe deu o subligaculum e a malha.

A mulher elevou a malha para observá-la a luz. Era bastante bonita, de pequenos anéis de prata. O pescoço e a margem sob os seios estavam decorados com grandes e brilhantes pedras.

—Formosa. - Disse ela. - E não sustaria nem um agulhão. Se o javali me derrubar, terei suas presas cravadas em mim antes que possa me dar conta. E o que é isto?

O subligaculum era de seda vermelha, ligeiramente mais complicada que uma tanga. Tinha um cinturão formado por grandes elos planos de ouro. A seda chegava até abaixo das nádegas, cobrindo-as bastante bem. Logo subia entre as pernas até o estômago, com fixações para prendê-las a corrente.

—Parece que gastaram um pouco de dinheiro nisto. - Comentou Dryas cinicamente.

—Vou atrás de te encontrar uma lança melhor - Disse Fio e correu para a porta, que encontrou fechada. O guarda havia saído. - Estamos presos - Ele disse voltando-se para Dryas com expressão de desânimo.

—Sim. - Respondeu ela com um sorriso. - Tente aparentar que não preferiria estar encerrado com uma leoa.

Fio balbuciou algo, mas não pôde recordar o que.

A mulher riu, examinando o restelo.

—Vem gente de fora?

Fio assentiu.

—São os espectadores? — Perguntou ela, assinalando a tribuna sobre a arena.

—Sim. - Respondeu Fio e pôde reconhecer Fulvia, Antonio, Lucius, Cleopatra, César e Orelha cortada.

Havia muita luz. A tribuna dos espectadores tinha um toldo, mas estava dobrado. O sol estava alto e os assentos da direita e a arena brilhavam sob a luz amarela.

—Volte-se - Disse ela.

Fio começou a retroceder muito devagar, com um olho fixo na mulher.

—A porta está fechada. - Ele disse. - Não posso sair. Oxalá pudesse...

—Bu! - Disse Dryas.

Fio retrocedeu com um salto de dois passos.

—Volte-se, quero me vestir. - Explicou ela lentamente.

—Oh, Oh, ooh! - Disse Fio, com um suspiro de alívio. Ele se voltou, com o rosto para a parede. Pôde ouvir ruídos Outros sons chegavam do outro lado da arena. Bufos, grunhidos, um golpe surdo... Logo o ruído de patas sobre o solo sob a arena e um forte golpe contra o restelo. Fio se voltou novamente.

O javali voltou para estelar suas presas contra

a grade de ferro. Deuses imortais, aquela coisa era grande e cheirava a sangue, pois estiveram lhe provocando. Também fedia a urina de porco. O responsaável pelos cuidados dele tinha medo e passava muito tempo sem lhe limpar a jaula.

Enquanto Fio o olhava, o javali abriu sua enorme boca e mostrou os dentes, piores que as presas dos dois lados do focinho. Compridos, amarelados e cruéis. O animal soltou um furioso grunhido e golpeou o restelo outra vez. Tinha a pele negra, com cerdas no focinho, que logo seguiam pelo lombo.

Dryas o observou com calma, medindo um de seus flancos com uma lança. O animal investiu novamente, chiando e rugindo. Por um instante, Fio temeu que a grade cedesse.

Então ouviram uns gritos de acima e uma chuva de pequenos projéteis caiu sobre o javali para afastá-lo do restelo.

Fio estava horrorizado.

—Essa coisa... Essa coisa a matará - Disse. Logo se deu conta de que Dryas já estava vestida.

Ela sorriu-lhe, com um sorriso formoso e amável.

Livre da tosca túnica que usava antes, ela era formosa e a imagem de seu sorriso e seu corpo

coberto pela curta cota de malha e a tanga ficou gravada para sempre na mente do médico. Pernas largas e esbeltas, que faziam parecer torpes à maioria das mulheres, musculosas na pantorrilha, estreitas no joelho e de coxas poderosas. Quadris estreitos, quase virginais e um estômago plano e musculoso sob a superfície da pele veludo. Seios altos e o bastante generosos para afastar o tecido de malha de seu abdômen. Braços belamente formados, proporcionados com o corpo como as pernas, fortes, mas não avultados... Como os cabos em uma polia.

O javali deu uma volta completa na arena e se voltou para a porta. O restelo começou a se elevar. Gritos do alto fizeram com que o animal voltasse para centro do círculo.

Dryas pegou uma lança em cada mão. O restelo subia cada vez mais rápido

— Não - Disse Fio. - Não!

— Mais vale que saia, - Ela disse com suavidade, - ou ele entrará e matará nós dois. — Como um relâmpago, ela se abaixou sob o restelo e ficou em frente o javali.

O animal carregou contra ela. Dryas estava sozinha, envolvida pelo silêncio. Correu por sua vez, com o javali investindo. Perdeu-o de vista por

um momento, quando a luz do sol passou acima da parede leste da arena. Quando conseguiu vê-lo novamente, o animal já estava quase sobre ela. Sentiu que uma presa lhe arranhava a perna e cravou a lança que levava na mão direita no flanco do javali. O animal grunhiu, mas sequer reduziu sua velocidade. Voltou-se, mas Dryas o sujeitou a lança. O gesto o freou um pouco, lhe fazendo perder impulso. Então Dryas soltou a lança bruscamente, deixando que o animal a levasse arrastando.

O sol lhe dava nos olhos e Dryas passou a lança da mão esquerda para a direita. Na tribuna, Lucius seguia assimilando o fato de que contemplavam uma mulher. Quando ela e o javali ficaram ocultos por um instante sob uma nuvem de arena, com o animal tentando lhe cravar as presas, Lucius ficou em pé, com um grito formando em sua garganta.

—Tão logo... Que lástima. — Ele ouviu dizer César ao seu lado. — Esperava uma luta mais longa.

Então ele observou a lança cravada no corpo do javali enquanto a mulher se afastava para o lado.

Estavam quase sob a tribuna.

—Por Baco, uma mulher! — Bramou Antonio.

— Aposto cem áureos pelo javali.

— Aceito! — Exclamou Lucius.

— Eu também! — Gritou César.

Daquela vez foi o javali que perdeu Fryas de vista por causa do sol. Mas a lança da mulher escorregou sobre suas costelas e caiu na arena, deixando-a desarmada.

O javali se deteve por um momento, seus flancos agitando-se pesadamente. O sangue emanava do ferimento que havia sofrido. A lança seguia cravada arrastando-se atrás dele e Dryas observou que a espuma que lhe cobria as mandíbulas era vermelha. Seu segundo ataque devia ter lhe acertado um pulmão, apesar de sua aparente falha.

Mas aquele assassino estava muito longe de ser exterminado. Investiu. Dryas voltou a se mover para a esquerda, mas ele a seguiu. Logo à direita. A criatura parecia antecipar todos os seus movimentos.

Dryas saltou como uma acróbata, caindo sobre as mãos atrás da cauda da fera, descreveu uma pirueta e caiu em pé no centro da arena.

O javali se se voltou com uma incrível agilidade, mais própria de um arminho ou uma doninha que de um porco e investiu novamente.

Na tribuna, Lucius ouviu que Antonio ofegava de admiração. César riu. Mas aquele javali

era um adversário mortífero e Lucius sentiu medo pela mulher. Inclinou-se sobre o corrimão, com os punhos crispados em torno das puas de ferro.

Dryas recuperou sua lança e para horror de Lucius, esperou o animal de joelho em terra. Sabia o que estava fazendo a mulher. Ele havia matado uma cerda do mesmo modo, naquele longínquo dia em que lhe cravaram sua própria espada pelas costas.

— Não. — Ele sussurrou. - Não, não o faça. Feriste-o no pulmão. Dentro de pouco será incapaz de respirar e terá terminado. — Ele sabia tão bem como ela.

Dryas cravou a lança entre as costelas do javali, mas o animal seguiu avançando pela haste, com a boca aberta e as presas amareladas preparadas para lhe rasgar o ombro e o pescoço. Ela saltou para trás, mas tinha esquecido onde estava, e seu corpo se chocou contra a parede de pedra da arena.

A boca se fechou sobre seu tornozelo, mas Dryas já estava em movimento, com as mãos sobre o lombo da fera e os pés no ar, dando uma cambalhota. Seu pé sangrava quando caiu de flanco, apoiando-se sobre seu braço esquerdo.

O javali se voltou, com a boca aberta e as presas baixas.

Ele me teme, pensou Dryas. Isto é a morte. Sua mão escorregou sobre a arena e caiu de lado, fitando o javali nos olhos.

O animal deu um passo para ela. Dois passos. A lança havia lhe atravessado o corpo. Tossiu, gorgolejou e caiu com as patas dobradas enquanto Dryas se levantava.

Ela descobriu que estava tremendo dos pés a cabeça, mas o público da tribuna não podia notar.

O javali tossiu novamente enquanto Dryas se afastava, quando um brilhante jorro de sangue derramou sobre a arena, de sua boca aberta. Só então morreu definitivamente.

Dryas olhou a mão esquerda. Estava esfolada de um lado e saía sangue. Também tinha alguns cortes no tornozelo, feitos pelos dentes do animal. Nenhuma das feridas era grave.

Ouviu o restelo subindo atrás dela. As cadeias ressoaram com um estalo.

Antonio se recostou em seu assento.

— Bom combate. — Ele assinalou Dryas. - Mas não me diga que é uma mulher. Não pode ser. Não acredito, mesmo que me jurem todos os olhos de Roma.

Dryas olhou para os homens, com a cabeça ligeiramente arremessada para trás. Lucius

descobriu que não gostava muito de sua forma de lhe olhar. Ela não havia sido tão direta com o javali. Logo, ela se voltou e caminhou até a abertura sob o restelo. Sob a brilhante luz da manhã, era como a boca de uma caverna.

Antes de entrar, ela se voltou, tirou a cota de malha e a deixou cair na arena. Depois fez o mesmo com a tanga, ficando nua diante deles.

Lucius sentiu que sua boca lhe secava, e voltou a se alegrar em estar com a toga, mas logo se deu conta de que não a usava. Havia tirado em algum momento durante a luta. Embora não importasse, pois nenhum dos outros homens prestava a menor atenção ao estado de sua alma.

Antonio fez um ruído que recordava os grunhidos do javali.

—Não acredito que haja dúvida de que estamos olhando para uma mulher – Disse César. - Não! Nenhuma dúvida.

Capítulo 21

Não tinha imaginado que houvesse tantos deles. Nunca tinha visto uma quantidade tão grande. Como se alimentavam? Como evitavam ficar loucos? A multidão era esmagante e Maeniel compreendeu por que seus sentidos estavam tão embotados. A cidade estava tão carregada de aromas que quase se encontrava à margem de perder a capacidade de pensar com coerência. Simplesmente não podia, sequer com um cérebro humano, processar toda aquela informação de uma vez.

Viajava em uma liteira e os doze homens que suportavam seu peso exalavam um mau cheiro de medo e das secreções do esforço físico que molhavam suas axilas e suas virilhas.

O medo se devia ao fato de serem feras de carga humanas e um condutor os seguia com um comprido látigo enroscado na mão. A liteira pertencia a Ambóru. Quando algum dos escravos fraquejava ou era incapaz de manter o passo, o látigo estalava. Maeniel tinha notado que os homens tinham lonças manhas vermelhas em distintos lugares de seu corpo. Agora compreendia

por que.

O liteira estava lhe aguardando em Ostia quando ele desceu do navio. Não fazia idéia de como Blaze havia enviado uma mensagem a Ambórux, mas havia vários guardas do galo e uma liteira lhe esperando no porto. Maeniel carregou quatro sacos de ouro e subiu atrás, perguntando-se o que moveria aquilo. Já sabia. Os homens que trotavam sob ele estavam muito incômodos e ele se sentia igual.

O ruído era ensurdecedor. Os gritos dos camelôs se misturavam com os dos clientes discutindo com os lojistas cujos estabelecimentos se alinhavam ao longo da rua. O barulho, o constante ruído da conversa humana, pisadas, os carrinhos de mão, os golpes dos martelos e o raspar dos yeseros quando passavam junto a uma obra em construção... Os onipresentes aromas que chegavam das lojas de comidas, os botequins, os açougues, os postos de salsichas, os de vinho, os fornos de pão... Tudo isso acima dos sedimentos, da urina, a água estancada, o lixo, a putrefação e outros maus cheiros, quase até o ponto de embotar seus sentidos.

Crack. Crack. Crack. Os homens sob ele começaram a trotar ao entrar no Foro. Ele não havia pensado que pudessem se mover mais rápido, mas

o látego os animava. Os guardas afastaram a multidão ao passar pela Rostra.

A liteira voltou para um pátio rodeado de estrados. Havia homens sentados neles, custodiados por enormes gladiadores com mastins. Cães loberos, ele observou com certo alarme.

Os portadores baixaram o liteira.

—Brandamente! — Rugiu o condutor e o látego estalou novamente. Maeniel não sentiu a menor sacudida quando a liteira tocou o chão.

Saiu do liteira ante o estrado de maior tamanho. As portas reforçadas com ferro estavam abertas e o proprietário estava sentado junto a um braseiro. Era um grego calvo e de aspecto ascético chamado Dofanes. Blaze e Ambórux o haviam recomendado.

Maeniel pegou os quatro sacos de ouro e colocou sobre a mesa ante o banqueiro. Dois assistentes se apressaram a contar as moedas. Quando viram que tinha de vários tipos, além do áureo romano, começaram a separar e tiraram balanças para pesar as menos conhecidas.

Maeniel rebuscou em sua bolsa e entregou ao condutor da liteira duas moedas de prata para que comprasse algo para refrescar seus homens e a ele mesmo. Insistiu em que incluísse os portadores, que

apesar do ar frio pareciam sedentos e exaustos. Tratava-se de uma soma esplêndida para homens que estavam acostumados a ver somente moedas de cobre no melhor dos casos.

Dois dos guardas foram enviados a comprar, e não demoraram a voltar, com pães com salsicha, cebola e pinhões. Quatro jarras de vinho; volatería, incluindo frango, becada e pombinho. Fumegantes salsichas envoltas em papel e uma panela de guisado de carne de porco em molho de cebolas, nabos e cenouras.

Todos se sentaram ali onde estavam e caíram sobre a comida, enquanto Maeniel, que tinha sido advertido pelo Blaze e Mir, mantinha um olho sobre o ouro, assegurando de que as contas fossem corretas.

Maeniel permaneceu ali em pé, vestido com túnica e toga. Não tinha direito a se vestir assim, por que não era cidadão romano, mas fim afinal, de que nacionalidade eram os homens lobo? Podia ser tão romano como qualquer outro.

Os escravos, que estiveram lhe amaldiçoando em silencio desde Ostia, começaram não exatamente a benzê-lo, mas se mostraram mais dispostos a acreditar que ele era um homem mais amável do que indicava a experiência.

Quando o dinheiro ficou contado e pesado afinal, Maeniel descobriu que era um homem rico, mesmo para os critérios romanos. Não obstante, em vez de ir para a vila de Ambórux, foi levado a se alojar em casa do Manilius e Felex. Negou-e a voltar para o liteira e fez o trajeto a pé o resto do caminho. Seus guardas se sentiram envergonhados, exasperados e finalmente furiosos, pois queria investigá-lo.

Ele se deteve ante o posto de um vendedor de salsichas e provou uma de cada variedade. Logo entrou em um botequim onde o taberneiro e uma mulher transvavam em cima de uma das mesas. O homem tinha a túnica recolhida acima da cintura, igual à mulher, mas os guardas se advertiram escandalizados que ela usava a estola de uma respeitável mulher casada. Já estavam se preparando para tirar Maeniel dali quando o taberneiro se afastou da mulher, pegou uma panela de sopa e arrojou seu conteúdo sobre os recém chegados.

Maeniel conseguiu não se transformar em lobo. Conteve a mudança enquanto se abaixava sob uma mesa. Os guardas fugiram em todas as direções e também a mulher. Parte da sopa havia cansado perigosamente perto dela, e tinha uma

grande quantidade de gordura, provocando feias queimaduras sobre a pele.

A mulher chegou à porta e se voltou, gritando maldições ao seusamante. Os guardas saíram de seus refúgios. Muitos haviam imitado Maeniel metendo sob as mesas, alguém havia se encarapitado a uma viga e outros dois tinham saído à rua.

Então Maeniel se encontrou defendendo o desventurado taberneiro dos guardas, que queriam afogá-lo em uma panela de água fervendo, ou pelo menos fazer com que ele desse um mergulho de cabeça nela. A mulher somou seu voto ao dos soldados, ainda zangada pelo incidente com a sopa. Equilibrou sobre seu amante com unhas e dentes, por falta de outras armas.

Os vizinhos se reuniram para desfrutar do espetáculo e Maeniel se fixou em um homem alto colocndo ordem entre os congregados. Seria o marido? A multidão acabou por se dissolver. Era óbvio que se tratava de um homem conhecido e temido na vizinhança.

De algum jeito, o homemzarrão estava convencido de que Maeniel havia insultado sua esposa e o taberneiro estava defendendo sua honra. Ele usava uma espada.

Tanto Maeniel como os guardas optaram pela melhor parte da coragem e correram, seguidos pelos portadores.

Quando se reagruparam a várias ruas de distância, Maeniel pediu explicações aos guardas. Eles as deram, junto com um considerável catálogo de obscenidades, algumas das quais não eram facilmente traduzíveis para o latim e Maeniel estava profundamente interessado. Ele estava a par da natureza privada do ato do amor, incluindo o fato de que os humanos não gostavam de ser interrompido, mas se encontrava nas trevas pelo que respeitava ao ultraje criado pelo respeitável vestido da mulher em uma situação não tão respeitável. Por fim ficou devidamente esclarecido e ele prometeu ser mais circunspeto em suas explorações.

Maeniel manteve sua promessa, desviando só o necessário para comprar pão com uma deliciosa camada de mel para todo o grupo. Continuaram seu caminho mastigando e bebendo.

Ele se deteve para comprar um incomum chapéu. Era elaborado para manter o sol a raia e a forma de uma grande couve, com as folhas presas com uma corda no centro. Quem o usava podia desatar as folhas que fossem necessárias para se

resguardar do sol no rosto, pescoço e orelhas.

Seus guardas o acharam bastante ridículo para gargalharem e mesmo os oprimidos portadores mostraram alguns sorrisos.

Acalmaram-se imediatamente quando Maeniel esteve a ponto de provocar um tumulto no Foro ao arrojá-la prata a umas crianças que estavam dançando ao som de uma flauta.

A partir daquele momento ele foi urgido a caminhar mais depressa, até que o grupo chegou à casa de Manilius e Felex no Palatino.

Um formoso jovem vestido como uma mulher os convidou a entrar. Tinha o cabelo castanho avermelhado e usava um vestido de seda verde, perfume e maquiagem.

— Bonito vestido. - Lhe disse Maeniel.

— Sim, o verde é minha cor favorita. - Ronronou o porteiro, aparando o elaborado toque com cachos de cabelo e um diadema.

Ele conduziu Maeniel a um peristilo cheio de pessoas, umas oito mulheres e mais ou menos dez homens em diversos estados de nudez, todos passeando entre as flores e plantas do jardim.

Rosas novas, lírios, samambaias, salvia branca e malva; acantos de esplêndidas flores azuis que elevavam seus complexos espinhos. Havia violetas

por toda parte, florescendo em baixos vasos de barro, de cores púrpuras, brancas, amarelas, e as fragrantes, tímidas e simples azuis.

As pessoas mostravam maior colorido, se isso fosse possível. Ali onde se pousava os olhos, se fazia sobre jóias: ametistas vermelhas, azuis e laranjas, ônix negro, hematites e um arco íris de pérolas rosa, brancas, azuis, pardas e resplandecientemente negras. Os vestidos eram de todas as cores e tecidos, como a seda, linho, lã, algodão... Vermelho, verde, laranja, azul, amarelo, marrom ou inclusive negro: todas as combinações possíveis. E, além disso, todas os rostos estavam maquiados e o ar estava carregado de perfume.

Maeniel ouviu os risinhos afogadas, os pigarros e as tosses de seus homens. Alguns chegaram a se engasgar ao tentar controlar sua diversão com muito ímpeto.

As damas e cavalheiros do jardim não se importaram em ocultar seus sentimentos. Vários assinalaram o chapéu em forma de couve e riram como histéricos.

Manilius e Felex olharam para o alto.

— Oh querido, — gemeu Felex. - No que nos colocou AmbóruX esta vez?

Por um momento, Maeniel teve a experiência

de estar entre dois grupos de pessoas sorrindo, cada um do outro e já de passagem, dele mesmo. Não estava seguro de que gostasse da situação, mas era uma criatura paciente. Então que se tirou o chapéu e se inclinou ante Felex e Manilius com um sorriso.

Manilius apertou as palmas das mãos, como se estivesse rezando.

— Oh...

Felex parecia assombrado.

— Ah...

As mulheres se levantaram de suas cadeiras e se aproximaram de Maeniel.

— Oh! - Disse uma vestida com uma túnica de cor laranja. - Não é...

— Simplesmente adorável. - Completou outra que usava uma estola com umas seis capas de gaze verde.

Maeniel começou a beijar mãos, um costume que adorava.

Lucius se afastou da arena sem se dar conta de onde estava

— Caledonia. - Murmurou Orelha cortada.

— CA... O que?

— Ela é da tribo dos Caledônios. - Explicou o galo, com uma rígida cara de desaprovação. - Deveria estar morta.

—Estou de acordo: não poderia matar aquele javali com duas lanças leves, mas matou. - Replicou Lucius, ainda impressionado.

—Não! Deveria estar morta antes de permitir... Tal uso. Mulher caçadora sagrada. Não, não é latim. Sacerdotisa caçadora, rainha caçadora, valquiria, cavalga na tormenta. Pontas dos dedos - Disse Orelha cortada levantando a mão. - Os dedos caem sobre ti, você morto. Posto primeiro na luta, nu. Sacrificado ao poder da batalha pela vitória. Caledônios. — Ele não disse nada mais, pelo menos não em latim e se afastou murmurando.

Lucius simpatizava com ele. Sentia mais ou menos o mesmo, mas sem dúvida por razões completamente diferentes.

Sua imaginação seguia lhe mostrando uma imagem da mulher em pé ante o restelo. Sua mente seguia aumentando o nível de detalhe do que tinha visto. Não, não era possível que a tivesse cuidadoso tão bem. Estou há muito tempo sem uma mulher. Deveria ter feito algo a respeito há semanas. Necessito de um pouco da lassidão que proporciona o sexo.

Já era meio amanhã e o dia seria ser quente. Lucius evitou qualquer lugar onde pudesse encontrar com os outros. Queria se liberar da visão

que o atormentava, mas não o conseguia: seus pensamentos seguiam centrados na imagem da mulher. Orgulhosa, mas vulnerável, só ante a escuridão sobre a branca arena à sombra das paredes.

Estava tão sumido em seus pensamentos que não se deu conta de onde estava, até que tropeçou com um ladrilho levantado por uma raiz em um pátio em desuso. Olhou ao seu redor, consciente pela primeira vez de onde o havia levado seus passos.

Era a parte mais antiga da vila, mas não tinha sido remodelada como o peristilo perto do átrio. Lucius tinha vivido ali com seus pais até os dezesseis anos, quando as mudanças na sociedade romana obrigaram seu pai a gastar dinheiro na modernização da casa, para convertê-la em uma residência adequada para a rica e importante família Basília.

Junto à entrada estavam as salas de recepção, onde seu pai e Aristo recebiam seus sócios, empregados e partidários. Clientes, lhes chamava em Roma, credores, libertos e escravos, todos eles dedicados a seus diversos negócios.

Sua mãe tinha uma série de aposentos perto dali, onde cultivava assiduamente suas conexões

aristocráticas com a família Julia, aparentada com César, como meio para os fins de seu marido. Dedicava as tardes a beber discretamente. Desde criança, Lucius nunca tinha entendido o que significava o forte aroma de transpiração alcoólica que sempre rodeava sua mãe na hora do jantar, mas notava certa infelicidade entre ela e seu pai. Apesar de tudo, ambos eram amáveis com ele e mesmo com as constantes maldades de Fulvia, tinha sido feliz.

Agora o jardim estava descuidado e os velhos canteiros de flores invadidos pela má vegetação. Mas os canteiros seguiam verdes, como os altos ciprestes. O lago estava cheio de plantas aquáticas e flores brancas, e a carpa que recordava de sua infância seguia vivendo ali.

Pensou que ela também devia seguir ali.

Sim, estava entre os ciprestes e as roseiras mortas no extremo do lago junto à casa de sua adolescência: Vênus entrando no banheiro. As pernas estavam esverdeadas pela umidade, uma delas colocada para sempre na água. Não era uma obra prima, mas um produto manufaturado por alguma das mais comerciais cidades helênicas fundadas pelos sucessores de Alexandre. Uma imitação tosca das estátuas clássicas pela qual a Grécia era famosa.

O rosto era feio, com um queixo muito grande e baixo, mas o escultor havia acertado com o corpo. Em seus imaginativos treze anos, o rosto não tinha sido a parte dela que mais interessava a Lucius.

Havia sido um solitário, então. E o sigo sendo agora, ele pensou enquanto atravessava os matagais e ciprestes para chegar até ela.

Não era muito grande, um pouco menor que o tamanho natural. Recordava que em sua infância tinha que levantar o olhar para ela, mas agora ele era maior. Passou-lhe um braço pela esbelta cintura e apoiou a face sobre o frio cabelo de mármore. Pensou novamente na mulher da arena e recordou onde tinha visto seu rosto antes. No templo deserto, refletido na superfície da água.

Uma carpa grande e velha se elevou até a superfície para pegar A uma mosca e desvaneceu novamente entre as plantas. Havia libélulas dançando entre os papiros que haviam crescido a margem do lago. Uma rã verde, muito pequena saltou sobre o pé da estátua, que estava dentro da água. Maravilha das maravilhasm uma serpente da mesma cor e com linhas negras percorrendo seu corpo, deteve-se para observar a rã com felinos olhos de âmbar, as pupilas como ranhuras sob a brilhante luz do sol. Logo entrou na água,

desaparecendo nas lamacentas profundezas.

Lucius viu o rosto dela fitando-o da água. Os olhos fechados, o esbelto corpo, os brancos seios coroados de rosa, o suave triângulo de pelos escuros em seu púbis, densos e sedosos como os de um gato...

A mão que tinha em torno da cintura da estátua mediu até notar a textura de um úmido pêssgo amadurecido. Não queria saber o que estava tocando sua mão, talvez uma mancha de musgo. O sol que brilhava acima de seu ombro, refletindo na água, rompeu de repente quando a rã que estava sobre o pé da estátua saltou o dourado disco. O prazer deu um salto em seu corpo, lhe puxando quase dolorosamente das virilhas e logo saiu disparado como uma flecha à luz, o ar e o silêncio, deixando Lucius ensopado de suor e com uma sensação de debilidade. Sua solitária deusa do desejo o sustentava em pé, impedindo que caísse de joelhos em oração, súplica ou desespero.

Fulvia estava encantada. Derramou exclamações de admiração sobre Dryas, lhe oferecendo dinheiro, jóias, escravos pessoais próprios, uma vila no Baiae, tudo o que pudesse imaginar.

Dryas se sentia enojada e deprimida. Não

acreditava em nenhuma das promessas de Fulvia e sentia que sua situação era se desesperadora. Tinha ouvido o bastante para saber que César havia estado entre o público da manhã. Nem soubera quem deles ele era. Como matá-lo se sequer podia reconhecê-lo? Não estava segura de como averiguar o que necessitava para completar sua missão.

Só pediu um banho e um pouco de comida. Esperava que Fulvia partisse com sua conversa e sua satisfação, e assim aconteceu.

Dryas aceitou o banho de vapor da sauna; seu povo também era aficionado naquilo, mas ficou surpresa ante o luxo do tepidarium. Por que um povo com acesso a tais comodidades e belezas se entregava a um comportamento tão ávido de emoções como o que tinha visto aquela mesma manhã? E por que tentava impor a outros povos como tinha feito com os galos? Que perda de tempo.

As donzelas de Fulvia lhe aplicaram azeite perfumado. O perfume lhe ardeu nos cortes do tornozelo, que se abriram e começaram a sangrar, igual que aos da mão. A visão do sangue provocou uma exagerada reação, pelo menos ela considerou assim, entre as mulheres. Começaram a revoar Ao seu redor, gritando de forma pouco digna. Seus gritos incomodavam Dryas, mas ela era muito

educada para dizer. Afinal era uma convidada, embora involuntária. Entre as tribos cuja tradição de hospitalidade se remontava tempos imemoriais, o hóspede tinha o dever de se mostrar cortês com seu anfitrião, o dever de acessar a todo pedido razoável. Não desafogou sua irritação sobre as inocentes donzelas, mas prometeu cooperar com o físico quando a acudisse.

As mulheres a envolveram em uma solta musselina e foram em busca de Fio.

O grego se encontrou com Lucius no átrio.

— Aonde a levaram? — Perguntou Lucius. Tinha um aspecto turvo e infeliz.

— A nenhum lugar, está nos banheiros. Antie me mandou chamar. Parece que o javali lhe fez uma ferida no tornozelo. Fulvia disse suas donzelas que tratassem essa mulher como cristal e elas estão aterrorizadas. Antie me chamou para que olhe o que certamente não será mais que alguns arranhões. Vi a mulher quando terminou a luta. Esta noite, todas as línguas de Roma falarão dela. César e Cleopatra tiveram que pedir emprestado um dormitório antes que ele pudesse partir ao Senado. Esse truque que fez a mulher depois do combate arruinou a compostura de todos os homens presentes. — Ele disse com um risinho. — Até

Antonio esqueceu sua ressaca.

Lucius emitiu um gemido.

— Não! Não! Não dê um passo mais. Não se mova. Não faça nada até que eu volte. — Ele deu uns amalucados passos de dança. - Necessito... Necessito... Não sei o que necessito... Um disfarce de algum tipo. Posso ser seu ajudante? Um ajudante de banho? O que posso ser?

— Oh, não! Você também, não!

— Sim, sim, sim! - Respondeu Lucius sem deixar de dançar.

— Octus! — Chamou Fio.

O escravo apareceu.

— Traga uma túnica: velha, gasta, com remendos e buracos. Há algo assim por aqui?

Octus assentiu, voltando imediatamente com um objeto. - Não é muito bonita, mas servirá.

- Obrigado - Disse Fio, oferecendo-a a Lucius.

— Agora, vamos até ela. - Disse Lucius confidencialmente enquanto trocava a túnica em um vestuário dos banhos.

Fio assentiu.

— Sim. Às vezes, quando olhamos de perto algo que tínhamos admirado à distância, descobrimos que não cumpre com nossas expectativas. Os defeitos ocultos pela distância

parecem mais brilhantes e o que nos impressionou ao vê-lo de longe nos repele quando nos aproximamos e tentamos abraçá-lo.

— Ah, bem! — Disse Lucius. — Vamos lá. Quero ver como ela é na realidade.

— Acredito que já lhe disse.

— Não, não disse. Ou pode ser que o tenha feito enquanto eu tirava isto, mas agora...

— Guardea silêncio, pois você é um criado — Disse Fio, e abriu a porta.

A luz diurna que se filtrava pela clarabóia não era adúladora para nenhuma mulher, mas a Dryas não afetava. De fato, aos olhos de Lucius parecia um espírito da terra cativo.

As donzelas haviam lavado, perfumado e penteado o cabelo em torno de uma estranha coroa de cobre com pontas agudas. De perto, Lucius pôde ver quão branca era sua pele, quase como o mais fino mármore. Mas não fria como o mármore, mas com toques de rosa, como o da rosa do Pistum, com seu dom duplo da primavera. Recordava os longos canos entrelaçados na vila campestre da família. Agora, com o ar fresco e a brilhante luz do sol, estariam começando a florescer. As longas e cruéis vinhas estariam carregadas de flores e casulos, e o ar estaria impregnado de sua fragrância.

A mulher estava sentada em uma cadeira, uma daquelas coisas que tanto gostavam os gregos, com respaldo curvo e pernas esbeltas. A cadeira e a musselina não ocultavam nenhum dos segredos de seu corpo, mas davam certa suavidade a sua silhueta. Criavam a sedutora sensação de que ao estender a mão para despi-la, seria possível encontrar o prazer que o olho encontra em uma paisagem que já é bela sob a neblina da manhã, mas resulta ainda mais formosa a luz do sol.

Era simplesmente uma mulher, sem artifícios, sem adornos, despretensioso, sequer desejo. Mulher como era. Como tinha sido criada pelos deuses, nascida tanto para saciar a luxúria, como para despertá-la. Tão pronta para embalar um filho no seio ou a um homem em busca do ardente deleite tocado com o mistério da criação entre suas coxas, e para compartilhar seu deleite em união com ele, somando seu fogo ao dela.

Fio fechou a porta atrás dele e ela os olhou.

Sim, já havia pensado antes. Seus olhos eram azuis. Azuis como a ameixa que havia pegado no templo, azuis como o lapislázuli gentil até convertê-lo em uma gema, azuis como o mar Egeu no verão, azuis e emoldurados por escuros cílios.

E, o que era pior, havia lhe visto. Não tinha

um filtro entre si mesmo e outros. Lucius sim. Não havia visto Lucrecia como um ser humano, mas como uma simples escrava doméstica, até que sua amante morreu.

Mas aquela mulher não tinha nenhum e Lucius viu que seus olhos o seguiam enquanto ele e Fio se aproximavam da cadeira. Notou um repuxão na cicatriz de suas costas. Estava descalço, pois tirou as sandálias ao vestir a andrajosa túnica e a cicatriz o incomodava mais quando não usava sequer o leve calçado dos legionários.

A mulher se fixou na claudicação, na roupa velha e a cabeça encurvada. Lucius estava um pouco assustado de que ela o reconhecesse, embora estivesse sentado a esquerda de Antonio e César. Esperava que ela não tivesse lhe visto bem.

Era consciente de que todos os indícios diziam, criado e não particularmente importante, mas apesar de tudo a mulher estudou sua roupa, sua claudicação e seu ar submisso.

Chegaram junto à cadeira. Lucius se ajoelhou e levantou a perna da mulher pelo calcanhar e a pantorrilha, sustentando-a de modo que Fio pudesse ver as lacerações deixadas pelos dentes do javali.

Ela colocou uma mão sobre seu ombro. Lucius

levantou o olhar e encontrou com seus olhos. Houve algo como a descarga de um raio e por um momento, os dois estavam sozinhos.

Sim, ela o viu e ele se viu si mesmo através de seus olhos. Viu um criado, um jovem coxo vestido como um trabalhador. Jovem, mas sem muitas esperanças de chegar a uma vida melhor. E não obstante, lutava o melhor que podia com os poucos dons que lhe haviam sido concedidos: juventude, encerrado em uma casa onde nunca se permitiria que crescesse e florescesse em uma virilidade segura, generosa e bem dotada; um espírito humano, nascido para o amor e a esperança, perdido a tudo de bom que podia fazer por si mesmo e aos outros. Nascido unicamente para ser preso à escuridão e destruído por completo.

Lucius sentiu a tristeza da mulher e estranhamente, sua sede de justiça e soube com absoluta certeza que ela era dele. Havia sido no passado e que ele a tinha amado em todo o tempo e voltaria a amá-la. Na vida ou na morte, não a cederia a ninguém. Não. Nem a César, nem a Roma e sequer aos deuses imortais.

Fio estava esfregando um unguento sobre o tornozelo e assegurando a Antie e as demais mulheres que os arranhões não eram nada do que

devessem se preocupar. Lucius voltou a baixar o pé até o chão e ela levantou a mão de seu ombro e afastou o olhar.

Lucius sabia que se levantara e síra da casa, mas não recordava ter feito. Nem recordava o caminho que tinha tomado para voltar para jardim abandonado onde estava sua imagem da feminilidade. Caminhou entre os ciprestes e o lago coberto de vegetações, mas de alguma forma fecundo e benido pela mãe de toda vida, que se inclinava sobre ele. Soube que ela tinha transmutado seu desejo da pedra à carne, enviando-o a ela e a ela, ver os olhos.

O lobo também se banhou, um rito que compreendia que era importante entre aqueles romanos. Também deixou que as donzelas de Felex o vestissem. Eram tão hábeis com a roupa de um homem como com a de uma mulher e Maeniel entrou no átrio ao crepúsculo com todo o aspecto de um romano. Então perguntou a Felex, por que se alojava ali e não em casa de Ambóru x.

—Oh, querido, isso não funcionaria jamais. Um laço entre o Archidruida da Galia e Ambóru x, respeitado senador e cidadão, pode ser útil em casa, mas nunca serviria de nada em Roma. Então somos seus delegados, por assim dizer. Ele não poderia

ignorar um pedido de lá, pois seria uma imprudência, mesmo com a Galia sob a bota romana. Esses druidas seguem tendo muito prestígio entre as pessoas e embora esteja seguro de que são pessoas encantadoras, não são muito bem vistos pelos romanos.

—Mmh... Sei. - Disse Maeniel. E assim era. Ele enxergava mais do que Felex queria.

—Não quero parecer ofensivo, mas esta noite temos um pequeno jantar, ao qual convidamos alguns outros senadores conhecidos nossos. Está acostumado a etiqueta romana?

—Recosto-me me apoiando sobre o braço esquerdo e uso os três primeiros dedos da mão direita para pegar a comida. Não babo, não solto flatos ou arroto, não escarro, cuspo ou me coço. Não me embebedo nem começo brigas, não discuto sobre religião ou política, nem fale grosseirias quando há mulheres presentes... E, por certo, tampouco assedio a criadagem que nos servem. Elogio a comida, mesmo que não esteja boa e não monopolizo o melhor prato, mas o compartilho com outros. E, - Maeniel respirou antes de continuar, - me lavo antes e depois.

Felex o olhou, piscando.

—Sim. Bem... Sim, acredito que isso o cobre

tudo.

—Estupendo. - Disse Maeniel.

—Não mencione Ambóruux na mesma frase que os druidas. Na realidade, talvez o melhor é que não fale de um ou outro.

—Não é preciso comentar. - Prometeu Maeniel.

Poucos momentos depois entrou um modelo de retidão romana: Marco Junho Brutus, seguido por um aborrecido Antonio.

—Os filhos de César - Disse Felex, dando uma cotovelada nas costelas de Maeniel.

—Não são um pouco velhos?

—Bem, querido, já sabe... Não são seus verdadeiros filhos, mas Brutus é herdeiro de César e Antonio, herdeiro forçado. - Explicou Manilius.

—Hum... - Disse Maeniel. E sentiu mais contente ao começar o jantar.

Antonio e Brutus estavam jogados um frente ao outro e olhavam-se como lobos preparados para resolver uma disputa sobre sua posição na alcatéia. Maeniel havia presenciado e participado de muitos daqueles acontecimentos e o surpreendeu ver que Felex e Manilius optavam por fingir que não acontecia nada. Já havia notado que os humanos não eram uniformemente sinceros consigo mesmos

nem com os outros, mas aquilo era um assombroso grau de auto-engano.

A casa era de estilo decididamente grego, como também havia notado Lucius e a mesa do jantar não era menos.

O jantar começou com uma esplêndida salada de polvo misturado com verduras amargas, tudo regado com limão e abundante azeite. Os pedaços de carne estavam ligeiramente amadurecidos com sal e pimenta, e de acordo com o costume grego, havia pão para molhar no azeite e o limão.

Antonio e Brutus se olhavam por cima da salada e quando os dedos de ambos caíam sobre o mesmo tentáculo, ficavam a ponto de grunhir.

Se fossem lobos... Pensou Maeniel. Não! Não são distintos dos lobos. Inclusive cheiravam como se quisessem uma confrontação, mas ainda não se atreveriam a iniciá-la. Se atreveriam quando um deles estivesse seguro da vitória e forçaria o enfrentamento e nenhum dos dois tinha chegado aquele ponto. Não, a única diferença entre aqueles dois e os lobos era que, entre os lobos, todos aceitavam o resultado e seguiam como antes, enquanto que entre os humanos, as conseqüências para o perdedor seriam muito mais drásticas.

Quando desapareceu até o último vestígio de

salada, os escravos levaram a bandeja para substituí-la por outra generosamente carregada de ratazanas recheadas de porco, pimenta, pinhões e acedera.

—Você viu o novo brinquedo de César? — Perguntou Antonio a Brutus. Logo acrescentou: — Oh, sinto muito. Esqueci que não estava convidado.

Maeniel teve que reprimir uma gargalhada. O lobo teria emitido o agudo latido que sua espécie usava ao brincar. Não era uma risada, mas parecia o bastante.

Brutus arqueou as sobrancelhas.

—Ouvi falar dela, mas César conhece minhas inclinações filosóficas e sabe que não aprovo tais... Diversões lascivas. É uma profanação da virtude mostrada pelos verdadeiros gladiadores. Uma mulher, nada menos. Como pode ser *primarius bellator*, uma lutadora sobressalente, e distinguir no combate corpo a corpo, quando inclusive prisioneiros e escravos o fazem? Eles pelo menos são homens.

Dryas. Pensou o lobo. Estão falando de Dryas.

—Onde foi isso? — Ele perguntou.

Antonio ignorou a pergunta por completo e Brutus respondeu com desdém.

—Um assunto particular. Uma vergonhosa

exibição do encanto que se supõe novidade para as mentes mais fracas.

—César pareceu desfrutar bastante – Disse Antonio, segurando seu terceiro ratazana recheada.

—É uma amostra da degeneração de... Dos tempos, — terminou Brutus trôpegamente.

Maeniel estava se divertindo. Compreendeu que Brutus estivera a ponto de dar um grave tropeção. Os olhos do Antonio reluziam. Estivera a ponto de conseguir que Brutus acusasse o ditador de ser um degenerado.

—Uma mulher. Uma mulher gladiadora. - Ofegou Manilius. - O que...

Brutus e Antonio o atravessaram com o olhar.

—O que... Diferente. - Ele completou.

—Na realidade, “gladiador” não é a palavra mais adequada. Bestiarius é um término mais preciso. – Disse Brutus com pedantismo. – Afibnal ela enfrentou um animal, um javali. Acredito que é da Galia, pelo que me disseram. O que é apropriado, já que são feras sagradas para esses bárbaros.

—Não sei se são sagrados ou não, mas este javali era muito grande e perigoso. – Disse Antonio. - Esteve a ponto de derrubá-la uma ou duas vezes. Matar um animal desse tamanho com uma lança

leve é toda uma façanha. Ful... Seu dono... Quero dizer, me disse que manhã ela enfrentará um leão.

Maeniel considerou a idéia de retorcer o pescoço de um daqueles homens, ou dos dois. Sabiam onde estava Dryas e não queriam dizer. Manilius e Felex trocaram um eloqüente olhar.

— Oh, que moço tão travesso! – Disse Felex. - Pensar que estive aqui à semana passada para provar o robalo em azeite com alcaparras da tia Myrtus e não nos disse nenhuma palavra da nova aquisição de Fulvia!

— Vejo que ninguém pode ocultar um segredo de vocês dois, - riu Antonio.

Maeniel viu que a satisfação se refletia nos dois arrumados rostos. Antonio acabava de confirmar o que ambos já supunham.

— Não vejo por que alguém iria tentar. – Disse Manilius. - Toda Roma fala disso. Dizem que ela é muito bela, mas, é obvio, são íntimos de César e somente alguns poucos gozaram do favor de vê-la. Por que foi levada até a casa em um liteira coberta e logo voltou a...? Mas vocês sabem, não? — Ele ronronou. - Deve saber onde a ocultam.

Brutus sorriu ao seu anfitrião, Antonio evitou seu olhar e Manilius e Felex pareceram decepcionados.

Maeniel comeu um ratazana. Já o tinha feito em outras ocasiões, mas aquelas estavam picantes. Estava tentado decidir se gostava mais dos recém mortos e ainda quentes ou a variedade ao forno, mas chegou à conclusão de que gostava de ambas as maneiras. As de Manilius e Felex tinham mais gordura que os selvagens e estavam aromatizados com figos.

Nenhum deles sabia onde estava Dryas, aquilo era óbvio, mas todos pretendiam encontrá-la.

As ratazanas terminaram e uma formosa jovem loira levou a bandeja. Pelo menos era uma pessoa loira e formosa e parecia uma garota, mas o lobo informou a Maeniel que não era fêmea. Tanto Antonio como Brutus pareciam pensar que era. Ou também cabia a possibilidade de que simplesmente não lhes importasse. Depois, pensou Maeniel torivamente, isto é Roma.

Circulou mais vinho, o famoso falerno e Maeniel o achou quase tão bom como prometia sua reputação.

—Tudo isto me parece simplesmente insuportável. - Suspirou Felex. - Antonio é o único dos presente que a viu: é tão atraente como dizem os rumores?

—É amigo de Lucius, conforme acredito. -

Respondeu Antonio.

Felex parecia confuso.

— Sim, ele compartilha de nosso jantar todas as semanas. Um jovem encantador, embora não conseguimos fazê-lo se interessar em...

— Em tomar esposa entre suas amizades, — completou Antonio.

— Vamos, vamos... — Disse Manilius. — As damas estão respeitavelmente casadas, todas elas, e só procuram um pouco de aventura. Nem todos os maridos de Roma podem manter suas mulheres de forma pede classe e se conseguem um pequeno extra...

— Sim, mas vocês conhecem Lucius melhor que ninguém dos presentes. Deve lhes falar de sua família.

— Oh! — Disse Manilius, suspirando. — Eu sei. Entendo aonde quer chegar. — ele deu uns tapinhas na mão de Felex. — Recorde-se querido, que nosso estimado amigo nos descreveu um pequeno combate de exibição que teve um... Um final desagradável, por assim dizer. Mas quem era o exauctoratus, o homem a cargo de ludus onde se treinaram as mulheres?

Felex franziu o cenho.

— Espere um momento, só um momento...

Tenho na ponta da língua. — Estalou os dedos. - É obvio, ele é muito famoso. É Gordus, o grande Gordus em pessoa. Aí é onde ela se oculta: no Campus Martius, na casa do Gordus.

— Assombroso! - Disse Brutus. - E agora, me digam, por que querem saber onde ela está? — A pergunta era dirigida a Antonio, que fez uma careta, mas não respondeu.

Manilius e Felex pareciam incômodos.

Justo nesse momento chegou o prato principal: porco assado sobre um fogo aberto, com uma cobertura de avelãs e cheio de miolo de pão, mel e grandes cogumelos.

Antes de começar, Maeniel pediu desculpas aos comensais e foi em busca de alívio na latrina. Estava bebendo vinho desde o começo do jantar e não estava acostumado aos efeitos do álcool em grandes quantidades, por não falar do volume de líquido.

Quando ficou seguro de que não havia ninguém mais, transformou em lobo e pôde ouvir a conversa no triclinio.

— Eu advirto, - estava dizendo isso Brutus a Antonio, - interferir com César e algo que é...

— Não seja idiota, — interrompeu Antonio. - Crê que vou deixar que uma coceira entre as pernas

se anteponha a minha lealdade e meus interesses? É um...

—Então, por que quer saber onde está essa mulher? — Cortou Brutus por sua vez.

—Porque ninguém me quer dizer. - Antonio soava verdadeiramente zangado.

—Se não fosse um homem que se deixa conduzir por seus apetites como um touro com uma argola no focinho, — grunhiu Brutus, - acredito que o ditador o encontraria mais digno de confiança.

—Confiança! E isso o diz um adulator amante dos gregos. Quem é você para falar de confiança? Se ele tivesse pensado como Sila ou pelo menos tivesse tido um pouco de sentido comum, teria ordenado que todos os Optimates cortassem as veias depois da batalha da Farsalia e que tudo que ficasse de vocês fossem cinza, máscaras mortuárias e lembranças desagradáveis. O melhor que fez Cartilha em toda sua vida foi cravar uma espada no estômago. Mas os outros... Um por um, arrastaram-se até ele, suplicando piedade. E a obtiveram... Má sorte.

—Senhores, senhores... - Disse Manilius, tentando acalmar os ânimos de seus convidados.

—Não ficarei aqui para ser insultado por um bêbado lascivo e ambicioso como você. Um homem

cujo único deus está em sua barriga e seu único cérebro em seu membro e que só é leal a uma jarra de vinho. A desgraça de César é confiar em você, um cogumelo sobre a árvore da República, e estar disposto a ceder a um ser tão desprezível...

O vozeirão de Antonio se impôs sobre a aguda oratória de Brutus.

—Eu disse... Eu disse quando ele perdoou todos e deu as boas-vindas ao novo governo. Disse-lhe que se estava cortando a garganta ao fazê-lo. Acredita que é um tolo? Crê de verdade que eu sou? Acha que sou surdo e cego? Quando eu conseguir provas do que você e seus amigos do Senado estão planejando, farei que sejam cobertos de breu e crucificados para iluminar o caminho das legiões para Partia. Vocês, suas mulheres e seus filhos...

Outro golpe soou no triclínio e Felex lançou um grito de angústia quando Brutus saiu da casa, chamando sua liteira.

O lobo se sentou no chão da latrina. Pôde ouvir Antonio rindo enquanto seus anfitriões revoavam ao seu redor, desculpando-se por Brutus. Ele voltou a se transformar em homem e vestiu novamente a túnica, mas não pôde fazer nada com a toga sem ajuda. Era um objeto com o qual não estava familiarizado e muito complexa para vesti-la

sozinho. Logo limpou a latrina com uma cuba de água.

Quando saiu, todos os escravos estavam na cozinha, com a orelha grudada na parede do triclinio. Vários o ajudaram a vestir toga e dois mais lhe levaram uma bacia e uma jarra com água quente para que se lavasse as mãos.

— Por certo. — Disse Antonio, com voz absolutamente tranqüila. —, por que me convidaram esta noite? Certamente, não terá sido para que discutisse com esse néscio constipado.

— Não. — Replicou Manilius. — Oh! Estou completamente desolado e tenho a cabeça em branco. Minha mente é um absoluto vazio. Por favor, meu querido Felex...

— Nosso hóspede, nosso hóspede! — Exclamou Felex. — Seu banqueiro é o nosso e ele teve a cortesia de nos informar de quanto dinheiro havia depositado esse Maeniel, como se chama. A quantidade nos deixou assombrados. Nossos amigos já nos haviam dito que ele era um homem rico, mas não sabíamos até que ponto.

— E? — Perguntou Antonio com impaciência. — Não sejam tão delicados. Quanto?

— Seis... Nada menos que seis talentos de ouro.

—É rico mesmo. Concordo. Falarei com César para ver se podemos encontrar um lugar para um pouco desse dinheiro. Confiem em mim. Ele não pode investir em nada melhor que nossa pequena excursão ao Oriente. Os galos só eram bárbaros, mas quando César começou a lhes apertar os testículos, eles chegaram com carros e carros de ouro e escravos aos milhares... A dezenas de milhares. Dizem que esses partos são ainda mais ricos... — Antonio se calou ao ver entrar em Maeniel.

Manilius e Felex explicaram que Brutus tivera que. Maeniel se sentou e aceitou uma porção do assado, que estava sendo trinchado naquele momento.

Antonio se voltou para ele com um sorriso.

Capítulo 22

Dryas foi devolvida ao ludus na liteira naquela mesma tarde e levada à mesma cela da noite anterior. Márcia devia ter estado ali, pois o piso estava varrido e a cama tinha lençóis limpos e uma manta, Dryas ainda conservava o manto, então que se cobriu e se pôs a dormir.

Podia sentir a dor na escuridão. Ele estava ali, em companhia dos mortos. Sabia por que se sentia assim. Na arena, ele tinha matado, pois queria viver. Três dos homens que havia matado fizera parte de sua vida desde que era uma criança e outro era o seu irmão. No fragmento de um sonho, ele se ajoelhou diante dela e lhe pediu perdão, mas ela não lhe pôde dar.

Estava sentada com ele sobre uma pedra. Anoitecia e o entretenimento para as massas romanas havia terminado e tinha sido um magnífico acontecimento. Derramara-se um verdadeiro rio de sangue. Ele estava vivo, mas todos os que amava estavam mortos. Apontou a espada para si mesmo.

Dryas despertou tremendo.

Aquila estava na porta da cela. Carregava um abajur.

—Você gritou. - ele disse. - E foi um dos piores gritos que ouvi em minha vida. O que aconteceu?

—Não recordo ter gritado. - Disse ela. - Não aconteceu nada, mas faz frio. Devo ter sonhado.

Aquila abriu a porta, entrou e deixou o abajur. O manto tinha caído da cama e jazia no chão. Ele recolheu-o e agasalhou Dryas com ele, como uma galinha poedeira.

Ele é maternal, pensou Dryas. Eu fui mãe, mas nunca maternal. Ele nunca poderia ser mãe, mas é maternal.

—Venha. - Disse ele. - Márcia está assandoalguns frangos e temos tâmaras secas e romeira para preenche-los, além cenouras, pão e queijo fresco. Acredito que também restam alguns ovos cozidos do almoço.

Dryas foi em silêncio. Já era tarde e a luz do dia envolveu-os enquanto caminhavam pelo alpendre. Quando passaram pela cela contígua, ouviram um golpe e a porta estremeceu.

—Que estranho. - Disse Aquila. - Gordus me disse que esta cela estava vazia.

—Não. - Respondeu Dryas em voz baixa. - Estas celas não estão vazias.

Ao passar junto à terceira, a porta se agitou

ruidosamente. Os dois viram como ela se agitava.

— Isto me põe nervoso. — Disse Aquila. — Se não foi você que gritou, quem era?

Dryas não respondeu. Chegaram à escada que descia para o pátio de treinamento sem mais incidentes. Ao entrar na cozinha de Márcia, encontraram Gordus sentado à cabeceira da mesa. Não havia divãs para se recostar ali. A cadeira do Márcia estava junto à de seu marido e havia outros dois lugares preparados para Dryas e Aquila. Eles se sentaram.

Márcia estava preparando um prato para alguém que não tinha descido para comer. Peito de frango, molho, um pão de cebola de aspecto delicioso, cheio de tâmaras e romeira, quatro ou cinco fatias de pão ainda quente do forno, e acompanhamento de cenouras com mel, azeite e cominho. A mulher desapareceu escada acima.

Gordus olhou para Dryas e grunhiu, para logo dar um olhar similar em direção a Aquila. Márcia voltou para a cozinha e começou a servir seus hóspedes, ignorando o marido. Só quando Dryas e Aquila tiveram seus respectivos pratos com pão, frango e cenouras voltou sua atenção a ele.

O antigo gladiador murmurou algo para si.

Márcia separou uma panela de sopa que

estava fazendo para ele e lhe cravou um olhar que teria invejado uma Gorgona.

— Como? Não o ouvi.

— Como vai? — Perguntou Gordus com estupidez.

— Estupendamente. Fio veio hoje e disse que o ferimento está curando bem. Não graças a você, certamente

— Deveria dar graças a sua boa estrela de que não tenha sido pior. A próxima vez que tiver a temeridade de me enfrentar o deixarei aleijado para sempre.

— Oh! Os homen. — Se queixou Márcia. - O menino o ama...

— Se de verdade me quisesse, não pretenderia fazer carreira na arena. Diga-me, mulher: quer que ele arrisque sua vida entre esses bárbaros, criminais, proscritos, escravos e assassinos? Homens mortos para toda decência e fé, homens que não retrocedem ante o pior...

Márcia depositou com força a terrina de sopa ante ele, lhe batendo na cabeça com a concha de sopa de madeira.

— Casei-me contigo, não? E o que fez você a primeira vez que... Vimos-nos? — Ela terminou atropeladamente.

— Você sabia muito bem o que eu era, mas eu... Eu... - Disse Gordus, destacando o peito, - saí da servidão, da pobreza, dívida e da desgraça. Agora sou o dono de meu próprio estabelecimento. Lutava oito, nove ou dez vezes por ano, muito depois de ter acumulado o dinheiro para minha liberdade, para que você e o menino estivessem seguros. Mesmo agora... - Ele disse enquanto honrava Dryas e Aquila com outro franzimenro do semblanre. - Se não fosse pelo dinheiro, diria a minha distinguida patroa que se fosse diretamente a... Por pretender converter meu ludus em um bordel.

—Gordus! — Gritou Márcia.

Dryas ficou em pé de um salto.

Aquila fez o mesmo, com a mão sobre o punho de sua espada.

—Senhor, nem a dama nem eu estamos aqui por nossa vontade. Ela foi capturada em honorável combate, como muitos dos que vêm aqui. E embora agora esteja em circunstâncias tão desafortunadas como as que você mesmo sofreu no passado, ela comportou-se com discrição e coragem desde...

—O que é voce, - cortou Gordus, - um soldado ou um orador?

—É grego. - Disse Márcia, como se aquilo o

explicasse tudo.

—Sou uma convidada em sua cozinha embora seja uma prisioneira em sua cela. - Disse Dryas. - E um hóspede deve mostrar educado mesmo que seu anfitrião seja ofensivo. Por favor, me devolva a minha cela se tem tal conceito sob mim. Não quisesse...

—Por favor! - Disse Gordus, elevando as mãos em sinal de súplica. - Já me chamou bastante à ordem. — Ele se levantou, inclinando-se diante de Dryas. - Peço desculpas.

Dryas devolveu a inclinação e se sentou novamente.

Gordus fez o mesmo com Aquila, que se sentou por sua vez, dizendo:

—A verdade é que teria odiado perder o frango de sua esposa. Além disso, essas celas do último piso estão enfeitadas.

—Sim, estão. - Corroborou Dryas.

Márcia, que estava servindo um prato, voltou à cabeça para seu marido.

- Eu lhe disse.

—Acredito que seja Priscus. - Disse Gordus.

—Sim. — Dryas estava comendo o recheio com uma colher. - Morreu na mesma cela em que estou.

—Gordus! — Exclamou Márcia, ultrajada.

—Como sabe? —A voz de Gordus soava culpado.

—Falo com os mortos.

—Que mais faz? — Perguntou Márcia.

—Treino homens jovens para a batalha e tento ver o futuro quando é necessário.

Gordus adotou uma expressão sombria ante suas palavras.

—E, - continuou falando Dryas, - sei que vou lutar amanhã. Ouvi as mulheres fofocando a respeito. O que vai ser, uma pantera, um leão? Não entendi as palavras que usavam.

—Não é nem um e nem outro. - Disse Gordus. - Essa... Coisa veio de muito longe, pela Rota da Seda. É um felino ou isso parece, mas nunca tinha visto um assim. É grande. Normalmente o usam para executar criminosos, então é um devorador de homens. E não acredito que... Desejaria que não estivesse sentada em minha mesa, jovem senhora. Tinha a esperança de não ter que te olhar para seu rosto.

Dryas sorriu, partiu um pedaço de pão e o molhou no molho.

—Olhe-o. - Disse Aquila. - Está assim desde o começo. Por isso estou aqui.

—Sim. - Disse Gordus. - Notei.

—Me deixe fazer Priscus descansar. - Pediu Dryas. - Me pede que eu faça o que devo. Ele se equivocou, sabe disso e não pode dormir. Os seus foram à arena com ele.

—Sim. - Disse Márcia. - Mas o que lhe dirão quando a virem?

Dryas sorriu novamente.

—Não sou eu quem deve julgar.

—Muito bem. - Aceitou Gordus. - Então lerá o futuro de meu filho.

—Tentarei - Disse ela. - Nem sempre tenho êxito, mas tentarei.

Com Antonio, Maeniel se encontrava em terreno desconhecido. O líder de uma alcatéia de lobos não passa o braço pelo ombro de outro líder, joga-lhe o fôlego carregado de vinho no rosto e lhe sugere fazer uma visita a um bordel.

—Encontraremos algo bonito, não é? É o melhor lugar de Roma e isso são palavras maiores. Roma é a rainha das cidades, embora Alexandria não seja ruim. Reptens tem de tudo e não lhe ocorreria tentar colocar mercadorias de segunda classe para meus amigos.

Maeniel apostava nisso. Antonio tinha o encanto de um crocodilo combinado com o ar

ameaçador de um urso enlouquecido. Era mais que óbvio. As pernas de Felex e Manilius tremiam em sua presença e certamente não eram as únicas. Maeniel notou que os escravos de Antonio lhe tinham medo. Muito medo. Mas sabia onde estava Dryas, e quando Antonio enviou para casa seus portadores, eles se internaram juntos na noite.

Já estava tarde e a cidade estava às escuras. A porta da casa de Felex e Manilius dava ao Tiber e a névoa começava a subir das águas. O ar era frio e úmido.

Maeniel respirou fundo. Aqueles torpes humanos viviam em um universo muito limitado. De algum lugar na distância chegava a mais estranha variedade de aromas que o lobo teria encontrado jamais. Mas o homem já sabia, pois havia dito Blaze, que os romanos usavam animais e humanos de terras muito longínquas para se entreter basicamente com suas mortes. Também lhe havia dito que aquilo seria provavelmente o que planejavam para Dryas.

Os jardins ao seu redor e entre as casas próximas tinham seu próprio aroma: pinheiros, ciprestes, vegetação e água, flores e pássaros adormecidos. Sim, também as flores. Uma rosa a meia-noite, tem um aroma distinto que outra ao sol.

Como os humanos, que por sua vez têm aromas distintos quando dormem.

Sim, em seu vale teria conseguido matar e descansar. Era capaz de calcular o grau de embriaguez de Antonio por seu aroma. O romano sequer teria capacidade de andar, mas avançava, entoando uma canção que interessava bastante o lobo, pois continha muitas das palavras que os guardas do AmbóruX tinham ensinado. Antonio estava lhe ensinando novos usos das palavras latinas do cotidiano, perfeitamente respeitáveis, comparando traços anatômicos com armas, poços e cavernas...

Com o ar fresco e a brisa noturna, a cabeça de Antonio começou a limpar e logo o moveram outros impulsos além da bebedeira. Começou a contar suas aventuras amorosas a Maeniel.

O lobo ouviu, se perguntando se as mulheres implicadas descreveriam Antonio em términos tão brilhantes como ele o fazia.

Chegaram a uma ponte sobre o Tiber e os guardas reconheceram Antonio, que saudou um deles.

—Meu senhor, - Disse o homem. - já é muito tarde sobre a hora oitava. No Transtíber, fora do círculo de luz do posto de guarda, pode acontecer

todo tipo de coisas desagradáveis.

Antonio riu.

— Estamos armados, não? — Ele mostrou ao guarda o punho de sua espada hispana. - E você, meu amigo, meu rico amigo, o que é o que tem?

Maeniel afastou sua toga para o lado. Ele usava a espada com o cinturão que Mir havia lhe dado. O ancião a entregara antes que partissem para o Oppidum junto ao Anel. Dryas havia dito que era um presente magnífico.

Maeniel recordava as palavras de Mir. Eu iria deixá-la, para que se oxidasse com todo o resto, mas acredito que na realidade pertence a você.

A arma e o cinto pareciam muito simples, mas ao desembainhar a espada, ela brilhava como o arco íris, ao ponto de brilhar como se tivesse uma luz interior.

O legionário se aproximou de lança em mão. Era um homem imponente, jovem, moreno e com uma longa cabeleira que saía por baixo de seu elmo. Usava uma couraça moldada como um torso e um faldellín de placas douradas, braceletes e grebas de bronze.

— Desembainhe umas poucas polegadas. — Ele pediu a Maeniel.

Maeniel obedeceu.

—É Gala e antiga! - Disse o legionário. - De onde a tirou?

—Um amigo me deu de presente.

—Oxalá eu tivesse amigos assim. É galo?

—Não. - Disse Maeniel.

—Procura não cravar-la em ninguém esta noite.

—Não, a menos que o mereça.

—Bem. Se o fizer, atire os restos ao rio. César não gosta que os estrangeiros matem cidadãos e tampouco que usem toga. Este objeto está reservado aos cidadãos e cavalheiros de classe, como meu senhor Antonio aqui presente.

Maeniel sorriu... Ou talvez se limitasse a mostrar os dentes.

—Levarei isso em conta. - Ele disse em voz baixa e seguiu Antonio, que atravessava a ponte sem deixar de cantar.

Entraram imediatamente em um bairro bem mais pobre. As casas estavam mais perto umas de outras e se abatiam ameaçadoramente sobre as ruas. Os aromas eram mais penetrantes e piores. Águas fecais, vinho derramado, corpos sujos, medo, comida azeda... O cheiro de sexo era quase uma constante no ar, como o sangue, a putrefação e a morte. As ruas começaram a se elevar à medida que

eles se afastavam do rio. Podiam ouvir a música através das portas fechadas dos botequins. As flautas gemiam, os tambores seguiam diversos ritmos e uma cascata de cordas tangidas por peritos dedos flutuava no ar.

Antonio se deteve na estreita rua. Cheirava a algo mais que vinho.

—Gosta de derramar um pouco de sangue? — Ele perguntou.

—Acreditei que íriamos visitar esse Reptens, recorda? Garotas?

Antonio soltou uma desagradável risada.

—Minha casa está cheia de mulheres. Se mover um dedo ou dizer a uma delas que compartilhe meu leito, ela tira a roupa na hora. Não, não vim aqui em busca de mulheres.

Ele se voltou e caminhou até uma porta. Começou a bater.

—Me deixem entrar. Quero vinho, estou sedento. Deixem-me entrar.

—Meu senhor, - sussurrou uma voz com marcado sotaque do outro lado da porta, - não servimos aos romanos.

Antonio abriu a porta com um chute, derrubando o homenzinho que havia atrás dela com um murro.

Outro saiu dentre as sombras, esgrimindo uma espada curva de um só fio. Antonio já tinha sua espada hispana ao ponto. Parou o primeiro golpe e logo golpeou o nariz do atacante com a base de sua mão. Soou um estalo, e o nariz do homem pareceu desaparecer em sua cara. Um jorro de sangue saiu de sua boca e seu nariz, salpicando sua túnica, logo a Antonio e por fim o chão.

Até na escuridão, Maeniel pôde ver algo com a forma de uma aranha caindo sobre ele. Supôs onde estaria o pescoço e justo naquele momento uma faca rasgou o peitilho de sua túnica, lhe buscando o coração mesmo enquanto ele espremia o que tivesse na mão. Era o pescoço ou algum ponto da coluna. Sentiu que os ossos se rompiam e um deles atravessou a pele e lhe fez um corte nos dedos.

Antonio ria.

— Não havia esperado uma diversão tão boa!

Maeniel estava surpreso por sua temeridade. Não podia ver e estava seguro de que Antonio devia estar cego. Encontrava-se em um corredor, que terminava em um pátio oculto pelo desnível.

— Há mais? — Perguntou Antonio.

— Não, aqui não. — Respondeu Maeniel. — Mas ao final deste corredor... Há muitos.

— Quantos?

—Não saberia dizer.

—Bom se sabe que estão ali, deveria saber quantos são. – Disse Antonio, um tanto molesto.

—Posso cheirá-los. Muitos mais de duas mãos.

—Mais de dez? – Sussurrou Antonio.

—Sim. Saíamos daqui.

—Oh, não. Isto é o mais divertido que tenho feito em várias semanas. Não sairia daqui por nada no mundo.

Ele começou a avançar pelo corredor e Maeniel o seguiu.

Gordus conduziu Dryas a um passadiço sob a arena. Estava Àass escuras, mas ele ia adiante com uma tocha. Dryas o seguia com Márcia. Aquila fechava a marcha, levando outra tocha. O passadiço cheirava a urina de gato e outros aromas próprios de animais confinados em espaços reduzidos. Acabava em uma grande estadia com solo de pedra que se estendia sob os assentos de cima. Havia jaulas ali, vazias em sua maior parte. Eram pequenas e tinham barrotes de madeira, mas Gordus fez com que o seguissem até a parte de atrás, onde havia uma jaula muito maior e com barrotes de ferro. Além disso, possuía rodas, pelo que era possível empurrá-la ou enganchá-la a um tiro de mulas. O tamanho da silhueta estendida

sobre o chão a sombria luz das tochas era assombroso.

Gordus sacudiu um dos barrotes.

— Acorde, Terror! — gritou. - Acorde e saúde a dama.

A coisa se levantou preguiçosamente, pisou no círculo de luz das tochas e elevou a enorme cabeça. Depois rugiu despindo as presas.

Dryas retrocedeu um passo, respirou fundo e deixou o ar escapar pouco a pouco. Olhou para o lado e viu o rosto de Aquila, com os olhos muito abertos pelo terror. Márcia cobriu a boca para afogar um gemido. Gordus parecia impassível.

Surpreendentemente, a reação de Márcia e Aquila tranqüilizou Dryas. Sua primeira impressão foi de beleza. O brilhante pelo laranja com raias negras era magnífico, assim como a elegância dos músculos movendo-se sob a pele. Sim, era um felino. A grande cabeça com a mecha branca se inclinou para tocá-la com o focinho e dois olhos dourados com as pupilas contraídas pela luz das tochas a estudaram sem muita curiosidade. A criatura elevou uma garra e Dryas pôde ver as pontas das terríveis garras retráteis em forma de cimitarra: se estenderam preguiçosamente por entre as garras peludas e depois voltaram para seu lugar,

pouco a pouco.

O animal se voltou, dando um distraído golpe com o focinho em algo que havia no chão de sua jaula e voltou para o monte de palha do canto.

Dryas olhou mais de perto o que tinha movido o animal, e contraiu o lábio em uma careta de asco. Era um descarnado braço humano, com a mão ainda unida a ele.

—Pertence a Antonio. — Disse Gordus. — Se chama Terror e é um nome apropriado. Como já disse, empregam-no para as execuções e quase tudo o que come é carne humana, pois Antonio lhe joga os restos das pessoas que mata. Diz que, se até pagamos algo aos escravos, Terror merece o seu.

—Acredito que não me colocarão para enfrentá-lo desarmada, verdade?

—Não. — Disse Gordus. — Mas do que acha que te servirá uma espada? Mesmo os homens que executa, tem com o que se defender. —Ele fez um gesto para a jaula com a tocha. — Pode ver que sequer um escudo e uma espada foram de muita utilidade ao último. Acredito que isso é o que mais gosta Antonio. Pelo menos uns quantos são bastante duros para lutar, mas sempre perdem... Oh, como perdem.

—Obrigado, Gordus. — Disse Aquila. —

Aprecio sua solicitude, de verdade.

Márcia chorava em silêncio.

- Eu lhe disse no que se meteu. - Gordus repreendeu sua esposa. - Disse que só conseguiria sofrer. Disse-te que a deixasse em paz...

—Cale-se! — Cortou-o Dryas, abraçando a mulher. - Não é o pior que já enfrentei e me acredite, a morte tampouco é o pior que pode acontecer. - Ela beijou Márcia na testa. - Obrigado por sua amabilidade. Agora, vamos dar repouso a Priscus. Prometi-lhe ontem à noite que faria assim que pudesse.

Eles seguiram avançando pelo corredor sob a arena até que Dryas notou que estavam fora. No alto, abertos na rocha calcária, havia buracos para a luz, que a noite mostrava somente as estrelas.

Então chegaram À capela mortuária.

—Não convidamos ninguém de fora. - Disse Gordus, colocando sua tocha em um suporte de metal a um lado da porta. Aquila o imitou e pôs ao dele do outro lado.

A câmara iluminada recordava a Dryas um salão de banquetes e isso devia ser. Havia quatro grandes leitos de pedra agrupados em torno de uma mesa de pedra no centro da estadia. Ao longo das paredes havia bancos, também de pedra, que

podiam ser cobertos rapidamente com almofadas para acomodar mais pessoas em caso necessário. As paredes estavam estucadas e pintadas. A cor dominante era o vermelho, uma brilhante cor de chama... A mesma cor levada pela noiva em bodas romana, em um véu que cobria todo seu corpo.

Aos pés de Dryas havia uma abertura no chão onde derramar as libações, rodeada por uma suave depressão.

Dryas a rodeou e se aproximou da mesa. Sobre ela havia um buraco quadrado para a luz que dava ao ar livre, e sim, ela via as estrelas.

— Sim. — Ela disse. — É perfeito. — Podia vê-lo durante o dia com o olho de sua mente, a abertura iluminando toda a câmara, os bancos, os leitos de pedra e inclusive a mesa, com homens reclinados nos leitos e tombados ou sentados nos bancos ao redor das paredes. A cabeça do oficial estaria coberta como amostra de respeito ao falecido e ele faria a oferenda no buraco das libações. Pão, azeite, carne e vinho entregues a terra para que o defunto camarada de armas tivesse comida e bebida em sua longa e às vezes perigosa viagem para a eternidade.

Então outros celebrariam um banquete, compartilhando as provisões levadas em cestos até a tumba, como agradecimento por poder desfrutar

de um pouco mais da luz, sabendo que algum dia lhes tocaria empreender sozinhos aquela última viagem.

Amamos. Dryas recordou outros amores. Amamos e não é eterno, mas, apesar de tudo, amamos.

— Até os condenados necessitam de consolo em sua condenação, assim construímos isto. — Disse Gordus. Sua voz ressoava na sala de pedra. — Até os condenados merecem algo daqueles que pronunciam sua sentença e eles o respeitam. Mulher, celebraremos seus ritos aqui se for necessário.

— Obrigada. — Respondeu Dryas. — Me esforçarei por merecê-lo.

Ela entrou em uma pequena antecâmara, o cubículo dos gladiadores onde suas cinzas descansavam em nichos nas paredes. Encontrou a ânfora de Priscus quase em seguida e a levou a casa principal. Talvez medisse um pé de comprimento, uma versão menor das empregadas para o vinho. Márcia tinha um suporte para manter a ânfora direita e Gordus tinha azeite e vinho.

Aquila entregou sua adaga a Dryas sem pensar-lhe duas vezes. Ela usou a guarda metálica para romper o selo da ânfora e uma das colheres de

madeira de Márcia para espalhar os ossos que restavam. Logo misturou o vinho e o azeite com o conteúdo da ânfora e pôs tudo na mesa, sob as estrelas que reluziam no alto.

Quando se voltou para prender fogo ao pedaço de madeira que tinha na mão, viu que Gordus, Márcia e Aquila haviam coberto as cabeças com seus mantos. Fez o mesmo e logo aproximou a colher da chama da tocha. O azeite se incendiou imediatamente e ela voltou para a mesa, para deixar cair a colher no recipiente cheio de cinzas.

Temu por um instante que não se acendesse, em um mau augúrio, mas então o azeite incendiou e as chamas saltaram pela boca da ânfora. A fumaça se elevou no ar, levando ao alto o azeite, o vinho e os perfumes usados na pira funerária de Priscus, para as estrelas e o céu noturno mais à frente.

E ela se elevou também. Viu César, o causador de tanta miséria. Ele estava sentado sozinho, escrevendo à luz de um abajur de bronze de cinco braços com a forma de seis gladiadores matando uns aos outros.

César elevou o olhar ao entrar a presença, como se sentisse ambas as mentes inclinadas sobre ele.

Ele é velho, pensou ela e isto devia ter

acontecido há muito tempo. Ela viu o perfil de falcão, as bochechas fundas, a pele amontoada em sua garganta. Os olhos sempre inquietos sondando a escuridão dos cantos como se quisesse vê-los. Vê-los, e impedir de algum modo que Priscus escapasse da ambiciosa força que havia destruído tanto e a tantos.

Mas eles se moviam ao seu redor e embora César tivesse conseguido ver mais além do tempo, ali onde estavam na cúspide da eternidade, não teria visto mais que uma espreita, antes que desaparecessem na noite.

Então Dryas se encontrou olhando para as estrelas, estendidas como um oceano ante ela. Ardiam por miríades, com seus milhares de caminhos percorrendo os mares inexplorados e os verdes moderados, seus movimentos seguros e predecíveis desde o começo do tempo até seu final, mas sendo um vasto mistério que nem ela ou sua espécie poderiam compreender jamais de todo.

Então a presença que havia sido Priscus se expandiu do mesmo modo que a fumaça de um fogo moribundo preso pelo vento, desvanecendo-se no ar. Fora embora. Já formava parte do oceano de estrelas.

Dryas despertou de volta na câmara e notou

que a ânfora se gretava e caía. O pó, levado em um torvelinho pelo ar esquentado pelo fogo, elevou-se pela clarabóia para a noite.

Alguém gemeu no passadiço atrás deles. Maeniel se tranqüilizou, pensando que devia ser o primeiro dos homens da porta. Estava bastante seguro de que os outros dois tinham morrido.

Antonio não parecia ouvir nada. Seguiram avançando. Uma vez passado a curva, o lobo pôde ver, e como um lobo bastante bem. O pátio estava cheio de homens, sentados sobre almofadas em torno de mesas baixas. Contemplavam a dança de um casal, um menino e uma garota completamente nus. Maeniel e Antonio se detiveram atônitos, ante o espetáculo mais erótico que tivessem visto jamais.

A princípio, Maeniel pensou que se tratava de crianças mas ao fixar melhor os olhos, notou que não eram tão jovens. Não, os dois eram adultos, mas pequenos. Eram muito morenos, de cabelo escuro. A garota ocupava o centro do cenário e o garoto se movia ao seu redor, tentando se aproximar. Embora a garota permanecesse quieta, seu corpo ondulava com um delicioso jogo de luzes e sombras enquanto se voltava pouco a pouco para seguir olhando seu companheiro. E embora Maeniel tivesse pensado a princípio que ela estivesse nua, compreendeu que

ela usava algo sobre o corpo. Serpentes.

Uma serpente rodeava sua cintura como uma bandagem e Maeniel viu que ela se movia. Estava viva. A moça tinha outras duas, uma em cada braço e cada vez que o menino se aproximava, ela elevava um braço e a serpente levantava a cabeça, vaiando e com a boca aberta, a ponto de atacar, fazendo com que o bailarino retrocedesse. O jovem reiniciava seus volteios e cada vez que tentava se aproximar, ela voltava a lhe ameaçar com as serpentes, todo ao som das flautas e os batimentos do tambor.

Havia braseiros por todo o pátio, mantendo a raia o frio da noite. Antonio se inclinava ao lado de Maeniel, bastante bebado, mas a cabeça do lobo estava limpa. Não obstante, algo na fumaça dos braseiros começou a nublar suas idéias, o impedindo de pensar e afastar os olhos do casal no centro do pátio.

A dança mudou pouco a pouco ante seu olhar. A garota começou a dobrar seu corpo para trás, abrindo as pernas, até que seus ombros ficaram quase em paralelo com o chão. Então apoiou os dedos de sua mão direita no chão e a serpente daquele braço se deslizou até a terra, onde um ajudante a pegou para colocá-la em um cesto. Logo fez o mesmo com a outra serpente, ficando apoiada

nos dedos das mãos e os pés, com seu comprido cabelo roçando o chão e coberta somente pela serpente de sua cintura.

Seu companheiro, com o corpo se ondulando como o dela, estava pronto, com o membro ereto e se aproximou pouco a pouco até as úmidas partes vermelhas entre os lábios abertos da jovem. Só o réptil em torno da cintura de o mantinha a raia. A serpente elevou a cabeça, abrindo a boca à umas poucas polegadas de seu membro. Maeniel, com o sangue aceso, compreendeu o significado da dança, ficando como todos os presentes, rígido e hipnotizado pelos rítmicos e ondulações do jovem. A serpente parecia igualmente presa pelo ritmo, baixou devagar a cabeça e desceu pela perna da garota. O bailarino entrou em seu reino, bem-vindo as portas, por um íntimo beijo dos outros lábios da moça.

Maeniel se voltou, consciente de que estavam ali e de que haviam vacilado temendo pela segurança dos bailarinos. Tinha razão. Havia pelo menos uma dúzia de homens. Pegou o embriagado Antonio pelo cinto e saiu correndo junto aos corpos unidos sobre o cenário. Fizeram-lhe falta todos os truques que lhe ensinado Dryas para seguir vivo e em movimento. Chegaram a uma porta de madeira

no muro e ele usou a cabeça de Antonio para abri-la. Empurrando ante ele o homem semi-inconsciente, ele fugiu dali.

Um pesadelo havia despertado Lucius. Como todos seus maus sonhos, este também estava relacionada com alguma falha pessoal dele, mas não estava seguro de qual. A diferença de muitos romanos, não havia criados dormindo em sua casa. Liberara Octus na hora de deitar, e depois de equipar com almofadas havia lido até sentir sono, apagando seu abajur com um sopro.

Tentando recordar seu pesadelo, viu que uma luz passava pelo alpendre ante sua porta. Abriu-a surpreendeu Octus indo à casa de Fio, poucas portas mais abaixo. O escravo se voltou.

—O que acontece? — Perguntou Lucius.

—Nada - Disse Octus, resguardando a vacilante chama de seu abajur, do vento noturno. - Eu ia chamar Orelha cortada para que acompanhasse Fio. Calpurnia lhe tem chamado com bastante urgência. Sofreu uma recaída de seu problema habitual. Espero não ter te despertado.

—Não, tive um pesadelo e vi sua luz. — Lucius pegou seu manto de um gancho que havia atrás da porta e o vestiu. O sonho estava desvanecendo, mas ainda precisava de companhia,

embora não pudesse dizer qual era a causa de sua inquietação. O sonho o estremecera e o medo seguia col ele.

Compreendeu o que lhe atormentava. Seu temor pela mulher que havia lutado contra o javali. Fulvia não lhe havia dito nada e ele supôs que ainda estaria zangada pela maneira que ele havia tratado Firminius e, embora ela não o dissesse e nem admitisse saber, sua visita a Julho César. Era uma revanche e ela se negava a lhe comunicar o paradeiro da mulher. Fulvia, surpresa por seu irmão ter demonstrado interesse por fim, estaria procurando algo a poder usar contra ele, algo para lhe devolver o que ela considerava seu lugar entre os parentes que protegia ou ignorava.

Como de costume, Lucius não quisera discutir abertamente com ela e não lhe ocorria nenhuma forma de dar uma desculpa, se conformou com promessas de explicações no dia seguinte.

Fulvia havia saído para jantar com Cleopatra e ele se dormira antes de sua volta. Agora, ao seguir Octus a casa de Fio, repreendia-se por sua estupidez. Tinha que ter arrancado o assunto a força, embora isso significasse lavar os trapos sujos na frente a todos os habitantes da casa, livres e escravos.

Fulvia não o assustava, mas César sim e ele se recordava das advertências do ditador a respeito de interferir nos planos de sua irmã.

Fio havia se levantado e vestido quando Octus entrou em sua casa.

— O que é que acontece? — Perguntou Lucius.

— Desta vez? Não sei, mas...

— Quando ela estala os dedos, mais vale que corra. - Completou Lucius.

Fio cravou o olhar em um ponto além do ombro esquerdo de Lucius e Octus se voltou para observar a superfície da parede.

Lucius suspirou e notando uma cadeira de campanha junto à cama pulcramente arrumada de Fio, sentou-se nela, apoiando os braços.

— Não me trate assim - Ele disse. - Quando eu...

Fio elevou a mão.

— Por favor, conclusões. A dama pela qual está preocupado se encontra certamente no ludus de Gordus. Fulvia é sua patroa e o mais provável é que esteja ali, encerrada em uma das celas. Estávamos procurando uma forma de ajudá-la, mas ainda não nos ocorreu nada. Por outra parte, a dama Calpurnia está muito doente. É uma mulher extremamente delicada, embora ninguém acredite,

sequer seu marido. Muita gente com seu problema e com outras desordens similares, recorre a cirurgia que te descrevi para aliviar os sintomas: as enxaquecas, as visões e os estranhos fenômenos ópticos que as acompanham durante toda sua vida.

— Espere um momento: visões?

— Ela não só tem enxaqueca. - Interveio Octus.

- Ela fica muito má. Sua mãe era amiga dela e eu estava acostumado a ir com ela quando a visitava em sua casa. Ao princípio terá um breve episódio de... — Ele olhou inseguro para Fio.

O grego assentiu.

— Pode dizer-lhe.

— Um breve episódio de presciencia e logo fica cega durante alguns momentos. Depois vomita e começa a sofrer uma terrível enxaqueca. Os dores são breves, mas espantosamente fortes. Não duram mais que poucas horas, mas são horas de pura agonia. Ela predisse a morte de sua mãe. Meses... Não, anos antes que Silvia morresse. Calpurnia lhe suplicou que deixasse de beber. Mas a última vez que se viram, soube pela conduta de Calpurnia que ela sabia que já era muito tarde, igual a mim. - Explicou ele tristemente. - Agora as coisas pioraram. Ela vê muitos amigos e conhecidos, mais ou menos a metade da nobreza de Roma, cobertos

de sangue, mortos em campos de batalha e em suas piras funerárias. Está muito assustada e acredita que tem razão.

Lucius pôde ver que Octus tremia. Fez um gesto para um banco junto à parede oposta.

— Sente. Por favor.

Octus obedeceu.

Lucius se voltou para Fio.

— E o que diz você? Se alguma vez vi um grego cabeçudo, prático e cético é você. Que crédito dá a essas visões? E pelo amor do céu, não fique aí, inclinado sobre mim. Sente-se você também.

Fio se sentou sobre a cama.

— A princípio não lhe dava nenhum crédito. Já vi esse tipo de desordem. Acreditava que as visões de muitos dos doentes se deviam as alterações de sua mente. Mas comecei a coincidir com Calpurnia, embora contra a vontade, na interpretação de suas visões. Encaixa-se com o que sei da política romana, do próprio César, de seu desagradável amigo Antonio e do curso dos acontecimentos. Esta noite, por exemplo, em casa de seus amigos Manilius e Felex, Antonio discutiu acaloradamente com Brutus. Acreditam que o fez por ordem de César. Pensamos que César acredita que seria uma necessidade deixar Roma com uma representação tão forte da

partida dos Optimates no Senado. Também acreditam que há pouco o que possamos fazer a respeito, salvo te advertir de que mantenha a cabeça baixa. Antonio está emergindo como o sucessor de César para o futuro, mas simplesmente não há forma de saber quanto durará César. E os que apostam contra ele se equivocam com tanta frequência...

— Sim. - Disse Lucius. - Está seguro de que a conspiração entre os Optimates, os melhores é real.

— Sim. - Respondeu Octus. - Preferiria não te revelar minhas fontes, mas sim, é bastante real. Se alguma vez reúnen coragem para fazer algo mais que falar...

— Acredito, - explicou Fio, - que a disputa com Brutus estava pensada para forçar a mão, fazendo com que suas intenções saíssem a luz.

— Sim, bem pensado. - Disse octus.

— E não podemos fazer nada? — Perguntou Lucius.

— Se te ocorre algo, o que seja... - Disse Fio.

Lucius meneou a cabeça.

— Tomem cuidado, vocês dois. Fui avisado e não me descuidarei.

Fio se pôde em pé.

— Bom, devo ir. Não convém impacientar

muito Orelha cortada.

—Não. — Disse Lucius. — E você, Octus, volte para a cama e durma um pouco. Desperte quando Fio voltar e comprovaremos esse ludus.

Octus o acompanhou de volta até sua casa e se foi.

Lucius ficou pensando na ameixa. Ainda a tinha em uma bolsa de rede pendurada na parede de sua casa. Já deveria estar passada, ele pensou. Mas cada vez que a examinava, a fruta estava suculenta como sempre. Não maturava, não apodrecia e não secava. Ele estendeu a mão para tocá-la por entre as malhas da bolsa.

De repente, a casa pareceu encher-se de ar fresco e as fragrâncias combinadas de um jardim de rosas, lírios, lavanda e violetas. Quero ir para casa, ele pensou, mas logo começou a se perguntar por aquele passeio de sua mente. Estou em casa, não? Aqui, agora. Isto é minha casa, verdade? Mas não encontrou resposta a sua pergunta. Ele apagou o abajur e a fragrância do jardim permaneceu no ar, enchendo a escuridão.

Capítulo 23

Não houve perseguição. Os proprietários do estabelecimento no qual tinham irrompido se deram por satisfeitos com que partissem. Maeniel encontrou um tranqüilo botequim aberto ainda e empurrou o cambaleante Antonio para o interior. Sentou seu companheiro sobre um banco junto à parede e comprou vinho para os dois. Provou sua taça e notou que o conteúdo estava bom. Não estava aguado.

—Hum... - Disse surpreso.

—Você paga bem, eu te sirvo bem. - Comentou o taberneiro, um musculoso gigante com um só olho e numerosas cicatrizes. - Mas mantenham essas espadas em suas bainhas e não provoquem problemas em meu local.

O taberneiro tinha reparado nas roupas manchadas de sangue de Maeniel, seus cortes nos dedos e seus nódulos esfolados. A cabeça do Antonio não tinha sido o único em entrar em contato com a porta do pátio. Também notou que a roupa sob os escuros mantos era bastante cara.

—Pessoa como você e seu amigo pensam que pode vir aqui para urinar na porta dos outros e

defecar no chão. Pensam que não sabemos que são uma turma de ratos de latrina sob suas bonitas roupas, mas notamos. Então tomem cuidado. Se me derem problemas, pagarei-os com interesses, garanto-lhes.

Maeniel assentiu, entregando sua bebida a Antonio.

— Você usou minha cabeça para abrir a porta do jardim. — Antonio uniu a última palavra uma obscenidade tão vil que outro homem sentado no banco se afastou um par de lugares ao ouvi-la. — Não está mal. — Ele disse depois de beber o vinho.

— Assim é. — Respondeu Maeniel.

— É bastante bom. Nunca tinha visto ninguém se mover tão rápido como você quando tivemos que sair dali.

— Havíamos matado duas pessoas ali dentro. Eu estava assustado. — Explicou Maeniel em voz baixa.

Antonio tentou parecer indignado.

— É obvio que os matei. Obstruíam minha entrada no edifício. Sou um cônsul. Uma palavra minha e até o último sujo degenerado deste lado do rio será executado e me assegurarei de que a execução seja longa e desagradável para todos eles. O que gosto muito. A fogueira, a crucificação, jogá-

los as feras ou para me entreter, fazer com que lutem até a morte na arena.

— Bem, eu não estaria tão tranquilo aqui. Ser um cônsul não te servirá de nada se nos encontrarem flutuando de barriga para baixo no Tiber. Então beba e vamos daqui. O taberneiro não é muito amistoso.

Antonio fez uma sugestão sobre o que podia fazer o taberneiro, mas Maeniel observou que o fizera em voz baixa e não havia ninguém perto. O vinho parecia ter apaziguado seu companheiro.

— Já me diverti bastante por esta noite - Disse.
- Agora tenho que visitar César. Quer vir? Quer conhecer homem mais poderoso o mundo?

Maeniel assentiu com a cabeça. Não confiava em sua capacidade para falar.

Antonio sorriu, ficou em pé, arrumou o cinturão e elevou o dedo para o taberneiro.

Maeniel, atrás de Antonio, meneou ligeiramente a cabeça, como dizendo, não vale a pena.

— Está bêbado. - Disse em voz alta.

O taberneiro, nada intimidado, observou como eles saíam e se afastavam pela rua.

A casa de César estava a certa distancia. Os pretorianos saudaram novamente Antonio. Se

notaram o estado de suas roupas, não fizeram o menor comentário.

Já tinha passado da meia-noite quando chegaram à casa de César. Perceberam vozes e luzes atrás dos muros. Antonio golpeou a porta e um soldado a abriu imediatamente.

—O que está acontecendo? — Perguntou-lhe Antonio. - Sei que César passa a metade da noite em seu escritório, mas no geral todos outros se vão para a cama.

—A dama Calpurnia sofreu um ataque. - Explicou o soldado enquanto fazia com que entrassem no átrio. - Me assustou de verdade. - Ele acrescentou. - Não sei o que viu, mas seu grito e a expressão de seu rosto... — Ele levou a mão a um amuleto no pescoço. - Isis protetora. A senhora saiu de sua casa e falou com o guarda de serviço e pediu-lhe que chamasse seu físico. O guarda veio e enviou alguém em busca de Fio, mas antes que ela voltasse para sua casa... Eu sei, eu estava com ela. A senhora ficou com os olhos fixos e seu rosto ficou da cor do tecido branqueado. Caiu no chão gritando e sofreu o pior ataque que já vi em mi... Parecia um cão envenenado. Agora há três físicos com ela.

—Mulheres! - Grunhiu Antonio. - Você se casa com elas e elas se desmoronam.

—Querem usar os banhos? — Perguntou o soldado. - Parecem saídos de um acidente de carros no Circo.

—Pode apostar seu traseiro. - Replicou Antonio. - Segue César com sua esposa?

—Oh... Ficaré pelo menos meia hora mais, pode ser que uma. A senhora estava muito mal.

Os banhos de César eram surpreendentemente austeros; o tepidarium estava decorado em branco e verde, mas era muito pulcro e cômodo. Quando acabaram de se assear, Antonio foi levado à presença de César e Maeniel ficou em um escuro jardim, refrescando os pés.

As luzes foram se apagando na casa. De seu assento no peristilo, Maeniel viu ir os físicos, pelo menos a pessoa que tomou por físicos. Um soldado que caminhava sob o pórtico cortava o acesso as dependências privadas no lado da casa onde Antonio entrara.

Maeniel estava acostumado a permanecer sobrenaturalmente alerta, mas não foi consciente de outra presença até que esta se sentou ao seu lado no banco.

—Você gosta de meu jardim lunar? — Ela perguntou-lhe.

Maeniel se voltou para ela. Sua reação foi

similar a de Lucius: inclusive na semi-escuridão. Ele ficou atônito por sua beleza. A beleza era sempre uma ilusão. A mulher usava uma túnica grega semelhante a que tinha visto Lucius na noite em que a conhecera. Aquele singelo objeto, dois simples retângulos de tecido costurados pelos lados e sujeitos com broches na parte superior, assentava-lhe bem. Tinha um corpo viçoso e elegante, que o caimento do tecido exibia a perfeição. Estava com o longo cabelo sujeito para trás com a tira própria de uma matrona. As tiras de lã branca indicando sua alta classe.

Enquanto Maeniel a observava, ela cruzou uma perna sobre a outra e segurou o joelho com ambas as mãos. Estava envolta em beleza, resplandecendo de dentro.

— Jardim lunar. - Repetiu ele, quase como um tolo.

— Sim. — Calpurnia sorriu e ele se sentiu honrado. - Eu o plantei para que fosse visto à luz da lua. Estas vegetações ficam da cor da lua. Os filósofos dizem que a lua não é nada, que só brilha ao refletir a luz do sol. Mas sua névoa prateada é tão bonita... Olhe. — Ela tocou uma folha. - Artemisa, absinto... Há três ou quatro espécies diferentes. Os sacerdotes a usam para perfumar o azeite do

sacrifício. Eu perfumei os óleos de meu banho. Atrás há arruda.

A Maeniel recordou as marcas de manchas feitas pela água sobre árvores e rochas em uma chuva ligeira. Centenas de pequenas folhas redondas reluziam com um tom quase azul sob o céu nublado.

—Marrubio - Disse ela assinalando outra planta. - É boa para a garganta, e salvia para a cozinha e como perfume. — Ela rompeu uma folha e a ofereceu A Maeniel.

Sim, para ele aquela fragrância era quase embriagadora. O lobo nunca teria compreendido de tudo, mas o homem que Dryas tinha levado a ser apreciou sem reservas.

—São algumas das coisas que há aqui. Tenho outras, vê isto? —Ela assinalou alguns altos caules que saíam de uma roseta de folhas de prata, com brotos de flores brancas. - Valeriana, uma velha amiga e papoula branca. — Sim, Maeniel podia ver as delicadas flores atrás da valeriana. - Uma nova amiga. - Disse ela.

—Seu jardim é muito formoso, mas não deveria estar na cama?

Ela meneou a cabeça.

—Não, não sabe o quanto é difícil evitar

minhas donzelas. Agora me vigiam todo o tempo. Fio quer fazer com que venha um homem da Alexandria ao qual conhece, um físico que abrirá um buraco em meu crânio. Diz que há uma possibilidade de que minhas enxaquecas e visões desapareçam, mas eu lhe disse que não. Não permitirei. Se César for para Partia, arriscarei-me. Sou vaidosa e meu aspecto é um tesouro para mim; não quero ficar calva e feia. Além disso, é muito perigoso. Minha irmã ficou muito doente e morreu depois de uma operação similar. Minha mãe fez o mesmo e se recuperou; por um longo tempo, as enxaquecas e visões desapareceram. Mas quando já era mais velha voltaram, embora não tão fortes. Tinha uma idade avançada quando morreu, e foi por uma congestão pulmonar no inverno, não pelas enxaquecas.

— Ama-o muito? — Perguntou Maeniel.

Ela riu. Foi um som aveludado, quase uma carícia, mas logo levou um dedo aos lábios.

— Oh, devo guardar silêncio. Alguém poderia me ouvir. Não. Não amo César, mas temo que se venha a Roma o amigo de Fio, César acabe por não partir para Partia. Se dito deixar que me façam um buraco na cabeça, quero estar sozinha para enfrentar à dor e a fealdade. Não quero César junto

a minha cama. Sabe? Poderia me explicar às coisas novamente. Desde que chegou essa escorregadia rainha egípcia, ele não me falou mais de assuntos de estado. Suponho que conta a ela. Fui ao Templo de Vênus Genetrex quando ele a encontrou e ofereci pombas como agradecimento a quem governa deuses e homem. Estava tão contente de ele que a tivesse conhecido... O único ódio de tudo isto é que ela lhe tenha dado um filho. Eu não poderia. Ele queria filhos, mesmo meninas. Amava sua filha Julia. Mesmo a sua filha. Muitos homens não apreciam suas filhas, mas ele sim. Muitos maridos fazem com que suas filhas sejam deixadas nos degraus do templo. Os negociantes de escravos chegam para escolher as melhores e vende-las aos bordéis.

—O que acontece aos outros? —Perguntou Maeniel, horrorizado. Ninguém lhe tinha dito nada sobre o costume de abandonar crianças indesejadas.

—Suponho que os cães se ocupam delas. — Calpurnia estremeceu. - Um recém-nascido é algo muito frágil. Não acredito que vivam muito sob o calor do verão ou o frio do inverno. Por isso são deixados perto do Templo de Vista. Uma das sacerdotisas da deusa me disse que muito são abandonados durante a noite e que ao amanhecer a

maioria estão mortos. E a menos que sejam recolhidos, os sobreviventes não chegam ao meio dia. No verão o sol esquenta muito e no inverno a noite é muito fria... Mas eu não cheguei a ficar grávida e depois de um tempo... Alegrei-me. Porque... Porque ele começou a me explicar coisas e temo que quando começar a matar seus inimigos no Senado, explique-me por que tem que fazê-lo. Ela vai fazer, sabe... Vi em minhas visões. Não me importa... Ele explicou-me por que tinha que fazê-lo. Os filósofos com que eu estava acostumado a ter liam seus escritos da Galia: todos explicavam por que ele tivera que fazer aquelas coisas... Sabe, vender a tantos como escravos ou torturar seus líderes quando não queriam cooperar ou não lhe davam mais dinheiro. Sim, os filósofos me explicavam tudo e quando ele voltou, me explicou como tinha morrido Pompeu, sem que ele tivesse tido parte nisso. Observei-o e aquilo me incomodou quando uma de suas legiões se rebelou. Dizimaram-na... Sabe, mataram um homem de cada dez, mas eram tantos... Não levou muito tempo para decapitá-los. Muitos cooperaram. Eu não podia entender por que, mas ele e Antonio me explicaram. Eles queriam morrer rapidamente e deviam morrer se lhes tocava no sorteio. Assim é

como são... Escolhidos. Por sorteio. Se resistirem ou tentarem fugir, são esfaqueados até que morram pela hemorragia ou estripados. Morrem de sede ou lhes jogam breu encima para queimá-los vivos. Então é melhor ajoelhar e deixar que o centurião lhes corte a cabeça. Às vezes, os que esperam seu turno afiam as espadas que estão usando os oficiais... Isso diz Antonio. Aceitam-no como algo necessário para preservar a disciplina. Mas quando eu estive ali, os cadáveres... Estavam empilhados em grandes montes... Cheiravam. Não podia ser queimados com a suficiente rapidez... E os que não se comportaram bem, os que não haviam aceitado a morte, como diz meu marido como deve fazer um bom soldado, gritavam tão... Tão... Sabe? Os soldados não têm esposas. É contra a lei que as tenham. Sei que César e Antonio também me explicaram isso. Mas têm mulheres como se fossem suas esposas, embora não o sejam de verdade... E elas têm filhos, como as esposas reais. Suplicavam aos oficiais pelas vidas de seus homens, mas, é obvio, só eram uma moléstia e ninguém as ouvia... Sinto muito. Você é um convidado e resta dúvida de que, como homem, entende estas coisas muito melhor que eu.

Maeniel meneou a cabeça, para clareá-la.

—Não. - Ele disse. - Nunca fui um soldado e depois de sua descrição da vida militar, não acredito que o seja jamais.

—Está esperando para ver meu marido? — Ela perguntou educadamente, como uma menina tentando entender um adulto.

—Não.

—Teme meu marido?

—Não. Provavelmente sou um estúpido por não temê-lo, mas não o temo.

—Que agradável é estar em companhia de um homem que não está assustado com meu marido e nem quer nada dele. Para que vieste a Roma, então? Posso ver que não sabe muito a respeito de nós.

—Estou procurando uma mulher.

—A qualquer mulher ou alguma em particular?

—Uma em particular. Chama-se Dryas.

—Oh, essa. - Disse Calpurnia sem muito interesse. - Minhas donzelas me falaram dela. Lutou com um javali esta manhã e ganhou, mas amanhã pela tarde morrerá. Antonio quer confrontá-la com Terror.

—Por quê? O que é Terror?

—Antonio a odeia. Perdeu dinheiro por sua culpa. Apostou no javali e pensa que ela o deixou

em ridículo.

— Por quê? Por salvar sua própria vida?

Calpurnia encolheu os ombros.

— Não há justificação para algumas das coisas que fazem. Ele apostou com César que ela não poderia vencer Terror e César aceitou a aposta.

— O que é Terror?

— Terror é um grande felino da Índia. Chamam-no tigre. É como um leão. Já viu um leão?

— Sim - Disse ele.

— Terror é maior e tem a pele laranja com raias negras. Antonio o usa para justicar criminosos. César diz que sairá ganhando de toda forma. Se a mulher matar Terror, Antonio lhe pagará muito ouro. E se a mulher perder, o espetáculo de sua luta lhe esquentará o sangue. Já sabe, quer deixar Cleopatra grávida outra vez.

— Ele não te explicou isso... — Comentou Maeniel.

Ela riu.

— Não, não. Ouvi as donzelas falando disso quando acreditavam que a bebida de papoula de Fio havia me deixado adormecida. A papoula nem sempre faz dormir, embora quem a tome pareça adormecido. Fio me advertiu e observei que, como muitas das coisas que diz, é certo.

— Ele também te explica coisas?

— Não. — Sussurrou ela e logo deu um olhar furtivo por cima do ombro. — Venha. — Ela continuou, se levantando — Conheço um lugar onde podemos falar sem que nos incomodem. Eu estava indo para lá quando o vi e me detive para te perguntar pelo jardim.

— Pelo que ouvi, César é um marido ciumento. Disse algo sobre que sua esposa devia que estar por cima da suspeita.

Ela voltou A rir, mas se conteve.

— Shhh! Ele não é ciumento, pelo menos já não é pelo que a mim respeita. E foi somente uma desculpa para se divorciar de sua mulher e casar comigo. Ele havia me visto em um jantar em casa de meu pai. Naquele momento, necessitava de algo para sustentar suas relações com ele e ao me ver decidiu que devia me ter. Mas a única forma de me levar ao seu leito era o matrimônio e ele sempre consegue o que quer. Tanto seus amigos como seus inimigos descobriram há muito tempo. Shhh! Siga-me.

Maeniel não podia imaginar aonde foram. Aquele jardim era um pátio fechado, um alpendre com colunas rodeado por ambos os lados. As dependências sob o alpendre eram as únicas

entradas e saídas. Dois altos muros de pedra coroados por abroros fechavam o fundo.

A lua brilhou por um momento e Maeniel pôde ver um ponto onde os muros se encontravam e escurecia ao outro. Parecia uma região muito escura. Mas havia duas grandes roseiras que começavam a florescer e era possível distinguir algumas flores brancas entre a sombra.

—Sabia, - disse Calpurnia, assinalando as roseiras, - que se pode fazer flores de plantas diferentes? Um jardineiro as fez para mim a partir do caramujo e a rosa de quatro estações. São muito pálidas, quase brancas. O lugar que quero ir está entre elas. Deixe-me ver se está aberto. —Ela se adiantou até o canto entre os dois muros e... Desapareceu.

Maeniel retrocedeu. Estava há muito tempo entre os homens, pensou logo. Sei aonde leva isto. Ele foi para o canto e a escuridão o engoliu também.

—Oh, bem. Nunca mostrado isto a ninguém. Perguntava-me se poderia entrar você também.

—Sim - Respondeu ele em voz baixa. - Já estive aqui antes. — E ele havia estado daquela vez que perseguiu os muflones pelo escarpado e caiu. Estivera estado perto da morte. Mas recordava as árvores gigantes e a cascata do alto, as samambaias

e o musgo crescendo à margem da água. Mas, acima de tudo, recordava a água que parecia brilhar na escuridão.

Não estava tão escuro em sua visita anterior, mas agora estava e quando ele elevou o olhar, os gigantescos pinheiros tinham seus galhos bastante separados, para ver que o céu era espaçoso e a meia lua flutuava em solitário esplendor. Sim, a água resplandecia. Seu frio azulado aparecia logo que iniciava a queda do alto. O olho podia seguir o movimento da luz enquanto descia e formava espuma na concha, onde despedia um fulgor tão brilhante que Calpurnia e ele podiam ver mutuamente. Naquela distância, mais de cinquenta pés, a luz estava atenuada, mas seguia presente como fundo das árvores e rochas ao seu redor.

Ela estremeceu, esfregando-os braços.

—Devia que ter trazido um manto.

Maeniel tirou seu manto militar e a toga limpa e a entregou.

—Tome. - Ele disse. - Provavelmente é de seu marido. Antonio e eu usamos seus banhos e os escravos nos deram roupa limpa.

—Os banhos! O que aconteceu para que tivesse que se banhar? É amigo de Antonio? — A segunda pergunta tinha certo tom de alarme.

Ele se apressou a aquietar seus temores.

—Não e depois desta noite não creio que queira ser.

Havia algumas rochas junto ao manancial. Apesar da luz na água ao cair, tudo quando restava daquele brilho eram pequenos brilhos quando golpeava os pedregulhos espalhados pelo leito do riacho, como milhares de vaga-lumes dançassem sobre a água, afastando as sombras das árvores gigantes.

Calpurnia escolheu uma pedra com forma de cadeira para sentar e ele ficou em cima de uma formação de pedras com a parte superior plaina.

Maeniel contou a esposa de César tudo o que tinha passado depois de que atravessou o rio, incluindo a dança dos dois jovens no jardim.

—Hum... Teria gostado de ver essa parte.

—Não sei nada da moralidade de uma esposa decente...

—Por favor. - Disse ela, levantando uma mão para que ele se detivesse. - Quando os homens começam a falar de moralidade, sei que querem dizer sexo. As coisas que eles fazem uns aos outros ou que fazem as mulheres, não importam. Eles nunca são imorais, só outros homens e mulheres o são. Olhe para Antonio. Provavelmente pensa que o

que fizeram ao entrar lá pela força foi estupendo e que aqueles dois jovens eram sujos degenerados. Se pudesse descobrir seus nomes, faria com que fossem castigados, independentemente de seus motivos. Talvez fossem escravos obrigados a agir, mas o mais provável é que somente fossem pobres e necessitassem do dinheiro conseguido com a dança.

Maeniel não respondeu. Aquilo lhe soava perfeitamente lógico.

— Pareciam estar desfrutando. — Ele disse. — Exibiam sua habilidade no manejo de serpentes, a dança e o equilíbrio. E, se tudo culminou em agradar ambos, muito melhor. Mas, — ele começou a se levantar, — deveríamos ir. Deve estar a ponto de amanhecer e seus criados estarão lhe procurando.

— Oh, o tempo não existe aqui. — Disse ela, completamente despreocupada. — Venho quando já não posso suportar as explicações, as dores de cabeça, a... Acredito que desespero é a palavra mais adequada... Passei vários dias seguidos aqui e ao voltar, ninguém havia dado falta. Nem o relógio de sol nem a clepsidra do átrio haviam mudado. Então ninguém sentirá minha falta.

— E o que te fez voltar? — Perguntou ele.

— A fome, a sede... Dá-me medo comer ou beber aqui, sobretudo dessa água — Ela disse

assinalando a cascata. - Às vezes, a papoula me deixa muito sedenta. Durante horas, ninguém pôde me ver, mas voltei a me tornar visível nos banheiros e estive a ponto de matar do susto minhas donzelas, que estavam bebendo no tepidarium. Viver entre escravos é um problema. Sequer minhas libertas confiam em mim. César se tornou simplesmente muito poderoso. Eu sou só uma lua de seu sol, mas eles acreditarão que tenho mais poder do que realmente tenho, quando começar a matá-los. Não virão a minha casa: suas mulheres o farão, como as mulheres dos soldados iam aos oficiais de César, suplicando que perdoassem os que amavam. Assim virão para mim e nunca acreditarão que não posso lhes ajudar. Nunca acreditarão na pouca atenção que disposta ao que lhe digo. Nunca entenderão que minhas lágrimas e meus rogos são tão inúteis como os delas. Ele é inexorável e logo os destruirá, a todos. Eu sei. Vi em minhas visões e elas nunca mentem. Então este lugar é meu único refúgio. Não deixarei que o amigo de Fio me abra um buraco no crânio. Se as enxaquecas e as visões desaparecem, talvez eu perca este lugar. A dor é tão terrível que, quando Fio me dá a bebida de papoula, abre a porta. Por isso, assim que a bebida apazigua a dor, levanto-me da cama para vir para cá. É a dor o que

torna possível que eu entre aqui. Algum dia, que não demorará muito em chegar, quando ele começar a matá-los, eu virei e beberei dessa água e não voltarei nunca mais. — Ela ficou sentada e em silêncio as entre sombras.

— Você é muito formosa. - Disse ele em voz baixa.

— Sim e é uma desdita. Atraí seu olhar. Mas aqui, neste lugar onde ninguém pode nos ver, gostaria de me fazer amor?

— Sim. Temia perguntar.

— Eu também. - Repôs ela, se levantando e deixando cair a toga. Logo soltou os broches do ombro de sua túnica e o suave objeto caiu com um sussurro entre as samambaias.

Maeniel estendeu o manto escuro sobre o chão. Ela levantou o olhar cobrindo modestamente os seios com o braço.

— Embora aqui não passe o tempo, - Ela disse, - sim passa aqui. A lua está baixa e acredito que logo amanhecerá.

Ele a abraçou e até na escuridão seus lábios encontraram os dela. Então soube que, de todas as mulheres as quais havia conhecido ou conheceria, nenhuma mostraria mais graça e gentileza. Mais tarde, enquanto jaziam juntos, eles contemplaram a

saída do sol sobre um bosque de pinheiros que se estendia para o horizonte.

—Vá. - Disse ela e lhe deu um beijo de despedida junto ao lago.

Antes de chegar ao portal, Maeniel se voltou para vê-la pela última vez, mas ela estava perdida na luz do sol nascente.

Então ele se encontrou novamente no jardim e sem olhar atrás, atravessou o átrio para a entrada da casa. O guarda lhe devolveu sua espada e designou dois soldados para que o acompanhassem de volta a casa de Manilius e Felex.

Dali a pouco Clea, a liberta da Calpurnia, viu que o leito de sua senhora estava vazio e as escravas adormecidas. Não as despertou, pois a senhora raramente se afastava muito. Encontrou-a sentada no banco do jardim, com a cabeça jogada para trás e dormindo sob a pálida luz da lua que já estava descendo.

Levou Calpurnia para casa, tirou-lhe o vestido e penteou seus longos cabelos. Enquanto lhe vestia camisola, observou que ela estava com agulhas de pinheiro em seu cabelo. Tirou-as com suavidade e deitou sua senhora na cama.

Enquanto sacudia a túnica de seda, uma folha seca de samambaia caiu no chão. Clea levou a folha

e as agulhas de pinheiro para um braseiro que ardia no canto e as jogou sobre as brasas, tocando depois um amuleto que levava no pescoço. Era devota de uma deusa oriental e uma iniciada em seus mistérios.

Tinha sido uma escrava bem-vinda por outros iniciados, já que tais adoradores eram um valioso investimento. Os que começavam como escravos estavam acostumados a alcançar postos de grande importância graças à confiança de seus poderosos proprietários. Assim tinha acontecido com ela. Calpurnia confiava nela e ela nunca trairia aquela confiança.

Por um instante, a fragrância do pinheiro encheu o cubículo quando as agulhas marrons ficaram vermelhas para se desfazer em pó logo. Não era a primeira vez que Clea encontrava coisas assim na roupa e no cabelo de sua senhora. Já tinha acontecido antes e ela estava segura de que não havia pinheiros e nem samambaias naquele jardim.

Fio foi ver Lucius ao voltar da casa de César. Estava a ponto de amanhecer e fazia bastante frio. Olhou primeiro Octus e viu que o ancião dormia. Alia deu as boas-vindas a Orelha cortada e o levou para a cama, apesar de seus grunhidos.

Fio encontrou Lucius passeando com

nervosismo, embora não teria admitido de maneira alguma.

— Acha que eu deveria me banhar? — Perguntou.

— Sim. - Disse o grego.

— por quê?

— Com as mulheres, sempre é melhor se banhar.

— Isto não tem nada a ver com ela, — afirmou Lucius altivamente.

— Não?

— Não.

— Se banhe. - Insistiu Fio.

— Nada de perfumes. Nada de ungüentos!

— Bem, estupendo. Banhe-se.

— E um barbeado?

— Com as mulheres, sempre é melhor se barbear.

— Não quero despertar Octus. Barbearei-me eu mesmo.

— Não. É melhor que desperte Octus e não te corte o pescoço. Além disso, afetaria-o muito que não o chamasse, necessitando seus especializados serviços. Sentiria-se ferido. Profundamente ferido.

— As mãos lhe tremem Às vezes.

— Isso é porque tem medo de sua irmã. Você

não o deixa nada nervoso.

— Não estou seguro de que isso seja um fato. De fato, conforme se olhe, não é. César disse...

— Não cite César. — Era o turno de Fio de mostrar altivo. - Se começar a fazê-lo de forma regular, terei que voltar para García. Quase tudo pode ser visto de diversas perspectivas. Algumas delas podem fazer com que os atos mais louváveis e virtuosos pareçam estúpidos no melhor dos casos, e interessados e enganosos no pior. Octus não o teme porque, como quase todos outros criados da casa, sabe que você pode se mostrar irritado, furioso ou deprimido, mas quase nunca malévolo e jamais cruel. Sua irmã é rancorosa, malévola e extremamente cruel. Agora, se banhe, barbeie e se vista. A mulher está no estabelecimento de Gordus. Foi vista ali recentemente e se sabe que tem previsto algum espetáculo com seus... Talentos para esta tarde, na arena da escola de gladiadores. Uma exibição privada para César, Antonio e várias centenas de seus amigos cavalheiros e senadores.

— Oh, não!

— Sim. Chamarei Octus.

— E Orelha cortada?

— Não, deixe-o dormir ou o que seja que esteja fazendo com Alia. Pode que ser que o necessite mais

tarde.

Meia hora depois, Lucius e Fio saíram para o ludus.

Dryas foi despertada mais ou menos uma hora mais tarde por Aquila. O grego lhe deu uma taça de uma bebida quente através dos barrotes da porta.

— É posea? — Perguntou ela.

— Não. Márcia o preparou. Não sei do que é feito. Posea pode te fazer adoecer. Aconteceu comigo quando estive nas legiões. Mas não pode se embebedar com ela. Eu sei, tentei.

— Então deve ser como adoeceu. - Disse Dryas.

— Sim, é uma porcaria.

Dryas provou a mistura de Márcia. Vinho branco com umas poucas ervas maceradas. Percebeu o sabor da hortelã e à gaulteria um pouco esquentadas.

— Está bom. - Disse.

— Quase é melhor que a posea, mas não sei se deve estar de bom humor quando descer para saudar esse... Lucius.

— Quem é?

Aquila parecia não estar seguro do que dizer, pois moveu os pés e mordeu o lábio.

— Provavelmente... Provavelmente seja seu

verdadeiro dono.

Dryas levantou o olhar para ele.

—E?

—É o irmão de Fulvia, a mulher que me pagou para que te capturasse.

—E o que ele quer?

—Não sei, mas só no caso de querer o que penso que quer... —Aquila lhe ofereceu uma das adagas que tinha lhe tirado ao registrá-la.

Ela a rechaçou.

—Não, o momento dessas coisas já aconteceu. Não posso empregar essa saída.

—Por que não?

—Por sua segurança, a de Gordus e Márcia; e têm um filho e uma filha casada e com crianças. Tenho minha honra e a honra me impede de deixar outros paguem o preço de minha irresponsabilidade. Assim, por favor, feche a porta e deixa que eu me vista.

Aquila meneou a cabeça e se afastou da porta.

Dryas colocou a roupa. A cela era muito mais cômoda. Márcia havia mudado a cama, queimando o colchão e os lençóis onde havia morrido Priscus e havia encontrado roupa para Dryas. Uma túnica limpa, cuidadosamente costurada com linho usado, certo, mas tingida logo depois de um tom ocre. Um

palla de lã mais fina, sim, um tanto gasta já, mas remendada e tingida novamente de azul escuro e decorada nas bordas e um par de sandálias de fino couro, atadas no centro e meias três-quartos de lã.

Dryas arrumou o cabelo em torno da coroa que lhe haviam colocado as donzelas de Fulvia no dia anterior. Ajustou bem o palla e avisou Aquila.

— Já estou preparada.

O grego abriu a porta de um chute. Sua expressão era dura e estava com o rosto avermelhado. Tirou- lhe o palla e lhe acorrentou as mãos nas costas. Logo voltou vesti-la com o palla e empurrou a mulher para diante.

Dryas desceu as escadas na frente dele. Tropeçou brevemente no segundo lance, mas Aquila a segurou pelo braço ao se dar conta de que ela estava em perigo. Com as mãos nas costas, ela não podia se proteger. De toda forma, não lhe tirou a corrente, mas seguiu segurando-a até chegar embaixo, onde aguardava Márcia.

— Aquila, pare isso agora mesmo! Se for se fazer de idiota, volte para sua granja na Campania!

— Nem sequer vai se defender! - Disse ele lhe tirando a cadeia.

Márcia abraçou Dryas e a ajudou colocar bem o palla. Parecia triste.

—Não, ela não o fará. E eu tampouco o faria. Às vezes não é seguro para uma mulher pensar em si mesma. Eu tinha minha mãe e uma irmã menor para me preocupar: ela nos tem.

—De toda a maldade que vi neste feio assunto, isto é o pior de tudo. — Disse Aquila com os punhos crispados. — Quer tê-la antes que enfrente a... Essa coisa...

—Bem, — replicou Dryas, — não acredito que lhe servisse muito depois.

Márcia se pôs a rir. Abraçou novamente Dryas e secou as lágrimas.

—Quando tudo terminou, minha mãe me ajudou a me lavar. Havia um pouco de sangue. Eu só tinha quatorze anos. Encolhi os ombros, olhei minha mãe nos olhos e lhe disse que não tinha sido grande coisa. Era verdade, ele não era grande coisa, mas doeu de toda maneira. Então menti, mas foi uma boa mentira e me alegro de tê-la dito. E quando acabou, comi papa, toucinho e pão recém feito e você Dryas, pode dormir na cama de armar que há junto à cozinha. Gordus e minha criança já foram: agradecerei a companhia até esta tarde.

—Bem, eu não tenho quatorze anos, e ele não vai pensar que desfruto. — Respondeu Dryas. — Pode ser que não resista, mas há outras formas de

demonstrar como se sente e não penso economizar-lhe. Então es quente a papa, porque não demorarei em voltar.

Dessa vez, Aquila foi na frente.

Quando Márcia se voltou para entrar na cozinha, ela viu o cão. Era um dos maiores que tinha visto em sua vida.

— É mais lobo que cão. — Ela disse para si. Era uma mulher valente: alguns dos homens confinados no ludus, não todos, teria dito ela, mas sim alguns, eram mais perigosos que qualquer lobo.

Havia uma versão reduzida da clássica espada dos legionários em uma bainha perto da porta. Era uma arma terrível, capaz de decapitar um animal ou uma pessoa de um só golpe. O peso da lâmina de um só fio fazia com que fosse formidável inclusive nas mãos de uma mulher. Tirou-a da bainha e ficou em frente ao cão.

Mas o animal parecia ter ouvido seu comentário. Aproximou dela, se arrastando, com a cauda entre as patas e a língua pendurando, lançando um ganido amistoso.

Ela suspirou e meneou a cabeça.

— Outro faminto. Muito bem, espere aqui. — Ela jogou sobras e comida desprezada em uma cuba que estava junto à churrasqueira. Havia algo

rançoso, mas o cão estaria agradecido de toda forma.

Ela se voltou, com a cuba na mão e encontrou um homem enorme, que não parecia muito aficionado a roupa.

Com uma mão, o homem cobriu certa região estratégica com um trapo de cozinha não muito adequado, enquanto estendia a outra em um gesto de súplica. Falou em latim formal.

—Rogo-te que me desculpe por incomodar em uma hora tão imprópria. Se pudesse me dar um pedaço de tecido maior, também gostaria de ver Dryas. E se pudesse me oferecer um prato de papa e algo desse toucinho, apreciaria muito o gesto. Passei toda a noite em acordado e...

Ele teve que interromper e continuar com seu discurso um pouco mais tarde, pois Márcia acabava de desmaiar.

—Não vou deixar fácil. - Grunhiu Aquila e conduziu Dryas até uma câmara com uma porta que dava a arena. A porta estava coberta por uma grade de metal. No outro extremo da casa havia uma grade similar. Ele encerrou Dryas dentro. O teto era curvo. As grades de ambos os extremos sugeriam animais e a estadia fedia a urina de gato e esterco embora piso estivesse limpo e recém

varrido, pronto sem dúvida para o tigre.

Dryas recuperou a compostura e se dispôs a esperar. Aquila e dois homens apareceram no passadiço sob os assentos. Dryas os reconheceu imediatamente. Um era o físico que lhe havia curado os cortes do tornozelo, e o outro o assistente de banho que estava com ele... Mas agora estava vestido bem melhor.

Dryas caminhou para eles, detendo-se ao chegar aos barrotes. Uma tocha ardia no corredor. Dirigiu aos dois homens um olhar de profunda desaprovação.

— Por que esse engano? — Ela olhou diretamente nos olhos de Lucius, como havia feito a véspera. — Por que não se identificou antes?

Lucius estava com a boca seca e não soube encontrar uma resposta. Olhou para Fio e Aquila, mas eles não lhe foram de nenhuma ajuda: o rosto da Aquila era selvagem, enquanto a expressão de Fio dizia mais ou menos. É com você mesmo.

— Por que... Por que... — Ele balbuciou. — Tudo o que fosse, inclusive a piedade, teria sido melhor que ver ódio em seus olhos.

Dryas sorriu.

— E por que deveria importar o que eu pensasse de ti?

—Porque eu não... O que estou dizendo? Normalmente um homem não tem que fazer isto ele mesmo... Não sem ajuda.

Dryas estendeu a mão por entre os barrotes e tomou a dele. Ele a levou aos lábios.

—Agora, me diga o que quer. - Disse ela em voz baixa.

—O que pensava que eu queria?

—Se deitar comigo, com ou sem meu consentimento. - Respondeu ela.

—Não. —Lucius meneou a cabeça e envolveu a mão de Dryas com as suas. - Vim para te pedir que se case comigo.

Aquila tinha o aspecto de alguém a quem teriam cortado as orelhas. Inclusive Fio parecia surpreso.

Os olhos de Dryas se abriram ao máximo. Ela deixou cair o manto no chão e passou a mão esquerda pela grade, para tocar a face de Lucius.

—Ou isto é o pior dos enganar, - ela sussurrou, - ou não sabe!

O direto olhar de Lucius anulava a possibilidade de um engano. Estavam a algumas polegadas de distância. Ele passou a mão direita sobre a dela, em sua face.

—O que é que eu não sei? — Seu rosto ficou

pálido pelo medo e a ira, e com uma voz que nem Fio havia ouvido antes, rugiu perguntando novamente. - O que é que eu não sei?

Capítulo 24

Era um formoso dia para Gordus. Ele e Martinus caminhavam pelas cercanias do Foro. O céu era de um bonito e quente azul e as brancas nuvens do alto não faziam nada para ocultar a luz do sol.

— Acha que poderemos ver César? — Perguntou Martinus.

— Não sei. — Respondeu ele. — Agora tem tantos peticionários que não sei se poderemos passar. E embora consigamos vê-lo, pode ser que não nos conceda nossa petição.

— Claro que fará. Se tiver algum sentido da justiça.

— Meu filho, eu não exporia nossa petição dessa maneira. De fato, eu nunca pediria nada nesses termos a um homem tão poderoso como ele.

— Não. — Disse Martinus. — Deixarei que você fale. Não sou bom explicando as coisas e certamente faria confusão e cairia em ridículo.

— O que ela te disse? — Perguntou Gordus. — Como te leu a fortuna?

Martinus parecia estar meditando.

— Não sei como explicar. Não pareceu grande

coisa, pelo menos não a princípio.

— Mas como?

— Bem...

Eles se esquivaram de um vendedor de pão recheado, o homem levava o seu forno sobre a cabeça e logo tiveram que rodear um velho soldado que vendia flores, nada menos. Ele estava sentado nos degraus do Templo de Vista, com cestos de rosas, lírios, violetas e narcisos, junto a vasos de barro com ervas para janelas, balcões e pátios. Havia salvia, manjerição, manjerona doce e longos caules de eneldo.

— Pediu sua espada. Aquela a levou e ela a desembainhou e pôs minha mão sobre a lâmina. Depois de alguns instantes a levantou. Havia marcas escuras onde meus dedos a haviam tocado. Ela disse que eu tinha que saber e que eu estava certo. Não sirvo para a espada. Eu estava triste porque te honro e queria ser tão...

Eles se detiveram ao chegar ao Templo de Vênus, pois as pombas do santuário cobriam o pavimento.

Uma anciã tentou lhes vender uma bolsinha de grãos.

— Alimentem suas pombas. — Ela disse. — E a honrarão. Ela o acha formoso de rosto, jovem, e

deve te amar. Peça-lhe agora que te faça afortunado no amor.

Martinus sorriu.

Ele é belo, pensou Gordus. Cabelo castanho claro, tão fino e suave que o vento o agitava como se fosse pó. Grandes olhos cor de avelã e marcados por cílios castanhos. Um bonito sorriso unido a um corpo alto e forte que desfruta da graça da juventude. Se o visse na arena com uma espada na mão, morreria. O espírito privado de sua raiz de carne jazeria na escuridão para não se levantar jamais. Obrigado, Dryas. Obrigado.

Martinus pegou a bolsa de grãos e pagou um cobre a velha senhora. Ele e seu pai se sentaram nos degraus do templo e deram de comer as pombas. Do outro lado da rua, os toldos com raias vermelhas e amarelas identificavam a casa de César.

— Como eu te dizia, — continuou Martinus, — queria ser tão parecido a você como pudesse, mas ela disse: Não, o aço te rechaça. Olhe as marcas que deixaste na espada. Logo me pôs a mão no peito e fechou os olhos. Primeiro franziu o cenho, logo sorriu e ficou quieta durante um momento. Logo fez um gesto para a porta e uma garota entrou por ela. Era muito bonita, a mulher mais bela que eu já tinha visto em minha vida. Sorriu-me e logo desapareceu.

E depois ouvi a risada de crianças e Dryas me perguntou se eu queria a música.

—Que música? — Perguntou Gordus.

—A música que ouço todo o tempo. Não recordo ter deixado de ouvi-la nunca. Cantava-a no berço e enquanto engatinhava no chão da cozinha atrás de mamãe. Às vezes, quando ouço um bom fragmento, memorizo-o e a ensino aos meus amigos. Não podia imaginar que desaparecesse, mas nunca havia contado nem a você e nem a mãe, porque temia que lhes rissem de mim.

—Não. — Disse Gordus. — Não. —Seus olhos cinza estavam iluminados pelo amor. — Nunca riria de ti. Não a respeito de algo tão importante. E o que tem que essa música?

—Dryas disse que se eu seguisse com meu adestramento como gladiador, a música me abandonaria para sempre quando liberasse meu primeiro combate. Eu disse que preferia estar morto a viver sem ela. Ela respondeu-me que sim, que sabia, mas que era por isso tinha tido a mão em meu peito tanto tempo. Era tão formosa que ela também estava ouvindo. Disse-me que a garota da porta seria minha esposa e que teríamos uma vida longa e feliz. Eu teria muitos filhos e amaria a todos e eles a mim. A música me acompanharia todos os dias de

minha vida e toda a vida de meus descendentes até o fim dos tempos. Mas não se tomasse o caminho da espada. Eu não quero fazer nada que pare a música. Não poderia viver sem ela.

Nem eu sem ti, pensou Gordus. - Já pensaremos em algo. - Ele prometeu.

Alguns escravos passaram ao trote, carregados uma cara liteira de varas de ouro e marfim e cortinas púrpuras e fizeram dispersar as pombas entre um torvelinho de asas e ruídos de protesto. A bolsa de grãos estava vazia.

Gordus ficou em pé.

—Vamos ver César.

Para sua surpresa, foram admitidos apenas uma hora depois de sua chegada.

César os recebeu cortesmente.

—Sim. - Disse. - Acredito que vi este jovem no combate de exibição que ofereceram. —O braço de Martinus continuava enfaixado. - Não dirige a espada como seu pai, mas isso seria pedir muito. Vai seguir sua profissão?

Martinus se ruborizou.

—Não... Não acredito que o faça. - Ele disse balbuciando.

—Provavelmente seja uma boa idéia. - Replicou César.

—Sim. - Disse Gordus. - Meu senhor, vim pela mulher de meu ludus.

César havia se afastado de sua mesa para saudá-los. Ele deu um impaciente olhar para trás, para os papiros e pergaminhos acumulados.

—Sim, o que tem que a mulher? Convidei algumas pessoas esta tarde para ver seu combate. Estão preparados ela e esse leão ou o que seja?

—Chama-se tigre César e vim porque acredito que fazer com que ela enfrente na arena uma criatura tão selvagem seria um assassinato.

César arqueou as sobrancelhas. Despediu com um gesto os dois secretários que estavam lhe ajudando e pôs as mãos sobre os joelhos.

—São palavras muito fortes. - Disse.

—Eu não creio que sejam. - Respondeu Gordus. - A dama não é uma criminosa. Pelo que sei, jamais foi condenada por um tribunal romano por causa de um crime cujo castigo seja a *damnatio ad feras*, quer dizer, ser jogado as feras.

—Sei o que é. - Disse César. - Não tente me dar lições de leis.

—Não. - Disse Gordus. - Nunca pretenderia fazer algo assim, mas queria ter clara sua posição. O soldado, Aquila, me disse que ela foi capturada no ataque a um povo governado por um aliado de

Roma chamado Cynewolf e trazida a Roma contra sua vontade.

— Tem a consciência muito sensível Gordus, para ser um lanista e um ex-gladiador. — César se levantou e foi até o lado de sua mesa, que dava para o jardim. Corria uma persistente brisa e as cortinas de linho ondulavam fazendo soar as argolas. - Sei o que é essa dama, como você diz. - Ele disse voltando-se para Gordus. - E posso te dizer mais coisas sobre ela. Posso te dizer mais sobre ela do que ela mesma gostaria. É caledonia. Os Caledônios são uma tribo do mais remoto limite da Britania. Vivem em altas montanhas, separado do resto, e os consideram o povo mais feroz, indômito e selvagem de todos. Não têm deuses e só veneram os mortos que têm caído antes que eles. Acreditam que todos os homens são iguais e também as mulheres, pois as adestram nas artes da guerra e na matança. E suas filhas, como seus filhos, aprendem a montar, caçar e usar a espada e o escudo tão bem como os homens. Consideram que um homem vale tanto como outro e não aceitam limites a suas paixões. É tão fácil lhes inspirar risos, como lágrimas, ira ou terror. Não têm consistência e nem controle e são tão selvagens e indomáveis como os lobos de seus vales ou as águias que voam entre os penhascos onde têm seus

lares. A arena comemora nossas vitórias. Quando tiver terminado com Partia, me voltarei para a Ilha Branca. Eu gostaria de ver lutar essa mulher caledonia. Encurralamos uma de suas lobas na Britania, mas não chegamos a ver que era uma mulher até que morreu. Quando voltar, capturarei tantos de seu povo como puder e os trarei aqui, homens e mulheres, para que lutem e morram para nos entreter. Como esta mulher vai fazer hoje. Compreendeste, Gordus?

—Sim. Acredito que sim. Mas poderei pelo menos lhe deixar escolher suas próprias armas, para que tenha alguma possibilidade contra Terror? Assim se chama a fera, Terror. A cota de malha que a dama Fulvia quer que ela use é mais fraca que muitos tecidos. Deixe que lhe dê uma armadura eficaz.

—Gordus, você está me cansando e isso não é bom nem para ti nem para ela. Logo irá querer que eu envie uma corte de soldados a arena para que protejam a sua lutadora de qualquer dano.

—Não gostará que moora nos primeiros instantes da luta, verdade?

—Não. - Disse César lentamente. - Eu gostaria que sobrevivesse, se fosse possível.

—Sou um homem experiente nessas matérias.

– Disse Gordus. - Deixe que eu escolha suas armas.

–A exibição de seu corpo é parte do espetáculo. – objetou César.

Gordus engoliu saliva.

–Ela terá um aspecto magnífico, prometo.

Quando saíram novamente À rua, o sol já não parecia tão brilhante para Gordus e nem o dia tão formoso.

–Falhaste. – Disse Martinus.

–Não, moço, não. Meia fatia é melhor que nada, especialmente se lida com homens como César. Não esperava conseguir tanto, mas se pôs acima dessa puta Basília, que teria deixado morrer nossa pequena sacerdotisa em poucos instantes. Farei tudo o que puder por ela. É formidável. Ele tem razão nisso.

–É verdade algo mais do que disse? O que significa isso de comemorar as vitórias?

–Provavelmente não. Parece a você que a Dryas falta controle ou coragem?

–Não. - Disse Martinus. - Aquila me disse que ela havia sido uma espécie de juiz entre sua gente, o que significa que pelo menos têm leis.

Gordus assentiu.

–Quanto a comemorar as vitórias, me fez sentir vontades de lhe cuspir na cara. Meu pai

cultivava suas terras na Campania até que os soldados lhe jogaram porque tinham sido confiscadas para alguns dos veteranos de Pompeu. Sou tão latino como qualquer membro do Senado. Meu avô apoiou As Gracos quando tentaram fazer reformas agrárias. Meu pai era um granjeiro na Capua quando a lei da Campania foi promulgada, por César nada menos e nossa família ficou na miséria. Então viemos para Roma e tentamos viver das partilhas de grão. O “pão e circo”, dizem, foi à ruína do povo de Roma, mas eu acredito que meu pai e meu avô teriam preferido conservar suas granjas. Apresentei-me ante o lanista da Capua, sim, o mesmo ludus que saiu mais tarde, Espartaco e me comprometi sob juramento a ser açoitado por látigos, queimado por ferros em brasas ou morto pelo aço se desobedecesse a meu professor. Fiz por dinheiro. Dinheiro para que minha mãe e meus irmãos menores não ficassem na miséria, mas nunca quis uma vida assim para você.

— E mamãe?

— Cale-se. O que acontecer com um homem se pode contar abertamente, mas com as mulheres... É diferente. Direi-te somente que brincávamos juntos desde crianças e ela vivia a duas ruas de distância em meu mesmo povoado e seu sangue é tão latino

como o meu. Mas na arena, às vezes lutei como galo, outras como samnita e uma ou duas como tracio... Todos os povos derrotados pelas legiões. Mas não posso ver o que pretende comemorar César, a menos que seja ter reduzido nosso povo à escravidão em sua busca pelo poder. E fez muito bem. Ainda quer ser um gladiador e derramar seu sangue e a de seus companheiros para que homens como ele se “divirtam”?

—Acredito que prefiro a música. — Disse Martinus.

O combate foi provavelmente melhor que o previsto contra o tigre, mas não tão público. Fio, que teve a oportunidade de presenciá-lo, considerou-a uma das mais encarniçadas e brutais disputas familiares que tinha visto em sua vida.

Lucius e Dryas pareciam um para o outro. Mal se conheciam, com a grade de ferro entre eles, gritavam um com o outro com toda a força de seus pulmões.

Lucius estava decidido a tomar posse imediatamente dela e queria que Dryas fugisse com ele. Já! Embarcariam em Ostia. Logo!

E deixar seus amigos e parentes para que enfrentassem a considerável cólera de César e Fulvia, para não mencionar a de Antonio? Ficou

louco? Ela tinha sua honra e a honra exigia certo tipo de comportamento. Acaso ele não entendia?

Que tipo de honra podia ter uma mulher, Bárbara, além disso?

Foi uma sorte que a grade de ferro estivesse ali, pensou Fio. Não por Dryas, mas por Lucius.

Dryas olhou para seu pretendente como se desejasse matá-lo. Na realidade, se Aquila lhe tivesse dado sua espada, certamente teria matado.

Como ela se atrevia ela a levá-lo a uma situação em que estava a ponto de ficar louco por seu amor?

Suas aberrações mentais não podiam ser culpa dela! Se ele não pertencesse a uma nação de homens tão vãos, arrogantes, egoístas e ambiciosos que não podia confiar nem nos amigos, ela não estaria...

Nesse momento chegaram Maeniel, Márcia, Gordus e Martinus. Lucius se encontrou amplamente superado na votação e não gostou muito. Caiu lutando, mas não lhe serviu muito. Inclusive Fio opinou que tinha perdido seriamente o sentido.

Matrimônio! Ele estava propondo matrimônio a uma selvagem caçadora Bárbara. Havia um grande número de propostas que os muito práticos amigos gregos de Fio teriam feito aquela Amazona,

mas o matrimônio não estava entre elas.

E o mesmo podia dizer de Aquila, Gordus e inclusive Martinus. A mente de Aquila se inclinava naquela direção, mas sob nenhum conceito podia imaginar Dryas alimentando porcos e frangos em uma granja na Campania. Ou vivendo na casa de um rico aristocrata romano como Lucius. Causaria sensação embora Lucius se retirasse para uma vila campestre com ela. A maioria dos romanos, patrícios ou inclusive cavaleiros, encontrariam o desejo de coabitar com Dryas não só excêntrico, mas também absolutamente insano.

Mas Lucius falava a sério e aquilo era óbvio porque Maeniel e Gordus estavam atando suas mãos nas costas. Gordus lhe passou uma corda pelo pescoço e fez subir para a casa, na ponta da lança.

Com as mãos trêmulas, Dryas recolheu seu manto do chão da jaula, sacudiu-lhe o pó e se uniu a procissão ficando logo na frente, em busca de seu café da manhã.

A cozinha era tão quente como a área sob a arena era fria. Dryas se aproximou da porta do forno para esquentar as mãos.

Havia três pratos cobertos sobre a mesa. Sim, Márcia tinha prometido papa toucinho e pão.

Gordus fez entrar Lucius, seguido de perto

por Maeniel, Márcia, Aquila, Martinus e Fio.

A mesa estava em um canto. Havia bancos junto à parede e dois dos lados. Sentaram Lucius em um dos bancos da parede, com Gordus de um lado e Maeniel do outro.

Márcia serviu sua própria versão da posea, bem mais agradável que a que Dryas tinha provado na vila de Fulvia. Logo, todos estava com uma taça nas mãos, salvo Lucius, cujas mãos seguiam atadas.

Durante um momento, todos se dedicaram simplesmente a beber. Logo Dryas, ainda junto à porta do forno, se voltou para Lucius.

— Diz que quer se casar comigo?

— Sim. — Respondeu ele em tom desafiante. — Quero.

— Minha querida senhora... — Começou a dizer Fio.

— Não me chame de querida senhora. Não sou um ama. Isso implica ter escravos a quem dar ordens e eu não tenho nenhum e não me interrompa quando falo.

— Ela é sempre assim? — Perguntou Aquila a Maeniel.

— A maior parte do tempo. — Respondeu ele filosoficamente.

Dryas lhes dirigiu um turvo olhar para lhe

fazer calar e se dirigiu novamente a Lucius.

—Muito bem. Dá-se conta do que o matrimônio implica entre minha gente?

Lucius teve que admitir que não.

—O homem com o que eu me casar tem a possibilidade de se converter em rei dos Caledônios. Para se casar comigo, teria que superar as provas previstas e embora falhe, ainda poderia se converter em um dos companheiros do governante.

—César diz que vocês não têm rei. - Disse Martinus.

—César se equivoca. O rei é um líder na guerra e um juiz na paz. De certo modo, nós, como os romanos, desconfiamos dos governantes e como vocês preferimos dirigir nossas próprias vidas. As mulheres como eu vivem para dar reis ao povo, seja por nascimento ou por matrimônio. Nossos corpos não são nossos para que disponhamos deles. Por isso te faço estas perguntas. Se de verdade quer se casar comigo, estou obrigada a aceitar.

Houve uma consternação geral na cozinha.

Fio jogou o manto sobre a cabeça como amostra de dor.

—O que? - Disse Márcia, golpeando a mesa com a concha de sopa de madeira que estava usando para servir as papa.

Aquila ficou sentado com a boca aberta e Maeniel que sentia que a maior parte dos membros de sua espécie compartilhada estavam loucos, ouviu a notícia com tranqüilidade.

Só Martinus fez a pergunta obrigatória: — Por quê?

—Porque ele pode levar aos Caledônios o idioma romano, suas artes militares, seus costumes, seus conhecimentos, sua forma de lutar e suas habilidades técnicas. Há muitas coisas em Roma que seria bom aprender. - Explicou Dryas.

—Sim. - Disse Martinus. - César disse que, quando tivesse conquistado Partia, enviaria seus homens a Ilha Branca para que trouxessem sua gente para lutar na arena.

— Eu não poderia passar por cima de uma oferta assim, se fosse séria. - Disse Dryas, olhando para Lucius com o cenho franzido. - Mas acredito que é jovem e frívolo e está movido pelo desejo, não por uma verdadeira ambição de formar parte de minha vida. Quando me reuni contigo, estava disposta a saciar seus apetites para não me arriscar que fizesse mal a meus amigos. Então foi só uma moléstia e se isso é tudo, adiante. Roma está cheia de putas, algumas caras, outras não, mas todas em venda. Eu não estou, asseguro-lhe. Só posso ser sua

vítima, não uma companheira voluntária no prazer. Tenho meu dever e tenho que lutar esta tarde. Se for necessário, baixarei até a latrina contigo, porque os desejos que expressas pertencem a um lugar assim. Se não é isso e está disposto a me mostrar o respeito que eu mostraria, inclusive a uma garota da rua, ou seja, não incomodá-la quando tem outros assuntos a resolver, vá. — Dryas assinalou a porta. - E ganhará minha gratidão e meu respeito para sempre. Desatelle as mãos, Maeniel e deixe que ele faça o que queira. Por desgracia, tem poderes que neste momento nos estão negados. — Ela se voltou novamente para a porta e seguiu esquentando-as mãos. Ainda estavam frias.

Gordus lhe cortou as ligaduras das mãos e Lucius as fitou como se não estivesse seguro a quem pertenciam. Observou Dryas, sentindo como se ela lhe tivesse golpeado com uma tábua entre os olhos.

A túnica de cor ocre e o manto azul eram atraentes. Márcia deu a Dryas uma terrina de papa e uma colher e ela começou a comer em pé no mesmo lugar onde estava. Parecia tão simples... Sim, havia um corpo esplêndido sob a túnica e o estranho penteado. O calor do forno lhe provocara cores de uma forma que não tinha visto antes e nem sequer as sandálias e as meias três-quartos de lã podiam

ocultar a graça de suas pernas, seus tornozelos e seus elegantes pés. Não podia se imaginar forçando-a movido pela luxúria, mais do que podia imaginá-la cometendo qualquer outro ato impensável, como matar uma criança, atestar contra um amigo ou inclusive um inimigo ante um tribunal, roubar ou fazer mal a outra pessoa sem uma boa razão.

—Está completamente a salvo de mim. - Ele disse por fim. - Não te tocaria contra sua vontade mais do que saltaria do telhado deste edifício para voar. Acho que suas condições para o matrimônio são difíceis. Não sei se posso cumpri-las e tenho medo por ti. Tanto medo que esteveste a ponto de me fazer perder o sentido. Sou o último homem do mundo ao qual deveria temer. Sim, irei se deseja, mas gostaria de ficar e te oferecer toda a comodidade e ajuda que puder.

Ele se levantou, passando ao lado de Maeniel e foi até onde se encontrava Dryas. Ela voltou a se fixar em sua claudicação e aquilo lhe rasgou o coração sem que soubesse por que.

—Não acredito, - disse Lucius humildemente, - que seja um bom candidato a majestade entre seu povo. Estou ferido e minha saúde provavelmente será sempre afetada por minhas cicatrizes e minha longa enfermidade.

Ele não era mais alto que Dryas e ela inclinou um pouco a cabeça para fixar seus olhos. Não notou que Márcia lhe tirava a terrina e a colher, nem resistiu quando Lucius a rodeou com seus braços e fez com que ela apoiasse a cabeça sobre seu peito. Ele ficou ali em pé, abraçando-a, com os lábios pousados sobre seu cabelo, enquanto ela chorava porque aquele momento havia chegado justo quando ela estava segura de que iria morrer.

Lucius e Fio avançavam velozmente pelas ruas de Roma. O que havia começado como um esplêndido dia estava se danificando com rapidez. O céu estava se nublando pouco a pouco, ocultando em sol e o vento do norte começava a soprar pelas estreitas ruas da cidade. Agitava os objetos soltos que estavam acostumados a usar os romanos, intumescendo narizes e dedos e levando o frio do inverno até os ossos. O céu cinza se encaixava com o humor de Lucius. Ele estava cheio de ira e ódio e caminhava tão rápido que Fio quase tinha que trotar para se manter a altura.

—Desejaria que não fizesse isto. - Suplicou Fio. - Não é prudente queimar todas as pontes de uma vez. Embora, talvez queira voltar algum dia...

Lucius se deteve alguns instantes para que Fio o alcançasse. Não respondeu seu amigo, mas se

limitou a fitá-lo friamente.

—Não. - ele disse por fim. - Nunca vou querer voltar. Nem aqui e nem a ser Lucio Cornelio Basilio. Terminei. Se não quiser vir comigo, te darei dinheiro, tudo o que queira. Pode ir para onde quiser. O mundo inteiro se abre ante voce, Fio. Eo o converterei em um homem rico, se for isso o que quer.

—De verdade pensa em se casar com essa mulher e fugir para os limites da terra com ela?

—Sim.

Fio se pôs a rir.

—Não perderia isso por nada do mundo. — Ele secou os olhos. - Sabe? Os relatos favoritos de minha mãe eram esses romances helenísticos de amor e aventura. Um deles era sobre Alexandre e eu me perguntava como teria sido seguir as tropas por meio mundo, ver a Persia e a Índia, lutar com homens montados em elefantes. Escalar montanhas, atravessar desertos, ver os Jardins Pendentes da Babilônia quando era a maior cidade jamais construída. Inclusive naquele horrível posto de escravos do Cos, eu sentia uma selvagem excitação em meu coração. Você nunca sabe para onde será vendido, nem por que. Fiquei pasmo ao acabar na Galia, nada menos, cuidando de um homem muito

doente...

— Era eu?

— Sim. Estava amarelo e sua irmã me ameaçava.

— O que teria feito se não tivesse conseguido que me recuperasse?

— Não sei. Nunca tive ocasião de traçar planos. Você começou a melhorar logo que o convenci para que deixasse de se embriagar toda noite e se alimentasse um pouco. Uma vitória simples e das mais gratificantes.

— Sim? — Perguntou Lucius ironicamente.

— Não, na realidade foi questão de tato e paciência.

— Isso eu pensava. Bem, pode ser que isto não seja uma grande aventura. Talvez encontremos um fim desagradável em algum afastado canto de uma terra estranha...

— Me arriscarei.

— Bem, então... — Disse Lucius e começou a andar novamente. Ele havia levado Dryas escada acima, com o Márcia ao lado. Deixara-a sobre um jergón em um dos dormitórios do piso superior, lhe tirando as sandálias e deixando as meias três-quartos. Márcia lhe havia tirado o cinturão.

Fio tinha preparado algo.

—Valeriana. — Ele havia dito a Márcia. - Precisa descansar, mas não ficar aturdida nem com ressaca.

Aquila lhe tinha levantado a cabeça, convencendo-a para que bebesse.

Logo tinham descido para conferenciar.

—Não posso fazer nada. - Disse Lucius a eles.
- Se pedisse algo a minha irmã, ela estaria encantada de fazer justamente o contrário só para me incomodar. Ela tem César de sua parte.

—Sim, eu fui vê-lo esta manhã. - Disse Gordus.

—E acredito que não teve êxito. — Comentou Fio.

—Ao contrário, pode ser que tenha obtido algo prático. Consegui que ele despreze os planos de sua irmã de vesti-la como uma bailarina para enfrentar na arena um felino devorador de homens. Prepararei uma cota de malha e poderei lhe dar um escudo e sua própria espada. De toda forma, César quer, segundo suas próprias palavras, que ela exiba seu corpo, mas... —Ela se voltou para Maeniel. - Ela é boa com o dardo?

—Sim. - Respondeu ele. - Ela é boa com qualquer arma.

—Estupendo! - Disse Gordus. - Talvez

possa...

Ele se interrompeu quando a porta se abriu bruscamente e um desconhecido apareceu na soleira, assinalando Maeniel e gritando: — Aí está ele! É ele! O agarrem antes que...

Mas já era muito tarde. Um enorme lobo, um dos maiores que Lucius tivesse visto jamais, estava saindo por entre as dobras da gasta túnica de Maeniel.

Não havia outra saída. O lobo investiu contra o homem da porta, lhe golpeando entre as pernas e fazendo com que caísse. Logo investiu em Antonio e cinco ou seis pretorianos.

Maeniel tinha a vantagem da surpresa e eles de estarem armados até os dentes. Alguém lhe arrojou uma lança, que passou por suas costelas para golpear o chão com uma chuva de faíscas.

Guerra enfim! Pensou o lobo enquanto desequilibrava o lançador.

Antonio tentou lhe cortar a cabeça com um gladio, falhando por uma ou duas polegadas. Diferente dos soldados, ela não usava couraça e o lobo se voltou com rapidez digna de uma serpente ao ataque e afundou as presas em uma grande e bem alimentada nádega romana.

O sangue escorreu e Antonio gritou... Ou

viceversa. Naquele momento, ninguém estava tomando nota do que acontecia. Antonio caiu cravando sua espada na coxa de um dos soldados e derrubando outro ao segurar em sua couraça.

O lobo viu a luz do dia e saiu disparado.

Lucius, que estivera contemplando tudo atônito, voltou-se para a Aquila.

—Ela diz que é seu amigo. - Disse o grego, encolhendo os ombros.

—Ah! - Comentou Fio. - Sua amada tem umas amizades muito peculiares.

Lucius deixou Antonio sangrando, amaldiçoando e rugindo com fúria de patrício a Gordus, Márcia, Aquila e inclusive o pobre Martinus. Ouviu o bastante para compreender que Antonio tinha sido enviado por César para ver o tigre e que não estava contente. Acompanhava-lhe um homem chamado Decius, que era evidentemente um agente de Fulvia e balbuciava sem parar a respeito de um homem que se transformava em lobo e logo em homem novamente.

Fio se uniu a Lucius em seu caminho para a saída e o romano advertiu com certa satisfação que seu amigo não tinha feito a menor tentativa de ajudar Antonio.

Agora estava de caminho de casa. Disposto a saquear a caixa forte. Naquele aspecto, ele era todo um Basilio. O amor era importante, mas o seguinte era o dinheiro. Se fosse com ela para os limites da terra seria estupendo, mas gostaria de viajar cómodo e havia poucas situações nas quais o dinheiro não fosse útil.

—Não olhe agora. — Disse Fio. — Mas nos segue um cão muito grande... Se é que é um cão.

—Oh! — Lucius se deteve um momento com o pé no ar. Logo o baixou pouco a pouco e voltou repentinamente por uma rua que levava ao rio.

Como em muitas cidades modernas, o foro central estava rodeado por regiões mais ou menos desfavorecidas e aquela rua era uma delas. Lojas pequenas e apinhadas, poucos botequins, inclusive um moinho movido por uma mula de aspecto desanimado ao lado de uma padaria. Meia dúzia de insulae, casas de apartamentos, com saídas que davam À rua e com as janelas tão perto umas das outras, que Lucius podia ouvir as vizinhas conversando sobre sua cabeça. Só havia uns poucos centímetros de espaço para que passasse a luz e o ar. E então encontrou o que estava procurando. Uma casa de banhos. A entrada estava em um beco. Dobraram a esquina e entraram no local.

Uma vez dentro, Lucius se sentiu reconfortado. Parecia um lugar respeitável com uma clientela de modestos trabalhadores. Nada de luxos, mas ninguém lhe cortaria a garganta pelo conteúdo de sua bolsa. Não havia mármore, e as paredes estavam estucadas e piso era dos ubicuos e avermelhados tijolos de terracota.

O estabelecimento estava vazio àquela hora da manhã. Quando entraram, o dono saiu por entre as sombras junto ao cotovelo de Lucius.

—A sala de vapor. — Disse Lucius, lhe entregando uma moeda.

O homem o olhou de cima abaixo e logo observou para Fio.

—Querem comida, vinho e uma mulher?

—Não. — Respondeu Lucius. — Tenho uma ressaca. A festa de ontem à noite durou muito.

—Não vemos muitas franjas púrpuras por aqui. — Disse o homem ao ver a franja senatorial na toga de Lucius.

—É curioso, certo? — Interveio Fio. Ele também usava uma toga como se fosse um cidadão.

—Também posso ser cego. — Replicou o homem.

—Que assim seja. — Disse Lucius, lhe dando outra moeda.

—Muito bem. Por aqui. — Ele assinalou uma porta de madeira. - Há lençóis no vestuário. Vigiem suas roupas.

O homem partiu tão rapidamente como havia aparecido.

A sala de vapor não estava ruim, com lençóis limpos e bancos ao longo das paredes. O vapor era gerado à maneira antiga: com pedras esquentadas sobre um leito de brasas. A casa era úmida e calorosa.

—Não há hipocausto. - Disse Lucius.

—Isso é bom?

—Sim. O som se transmite por essas coisas. Agora esperaremos para ver se nosso amigo entra em contato conosco.

—Não estou seguro se terei que me alegrar ou lamentar. - Comentou Fio.

—Já.

Pouco depois eles ouviram ruídos na outra casa e Maeniel entrou envolto também em um lençol. Ele sentou no banco.

Um empregado entrou com uma cuba de água que esvaziou sobre as pedras, gerando mais vapor. Pareceu se surpreender ao ver Maeniel e saiu da sala.

—Pode ser que tenha que pagar mais. - Disse

Maeniel.

– Um mero detalhe – Respondeu Lucius.

O proprietário chegou em seguida, como se era de esperar, com a mão estendida. Lucius pôs outra moeda nela e ele saiu.

– Quem era esse histérico do ludus? – Perguntou Lucius.

– Chama-se Decius. Conhecemo-nos na Galia. Alguns... Parentes... Meus o queriam para o jantar e eu o impedi.

– Uma pena. – Disse Lucius.

– Isso me parece agora. – Ele estava me esperando ontem à noite na casa de Manilius e Felex. Começou a gritar no mesmo momento em que me viu e eu tive que partir precipitadamente. Por sorte, sou bom nisso e não me pegaram.

– Obviamente.

– Sim, mas passei toda a noite vagando por Roma, tentando encontrar o ludus. Quando consegui, descobri que tinha mais problemas entre mãos do que podia resolver.

– Conhece-a? – Perguntou Lucius.

– Sim, muito bem.

– Você se preocupa com o que possa lhe ocorrer?

– Sim.

— Por que está aqui? — Inquiriu Lucius e pôde notar sinais de um debate interno no rosto de Maeniel.

Por fim, respondeu o lobo:

— César. - Ele disse, fazendo um gesto cortante à altura da garganta.

— É uma pena. - Respondeu Lucius. - Não se pode aproximar o bastante, mas não é o único que acha a idéia atraente. Há muitos que pensam iguais e eu mesmo entre eles, mas não me ocorre como fazer.

Maeniel assentiu.

— Sabem o que eu faria? — Interveio Fio pela primeira vez.

— Não. - Responderam Maeniel e Lucius.

— Uma visita a Brutus.

— Brutus. - Disse Maeniel. - É o que discutiu com Antonio no jantar de...

— Sim. - Responderam Fio e Lucius, em coro.

— As palavras se movem depressa. Calpurnia diz que César está fazendo uma lista, mas não sei o que quer dizer isso.

— Proscrições. - Explicou Lucius, fazendo um gesto de espremer com a mão.

— Significa o que acredito que significa?

— Sim, e você também se move depressa.

Posso te perguntar até que ponto conhece essa dama em particular? – Perguntou Lucius delicadamente.

–Não. – Disse Maeniel. - Tem muito a perder.

– Acredito que irei ver Brutus. – Disse Lucius.

–Necessito de roupa e dinheiro. - Replicou Maeniel.

–Um mero detalhe. - Lhe tranqüilizou Lucius.

O combate tinha todos os traçados de ser um verdadeiro acontecimento. Márcia observou o sono de Dryas e notou que ela dormia bem. Aquela casa sobre a cozinha era quente.

A arena não era muito grande. Havia poucos assentos, só cinco filas, mas estava situada no centro do ludus de cinco pisos. Dois alpendres cobertos dominavam a arena por três lados. Eram cômodos e estavam resguardados do vento por um teatro do outro lado da rua. Não havia nada na vizinhança o bastante alto para bloquear a luz.

Muito boa organização, é verdade, pensou Gordus. Já tinha intervindo em convocar locações privadas para César. Os homens do público estavam acostumados a ficar nos degraus. Havia comida e vinho para os espectadores nos alpendres,

onde os assentos eram mais cômodos para as mulheres. Tinham uma boa visão e se os espetáculos cruentos não eram de seu gosto, podiam passar o tempo fofocando enquanto os homens se deixavam levar pela violência da arena.

Tinha que encontrar alguma forma de manter a pequena sacerdotisa viva. Havia decidido na noite anterior, na capela funerária.

Gordus era um homem duro. Adestrava gladiadores para César e outros romanos. Havia enviado muitos homens à morte. Perdiam uns quantos quase que em cada convocara. Por isso tinha construído o columbarium, a tumba. Inclusive aqueles proscritos precisavam saber que receberiam um enterro apropriado e que teriam se despedidos fossem por seus iguais quando morressem. Era parte da disciplina do ludus. O juramento de obediência, pelo qual se submetiam ao castigo do látigo e os ferros candentes ou inclusive a morte pelo aço se não obedecessem a seus donos e treinadores, não era uma simples fórmula. Ele mesmo havia sentido o látigo e inclusive o ferro candente de vez em quando e os repartira generosamente entre os homens que adestrava. Não havia lugar para a gentileza naquela profissão e a maior parte do tempo, nem para a piedade.

Mas, surpreendentemente, poucos de seus alunos o odiavam e de fato muitos pareciam lhe apreciar sinceramente. Depois de provar o quão duro ele podia ser, aceitavam a disciplina do ludus e ele lhes ensinava à perfeição, as habilidades que necessitariam para sobreviver na arena. Muitos se sentiam agradecidos e voltavam para trabalhar com ele quando ganhavam sua liberdade de amos que faziam dinheiro as sua costa.

Como muitos homens duros, ele era um sentimental com as mulheres. As esposas e as filhas eram ritualmente puras. Sim, haviam passado coisas quando seu pai e o de Márcia caíram tentando defender o pouco que tinham. Sabia que alguns homens do povo aceitavam ser jogados no caminho e ficar na pobreza antes que deixar que suas esposas e filhas sofressem como sofrera sua mãe e a de Márcia. Compreendia. Odiava até o fundo de sua alma, mas compreendia.

Antigamente, os homens como seu pai e seu avô haviam sido importantes. Eram a espinha dorsal das legiões. Elevaram-se protegendo Roma quando Aníbal atravessou os Alpes e ameaçou a cidade. Homens de sua família partiram as ordens do Escipião e Fabio, lutaram contra os samnitas e na Toscana, ajudaram a sentar as bases do

impressionante poder de Roma. Haviam caído ali e seus filhos seriam recompensados algum dia com paz, segurança e prosperidade.

Mas estavam equivocados. Mesmo seu avô estava seguro de que os Gracos seriam justos com os pequenos latifundiários das cercanias de Roma. Então se esgotou a fé. Gordus estava seguro de que seu pai afundou no desespero. Ele mesmo pôde ver com clareza como se desenvolvia o jogo.

As duas únicas classes que importavam naquele momento eram os publicani, os cavaleiros que saqueavam as províncias em seu próprio benefício e os generais patrícios que eram pagos por aqueles ladrões de êxito, para partirem à conquista de mais povos, que por sua vez pudessem ser saqueados, explorados e escravizados até que os governantes estivessem tão inchados por seus lucros que comesçassem a cortar as gargantas entre si, brigando enlouquecidos pelos restos.

Assinou sua própria paz por separado, como muitos homens e mulheres haviam feito ao longo dos séculos e voltou os olhos para dentro e decidiu proteger os seus. Pelos meios que fossem necessários.

Sabia que a Márcia havia acontecido coisas feias antes que ele pudesse comprar sua liberdade e

a de sua mãe, mas não era culpa dela. Ela havia feito o que devia, mas inclusive agora levava a vitta, a cinta de lã de uma esposa casta e sobre ela, um antiquado véu de linho para que ninguém pensasse que ela podia se descuidar sua virtude por causa de seu passado.

Dryas não pertencia aquele lugar. Nenhuma mulher. O ludus era um tipo especial de inferno, somente para homens. Porque só os homens podiam merecê-lo.

Gordus sentia um absoluto desprezo por César, pois tinha conspirado com Fulvia para trazer Dryas até ali. Admirava a disciplina e a coragem. Eram as únicas virtudes que lhe importavam em seus lutadores, e pelo qual a ele respeitava, eram essenciais para todo o resto.

Apesar de ser uma mulher, Dryas cobria aqueles requisitos. Faria tquanto e tudo o pudesse por ela. Então começou a preparar seu vestuário.

As botas eram um problema e ele se decidiu por sandálias reforçadas nas pernas com envoltórios de couro, pintadas de dourado. O resultado foi imponente.

Depois preparou uma cota, com malha por dentro e escamas por fora. Os bestiarii preferiam as escamas porque as garras e dentes tinham mais

problemas para atravessá-las, mas a malha era mais forte. Então ele uniu as vantagens dos dois os amparos... Pelo menos esperava ter unido. Teve que deixá-la o bastante curta para que o diafragma ficasse nu, mas as mangas chegavam quase até o cotovelo e lhe dariam algum amparo nos braços.

Aquila lhe deu a espada de Dryas e duas adagas. Gordus desembainhou a espada e inclusive a tênue luz do céu coberto, ele pode distinguir um arco íris no metal.

—Afiada como uma navalha de barbear. - Comentou.

Aquila assentiu com um gesto.

—Como é que perderam?

—Nem sempre o fizeram - Respondeu o grego.

Ele levou as coisas a Márcia, que esperava ao pé das escadas.

—Ainda está dormindo. - Disse ela.

—Bem. Ainda estão começando a servir a comida. Deixe que durma tudo o que possa.

Havia dois homens, ambos peritos gladiadores, a mesa e bebendo um pouco de vinho. Eram exauctorati que já tinham ganhado sua liberdade. Gordus podia confiar neles e se uniu a eles. Márcia subiu escada acima.

— Vocês abrirão o espetáculo. — Ele disse aos homens. — Os dois rapazes que escolhi são aprendizes. Meninos bonitos, portanto não lhes façam cortes na cara. Eu lhes disse que não os pressionem e nem tentem nenhum truque. Eles acreditam que não irão matá-los e nem deixá-los entrevados, então não me façam virar um mentiroso. Só uma exibição. César estará aí e vocês sabem.

— A garota e o tigre. É verdade ou só uma anedota? — Perguntou um deles.

— É verdade.

O outro homem pareceu afetado.

— Uma mulher. Não me parece correto.

— Não é. — Disse Gordus. — Mas o que vamos fazer?

Os dois gladiadores assentiram e se serviram um pouco mais de vinho.

Capítulo 25

Os cozinheiros tinham preparado carne assada com mel e ervas, leitões, frangos, gansos, pombas, galinhas e inclusive cisnes. Um porco inteiro dava voltas sobre um fogo, banhado em sua própria gordura.

Em outra mesa havia comida fria. Azeitonas de todo tipo, queijo fresco, pepino, pequenas cabaças, cebolas e presunto. Havia pães com queijo, tâmaras, nozes e azeite.

Ânforas de vinho branco sfriavam na neve, e havia uma ampla provisão do célebre Falerno, o mais admirado de todos os vinhos tintos.

As liteiras chegavam descarregando homens e mulheres ricamente vestidos. Os espectadores subiram as escadas até os alpendres, onde os escravos subministrados por César e Antonio lhes ofereciam vinho em taças de ouro e prata com pétalas de rosa e um aperitivo de ovos especiais, pequenas salsichas, queijo defumado e pequenos aspargos com aroma de coriandro e molho de vinho.

César chegou com um enorme séquito que incluía Brutus, Cicero, Fulvia, Cleopatra, Casio e

Lucius. Lucius sabia que o melhor para Dryas era que ninguém notasse que ele se importava com o que lhe acontecesse.

Antonio, que se alegrou ao ver que Lucius se mostrava como ele acreditava, mais sensato, chegou por sua vez com uma horda de senadores, oficiais militares, publicanis, cavalheiros e sicofantes e parasitas diversos, assim como uns quantos intrusos entre os que se encontrava Maeniel.

Passearam pelos alpendres, observando e sendo observados exibindo jóias, ouro, prata, âmbar, ametistas, rubis e uma pletora de pérolas. A roupa era da melhor qualidade: veludo, seda, linho, lã... Os homens vestiam uniformemente de branco, enquanto que as mulheres mostravam-se tão colorido como as mariposas. Trocavam frases engenhosas, banalidades, estupidez, insultos, crueldades e o que lhes passasse pela cabeça.

Ninguém ouvia ninguém e ninguém parecia ver ninguém mais ou isso parecia a Lucius, que estava seguro de que Dryas iria morrer para a diversão daqueles parasitas, assassinos, chantagistas e ladrões. Ele disse a Maeniel quando o viu investigando as azeitonas especiais no alpendre mais próximo aos degraus.

—Não, se eu puder evitar. — Disse Maeniel

enquanto comia umas quantas azeitonas negras maceradas em vinho, azeite e folhas de louro.

—É uma incongruência que você goste das azeitonas – Disse Lucius. - Não gostaria de um bom pedaço de carne sangrando?

—Não, já consigo bastante disso. Não subestime Dryas: eu fiz isso uma vez e paguei muito caro.

—Você não viu esse tigre.

—Oh, sim. É obvio que o vi. – Disse Maeniel. - Mas era muito cedo e eu pensei que devia provar a comida. Os problemas se enfrentam melhor com o estômago cheio. Se não comer, logo vai se lamentar. Então não se desespere. Ela não o faz, asseguro-lhe.

Márcia ajudou Dryas a se vestir. O calçado dourado eram sandálias com que chegavam até debaixo do joelho, dando apoio ao tornozelo e um pouco de amparo para a metade inferior da perna.

E obviamente, a típica tanga de seda vermelha. Mas Gordus tinha reforçado o cinturão, acrescentando as duas facas que ela estava acostumada a usar. A coroa de espinhos estava novamente em seu cabelo.

Márcia lhe rodeou o strophium, lhe mostrando como usá-lo de forma que lhe sujeitasse os seios e de uma vez os protegesse da cota de

malha.

— As acrobatas o usam assim, para que não ricocheteiem. — ela explicou.

Dryas riu.

— Sim, podem ser uma terrível moléstia. Mas sempre havia lamentado não tê-los maiores.

— Oh, os pequenos funcionam igual aos grandes, tanto com os bebês como com os homens.

— Eu sei. Temia que fosse ter problemas ao dar o peito a meu filho, mas não foi assim.

— Tem um filho?

— Morreu. — Dryas afastou o olhar.

— Já tinha visto as estrias em seu ventre. — Disse Márcia. — Eu mesma tenho uma boa coleção. Tive quatro filhos e só dois sobreviveram. Martinus e Tulia. Tulia está casada. Fez uma um bom casamento para... — Ela não chegou a terminar a frase, para ser a filha de uma liberta.

Dryas assentiu, esperando que Márcia não lhe fizesse mais perguntas. Assim aconteceu.

Márcia tirou um par de munhequeiras de couro.

— Gordus teve que procurar muito para encontrá-las pequenas.

— Sempre as considereei uma afetação. — Disse Dryas enquanto as examinava.

—Gordus também, esses homens que têm punhos do tamanho de maçãs, mas suas mãos são muito finas. As munhequeiras são uma ajuda para os homens pequenos e ligeiros. Reforçam a mão em seu ponto mais estreito e frágil.

Dryas ajustou as munhequeiras, descobrindo que lhe davam um pouco de apoio adicional. Os cordões passavam por entre os dedos, e tinham um acolchoado de pele branda na palma.

—Sim. — Ela disse, decidindo que levaria a espada na mão em vez de carregá-la com o cinto e a bainha. — Só seriam um estorvo.

—Bom, já estamos prontas. — Disse Márcia.

O traje cortado não lhe dava nenhum calor, então Dryas se envolveu em seu palla.

Márcia entregou uma taça de líquido quente.

—Fio misturou algumas de suas ervas. É bom. Gordus se alegra em tê-lo. Todos os homens dizem que, a menos que esteja morto quando lhe tiram da arena, Fio juntará novamente seus pedaços e te fará rir com suas piadas enquanto isso.

Elas chegaram a janela, contemplando a chegada da gente bonita de Roma. Márcia ria quando alguma mulher excessivamente arrumada saía de uma liteira.

—Deveria ter um pouco mais de idéia. Já

cumpre os cinqüenta. —Ela conhecia a maior parte delas. - Não que elas me conheçam, mas algumas aparecem cada vez que César mostra a cabeça. Servila. - Ela disse, assinalando a uma mulher mais velha muito morena e vestida de modo conservador. - É a mulher mais ambiciosa de Roma. É difícil saber o que mais anseia. Se ao Velho Calvo ou seu dinheiro. Nas últimas proscricções, oito ou nove dos maiores imóveis dos condenados foram parar com ela. Não só é a mulher mais ambiciosa de Roma, mas também uma das mais ricas.

— Odeio a idéia de desfilar diante de gente assim, - disse Dryas, abrindo a palla e olhando seu traje, - meio nua.

—Não o fará. - Disse Márcia. - Há um túnel até a entrada da arena. Não é necessário que se aproxime deles. Provavelmente é a mais atraente que há aqui. Todos esses homens salivarão quando lhe virem. Olhe para essas mulheres... Brancas como a manteiga, com os músculos caídos, os seios caídos, pós brancos não só em seus rostos, mas também em seus seios e seus traseiros, ruge nas bochechas, nos seios e onde se abaixam para urinar, Kohl em suas pálpebras e sob as sobrelanceiras, suporte para que seus caídos seios se levantem. Bandagens que as apertem mais que a um cavalo, só para parecerem

que seguem tendo figura. Passam o dia jogadas em seus divãs, comendo pasteizinhos, doces e bolachas. Abortam quando ficam prenhes e não fazem mais trabalho que gritar com suas escravas e se queixar quando têm que andar embora só seja até a latrina. Não é de se estranhar que Lucius tenha ficado louco por ti... Você é uma mulher com cérebro e não parece uma vaca gorda quando está nua e não tem medo de dizer a um aristocrata bolinador onde pode colocar a cabeça. Pelo menos, não me surpreende.

Alguém bateu na porta.

— É a hora? — Perguntou Márcia.

— Sim. — Respondeu Gordus.

Pouco depois, Márcia estava esperando em uma das entradas da arena, atrás de uma grade de ferro.

Gordus lhe entregou um escudo.

— Não posso te dar um que o tigre não seja capaz de destruir. Este agüentará um zarpazo.

— Não, não poderia carregar um muito forte para resistir às garras de um animal desse tamanho. O peso seria excessivo para mim.

Na arena, estava terminando o segundo combate de aquecimento. O aprendiz, um menino loiro muito bonito, tinha uma feia ferida no couro

cabeludo. O homem mais velho se afastou, fazendo tudo que Gordus havia lhe pago.

Um dos ajudantes de Gordus, que atuava como árbitro, separou os dois homens.

— Não está mal. - Disse Dryas. - As feridas no couro cabeludo impressionam o bastante.

Gordus assentiu.

— É por que sangram muito. Mas não é ruim. Este menino é germano. No geral eu não gosto dos loiros. Eles têm maus olhos e sangram como carne picada por qualquer corte. Mas esse menino é rápido. Pode ser que viva bastante se não tentar montar todas as adolescentes de Roma.

— É popular? — Perguntou Dryas.

— Tenho que afugentar umas quantas mocinhas daqui cada vez que ele vai praticar. Não acreditaria nas coisas que tentam lhe dar de presente. Roupa, jóias, perfume... — Gordus fez uma pausa.

— Roupa interior usada. - Completou Dryas.

Quase contra sua vontade, Gordus se pôs a rir.

A arena já estava limpa e o sol estava baixando. As nuvens andavam pelo céu, ocultando ou revelando o sol. A arena e os degraus de pedra calcária podiam parecer de um monótono cinza azulado, com manchas brancas onde se agrupavam

as togas e túnicas do público e de repente a arena e a pedra resplandeciam sob uma luz dourada.

— Como quer seu funeral? — Perguntou Gordus. - Assim é como desejamos sorte uns aos outros.

Dryas assentiu.

— Tem sentido.

O tigre entrou na arena, bocejando preguiçosamente e mostrando uma impressionante coleção de facas de marfim de aspecto mortífero. A multidão respirou, fascinada. Justo então o sol voltou a brilhar.

— Que formoso! - Disse Dryas. E o animal era. As manchas negras eram como um spot de veludo sobre a pelagem laranja. Sob a pele, os grandes músculos se alongavam e se contraíam com uma elegância que parecia impossível em uma criatura de tal tamanho. Então o tigre voltou à cabeça e os olhos amarelos do grande assassino pareceram olhar com indiferença os de Dryas, como se disesse, te espero.

Dryas assentiu.

— Vamos lá. Abra a grade.

Ela saiu para fora. O escudo que ela levava fazia jogo com sua tanga de seda vermelha. Também era vermelho, com reforços de bronze e

uma borda inferior e superior do metal amarelo.

O sol voltou a aparecer, brilhando sobre a coroa de cobre, a malha e as altas sandálias douradas.

Ela moveu o escudo para um lado. Mais vale que lhes deixe dar uma boa olhada. É o menos que posso fazer por meus amigos.

O tigre se voltou com rapidez e avançou três passos para ela. Logo começou a correr em uma velocidade quase incrível e deu um salto.

No último momento, Dryas ficou coberta pela sombra do animal. Voltou sobre o pé direito e atacou, fazendo um corte no tigre na tenra almofadinha de sua pata dianteira esquerda.

Mas a garra direita lhe arrancou o escudo do braço. Todo o braço esquerdo ficou intumescido, embora ela conseguisse golpear o tigre na cara, com o fio de sua arma.

Ela deveria morrer então e estava segura de que era o que ia acontecer, mas o animal interrompeu seu ataque.

Dryas, se recordando dos gatos que tinha visto caçar ratos, afastou-se muito devagar. Isso é o que sou. Um camundongo, ela pensou. Toda sua consciência estava fixa em seu adversário.

O tigre sacudiu a pata ferida várias vezes,

salpicando a arena de sangue. Então começou a espreita.

Dryas conseguiu olhar para seu braço intumescido. Tinha um corte no antebraço que sangrava, mas seus dedos só estavam vermelhos onde o escudo havia sido arrancado de sua mão. Dobrou os brandamente e sentiu que a vida voltava para eles. Seguiu afastando-se, seguida pelo tigre. Sim, era um camundongo e... Em um instante, sim, pensou. Aí vem ele.

O tigre era um borrão de movimento. Dryas saltou para ele, indo ao seu encontro em uma decisão de guerreiro. Sujeitava a espada com ambas às mãos. Chocou-se com o animal e sentiu que a espada entrava na carne e arranhava o osso. Cheirava, mas não via nada e se perguntou se aquelas mandíbulas estariam se fechando sobre sua cabeça.

Então recebeu um golpe simplesmente incrível nas costelas. Suas mãos soltaram a espada, que sequer se deu conta de que ainda segurava e saiu despedida pelo ar.

Automaticamente, como haviam lhe ensinado seus professores tantos anos atrás, sobrou-se sobre si mesmo até se converter em uma bola e cair rolando. Quando se deteve, viu que o tigre se

aproximava como um falcão ao ataque. Seu impulso foi algo reflexo e ela nunca soube de onde havia saído. Jogou um punhado de areia nos olhos do tigre.

Sentiu algo como pedaços de gelo movendo-se sobre sua coxa nua e um instante depois estava no centro da arena, observando o animal que tentava limpar sua visão.

Em algum lugar longínquo, ela podia ouvir a multidão, mas gritavam em algum outro mundo perdido na névoa. Só o silêncio a envolvia.

Havia ferido fera. Sua espada estava enterrada até o punho no peito do tigre. Cada vez que ele respirava, o ar saía pelo ferimento. Ela não via bem com um dos olhos por causa da areia e o sangue que tinha no rosto, mas não era mais que um ligeiro inconveniente. Quando o enorme animal se movia, o fazia trôpegamente.

Dryas estava com longos e profundos arranhões na coxa esquerda, e o sangue lhe corria por toda a perna. Também havia recebido uma dentada no ombro direito, mas a malha havia feito seu trabalho. O braço e o ombro lhe doíam ao movê-los, mas ela estava segura de que os dentes do tigre só havia apertado, sem chegar a entrar. Tinha mais feridas no braço esquerdo, mas eram meros

arranhões.

Mate-o, ela pensou. Mate-o. Ela uma ladainha em seu cérebro. Mate-o. Como? Eles davam voltas, rodeando-se mutuamente. Mate-o.

O escudo estava caído no chão, onde o tigre o tinha arrancado de seu braço. Ainda possuía suas facas. Outra decisão de caçadora. Não estava tão ferida gravemente como o tigre. Podia sobreviver.

Os sulcos abertos pelas garras em sua coxa eram o pior ferimento e já estavam secando. Podia sentir como se esticavam ao coagular o sangue, mas os olhos do felino estavam cada vez mais claros. O ferido lacrimejava, embora seguisse todos seus movimentos.

Havia mais luz. Ela compreendeu vagamente que estavam colocando tochas a pequenos intervalos em torno da arena. Ela e o tigre começaram a avançar, movendo-se de uma poça de vacilante luz amarela a seguinte. Cada vez mais e mais perto.

O escudo estava onde havia cansado, perto da porta pela qual ela havia entrado Dryas. Ela se lembrou da rã do lago de Mir. Sou o camundongo, pensou.

O tigre se aproximou mais. Agora ou nunca. Em um momento estaria muito perto. Ela correu

para pegar o escudo. Seus dedos se fecharam sobre a margem. Dryas o arrojou para que girasse captando a luz das tochas.

O tigre devia escolher entre a mulher nas sombras ou o escudo resplandecendo a luz. Lançou-se para o escudo, golpeando-o no ar.

Dryas correu para o tigre. Não. Mais pareceu voar que correr, saltando sobre o lombo do animal.

O tigre se retorceu como um cavalo enlouquecido, tentando morder as musculosas pernas que sujeitavam a mulher ao seu lombo.

Dryas pegou a pele solta do pescoço, estirando-a com a mão esquerda, rígida como uma garra. Com a direita, tirou a mais comprida de suas facas. O pescoço laranja com suas raias cor meia-noite estava retorcido para seu braço esquerdo.

Ela o esfaqueou tão forte e profundo como pôde e ouviu um rugido. Não era a voz do tigre, mas o ar saindo pela cartilagem destroçada.

Voltou a se encontrar voando pelos ares, tentando converter seu corpo novamente em uma bola. Falhou e caiu sobre seu pescoço, ficando paralisada por um instante. Não tinha conseguido ser mais de um instante, porque ficou em pé tão rapidamente que alguns dos espectadores não se deram conta que havia caído.

O tigre estava no chão. Respirou rugindo duas ou três vezes mais e tentou se levantar, para morrer definitivamente.

Dryas se sentia enjoada. Levantou os olhos e viu que as estrelas começavam a aparecer no céu.

Caminhou até o tigre e baixou o olhar para ele. Logo elevou os braços e olhou para os espectadores em seus assentos.

O público enlouqueceu.

Os aplausos da multidão. Pensou ela.

Então voltou a olhar para o tigre, abaixou-se e pegou o punhado de pó ritual dado aos caídos que não podiam ser enterrados adequadamente. Ficou em pé e deixou que a areia caísse de seus dedos, sobre o ombro laranja com raias negras.

Os gritos da multidão emudeceram de repente quando Dryas foi para a porta. Nem todos tinham entendido o gesto que ela havia feito, mas compreenderam que ela acabava de lhes tratar com supremo desprezo.

Dentro, Lucius e Maeniel aguardavam junto a Gordus. Maeniel levava uma lança.

Ela entrou acompanhada pelo zumbido da multidão.

Gordus estava rindo.

— As primeiras famílias de Roma poderiam se

amotinar por isso e nos matar a todos.

Lucius a pegou, envolvendo-a com o manto.

Maeniel assinalou sua lança.

— Estávamos aqui. Não a necessitou.

— Não. - Repôs Dryas.

- Eu disse que ela era boa. - Disse Maeniel.

Chegaram gritos e exclamações da arena.

— A festa vai começar. - Disse Gordus. - As bailarinas estão aqui, e as esposas e as mães voltam para casa. Alguns seguirão a festa durante toda a noite nas casas dos outros. O Senado não volta a se reunir até depois de amanhã.

Maeniel e Lucius se olharam na penumbra.

— Vou matá-lo. Disse Lucius.

— Por isso?

— Embora só fosse por isso.

— Não quero estar presente nesta conversa. -
Interveio Gordus.

Dryas não disse nada, mas se apoiou sobre o corpo de Lucius de uma forma que achou extraordinariamente grata, embora nunca admitisse, sob nenhum conceito.

Maeniel caminhou pelo escuro passadiço até encontrar uma casa meio vazia em que havia armas, alguns acessórios de cenografia e diversos trastes quebrados e descartados... Coisas que se acumulam

em todas as moradas humanas. Objetos que não funcionam. Inúteis, mas muito bons para atirá-los sem mais, as típicas coisas do, talvez possa arrumá-lo e algum dia o necessite.

A estadia estava totalmente às escuras, mas não para o lobo. Cheirava a umidade. Maeniel pendurou sua túnica e sua toga e se transformou.

Estava pensando em Calpurnia. Seda branca, era como pensava nela. Graça de mulher. A chuva que havia ameaçando todo o dia chegou por fim. A multidão se apressou para suas liteiras, dissolvendo-se em um bando de indivíduos à fuga.

O lobo estava os observando na sombra de uma das entradas da arena. Melhor, pensou. A tribo canina aceitava o tabu de matar dentro da alcatéia e ele considerava parte da alcatéia, os humanos. Raramente tinha visto tanta inépcia em um grupo de criaturas. Se ouvesse um grupo organizado de lobos perto, seria uma tentação. Oh, seria bom.

A chuva começou a cair com menos força. Os escravos que carregavam as liteiras podiam se molhar, mas ninguém se preocupava com eles e a área em torno das portas foi limpando.

O lobo se afastou trotando da arena. Um soldado situado junto à porta que protegia os espectadores atrasados e algo bêbados abriu a boca

ao lhe ver passar ao seu lado nas sombras. Os grandes olhos amarelos cintilaram por um momento e o lobo desapareceu.

Atravessou o Foro. Ainda caía um pouco de chuva e inclusive as lojas que normalmente permaneciam abertas até tarde estavam fechadas. As poucas luzes que estavam acesas se refletiam nos paralelepípedos molhados.

Quando chegou a vila de César, Se sentiu confuso. Teve o mesmo problema que quando havia tentado resgatar Imona. Estava fechada.

Um soldado uniformizado, com elmo, pilum e espada, montava guarda ante a porta.

O lobo se deteve ante ele, sentando.

—Saia daqui. - Disse o legionário, agitando a haste de sua lança para ele.

O lobo elevou o focinho para o céu e começou a uivar, despertando todos os cães da vizinhança em milhas à sua volta, que por sua vez começaram ladrar, uivar e gemer, criando um alarido de outro mundo.

A sentinela pegou um punhado de terra e atirou nele.

O lobo o esquivou com facilidade, dedicando à sentinela um enorme sorriso com a língua e os dentes a descoberto.

O soldado murmurou uma obscenidade.

O lobo uivou novamente e aquele lamento foi mais alto e mais longo, exigindo todos seus recursos vocais. Todos os cães das proximidades pareceram enlouquecer

O capitão a guarda abriu a porta.

—O que acontece, em nome de... — Ele não chegou mais longe. O lobo passou ao seu lado e desapareceu na escuridão do átrio.

—Foi esse cão! - Disse o sentinela. - Ele entrou na casa.

O capitão o olhou como se ele estivesse com um terceiro braço em um lugar incrível, como no centro da testa.

—Farei com que a ronda o busque. Pode ser que pertença a alguém.

—Não sei. Nunca o tinha visto antes.

—Bem. Se não for de alguém da casa, por que iria querer entrar?

—Não sei. — Repetiu o sentinela. - Talvez devêssemos perguntar...

—Perguntar a quem? A dama Calpurnia está dormindo. César está nos braços de deus sabe quem, em sua vila. Vá lá e pergunte a ele se é seu cão? Quero ver o que vai te acontecer quando o fizer. Agora, cale-se e não deixe mais nervosos esses

malditos cães!

A porta se fechou de repente, provocando outra onda de latidos.

Não havia lua naquela noite e a casa era um labirinto. Maeniel se movia rapidamente de uma sombra a outra. Não fazia idéia de onde estava ela e escondeu-se deixando que seus sentidos o informassem.

Soldado em um corredor com pilares, ele percebeu. Sim, possuía todos os sinais: macho, metal, suor, jovem. Sim, um soldado.

Mais machos, mas não soldados, em uma casa, um escritório próximo. Roupas mais limpas, comida, bebida. Podia lhes ouvir gracejando e conversando. Os secretários de César? Provavelmente.

Um casal de amantes. Dois dos escravos da casa? Em um triclinio. O aroma do sexo o excitou.

Evitando ao sentinela, ele se entranhou entre as sombras de um alpendre que dava acesso a outro pátio. Rosas, sim. Aquelas rosas. As brancas junto ao muro. As portas de seu jardim privado. Sua fragrância saturava o ar úmido e quieto, quase como se o chamasse. Sim.

Calpurnia despertou. Tivera enxaqueca por causa do combate da mulher contra o tigre e dessa

vez havia visto ele.

Era consciente de que a ordalía que tinha sido sua vida logo chegaria ao seu fim... A ordalía que havia começado quando César a viu com dezoito anos e pediu sua mão ao seu pai, continuando até o presente.

Havia passado mais de vinte anos até se dar conta de quanto odiava ela, e mesmo assim, não teria se importado em haver conseguido dar a ela um filho.

Levara outros cinco anos para compreender que Calpurnia havia acabado com cada uma de suas gestações e que em duas ocasiões estivera quase a ponto de morrer em tentativas bastante bem-sucedidas de impedir outras.

Agora Calpurnia estava além de tudo aquilo. Cleopatra havia dado um filho a César e aquela noite ele estava em seus braços com a esperança de engendrar outro.

A casa estava às escuras e suas donzelas eram silhuetas imóveis sobre os divãs que rodeavam sua cama. Ela fechou os olhos e cheirou as rosas. Ao abri-los novamente, notou os olhos que brilhavam, captando a luz e refletindo-a. Um animal. Um gato? Não. Era muito grande. Um cão? Mas não havia cães na casa.

Ela raramente dormia em seu cubiculum, o dormitório a um lado do alpendre. Preferia aquela casa. Era redonda e seu marido a chamava às vezes de Templo de Vista, não de tudo em brincadeira. Só alguns pilares de mármore verde e branco a separavam de seu jardim.

O piso era decorado com um mosaico de um cavalo alado. Finas cortinas eram toda a separação entre a estadia e o jardim e ondulavam sem cessar movidas pela brisa noturna. Não, ela já tinha tido um gato e um cão, e nunca teria outros. O cão incomodava César e um dia descobriu que ele havia sido enterrado vivo. O pequeno animal deve ter lutado muito antes de morrer.

Nunca imaginara o quanto um gato o enfurecia, um gatinho na verdade, até que o encontrou vagando entre miados pelo jardim, com alfinetes lhe saindo dos olhos. Foi quando decidiu que nunca, nunca, nunca lhe daria um filho e não lhe dera. Mas nos últimos dias ele havia começado a lhe explicar coisas novamente e o cansaço pesou sobre seu espírito como um cenotáfio.

Os olhos se moveram para ela. Ela não estava assustada. César a aterrorizara tanto e durante tanto tempo, que o simples medo havia deixado de ter significado para ela.

O animal desapareceu e um homem ao qual ela reconheceu, se ergueu diante dela.

— É você. - Sussurrou Calpurnia.

Ele estendeu uma mão para que ela se levantasse.

— Que conveniente resulta poder ser outra coisa e logo converter em humano. — Sua voz soava tão baixa que ele mal podia ouvi-la. - Que tipo de animal é?

— Um lobo. - Disse ele e eles saíram da casa de mãos dadas.

— Acredito que te ajuda a sair de muitas situações inconvenientes.

— Sim. - Respondeu Maeniel, vestindo uma túnica que havia encontrado. - Sim, — ele repetiu, - mas também as provoca quando me transformo no momento errado.

— Não posso dizer que me surpreenda. De fato, ontem à noite estava segura de que havia algo estranho em ti: entrou com muita facilidade em meu jardim.

As rosas estavam diante deles. Entraram de mãos dadas.

Era um pouco depois do amanhecer. A luz rosa, fúcsia, violeta e com toques de ametista possuíam uma beleza indescritível. Maeniel só

podia ver Calpurnia e p mundo no qual haviam entrado.

— É um lugar distinto. — Ele disse.

— Eu sei. — Calpurnia estava muito perto dele. A camisola, como a da noite anterior era de seda, mas desta vez tão fina que era quase transparente. - Estive aqui antes. Tenho que me encontrar com alguém.

— Agora?

— Não, não até que o sol esteja alto no céu. Faça-me amor.

— Sim. - Disse ele já bebendo de seus lábios. Eram frescos como a água de um manancial, suaves e fragrantes como uma pétala de rosa. Estavam junto a uma muralha de pedra e alguns poucos passos mais à frente, três degraus de mármore davam acesso a um alpendre de pedra coberto de folhas prateadas e flores azuis. Não havia casa além do alpendre, só um arvoredo de pinheiros novos.

Eram árvores de curta idade, com troncos que não mediam umas polegadas de diâmetro. Sob a fraca luz da manhã, os galhos cobertos de agulhas eram de cor verde e negra. Havia sombra sob os galhos mais baixos. Estavam juntos sobre um grosso tapete de agulhas marrons. O rico aroma da resina de pinheiro flutuava ao seu redor.

—Vive alguém neste jardim? — Perguntou Maeniel.

—Se vive, nunca o vi.

Ele havia tirado a túnica e lhe passou uma mão lentamente pelo ombro, descendo pelo peito e o estômago criando uma deliciosa sensação de antecipação. Quando chegou ao seu objetivo, os dois sorriram e se perderam em beijos, carícias e a busca mútua de seus corpos atrás do prazer, enquanto a manhã recreava o primeiro dia do mundo ao seu redor.

Depois dormiram um pouco e quando despertaram o sol enviava largos raios de luz por entre os pinheiros. Os galhos desenhavam motivos dourados sobre seus corpos e o solo do bosque.

Eles olharam para os arvoredos e os pardos cobertos de flores. Ante eles, o mundo caía para um horizonte brumoso e ao longe, o ouvido do lobo notou o som do mar. Muito verão, agitado e espumante, com longas e cálidas ondas que chegavam à praia com tanta suavidade como a pegada de uma criança.

Atravessaram um prado. As flores eram como ouro candente sobre a escura vegetação estival, e azuis sob a crescente sombra verde dos grandes salgueiros. Os galhos descansavam sobre uma

gigantesca urna rota enterrada no chão. Além da urna, parreiras com flores vermelhas beiravam um lago azul a sombra das exuberantes árvores.

Alguém estava bebendo no lago. Algo que o lobo não podia ver, mas que levantou a cabeça ao ver sua companheira, que correu com um grito de felicidade.

Uniram-se em um abraço, sorrindo e dançando sobre a vegetação e as flores.

O lobo distinguiu um focinho quase negro e logo um olho brilhante e escuro rodeado de longos cílios. Um ombro pintalgado de cinza escuro brilhou com um resplendor metálico. Então, por um momento, ele notou um chifre em sua testa.

Depois se afastou, em uma mistura de substâncias e sombras e suas asas se desdobraram, ocultando o sol por um instante. As asas de um corcel tão grande deviam ser tão longas como uma pista de carreiras. Não as usava, mas as chamava em qualquer lugar que pertencesse, como fazia com o chifre e os cascos que podiam dançar no ar.

Tudo o que via era cinza pintalgado, uma pelagem reluzente como a prata, com cauda e crina tão suaves como o cabelo de uma mulher e tão abundantes como uma meada de lã.

Ajoelhou-se por um momento, convidando

Calpurnia a montá-lo. Ela se negou, sorrindo, mas o beijou no focinho e abraçou o grosso pescoço.

Então as asas se abriram novamente com um estalo, como o de um mastro rompendo na tormenta e o cavalo desapareceu em um torvelinho de vento.

Calpurnia ficou em pé, fazendo um gesto de despedida com a mão.

— Seu amigo? — Perguntou ele.

— Sim. Está se impacientando. Devo partir a próxima vez que pressentir as visões.

Maeniel se aproximou dela e eles se sentaram sobre um banco quebrado junto ao lago. A superfície da água estava coberta de lótus e as flores de cor rosa violáceo estavam se cabrindo a luz do sol. A um lado do lago havia uma escada que levava para baixo. Os baixos degraus, semicobertos pela vegetação percorriam várias terraços, cada um deles cheio de grama e distintos jardins de rosas, lírios árvores em flor e mais estanques decorados com estátuas, algumas quebradas, outras intactas, algumas brancas e outras obscurecidas pelos liquens e o musgo. Um tumulto de flores percorria a margem. Malva louca, cravo, margarida, dedaleira, beladona, papoulas brancas, violetas e vermelhas; e nas sombras havia belenho e napelo. Cada jardim era uma entidade separada e cada um convidava a

exploração e a contemplação.

— Seu amiga derrotou o tigre. - Disse ela.

— Sim, mas não sei o que fazer agora.

— Mate-o.

— Está segura?

— Sim.

— Não acredito que quem o substitua seja melhor. - Disse Maeniel.

— Sim, será-o. Sobretudo do ponto de vista de sua amiga. Pelo que a mim concerne, carece de importância e pelo que concerne a Roma, ele já fez todo o dano possível. Não pode criar e tudo o que pode fazer agora é destruir. Houve um tempo no qual eu não teria dito isto, mas agora devo dizer. Ele aperfeiçoou suas habilidades. Outros dez anos e terá arruinado tudo. Em dez anos, nada poderá se elevar das ruínas que ele deixar ao seu passo. Não há ninguém como ele. Ninguém tão forte.

— Dizem que tem boas qualidades.

— Quais? — Perguntou ela.

— Misericórdia.

Calpurnia se pôs a rir.

— Ele não sabe nem o que significa essa palavra. O que parece misericórdia é sua habilidade para a emboscada. Ele perdoa a todos e espera para ver quem lhe pode ser útil, quem pode ser

esmagado para se dobrar e escravizar seu espírito e quem deve ser assassinado porque o desafiará até o final. Desses, ele escolherá alguns poucos e lhes deixará viver por um tempo, para que possam lhe entreter com seu sofrimento. Sabe sobre os piratas? Capturaram-no e pediram um resgate por ele. Foi pago, mas César prometeu que voltaria e os crucificaria. E assim o fez.

—Haviam me contado que ele os mandou estrangular antes que fossem postos na cruz. – Disse Maeniel.

—Sim, depois de um momento, quando se aborreceu de seus sofrimentos e de sua própria crueldade. Sabe acovardar os outros através de seus entes queridos. De fato, ele me privou de tudo o que eu amava há muito tempo. Pense em seus amigos, em todos esses reféns na Galia. Dobram o joelho porque temem por seus seres queridos. Agora sou livre. Converti-me em uma moléstia para ele. Quando voltar da Partia e da Ilha Branca, ele vai querer se casar com a egípcia... E do que lhe servirá uma esposa de meia idade? Viram-lhe bisbilhotando um dos remédios de Fio, a poção que tomo para minhas enxaquecas... Um pouco mais de ópio e eu não dormiria por algumas horas, mas para sempre.

Maeniel lhe acariciou a face, lhe dando um beijo na testa. Quando estava para lhe falar, ela levou um dedo aos seus lábios.

—Não. Ele escolheu e eu também, pois não há damnatio aqui, só escolha. O seu é um plano de pedra onde os mortos se levantam ao amanhecer, com ferimentos abertos em sua pálida carne e os olhos vazios de tudo salvo o ódio. Lutam cada dia pela vitória e o poder, mas a única vitória que conseguem é a das poucas horas antes do crepúsculo, quando os mortos dormem na não existência. Descansam envoltos no silêncio da morte, e no mesmo silêncio se levantam a noite para beber e festejar, esperando o amanhecer, saindo novamente para reviver a agonia de seus ferimentos de morte. Esperam-no e não pode escapar deles porque não entende mais nada.

—E você? — Perguntou ele.

—Shh... - Ela lhe fez se calar novamente. - Nunca havia sentido tal amor. Não posso caminhar na escuridão porque me ilumina de dentro e eu posso, em meu corcel nascido do vento e da chuva, cavalgar para todos os mundos mais além. Agora, compartilhemos esta beleza definitiva uma vez mais antes que eu seja chamada e deva ir. Amaremo-nos no ensangüentado pó do tempo antes que eu deva

me voltar e entrar nas portas da eternidade.

Capítulo 26

Havia banhos no ludus. Espartanos, é obvio, mas equipados com os últimos avanços. O hipocausto havia sido aceso. A casa estava muito quente e Márcia esperava Dryas. O banho quente era uma simples banheira com um tubo que saía da parede. Abriu uma torneira e a água quente começou a encher a banheira.

— Os homens. Vá. — Ela disse.

— Não. — Replicou Lucius. — Tenho direito. — Ele sentou Dryas sobre um banco junto à parede e começou a lhe tirar as sandálias. Havia bastante público: Gordus, Aquila, Fio e Martinus.

— Diz você que tem direito? — Perguntou Gordus.

— Sim. — Disse Dryas, ainda aturdida pela enormidade do que tinha feito.

Os outros saíram, com exceção de Márcia, que desfez seu penteado e logo a ajudou a tirar a roupa.

Dryas se inundou agradecida, desfrutando na água quente. Enquanto relaxava, observou Lucius ao lado da banheira conversando com o Márcia.

Ela fechou os olhos e pensou durante um longo momento em sua casa, com suas brilhantes

colgaduras e os cães amontoados junto ao fogo. As cortinas do dormitório separavam a casa do resto da casa. Já tinha visto como viviam os romanos.

O que pensaria ele em uma noite selvagem, quando as ondas rompessem sobre as rochas a umas poucas milhas de distância, quando o vento movesse cinzas cortinas de chuva e uma gélida névoa flutuasse sobre o bosque e a casa? Fechou os olhos e lhe pareceu que podia cheirar no ar salgado, um tênue perfume de urze e erva-doce silvestre misturada com o aroma da fumaça da lenha e da carne assada. Ali, naquele úmido e caloroso banho a meio mundo de distância, seu coração ansiava pelo frio, mas limpo vento e o distante som do mar.

Na assembléia, ao comunicar sua decisão ao seu povo e as mulheres que eram as companheiras da rainha, ela surpreendeu ante sua dor. Surpresa de que a amassem. Pelo menos algumas. Sachna, sua melhor amiga chegou cavalgando como os cavaleiros nômades, sem bridas e sem rédeas. Chegava a entender ela e seus arreios. Suplicou para que Dryas retornasse, mas quando ela se negou e tentou se despedir, a pequena ruiva lhe deu as costas sem querer lhe ouvir e se afastou a galope.

Mas voltou e Dryas pôde ouvir em sua voz, o sentimento da dor: - Não acredito que não vá voltar.

Sei que o fará. Conheço-a. Você voltará e eu cuidarei de seus cães e seus cavalos até que o faça. O mesmo vento que agora te afasta a trará de volta, eu sei. Nunca me equivoquei contigo e agora tampouco o faço.

Então o capitão do navio deu uma ordem e os remadores levaram o barco para mar aberto.

Haviam se passado... Sim, mais de dois anos, quase três desde que ouvira pela última vez a voz de sua amiga. E agora aquele romano, aquele homem estranho lhe oferecia matrimônio e ela não podia rechaçá-lo.

—Não, não posso rechaçá-lo, mas posso ser uma esposa para ele? Preciso saber. — Ela baixou o olhar para o seu corpo na banheira. Suas feridas coloriam a água com um tom rosa. O pior eram os zarpazos da coxa, mas já haviam deixado de sangrar e a água estava limpando-os. Os do braço eram simples arranhões. Tinha o ombro direito machucado e arroxeados.

O tigre lhe tinha dado uma dentada. A malha preparada por Gordus fizera bem seu trabalho. Se tivesse usado a gaze de prata que queria Fulvia, estaria morta ou ferida gravemente. Tal como estava, se recuperaria em um dia ou dois.

Fechou os olhos e descansou, ouvindo o jorro

da água que saía do conduto e deixando que ela aliviasse seu ombro ferido.

Deve ter adormecido por uns instantes ou talvez um pouco mais, pois despertou sobressaltada e viu que Márcia havia saído. Lucius estava apoiado sobre um joelho junto à escada. Sua expressão e sua postura lhe recordaram que ele havia fingido ser um criado só para estar perto dela. Sorriu-lhe, quase com ternura.

— Não sorria! - Disse ele. - Poderia me tentar a que me aproveitasse de ti. Seu sorriso é encantador...

— Se aproveite de mim - Disse ela, incitante.

— Não. — Seu rosto se escureceu. - Levante-se e me deixe olhar seus ferimentos.

Havia uma cadeira perto do banho, com um grosso lençol de linho sobre ela. Lucius ajudou Dryas a sair da banheira e suavemente e sentou-a na cadeira. Logo a envolveu com o tecido, deixando sua perna a descoberto. Secou-a com muito cuidado, olhando os cortes da coxa. As bordas do ferimentos estavam lívidos e com mau aspecto.

Fio havia lhe dado ataduras limpas e pó de vulneraria, que cheiravam a enxofre. Os homens do ludus confiavam em sua eficácia e ele também. O calor e as supurações de sua ferida das costas

havam começado a retroceder desde o primeiro momento em que Fio o usou. Espalhou-os generosamente sobre os zarpazos e logo os enfaixou com mão perita, pois havia aprendido com o médico grego.

Começou a vestir a Dryas, começando pelo objeto mais íntimo: uma tanga nova de seda branca. Ele manuseava seu corpo como teria feito outra mulher, sem paixão.

Lucius pode notar pela expressão de Dryas, que ela estava surpresa, pois havia esperado a força habitual, talvez com um tácito gesto de conciliação, uma tentativa de usá-la sem lhe causar muitas moléstias ou muita desconforto. Algo tipicamente masculino, talvez suprimindo os aspectos mais feios e desagradáveis, mas o mesmo que já tinha encontrado antes.

Lucius demonstrou ser tão perito com o strophium como havia sido com o tanga. Logo lhe pôs uma túnica de seda branca e acrescentou uma estola de seda vermelha. Calçou-lhe sandálias nos pés. Eram de suave camurça, com um cordão entre os dedos e que se prendiam no tornozelo.

Márcia retornou nesse preciso momento, trazendo um palla de lã branca e as cintas que prendiam o cabelo das mulheres casadas. Terminou

de vestir Dryas, arrumou seu cabelo e lhe pôs as cintas e um cinturão chamado cingulum, preso com um nó ritual.

— Só ele pode lhe desfazê-lo. - Ela explicou. - E só quando você lhe der permissão.

— Não sou virgem. - Disse ela. - Tive um filho.

— Sim, mas isto não tem nada a ver com a virgindade. Significa algo muito mais importante.

— O que?

— Que ele deve te convencer para que o aceite como marido, para deixar lado seus temores e que os dois possam ser um só.

— Não sei se eu posso fazer isso. - Disse Dryas.

— Pode sim. É o que eu temia. - Interveio Lucius. - Mas aconteça o que acontecer esta noite, não aceitarei menos e tentarei te devolver ao seu povo. Podemos nos separar como amigos, embora não possamos ser amantes. Não quero o espectro da violência entre nós, sequer o da violência implícita.

— Eu sei. Disse-lhe Dryas. Envolveu-se no suave manto de lã e acompanhou Márcia e Lucius até a porta.

Aquila estava esperando e beijou Dryas na face.

— Adeus, pequena lutadora. Cuide bem dela - Ele disse a Lucius. - Vou a Campania. — Ele tocou a

bochecha de Dryas com seus dedos calejados.

Dryas notou que seus olhos enchiam de lágrimas e pegou a mão do soldado entre as suas.

— Obrigado.

Ele assentiu, repetindo as primeiras palavras que havia dirigido a uma pessoa: — Boa sorte, Dryas. Cuide-a. — Ele voltou a pedir para Lucius.

— Tentarei. Não sempre é fácil.

Então Aquila se voltou, atravessou a porta, montou em seu cavalo e se afastou.

Lucius ajudou Dryas a subir em um liteira.

— É tua? — Perguntou-lhe ela.

— Alugada. — Respondeu ele e partiram para a vila Basília.

Poucos momentos depois, viram um par de olhos refletindo a luz das tochas. Dryas mandou parar os portadores. Os olhos se aproximaram um pouco, mas ficaram à mesma distância da liteira ao retroceder os portadores.

— Importaria-se, — perguntou Dryas a Lucius, — de se assegurar de ele chegue são e salvo a casa?

Os olhos desvaneceram.

— Acredita que fará o que lhe pedir? — Perguntou Lucius.

Dryas assentiu.

— Acredito que sim. É muito amável e estou

preocupada com Aquila.

Lucius deu ordem de seguir adiante

— Feche as cortinas. — Ele disse.

Dryas obedeceu. Sim, ela é uma mulher muito inteligente para discutir por minimidades, pensou Lucius.

Quando chegaram à vila, Lucius enviou a liteira ao pátio de serviço. Ajudou Dryas descer, guiando-a até a parte da casa onde haviam vivido seus pais. Tinha pedido a Fio que dissesse a Aristo que transladasse as coisas armazenadas para qualquer outra parte e remodelasse o lugar, mas não tinha idéia de como estavam. Viu que Octus, Fio e Alia o esperavam.

O triclínio havia sido varrido e a mesa estava posta. Havia divãs e cadeiras preparados. Os outros saíram.

— Quer se deitar? — Ele perguntou a Dryas.

Ela sorriu.

— Nunca comi assim.

— Bom, então se sente. — Disse ele.

As cadeiras eram velhas e cômodas, bem providas de almofadas. Octus entrou com uma bandeja de aperitivos e a deixou diante deles. Havia azeitonas, queijo, frutas e um pouco de vinho branco.

Dryas elevou o olhar para o escravo.

— Obrigado. Como se chama?

Octus retrocedeu. Não estava acostumado que notassem em sua presença.

— É Octus. - Disse Lucius. - É meu criado pessoal e se ocupa de minha roupa, barbeia-me... Esse tipo de coisas. Quem preparou o jantar? Não me diga que minha irmã deixou que esse temperamental cozinheiro grego dela...

— Não. - Disse octus. - Alia está na cozinha. Há uma separada nesta parte da casa. Tive que fazer com que limpassem a chaminé e titasse os velhos ninhos de andorinha, mas uma vez arrumada, ela disse que podia usá-la.

— Estupendo! Alia é uma boa cozinheira.

Octus partiu, fechando a cortina do jardim. A casa estava brilhantemente iluminada. Havia quatro abajures junto à mesa, cada um deles com seis velas. As paredes brancas decoradas com grinaldas verdes tornavam mais luminosa à estadia. As teselas do piso ressaltavam o verde, em um singelo motivo de acantos também em verde e branco.

— Não tem muitos criados? — Perguntou Dryas.

— Há muitos na casa, mas não são para mim.

Ela franziu o cenho ante o queijo e as

azeitonas.

— Isto é tudo?

— Não, é o primeiro prato. Algo para nos entreter enquanto Alia cozinha.

— Oh! - Disse Dryas, começando a desfrutar das azeitonas.

— Prove este queijo com as azeitonas.

— Sim. - E disse ela pouco depois. - A combinação é muito agradável.

— Sim.

Lucius lhe encheu a taça e ela deu um gole.

— É doce.

— Coloque água. - Disse ele.

— Água no vinho?

— Sim. Muitos homens e todas as mulheres gostam.

— Entendo. É vulgar não fazê-lo.

— Sim.

Dryas assentiu e acrescentou água ao vinho.

— O que bebem em sua ilha?

— Hidromel, cerveja, às vezes vinho. As tribos ricas da costa bebem vinho. Nós não somos ricas, mas pobres, pelo menos segundo meus critérios e provavelmente também os seus.

— O que você faz ali? Gordus e Aquila falaram de ti como uma sacerdotisa, mas Orelha cortada me

disse que foi uma rainha.

— Sim, sou da realeza. Faço três coisas, principalmente. Devo dar ao povo um rei, seja por matrimônio ou por nascimento. Pronuncio a lei. E celebro rituais pelos mortos. Quando me pediu que casasse contigo, pronunciei a lei, disse-te o que dizem minhas leis sobre mim.

As azeitonas e o queijo haviam desaparecido. Octus correu a cortina e levou a bandeja.

Lucius se sentia muito incômodo, mas precisava saber.

— Quantos homens houve em sua vida?

— Dois - Disse Dryas.

— Isso é tudo?

— É o bastante. Um é o pai de meu filho, o outro o lobo.

Lucius sentiu um violento ataque de ciúmes

— O pai de seu filho?

Dryas guardou silêncio por um instante.

— Não estou segura de poder lhe explicar isso. Era uma questão política.

— Política? Como ia ser...?

— Não me diga que não entende. Márcia me disse que pelo menos a metade dos matrimônios entre os romanos são políticos. Nós não somos romanos. O que nos mantém unidos é a boa fé. Ele e

sua linhagem ameaçaram retir-se quando sua rainha morreu ao dar a luz. Eu me ofereci a substituí-la, como várias outras. Agora têm herdeiros e seguem sendo nossos aliados.

—O lobo... Por que não se casou com ele e voltou com os teus?

Octus entrou naquele momento, interrompendo a resposta de Dryas. Trazia três pratos cobertos em uma bandeja.

—Alia se superou. Espero que estejam famintos. - Ele disse enquanto arrumava a bandeja.
- Lebre assada com molho de ervas, guisado de porco com porros e marmelo e um capão recheado com toucinho e de cogumelos. Com vinho Falerno.

O capão fiu um êxito e o porco não foi um pouco menos apreciado, mas Dryas, tão voraz como o tigre que havia matado, também encontrou lugar para um pouco da lebre. Ao final, com um suspiro, ela deu um gole no vinho de sua taça, limpou a boca com o guardanapo e respondeu a pergunta de Lucius.

—O lobo não é humano. Era uma ameaça para as pessoas onde vivia e devia ser domado.

—E você conseguiu.

—Sim, tive sorte. Ele é valente e de bom caráter. Do contrário, teria fracassado.

— Mas não o ama?

— Não. Ele é distinto. Por um tempo, qualquer mulher poderia lhe amar, mas ao final, o que houvesse entre eles se romperia e ele voltaria para lugar de onde veio. Não sei qual será seu destino, mas não está conosco e nem comigo. — Ela bebeu novamente. Suas largas pálpebras baixaram sobre os olhos, fazendo com que parecesse quase adormecida.

— Onde está seu filho? — Perguntou Lucius.

— Está morto.

— Orelha cortada me disse que qualquer mulher de sua classe tira sua vida por não ter vindo com um propósito. Além disso, falei com o lobo. — Ele terminou com bastante insegurança. — Não acredito que devamos falar do que ele disse. Confio na gente que me rodeia, mas...

— Sim. — Disse Dryas. — Eu contarei como morreu meu filho.

Octus entrou com passum, um doce de vinho de passas e figos secos conservados em folhas de louro.

Tem que ser o vinho, pensou Dryas. O vinho parecia provocar um curioso distanciamento nela... Ou talvez a dor estivesse desvanecendo. Não sabia, mas a natureza, extensão e profundidade da dor,

embora ilimitados, não importavam. Podia ser a dor uma barreira não só para o amor, mas também para o dever?

Sua oferta é sincera, ela pensou. Fosse o que ele fosse... Estúpido e temerário para deixar se arrastar a uma vida e um povo que não conhecia e nunca havia visto... É sincero. E devo lhe responder com honestidade por minha parte. Fazer menos seria o pior crime possível.

— Não sei se posso te amar. — Ela disse. — Não sei se posso te entregar minha vida. — Ela fez uma pausa, que pareceu durar um longo pulsar de seu coração, vários batimentos, uma dúzia. — Mas tentarei.

— Façamos um sacrifício aos deuses domésticos. — Lucius se levantou e conduziu Dryas ao peristilo.

Foram à margem do lago. Uma ânfora muito velha, do uso que os pobres colocam em tumbas, para deixar oferendas pelos mortos, sobressaía do chão. Lucius cobriu a cabeça com as dobras de sua toga e Dryas seguiu seu exemplo. Os criados, Octus, Fio, Alia e inclusive Orelha cortada ficaram ao seu lado.

— Vim aqui para procurar uma bênção sobre meu matrimônio e para me despedir. Pedir bênções

aqui é habitual, mas não se despedir. Vou fazer porque esquecemos aonde vamos. Minha família chegou aqui há gerações. Tomamos esta terra e ao fazê-lo, prometemos cuidar dela, amá-la e defendê-la. Pode ser que meus ancestrais nem sempre foram boas pessoas. Alguns, sem dúvida eram ambiciosos, outros não e todos estavam marcados pela autocracia assim como pela força. Mas eram sábios e moderavam o poder com a misericórdia e a justiça. Suas faltas eram redimidas pela coragem e a honra. Agora, isso terminou. O amor a terra se converteu em um desejo de desapropriar outros do que é seu por direito e a defesa é uma desculpa para saquear tudo ao alcance, como temos feito. Então devo partir como eles fizeram uma vez, se as histórias forem certas, ao enfrentar a ruína de seu mundo. Por isso, em seu primeiro altar, consagro minha vida a esta mulher e seu povo.

Alia entregou azeite e vinho a Dryas, que o passou a Lucius. Ele os derramou pelo pescoço da ânfora.

Um momento depois, todos se sobressaltaram quando a estátua no outro extremo do lago caiu na água, rompendo-se em centenas de pedaços.

Lucius se aproximou do extremo do lago e ficou contemplando os fragmentos inundados em

silêncio.

— É um mau augúrio? — Perguntou Fio. - O que opina?

— Não. Significa que ela deixa este lugar para ir comigo.

Os criados partiram, deixando sozinha o casal.

— Um ritual - Disse ela. - Os rituais despertam as coisas.

— Sim. - Respondeu Lucius, levando-a para a cama de matrimônio.

O cubiculum era maior do que ele estava acostumado. As paredes, como no tivlinio estavam pintadas com o estilo mais sóbrio de uma época anterior. O piso era branco e verde, bordado por uma grinalda de flores primaveris. As paredes estavam pintadas de um verde muito claro, da cor das folhas novas da primavera e cada painel mostrava um ramo das mesmas flores que decoravam o piso: lírios, jacintos, margaridas e a doce rosa da primavera.

Um braseiro no canto afastava o frio noturno e as dez chamas de um abajur ardiam junto à cama, um velho móvel de metal, mas bem provido de colchões, lençóis de seda e grossos travesseiros.

Dryas tirou as cintas do cabelo e deixou que sua cabeleira se espalhasse pelas costas. Logo se

voltou para ele e assinalou o cinto atado.

— Desate-o.

O lobo fez o que havia lhe pedido Dryas, seguindo o rastro de Aquila. O soldado tinha deixado Roma pela Via Apia. Se viu o lobo que tinhaviah tomado um caminho mais fácil atravessando granjas e arvoredos, não deu amostras disso.

Por fim, perto da Terracina, Aquila tomou um caminho secundário para se dirigir para a costa. Era uma região mista de bosques e granjas.

Maeniel aumentou sua velocidade para se aproximar de Aquila. Trotou sob a sombra das árvores que bordeaban a estrada. Um bonito passeio à luz da lua, ele pensou. Não acontecia nada.

Já era tarde e as granjas estavam fechadas e as escuras. Mesmo os cães deviam estar em seus canis, pois nenhum havia saído lhe ladrado.

Aquila bocejou, dando cabeçadas sobre seu cavalo. Os insetos faziam barulho na vegetação e inclusive o lobo sentiu a tentação de encontrar algum lugar cômodo para dormir um pouco.

Mais ou menos a uma milha da costa, Aquila voltou a mudar de rota, entrando por um caminho ainda mais estreito que levava às colinas junto ao mar. O caminho era tão íngreme que seu cavalo teve

alguns problemas nos pontos mais difíceis.

O lobo cheirou coisas selvagens pela primeira vez na viagem. Cervos, coelhos, javalis e até gatos, muito leves. Não gatos domésticos, o, mas o pequeno e bastante feroz felis silvestris, ainda não exterminado na península. Ele achou reconfortante aquele pequeno corredor selvagem.

Aquila chegou sem nenhum problema a sua afastada vila.

Aborrecido, o lobo ficou sob um arbusto e observou Aquila se preparando para dormir. A casa se elevava no meio de suas vinhas e a costa descrevia curvas um pouco mais abaixo.

O lobo procurou algum lugar onde cobrir. Certamente, não ia voltar para Roma naquela noite, não sem descansar. A casa tinha um grande alpendre na parte traseira, resguardado da brisa marinha.

No interior, Aquila apagou seu abajur.

No alpendre havia ganchos de ferro e ferramentas agrícolas, ânforas, estacas, enxadas e uma pilha de quentes sacos. Ah, perfeito.

O lobo se estirou, dando algumas voltas... E fez uma pausa. Algo havia mudado, mas o que?

Aquila começou a roncar dentro da casa.

Ruído abaixo, no caminho da costa.

Que ruído?

Sim, muito tênue. Ruídos de pés. Soldados! Ali, precisamente.

O lobo correu rodeando a casa. Soldados, sim e dirigindo-se para o povoado cujas luzes o lobo podia ver a uma milha de distância. Oh! Bem, não havia motivo para ficar nervoso.

O lobo se sentou, perguntando o que estariam fazendo Lucius e Dryas... Logo decidiu não forçar a imaginação. Não era difícil supor. Pergunto-me se acredito se ele é tão bom como eu, ele pensou com certa inveja e não pouco despeito. Esperava que não. Quando os soldados partirem, eu poderei dormir um pouco.

Mas os soldados não passaram para o povoado, mas começaram a subir para a casa de Aquila.

O lobo rodeou a casa a toda velocidade. Havia um telhado quadrado e poucas janelas, todas com barrotes. Provavelmente haveria um pátio no centro.

Não havia tempo a perder. O lobo entrou rapidamente nos vinhedos e logo investiu contra a casa. Seu salto o levou por cima do alpendre, até o telhado ao redor do pátio.

Os lobos não podem gritar e por uma vez,

Maeniel lamentou, pois teria gritado com toda as forças de seus pulmões. Estava seguro de que o telhado interior seria tão amplo e plano como o de fora, mas não era assim. Era estreito e íngreme. Suas garras escorregavam inúteis sobre as telhas enquanto tentava se afiançar, sem êxito.

Aquila, desfrutando do frescor da noite, dormia no pátio.

Lucius riu até que lhe saltar lágrimas dos olhos.

—Oxalá ele tivesse visto sua cara. Eu teria gostado de vê-la quando um lobo desse tamanho...

—Então Lucius voltou a rir.

Dryas teve que se voltar. Ela também parecia um tanto alegre.

Maeniel estava vermelho pela mortificação e a ira.

—Estão os dois em perigo. Em terrível perigo.

— Disse ele furiosamente.

—Eu sei. — Replicou Dryas, caindo nos braços de Lucius com um chiaataque de riso.

—O que aconteceu... — Começou a perguntar Lucius.

—Pedi-lhe uma espada e um pouco de roupa.

— Disse Maeniel.

Aquilo confundiu Lucius.

—Uma espada e um pouco de roupa. -
Repetiu Maeniel fracamente. - Fazia frio. - A ira de
Maeniel não esfriava.

Lucius segurou o abdômem. - Pare, pare! Vou
morrer de rir...

Octus, que estava perto com a tocha na mão,
cobriu a boca.

—Siga. - Disse Dryas secando-os olhos.

—Ele estava se recuperando da surpresa. -
Continuou Maeniel.

—Posso acreditar. - Interveio Fio.

—Perguntou-me por que. Parecia...

Lucius se afastou cambaleando. Dryas sentiu a
necessidade de se sentar e o fez em um banco do
alpendre.

—Não posso imaginar por que. - Ela
comentou em voz baixa.

- Disse-lhe que estávamos a ponto de ter
companhia. E isto não é divertido. Os soldados
estavam com a rainha egípcia e o que ela queria
saber era se é verdade Dryas podia ler o futuro.

Lucius deixou de rir bruscamente.
Aproximou-se de Dryas e passou os braços em seus
ombros.

—Faz muito frio aqui fora. Octus, me traga
seu manto.

O criado obedeceu e Fio segurou a tocha em seu lugar.

—Soa bastante inofensivo. - Disse Lucius. - Se ela te pressionar, faça o número habitual, ou seja, os bons espíritos cuidam de ti, César te deixará grávida tantas vezes como quantos dias há no verão e todas e cada uma das vezes será um criança. Recordo-me de uma síria de aspecto bastante ressecado que disse isso a minha mãe. Silvia sorriu e lhe deu algumas moedas de cobre.

Os olhos de Dryas pareceram se obscurecer, mas ela não disse nada.

—Sim. - Disse octus. - Eu também me recordo dessa mulher. Silvia morreu seis meses depois. — Ele se ruborizou bruscamente. - Por favor, me desculpe.

—Não. - Disse Lucius, lhe dando palmadas nas costas e depois pegou o manto branco e vestiu Dryas. - Não tem por que se desculpar. É verdade. Mas acredito que ela tinha razão em uma coisa. Os bons espíritos cuidavam dela. Silvia era uma mulher carinhosa.

—Não recordo que jamais me falasse sem simpatia. - Disse octus em voz baixa, retirando-se para as sombras.

—Sim, bom, mas esta não é uma síria em uma

esquina da rua. – Disse Maeniel. - É Dryas, a dama dos Caledônios.

– Uma vez lutei não só contra um tigre, mas também contra um dragão. E sim, leio o futuro quando é necessário e nunca me equivoco.

– Os dragões não existem. – Disse Lucius.

– Isso diz você. Isso, dizem muitos. Mas algo que não existia me mordeu aqui. – Dryas se se voltou e mostrou uma cicatrizes em sua pantorrilha direita, três feias depressões brancas.

– Não há dragões.

– Sim, já sabemos. – Disse Maeniel. - Já discutiremos sobre dragões em outro momento. O problema não é o que a honorável dama perguntou a Aquila, mas o que disse de volta a Roma a uma de suas amigas íntimas, Íris.

– Sim, ela tem duas, Íris e Carmina. - Disse Dryas.

– Como pôde ouvi-lo? – Perguntou Lucius,

– Por favor... – Disse Maeniel.

– Darei-o por bem. - Interveio Fio.

Lucius assentiu.

– Ouvi que ela dizia: Devo impedir que César os declare proscritos pelo menos durante os próximos dias.

– Sim. – Disse Lucius. - Pensei que seria algo

assim. — Ele pegou a tocha de Fio e acompanhado somente por Maeniel e Dryas, caminhou para o outro extremo do jardim.

Quando os outros já não podiam lhes ouvir, Lucius se voltou para Maeniel.

— Tem alguma prova? Eles não se moverão sem provas. Nenhum deles o fará.

— Não, mas acredito que poderia conseguir alguma. Não me pergunte como.

— Vamos. - Disse Dryas. - Ostia está só a uma hora de cavalo. De ali zarpam navios para todos os limites do mundo.

— Não. — Replicou Lucius. - Ele tem agentes em todos os limites do mundo. Acha que chegaríamos muito longe? Não, agora é ou ele ou nós. Houve um tempo no qual não sei teria me importado, mas agora tenho muito a perder.

— Além disso, - disse Maeniel, - você era quem estava empenhada em vir.

— Sim, mas agora... É velho, e não estou segura...

— A idade não embota as presas de uma serpente. Em todo caso, torna-as mais mortíferas. - Respondeu Maeniel. - E César é uma víbora, se alguma vez vi uma. Acreditem-me: se ele decidir matá-los, estarão mortos independentemente da

idade.

—Se pudesse fazer com que esse idiota do Brutus atuasse por fim... — Lucius golpeou a palma de sua mão esquerda com um murro que soou como um estalo. - Seriamente acha que há alguma forma de conseguir uma prova de que ele vai proscrever seus inimigos?

—Acredito que posso consegui-la. Mas já disse que não me pergunte como.

—Não sou tão tolo para perguntar a nenhum dos dois como fazem as coisas, mas quero me inteirar. Ela fala em ler o futuro e eu já vi o que você pode fazer. Logo resulta que tem uma dentada de dragão... Simplesmente, eu gostaria de ver esse dragão alguma vez.

—De acordo, mas não se surpreenda por nada do que aconteça. — Disse Maeniel.

—Não me surpreendi com nada desde que os conheço. Vamos.

Dryas esperou que eles se perdessem de vista na rua, em frente à porta. Orelha cortada e Octus estavam com ela. Quando se voltou para entrar na casa, Fulvia estava esperando-a. Fez um gesto de fechar a porta, mas Orelha cortada pôs sua mão

sobre ela e Dryas passou ao seu lado sem dizer nada.

— Como se atreve! — Disse Fulvia. — Como se atreve... E vestida como uma mulher respeitável.

— Sou uma mulher respeitável. — Disse Dryas.

Então Fulvia se adiantou seguida por Firminius, sua criada pessoal, duas donzelas e os antigos criados de Lucius, Fraco e Africano, além de meia dúzia de portadores de cadeira e dois ou três guardas, antigos gladiadores.

Aristo esperava no átrio tenuemente iluminado. Apresentou-se a Dryas e começou a falar de finanças com ela.

Seus gastos em roupa! Seus gastos em jóias! Suas donzelas!

— Que roupa? Que jóias? Que donzelas? — Foi a contribuição de Dryas a conversa.

Sim, talvez necessitasse de uns quantos vestidos mais, talvez dois ou três. O linho sem tingir ou a lã estavam bem. Cortaria-os e costuraria ela mesma e se fosse possível gostaria de ver alguns cavalos. Provavelmente necessitaria de um bom cavalo castrado ou uma égua, forte, acostumada à sela e de bom caráter. Se não, o que fosse estaria bem. Ela cuidaria de suas coisas. Sempre havia feito e não queria ninguém mexendo em suas roupas ou

suas armas. Estava acostumada a se ocupar pessoalmente delas. Depois voltou para a parte velha da casa, onde Lucius se hospedara com seus criados.

No cubiculum onde haviam passado a noite só ardia somente uma vela, em uma mesa junto à cama. As duas clarabóias do teto começavam a deixar entrar a primeira e pálida luz da manhã. Alia estava em pé e trabalhando, pelo que a cama parecia.

Dryas tirou os caros adornos nupciais e se vestiu com a simples túnica e o manto que Márcia havia lhe dado. Pensou com afeto nela, em seu marido e seu filho.

Uma surpresa. A viagem estava cheia de surpresas. A amabilidade das pessoas que tinha conhecido era uma delas. O amor que havia encontrado, outra. Tinha chegado ali para matar se fosse possível e para morrer, se necessário. Não tinha feito nenhuma das duas coisas, mas havia encontrado amizade, esperança e, por fim, amor. Porque estava apaixonada, e se dera conta durante a noite que tinha passado com Lucius.

Ele não possuía a inocência do lobo, sua atração e nem sua beleza física. O esbelto e marcado romano sabia exatamente o que estava fazendo.

Havia lhe mostrado sua experiência... De fato havia alardeado dela, algo que o lobo nunca teria feito em seu primeiro encontro.

Havia tocado seu corpo como se fosse um instrumento delicado, obtendo todas e cada uma das respostas que queria, e com a frequência e intensidade que desejava. Durante todo o tempo, esteve pensando nela. Dryas podia dizer que o prazer de Lucius nascia da volta de sua virilidade e da alegria de ter encontrado uma companheira que o respondesse de forma tão formosa como ela, para compartilhar aqueles deliciosos momentos.

Seu segundo encontro foi uma atuação de virtuoso. Ela nunca se considerou bela, mas ele disse que era elogiando encantos normalmente ocultos pela roupa. Dryas não sabia que havia tantos termos para as partes do corpo que investigava Lucius, nem que o latim tivesse tantas palavras com duplo sentido. De fato, Lucius parecia se deleitar em surpreendê-la, de forma que pudesse vê-la, como ele disse, se ruborizar por completo.

—Minha delícia, - ele sussurrou, - o rubor cobre todo seu corpo. Aqui, ali, por toda parte. Meu coração, minha alma, minha própria... — Em algum momento, os dois tinham adormecidos, só para ser despertados pela chamada de Fio quando chegou

Maeniel.

Fio tirou Dryas de seu pensamento voltando a bater na porta.

—Minha senhora, Alia preparou o café da manhã. Eu devo me desculpar. Tenho que administrar uns reconstituintes em Aristo, uma toalha fria e um pouco de licor. Uma noiva que rechaça o dinheiro e pede para ver cavalos no dia de suas bodas esteve a ponto de ser muito para ele. Meu conselho é que aceite o dinheiro. É útil. O dinheiro sempre é.

—Sim, - Respondeu ela através da porta. - E se assegure de que ele compre os cavalos. Um para ti, outro para Alia, Lucius, eu, Maeniel, Orelha cortada e Octus. Não se esqueça de Octus. Envia-o diretamente a Ostia com Alia para que nos esperem ali. Que saiam da cidade o quanto antes.

—Fala a sério?

—É obvio. Os únicos devem ficar aqui são os aptos para lutar. Você, eu, Lucius, Orelha cortada e Maeniel. Nada diz que tenha que obedecer minhas ordens.

Octus chegou justo naquele momento.

—Oh, sim. Lucius nos disse que fizéssemos exatamente o que você dissesse.

—Sim. — Fio parecia incômodo. - Disse...

— Bem, pois se mova então! E lhe diga a esse homem... Aristo, ele me disse que é assim que se chama... Que consiga montarias para todos em uma hora.

— Sim, minha senhora. - Disse octus, saindo rapidamente

Fio parecia surpreso.

— Você tem dinheiro? — Perguntou Dryas.

— S... Sim. - Balbuciou o grego. - Lucius me deu muito.

— Bem. Dê a Gordus e lhe diga que quero vê-lo o quanto antes.

— Era para ti... Em caso de que...

— De que ele não voltasse. - Ela completou.

— Sim.

— Provavelmente, Gordus poderá distribuí-lo melhor que nós. Coloque tudo em suas mãos e lhe diga que reúna todos os homens que possa encontrar. Ele não pegará idiotas e nem enganadores. O que disse sobre o café da manhã?

Fio assinalou uma mesa sob uma árvore perto da porta. Dryas notou o pão, queijo, fruta, papa e posea. Sempre posea.

— Estupendo! - Ela disse.

Fio seguiu olhando-a.

— Há algo mais que queira me dizer? - Dryas

perguntou.

— N... Não.

— Mova-se!

Fio se moveu.

Capítulo 27

Maeniel e Lucius caminharam juntos até se encontrar a uns cem passos da casa de César; então Maeniel entrou em um beco.

— Não te importa correr riscos, verdade? — Perguntou Lucius. - E se os corta gargantas se colocaram ante ti?

— Decidi que se alguém tenta me roubar, comerei-o. Atrasará-me-me, mas o farei.

— Sim. - Disse Lucius lentamente. - São saborosos os humanos?

— Não sei o que te dizer. Nunca me comi um. Mas me acredite, o sabor não é algo que importe a um lobo. Os humanos degustam. Os lobos comem. Pelo que a eles concerne, qualquer jantar é saboroso. Cuide de minha roupa. - E Maeniel se abaixou ante Lucius. O lobo avançou pela rua para a porta de César.

O mesmo jovem legionário estava de guarda. O lobo se sentou em frente a ele com um grande sorriso.

— Filho de puta! - Disse o soldado.

O sorriso do lobo se tornou mais largo.

— Se não abrir, uivará, verdade?

Maeniel ofegou um pouco e fechou a boca. Logo elevou o focinho para as estrelas.

— Não... Não... Não, não, não. - Disse o legionário e se voltou e bateu na porta.

Esta se abriu um pouco.

— Esse cão voltou. - Disse ele em tom desventurado.

— E você medesperta para me dizer isso? — O homem do outro lado tampouco soava muito contente.

— Sim. Ele vai começar a uivar.

— Como sabe? Pode lhe ler a mente?

— Ele está se pondo em posição.

— Bem, deixe que passe.

— Mas ainda não sabemos se pertence a alguém da casa.

— O que importa? É um cão. O que vai fazer?

O jovem legionário se afastou para o lado e Maeniel entrou com a cauda no alto, ondulando-a brandamente. Assentiu para a sentinela do interior, deitado sobre um jergón e atravessou o átrio, deixando para trás as máscaras mortuárias e os altares dos deuses domésticos. Sentiu uma breve e infeliz onda de poder: importavam. Sentiu algo velho, mas ainda poderoso. O pelo se arrepiou ao longo de seu lombo. Sim, logo ia acontecer algo. Ele

foi em busca de Calpurnia.

Ela estava acordada, passeando por seu jardim.

— Ele não está aqui. — Ela disse quando o viu e o acompanhou a casa de banhos, onde havia roupa preparada nas prateleiras.

Maeniel voltou depois de alguns momentos, vestido com túnica, manto e sandálias. À primeira luz do dia, ele pode notar o quanto Calpurnia estava consumida.

— Houve outra presciência ontem à noite? — Ele perguntou.

— Outras. Vêm, a cada poucas horas e eu tomo os remédios de Fio. É o único que serve, mas já não muito. — Ela apoiou a cabeça sobre seu ombro. — Quero morrer, mas esperei.

— Por quê? — Perguntou-lhe erguendo a mão para tocar sua face.

— Porque há algo que tenho que fazer.

Havia movimento na vila. Com a chegada do dia, Maeniel podia ouvir os escravos acendendo o fogo na cozinha e começando a tomar o café da manhã.

Uma das donzelas saiu do dormitório e pareceu surpreendida ao ver a esposa de César nos braços de um homem. Um homem jovem.

—O que quer que eu faça? — Ela perguntou a Maeniel.

—Que se vá! – Disse ele a Calpurnia.

Maeniel olhou para a donzela.

—Vá. – Ele disse. A garota obedeceu.

—Venha comigo. – Disse Calpurnia e seus dedos cravaram dolorosamente na mão de Maeniel.

Ele ajudou Calpurnia a se levantar e a guiou para fora do jardim, percorrendo uma longa colonata até chegar a outro jardim.

—Estou quase cega de um olho. – Ela disse. – E não posso caminhar. Mas seus amigos morrerão, a menos que você tenha isto. Por isso... Eu devia lhe dar isso antes de partir.

Ela caminhava rapidamente, apesar de suas queixas de dor e cegueira. De vez em quando cambaleava, segurando o braço de Maeniel. Se não fosse por ele, ela teria caído em duas ocasiões.

—Estou ansiosa para acabar com isto. Não pode imaginar o quanto estou cansada dele, de Roma, do Senado, de tudo isso. Se não fosse pelo meu canto das rosas, eles teriam controlado minha vida e eu teria morrido de dor muito antes.

O lobo pensou que isso era o que estava lhe acontecendo.

Chegaram ao escritório de César. Havia uma

fechadura, mas Maeniel a rompeu facilmente com os dedos e as comporta se abriram. O escritório estava vazio, igual as salas para o público ao seu redor. O escritório onde trabalhava o ditador estava nu, salvo por uma pasta de pele. Havia papéis desprezados em um cesto junto à mesa. Calpurnia derrubou o cesto e começou a rebuscar.

— É um truque dele que aprendi há muitos anos, quando estava ansiosa por conhecer sua mente. Ele faz mais de um rascunho de tudo, normalmente dois ou três. Logo tira todo o material restante. Por isso alguns de seus secuaces elogiam seu estilo... E é bom, sóbrio, mas elegante. Quase te faz pensar que está dizendo a verdade... Encontrei! — Ela ficou em pé com uma lista na mão, que logo entregou a Maeniel. Ele não sabia ler muito bem, mas era capaz de fazê-lo, graças aos esforços de Mir.

A lista nomeava várias pessoas e possíveis motivos, como, *provavelmente já está metido na intriga, esposa farta de seu ciúmes... Além disso, é um dos homens mais ricos de Roma. Partilha seus benefícios com a esposa, em sessenta por quarenta e adoraria me cravar uma faca e me odeia, amaldiçoa-me cada vez que lhe volto às costas.*

Mas o nome mais surpreendente da lista era o de Marco Antonio. Também ele, pensou o lobo. Mas

seu nome estava tachado, com as notas, *ainda não e estúpido bêbado chupasexo*. Junto a outro nome estava escrito, *simplesmente quero lhe ver a cara*. Sim, também estava Lucius, mas a única anotação junto ao seu nome era, *pai?* A lista incluía Brutus, *OH, sim, meu filho*.

O papel estava quebrado, sujo e enrugado.

—É sua letra. Eles a reconhecerão. — Disse Calpurnia.

Maeniel alisou o papel o melhor que pode, dobrou-o e ajudou Calpurnia a sair da casa. No breve momento que haviam saído do escritório o céu se escureceu perceptivelmente. Era um amanhecer cinza e de nuvens ominosas, cada vez mais espessas e escuras.

Uma vez no jardim, Calpurnia levantou o olhar.

—Sim. — Disse. — Em seguida. Não seja impaciente. Dê-me só uns momentos mais.

Um trovão longínquo retumbou como uma advertência.

—Sim — Disse ela. — Eu sei.

Maeniel passou o braço por sua cintura e Calpurnia se moveu o mais rápido que pode para as rosas. Para surpresa de Maeniel, ela não usou a entrada, mas pegou uma rosa e deu a ele.

—Não quer entrar? — Perguntou ele.

—Já não é preciso. Não fique perto dos vasos de barro quando começar a morrer.

A luz se tornou verde e grandes gotas caíam sobre o pavimento. A fragrância das rosas era quase entristecedora. O lobo podia cheirar os componentes da rosa, pimenta, uma enjoativa doçura misturada com o aroma da chuva no vento, da tristeza e amargo remorso. Podia ser aquilo um aroma? Para o lobo, sim.

Eles sebejaram e Maeniel se surpreendeu que, embora o ar estivesse saturado do aroma das rosas, o perfume dela era como o da brisa marinha e um pouco menos resistente, como uma flor. Não um aroma forte, mas leve e esquisitamente penetrante. Uma oferenda aos sentidos, nunca presa pelas artes do perfumista, mas experimentada unicamente quando o fresco e verde fruto é recolhido.

Sim, ela era única e só podia ser experimentada, nunca capturada ou possuída. Mas César não a compreendera nunca: não podia conceber nada que não pudesse possuir e algo que se opusesse à posse, devia ser destruída.

O lobo voltou a beijá-la com desejo, depois a ergueu nos braços e a levou em direção as assustadas donzelas.

Não havia chegado na casa circular quando desatou a tormenta. Ele deixou Calpurnia sobre a cama e saiu dali. A chuva empapava os jardins, e ao voltar, as donzelas começavam a gritar. O corpo de Calpurnia se convulsionava enquanto seu espírito lutava para se liberar de sua prisão de carne.

Tinha sido um trovão? Não. Era algo ensurdecedor. Cascos sobre os paralelepípedos e Maeniel pôde ver claramente o corcel pela primeira vez. Era da cor das nuvens de tormenta, como a prata velha, pintalgado de escuro e claro e era grande. Era maior que o maior cavalo que Maeniel nunca vira. Daquela vez ela trazia uma sela com adornos de ouro e marfim.

Os relâmpagos eram cegadoramente brancos, acompanhados por trovões que faziam tremer as paredes. O lobo ouviu um grito. A cabeça do cavalo era muito formosa, com olhos de ônix e amplas aletas vermelhas que destacavam em seu focinho.

Ele retrocedeu, golpeando o pavimento com os cascos. A longa crina e a cauda pareciam de alguma forma feitas de nuvens de tormenta ou eram parte das mesmas.

O cavalo golpeou novamente o paralelepípedo com um casco e a pedra ferveu em uma nuvem de vapor.

Então ela chegou. O corpo estendido na cama e rodeado pelas donzelas histéricas estava quieto por fim. Escravos e soldados corriam por toda parte, alarmados pelos gritos e lamentos das mulheres.

Ela se deteve junto a Maeniel e lhe sorriu.

— Adeus. - Disse. - Não posso te beijar porque na realidade não estou aqui, mas tenha uma vida longa e feliz. Não fique perto desses vasos de barro de pedra quando partir. As portas vão se fechar.

O cavalo se ajoelhou como a outra vez e Calpurnia só demorou um instante em saltar sobre a sela.

O vento rugiu, mas mesmo assim Maeniel pôde ouvir o grito de alegria e triunfo da criatura, acima da raiva dos elementos. A chuva lhe machucava o rosto.

O cavalo saltou no ar, impulsionado por seus cascos negros, deixando para trás a vila e seus muros, entre os rugidos do vento e a selvagem tormenta. Então, com um ruído mais forte que o do trovão, as asas gigantes se desdobraram e o cavalo desapareceu.

Maeniel recordou a advertência de Calpurnia e se apressou a voltar. Um raio bifurcado golpeou os dois vasos de barro das roseiras. As plantas vaíram, fumegando e se incendiaram. Os vasos de

barro estalaram, semeando o jardim de fragmentos de cerâmica e terra e fazendo com que todos os humanos das cercanias ficassem a coberto.

Maeniel cobriu sua cabeça, o papel e a rosa com o manto e saiu correndo. Passou junto aos dois legionários que vigiavam a porta. Eles estavam resguardados da tormenta e a confusão, perto do altar dos deuses domésticos.

— Eu lhe disse que não devíamos ter deixado entrar esse cão. — Dizia o mais jovem.

— Você pensa que ele teve algo a ver com tudo isto? Que o cão provocou esta comoção?

— Acredite que soe tolo, mas...

— Planeja fazer carreira no exército?

— Eu não...

— Bem, pois eu sim. - Disse o mais velho. - Vá contar aos seus oficiais a historia de como o cão entrou qui e acabará vigiando cabras na Hispania. Não há mais que cabras na Hispania.

— Compreendo.

— Espero sinceramente que sim, porque não tenho vontades de te acompanhar até lá. O primeiro que deve aprender um soldado é a não apresentar voluntário para nada e o segundo é...

— Não me diga. - Replicou o soldado jovem. - Vou fechar o bico.

O mais velho não respondeu. Limitou-se a assentir com a cabeça.

Aristo era eficiente e Dryas conseguiu seus cavalos. Fez Alia e Octus montar nos melhores e os enviou a Ostia.

— Encontrem um alojamento discreto e não digam a ninguém quem quais são e nem por que estão ali. Se não estivermos lá amanhã, não tentem entrar em contato conosco. Se não chegarmos no dia seguinte, não chegaremos nunca. Não voltem para nos buscar. Sigam adiante. — Como Dryas falava no idioma de Alia, ela entendeu bastante bem. — Encontrem um navio caledonio se puderem e saiam do alcance do poder de Roma.

Ela deu dinheiro aos dois e se despediu deles.

— Fio?

— Não. - Disse ele. - Eu fico.

— Ele vai se preocupar.

— Sei, mas eu fico de toda forma.

— Cabeçudo. Disse ela.

— Somos famosos por isso.

— Orelha cortada?

O galo riu.

— Você deveria correr primeiro. Pequena e fraca mulher. O que faz aqui?

— Lhe levar ao meu povo ou morrer na

tentativa.

—Sim, morrer na tentativa, porque César já está aqui com sua mulher.

Ouviram os passos de pés calçados com botas na rua. Dryas correu para a região velha da casa, onde Lucius havia estabelecido seu lar e aguardou no jardim. Aristo fez o ditador entrar acompanhado por Cleopatra, Fulvia, Firminius e uma dúzia de soldados.

—Observe! - Disse Fulvia, assinalando Dryas. Sua voz soava estridente. - Ele está tentando se casar com ela.

—Bem, não ele pode. - Disse César tranqüilamente. - Vai contra a lei.

Dryas tentou captar o olhar de Cleopatra, mas a rainha a evitava.

—Fulvia, - Disse César, - devo te dar um conselho. Quando tiver servido ao seu propósito... Ou deveria dizer ao de minha dama, - ele se corrigiu com uma inclinação para Cleopatra, - deixe que Lucius desfrute de seu capricho. O mais provável é que em um mês ele se canse dela ou o que também é bem possível, ela dele. Afinal, não podem ter muito em comum. Ela não pode aspirar uma classe maior que a de escrava ou no melhor dos casos, uma liberta pertencente a sua casa.

—E o... Outro assunto? — Perguntou Fulvia. Seus lábios eram uma tensa linha branca e seus olhos brilhavam com malícia.

César lhe dirigiu um olhar que ainda fazia tremer homens fortes.

—Sempre havia te considerado uma pessoa inteligente e de bom julgamento, Fulvia. Não me faça mudar de opinião. Seu pai fez sua escolha, se tivesse tido dúvidas sobre a paternidade de seu irmão, teria conseguido repudiar a criança. Os direitos do pai nesse aspecto são absolutos. Mas não o fez e como agora está além de toda pergunta que possamos lhe fazer os humanos, sua decisão é definitiva. Não farei que o caso seja levado aos tribunais. Todos os herdeiros legítimos de Roma uivariam pedindo minha cabeça. Faria muitas coisas por meus amigos, mas não isto.

Sim, pensou Dryas. Siga insistindo, Fulvia e seu nome acabará aparecendo em uma de suas listas... Ou das outras.

César olhou para Dryas.

—Minha dama, - ele disse assinalando Cleopatra, - acredita que tem o poder de ler o futuro e quer que nos diga o nosso.

—Por que crê que posso?

O rosto de César endureceu.

—Não penso te dar explicações. Faça o que quer minha dama.

A ordem era inequívoca. Dryas tentou novamente captar o olhar de Cleopatra, mas a bela rainha não permitiu, mas apoiou a mão sobre o braço de César e fitou os olhos do ditador. Ele devolveu-lhe o olhar de adoração.

Ele está atordoado por ela, pensou Dryas. Não tenho escolha. O sentimento de antecipação se tornou mais forte. Quero destruí-lo, mas por que estou tão assustada?

—Ela pertence ao dragão. - Grunhiu Orelha cortada às suas costas. - Ela é do mar. — Ele assinalou sua perna. - Ele a marca. Olhe sua perna.

Dryas levantou a túnica para mostrar na pantorrilha, as cicatrizes.

—Mulheres problemas. - Disse Orelha cortada. - Todas elas são problemas. — Ele assinalou A. - Esta mulher é o pior tipo de problema. Você homem preparado. Tão preparado que ninguém engana. Para você, chefes, guerreiros, como meninos. Fazem armadilha, você açoitá. Fazem armadilha pior, você mata. Eles aprendem. Os que retam vivos aprendem. Lucius, tolo romano. Apanha-lhe. Tem-lhe. Deixa que a tenha. Não problema para você. Há muitos jovens tolos. Sim.

Baratos. Aos montes. Segue grátis. Escolha. Sim. — O galo voltou a assinalar A Dryas. - Velho, velho, velho povo. Ela é uma. Vive em névoa, chuva e escuridão. Deuses lutam no céu. Olha em outro mundo. Boca de bruxa. Rainha dragão. Cantora de estrelas. Homens roubaram a primeira magia de mulher, mulher assim. Toda problemas, pior tipo. Não veio por nada bom. Nada bom. Alguma vez te disse algo errado?

—Não, meu amigo. - Disse César. - Nunca que me lembre. É verdade o que ele diz? — Cesar perguntou a Dryas.

—Sim. - Respondeu ela. - Te diria que seguisse seu conselho.

Orelha cortada soltou um grunhido.

—Isto começa a me intrigar. - Disse César. - Seriamente pode lhe dizer o destino de um homem?

—Não. Só posso falar de si mesmo. Nunca conheci ninguém que queria saber tanto como posso dizer. Nunca.

—Talvez eu queira.

—Bem, enfrentara a mulher. Quando?

—Nunca tive medo das mulheres. Agora mesmo. O que necessita?

—Nada. Só um lugar tranquilo onde ninguém nos incomode.

— De dia ou de noite?

— Agora, como você ordenaste. - Disse ela.

— O Templo de Vista. As damas, as virgens, se alegrarão em me favorecer. E depois, Vista é uma mulher.

O Templo era antigo, talvez o mais antigo de Roma. No curso dos séculos havia sido reconstruído várias vezes. Albergava uma fogueira em seu interior e na realidade era tudo. Sua sóbria simplicidade era talvez uma réplica das choças construídas pelos primeiros habitantes. Talvez fossem gregos chegados para se estabelecer no pedregoso e ardente solo das sete colinas junto ao Tiber.

Seu centro era o lar onde se agruparam em busca de amparo contra o frio e os perigos que espreitavam na escuridão. Naqueles dias, o que as pessoas via por último antes de dormir eram os rescaldos do fogo e o primeiro, as chamas da manhã antes do amanhecer, quando a mulher, guardiã do fogo, avivava-o para cozinhar a primeira comida do dia.

Era Vista, a guardiã da família, da castidade de esposas e filhas, protetora contra o infortúnio, a fome e a enfermidade, a custódia da chama e talvez, do espírito do fogo, separando para sempre,

homens de feras. Cedendo aos homens o dom do céu, depositou nas trêmulas mãos do primeiro sonhador imortal da espécie; o primeiro em elevar seus olhos e suas mãos para o céu cheio de estrelas.

Sim, pensou Dryas. É um desses lugares como Delfos, Tara na Hibernia e essa planície de Salisbury. Há um selo aqui. Sim, ela virá. Estou segura disso e Orelha cortada tem razão: o homem que se mistura na magia das mulheres é um néscio. Que teria pensado? César, um néscio. O destruirá e provavelmente a mim também no processo.

O templo era uma estrutura pequena, mas imponente. Redonda. O fogo ardia em um altar de mármore no centro, abrasado dia e noite pelas guardiãs de Vista. As paredes eram de pedra calcária branca rodeada por colunas coríntias de mármore. Uma vez dentro, Dryas pôde ver que não havia pinturas nem estátuas, só simples paredes brancas e uma rotunda sobre o altar.

Sentiu um profundo medo arrastando-se devagar sobre ela.

O dia no fora era quente, quase inexplicavelmente caloroso. O céu sobre o Foro estava cheio de nuvens brancas no alto, mas mais escuras na base.

Dryas deu um último olhar à luz e o ar além

das pesadas portas dupas de madeira de cedro. César falou com a vestal que estava ali, que assentiu e saiu.

Dois dos soldados fecharam os portões e a sala se escureceu. O fogo do altar não era de muita luz, mas o telhado tinha uma dupla cúpula, uma menor sobre a grande e as janelas que percorriam a divisão entre as duas deixavam passar uma luz branca azulada, como a abertura para a fumaça no alto da cúpula.

A Dryas era estranhamente familiar e então ela recordou que antigo edifício era muito parecido ao salão de Cynewolf, quase como se uma ordem ressoasse na mente e a alma humanas, para construí-lo sempre.

Não peço adoração, mas me honrem desta forma. Será recordado para seu bem e para o meu.

César notou na palidez de Dryas a luz do fogo.

—O que está acontecendo, feiticeira? Fez promessas que não pode cumprir e agora está assustada?

Dryas tirou o cinto e também a coroa de cobre do cabelo enquanto respondia:

—Estou assustada, César, mas não de ti. Ela é uma criatura de poder incomensurável, maior que o

teu. Não sou eu quem cumpre as promessas, mas ela. E estou segura de que vai cumpri-las.

Ela entregou a coroa e o cinturão a Orelha cortada, que estava em pé ao seu lado. Seu longo cabelo caía como uma espessa cortina escura, emoldurando seu rosto. Ela caminhou até o altar e ao seu redor até ficar em frente a César, sobre as chamas.

— Foi você quem pediu! — Ela disse.

Orelha cortada retrocedeu rapidamente, pois sabia que a criatura que olhava por cima das chamas não era Dryas.

— Por que chama a este lugar sem luz e nem ar? Eu não gosto disso. — Disse ela. Encontraram-se em outro lugar.

Dryas podia ter conhecido o lugar, mas ela estava em algum lugar afastado onde não existia o tempo, enquanto que eles estavam na ladeira da montanha, onde o manancial se convertia em cascata e as coníferas gigantes cobriam a cúpula. Aqueles bosques eram mais simples e amistosos. Pinheiros com suas copas altas se monopolizava, misturados com carvalhos. Fresnos de frutas resplandecentes rodeavam uma clareira em cujo centro ardia uma chama sobre uma pedra plana. O ar era limpo e uma brisa intermitente refrescava o ar

e avivava o fogo. Os cantos dos pássaros enchiam as árvores e a espessura.

— Tem uma pergunta? — Perguntou Dryas que não era Dryas. - Se apresse, pois esta mortal não pode suportar meu toque por muito tempo e não serei parte em sua destruição. Embora careça de importância para você, César, seu povo a necessita para alcançar um grande proposito. Fale!

— Qual é meu destino? — Perguntou César.

Dryas, que não era Dryas parecia impaciente.

— Você mesmo poderia responder essa pergunta se dedicasse seu considerável intelecto a analisar os fatos. Mas na realidade, os humanos como você não querem saber. A resposta é que chegou à hora de sua morte. Todos os caminhos que tomar o levarão a morte, não a distante mortalidade, mas a morte, logo. E especialmente se for ao Senado amanhã. Mantenha-se longe do Senado durante o resto de sua estadia em Roma e sairá vivo para a Partia. Guarde luto por sua esposa e apresente essa desculpa.

— Minha esposa não está morta. Suas donzelas me disseram que estava descansando. Uma tormenta a assustou esta manhã.

— Ela não está descansando, César. A parte mais importante dela já partiu. Sim, ainda respira,

mas amanhã, o envoltório de carne que ela usou falhará e ela empreenderá sua viagem ao pó. Não foi uma tormenta, mas não direi mais disso.

— Os idus de março. — Disse César. — Todos os adivinhos de Roma levam meses choramingando com o mesmo. Parece que, por poderosa que seja Dryas, você é uma charlatã como os outros.

— César, quando um homem vai com uma tocha destruir uma árvore, pode decidir onde fazer o corte para que a árvore caia na direção que deseja. Uma vez feito o corte, a árvore está destinada a cair nessa direção. O mesmo ocorre com o homem: as forças que o matarão começam seu trabalho quando nasce e continuam ao longo de toda sua vida. Algumas são puramente físicas, outras estão relacionadas com a alma, e as que tem natureza moral. Até os meros mortais podem ler esses padrões e ver o final. Fio é um perito em alguns deles e predisse a morte de sua esposa há alguns meses.

César suspirou.

— Parece que estou condenado a ouvir o conversa das mulheres: não faz mais que repetir lugares comuns, não ouço nada novo.

Dryas, que não era Dryas não se alterou.

— César, esqueça a idéia de que está falando

com uma mulher ou pelo que a isso concerve, com nada humano. Diga-me, fala de política com seu cavalo?

O rosto de César ficou vermelho. Era a primeira vez que parecia irritado.

— Não! Não o faço.

— Bem, pois eu não posso te explicar a ordem do universo mais do que você poderia lhe explicar coisas de política a um cavalo. Acredite-me: é muito mais vasto e complexo do que você possa chegar a compreender. Acredite-me quando te digo que todos os caminhos o levam agora, à morte, e logo. Por exemplo, se escapar da morte aqui em Roma e marchar para Partia, há entre esse povo que, esporeados pelo medo que você inspira, pessoas que estudaram seus lucros e seus escritos. Procuram debilidades e penso que descobriram várias. Não acredito que ache fácil sua destruição. Mas isso não é tudo. Está ameaçado por dentro. Você é velho. Envelheceste antes de tempo, consumido pela lutas ao longo de toda sua vida. E não só falha o seu corpo. Seu principal terror é o declive de suas faculdades mentais. É mais esquecido que a maioria dos homens de sua idade. Quantas vezes perdeste o fio do que dizia e sua dama Cleopatra teve que lhe recordar?

—Não vou ouvir... — Gritou César.

—Oh, sim. Ouvirá. Ouvirá tanto como eu queira e certamente até que tenha terminado.

Todos os presentes na clareira, Fio, Orelha cortada, Fulvia e Cleopatra sabiam que sim, que ele ouviria enquanto quisesse, quem ocupava o corpo de Dryas.

—Não se esqueça, - disse ela, com sua voz crepitante de poder, - que você me chamou e que não irei até que eu queira. Então se cale. Estão esses ataques cuidadosamente ocultos, e o fato de que alguma vez, ao despertar, passaste por um momento incapaz de mover seu lado direito ou de falar. Logo, inclusive em sua escala de tempo, essa condição se tornará permanente e você se tornará como uma pelanca indefesa e babona, cuidado por seus escravos como um criança, até que afinal não seja capaz de comer e beber o suficiente para viver e morrerá encerrado em seu próprio corpo putrefato.

César estava pálido e suave, apesar do frio da manhã.

—Isto é cruel! — Gritou Cleopatra.

—Você me acusa de ser cruel com ele? — Estalou Dryas, que não era Dryas. - O que foi ele a não ser um monstro de crueldade? Ele, que recebeu tudo: beleza, força, inteligência, riqueza, saúde e,

sim, inclusive amor. Sua vida teria conseguido ser um arco de luz. Ele teria conseguido limpar seu povo e levá-lo a grandeza, mas o que fez com seus dons? Usou-os em seu gosto pela crueldade, para saciar sua sede de poder e o que se converteu em uma obsessiva busca da primazia. O Primeiro Homem de Roma.

Fio pensou que jamais poderia sequer expressar o absoluto desprezo daquela afirmação.

— Tolices. — Respondeu César. — Os romanos não são adequados para a grandeza. Dei-lhes tudo o que pediram, riqueza. Riqueza sem limites e por fim poder. Governarão o mundo. Assegurei-me que isso. Que grandeza podia você lhes ter dado? Responda a isso.

Dryas, que não era Dryas parecia farta.

— Segue sem entender, não é? Não importa o que diga, simplesmente não entenderá. A grandeza era algo que você devia descobrir. Que você devia levar a existência. Eu não podia lhe dar isso, mas você podia tê-la criado por si mesmo. Nesse sentido, equivoquei-me ao te comparar com um cavalo. Um fogo divino arde em cada um de vocês e lhes corresponde aceitar ou negar. Em sua estreita e egoísta alma, você o negou, e por isso falhou a si mesmo e ao seu povo.

— Assim, por essa falta de... Omissão, eu devo receber algum... Tipo de castigo?

A pergunta de César era irônica, mas sem medo.

— Não! Não castigamos. E noto, que inclusive neste momento, que você se esforça por encontrar uma forma de tirar o melhor de mim. Não entender a verdadeira grandeza não é uma questão de vitória ou derrota. Não. De todas as coisas, o que mais deploro é o sofrimento sem sentido. Não! No curso normal do tempo, você morre. Toda sua espécie o faz, é inerente a sua natureza. Não poderiam viver se não morressem também. Não, só o advirto do perto que está de seu momento final. Venha até aqui, Orelha cortada.

Por um momento, o robusto guerreiro pareceu acovardado.

— Eu disse que venha aqui. — Repetiu Dryas, que não era Dryas.

O galo obedeceu, postando-se ao seu lado.

— Espere! — Soou a voz de Fio. — Eu... Quero... Queria fazer uma pergunta... Por favor. Só uma.

— Qual? Eu disse que não temos muito tempo. — Dryas, que não era Dryas foi severa em sua resposta.

— Quem... O que somos? — Gaguejou Fio.

Dryas, que não era Dryas quase sorriu.

— Ah, os gregos. Não posso recordar quando me diverti tanto com um povo... Darei-te uma resposta absolutamente sincera, mas não a entenderá.

— Não importa. — Disse Fio. — Algum dia, em alguma parte, alguém o fará.

— Sim. — Disse Dryas, que não era Dryas. — Vocês são o pó de estrelas. — Logo ela se voltou para Orelha cortada, lhe falando em voz baixa: Sinto avaliação por esta mulher. Não me falte e peguea, porque ela cairá quando eu sair dela. Vou. Agora!

O rosto e o corpo de Dryas se afrouxaram. Orelha cortada a sustentou e naquele momento eles voltaram a se encontrar no templo. O fogo ardia em seu braseiro do altar e os soldados que custodiavam o templo não pareciam ter dado conta de seu desaparecimento.

Fulvia sofria um esplêndido ataque de histeria. Cleopatra chorava. César estava pálido. Fio sentiu que suas pernas não eram capazes de lhe sustentar e se sentou no piso do templo.

Dryas dormia pacificamente nos grandes braços de Orelha cortada.

Dryas despertou em um jergón do ludus de

Gordus, com Lucius inclinado sobre ela. Dirigiu-lhe um formoso sorriso e ele a abraçou agradecido.

Fora, os assentos estavam enchendo-se e a arena começava a ficar iluminada pelas tochas.

Dryas olhou Ao seu redor com os olhos muito abertos. Todos estavam ali, Maeniel, Gordus, Márcia, seu filho Martinus, Fio e inclusive Octus.

—O que aconteceu?

Lucius evitou seu olhar.

—Dryas, - Disse Fio, - você teve muito êxito ao revelar sua fortuna a César.

—Então que ela veio.

—Oh, sim. Certamente que veio. Esteve a ponto de nos matar de medo, inclusive ao invencível Orelha cortada. Fulvia está encerrada em sua câmara e certamente ainda estará dando vapores e aterrorizando suas donzelas. Acredito que Cleopatra já secou suas lágrimas: é uma mulher de infinita compostura. Mas César está furioso. Ele acredita, deve acreditar, que de alguma forma você preparou tudo e está decidido a se vingar.

—Que tipo de vingança? — Perguntou Dryas.

—Você e eu vamos lutar até a morte. - Explicou Gordus. - As apostas... A vida de nossos seres queridos.

Márcia rompeu a chorar.

— É minha culpa. Eu fui tão néscia a essa puta egípcia...

Dryas se aproximou dela para consolá-la e Márcia chorou em seus braços.

Antonio apareceu na porta da cela.

— Vejo que está acordada... Já terminou sua sesta.

— Antonio, — perguntou Fio com calma, - você não se cansa de ser o alcoviteiro de César?

— Só por isso Fio, se perder a aposta, assegurarei-me de que sua morte seja particularmente desagradável.

Gordus contemplou Antonio como se fosse um grande pedaço de esterco.

— Não acredito que deixe sair vivo nenhum de nós.

— Oh, sim. Ele sempre cumpre sua palavra, não duvide. - Replicou Antonio. - Ao ganhador não só perdoará a vida, mas também o recompensará generosamente.

— Isto é o que matou Priscus. - Disse Dryas, falando da alma que tinham dado repouso.

— Sim. - Respondeu Gordus. - Ele enfrentou os seus e os matou para sobreviver.

Dryas-se abraçou a Márcia e logo se aproximou de Lucius. Não se abraçaram, mas

falaram em voz baixa. Fio estava ao seu lado.

Gordus também conversou em voz baixa com Márcia e Martinus.

Maeniel olhou friamente para Antonio.

—Saia daqui, - Ele disse - ou encontrarei uma forma de te fazer em pedaços. — Maeniel lançou um rugido no qual não havia nada de humano.

Antonio se separou da porta gradeada, por um instante muito agradecido por sua existência e foi embora.

Lucius passou a mão sobre a face de Dryas.

— Entenderei-a se... Perder.

— Sim. - Disse ela pegando a mão dele entre as suas e beijando sua palma.

— Sinto muito, Fio. - Continuou Lucius. - Não devia provocar Antonio.

— Tenho um pouco de ópio escondido, bastante. Mais que suficiente para nós dois. - Respondeu Fio em voz baixa. - Nenhum de nós tem por que sofrer, Dryas. Não se preocupe, pelo menos não por isso.

— Sim. - Disse ela. Logo beijou Lucius nos lábios e também os lábios de Fio. - Deveria vestir-me.

Márcia se separou de Gordus e pegou a mão de Dryas.

Octus estava entre as sombras junto à porta, tão calado como de costume.

– Acredito que te disse...

– Me perdoe domina, por minha desobediência, mas tinha razões para voltar.

– Venha, Dryas. – Disse Márcia. – Não resta muito tempo. A metade das estrelas de Roma está sentada aí fora. Por convite de César, poderia acrescentar. O espetáculo definitivo. Sinto não poder desfrutar da emoção, mas ter minha vida pendente da atração principal... Distraí-me um pouco.

Se vestir não levou muito tempo. Quando Gordus e Dryas voltaram, o gladiador usava somente o subligaculum. Dryas havia colocado outro e também a cota de malha que havia usado para lutar contra o javali. Lucius observou que ela havia feito algo mais respeitável ao usar um strophium sob ela e que voltava a usar a coroa de espinhos no cabelo.

Antonio voltou a se aproximar da porta. Estava com duas espadas e as ofereceu pelo punho.

Dryas pegou uma e logo Gordus a outra. Caminharam juntos até a entrada da arena.

Já havia escurecido, mas havia muitas tochas e a arena estava bem iluminada. Dryas ouviu um som

e viu que César entrava no que se convertera na tribuna imperial. Cleopatra estava ao seu lado.

—Supõe-se que devemos saudá-los?

—Não. - Grunhiu Gordus. - Só os criminosos condenados dizem, os que vão morrer te saúdam. Pode ser que esteja condenado, mas me nego a me considerar um criminoso. Ou a me comportar como um.

—Sim.

Ao chegar ao centro da arena, eles viraram ficando cara a cara. Ambos podiam ver César pela extremidade do olho.

—Quando deixar cair o lenço. - Disse Gordus.

Na cela, Lucius ficou olhando os dois lutadores através da grade. Não podia encontrar em seu coração nada a dizer aos outros, nem sequer a Fio.

Os soldados estavam lhes aguardando quando ele e Maeniel voltaram para a vila. Dryas já não estava e Orelha cortada havia desaparecido. De alguma forma, o enorme galo havia conseguido se confundir com a multidão do Foro e César não se incomodou em lhe perseguir. Octus havia chegado à porta traseira quando os soldados estavam lhes colocando sob arresto e ele se limitou a se unir a eles, como de costume sem falar muito. Embora por

que se incomodar em arriscar sua vida por um amo condenado a morrer quase com toda segurança era um mistério para Lucius.

Como Gordus, ele estava convencido de que César não deixaria viver a nenhum deles. Ele possuía uma marca de destruição desumana. Seus oponentes podiam lhe arrancar uma clemência temporária, mas no final, como a legião que contra ele se rebelara, eles também acabaria sendo exterminados.

Pelo que a ele concernia, o que decidisse fazer Dryas na arena estaria bem.

Antonio entrou na arena

— Então vai se fazer de lanista... — Os olhos do Gordus se entreabriram. - Poderia ser uma forma de lhe fazer pagar.

— Eu gostaria. - Disse Dryas.

— E eu também.

Mas Antonio se manteve bem afastado dos lutadores, conscientes de que eram muito mais rápidos e mortíferos que ele.

César deixou cair o lenço.

Dryas e Gordus cruzaram suas espadas. Antonio retrocedeu e inclusive Lucius, cuja vida dependia daquela luta, afastou-se de sua posição na porta da cela.

Gordus se aproximou rapidamente, tentando fazer valer sua maior força.

Dryas recordou as palavras de seu primeiro adestramento.

—Querida, eles são mais fortes que nós e tentaremos usar isso.

Sim, pensou Dryas. As duas espadas reluziram como chamas de ouro sob a luz das tochas.

Dryas cedeu terreno tão rapidamente a princípio, que Lucius estava seguro de que Gordus, com sua imensa habilidade, a mataria. Mas estava equivocado. Dryas fez Gordus pagar sutilmente toda a pressão que exercia sobre ela, lhe fazendo um corte nos dedos com a ponta de sua espada e logo um corte no braço.

Gordus se deu conta de que estava se divertindo. Para sobreviver, os homens de seu tipo tinham que aprender a viver o momento. E era um momento particularmente bom. Nunca havia tido um oponente tão hábil. Dryas respondia a cada um de seus movimentos com outro igualmente efetivo, anulando constantemente a maior força de seu adversário com sua rapidez e habilidade.

A multidão estava em silêncio. Não muitos espectadores compreendiam quão brilhante era

aquela exibição, mas quase todos eram conscientes de que nunca voltariam a ver nada igual.

Para Gordus, Dryas era um problema a resolver. Não, os músculos não eram a resposta. O que fazer, então? Fez-lhe levantar o braço e atacou por abaixo... Esteve a ponto de conseguir, mas pagou o preço em forma de um rápido corte na face interna de seu antebraço. A espada ornamento era afiada como uma lâmina. Um corte um pouco mais profundo teria conseguido lhe deixar aleijado. Começou a esforçar em levá-la para a parede, com a esperança de encurralá-la.

Dryas notou e se deixou pressionar. Então, quando teve os lados da arena em sua visão periférica, passou a espada da mão direita para a esquerda e se abaixou por baixo do braço de Gordus.

Gordus havia ouvido falar daquela manobra, mas nunca a havia visto na prática. Ao se recuperar e virar notou que ela se afastou. Aquele combate não seria a não ser um desafio de habilidade.

Ela respirava pesadamente. Ali era onde as mulheres falhavam ante os homens. O corpo de um homem está adaptado à força. Os homens não têm tanta gordura corporal como as mulheres e a parte mais larga de seu corpo são os ombros, enquanto

que no caso das mulheres são os quadris. Nos homens, tudo é maior. Coração, pulmões e músculos. As mulheres, em sua maioria, simplesmente não têm a resistência dos homens.

Gordus avançou para matar.

Ele é rápido, pensou Dryas. Tão rápido que era aterrador. Suas espadas cantavam e dançavam a luz do fogo. Dryas sabia que estava recorrendo a tudo para se igualar, com seu tamanho e sua força. Gordus devia ter mais reservas. Se ela seguisse lutando a sua maneira, morreria.

Antonio tentou separá-los.

Gordus o amaldiçoou.

Dryas se deu conta de que Gordus ia jogar tudo naquela última ofensiva.

Antonio caiu para trás ou talvez os dois lutadores simplesmente o deixaram no pó.

Dryas sentiu que começava a ir mais devagar. Agora ou nunca! Última aposta!

Em seguida o bloqueou, ela não fez baixar a arma o bastante e a ponta da espada do Gordus cravou em sua coxa direita. Recebe uma para dar outra, ela pensou enquanto pegava a espada de seu adversário e a arrebatava.

A arma saiu girando, abrindo um corte em sua coxa, maior do que havia preestendido Gordus.

Dryas sentiu o sangue quente correndo por sua perna. O anfiteatro guardou silêncio, mas Dryas ouviu o grito de Márcia ao longe.

Gordus estava ante ela, com os braços em jarras e as mãos nuas, desarmado.

Antonio chegou até eles, ofegando.

— Peça clemência, Gordus.

— Não. - Respondeu ele. - Não o farei. — Ele fitou os olhos de Dryas.

Ao seu redor, os espectadores estavam em êxtase, gritando e golpeando seus bancos e assentos.

— Mate-o, Dryas. - Ordenou Antonio. - César baixou o polegar.

— Saia daqui, - disse ela, - ou matarei a ti.

— Retroceda. - Aconselhou Gordus com voz rouca. - Ela está falando a sério. E não me importa quantas garantias nos ofereça. Nenhum de nós acredita que tenhamos nada a perder.

Antonio retrocedeu.

Dryas elevou sua arma e beijou o aço, saudando Gordus. Logo lhe ofereceu o punho.

Gordus pegou a espada.

Dryas tirou a cota de malha, mas conservou o strophium.

— Não desonrarei minha espada nem a mim mesma. Faça-o limpamente, Gordus. Fio e Lucius

têm ópio. Viva até amanhã. César está morto. Brutus tem a lista de proscricções. Vão matá-lo, embora só somente para se defender. Aqui, - ela disse, apertando os dedos sob o strophium no lado esquerdo. - É o ponto mais próximo do coração.

—Não, Dryas. Você ganhou. Não morrerei como Priscus, com o coração quebrado.

Gordus deixou cair à espada de um lado e começou a percorrer o comprido caminho de volta até a porta.

Dryas se aproximou da espada. Enquanto se abaixava para recolhê-la, uma sombra se abateu sobre ela. Antonio!

O romano pegou a espada do chão e atravessou Dryas com ela.

O grito da multidão alertou Gordus, que se voltou a tempo de ver o que ocorria.

Algo pareceu golpeá-lo e lhe fazer retroceder vinte pés. A espada vaiou, brilhou, fumegou e por fim o punho ficou vermelho vivo em sua mão. Ele soltou-a com um grito de agonia.

Gordus pegou Dryas. Estava ferida mortalmente. A lâmina havia entrado pelo lado direito do peito e ela estava se afogando em seu próprio sangue.

Dryas respirou forte e o sangue saiu por sua

boca.

A porta estava escura. Tinha que haver luzes atrás dela. Gordus se perguntou se teriam matado todos enquanto ele e Dryas lutavam. Podia acreditar em uma brincadeira tão cruel por parte do ditador... Sua espécie não tolerava a oposição. Gordus sabia. Tinha visto seu poder com frequência. César não era o primeiro tirano sedento de sangue que dominava a política de Roma, nem seria o último de uma longa linha.

Gordus correu para a porta carregando Dryas. Maeniel estava ali. Outros haviam desaparecido.

Maeniel embalou Dryas e colocou algo entre os lábios de Gordus. Houve um terrível brilho de luz e ele se encontrou estendido sobre o musgo, perto de um manancial da montanha.

Maeniel chegou atrás, mas já não era um homem, mas um enorme lobo.

Então Dryas caiu, ensangüentada, mas já sem sangrar, nos braços de Lucius. Estava apertando a rosa da Calpurnia contra o ferimento de seu flanco. Ante seus olhos, ela se converteu em uma linha vermelha, logo uma cicatriz e por fim pele limpa e suave

Octus lhe pôs uma taça de água fria nas mãos e Gordus bebeu... Bebeu e bebeu.

Os ventos de março chegaram com chuva. O céu cinza descarregava sobre Roma.

César se encontrava junto à cama de Calpurnia. Havia começado a acreditar que aquela pequena bruxa tinha razão. Calpurnia estava morrendo. Resistia a todas as tentativas de despertá-la e sua respiração se tornava cada vez mais tênue, sua palidez aumentava e suas mãos e pés estavam frios. Triste, muito triste. Antigamente ela havia sido adorável.

No fora, uma pequena tormenta chegou e foi embora, com a chuva aumentando o peso da umidade nas árvores, fazendo com que os galhos baixassem. O breve aguaceiro se converteu em uma neblina e o céu apenas limpou um pouco. A luz da casa onde estava era esverdeada. Uma rajada de vento sacudiu as árvores, enviando milhares de gotas ao pavimento e cobrindo de anéis a superfície do lago, como se ao longe alguém chorasse pela beleza que ela havia sido e a promessa que tinha sido ele.

Depois do combate do dia anterior, em que tinha contado a Antonio a predição de Dryas, havia negado com firmeza qualquer sensação de inquietação, inclusive que no templo tivesse acontecido algo sobrenatural.

Antonio estava molhando sua mão queimada em água fria e jurando que aquela mulher Caledonia era à feiticeira mais poderosa que alguém teria visto jamais.

E que esperava ter lhe dado fim pessoalmente ao cravar nela sua própria arma. Mas não a vira morrer e nem encontrado seu corpo, então iria no dia seguinte oferecer dois bois a Júpiter Protetor, com a fervente esperança de...

Não pôde dizer mais, pois César se fartou dos reniegos de seu legado e o mandou se calar.

—Ora! – Disse César, ao oráculo. Bem, Dryas estava perto do fogo e provavelmente jogou algo nele que alterou nossos sentidos. Dessa forma conseguiu convencer os outros de que era uma espécie de deusa. E, quanto a sua fuga, o único que demonstra é que Gordus conhecia seu próprio ludus melhor que ninguém. Cedo ou tarde terão que sair à superfície. E então... —Bem, então se asseguraria de que aquela escória bárbara pagasse o preço de sua loucura.

Ordenou a Antonio que se ocupasse de sua mão, pois tinham coisas mais importantes há fazer nos dias seguintes. O exército estava preparado para partir e todas aquelas execuções de conspiradores tomariam seu tempo, embora teria

lugar, como se previsto, no acampamento onde os prisioneiros estariam rodeados por seus leais.

Não, nunca admitiria nem ante Antonio e a ninguém que acreditava que cada uma das palavras que ela... Ou a zorra que houvesse possuído aquela bruxa... Havia dito era verdade. E nada mais que a verdade.

Não. Fosse o que fosse César não era tolo. Nenhum ser humano teria conseguido fazer aquilo.

E nenhum ser humano teria conseguido escapar, como eles haviam feito, daquela cela.

Sim, tudo tinha terminado e ele sabia com uma certeza que lhe deixava impotente pela primeira vez em sua vida. Impotente e sem saída.

Na cama, Calpurnia suspirou profundamente e por breves momentos deixou de respirar. Todas as mulheres se reuniram ao redor da cama e de César, esperando até que, ela começou a respirar novamente.

Na noite anterior, físicos a examinara e haviam dito a César que aquilo era um aviso de que a morte se aproximava. As pausas iriam se tornando mais e mais longas e com o tempo, ela... Deixaria de existir. Aquilo era o que acontecia? Devia ter perguntado a “mulher”... Como a chamava Dryas? Mas não lhe havia reconfortado em nada. Por que

ela ia lhe dar esperanças de uma vida futura? Não, era melhor não saber.

Estudou as três possibilidades que ela lhe tinha enumerado. Das três, a melhor seria ir ao Senado naquele mesmo dia.

A segunda opção, morrer na Partia... Bem, os partos haviam cortado a garganta de Crasso e o abandonando agonizante no campo de batalha. Seus próprios escravos tiveram que lhe rematar.

A terceira, ficar em Roma e evitar o Senado, viver e morrer daquela forma, impotente, afogando-se quando tentasse comer ou beber, incapaz de falar e talvez inclusive de pensar, jazendo entre a imundície a mercê de seus assistentes... Não.

Um soldado, um dos legionários que guardavam a casa chegou para lhe dizer que Antonio e outros estavam ali.

Oh, bem. Adiante.

Então recordou a estranha pergunta que havia feito o grego Fio e a resposta ainda mais estranha.

Pó de estrelas! Que loucura e que tipicamente grego não perguntar nada que lhe pudesse reportar alguma vantagem, mas revoar pela metafísica.

Por isso mesmo os romanos os achara tão fáceis de conquistar e por isso tantos de seus inteligentes, cultos, educados e dotados cidadãos se

encontravam nos mercados de escravos romanos, sofrendo o desumano processo de ser tratados como mercadorrias e vendidos como escravos.

Não. Valia à pena lutar pela riqueza e o poder ou talvez só pelo poder.

Ele havia alcançado o poder supremo, como tantos outros conquistadores. E... E o achava decepcionante. Era inexplicável... Mas assim era.

Por quê? Que mais podia haver?

Nunca chegou a responder a pergunta, porque Antonio lhe fez um gesto da sala de recepção junto ao átrio. Sem olhar para trás, César foi ao seu encontro.

Maeniel esperava ao pé dos degraus da Cúria. Estava com a mão sobre o punho da espada que ocultava sob a toga.

A chuva havia cessado, mas os passeios entre as árvores dos parques públicos seguiam úmidos. O céu mostrava emplastos de azul.

Haviam saído na noite anterior, do lugar do manancial e a montanha, voltando para as colinas junto à granja da Aquila. O lobo os tinha guiara, porque Calpurnia havia lhe ensinado outros portais que saíam de Roma e não havia dúvida de que, se estivessem dispostos a viajar o bastante, podiam chegar a qualquer lugar da terra. Aquila havia lhes

dado proteção naquela noite e eles não necessitaram ir mais longe.

Ao voltar para a cidade, descobriram que os conspiradores haviam levantado uma nutrida força de ex-gladiadores, como tinha feito Gordus.

Além dos jardins públicos se elevava a grande parede depois do proscenio do teatro de Pompeu. Outros estavam naquele teatro. Lucius, Dryas, Fio, Aquila, Orelha cortada, Gordus e uns vinte dos mais duros e decididos homens de armas que Gordus havia conseguido encontrar. Márcia e Martinus estavam em Ostia, com Alia e Octus.

—Verá, - havia explicado Octus depois de que Fio foi ver Gordus, - falei com Aquila. Ninguém estava me olhando e peguei isso... Como chamaria... A ameixa da parede de sua casa, meu senhor. Segundo o curso da natureza, já devia estar passada. Então, depois de falar com Aquila, fui me reunir contigo. Seu amigo, - ele assinalou Maeniel, - disse o que era, mas não soube como lhe dar isso até que Aquila neutralizou os guardas. O único realmente que eu temia era que Dryas ou Gordus, qualquer deles, matasse um ao outro. Mas não ocorreu.

—E - Disse Maeniel, - eu tinha a rosa de Calpurnia.

Mas agora estavam aproximando, um grupo de homens com túnicas e togas brancas rodeando o homem mais poderoso do mundo. Maeniel se perguntou se necessitaria da espada.

Antonio era o único homem que o conhecia, mas antes que chegassem os degraus do pórtico, alguém pôs o braço sobre os ombros de Antonio e o levou para um lado.

César seguiu adiante e por um momento, os olhos de Maeniel se encontraram com os dele. E se surpreendeu se lamentando ser parte da humanidade. Não sabia dizer o que estava lendo nos olhos do homem: perplexidade por ter acontecido tão depressa, dor pela perda do amado caleidoscopio da existência mesma, uma consciência final da absoluta solidão. Não havia forma, se soubesse. Só sabia que aqueles olhos e a expressão que havia neles o perseguiriam enquanto vivesse.

Os dedos de Maeniel se apertaram sobre o punho da espada, mas César já havia passado.

A figura com múltiplos seios de alguma deusa oriental olhava para Maeniel. O lobo afastou a mão de sua espada. No alto, além das duplas portas de bronze da Cúria, ele podia sentir, cheirar e perceber de forma que nenhum ser humano poderia.

Ele estremeceu quando a alcatéia caiu sobre

sua presa.

FIM

Alice Borchardt

Nasceu em Nova Orleans em 6 de outubro de 1939. Foi uma de cinco irmãs. Compartilhou uma infância cheia de relatos com sua irmã, Anne Frise. Seu pai, Howard, um empregado de correios, ajudou-lhe a solicitar seu primeiro carnê de biblioteca À idade de 7 anos: «Foi o melhor presente que recebi», disse em uma entrevista em 1999. Sua mãe, Katherine, era uma feminista que ensinou A Alice a perseguir seus objetivos profissionais. A família O'Brien se trasladou a Richardson, Texas, quando Alice era um adolescente. Começou sua carreira de enfermagem em Houston, onde conheceu e se casou com seu marido. depois de 30 anos de carreira como enfermeira profissional, Borchardt se enfrentou Às reduções de pessoal no hospital onde trabalhava. Foi sua irmã Anne quem a respirou e ajudou a encontrar um agente, e escreveu a introdução A vários de seus livros.

Tinha mais de cinquenta anos, quando a primeira de suas sete novelas, publicou em 1995. Talvez seja mais conhecida por uma trilogia sobre homens-lobos na Roma medieval. No *The Silver Wolf*, *Night of the Wolf* e *The Wolf King*, a órfã

Regeane e o nobre Maeniel, em parte lobos e em parte humanos, frente à intimidação de chefes, imperadores e assediados por intervenções sobrenaturais. Seu último livro The Raven Warrior foi publicado em 2003. Faleceu em 2007 de um tumor.

* * *